

A monochromatic, blue-toned portrait of Bezerra de Menezes, a man with a full, dark beard and mustache, looking slightly to the left. The portrait is the central focus of the cover.

Estudos Filosóficos de
Bezerra de Menezes

Edição CRBBM

Volume IV

BEZERRA DE MENEZES

ESTUDOS FILOSÓFICOS
VOLUME IV

CRBBM
2024

© 2024 Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes
Edição Digital

ORGANIZAÇÃO E NOTAS:
Julio Couto Damasceno

REVISÃO:
Júlio Couto Damasceno
Jorge Damas Martins

CAPA:
Azamôr Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA
Proibida a reprodução fotomecânica
sem autorização da
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

Direitos reservados à
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina 128
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.251-050
www.crbbm.org
Tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

SUMÁRIO

<u>Introdução.....</u>	<u>13</u>
<u>Artigo CCCXXVIII - O PAIZ, 12.02.1894</u>	<u>17</u>
<u>Artigo CCCXXIX - O PAIZ, 19.02.1894</u>	<u>21</u>
<u>Artigo CCCXXX - O PAIZ, 26.02.1894</u>	<u>25</u>
<u>Artigo CCCXXXI - O PAIZ, 05.03.1894</u>	<u>29</u>
<u>Artigo CCCXXXII - O PAIZ, 12.03.1894</u>	<u>33</u>
<u>Artigo CCCXXXIII - O PAIZ, 19.03.1894</u>	<u>37</u>
<u>Artigo CCCXXXIV - O PAIZ, 26.03.1894</u>	<u>41</u>
<u>Artigo CCCXXXV - O PAIZ, 02.04.1894</u>	<u>44</u>
<u>Artigo CCCXXXVI - O PAIZ, 09.04.1894</u>	<u>47</u>
<u>Artigo CCCXXXVII - O PAIZ, 16.04.1894</u>	<u>51</u>
<u>Artigo CCCXXXVIII - O PAIZ, 23.04.1894</u>	<u>55</u>
<u>Artigo CCCXXXIX - O PAIZ, 30.04.1894</u>	<u>59</u>
<u>Artigo CCCXL - O PAIZ, 07.05.1894</u>	<u>63</u>
<u>Artigo CCCXLI - O PAIZ, 14.05.1894</u>	<u>67</u>
<u>Artigo CCCXLII - O PAIZ, 21.05.1894</u>	<u>71</u>
<u>Artigo CCCXLIII - O PAIZ, 28.05.1884</u>	<u>75</u>
<u>Artigo CCCXLIV - O PAIZ, 04.06.1894</u>	<u>79</u>
<u>Artigo CCCXLV - O PAIZ, 11.06.1894</u>	<u>83</u>
<u>Artigo CCCXLVI - O PAIZ, 18.06.1884</u>	<u>87</u>
<u>Artigo CCCXLVII - O PAIZ, 25.06.1884</u>	<u>91</u>
<u>Artigo CCCXLVIII - O PAIZ, 02.07.1894</u>	<u>96</u>
<u>Artigo CCCXLIX - O PAIZ, 09.07.1894</u>	<u>100</u>
<u>Artigo CCCL - O PAIZ, 16.07.1894</u>	<u>105</u>
<u>Artigo CCCLI - O PAIZ, 23.07.1894</u>	<u>110</u>
<u>Artigo CCCLII - O PAIZ, 30.07.1894</u>	<u>114</u>
<u>Artigo CCCLIII - O PAIZ, 06.08.1894</u>	<u>118</u>
<u>Artigo CCCLIV - O PAIZ, 13.08.1894</u>	<u>123</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CCCLV - O PAIZ, 20.08.1894</u>	<u>127</u>
<u>Artigo CCCLVI - O PAIZ, 27.08.1894</u>	<u>131</u>
<u>Artigo CCCLVII - O PAIZ, 03.09.1894</u>	<u>135</u>
<u>Artigo CCCLVIII - O PAIZ, 10.09.1894</u>	<u>139</u>
<u>Artigo CCCLIX - O PAIZ, 24.09.1894</u>	<u>143</u>
<u>Artigo CCCLX - O PAIZ, 01.10.1894</u>	<u>147</u>
<u>Artigo CCCLXI - O PAIZ, 08.10.1894</u>	<u>151</u>
<u>Artigo CCCLXII - O PAIZ, 15.10.1894</u>	<u>155</u>
<u>Artigo CCCLXIII - O PAIZ, 22.10.1894</u>	<u>161</u>
<u>Artigo CCCLXIV - O PAIZ, 30.10.1894</u>	<u>164</u>
<u>Artigo CCCLXV - O PAIZ, 05.11.1894</u>	<u>169</u>
<u>Artigo CCCLXVI - O PAIZ, 12.11.1894</u>	<u>173</u>
<u>Artigo CCCLXVII - O PAIZ, 19.11.1894</u>	<u>177</u>
<u>Artigo CCCLXVIII - O PAIZ, 26.11.1894</u>	<u>180</u>
<u>Artigo CCCLXIX - O PAIZ, 03.12.1894</u>	<u>184</u>
<u>Artigo CCCLXX - O PAIZ, 10.12.1894</u>	<u>187</u>
<u>Artigo CCCLXXI - O PAIZ, 24.12.1894</u>	<u>191</u>
<u>JORNAL DO BRASIL</u>	<u>195</u>
<u>GAZETA DE NOTÍCIAS</u>	<u>199</u>
<u>Artigo CDXVII - Gazeta de Notícias, 01-12-1895</u>	<u>201</u>
<u>Artigo CDXVIII - Gazeta de Notícias, 08-12-1895</u>	<u>205</u>
<u>Artigo CDXIX - Gazeta de Notícias, 17-12-1895</u>	<u>209</u>
<u>Artigo CDXX - Gazeta de Notícias, 22-12-1895</u>	<u>215</u>
<u>Artigo CDXXI - Gazeta de Notícias, 29-12-1895</u>	<u>220</u>
<u>Artigo CDXXII - Gazeta de Notícias, 05-01-1896</u>	<u>224</u>
<u>Artigo CDXXIII - Gazeta de Notícias, 12-01-1896</u>	<u>228</u>
<u>Artigo CDXXIV - Gazeta de Notícias, 20-01-1896</u>	<u>233</u>
<u>Artigo CDXXV - Gazeta de Notícias, 28-01-1896</u>	<u>237</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CDXXXVI - Gazeta de Notícias, 02-02-1896</u>	<u>241</u>
<u>Artigo CDXXXVII - Gazeta de Notícias, 09-02-1896</u>	<u>245</u>
<u>Artigo CDXXXVIII - Gazeta de Notícias, 16-02-1896</u>	<u>249</u>
<u>Artigo CDXXXIX - Gazeta de Notícias, 23-02-1896</u>	<u>254</u>
<u>Artigo CDXXX - Gazeta de Notícias, 01-03-1896</u>	<u>258</u>
<u>Artigo CDXXXI - Gazeta de Notícias, 08-03-1896</u>	<u>262</u>
<u>Artigo CDXXXII - Gazeta de Notícias, 15-03-1896</u>	<u>266</u>
<u>Artigo CDXXXIII - Gazeta de Notícias, 22-03-1896</u>	<u>270</u>
<u>Artigo CDXXXIV - Gazeta de Notícias, 07-04-1896</u>	<u>275</u>
<u>Artigo CDXXXV - Gazeta de Notícias, 12-04-1896</u>	<u>279</u>
<u>Artigo CDXXXVI - Gazeta de Notícias, 19-04-1896</u>	<u>283</u>
<u>Artigo CDXXXVII - Gazeta de Notícias, 27-04-1896</u>	<u>287</u>
<u>Artigo CDXXXVIII - Gazeta de Notícias, 03-05-1896</u>	<u>290</u>
<u>Artigo CDXXXIX - Gazeta de Notícias, 16-05-1896</u>	<u>295</u>
<u>Artigo CDXL - Gazeta de Notícias, 27-05-1896</u>	<u>299</u>
<u>Artigo CDXLI - Gazeta de Notícias, 31-05-1896</u>	<u>303</u>
<u>Artigo CDXLII - Gazeta de Notícias, 07-06-1896</u>	<u>307</u>
<u>Artigo CDXLIII - Gazeta de Notícias, 14-06-1896</u>	<u>311</u>
<u>Artigo CDXLIV - Gazeta de Notícias, 25-06-1896</u>	<u>315</u>
<u>Artigo CDXLV - Gazeta de Notícias, 28-06-1896</u>	<u>319</u>
<u>Artigo CDXLVI - Gazeta de Notícias, 05-07-1896</u>	<u>323</u>
<u>Artigo CDXLVII - Gazeta de Notícias, 14-07-1896</u>	<u>327</u>
<u>Artigo CDXLVIII - Gazeta de Notícias, 19-07-1896</u>	<u>331</u>
<u>Artigo CDXLIX - Gazeta de Notícias, 26-07-1896</u>	<u>335</u>
<u>Artigo CDL - Gazeta de Notícias, 03-08-1896</u>	<u>339</u>
<u>Artigo CDLI - Gazeta de Notícias, 09-08-1896</u>	<u>343</u>
<u>Artigo CDLII - Gazeta de Notícias, 22-08-1896</u>	<u>347</u>
<u>Artigo CDLIII - Gazeta de Notícias, 01-09-1896</u>	<u>351</u>
<u>Artigo CDLIV - Gazeta de Notícias, 16-09-1896</u>	<u>355</u>
<u>Artigo CDLV - Gazeta de Notícias, 27-09-1896</u>	<u>359</u>

SUMÁRIO (Cont.)

<u>Artigo CDLVI - Gazeta de Notícias, 04-10-1896.....</u>	<u>363</u>
<u>Artigo CDLVII - Gazeta de Notícias, 13-10-1896.....</u>	<u>367</u>
<u>Artigo CDLVIII - Gazeta de Notícias, 11-11-1896.....</u>	<u>371</u>
<u>Artigo CDLIX - Gazeta de Notícias, 17-11-1896.....</u>	<u>375</u>
<u>Artigo CDLX - Gazeta de Notícias, 01-12-1896.....</u>	<u>378</u>
<u>Artigo CDLXI - Gazeta de Notícias, 06-12-1896.....</u>	<u>382</u>
<u>Artigo CDLXII - Gazeta de Notícias, 13-12-1896.....</u>	<u>386</u>
<u>Artigo CDLXIII - Gazeta de Notícias, 20-12-1896.....</u>	<u>390</u>
<u>Artigo CDLXIV - Gazeta de Notícias, 27-12-1896.....</u>	<u>394</u>
<u>Artigo CDLXV - Gazeta de Notícias, 08-01-1897.....</u>	<u>398</u>
<u>Artigo CDLXVI - Gazeta de Notícias, 20-01-1897.....</u>	<u>402</u>
<u>Artigo CDLXVII - Gazeta de Notícias, 28-01-1897.....</u>	<u>406</u>
<u>Artigo CDLXVIII - Gazeta de Notícias, 11-02-1897.....</u>	<u>410</u>
<u>Artigo CDLXIX - Gazeta de Notícias, 17-02-1897.....</u>	<u>414</u>
<u>Artigo CDLXX - Gazeta de Notícias, 22-02-1897.....</u>	<u>418</u>
<u>Artigo CDLXXI - Gazeta de Notícias, 09-03-1897.....</u>	<u>422</u>
<u>Artigo CDLXXII - Gazeta de Notícias, 06-04-1897.....</u>	<u>426</u>
<u>Artigo CDLXXIII - Gazeta de Notícias, 11-05-1897.....</u>	<u>430</u>
<u>Artigo CDLXXIV - Gazeta de Notícias, 18-05-1897.....</u>	<u>434</u>
<u>Artigo CDLXXV - Gazeta de Notícias, 24-05-1897.....</u>	<u>438</u>
<u>Artigo CDLXXVI - Gazeta de Notícias, 08-06-1897.....</u>	<u>442</u>
<u>Artigo CDLXXVII - Gazeta de Notícias, 23-06-1897.....</u>	<u>445</u>
<u>Artigo CDLXXVIII - Gazeta de Notícias, 12-07-1897.....</u>	<u>449</u>
<u>Artigo CDLXXIX - Gazeta de Notícias, 21-07-1897.....</u>	<u>453</u>
<u>Artigo CDLXXX - Gazeta de Notícias, 20-09-1897.....</u>	<u>457</u>
<u>Artigo CDLXXXI - Gazeta de Notícias, 15-10-1897.....</u>	<u>460</u>
<u>Índice Remissivo.....</u>	<u>465</u>

*Aos gigantes do Espiritismo Cristão
na Pátria do Evangelho, sobre cujos ombros
estamos todos apoiados, e especialmente a:
Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio,
Bezerra de Menezes e Frederico Jr.*

“A nosso ver, e desafiamos contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois, chamamos a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do Espiritismo. Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do Kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram”

(ABREU, CANUTO. Bezerra de Menezes – Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil at o ano de 1895. Ed. FEESP, São Paulo -SP).

Introdução

Apresentamos ao público esse quarto volume da magnífica coleção de artigos de Dr. Bezerra de Menezes, intitulada *Estudos Filosóficos*, com estas breves notas, apenas para destacar alguns marcos realmente significativos deste trabalho.

Neste tomo concluímos toda a série de artigos publicados no jornal *O Paiz*, alcançando um total de 371 artigos, à época publicados ao longo de 7 anos e 2 meses de laborioso esforço do nosso Kardec brasileiro¹.

Ele mesmo assinala o fato, em outubro de 1894, celebrando com alegria o atingimento dessa impressionante marca:

“Sete anos são decorridos – completaram-se neste mês – desde que, levado por um pensamento, Max, o pobre rabiscador destas linhas, sem pesar suas forças, tomou sobre seus ombros a árdua empresa de repetir aos homens a palavra do sábio, do justo, do imaculado Jesus: “Não é só do pão que vive o homem”.

“Pesada empresa é, com efeito, esta; porque uma proposição que lhe escape, distoante dos diversos ensinamentos, será pedra de escândalo a seus irmãos, será responsabilidade para sua alma, que terá de resgatar, conforme a lei da suprema justiça, que não é senão a do infinito amor. [...]

“Seu esforço tem sido inquebrantável, de não ter, até hoje, deixado de publicar um artigo, no dia destinado para tal fim.

“Quanto, porém, ao êxito do afanoso trabalho, quem pode-lo-á determinar? [...]

“Sete anos trabalhou Jacó por satisfazer seus mais ardentes anelos: a posse de Raquel – e, no fim, achou-se iludido completa-

¹ (Nota do Organizador) De 23-10-1887 a 24-12-1894.

mente em suas esperanças, dando-lhe o astucioso Labão a reme-lenta Lia, em vez da sua bem amada.

“Não desanimou, porém, o filho de Isaque – e repetiu a dura prova de outros sete anos de trabalhos, por conquistar a pérola de seu coração².

“Nos fastos³ da história há, para quem sabe colher, a gema dos bons exemplos, no turbilhão dos sussurros, luz claríssima para todas as nossas condições na vida.

“E, pois, se Max, em sete anos, não colheu o que valha mais do que Lia para Jacó; serve-lhe este patriarca de exemplo, para não parar em meio do caminho, para prosseguir, alentado pela esperança de conseguir a posse de sua Raquel.

“Aqui, é pouco provável o resultado, por não poder Max contar mais com tanto tempo; mas a obra não é dele – e o dono da vinha encontrará, entre os que fazem por merecer, muito quem o substitua.

“E Max, se não puder chegar ao termo da viagem, cairá com a ferramenta na mão, cheio do gáudio que sente a alma fiel à santa lei do Pai Celestial”.

Mal sabia o nosso bom e sábio Max que apenas dois meses depois a sua série de artigos teria uma mudança significativa, advinda de fato então imprevisível: faleceu o principal patrocinador do espaço semanal ocupado nas colunas de *O Paiz* – um verdadeiro herói de nossas fileiras, das primeiras horas do Espiritismo em nosso país, esquecido dos nossos sites de biografias espíritas, verdadeiro “Sal da Terra” – Manoel Antônio de Mello, grande trabalhador de nossa seara ao final do século XIX, no Rio de Janeiro. O *Reformador* de dezembro de 1894 prestou-lhe bela e merecida homenagem, que reproduzimos a seguir, como preito de gratidão:

“Já não existe entre nós aquele que chamou por este nome. Vítima de uma enfermidade cruel e que nunca poupa aos que ataca, caiu ao pó do sepulcro o corpo do lutador infatigável. Mas, seu Espírito, cheio de fé e de confiança na vida do Espaço, ele mesmo não se quedará inativo, que está na essência daquele ser trabalhar incessantemente pela propaganda da nobilíssima causa, que nos agremia. Desde a cidade de Campos, onde por algum

2 (Nota do Organizador) Gn. 29:18-30.

3 (Nota do Organizador) Registros. (Fonte: Dicionário Online Português)

tempo viveu, não cessava Mello de dar largo quinhão de sua atividade em prol do Espiritismo. Transportando-se para esta capital, vimo-lo incansável, percorrendo todos os grupos, solicitando sempre meios para as publicações que julgava conveniente. Foi a seus esforços que fundou-se a União Espírita, que há alguns anos tem mantido ininterruptamente, em uma das folhas diárias, um artigo hebdomadário sobre o Espiritismo, publicação que tem chamado ao seu grêmio, de todos os recantos do Brasil, um número sem conta de adeptos. Foi aos esforços de Mello que também se deve a impressão em língua portuguesa do livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec. Foi ainda ele que conseguiu reunir em livro a primeira série de artigos de Max sobre Espiritismo. Por toda parte encontrava-se este trabalhador infatigável: onde sabia que havia um espírita, lá estava ele em pessoa, ou se era fora da Capital lá estava por meio de carta, solicitando auxílio para suas publicações. Pode-se dizer que Mello era o editor do Espiritismo. Seu desprendimento dos laços carnis deixou, pois, no movimento propagandista, uma lacuna, que tão breve não será preenchida. Faz-se com efeito mister muita abnegação, muita paciência, muito amor pela causa, para de indivíduo em indivíduo estar solicitando migalhas que pudessem avultar em bem geral. Pobre, muito pobre mesmo, como a quase generalidade dos espíritas, Mello atravessava uma vida de sacrifícios; entretanto nunca ouviu de seu lábio uma queixa, uma destas manifestações de mau humor naqueles que, ainda não bem preparados para a luta da vida, esquecem, com as consolações do Espiritismo, as prescrições de sua doutrina. Mello vivia sempre pensando nos meios de mais e mais elevar o Espiritismo, e derramá-lo pelas camadas sociais; dir-se-ia que a tensão enorme de espírito, produzida por esse pensamento dominante, não lhe dava lugar a pensar em si, ou a manifestar uma queixa contra a inclemência da sorte. Possa seu Espírito, agora livre das contingências da matéria, pairar sereno sobre aqueles que intentarem continuar-lhe a obra. Possa ter ele meios de inspirar-lhes o mesmo ardor, a mesma energia no bendito afã que encheu os últimos dias de sua existência carnal. E possa sua passagem pela Terra servir como exemplo veraz para todos que se norteiam por um nobre ideal.” (Fonte: *Reformador*, 1894, Dezembro-15, Pág. 2)

Concluindo, nesse volume, a reprodução de todos os artigos de *O Paiz*, não poderíamos deixar de homenagear, portanto, à

memória de seu principal viabilizador, principalmente ao constatar que sua publicação foi produto de titânico esforço pessoal, verdadeiramente sacrificial, digno por todos os méritos de nossa lembrança e gratidão.

Ocorre que o falecimento do “Mello”, como era conhecido, precipitou o encerramento da série de publicações em *O Paiz*, exatamente por falta de recursos. Era esse então o jornal de maior tiragem na América do Sul, e em jornalismo volume de tiragem significa – preço. Cada centímetro de coluna nas páginas de *O Paiz* deveria ter significativo valor. A solução para não encerrar o projeto foi levá-lo então para outras páginas, certamente mais em conta, e eis que a partir de janeiro do ano seguinte, 1895, os *Estudos Filosóficos* aterrisam nas colunas do *Jornal do Brasil*.

Essa “escala” no *Jornal do Brasil* será, no entanto, de curta duração, apenas de janeiro a novembro de 1895. Temos aqui, porém, uma quebra ou exceção ao padrão de trabalho apresentado até aqui, nesse esforço de publicação da série completa dos *Estudos Filosóficos*. Os responsáveis pelo JB não nos autorizaram a transcrição dos artigos de Dr. Bezerra, a pretexto de direitos autorais... Relacionamos, então, todos eles - são 45 artigos - indicando ao lado de cada um o seu respectivo endereço eletrônico na Hemeroteca Digital de nossa Biblioteca Nacional, para que os interessados possam eventualmente consultá-los. Foi só o que pudemos fazer, nesse caso. Veremos se no futuro conseguimos contornar esse óbice.

Para compensar, rejubilamo-nos também por trazer nesse quarto tomo todos os artigos da *Gazeta de Notícias*, de 01 de dezembro de 1895 a 15 de outubro de 1897, um total de 65 artigos.

No próximo volume - o quinto e último desta coleção - concluiremos a transcrição de todos os artigos disponíveis na Biblioteca Nacional, com os da *Gazeta da Tarde*, até 31 de dezembro de 1898. A cada dia o seu labor...

Não poderíamos terminar esse breve intróito sem agradecer pública e penhoradamente aos amigos Jorge Damas e Mário Daner, pelas contribuições dadas para que esse volume se concretizasse. A ambos, a nossa gratidão.

Júlio Damasceno
pela Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes
Rio de Janeiro, Abril de 2024

Artigo CCCXXVIII - O PAIZ, 12.02.1894

Ainda uma questão proposta pelo Sr. Tytaro Berê⁴:

“Em que parte do infinito espaço anda o Espírito que aos incautos e ignorantes se pretende convencer que vem a tomar corpos carnis, sempre de homem e não de animal⁵?”

Foi isto o que pudemos apurar da metafísica do Sr. Berê.

Ao que parece, o interpelante considera um laço armado a incautos e ignorantes não só dizer-se que o Espírito desencarnado reside no espaço, como principalmente que daí volve à nova existência carnal no seio da espécie humana.

A primeira impugnação pareceu-nos baseada em não haver nas regiões siderais *qualquer corpo vitalizante*.

Quem pregaria este carapetão⁶ ao Sr. Berê?

Em primeiro lugar, ainda não apareceu quem desse a prova de ser exclusivo da Terra o princípio vivificador. E, pois, embora se possa presumir, não se pode afirmar.

Em segundo lugar, é de simples intuição: que não há de ser somente n'um recanto, o mais insignificante do Universo, que o Criador tenha concentrado a luz, o movimento e a vida, que não subsistem senão ligados.

4 (Nota do Organizador) O nome completo deste correspondente de Dr. Bezerra é Tytaro Pita Berê, conforme se vê nos dois últimos artigos do 3º volume desta série.

5 (Nota do Organizador) O original traz aqui a palavra “mulher”, mas não faz sentido com todo o restante do artigo; supomos portanto tratar-se de erro material, que decidimos corrigir.

6 (Nota do Organizador) O mesmo que grande mentira. (Fonte: *Dicionário Priberam online* de Português)

Fôra o mesmo que construir um palácio, como o da Alhambra, em Granada, e só iluminar, só mobiliar, só fazer habitável o mais baixo e mais ínfimo de seus compartimentos: uma saleta ao rés do chão!

O simples bom senso repele tal hipótese!

O Espiritismo, ciência formada pelas revelações dos Espíritos, ensina: a generalização, por todo o espaço infinito, da luz – do movimento – e da vida.

Estes elementos, como tudo na natureza, passam por uma escala de aperfeiçoamento, de modo que, para os mundos inferiores à Terra, nossa luz deslumbra, nosso ar é tão leve que asfixia; pela mesma razão que a luz dos mundos superiores nos cega e a sua atmosfera é irrespirável para nós.

Para cada meio o ser humano precisa de aparelho apropriado, que obtém por seu progresso.

É assim que, com o aparelho corpóreo de que dispomos aqui, não podemos viver em um planeta de grau mais elevado na escala do progresso; mas, desde que tivermos, nós mesmos, subido naquela escala, ser-nos-á dado um corpo aparelhado para a vida daquele planeta – e assim até chegarmos ao mais alto grau da escala.

Cada mundo tem suas condições, que exigem da parte dos que aí vêm habitar condições análogas.

Mesmo que assim não fosse, e que só a Terra gozasse da faculdade ou do privilégio de possuir o princípio vivificante, isto não tolhia os Espíritos de viverem no espaço, desde que não saíssem da atmosfera da Terra, donde efetivamente não saem, senão quando têm realizado um tal progresso, intelectual e moral, de já poderem viver em mundos superiores.

O tal princípio vitalizante não falta, pois, aos Espíritos desprendidos de seus corpos terrenos.

O ar que respiram os Espíritos encarnados é o mesmo que podem respirar os desencarnados; se Espíritos precisassem de respirar para viverem.

É, pois, insubsistente a objeção, quer quanto a só haver vida na Terra, quer quanto a não haver no espaço o princípio vitalizante para os Espíritos.

De virem eles sempre tomar um corpo humano e não corpo animal, o que parece estranho ao interpelante, ao ponto de dizer que é laço aos incautos; diremos: que é por lei da evolução espiritual.

As reencarnações não são uma metempsicose⁷, são um meio de progresso para o Espírito.

O progresso humano opera-se de conformidade com as leis humanas; pois que cada espécie dos seres da criação evolui segundo leis especiais.

Nem os do reino mineral podem fazê-lo segundo as leis que regem o vegetal – nem os do reino vegetal segundo as do animal – nem este segundo as do hominal – e vice-versa.

O homem, ser moral, dotado de liberdade, destaca-se de todos os da natureza – e obedece a leis superiores, como é, ele mesmo, superior.

Sendo assim, como encarnar n'um corpo animal, para progredir, se o animal lhe é inferior?

Seria uma inversão irracional das leis da evolução dos seres.

Que um indivíduo de espécie inferior venha a obedecer às leis de uma superior, compreende-se; é conforme com os princípios do progresso universal.

Que, porém, um de espécie superior venha submeter-se às de um inferior, é coisa repugnante à razão e ao bom senso, porquanto vale por voltar à carta do a-b-c quem já lê corretamente.

Um fato desta ordem protesta contra a sublime disposição de nada retrogradar⁸ – de tudo progredir.

Já vê o Sr. Berê que, se os Espíritos viessem tomar corpos animais, retrogradariam, derogando a suprema e sublime lei.

E como fazer progresso na vida do animal, independente das considerações que temos feito?

O animal não é um ser moral, dotado de liberdade, como é o homem; e, pois, o Espírito revertido de um corpo animal não faria mérito nem demérito – passaria sem consciência e sem responsabilidade.

Seria o mesmo que viver em um sono que durasse por toda aquela existência. Seria o *Nirvana*⁹ dos budistas.

7 (Nota do Organizador) Vide questões 611 a 613 de *O Livro dos Espíritos*.

8 (Nota do Organizador) Vide questão 118 de *O Livro dos Espíritos*, relativa à retrogradação intelectual e moral.

9 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui apenas ao sentido menor do termo, de *apagamento*, sem entrar em seus aspectos mais profundos. Buda descreve o Nirvana como “um estado de calma, paz, pureza de pensamentos, libertação, transgressão física e de pensamentos, a elevação espiritual, e o acordar à realidade”. (Fonte: Wikipedia)

A vida corpórea, com consciência, com razão, com liberdade, presta-se ao progresso humano; porque o homem age como lhe apraz, para o bem ou para o mal e, conseqüentemente, por mérito ou demérito, segundo usa bem ou usa mal de sua liberdade.

Que, pois, se dê ao Espírito um campo livre para suas provas, compreende-se; é razoável, quadra perfeitamente com a suprema grandeza de quem criou e regulou tudo o que existe.

Que, porém, se lhe dê um campo estreito e fechado, onde não tem espaço para se mover, e atribuir àquela suprema grandeza, obras sem razão de ser – leis que se chocam; pois que condenar um ser perfectível a ficar parado durante o tempo de uma existência animal, é atentar contra a lei do progresso.

O Espírito, pois, evolui, pelas vias do progresso, segundo as leis do ser moral e não pode absolutamente fazê-lo, segundo as leis das espécies que não têm o caráter moral, que progridem por modo muito diferente e inferior.

Eis porque não vêm, nem podem vir os Espíritos encarnar em corpos de animais.

Max.

(da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 12.02.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9196

Artigo CCCXXIX - O PAIZ, 19.02.1894

Já agora, esgotemos a lista das questões propostas pelo Sr. Pita Berê¹⁰.

Em sua linguagem metafísica, o nosso interpelante pergunta:

“Admitis, por veras, a existência de uma outra vida além desta, para os animais, nos campos gramíneos de Josafat¹¹?”

Se não nos enganamos, a questão traduz-se por estas palavras: os animais sobrevivem à morte?

A cosmogonia espírita, a mais ampla, em extensão e compreensão, que possui o mundo, porque explica, latamente¹², a origem – a evolução – e o destino dos seres, vai responder à pergunta, que também já muito nos preocupou – e, por isto, empenhamo-nos em elucidá-la.

Em nossos estudos experimentais, tivemos o auxílio do alto Espírito de Erasto, que deu-nos, sobre este e sobre outros pontos de alta ciência, explicações tão claras e positivas quanto lh'o permitiam a nossa capacidade compreensiva.

Já em outros artigos e mesmo nos que temos escrito em resposta ao Sr. Berê, temos emitido grande cópia de ideias, das

10 (Nota do Organizador) Vide nota 4, acima.

11 (Nota do Organizador) Rei de Judá que terá vivido no século IX a. C.. Segundo a narração do Antigo Testamento, teve um papel importante na organização do seu reino. Depois de anos de conflitos com Israel, fez uma aliança com o rei Acab através do casamento do seu filho Jorão com a filha do rei de Israel, Atália. (Fonte: Infopedia)

12 (Nota do Organizador) Do latim *latus* - largo, extenso, vasto. Amplamente, extensivamente. (Fonte: *Dicionário Priberam online* da Língua Portuguesa)

que nos foram ensinadas pelo citado Espírito, para um livro que, talvez, um dia publicuemos.

Releve, pois, o leitor, a reprodução, que encontrar, de pensamentos já por nós divulgados, que assim é mister ao bom entendimento da questão de hoje.

O Criador não produziu sementes diferentes para as variadíssimas e inúmeráveis espécies de seres dos três reinos da natureza: os que a Terra conhece e os mais inumeráveis, que não são da Terra conhecidos.

Todo o infinito turbilhão que dá movimento e vida à Terra, aos mundos, ao Universo, procede originalmente de um único princípio: a matéria cósmica ou fluido universal.

Esta substância, criada *ab aeterno*¹³, recebeu o sopro vital, em virtude do qual e de conformidade com as leis eternas e imutáveis que lhe foram postas, serviu de fonte, origem ou princípio a tudo o que foi, é e há de ser.

É a variedade infinita saindo da unidade, que se desdobra ao infinito, por modificações que lhe imprimem aquelas leis, a que foi, desde o princípio, submetida¹⁴.

E cada espécie, que dela emana, vem logo sujeitar a leis eternas e imutáveis, que constituem o sistema universal, pelo qual tudo rege desde o princípio até a eternidade, sem poder afastar-se uma linha do plano traçado pela força onisciente e onipotente.

Segundo este plano, a infinidade de seres procedentes, apesar de sua variedade, de uma única origem, tem de volver à unidade, pelo destino único a que todos – tudo o que constitui o Universo, tende necessária e fatalmente, por força da lei suprema do progresso universal.

Da unidade sai a variedade – e a variedade volve à unidade!

A diferença é: que a unidade original é, por assim dizer, cega e passiva, ao passo que a unidade terminal é ativa e iluminada.

A primeira precede e a segunda procede do progresso.

13 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “desde a eternidade”. (Fonte: *Dicionário Priberam online* de Português)

14 (Nota do Organizador) Sobre esse princípio da Unidade da Substância vale lembrar a questão 33 de *O Livro dos Espíritos*: “Tudo está em tudo”; bem como o parágrafo 4 do item 56 de *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing (Ed. Ibbis, 2022); como também o capítulo 9 de *A Grande Síntese*, do Prof. Pietro Ubaldi, acerca da Grande Equação da Substância.

Tudo, pois, emerge das trevas e marcha eternamente para a luz, passando por uma infinidade de fases, em virtude das quais os de espécies mais rudes passam às espécies mais adiantadas, até a que é superior a todas: a hominal, pela qual conquistam todos os seres da criação o destino único universal.

O mineral, em cujo seio há uma incomensurável escala de progresso, passa, pela evolução a que está sujeito, a constituir um elemento do reino vegetal, onde já se apura um progresso mais sensível, porém igualmente em variadíssima escala.

É óbvio: que os seres minerais, que se destacaram, por seu progresso, do reino a que pertenciam, entram no reino superior: o vegetal, como membro de sua ordem a mais ínfima.

Assim também – e pela mesma lei, o vegetal, que adquiriu a maior elevação de seu reino, sobe ao superior: o animal, mas ocupando um dos últimos lugares da escala deste.

O animal chega, enfim, ao termo do progresso inconsciente – e vem ocupar um lugar no reino hominal, onde imperam: a razão – a consciência – o saber e a virtude – a ciência e a fé, donde já se divisam as claridades a que é destinada toda a criatura de Deus.

O homem, pois, único ser perfectível, dessa perfectibilidade que se distingue do progresso universal, porque é consciente e livre, o homem é a porta e a via por onde todos os seres passam e seguem ao destino universal.

Nele se vem confundir todas as espécies de seres dos três reinos da natureza – ele é, pode-se dizer, a nova matéria cósmica da criação espiritual.

Por este sucinto resumo da evolução universal, vê-se: que a matéria cósmica foi dotada de um princípio, que transmite a todos os seres que dela procedem; princípio imortal, que constitui a essência de todos os seres, desde o mineral até o homem.

É um embrião, no mineral – é uma larva, no vegetal – é uma sombra, no animal – é a luz, no hominal.

E passa por todas estas fases, revestindo sempre a forma grosseira e perecível da espécie a que transitoriamente pertence – e, quando chega ao ponto de poder receber o ser pensante, de ser graduado na espécie humana, vem aí fazer a nova escala; vem a ser embrião – larva – sombra – e luz, mas já com liberdade e responsabilidade – com consciência e aspirações.

Sendo assim, compreende mais o leitor: que a rocha decomponível encerra alguma coisa que não perece pela decomposição

– que a planta, que seca, encerra alguma coisa que não acaba com ela, embora essa coisa seja um vapor sem consciência de sua existência – que o animal, enfim, tem aquele princípio – aquela essência dos seres, que só ela é diretamente progressiva, até vir a ser perfectível.

A rez que é abatida, para servir de alimento ao homem, qualquer animal que morre, desprende de si aquela essência que, se não tem ainda o adiantamento que é mister, para receber o seu pensante – para passar ao reino hominal tem de volver à nova existência e a tantas quantas forem precisas, para subir àquele grau.

O animal, pois, tem mais de uma existência, não em corpo mas em essência tal qual o homem, com a simples diferença: de que ele as têm para chegar ao homem – e esse, para elevar-se à perfeição, pelo saber e pela virtude¹⁵.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 19.02.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9237

15 (Nota do Organizador) Esse artigo de Dr. Bezerra é um brilhante desenvolvimento do ensino da questão 540 de *O Livro dos Espíritos*: “é assim que tudo serve, que tudo se encadeia em a natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!”

Artigo CCCXXX - O PAIZ, 26.02.1894

Continuemos o estudo iniciado no passado artigo, para responder à seguinte questão proposta pelo Sr. Berê¹⁶:

“Há na estrutura humana capacidade para funcionar em outra vida, além desta?”

“Pode essa nova função vital ser regulada pelo poder da morte?”

Por estrutura humana, parece que o interpelante quer dizer – o organismo – o corpo humano; ou então o conjunto dos elementos que constituem o homem.

Na primeira hipótese, o que tem o corpo com a nova existência do Espírito?

É este a essência, o verdadeiro ser humano, ao passo que aquele não passa de um revestimento ou casca, necessária exclusivamente para a vida terrena do Espírito e, por isto mesmo, de duração temporária.

Quando o Espírito, a ser humano, completa a obra que veio fazer à vida – ou a interrompe, ora porque, desprezando o compromisso tomado quando encarnou, tende a retrogradar, o que não é permitido a ninguém; ora porque foi de encontro a uma lei que tornou-lhe o organismo incapaz de subsistir.

Quando chega a morte, desprende o Espírito e vai para o Espaço, ao passo que o corpo, o revestimento, decompõe-se em seus mais simples elementos, que, entrando no turbilhão univer-

16 (Nota do Organizador) Este artigo completa uma pequena série de cinco, publicados pelo Dr. Bezerra em resposta a dúvidas de um de seus correspondentes, o Sr. Tytaro Pita Berê, abrangendo os dois últimos artigos do 3º volume e os três primeiros deste.

sal, vão entrar na organização de outros corpos: vegetais, animais e humanos.

Nada tem, pois, o corpo com o destino do Espírito que o animou, e que, voltando à vida corpórea, toma outro, como tomamos um casaco quando se estraga o que nos servia.

Parece que o Sr. Berê acredita na volta do ser humano a esta vida, com o mesmo corpo que lhe servira da primeira vez, e por isto pergunta: “se há na estrutura humana capacidade para funcionar em outra vida além desta”.

Para isto, já sabemos, não há na estrutura humana nenhuma capacidade, porque, como também já sabemos, a estrutura humana não dá, às vezes, nem para toda esta existência; pelo que o Espírito tem de voltar fatalmente a tomar outro corpo para completar a existência interrompida¹⁷.

Na segunda hipótese – de entender-se, por estrutura humana o conjunto dos elementos que constituem o homem – já se sabe que estes elementos são corpo e alma; que o corpo não tem senão uma duração efêmera que se extingue pela morte, e, portanto, não pode volver à vida senão por outros seres, como o ser que o vitalizou, não volve à vida senão em outro corpo; que, finalmente, a alma (Espírito), esta sim, tem a capacidade para outra e outras vidas, quantas lhe sejam precisas para fazer o maior progresso da Terra, a fim de subir a um mundo mais adiantado.

Falamos de vidas corpóreas, porque, parece, que é a elas que se refere o Sr. Berê.

Se tomarmos, porém, a outra vida, de que nos fala o interpe-lante, pela espiritual, responderemos que o homem, sem exceção de um único, vai fatalmente à ela, desde que a morte o despe do corpo.

A este respeito, só há a dúvida dos materialistas, que não reconhecem no homem um princípio imortal, que acreditam na extinção do ser humano pela morte, que a atira no medonho bá-ratro do *nada*.

17 (Nota do Organizador) Sobre o dogma da ressurreição da carne, vale a pena conferir também a questão de número 1010, de *O Livro dos Espíritos*, trazendo amplo desenvolvimento sobre o tema, inclusive com substancial mensagem de S. Luiz.

Esta escola, porém, absurda, imoral, contraditória e impossível, jamais prevalecerá, porque clamam e clamarão contra ela os fatos e a razão limpa de preconceitos e de espírito de sistema.

O homem é mortal pelo corpo, e imortal pelo Espírito; ou antes: o ser humano é eterno, e só as vestes que toma em sua peregrinação pelos mundos atrasados é que se dissolvem.

Considerá-lo precível, como seu revestimento, é mais incompreensível do que dar consciência a uma pedra.

Sem a vida eterna do ser humano, a natureza humana não tem razão de ser, é um monstro moral e uma esfinge indecifrável à mais elevada sabedoria da Terra.

Já muitas vezes temos dito sobre este ponto, que amesquinha nossa natureza, destrói todas as bases da moralidade, inverte a ordem hierárquica dos seres e consagra todos os vícios e crimes pela extinção da responsabilidade moral do ser dotado de liberdade.

Hoje não voltaremos a malhar na bigorna, porque, no fim das contas, é preciso haver o erro para sobressair a verdade, e Deus é que sabe quando deve soar a hora de varrerem-se os horizontes dessas nuvens negras, que ameaçam somente os que cerram os olhos à luz.

Repetiremos, porém, em bem dos incautos e dos pobres que deixam-se levar pelas seduções da irresponsabilidade; repitamos pela centésima vez: quem duvidar da sobrevivência do ser humano à morte do corpo, em vez de perder tempo com discussões estéreis procure a verdade pelos meios apropriados.

Faça como fizemos: desça à experiência, hoje ao alcance de quem tem boa vontade, e terá amplas claridades.

Reconhecerá por si e, portanto, sem suspeição que os mortos não acabam; que os mortos se apresentam aos vivos; que os mortos sofrem as consequências de suas faltas na vida, assim como recebem o prêmio de suas boas obras; que os mortos, finalmente, já têm tido várias existências e afirmam a lei do progresso universal.

Nós falamos com esta segurança, porque temos tido às dezenas e centenas provas irrecusáveis do que afirmamos, colhidas em nossas experiências científicas, que, se não fazem fé para os outros, não podem fazer dúvida para nós.

Pois faça cada um dos que tiverem dúvida, o mesmo que fizemos, e cada um terá as suas provas.

É o que, em conclusão, diremos ao Sr. Tytaro Pita Berê, de quem nos despedimos, fazendo votos ao Altíssimo, para que lhe aproveitem as descoradas explicações às questões que nos propôs.

Talvez que não tenhamos bem compreendido aquelas questões; em todo o caso, porém, as explicações que suscitaram, se não aproveitarem a ele, serão proveitosas a outros.

O que dissemos é conforme com a Doutrina – e a Doutrina, mesmo pela pálida ideia que dela demos, é digna de profundo estudo dos homens que procuram a luz onde quer que a possam descobrir.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 26.02.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9277

Artigo CCCXXXI - O PAIZ, 05.03.1894

Pode quase ser qualificado – história antiga – o que nos propomos dizer neste tosco trabalho, pois que refere-se a um artigo de *O Paiz* de 29 de dezembro do ano passado.

Nos *Bilhetes Postais* daquele dia, seu ilustrado autor, levando seus passos pelos lajes do ádito¹⁸, faz uma rápida e interessante apreciação de um trecho do livro de Éliphas Lévi¹⁹, que tem por título *A Ciência dos Espíritos*²⁰.

O trecho é este, que vamos apreciar, antes de tratarmos dos juízos do autor dos *Bilhetes Postais*.

“Quando o homem adormece no último sono, cai primeiramente em uma espécie de sonho, antes de despertar no outro lado da vida.”

O que Levi chama – sonho – é o que o Espiritismo denomina, mais apropriadamente – perturbação – que se segue à morte²¹.

Efetivamente, o fato a que alude o autor do livro, é geral, o que prova que se prende a uma lei reguladora da passagem desta para a outra vida; mas essa lei, cuja realidade temos verificado em dezenas de experiências, não é invariável, como se depreende

18 (Nota do Organizador) Ádito é o espaço dos templos da Antiguidade Clássica só acessível a sacerdotes e utilizado para o culto ou colocação de oferendas. (Fonte: Wikipedia)

19 (Nota do Organizador) Éliphas Lévi (1810-1875), pseudônimo de Alphonse Louis Constant - escritor, ocultista e mago cerimonialista francês. Considerado um dos ocultistas mais influentes do século XIX. (Fonte: Wikipedia)

20 (Nota do Organizador) Ainda hoje editado em português, pela Editora Tetragrama.

21 (Nota do Organizador) Vide a respeito o Cap. III de *O Livro dos Espíritos*, questões 163 a 165.

do trecho transcrito; e, pelo contrário, varia conforme o grau de adiantamento do Espírito, que deixa o revestimento corpóreo.

Os Espíritos mais atrasados – e temos verificado: que os que, embora intelectualmente adiantados, não admitiram a existência de Deus e da alma imortal, têm uma perturbação horrorosa, que nada se parece com um sonho – que mal pode ser comparada a um pesadelo asfixiante.

Um dia, manifestou-se-nos, espontâneamente, o Espírito de um ilustrado e assaz conhecido positivista em estado de compungir-nos.

Não sabia se era vivo ou se era morto – se era alguma coisa ou se não era *nada* – se estava acordado ou se era vítima de horroroso pesadelo!

O que sabia, era: que sofria – sofria como não era possível imaginar-se, como quem se atirasse a um abismo sem fundo, e levava eternamente naquele vácuo, sem luz, sem ar, sem um ponto de apoio!

Conversando sobre este doloroso estado de seu Espírito, que lhe garantimos: ter deixado o corpo, arriscamos esta proposição: seus sofrimentos são a justa pena de sua incredulidade. Quem negou a Deus, é obrigado a reconhecê-lo, sentindo os efeitos de sua justiça, que é misericórdia, porque seus castigos são corretivos – são para nos encaminhar para o bem, que nos dá a felicidade.

O pobre cego ainda procurou sustentar suas ideias, com a convicção que teve na vida; mas, da discussão que travamos – e, principalmente, do auxílio que lhe deram seus amigos e protetores do Espaço, resultou, felizmente: que se abraçasse com a Doutrina Espírita, que mal conhecia; e logo a vista de sua alma esclareceu-se a ponto de desenvolver magistralmente as sublimes deduções da Nova Revelação.

A perturbação passou – e um bem-estar indefinível, como ele disse, fê-lo chorar pela sorte d'aqueles que seguiam, na Terra, seus exemplos e lições.

Manifestou-se depois, ainda espontâneamente, para agradecer-nos o bem que lhe fizemos – e declarou-nos: que era feliz, embora tivesse de voltar à vida corpórea, para lavar-se da mácula, confessando e proclamando a existência de Deus.

Outros temos visto, Espíritos materializados, destes que só vivem para o gozo material, que têm a perturbação, não menos horrorosa, de se julgarem ainda vivos, sofrendo as dores da mo-

léstia que os vitimou – e, se foram usurários, acicatados pelas torturas de verem o que ainda julgam seu, malbaratado.

São as duas perturbações mais terríveis que temos observado – e que, em certos casos, por muitos anos.

Os Espíritos bons, embora atrasados intelectualmente, sentem a perturbação, mas pouco duradoura e pouco aflitiva.

Esta, sim, é comparável a um sonho.

Os elevados em saber e em virtudes sentem apenas um ligeiro abalo – uma síncope como nos disse um deles, em comunicação particular que nos fez.

Subindo a escala, chegaremos aos que só vêm à Terra em missão, para promoverem o progresso moral ou intelectual da humanidade: os grandes vultos da ciência, que o foram, também pela fé – e os grandes vultos da religião, que também o foram pelo saber.

Estes, mal se desprendem do corpo já têm perfeito conhecimento de seu estado de Espírito livre – e começam a gozar o fruto de suas obras.

Se sentem alguma coisa, não é mais do que aquilo que sentimos, quando mudamos de meio: uma certa estranheza, que se dissipa prontamente.

Êliphas Lévi tem, pois, inteira razão de dizer: que o homem, quando adormece no último sono, cai primeiramente em uma espécie de sonho, antes de despertar no outro lado da vida.

Riam quanto quiserem os nossos sábios, que a verdade, mais uma vez o diremos, será a verdade – que Deus será Deus, independente do seu juízo e de sua licença.

Surpreendeu-nos deveras ver um redator ou colaborador O Paiz dizer estas heréticas palavras sobre “as lindas e sábias palavras de Êliphas Lévi” a respeito da sobrevivência do Espírito e do que se passa depois do último sono:

“A interpretação deste mistério final demanda um longo estudo e presentemente são raros os que se atravem a demolir problemas obstrusos²².”

Quem será este louco, que se atreve, em pleno Positivismo, a chamar a atenção para questões espiritualistas – para um livro cujo título é *La science des esprits*?

22 (Nota do Organizador) Relativo a cabalístico, cabala judaica ou magia; misterioso. (Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br>)

Confessamos, deixem-nos repetir, que surpreendeu-nos profundamente ver, do alto de *O Paiz*, levantar-se um protesto a favor das ideias condenadas da existência da alma – da sua sobrevivência à morte do corpo – e conseqüentemente da existência de Deus!

É que a luz da verdade pode ser obscurecida pelas nuvens do erro; mas cedo ou tarde – lenta ou rapidamente, romperá as nuvens e brilhará.

O exemplo de *O Paiz* há de produzir efeitos benéficos – e nunca tão necessários, em vista da incredulidade que lavra, como coisa da moda.

E a incredulidade é a esterilidade das sociedades!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 05.03.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9317

Artigo CCCXXXII - O PAIZ, 12.03.1894

Em nosso passado artigo, dissemos sobre o profundo conceito de Éliphas Lévi²³ e, conquanto o assunto desse matéria para um livro, limitar-nos-emos ao que dissemos, porque este nosso trabalho é como o das abelhas, que nem tiram todo o suco das flores, nem deixam de correr todas as [flores]²⁴ que descobrem.

Provera Deus que tivéssemos tempo e saber para perlustrar-mos todas as questões da cosmogonia espírita, para extraírmos um pouco do perfume de todas as flores desta ciência insondável, que tanto mais se aprofunda, quanto mais a aprofundamos.

Quer consideremos, com efeito, o Espiritismo como filosofia ou ciência, ou como revelação religiosa, ele se desdobra de modo que tem sempre reservada luz mais e mais clara para as inteligências que mais e mais têm progredido, adquirindo maior capacidade de suportá-la.

Foi em virtude desta lei, que preside à marcha da humanidade (a evolução espiritual) que Jesus disse o que se lê no *Evangelho de S. João*: “muitas outras verdades tinha a vos ensinar, mas não o faço, porque não é oportuno, porque não as podereis suportar”²⁵.

E é, por ela, que no campo da ciência novas e mais importantes leis vão sendo dadas ao conhecimento dos homens, à medida que eles vão subindo na escala do progresso, que vão adquirindo a capacidade de suportar a luz mais intensa.

Tudo é progressivo e relativo na criação.

23 (Nota do Organizador) Vide nota 19, acima.

24 (Nota do Organizador) Palavra pouco legível no texto original.

25 (Nota do Organizador) Jo. 16:12.

Deixaremos, pois, aquela tese de Levi apenas desflorada, para correremos a outras que estejam no círculo da capacidade de nosso tempo e, especialmente, no da nossa capacidade pessoal.

Por hoje e, como complemento do estudo feito no passado artigo, diremos sobre as ideias emitidas pelo ilustrado e corajoso autor dos *Bilhetes Postais* de 29 de dezembro.

Acredita este distinto escritor que o sonho, de que fala Êliphas, deve ser a recapitulação da vida, que “antes de penetrar o país sereno da paz, a alma tem saudades do mundo e dos que nele ficaram”.

Assim, pergunta: “não será o sonho uma visão do passado?”

E, sobre estes alicerces, arquiteta seu edifício, relativo à vida d'além-túmulo, para a qual imagina um prêmio e um castigo.

O prêmio é o esquecimento da vida, da Terra e dos entes amados que ali ficaram; o castigo é a ausência daquele prêmio, é, para as almas impuras, verem o mundo e tudo o que nele lhes foi de interesse, continuando o sonho e sofrendo dolorosamente, até que a piedade divina lhes toque, apagando da memória a lembrança dos bens amados e cicatrizando com o bálsamo do olvido a chaga dolorosíssima da saudade.

Longas, largas e profundas dissertações requerem estas poucas palavras do articulista, tão importantes são os conceitos que levantam.

Embora perfunctoriamente²⁶, segundo a índole de nosso trabalho, analisaremos todos estes conceitos na ordem em que se acham expostos.

Já expusemos o que acontece ao Espírito após seu último sono, antes de entrar na posse de si mesmo – de ter consciência de seu estado.

É o sonho de Êliphas Lévi, que se designa pelo nome de – perturbação – fenômeno característico da passagem desta para a vida espiritual, o qual varia de intensidade e duração, conforme o grau de²⁷ progresso do Espírito, que se traduz por suas boas ou más obras na vida corpórea.

26 (Nota do Organizador) De relance, superficialmente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

27 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “grande”, mas nos pareceu erro material, tipográfico, que decidimos corrigir.

Sendo assim, como no-lo explicam os Espíritos superiores, não procedem os juízos do autor dos *Bilhetes Postais*, que considera o sonho ou perturbação como uma “visão do passado”.

Não; o Espírito em perturbação, não vê o seu passado, não conhece o seu presente, não pensa no seu futuro, não tem consciência de si, nem do seu estado, vive como n’um sonho ou n’um pesadelo.

Desde, porém, que sai daquele estado, sim; tem perfeito conhecimento do passado e vê as pessoas que lhe foram caras; mas isto acontece a todos, quer sejam bons, quer sejam maus.

Não há esquecimento; e muito pelo contrário, todos, todos se acercam dos habitantes da Terra: os bons, no empenho de fazê-los tomar o caminho da verdade e do bem; os maus, no de afastá-los desse caminho.

E, se os maus têm aquele empenho por vingança, por ódio e por satisfazerem seus maus instintos, os bons, mais e muito mais a têm, por satisfazerem seus nobres e santos sentimentos.

Assim, pois, não há esquecimento depois da morte senão pelo tempo da perturbação, e este é antes uma pena do que um prêmio.

Se fosse um prêmio dado aos puros Espíritos, estes não viriam jamais à Terra; fato que é invalidado pelas mais irrecusáveis provas experimentais.

Os mais altos Espíritos correm pressurosos em auxílio dos que sofrem na Terra e intercedem por eles, junto ao Pai de Misericórdia.

Nos trabalhos que temos feito à procura da verdade, essa presença e proteção têm sido patentes, de modo a não deixar lugar à dúvida.

Mas isto não poderia ter lugar, se fosse verdadeira a teoria do ilustrado escritor de *O Paiz*, logo, ainda uma vez diremos, o esquecimento não é prêmio – não existe na vida de além-túmulo, senão durante o período de perturbação, enquanto o Espírito não entra na posse de si mesmo.

Também os maus não o têm senão durante aquele período, pois que dentre os chamados nevróticos²⁸ e loucos, três quartas partes são obsedados – e a obsessão é obra de perseguição dos maus Espíritos, que saciam seus ódios e vinganças, ou fazem o

28 (Nota do Organizador) O mesmo que neurótico. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

mal por simples gosto de fazê-lo, desde que encontram oportunidade - a fraqueza e os maus sentimentos de seus irmãos na Terra.

Há sempre algum fundo de verdade na teoria que analisamos, com os estudos práticos que temos feito sobre o assunto.

Os bons realmente esquecem não as coisas da vida e os entes que amaram, mas as fraquezas e os maus instintos de seus irmãos na Terra.

Os maus “sofrem dolorosamente, até que a piedade divina lhes dê o esquecimento, não da Terra e dos seus habitantes, mas de suas própria satânicas disposições”.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 12.03.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9357

Artigo CCCXXXIII - O PAIZ, 19.03.1894

O homem, entendamos: o Espírito humano, aspira o infinito, bem expresso nestas palavras de Malebranche²⁹:

*“Sors tua mortalis, non est mortale, quod optas”*³⁰.

Mas o infinito, a que aspiramos, é a perfeição, que aproxima a criatura do Criador, donde ser ela perfectível e não perfeita; o que, em bons termos, quer dizer: capacidade de progredir e chegar ao mais alto grau da perfeição, de que é suscetível o ser humano.

A perfeição que aspiramos, que nos é o destino para que fomos criados – e que todos alcançaremos pelo desenvolvimento da nossa perfectibilidade, compreende a moral e a intelectual.

É assim que os Espíritos são criados em ignorância, mas com todos os meios de conquistarem, por seu esforço, o maior saber: o conhecimento de todas as leis da criação – e, por ventura, o do próprio Criador.

É assim que eles são criados em inocência³¹, tanto como em ignorância, mas também com todos os meios de chegarem à

29 (Nota do Organizador) Nicolas Malebranche (1638-1715) foi filósofo racionalista e padre francês. Em suas obras, procurou sintetizar o pensamento de Agostinho de Hipona e René Descartes, a fim de demonstrar o papel ativo de Deus em todos os aspectos do mundo. (Fonte: Wikipedia)

30 (Nota do Organizador) “Seu destino é mortal, mas o que ele pede, não...”, tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. Dr. Bezerra deve ter visto esta citação na obra de Malebranche, mas sua origem é a obra *Metamorfoses*, de Ovídio (43 aC - 17dC), grande poeta romano. (Fonte: <https://medium.com/@thomazamancio/biblioteca-do-antropoceno-13-o-grito-da-terra-675e4e94e700>)

31 (Nota do Organizador) Vide questão 115 de *O Livro dos Espíritos*, como também os esclarecimentos feitos por Kardec sobre esse tema em *A Gênese*, no seu Cap. XI, *Gênese Espiritual*, item 23, quando nos revela que esse estado de

maior pureza de sentimentos – à condição angélica ou de puros Espíritos, sem a mais livre mácula das que lhes imprimiu a matéria.

Mesmo na linguagem da Terra, segundo os fracos juízos humanos, é repugnante aceitar como homem ou Espírito perfeito um sábio sem moralidade ou um santo sem sabedoria.

Só uns pobres cegos fanáticos podem crer: que a corte do Rei dos reis; o Céu, é composta essencialmente de virtuosos, sem maior escrúpulo quanto à sua elevação intelectual.

Se já é muito fazer entrar naquela sociedade os mais eminentes santos da Terra, onde apenas se desflora a santidade infinita!

Ê, pois, de simples intuição: que a perfeição humana requer o máximo desenvolvimento da nossa moralidade e da nossa intelectualidade.

Por este modo – e só por ele – poderá o Espírito ascender a seu alto destino, cuja grandeza, o da Terra, mal podemos imaginar, e por isto muitos – a maior parte, se descuidam, quando não desprezam, de se prepararem para alcançá-lo.

N'uma única existência, é intuitivo, ninguém pode chegar à sabedoria e à santidade; e é por isto que o Pai de amor concede a todos o tempo, na eternidade, para fazerem a viagem, que não tem fim; mas que de certo ponto em diante, depois da purificação das almas, faz-se por entre risos e flores, gozando-se delícias inefáveis, tanto mais inebriantes quanto mais se sobe na escala infinita do aperfeiçoamento.

Mas firmemos bem este princípio: não se sobe um degrau, sem se ter equilibrado as duas potências promotoras de toda a ascensão espiritual: saber e virtude - o intelectual e o moral.

Assim como a ave não pode formar voo, desde que tem uma asa ferida – mais fraca que a outra – não podendo deslocar o ar com igual força; assim o Espírito não pode subir um grau na

inocência e ignorância, em que se apresenta o Espírito nos primeiros estágios de sua humanidade, não é de fato o seu ponto original, o seu instante de criação primitiva. Considerando prematuro, porém, tratar então de nossa verdadeira gênese espiritual, Kardec adota essa fase de inocência e ignorância como referência do momento inicial da condição humana: “Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos”. O mesmo raciocínio se repete no item 29 desse mesmo capítulo.

grande escala desde que não tenha igualmente fortificadas as suas duas asas de subir – desde que não tenha equilibradas as duas potências: intelectual e moral.

O sábio, cuja virtude não seja igualada pela sua fé, marcará passo nas vias do progresso, até que, em subseqüentes existências, consiga equilibrar as duas.

O santo, cuja virtude não seja igualada por sua ciência, marcará passo, do mesmo modo, até que, em ulteriores existências, chegue a equilibrá-las.

O equilíbrio, pois, é lei essencial do progresso dos Espíritos, tanto nas causas materiais como nas morais.

E dizemos assim, porque as causas materiais que afetam o Espírito, são o esmeril que faceta para refletir a luz da verdade, que é Deus.

Aqueles que mantêm o equilíbrio em tudo o que concerne à vida de relação, fortificam-se para mantê-lo em tudo o que afeta sua evolução espiritual.

O contrário sucede aos que levam uma vida sem regímen, sem ordem, sem equilíbrio, porque estes não poderão jamais equilibrar-se moralmente.

Tudo se prende e se harmoniza na natureza, embora nossa fraca compreensão não encontre relação entre o mundo material e o espiritual.

A fraqueza da vida de relação faz o Espírito, que se lhe entrega, impotente para subir nas vias do progresso para o aperfeiçoamento.

E, vice-versa, a firmeza no meio do turbilhão de forças encontradas, que constituem aquela vida, retempera o Espírito para as lutas pelo saber, pela virtude, pelo aperfeiçoamento.

Ponde ordem em todos os vossos negócios mundanos, submetei vossa vontade à lei do equilíbrio com relação a todos eles, e tereis aparelhado vosso Espírito para seguir avante sua rota em busca do porto do seu destino – a perfeição pelo progresso intelectual e moral.

Procurai fortalecer-vos, tanto no estudo da ciência como no das leis que regulam as causas da fé.

Procurai fazer que estas duas asas se avigorem por igual em vós; tereis, como a águia, força para subirdes até encarar o Sol – o Sol da verdade e do bem – o Sol que dá luz ao Sol e às estrelas – o Sol dos sóis, que é Deus.

Se não estabelecerdes o equilíbrio entre vossa razão e vosso coração – se não submeterdes a ele vossa vontade, chegareis ao posto, porque ninguém se perde – porque todos os filhos pródigos hão de, mais cedo ou mais tarde, volver à casa paterna; mas que de misérias, de dores e de cruciantes sofrimentos, não vos acatarão a alma, por seu livre-arbítrio, desertada da estrada real, para se embrenhar por sebes desconhecidas – por carreiras, onde os espinhos e as pedras aguçadas vos rasgarão as carnes e vos ferirão os pés?

E por quanto tempo, digamos mesmo séculos, o Espírito transviado levará neste inferno de sofrimentos, até que se volte para o Oriente, donde vem a luz!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 19.03.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9396

Artigo CCCXXXIV - O PAIZ, 26.03.1894

É lei de nossa natureza moral: “diante do túmulo, que encerra os despojos de um ente amado, ninguém é incrédulo e o primeiro brado, que sai do coração, é: meu Deus! meu Deus!”

A razão disso é que nossa natureza distingue-se da natureza animal, não pela razão de que os brutos possuem os rudimentos, mas pela fé – pela faculdade de crer, de que só o homem é dotado.

Daí, como dedução lógica e forçada, ser a incredulidade uma violência à natureza humana que, nos momentos de uma dor que punge, reage e solta aos ventos aquele brado d’alma: meu Deus! meu Deus!

Se todos os homens refletissem por um instante sobre o que se passa dentro de si nas ocasiões de acerbos agonias e tirassem do que observassem naquele instante as deduções naturais, reconheceriam que, malgrado sua razão desvairada arrastá-los para a descrença, sua consciência, que é o termômetro e o espelho da verdade, as chama para a fé, e bradariam, uníssonos, meu Deus! meu Deus!

Imagine-se um coração sensível e amante, que tem diante dos olhos o quadro lutuoso de um filho amado, estendido sobre o leito, que lhe será em pouco o catafalco.

Vendo empanar-se, de hora em hora, o brilho daqueles olhos, por onde se expandiam doces afetos; vendo apagar-se progressivamente a luz de sua inteligência, que se irradiava, brilhante, pelos espaços sem fim; vendo, finalmente, pelos olhos da alma, ao lado desse desfalecimento, desse próximo extinguir-se, a cova aberta a convidá-lo a sumir-se, a desaparecer da cena do mundo; imagine-se isto e com a mão na consciência diga-se: qual dos dois, o crente e o incrédulo, pode resistir ao golpe daquele espetáculo?

Nós, os crentes, vemos ali um fruto maduro, que só espera que o venha colher a mão bendita do celeste jardineiro.

Nós, os crentes, temos ali, diante de nossos olhos, a larva que se transforma em borboleta de asas iriadas ao sol da liberdade, do amor e do progresso realizado.

Nós, os crentes, elevados nas asas da esperança às regiões onde imperam o verdadeiro amor e justiça, confiamos que a esse nada de sofrimento, em que se estorce o ente amado, sucederá uma eternidade de gozos.

Nós, os crentes, sabemos, pois, que o bem amado sorve naqueles momentos que à nossa fraqueza parecem séculos, o líquido cujo travo participa das qualidades do fel do Gólgota e das doçuras do maná do deserto.

Nós, os crentes, ouvimos naqueles angustiosos momentos as sacrossantas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: “bem-aventurados os que sofrem porque serão consolados”.

Nós, os crentes, temos a mais completa certeza de que a morte é a porta por onde se sai da prisão para a liberdade, da morte para a vida.

Nós, os crentes, acreditamos com ciência certa que o ente amado não se extingue senão na forma carnal; que o seu ser toma outra forma: a sua forma essencial, de que aquela é apenas uma vestimenta passageira; que sob a nova forma ela tem a consciência de sua individualidade, com a memória de tudo de suas vidas passadas; que, separados pela perda do corpo, que é o meio de comunicar diretamente com eles, vive com eles, comunicando e convivendo com eles em Espírito; que portanto não o perdemos senão para as obras materiais, mas que apenas nos separamos temporariamente, como se dá entre os vivos, antecipando-se na viagem que também temos de fazer; e que, quando a fizermos, encontrá-lo-emos e conviveremos em melhores condições que as deste mundo de misérias.

A morte, pois, é para o crente uma breve separação e, diante desta perspectiva, por que desesperar? por que não bradar, bem dos seios d’alma: meu Deus! meu Deus!

O incrédulo, sim, não pode deixar partir aquele brado senão n’um momento extremo.

É um brado arrancado por sua natureza crente à sua razão descrente!

O incrédulo o que vê naquele leito, que vai transformar-se em catafalco?

Vê um abismo, um báratro medonho, insondável, onde para sempre vai sumir-se o objeto de seu encendrado amor; vê este caro objeto reduzir-se a *nada*, sem mais nunca poder-lhe ouvir as ternas palavras que lhe vêm do coração, sem lhe poder retribuir mais nunca, nunca! os afetos extremosos que mais se apuram pela perda.

Oh! que horror, meu Deus!

Amar o *nada* – uma sombra que se desfez – uma miragem que nos encantou!

Amar, ter o peito a arfar desse sublime fluido, e sentir, ter para si a certeza de que o objeto de tão estremecido sentimento está perdido para sempre, para sempre! porque foi reduzido a nada!

Desgraçado incrédulo! por que não refletas na impossibilidade de haver uma função humana sem razão de ser, um órgão humano sem seu objetivo fora de si?

Não vês que a vista supõe a luz, que o ouvido atesta a existência do som, que o fato³² afirma a resistência da matéria?

Como então, infeliz, acreditates que a fê, que embora não a sintas, não podes duvidar de que existe no seio da humanidade, não supõe, não atesta, não afirma, fora da humanidade, o seu objetivo, que é Deus?

Como então, desgraçado, acreditates que o amor, que sentes, pode subsistir; que o seu órgão – o coração, pode guardá-lo depois de perdido o que lhe foi o objeto gerador?

Rende-te à verdade, pobre cego, e verás como desse campo da descrença, que te escalda e te calcina, ao fogo do desespero, brotarão flores que com seu perfumado aroma far-te-ão consolar-te, pela esperança; resignar-te, pela fê; diante do quadro que esboçamos.

Procura em ti, e encontrarás a ciência da verdade – a verdade que é Deus.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 26.03.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9434

32 (Nota do Organizador) Aqui no sentido de conjunto de peças de roupa, vestuário. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CCCXXXV - O PAIZ, 02.04.1894

Já o temos dito: o fato universal de sofrerem todos os que vêm à vida terrena e de sofrerem desde que nascem até que morrem, nascendo e morrendo, ou começando e acabando a vida por dolorosos sofrimentos, dá o mais bem fundado juízo de que a Terra é estação de dores e de expiação, verdadeiro Purgatório qual o que imaginou a Igreja em regiões desconhecidas e depois desta vida.

É purgatório a Terra, e a vida aí é de expiação.

Mas, se começamos por um grito de dor, se a criança, ao nascer, chora e nunca ri-se, muitas já vêm até assinaladas com o estigma da condenação, como o surdo, o mudo, o cego, o aleijado, o idiota e de mil outros modos, pergunta-se:

Como e por que vir ao purgatório, a uma vida de expiação, quem não tem culpas a expiar, mazelas a purgar; quem acaba de ser criado, e é conseguintemente inocente de todo o mal?

Deixemos de parte a lenda do pecado original, que explicaria o fato, mas não é mais para o espírito de nosso tempo, *primo*, porque o pecado é do Espírito e o Espírito do pai não é o que gera o do filho, e portanto não lhe pode passar as suas máculas; *secundo*, porque são da escritura estas palavras do Senhor:

“Nem o pai paga pelas faltas do filho, nem o filho pelas do pai; mas paga cada um por suas próprias faltas”³³.

Deixemos, pois, esta lenda do tempos da infância da humanidade, e consideremos o fato à luz do progresso realizado em nosso planeta.

Se cada um paga por suas próprias faltas, repetimos a pergunta:

33 (Nota do Organizador) *Ezequiel*, 18:20.

Como e por que vir ao purgatório, a uma vida de expiação, quem não tem culpas a expiar, mazelas a purgar; quem acaba de ser criado, e é conseguintemente inocente de todo o mal?

Evidentemente, só por um cúmulo de despropósitos e absurdos monstruosos se pode dar semelhante coisa!

Se fosse um ou alguns ou muitos que viessem a esta estação de sofrimentos, *transeat*³⁴; poder-se-ia explicar por erro de direção, aberração, exceção, ou o mais que sugere a mente dominada pelo fanatismo de uma única existência corpórea.

Sendo, porém, como é, vir a generalidade, a totalidade dos homens, sem uma exceção sequer a este mundo, para sofrer-lhe as dores expiatórias; que explicação pode-se imaginar para o fato de virem já em sofrimento sem terem razão para sofrer?

Ora, quem observa atentamente a ordem admirável que preside à evolução dos fenômenos, tanto da ordem física como da moral, não pode admitir, nem por pensamento, aquilo que qualificamos um cúmulo de despropósitos e absurdos monstruosos, que destrói, por seus fundamentos, a ordem universal, na parte a mais importante da criação.

Há, pois, um véu espesso a encobrir a verdadeira lei que rege aquele fato, lei que, uma vez conhecida, fará a luz sobre o fato que põe em litígio a razão com o ensino dogmático da Igreja.

Esta lei, repisa-la-emos hoje e sempre, é a vida múltipla do ser humano, do Espírito, da alma, como vulgarmente se chama a nossa essência imortal.

Por ela temos que a Terra é mundo de expiação; que a ela só vêm os Espíritos que têm lepra do mal a curar, que o meio da cura é o sofrimento suportado com resignação, e que, portanto, é lógica e de conformidade com a mais sublime ordem, que todos aqui sofram, porque devem e têm razão de sofrer, e que todos entram aqui dando um grito de dor, chorando em vez de rir, porque todos vêm carregados de culpas.

Todos vêm carregados de culpas acumuladas em passadas existências, mas há uma infinita variedade no peso dessa carga.

Uns apenas vêm lavar-se de ligeira tisona, que lhes ficou do mal que os contaminou e de que já, em anteriores existências, se depuraram.

34 (Nota do Organizador) Palavra latina. Passe; acabou-se; não se fale mais nisso. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

São estes, por via de regra, os que constituem a falange dos que pouco se demoram no cárcere corpóreo, no purgatório terreal: as crianças e os moços, que se despedem da vida, porque, pouco devendo, depressa pagaram e, uma vez quites com a suprema justiça, não podem mais sem injustiça permanecer na estação destinada aos criminosos.

Outros, vem como um passivo extraordinário, e por muito que trabalhem, de longo tempo precisam para obter a quitação, que todos alcançam, mais cedo ou mais tarde, com sofrimentos menores ou maiores, e alcançam, porque todos os filhos hão de ir à casa do Pai, porque a salvação é universal, porque nem um cordeiro do rebanho confiado a Nosso Senhor Jesus Cristo, nem um se perderá.

São estes os que constituem, sempre por via de regra, as falanges dos que vão a maior longevidade; porque o amor do Pai lhes concede longo prazo na vida presente, como o concede a todos, na eternidade.

Entre esses dois extremos, há um sem número de graduações, relativas ao variabilíssimo peso das cargas de culpas de cada Espírito que vem à Terra.

Daí a variedade de idades em que se morre; sendo entretanto necessário notar que em toda a idade pode-se morrer, sem que se tenha satisfeito a dívida, por efeito de outras leis, que tornam o corpo, aparelho da expiação, incapaz para a vida de relação.

Além desta larga exceção à lei da duração da vida, em relação à carga de culpas de cada um, temos ainda outra e bem importante.

Um homem paga sua dívida, suponhamos, aos 40 anos, e, pois, deveria partir da Terra, por não ter mais o que fazer nela; suas virtudes, porém, lhe alcançam do Pai a graça de uma missão, e ele continua a viver, não mais expiando, porém exemplificando, evangelizando ou coisa assim.

Max.

(Da União Espírita)

Artigo CCCXXXVI - O PAIZ, 09.04.1894

Hoje, uma ligeira conversa com os fanáticos romanistas, que não admitem a progressividade da revelação, aferrados à crença de que Jesus trouxe à Terra toda a luz que do Céu pode-lhe vir.

O fanatismo e o espírito de sistema são, em religião e em ciência, verdadeiros obsessores da razão, ao ponto de fazê-la resistir à lógica mais cerrada e às provas materiais as mais palpáveis.

Tornam-se moléstia – verdadeira monomania, que só admite, só aceita como verdade, o que lhes dá o prisma – o seu prisma – o único infalível.

É mais difícil convencer um fanático e um sistemático da mais grosseira falsidade de uma ideia de sua crença ou de sua ciência, do que fazer um louco reconhecer seu estado doentio.

Parecerá, pois, uma verdadeira loucura o propósito que denunciaremos: de conversar hoje com os fanáticos romanistas, desde que os temos em conta de irredutíveis.

Há, porém, em meio de todas as fraquezas humanas, uma lei, que as subjuga a seu império, e que como a fé, faz os cegos verem – os surdos ouvirem – e os paralíticos andarem.

É a lei do progresso que, por obra da misericórdia do Pai, arrasta, sem forçar a liberdade, a inteligência e a vontade, das trevas para a luz – do erro para a verdade – do mal para o bem – do zero até o grau mais elevado da escala infinita do aperfeiçoamento do Espírito.

Por essa lei, a que são sujeitos todos os seres da criação, o homem e o Espírito, por mais aferrado que seja a um erro, recebe providencialmente os embates da verdade – as claridades da luz, até que sente aluir-se o edifício que sempre teve por inabalável – e

aí vai o monomaniaco, por seu próprio livre-arbítrio, em marcha, mais lenta ou mais acelerada, pelo carreiro da razão esclarecida.

A todos e sempre, este processo, pelo qual o Pai de amor, sem fazer violência à liberdade de seus filhos, os chama docemente às vias do progresso, que levam às sumas grandezas dos Espíritos.

Nunca será, portanto, perdido o tempo que se empregar na tentativa de curar a monomania do fanático e do sistemático.

E eis porque vamos hoje, ainda uma vez, que não será a última, conversar com o primeiro daqueles desarrazoados.

Tomemos um ponto, aliás já muito por nós batido, as penas eternas, que se cumprem no tenebroso e pavoroso Inferno.

Antes de tudo uma preliminar:

É crível que Deus tenha dado ao homem a razão, para só lhe servir no que entende com às coisas da vida de relação – e que seja traste inútil para tudo que concerne à vida futura ou espiritual?

Só um imbecil poderá dar fé a tal hipótese.

A razão, pois, é a luz que temos para discernirmos a verdade do erro – o bem do mal.

É claro que a luz da razão é mais ou menos intensa – penetra mais ou menos fundo – alcança mais ou menos longe, conforme o maior ou menor grau de progresso do Espírito.

Em todo o caso, quem vai com sua razão é como quem vai com sua consciência, vai seguro, porque vai firmado no bordão que Deus lhe deu.

Apliquemos, pois, a razão, à questão das penas eternas e do Inferno.

Em primeiro lugar, ela nos diz que se o homem imperfeito não mata o filho, qualquer que seja sua falta, seria colocar Deus abaixo do homem, admitir que mate seus filhos, que tanto vale a condenação às penas eternas.

Em segundo lugar, ela nos diz: que, se nas sagradas letras se encontram textos que falam do Inferno e das penas eternas, também na mesma fonte se bebe o princípio da salvação universal.

É assim que Deus, falando por *Ezequiel*, diz: “Eu não quero a morte do ímpio, mas sim, que ele se converta e venha a mim... Eu não viverei eternamente em guerra com meus filhos...”³⁵

35 (Nota do Organizador) Ez. 33:11.

Não é tão clara, nestes textos, a lei do perdão, única que condiz com a clemência e com o amor do Ser de infinitas perfeições?

Acodem os fanáticos, que levam a monomania até sustentarem: que Deus não seria Deus, se o Inferno não existisse; acodem estes pobres cegos, dizendo:

“Não pode ser assim, porque Jesus, cuja boca nunca pronunciou senão a verdade, a puríssima verdade, falou mais de uma vez do Inferno e das trevas eternas.”

Falou, com efeito, mas como queriam que falasse, achando-se em meio de gente atrasada?

Na história sagrada do Novo Testamento, mesmo que não fosse de razão acomodar-se a revelação à capacidade das gentes do tempo, encontra-se a prova, insuspeita para o católico romano, de que a linguagem dos inspirados eram conforme aos usos e crenças do povo.

À página 283 do 1º tomo da de Roquette³⁶, lê-se, com referência ao fato de haver Josué mandado ao Sol que parasse, estas palavras, que confirmam o nosso conceito:

“Neste e n’outros muitos lugares, *acomoda-se a escritura ao modo de falar dos homens*, assim como dizemos ainda hoje que o Sol nasce, *põe-se*, posto que saibamos que não é o Sol que anda, senão a Terra em roda dele.”

Jesus, pois, falando do Inferno e das trevas eternas, não consagra a verdade de tais coisas, mas sim fala delas de conformidade com o modo porque delas falavam os homens do seu tempo.

E, pois, a palavra de Jesus não autoriza a fé na verdade do princípio ou da lei das penas eternas.

E, uma vez que tal princípio está em formal oposição ao do perdão, que implica o da salvação universal, revelado por Ezequiel, perguntamos: qual dos dois é mais racional, considerados em relação ao Pai de infinito amor e de infinita misericórdia?

Eis, pois, como uma falsa apreciação, feita por quem tem a razão obscurecida pela monomania do fanatismo, leva a crenças que, embora tivessem tido razão de ser, são hoje obsoletas e perniciosas.

36 Dr. Bezerra parece referir-se aqui à obra *História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento*, em 2 Tomos, do Cônego J.I.Roquette (Paris, 1856).

O Espiritismo, que o católico repele, confirma tudo o que aí fica esclarecido, demonstrando *experimentalmente* o princípio das vidas múltiplas reparadoras, que destroem a possibilidade de penas eternas e firmam um sistema digno da Infinita Grandeza.

De um lado, um Deus cruel – de outro, um Deus clemente!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 09.04.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9511

Artigo CCCXXXVII - O PAIZ, 16.04.1894

Longe dessa capital, donde só mui tardios nos chegam os jornais, e só com outra tanta demora poderão lá chegar nossos pobres escritos, eis a razão por que só hoje nos é dado responder ao distinto escritor, que abrilhanta, com sua bem aparada pena, as páginas de *O Paiz*, sob a inicial – *N* – outr’ora nos *Bilhetes Postais* e agora nas *Cartas Abertas*.

N – em *O Paiz* de 21 de março próximo passado, referindo-se aos fracos reparos que fizemos a um escrito seu sobre o livro de Éliphas Lévi³⁷: *La science des esprits*, diz que, fugindo às suas crenças e forçado pela necessidade de consolação, foi refugiar sua alma nas páginas misteriosas daquele livro – e confessa: que saiu delas mais brando de tormentas e mais aliviado de desesperanças.

Acrescenta, porém, que, mais calmo, e pelo correr dos dias, sentiu desvanecerem-lhe as ideias que lhe foram, por muito tempo, o bálsamo beneficiador – e começou a duvidar daquelas ideias perfilhadas.

Por fim, e depois de declarar: que deseja, mas nunca teve ensejo de estabelecer relações com os Espíritos – com o mundo invisível, provoca-nos a pôr em evidência as verdades *verdadeiras*, ensinando os meios pelos quais se possa chegar ao perfeito conhecimento da vida imaterial.

A outro, que tenha real competência para explanar os princípios da nova lei, cuja revelação começa a iluminar a Terra, quer

37 (Nota do Organizador) Dr Bezerra retoma aqui o tema dos artigos CCCXXXI e CCCXXXII, respectivamente de 05 e 12 de março de 1894 (págs. 29 e 33 deste volume, acima).

pelo lado científico, quer pelo religioso, devera – *N* – pedir luz; que a nós, simples neófitos, nos escasseia.

Uma vez, porém, que nos veio bater à porta, faremos por acolhê-lo o melhor que nos seja possível.

Mais faz quem quer do que quem pode.

Há dois meios de satisfazer os desejos do ilustrado jornalista: expôr todos os princípios dessa filosofia sem rival, que toma o Espírito humano no berço de sua criação – acompanha-o em sua revolução, através dos séculos – e dá o que já podemos compreender, a respeito de seu destino; ou propor-nos – *N* – todas as dúvidas que lhe perturbam a crença, uma a uma, discutindo-as conosco.

O primeiro daqueles expedientes, além de já ter sido o nosso trabalho, por estas colunas, durante mais de um lustro, reclamaria um livro de grosso volume, para se desflorar simplesmente a matéria mais importante da profunda ciência que emerge do Ocultismo antigo – e se desdobra hoje aos olhos dos que de boa vontade procuram *rerum congoscere causas*³⁸.

O segundo, pois, é o mais fácil – mais curial³⁹ – mais profícuo – e mais ao alcance de quem, como nós, ainda tateia nas trevas da ignorância e se deslumbra às claridades dessas magnificências, que Deus vai revelando, à medida que os olhos de nossa alma vão, pela lei do progresso infinito, adquirindo a força de suportar-lhe os benditos raios.

Vamos, pois, propor a – *N* – um plano de discussão, que será para ambos um utilíssimo estudo: o ilustrado interpelante dirá suas dúvidas sobre um ponto da alta doutrina – e nós faremos, com o pouco que dela sabemos, o maior esforço por elucidá-lo.

De um ponto passaremos a outro – e, quando lhe aprouver, já bons amigos que contamos haveremos de ser, faremos, juntos, o que temos nós feito, isoladamente: faremos a prova experimental, científica, da verdade de todos esses princípios, que tivermos discutido – e, porventura, de outros que ainda não tenham passado por aquele cadinho, que é na atualidade o único critério da verdade.

38 (Nota do Organizador) Expressão latina. Penetrar os segredos das coisas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

39 (Nota do Organizador) Próprio, conveniente, conforme o uso forense. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

N, que não é suspeito de fanatismo, nem da eiva de espírito de sistema, como talvez sejamos para muitos, se incumbirá do *compte rendu*⁴⁰ das sessões práticas – e sua publicação dará aos que não creem uma base para deixarem de doudejar⁴¹ por teorias sem fundamento.

Este estudo, feito à vista de todos – feito por um suspeito e um insuspeito, terá mais valor, para os que não são cegos da pior cegueira, do que quanto livro se possa publicar.

E, se o nosso interpelante quiser dar ao público mais ar-chas⁴² da verdade do nosso estudo, associaremos a ele algum cavalheiro de ideias materialistas puras; mas que, como homem da ciência, procure a verdade, de boa vontade, onde se lh'a possa oferecer, sem orgulho dos falsos sábios, que não transigem com suas ideias, acreditando que o círculo de seus conhecimentos resume toda a ciência do passado – do presente – e do futuro.

Acreditamos que melhor não podemos corresponder ao apelo do ilustrado jornalista, do que colocando a questão controversa em uma base tão larga e tão alta que não possa ser atingida pela mais leve suspeita.

Dividiremos, pois, o nosso trabalho em duas partes: teórica e prática - discussão e experiência.

A primeira, já está iniciada pela carta aberta de 21 de março, a que vamos dar a mais cabal resposta, que nos permitam nossas fracas forças.

A primeira continuará pela exposição das dúvidas do nosso distinto interpelante, se lhe aprouver aceitar nossa respeitosa proposta.

Quando à segunda, é bem de ver que será iniciada após o termo da nossa discussão, em que esperamos pôr em evidência os princípios fundamentais da vasta e profunda cosmogonia es-pírita.

Como este artigo é propriamente um exórdio ou preparação, para os que se lhe vão seguir, não vem a mau propósito qualquer

40 (Nota do Organizador) Locução francesa. Relação de um facto, sucesso ou trabalho; relatório ou ata de uma sessão. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

41 (Nota do Organizador) O mesmo que doidejar. Fazer doidices, disparatar, brincar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

42 (Nota do Organizador) Antiga arma usada pelos archeiros, constituída por uma haste longa terminada em pique e cutelo. (Fonte: *Infopedia.pt*)

esclarecimento, que nos dê, a nós e a *N*, posições definidas e seguras orientações.

Vamos responder à carta de 21 de Março, independente de qualquer declaração de seu autor; mas terminaremos, com esse trabalho, tudo o que a ele se refere, e seguiremos o nosso carreiro, já de há muito percorrido, se o distinto jornalista nada nos tiver dito sobre a proposta, que acabamos de fazer-lhe.

Será, porém, muito de lamentar que o ilustre escritor evite um choque, do qual pode sair alguma e por ventura muita luz.

No próximo artigo, entraremos na matéria da carta, tratando embora, *per summa capita*⁴³, as questões que ela feriu.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 16.04.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9554

43 (Nota do Organizador) Locução latina. Sem entrar em pormenores; resumidamente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CCCXXXVIII - O PAIZ, 23.04.1894

Em nosso passado artigo tomamos o compromisso de apreciar os elevados conceitos da carta que tão gentilmente dedicou a Max o ilustrado escritor das *Cartas Abertas*.

Vamos, pois, começar de hoje este trabalho, tanto mais árduo quanto o brilho da imaginação de nosso interpelante ofusca a já de si opaca luz de nossa desfavorecida mentalidade.

Seja-nos isto a desculpa de não ser a resposta na altura da pergunta.

O homem é, inquestionavelmente, o único ser que aspira à posse da verdade e do bem, o único que anseia pela luz; tanto que, quanto mais sabe, mais procura saber; quanto mais pratica o bem, mais se deleita em praticá-lo.

E é por isto e para isto que lhe foram dadas em apanágio a razão e a consciência.

Demoremo-nos aqui – e cogitemos.

Duas sérias questões se levantam deste simples enunciado: – 1^a, é só o homem que foi dotado daqueles predicados? – 2^a, o que têm eles com a aspiração humana à posse da verdade e do bem?

Naturalistas dedicados à escavação de fontes da negação pretendem achar no animal a inteligência – o amor – a estrutura – e até a moralidade do homem. Daí a questão que levantamos.

Mas não é lícito confundir a inteligência com a razão; e tanto que as raças animais não fazem progresso através dos séculos, dizendo a este respeito o sábio Causette⁴⁴ que os macacos do

44 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette (1819-1880) - filósofo e padre francês, já citado nos volumes anteriores. (Fonte: Biblioteca Nacional da França - <https://data.bnf.fr/en/12463128/jean-baptiste-causette/>).

tempo de Pharamond⁴⁵ eram tão adiantados em civilização como os de nosso tempo.

E não há quem desconheça esta verdade absoluta.

O animal tem, pois, inteligência, como o homem, mas só este possui a razão: faculdade destinada à percepção das causas imateriais, em suas relações de causas para efeitos.

O animal pode ser educado – pode aprender; mas tanto é pela inteligência, que não pela razão, que o consegue, que ainda não se viu algum deles transmitir aos de sua espécie o que aprendeu do homem.

Este, sim; ainda mesmo colocado no ínfimo degrau da escala humana, como por exemplo o hotentote ou o samoiedo, guarda o que lhe ensinam, e passa-o aos seus.

É, pois, a razão, essa luz que foi dada ao homem para descortinar horizontes imperceptíveis à simples inteligência, é faculdade exclusivamente humana.

Enquanto os animais não compuserem a sua *Iliada*, não escreverem seus discursos sobre o método, não fundarem escolas normais em suas florestas; sustentaremos, parodiando o sábio citado, que não são como nós – racionais.

Se, portanto, o animal não é dotado de razão, muito menos se pode acreditar que o seja de consciência: faculdade especial, que forma com aquela um *duo*, de cujo equilíbrio depende a percepção e a aquisição da luz.

Com efeito; quem pensará em dar ao ser irracional o poder de conhecer e de apreciar o bem, o poder de submeter àquele estalão seus próprios atos e os dos seus semelhantes?

Consciência e razão são, pois, exclusivos predicados do ser moral, do homem; única que, em toda a série dos seres, pode, por aquelas duas faculdades, elevar-se às alturas infinitas do saber e da virtude, da verdade e do bem, da luz que irradia de Deus e que revela a Deus.

Mas, o que têm estas faculdades com a aspiração humana de possuir a verdade e o bem?

Esta pergunta vale estas: o que tem o olho com a luz, o ouvido com os sons, o olfato com as emanações odorosas?

45 (Nota do Organizador) Pharamond, também escrito Faramund, é um lendário rei primitivo dos francos, mencionado pela primeira vez no anônimo *Liber Historiae Francorum* do século VIII. (Fonte: Wikipedia)

De fato; para cada ordem de fenômenos, físicos e morais, o homem recebeu do Criador um sentido especial, ou antes, um aparelho, que é indiferente a tudo a que não entende com a sua função.

O aparelho da vista é indiferente aos sons – o da audição é indiferente ao fluido luminoso.

Daí resulta: que os sentidos, os instrumentos da percepção dos fenômenos do mundo material, não podem servir de meios de percepção dos fenômenos do mundo imaterial.

Deve haver, pois, aparelhos especiais para a percepção dessa ordem de fenômenos; se é verdade que eles existem – se é verdade que o homem deve penetrar nesses meandros por uns proclamados e por outros repelidos.

E a lei similar da que rege o mundo físico é esta: se tais fenômenos existem e devem ser percebidos pelo ser humano, há de haver nele aparelhos especiais, como os há para a percepção da luz, dos sons, das emanações odorosas, etc, etc.

E, *vice-versa*, se existirem naquele ser aparelhos especiais, sem aplicação aos fenômenos do mundo físico, é isto uma prova irrecusável de que sua aplicação é a fenômenos do mundo imaterial, que portanto existe.

Uma causa denuncia a outra: como os sons denunciam a existência do sentido de audição, como este sentido denuncia a existência dos sons.

Pois bem; a que ordem de fenômenos do mundo material podem-se aplicar a razão e a consciência? Não respondam com subterfúgios.

Razão e consciência, portanto, são faculdades privativas do ser humano, destinadas especialmente, embora com o auxílio dos sentidos e das outras faculdades, à satisfação dessa aspiração humana, à posse da verdade e do bem, cuja expressão sintética é – luz.

Sendo assim, é intuitivo que todo o homem que der um passo para a luz, deverá sentir-se bem, como sói acontecer a quem satisfaz uma necessidade de sua natureza.

É por aí que se compreende a razão porque N, fugindo às crenças (falsas) encontrou no livro de Éliphas Lévi (rico de verdades) calma e esperança.

E é por estes efeitos, produtos das diversas doutrinas morais e cosmogônicas, que se pode pesar, como em balança, a fal-

sidade e a verdade das doutrinas que disputam a posse das consciências.

E ainda se vai além; reconhece-se as que se afastam mais e menos da verdade – e as que se lhe aproximam mais e menos. Trataremos desta verificação.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal O Paiz, edição de 23.04.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9596

Artigo CCCXXXIX - O PAIZ, 30.04.1894

O ilustrado autor das *Cartas Abertas*, em sua carta a que respondo, diz: que *fugindo às suas crenças, foi, por necessidade de consolação, refugiar sua alma nas página do livro de Éliphas Lévi – e que delas saiu mais brando de tormentos e mais aliviado de desesperanças.*

Em nosso passado artigo, mais latamente do que era mister, desenvolvemos a teoria do aperfeiçoamento progressivo e infinito do ser racional e consciente, no sentido da aquisição da verdade e do bem, da ciência e da religião, do intelectual e do moral.

Da aspiração natural que possui todo o homem de realizar aquele aperfeiçoamento, dissemos: resulta que sentimo-nos bem quando damos um passo pela senda que nos conduz à verdade e ao bem, assim como sentimo-nos mal quando nos afastamos daquela trilha.

N'um e n'outro caso, nossa alma ouve as vozes íntimas da razão e da consciência; e eis a explicação do sentimento de prazer ou de pesar que a domina.

Feliz o que se rende a essa voz e continua pela senda por onde enveredou ou que a procura se dela se afastou.

O nosso interpelante nos dá testemunho dessas singelas verdades.

Fugindo às suas crenças, foi procurar consolações nas páginas de um livro que prega a doutrina espiritualista.

Logo, *N* não era espiritualista.

E delas saiu mais brando de tormentos e mais aliviado de desesperanças.

Logo, *N* em suas crenças antigas e materialistas vivia atormentado e [desesperançado]⁴⁶.

O materialista não encontrou em suas crenças senão o sofrimento e a desesperança.

Logo, o materialismo não é meio de satisfazer a aspiração do ser racional e consciente.

Recorreu, porém, às ideias opostas, às da escola espiritualista; e colheu por elas o *bálsamo beneficiador*.

Logo, o espiritualismo é meio de satisfazer àquela aspiração, encaminha à verdade pela razão, encaminha ao bem pela consciência, encaminha à luz pelo *duo*, conjunto daquelas faculdades.

Parecerá tudo isto muito metafísico; mas ao espírito pensador tudo isto é tão claro quanto rigorosamente lógico.

Se a aspiração natural do homem é a posse do bem pela felicidade que proporciona – o que há de mais lógico do que sentir-se intimamente bem o que dá um passo para o alto fim – e sentir-se intimamente mal o que dá um passo que mais o afasta dele?

Esse sentimento íntimo, que, em geral, se despreza, é, como foi dito, a voz da razão e da consciência, que nunca mente – é o termômetro infalível de que vamos bom ou mau caminho.

Enquanto viveu cultivando as ideias materialistas, *N* viveu acicatado por sentimentos deprimentes: não ia bom caminho. Depois que, fugindo àquelas ideias, procurou as opostas, espiritualistas, *N* achou-se mais brando de tormentos e mais aliviado de desesperanças: tinha tomado o bom caminho.

Pode o ilustrado escritor ter ainda dúvida de que deu um passo para a verdade e para o bom caminho, de que encaminhou-se para a satisfação de sua aspiração natural, embora desconhecida ao seu eu?

As leis morais são com as físicas, denunciam-se pelos fenômenos que [delas]⁴⁷ decorrem.

É, pois, pelos sentimentos, expansivos ou deprimentes, que experimentamos quando praticamos um ato de caráter moral, que lobrigamos a existência de uma lei; que traça a marcha dos Espíritos; digamos: dos homens, para a realização de seu destino.

46 (Nota do Organizador) O texto original encontra-se ilegível neste ponto. Completamos com a palavra que nos pareceu fazer mais sentido com o conjunto do parágrafo. Seguiremos esse padrão no trecho a seguir, até o final deste artigo.

47 (Nota do Organizador) Idem nota anterior.

E é que nestes⁴⁸ fenômenos, bem evidentes às inteligências cultivadas, que reconhecemos estar o destino humano mais alto do que o julga o materialista – nas alturas em que o coloca a Revelação Espírita.

Se o homem fosse somente destinado à vida corpórea, não teria aspirações tão fora e tão acima desse estreito círculo; [trecho ilegível] soleníssima mentira à natureza humana!

A única explicação da verdade que levou Malebranche a dizer: “*Sors tua mortalis, non est mortale, quod optas*”⁴⁹ é a [trecho ilegível] da existência além da morte.

[Das duas uma]: ou não acabamos com a [morte]⁵⁰ e nosso destino não se completa nessa vida – ou a nossa natureza, a natureza humana, é uma completa mentira!

N sentiu-se aliviado de suas mágoas e desesperanças, fugindo às suas crenças materialistas e refugiando-se nas espiritualistas.

Logo, aquilo é o erro e isto é a verdade – aquilo é o mal e isto é o bem.

Mas, como, *pelo correr destruidor dos dias se desvaneceram as ideias que foram por muito tempo bálsamo beneficiador?*

Se o espiritualismo a que N se [...] ⁵¹ é o campo onde se colhem os frutos da verdade e do bem; que só ali germina, cresce e produz, [...] ali vida deliciosa o que [...] propícia sombra, como [mais tarde] começa N a duvidar?

Nada mais simples...

[A verdade] é uma, eterna e imutável, [mas os modos] de conhecê-la são múltiplos e inumeráveis.

[O que um toma] por verdade, por falha [de seu juízo] outro reconhece que é [falso] por disposição do seu.

48 (Nota do Organizador) Fizemos aqui pequeno reparo ao texto original, que, por erro tipográfico, trazia apenas a palavra “estes”, nesse ponto, sem fazer por isso a conexão com a frase seguinte. Nós a substituímos por “nestes”, para tornar mais clara essa relação.

49 (Nota do Organizador) Vide notas 29 e 30, acima.

50 (Nota do Organizador) Outra lacuna do original, preenchida com o que nos pareceu mais apropriado ao trecho.

51 (Nota do Organizador) Trecho ilegível no texto original. Assinalaremos todos os que estiverem na mesma situação com estes colchetes [...], até o final do artigo.

O mesmo indivíduo, por seu progresso ou por emprego de mais aperfeiçoados meios, pode um dia reconhecer [como erro] o que antes considerou como [verdade incontestável].

[...] o absoluto só a Inteligência divina pode devassar.

[Sendo assim], nosso progresso, [nosso desenvolvimento] não atingirão, pois, a verdade absoluta, mas reclamam do ser pensante o esforço o mais [alto grau] da verdade, a verdade relativa [ao seu alcance], da verdade absoluta.

[Esta escala] é infinita e quando o Espírito [tem os olhos] fechados à luz, eis então porque o Criador vem em auxílio [...] dando-lhe luz, à proporção que seus olhos podem suportar.

[Prende-se a] esta lei o fato de *N* vacilar [diante da] luz do espiritualismo. Fica para o próximo artigo. y

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 30.04.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9640

Artigo CCCXL - O PAIZ, 07.05.1894

A razão porque *N* deixando o materialismo e passando ao espiritualismo, sentiu-se *mais brando de tormentos e mais aliviado de desesperanças*, já o dissemos ainda que muito ligeiramente: foi por ter passado de um meio mais distanciado da verdade e do bem, pelas ideias que nele se cultivam – para outro meio mais aproximado da verdade e do bem, pelas ideias que nele se cultivam.

Por outra fórmula: foi por ter dado um largo passo no caminho para seu destino de Espírito – foi por ter dado satisfação, embora em limitada escala, à aspiração de todo o ser racional e consciente: de ascender à perfeição.

A razão por que *N*, depois de ter dado aquele passo, que lhe trouxe íntimas satisfações, *com o correr destruidor dos dias, sentiu-se desvanecerem-se-lhe as ideias que foram-lhe bálsamo beneficiador – sentiu as garras pungitivas da dúvida*; foi porque, assim como o erro – o mal – as trevas têm infinitos graus, também a verdade – o bem – a luz os possui.

Deixando o termo do erro pelo da verdade, é natural que o Espírito se sinta bem; mas, se a verdade tem gradações, é óbvio que a primeira impressão do bem que ela produz, não enche a alma, que aspira maior bem pela conquista de maior grau da verdade.

Por outra: damos graças a Deus quando vencemos a moléstia e entramos na convalescença; mas as alegrias que esta nos traz, começarão a desvanecer-se diante da aspiração muito natural à posse da saúde perfeita.

Foi o caso do nosso interpelante.

Saiu das trevas para a luz – e sentiu prazer; mas em breve reconheceu que a luz era opaca – e sentiu vacilações – e sua alma teve sede de puras claridades.

Espere – não queira dar um salto, que lhe pode ser fatal – deixe que seus olhos se avigorem para poderem suportar luz mais intensa.

Foi-lhe um bem deixar as falsas ideias, que lhe envenenavam a alma; mas foi, talvez, maior recorrer a um livro de cunho católico, a fim de melhor preparar-se para receber as altas ideias da Revelação da Revelação⁵²: do Espiritismo.

Prometemos, em nosso passado artigo, expor a lei que rege a evolução dos Espíritos, desde sua criação até seu final destino, se o progresso espiritual pode ter fim. É chegada a ocasião e a propósito.

Deus cria de toda a eternidade – e criará por todos os séculos dos séculos.

O Espírito é criado em ignorância e inocência para desenvolver sua mentalidade até o mais alto saber e seus afetos até à mais sublimada pureza⁵³.

Para isto, a *larva humana* recebe logo, em estado latente, todas as faculdades indispensáveis a todas as gradações do infinito progresso, cuja conquista será lenta ou rápida, segundo o uso que ela fizer da liberdade, que lhe é dada com o ser.

A despeito de haver aparelhado o caro filho de tudo quanto possa precisar para a eterna viagem, o Pai de infinito amor, enquanto ele luta com sua própria fraqueza, manda-lhe, por seus eleitos, o auxílio da luz, que é a verdade e o bem, para que melhor se encaminhe, se, contudo, quiser recebê-lo, pois que o Senhor não tolhe o livre-arbítrio de suas criaturas.

Esta luz, porém, que se nos manifesta como uma revelação, não nos é dada sem conta ou medida.

A revelação das eternas verdades, que tantos, mal usando de sua liberdade, repelem como obra dos homens, tem o duplo caráter essencial: da *progressividade* em extensão e compreensão - e da *conformidade* com o estado de adiantamento da humanidade.

N pode-o verificar com a História sagrada na mão.

52 (Nota do Organizador) No sentido de que a Revelação Espírita explica, desenvolve e dá sequência ao que nos ensinou a Revelação Cristã.

53 (Nota do Organizador) Vide nota 31, acima.

Por Abraão, no tempo do maior atraso dos homens, foi revelada somente a existência do Deus *uno*.

Por Moisés, em tempo de progresso relativamente grande, já a Revelação do Sinai se estendia de uma família a um povo – e compreendia muito mais do que a existência de um só Deus, porque compreendia as relações e deveres dos homens para com seu Criador e para com seus semelhantes.

Por Jesus, em tempo de incomparável adiantamento, veio a sublime Revelação do amor e da caridade, superior em extensão por abraçar toda a humanidade e não mais um povo e uma família – superior em compreensão, tanto que, no decurso de 19 séculos, a humanidade ainda não conseguiu dar um passo fora das linhas traçadas pela palavra e pelo exemplo do filho do carpinteiro.

Ainda por Jesus, em meados do nosso século, do *século das luzes*, baixa a novíssima Revelação, complementar da Messiânica, que não pôde ser completa em razão da lei, porque a humanidade daquele tempo ainda não podia suportar (disse-o o próprio Jesus) o que bem desejava Ele ensinar-lhe.

E, pois, se a lei da revelação em auxílio dado por Deus aos homens, para que estes possam mais depressa libertar-se do erro e do mal, e penetrarem nas regiões serenas, em que o progresso se faz por entre flores, não permite que a luz desça sem conta ou medida; com relação ao indivíduo os fatos se passam pela mesma ordem, para serem proveitosos.

N recebeu agradável impressão da doutrina espiritualista, que encerra as verdades reveladas – e sentiu-se aliviado do peso da matéria, que constrangia seu Espírito n'um círculo de ferro incandescente; mas, *com o correr destruidor dos dias*, procurando a posse do seu novo reino, pelo exame das ideias que o constituem, encontrou-se, ainda aí, com trevas, que sua razão e sua consciência não puderam romper.

Daí este pungente sentimento de dúvida, que encerra, no fundo, o gérmen da descrença.

Não desanime – estude de boa-vontade – e verá todas as suas dúvidas dissipadas.

O espiritualismo, que pode ser chamado Cristianismo, encerra todas as verdades reveladas à Terra; mas reveladas segundo a lei: de conformidade com o adiantamento da humanidade.

Daí vem: que Jesus não ensinou todas as verdades, como ele mesmo o declarou – e que, mesmo as que ensinou, cobriu-as,

em grande parte, com o véu da letra, deixando ao progresso humano reclamar do amor do Pai nova Revelação que as interprete em *espírito e verdade*.

A Igreja guarda a interpretação literal, como o sacerdócio hebreu guardou a lei de Moisés, que Jesus veio explicar.

O Espiritismo, nova obra de Jesus e complemento prometido de sua Revelação, traz-nos verdades mais alevantadas – e vem explicar, em espírito, aqueles que ficaram sob o véu da letra.

Caminha *N* do ortodoxismo intransigente para o Espiritismo: religião científica – e verá suas dúvidas se dissiparem, sendo *claro* tudo o que entende com a evolução dos Espíritos, desde a sua criação até seu destino.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 07.05.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9688

Artigo CCCXLI - O PAIZ, 14.05.1894

Em nosso passado artigo convidamos N a caminhar do ortodoxismo para o Espiritismo, assegurando-lhe: que viriam *claro* tudo o que entende com a evolução dos Espíritos, desde sua criação até seu destino.

Não deixa-lo-emos caminhar só, por caminhos que ainda lhe são desconhecidos; e, pois, pedimos-lhe vênica para acompanhá-lo na jornada.

Para convencê-lo da verdade do nosso conceito, não faremos a exposição das fases por que passa o Espírito, desde que recebe o ser pensante até que se transforma em estrela luminosa, cujas irradiações vão progressiva e eternamente se essencializando.

Isto, encontrará o nosso ilustrado companheiro de explorações, na vasta cosmogonia espírita, já hoje desenvolvida por um grande número de autores, cujos nomes são acatados no mundo científico.

Propomo-nos hoje, simplesmente, a um estudo comparativo do materialismo – do Catolicismo – e do Espiritismo sobre os três pontos culminantes da vida humana: o nascer – o viver – e o morrer.

Veremos qual das três doutrinas pode manter suas ideias, a juízo da razão e da consciência, sem fanatismo ou espírito de sistema, diante das verdades *verdadeiras*, que emergem daqueles pontos.

Examinemos o nascimento – esta fase em que o Espírito apresenta-se tal qual é segundo sua natureza, e não tal qual o faz a educação.

Tomemos um fato que nos sirva de objeto de estudo.

Este fato será a de nascer uma criança: cega, muda, surda e idiota, com infração da lei eterna e imutável: de serem todas as criaturas racionais dotadas, naturalmente, de entendimento e dos cinco sentidos.

Diante desse fato, o materialista estaca: porque lhe é impossível, a ele que só vê no homem um produto da sua força e matéria, explicar como, pelo mesmo processo, uniforme e constante, saem *milhões* de seres perfeitos – sai *um* imperfeito – e volve a máquina a trabalhar regularmente, sem contudo deixar de dar, de vez em quando, novos saltos, que produzem novas aberrações!

Pode ele imaginar hipóteses para encobrir sua deficiência, pois que tudo se pode explicar por argúcias; mas o julgador imparcial, isento de preconceitos e de espírito de sistema, há de se deixar levar por sofismas, que chocam a razão e até o senso comum?

Se se admitir falhas no funcionamento da máquina do Universo, considerado pelo prisma materialista, será fatal esta consequência: um dia pode uma delas produzir a desordem no sistema sideral e, conseqüentemente uma convulsão universal, um esboroamento de toda a natureza.

Haverá quem, só para dar razão aos materialistas, queira aceitar estas e quejandas deduções lógicas da doutrina daqueles senhores, posta em confronto com os fatos?

E, mesmo quando estas deduções não fossem lógicas, haverá quem aceite a explicação do fato em estudos, não firmada em princípios sólidos, mas simplesmente em hipóteses gratuitas?

A tal força e matéria comete⁵⁴ ou não a observação acima acentuada? Ninguém o pode contestar.

Eis o fato que o materialista não pode explicar senão pondo em risco o Universo em peso!

Assim, portanto, o materialismo não dá luz sobre o fato, que nos serve de objeto de estudo; não explica as leis morais do nascimento dos seres humanos!

Consultemos o católico romano.

Este não faz o homem matéria vitalizada; mas sim e essencialmente alma imortal – Espírito.

Não é produto da força e matéria, mas sim de Deus.

54 (Nota do Organizador) Aqui no seu sentido pejorativo: produzir, criar (algo) de forma inábil, desastrosa. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete digital)

O Criador lhe deu esta vida, para ele conquistar, nela e por ela, a vida eterna.

O que mais sofre aqui, mais merecimento faz para o Reino do Céu.

Estes, pois, que trazem do seio materno, quer dizer: das mãos de Deus, o estigma, segundo o mundo, são os predestinados à glória eterna.

Se foram privados dos gozos deste mundo, serão fartamente compensados no outro.

Eis como Roma explica aqueles aleijões da espécie!

Deste ensino colhemos: a verdade da existência da alma, da sua imortalidade e a da existência de Deus Onipotente, do Onisciente Criador de todas as coisas.

De envolta porém com estas verdades, dá-nos Roma: o ensino de que somos criados para esta vida, e só para ela – e de que o fato que nos serve de objeto de estudo, em vez do mal, é sinal de predestinação.

Como se vê, o cego, o surdo, o mudo e o idiota não dão escândalo quanto à lei eterna da criação dos homens; são tais, por obra da lei, que é a vontade soberana, a qual quer que uns tantos filhos lutem por conquistar a palma do triunfo, enquanto que outros durmam à sombra da bandeira protetora, sem necessidade de lutarem para alcançarem o triunfo!

Deus tem, pois, em relação a seus filhos, preferências e exclusões!

É tão blasfemo tudo isto, que saímos do romanismo quase como saímos do materialismo.

O que diz o Espiritismo?

Diz que nascer não é começar a viver, mas sim passar por uma nova fase na ascensão, que já vem de longas eras, e que se dirige ao infinito, na duração do tempo; que, portanto, esta vida é apenas uma estação na longa via que tomamos para pagarmos a despesa da viagem feita, e prepararmo-nos de forças para continuá-la; que, finalmente, cada um chega à estação com um passivo, maior ou menor, conforme tiver sido perdulário ou econômico.

Deste exposto resultam: que a si, à sua liberdade, deve cada um vir à vida (nascer), mais ou menos sobrecarregado de dívidas a resgatar.

Ora, sendo o sofrimento a moeda do resgate, segue-se que a si, ao uso que fez da sua liberdade, no passado (existências ante-

riores) deve cada um o maior ou menor sofrimento desta vida de expiação (purgatório).

A lei é igual para todos: *cada um segundo suas obras*; e, pois, não há em Deus preferências e exclusões, o que afetaria sua justiça e seu amor paternal.

A criança que nasce privada das faculdades ou dos sentidos, nem sofre os efeitos da preferência, nem os da exclusão da parte de seu Criador; sofre, sim, por obra de uma lei geral, eterna e imutável, as consequências de suas próprias faltas; tanto que, se levar essa dolorosa expiação com resignação, louvando a Deus, lavar-se-á daquelas faltas; e se não o fizer, continuará sob o peso delas. E, pois, não é um predestinado, nem um condenado.

Por este sucinto confronto, que *N* com sua brilhante e bem cultivada inteligência pode desenvolver largamente, parece-nos fora de contestação que o materialismo achata-se diante do fato que estudamos – que o romanismo explica-o blasfemando – e que só o Espiritismo lhe dá a razão, harmonizando a justiça com o amor do Pai.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 14.05.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9727

Artigo CCCXLII - O PAIZ, 21.05.1894

Continuando o nosso estudo comparativo do materialismo – do Catolicismo e do Espiritismo, em relação aos fatos humanos, cabe-nos dizer, hoje, sobre a variedade destes fatos, no percurso da vida terrestre.

Aqui está um ser humano, que teve o berço rodeado de alegrias, de pompas e de grandezas, mas que, na duração da sua existência, acaso – fatalidade ou providência, viu-se rodeado de tristezas – de desprezo – de humilhação, até acabar na mais completa miséria.

Ali está outro, que teve seu berço cercado de lágrimas – de vergonha – e de miséria, mas que, acaso – fatalidade ou providência, viu-se na duração de sua existência elevado às mais altas posições, até acabar em meio da geral estima – do respeito – e admiração de todos.

Uma força invisível parecia caprichosamente opor ao primeiro obstáculo sobre obstáculo à sua manutenção nas alturas em que nasceu – parecia caprichosamente impeli-lo para baixo.

Uma força invisível parecia caprichosamente fornecer ao segundo asas de voar às nuvens sociais, pelas quais vencida todos os lances, que trancariam a escada a qualquer outro.

Serão fatos imaginários? Não, que estamos vendo-os todos os dias, ontem e hoje, aqui e além. Não, que poderíamos designar por nomes os que têm passado por aquelas vicissitudes.

Como explicar-se isto – estes fenômenos humanos; como explicam-nas as três escolas que confrontamos?

O materialismo, vendo somente em jogo a matéria, nada pode rezoavelmente dizer sobre o que nada tem com a matéria: fenômenos do mundo moral.

Entretanto, apesar de não poder negar a existência desses fenômenos e desse mundo, que escapam a suas leis e à sua doutrina – à sua fé; em vez de confessar que sua doutrina não compreende tudo o que constitui a criação, tenta uma sortida, que mais revela argúcia do que sincera convicção, dizendo: todas essas vicissitudes que descrevestes são obras do acaso.

Por Deus, isto não salva da ruína a vossa doutrina, pois que a vossa – força e matéria – que tudo produz e tudo regula, é forçada a pedir socorro a um poder estranho, a esse acaso!

Mas acaso é uma palavra sem significação – uma expressão sem objetivo – é como – nada – que não exprime objeto algum.

Dizei-nos qual o objeto ou ideia, que semelhante palavra designa? Zero – zero – zero.

Demos, porém, que existe o acaso. Qual é o seu característico, pelo qual pode-se reconhecer qualquer de suas obras?

Quem diz obra do acaso, diz: coisa ou fenômeno que se opera sem lei – sem ordem – sem razão.

O acaso, pois, se existe, é uma força cega, que age sem norte – sem norma – sem regularidade.

Mas, os fatos, que estudamos, revelam uma ação perseverante – um alvo fixo – uma inteligência, que dirige aquela ação para aquele alvo, quer rebaixe, quer exalte.

Logo, o materialismo, com o seu acaso, não resolve a questão nem sequer de leve a toca.

Aquilo que o vulgo chama – a sorte – que dá a uns e tira a outros, é uma lei – lei eterna e imutável, que nem o materialismo, nem o ortodoxismo conhecem.

Do primeiro já tiramos a prova; vejamos o segundo.

Para a Igreja, a vida terrestre é exclusivamente de provas para merecer-se ou desmerecer-se a eterna glória.

De conformidade com esta crença, o que sofre aqui terá na outra vida a sua recompensa – e o que goza aqui, já recebeu o seu quinhão, na partilha dos bens do Pai.

O mérito e o demérito faz-se, usando-se da liberdade no sentido do bem ou do mal; quer dizer: seguindo ou não os mandamentos do Senhor.

Este ensino, a ser verdadeiro, conduz-nos lógica e forçosamente a esta consequência:

Se a vida corpórea é de provas unicamente, o ser humano entra nela em identidade de condições, todos limpos, como quem

acaba de ser criado – ou todos eivados do pecado original, como quer a Igreja, mas eivados *igualmente*.

Sendo assim – e não pode deixar de ser, Deus não intervém nas provas de nenhum de seus filhos, para deixar-lhes o mérito e o demérito – para não fazer preferências e exclusões.

Se Deus não intervém nas provas e não pode intervir, sem deixar de ser a justiça indefectível; quem precipita na miséria, por uma série de lances perfeitamente combinados, o que nasceu na grandeza – e quem eleva, por igual série de lances, o que nasceu na miséria?

A Igreja não pode, com sua vida única e vida de provas exclusivamente, explicar estes fatos, sem atribuí-los a Deus, visto que eles nos vêm contra nossa vontade e sem a ação da nossa liberdade; e atribuí-los a Deus é atribuir-lhe injustiça na distribuição das provas, pois que uns as têm cruéis enquanto que outros as têm suavíssimas.

A Igreja, pois, como o materialismo, não pode explicar aqueles fatos, porque não conhece a lei que os determina – lei que coloca o Criador na infinita esfera de sua elevação e afeta exclusivamente ao homem tudo o que tende a encaminhá-lo a seu destino, tudo o que regula a sua evolução.

Agora, fale o Espiritismo.

Vimos de longe, do infinito no passado – e trazemos nossa bagagem de boas ou más obras, segundo o uso que fizemos dos instrumentos que Deus deu a todos, com a mais perfeita igualdade, para nossa evolução até à perfeição, que é o termo da perfectibilidade humana.

Se uns trazem mais pedras preciosas do que cascalho, a si, a seu esforço, ao bom uso que fizeram dos dons do Pai o devem.

Se outros trazem mais cascalho do que pedras preciosas, a si o devem; porque tiveram os mesmos aparelhos que aqueles.

Deus, pois, está fora de tudo o que nos acontece de bem ou de mal, que é consequência fatal do bom⁵⁵ ou do mau uso que fazemos da nossa liberdade.

Deus, porém, dando-nos os instrumentos do nosso progresso, não nos abandona, como o pai que dá aos filhos os meios de vida não os abandona à sua inexperiência.

55 (Nota do Organizador) O original traz aqui “do bom ver”, pareceu-nos demandar pequeno ajuste.

Deus auxilia-nos, dando-nos a revelação das verdades e das leis eternas, que já podemos compreender – e, mais que tudo, concedendo-nos vidas corpóreas sucessivas e solidárias, quando cada um de nós precisar, para reparar as faltas das passadas e fazer merecimento.

Assim, pois, a vida terrena é de provas, como ensina a Igreja, mas não exclusivamente de provas – mas especialmente de expiação, que é por si mesma uma prova.

A expiação faz-se pelo sofrimento – e aquele que sofre com resignação e humildade, redime suas faltas e faz boas provas.

É por esta lei que o orgulhoso vem fazer expiação, dando provas de humildade, e para ser mais meritória semelhante prova, pede e lhe é concedido: vir nascer na grandeza para mais difícil lhe ser a vida na miséria.

É pela mesma lei, que outros pedem e lhes é concedido: nascer na miséria, para lhe ser mais meritório sufocar o orgulho quando subirem às grandezas.

Estes lances, que acima notamos, e que rebaixam uns e elevam outros, são efeitos da grande lei da expiação – são obras da misericórdia do Pai.

Aqui, como sempre, a lei é a mesma para todos – e se uns a aproveitam e fazem boa expiação e dão boa prova, a si o devem – e se outros desprezam a lei e fazem má expiação e dão ruim prova, a si o devem também.

Eis como o Espiritismo explica, segundo o ensino dos altos Espíritos, os dois fatos em que se esbarram o materialismo e o Catolicismo; um porque tais fatos estão fora de sua lei, que fica por isso nulificado; outro porque só leva no cálculo uma parte da missão do Espírito a esta vida.

A preexistência – sempre a preexistência, é o grande foco de luz para a compreensão dos fenômenos humanos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 21.05.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9776

Artigo CCCXLIII - O PAIZ, 28.05.1884

Digamos hoje sobre o último ponto de confronto entre as três escolas: materialista, católica e espírita.

Digamos sobre o termo final da vida terrena, sobre a morte.

O homem acaba pelo fato de morrer, entrando em decomposição e pela decomposição volvendo ao turbilhão, donde saem os seres.

É esta a opinião dos materialistas sobre a morte.

O homem não acaba pelo fato de morrer, porque sua essência é espiritual; e se o corpo que o reveste na vida temporal decompõe-se, volve ao turbilhão material, o Espírito apenas sofre por isso uma mudança de condição: continua a viver com a consciência de sua personalidade e viverá eternamente no Céu, se fez boas obras na Terra; no Inferno, se as fez condenáveis.

É esta a opinião dos católicos romanos.

O homem não acaba pelo fato de morrer, porque é Espírito, e o Espírito toma o corpo para poder ter a vida material e deixa-o, como deixamos as vestes, para tornar a tomá-lo, como fazemos com as vestes, vindo por conseguinte a esta vida tantas vezes quantas lhes for preciso para progredir, para desenvolver sua perfectibilidade.

Esta é a opinião espírita sobre a morte.

Para o materialista, o destino do homem é o nada; é o do bruto, é o do cogumelo: sair da massa cósmica e voltar a ela, para novamente, e sob outras formas, sair a constituir novos seres ou a fazer parte deles.

Para o católico romano, o destino humano, para cuja realização lhe foi dada esta existência, define-se no termo dela: o Espírito vai à glória ou às penas eternas.

Para o espírita, nosso destino é a perfeição pela depuração do pensamento e do sentimento; quer dizer: pelo saber e pela virtude, levados ao conhecimento de todas as leis da criação e à pureza em sua mais lata compreensão.

Para o materialista a vida é um acidente, como a chuva e o relâmpago.

Para o romanista, é condição essencial ao destino humano, que se completa nela e por ela, como na estação própria, se completa a reprodução das espécies.

Para o espírita, é realmente condição essencial ao destino humano, mas este não se completa nela e por ela e sim em uma série maior ou menor de existências corpóreas, quantas forem precisas a cada um, para fazer o progresso compatível com esta planta, a fim de subir dele a outro mais adiantado.

Ora, racionalmente considerada a questão, qual das três escolas oferece elementos para uma crença fundada, séria e digna da Onipotência e da Onisciência, que criou e mantém todos os mundos e todos os seres?

Pode alguém admitir que o homem, um ser moral, e portanto livre, seja irresponsável – que tanto o que fez bom uso de sua liberdade, o bom, como o que fez mal uso daquele sublime atributo, o mal, nada gozem nem sofram pelo que fizeram?

Diz-se: goza-se e sofre-se em vida: *o prêmio da virtude é a virtude, o castigo do vício é o próprio vício.*

Mas o perverso que acaba no meio das maiores grandezas e venturas?

Mas o nobre coração e a pura alma, que acaba acicatado pelas dores físicas e pelas morais?

A doutrina materialista consagra o monstruoso absurdo da moral sem sanção.

E não é só isto. Se o ser humano acaba pela morte como explicar-se o sentimento inato e universal de ambicionarmos o que na vida não é possível alcançarmos: o infinito?

A redução do homem ao *nada* é coisa que a natureza humana repele por todas as suas faculdades; o que faz prova plena de que tal coisa não é possível, é simples parto de cérebros doentios.

E tanto é assim que o materialista, o incrédulo, quando lhe chega a hora extrema, é tomado de uma *agonia horrorosa*, salvo o caso da morte repentina.

É que seu Espírito recua ante o báratro incompreensível do nada, e julgando a matéria perdida, coisa única em que acreditou, julga-se perdido sem ela!

É que sua natureza protesta contra sua crença!

Qual das duas estará com a verdade? Di-lo hoje e de um modo irrecusável a experiência, o instrumento por excelência de nossas investigações hodiernas, o *criterium* da verdade para todas as escolas modernas.

Os mortos vêm falar-nos!

Quem duvidar disto aplique o método experimental, e terá a prova *provada* da verdade *verdadeira*.

Ante o fato da morte não pode, pois, o materialismo sustentar suas teorias, nem racional nem experimentalmente!

O romanismo, embora aceite a verdade da vida futura e eterna do Espírito, também vê por um prisma falso o fato da morte. Ela conduz ao juízo definitivo, em virtude do qual o pobre ser humano é condenado ou glorificado para sempre, sem mais recurso ou apelação.

Pode a razão, limpa de preconceitos e de fanatismo, tal qual no-la deu o Criador, para discernirmos a verdade do erro; pode esta luz, conferida à nossa alma, admitir que a perfectibilidade humana, intelectual e moral, não tenha para desenvolver-se senão o instante desta vida e que por este instante se defina para sempre (para sempre!) o destino de todos os homens?!

E os que morrem ao nascer ou mesmo antes da idade da consciência e os que nascem idiotas hão de ser julgados pela mesma bitola dos que tiveram longa vida, dos que puderem usar de sua razão e de sua consciência?

E pelos erros de um momento penas eternas!

E pelos acertos de um momento a glória eterna!

Quem não sente que isto é contra a razão e contra as infinitas perfeições do Criador?

Racionalmente, pois, o romanismo esbarra-se diante do fato da morte.

Experimentalmente evidencia-se a falsidade de suas falsas apreciações.

Quem, como nós, submeter à prova experimental científica, por longa série de trabalhos, terá muitas ocasiões de verificar que os mortos sofrem o juízo, sim; mas o juízo relativamente a suas obras na existência que perderam, juízo pelo qual são punidos ou

galardoados, sem contudo ser a pena irrevogável e o galardão o maior que possa conquistar.

Verifica, pois, sem a possibilidade de intervenção dos *diabos* da Igreja que juízo, galardão e penas são temporários; e portanto que, passando desta vida, não vamos à glória eterna, nem ao Inferno das penas eternas.

Verifica, finalmente, que o Espírito progride eternamente, mediante vidas corpóreas sucessivas, em que lhe é dado reparar as faltas passadas e cumular merecimentos.

Experimentalmente, portanto, se reconhece, a não deixar duvidar, que a Igreja romana tem da morte uma falsa compreensão.

E o Espiritismo?

Este considera a vida como um pouso na longa via do progresso, pela qual o Espírito vai à perfeição que é o seu destino; considera a morte o levantar do acampamento para o prosseguimento da viagem eterna; considera o juízo *post mortem*⁵⁶ o ajuste de contas da receita e despesa na jornada feita; considera as penas como um meio de melhor dirigir-se, emendando-se dos erros, que lhe atrasaram a marcha; considera o galardão como o prêmio de animação para redobrar de esforços e acelerar o passo.

Racionalmente este plano, que mal podemos aqui esboçar, é tão elevado e digno de ser talhado pela soberana Inteligência, segundo a mais elevada concepção da justiça, do amor e da misericórdia do Senhor e Pai de infinitas perfeições, quanto é raquítico e fumarento o da Igreja, onde se faz de Deus um artista comum, um ser cruel e vingativo, uma potência caprichosa com preferências e exclusões.

Experimentalmente todos os dogmas espíritas, conforme ou não conformes com os da Igreja, são clara e positivamente provados.

N – pode vir ver e apalpar.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 28.05.1884 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9824

56 (Nota do Organizador) Locução latina. Após a morte. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CCCXLIV - O PAIZ, 04.06.1894

Tão perfunctória e superficialmente quanto mais que nossa deficiência intelectual, nos obriga o limitado número de linhas a que temos direito neste jornal, procuramos dizer sobre as teses que vieram naturalmente à discussão, provocadas pelo ilustrado autor das *Cartas Abertas*.

Nunca nos foi mais sensível aquela deficiência, enfrentando pela primeira vez, em sete anos destes pobres trabalhos, com um cavalheiro tão nobre pelo talento como pela fina têmpera da espada com que gladia nas discussões.

Temos porém uma satisfação que nos compensa daquele pesar: é que *N*, que disse ser crente embora vacilante na fé, fará pela verdade que sustentamos o que não temos capacidade de fazer com as toscas pedras que ajuntamos, arquitetar um belo edifício, o edifício da nova ciência, que já é motivo forçado de estudo para todos os sábios do mundo.

Não será a primeira vez que tenhamos de admirar este fenómeno: de, sobre pontos mal explicados por nós, construir a inteligência luminosa de um Espírito, antes incrédulo, o deslumbrante edifício do Espiritismo.

Em nossos estudos experimentais, que fazemos à imitação dos sábios da Europa e da América, manifestou-se um dia alto Espírito, que repelia nossa Doutrina, sustentando a verdade de A. Comte⁵⁷.

57 Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798 – 1857): filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. Ele é considerado como o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo. Comte também é visto como o fundador da disciplina acadêmica de Sociologia.

Jogou, no debate, com seus profundos conhecimentos de ciências naturais, desprezando a prova da existência do Espírito que era a sua presença ali, depois de morto, com subterfúgios, que pareceriam dolosos a quem não conhece a obsessão, verdadeira loucura, do espírito de sistema, tanto como do fanatismo.

Batemo-nos em três sessões seguidas, sem vantagem de parte à parte – sem recuarmos uma linha.

Na terceira chegamos a um acordo: se provássemos a pluralidade de existências da alma, iria por terra a fortaleza do Positivismo, e erguer-se-ia, triunfante, a do espiritualismo.

Separamo-nos, feito o pacto, para a sessão seguinte.

No intervalo, foi Deus servido que aquela grande alma, só amesquinhada e privada de subir ao alto destino dos Espíritos por aquele fatal erro, tivesse a prova da pluralidade de existências corpóreas dos Espíritos.

Foi conduzido por seus protetores a uma sessão de obsessão, onde o Espírito obsessor declarou perseguir a obsedada, por graves ofensas de uma existência, em que se relacionaram há cerca de trezentos anos.

E o nosso amigo pôde ver e reconhecer na obsedada um personagem histórico da Espanha, naquela época.

Quando nos encontramos, em nosso trabalho e no dia aprazado, foi ele quem nos dispensou da prova, dizendo que a tinha tido *visual e palpável*.

E, tomando a palavra, com uma lógica e eloquência de prender e de arrebatado, pulverizou o materialismo e o Positivismo, que sobre ele assenta, e desenvolveu, como nunca tínhamos ouvido alguém fazer, a verdade e a excelsa grandeza do Espiritismo.

Sua confissão a Jesus e ao Pai foi unguida de tão puros sentimentos, partidos de um coração contrito e humilhado, que todos os presentes, banhados em lágrimas, se edificaram nela.

O converso em tão boa hora que não tardará a volver à vida corpórea, mas já em missão de propagar a grande lei do progresso humano, chamou-se entre nós de Benjamin Constant⁵⁸.

58 (Nota do Organizador) Sobre essa conversão vale a pena consultar o volume *As Virtudes do Céu*, organização de Marco Aurélio L. de Assis, que reúne a admirável coleção de mensagens recebidas nos primórdios do Grupo Ismael e constantes da segunda edição de *Elucidações Evangélicas*, de Antônio Luiz Sayão, Cap. 97, pág 313, com a transcrição de uma das mensagens desse célebre político brasileiro, já na espiritualidade. Ed. CRBBM, 2012.

Pois bem; N. fará de nossos pálidos artigos, o que fez Benjamin Constant de nossa débil argumentação. Assim o esperamos.

Seria o momento de dizermos ao nosso interpelante a palavra de despedida, repassada do sentido reconhecimento pelo modo gentil com que falou ao obscuro Max; não queremos, porém, deixar a arena, sem varrê-la de um equívoco que escapou à pena do amestrado literato.

Terminando seu artigo, com que nos temos ocupado, N escreveu estas linhas:

“Éliphas Lévi combate o Espiritismo. A fé sem razão é loucura, diz ele; eis porque eu, querendo acreditar, hesito muitas vezes com medo da camisola de força”.

A fé sem razão é loucura. Quem o contesta?

Nós, os espíritas, têmo-lo por dogma, tanto que recusamos por herética, blasfema, irracional, e, por tudo isto, impossível, a fé passiva imposta nos fieis pela Igreja romana.

O Espiritismo prega é a fé raciocinada, única que se conforma com a majestade do Criador e com a grandeza da sua mais distinta criatura.

E nem é por outra razão que o Espiritismo combate princípios impostos pela *infabilidade* de Roma.

Leia N as obras fundamentais do Espiritismo – e verá, principalmente no *Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, que a base essencial da nova doutrina é: *nada aceitar e nada repelir sem o mais severo e profundo exame*⁵⁹.

Desde quando e onde descobriu Éliphas Lévi que o Espiritismo prega a fé passiva ou fé sem razão?

Desafiamos a ele ou a quem quer que seja que publique um trecho das obras fundamentais, que autorize semelhante conceito.

Quando, em todos os recentes apologéticos católicos, somos classificados – livres-pensadores – exatamente porque não aceitamos *autoridade sem exame* em matéria de fé; é belo ver Éliphas Lévi classificar-nos – escravos da fé passiva, da autoridade sem exame!

O próprio Allan Kardec impõe o preceito – de nada se admitir do que ensina o Espiritismo, sem o mais criterioso exame.

59 “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. – fronstipício de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

É que Êliphaz Lévi, como a maior parte dos que combatem o Espiritismo, nunca o estudou, e fez obra pelo que ouve dizer.

Se é, pois firmado na *sentença* lavrada contra o Espiritismo por Êliphaz Lévi, que o ilustre N, querendo acreditar, hesita muitas vezes com medo da camisola de força, pode perder este medo, porque entre nós não tem fôro de cidade a tal fé sem razão – e, portanto, essa loucura.

Podemos bem, parodiando o sublime autor dos *Lusíadas*, dizer, com o melhor fundamento: aos infieis, senhor – aos infieis; aos católicos – aos católicos, que creem, porque crê e manda crer a santa Igreja, com o seu *infallível*.

Feito este reparo, despede-se muito reverentemente,

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 04.06.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9878

Artigo CCCXLV - O PAIZ, 11.06.1894

Hoje, precisamos dizer: ao público em geral – e aos espíritas em particular.

Temos lido, com sumo pesar, o que tem ajuizado a nossa imprensa sobre o fato da rua do Conde e outro, em que a polícia deu sobre um grupo de espíritas, como se denominavam – e, logo após, sobre outro, nas mesmas condições.

Nosso pesar não provém somente do fato em si, senão principalmente do modo como tem sido apreciado por homens ilustrados, quais os que dirigem a opinião pelo jornalismo.

O fato, em si, é tão geral, que já perdeu o caráter de novidade.

Em todos os países cultos ele se dá: há Espiritismo filosófico-científico – e há a *contrafação* do Espiritismo.

E nenhum homem de critério confunde as duas espécies: pela mesma razão por que ninguém confunde a religião com a idolatria – a ciência com o charlatanismo.

Rir, pois, do Espiritismo, porque se dizem espíritas uns tantos mal orientados, por falta de conhecimento da doutrina filosófica – moral – e científica, é dar razão ao autor do nosso código criminal, que impôs à sociedade brasileira o vilipêndio: de punir como feitiçaria o que faz objeto dos mais sérios estudos dos sábios de todas as nações cultas.

Que se procure separar o trigo do joio, é digno de todo o louvor; que, porém, se confunda um com o outro, coisa é indigna de nossa civilização.

A polícia pode ter tido razão, distinguindo o falso do verdadeiro; a imprensa não se colocou em sua devida altura, confundindo-os.

Quem, no século passado, condenou a Astronomia por causa da Astrologia ou a Química por causa da Alquimia?

A imprensa é, em nosso tempo, o facho por excelência, que ilumina a senda do progresso físico, intelectual e moral; a ela, pois, cabe todo o dever de vigiar para que não passe nada falso por verdadeiro.

E falsa é a apreciação que fez do Espiritismo, baseada no procedimento antirracional e científico, dos que o têm sob a bandeira desta ciência, que emerge do desconhecido – e já domina as mais notáveis inteligências do século.

Não é para lamentarmos: ridicularizarem os nossos pro-homens o que é tomado muito a sério pelos mais eminentes sábios do mundo?

Sabemos que o Espiritismo, como toda a ideia nova, tem de pagar seu tributo à natureza humana, sempre aferrada ao seu *ut possidetis*⁶⁰, que põe barreira a todas as invasões que a ameacem; mas bem ilustrados são os nossos jornalistas, para lhes precisarmos lembrar: que nosso progresso não se faz senão a favor das invasões. A ideia nova luta com a velha – e, se traz consigo a verdade, rompe a barreira – e hasteia, mais cedo ou mais tarde a bandeira triunfante nas ameias⁶¹ do castelo, que defende o Pantheon das verdadeiras grandezas: científicas ou religiosas.

Por que hão de os nossos homens de letras, que dirigem a imprensa fluminense, falar de outiva de uma matéria, que revolte todo o mundo sábio, quando lhes é tão fácil conhecer por si mesmo, estudando e experimentando, o caráter sério ou ridículo de tal matéria?

Já hoje não é vergonha, antes é nobre preocupação, estudar os fenômenos espíritas e fazê-los passar pela prova experimental.

Ainda há pouco o eminente William Crookes, que um sábio daqui afirmou: ter abjurado as ideias espíritas firmadas na mais

60 (Nota do Organizador) *Uti possidetis* ou *uti possidetis iuris* é um princípio de direito internacional segundo o qual os que de fato ocupam um território possuem direito sobre este. A expressão advém da frase *uti possidetis, ita possideatis*, que significa “como possuís, assim possuais”. Proveniente do direito romano, o princípio autoriza uma parte a contestar e reivindicar um território adquirido pela guerra. (Fonte: Wikipedia)

61 (Nota do organizador) Cada uma das aberturas no alto da muralha, ou do edifício, para por elas se atirar sobre o inimigo. Mais usado no plural. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

rigorosa experiência, desmentiu aquele conceito, escrevendo ao congresso de Chicago a seguinte carta, que transcrevemos:

“Kensington Park, Gardens – London, 17 de julho de 1893.

“Meu caro professor Coues⁶² – Se estais informado do boato que corre que me retratei de meus testemunhos, quanto à realidade dos fenômenos espíritas, por ter mais tarde percebido que fôra enganado, tendes plena autorização de minha parte (e, ainda mais, eu vos peço instantaneamente) que oponhais a essas falsas asserções uma negativa enérgica e completa.

“Tenho hoje, como depois de minhas experiências, a mesma convicção a respeito desses fenômenos; não pude, pois, achar a menor possibilidade para desapontamentos – e hoje, depois de minhas experiências de mais de 20 anos, juntas a outras feitas por sábios, não posso ver como fosse possível que eu me tivesse enganado.

“Lêde meus relatórios das sessões com D.D. Home, e aí vereis com exatidão o que penso atualmente a este respeito.” – Vosso, etc. - *William Crookes*.”

Quando a bandeira da nova ciência é levantada por um sábio da ordem de Crookes – e acompanhada por outros, como Wallace, Flammarion, Sardou, Victor Hugo, Gladstone⁶³, Lincoln, Lombroso e José Bonifácio – e centenas de outros, não vemos como possam ter acanhamento os nossos literatos de estudar e experimentar o Espiritismo.

Façam-no; e depois falem, segundo sua consciência, ao público, que a maior parte, certamente, não falará escarnecendo, como fez agora.

Aos espíritas, bem entendido, aos que conhecem os fundamentos da Doutrina excelsa e procuram devassar os seus arcanos, diremos, embora sem autoridade:

Não se comovam e menos se intimidem, com o fato a que acima nos referimos.

62 (Nota do Organizador) Possivelmente Elliott Ladd Coues (1842 – 1899), cirurgião das forças armadas americanas, historiador, ornitologista e autor de várias obras. Fundador da União Ornitológica Americana.

63 (Nota do Organizador) Dentre tantos notáveis talvez o único que demande aqui uma nota seja William Ewart Gladstone, estadista britânico. Em uma carreira de mais de 60 anos, Gladstone serviu por 12 anos como Primeiro-Ministro do Reino Unido, distribuídos por quatro mandatos começando em 1868 e terminando em 1894. Sobre suas experiências espíritas vide *A História do Espiritualismo*, de Arthur Conan Doyle, Cap. 16.

Qual o que não sabe: quantos e quantos grupos trabalham, em nome do Espiritismo, sem serem guiados por quem conheça a Doutrina?

Há deles bem intencionados; mas não basta a boa-vontade; é preciso, por igual, o saber.

E tanto é assim, que Jesus não confiou a propaganda de sua Doutrina sacrossanta à boa-vontade e fé dos Apóstolos; mas infundiu, antes de tudo, em suas almas, pelo Espírito Santo, a ciência que lhes faltava.

Nenhum, dentre nós, possui a ciência, qual requer a alta missão; mas ao que a procurar de boa-vontade e com perseverança, será dado suprimimento à sua ignorância.

Limpar-se o joio é coisa de nos afligir por haver quem a cultive; não, porém, por haver quem a arranque da seara bendita.

Peçamos, pois, luz para nossos irmãos e para nós – e marchemos confiantes.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 11.06.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9932

Artigo CCCXLVI - O PAIZ, 18.06.1884

Não queremos ser palmatória do mundo, nem temos a presunção de possuir conhecimentos enciclopédicos; tal é, porém, o constrangimento que nos causa a desorientação de certos homens de ciência, que, apesar do respeito que lhes devemos e consagramos à liberdade de entendimento de quem quer que seja, não podemos resistir ao espontâneo arrastamento de lhes dedicar duas palavras, embora sejam voz do que clama no deserto.

Bem sabemos que não os demovemos; mas como que nos aliviámos de um grande peso da consciência, dizendo-lhes o que temos por verdade.

Não é por gosto de disputar; é por desejo de concorrer com a nossa pedrinha para o esclarecimento da verdade.

Sugeriu-nos hoje este desejo o que lemos em *O Paiz* de 11 do corrente: uma ligeira discussão entre a ilustrada redação deste jornal e o ilustrado Dr. Xavier de Brito⁶⁴ sobre *materialismo*.

Pedimos vênias aos dois contendores de um momento, para enunciarmos nosso pensamento sobre a questão que puseram em causa no tribunal da opinião pública.

O Paiz qualificou de *material* o procedimento de um homem, que raptou uma filha-família⁶⁵ – e levou-a para um estalagem ou alcouce.

O doutor reclamou contra a qualificação, alegando não ser o termo – material – expressão de baixeza, por ser toda a natureza,

64 (Nota do Organizador) Assumimos a hipótese de ser este o Sr. José Inácio Xavier de Brito, político brasileiro, que foi Governador de Goiás de 1 de julho de 1893 a 16 de julho de 1895.

65 (Nota do Organizador) Menor ainda sujeita à tutela paterna. (Fonte: Infopédia)

física, – intelectual – e moral, com todas as suas excelsas grandezas, essencialmente material.

E faz o panegírico⁶⁶ do *materialismo*, ciência das ciências, como a *matéria* é o princípio e o fim de todos os seres do Universo – e cimenta este seu postulado com a autoridade dos sábios, como Darwin, Haeckel⁶⁷, Vagt⁶⁸, Hanley⁶⁹, Büchner⁷⁰ – e tantos outros.

O Paiz rebateu as reclamações, citando também a autoridade de quem diz: materialista, pessoa cujos sentimentos e instintos propendem para coisas materiais, físicas, grosseiras: um materialista em amor.

Fez mal o ilustre doutor em invocar o argumento de autoridade, porque esta esmaga o materialismo.

Com efeito, antes de Bacon⁷¹, que pode ser chamado o pai desta escola, todas as escolas filosóficas, que compreendiam a sabedoria dos tempos passados – e que deram de si a quase infinita côrte de nomes que têm vencido a lei da matéria: *o nada depois da morte*, tendo chegando até nossos dias, cercados de glória, eram espiritualistas: a maior parte no fundo – a totalidade na forma.

66 (Nota do Organizador) Discurso em louvor de alguém. Sermão laudatório. Elogio exagerado. Louvor. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

67 (Nota do Organizador) Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834 – 1919) - biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin. Um dos grandes expoentes do cientificismo positivista. (Fonte: Wikipedia)

68 (Nota do Organizador) August Christoph Carl Vogt (1817 – 1895) - cientista, filósofo, divulgador da ciência e político alemão que emigrou para a Suíça. Publicou vários trabalhos notáveis em zoologia, geologia e fisiologia. (Fonte: Wikipedia)

69 (Nota do Organizador) Possivelmente Sylvanus Charles Thorp Hanley (1819 – 1899) - conchologista e malacologista britânico que publicou o primeiro livro sobre conchas servindo-se de fotografias. (Fonte: Wikipedia)

70 (Nota do Organizador) Provavelmente Eduard Büchner (1860 – 1917) - químico alemão premiado com o Prêmio Nobel de Química de 1907, devido “às suas investigações bioquímicas e à descoberta da fermentação livre de células”. (Fonte: Wikipedia)

71 (Nota do Organizador) Francis Bacon (1561 – 1626) - filósofo e estadista inglês, liderou o avanço da filosofia natural e do método científico, conhecido como o pai do empirismo. (Fonte: Wikipedia)

E, pois, em toda a duração dos tempos históricos, a humanidade, com imperceptíveis discrepâncias, tem sustentado o princípio da existência da alma.

De que serve, pois, apresentar umas duas dúzias de nomes notáveis, que sustentam o exclusivismo da ciência materialista ou do materialismo ciência, se no adverso levantam-se milhares?

Se da autoridade quiser-se tirar uma presunção pró ou contra a negação, a negação desaparece.

Lançai na balança os centos de milhões dos sectários de Confúcio, de Buda e de Brahma, com seus grandes sábios.

Lançai na balança os sectários do Masdeísmo, da religião de Zoroastro, também com seus grandes homens.

Lançai os sectários do Islamismo.

Lançai essa massa imensa dos cristãos, de todas as seitas, que têm produzido o deslumbrante progresso do nosso século.

Lançai n'uma concha todo este mundo que afirma – e na outra o que lançaríeis? Um *pugil*⁷²!

Aonde estão as associações de materialistas, que atestem a denominação da grande ideia?

Em mais de um século decorrido depois de se debuchar, clara, a grande ideia, que progressos tem feito?

Se não fôra o contingente que lhe dá a mocidade, cujos instintos arrastam-na para a independência absoluta de toda a sujeição – e, por conseguinte, da que submete o Espírito a seu Criador, aonde se encontraria um materialista, neste tempo de racionalismo?

De fato; a razão, livre de preconceitos, recua ante a grande ideia, formulando este simples raciocínio:

Tudo é matéria, e nada existe que não resista por obra da matéria; logo as leis que regem a matéria, estas que reconhecemos eternas e imutáveis, são também obra da matéria; logo o criador destas leis, sendo fatalmente sujeito à sua ação, é sujeito à sua criatura!

Não precisa a razão, livre de preconceitos, valer-se deste outro raciocínio, que corrobora aquele:

A matéria terá tudo, mas não tem a onisciência e a onipotência; mas nós o que vemos – a existência das leis que regem o Universo, eternas e imutáveis, são indubitavelmente obra de um saber e de um poder ilimitados; logo tudo o que se vê no Universo,

72 (Nota do Organizador) Um punhado. (Fonte: Dicionário Extraviz online)

inclusive a infinita variedade de modificações da matéria, não pode ser obra da tal – força e matéria, a quem a ciência materialista ainda não se atreveu a atribuir saber infinito e infinito poder.

Saber, para delinear e executar o plano do Universo – poder, para fazê-lo sair conforme o risco, e para manter, pela duração dos séculos, a harmonia entre todos os seres que a constituírem.

Entre o Espírito, que é universalmente, que sempre foi universalmente considerado *inteligente*; e a matéria, que tem sido e é universalmente considerada *inerte*; digam o que quiserem, não há senão o obcecado pelo espírito de sistema, que possa admitir – *admitir com fé*, que a inércia, e não a inteligência, seja o princípio causal de todas as maravilhas do Universo.

Dizem: nós vemos a matéria, mas não vemos o Espírito.

Responderemos: nós vemos o cérebro, mas não vemos o pensamento – nós vemos os viventes, mas não vemos o princípio vital.

Não vêdes o Espírito, porque não empregais os instrumentos adequados. Quem quer apanhar caça do mato, não se mune dos instrumentos de apanhar peixe no mar – e vice-versa.

Como quereis, com os instrumentos materiais da vossa ciência, dominar o mundo espiritual?

Não quereis ter a prova da existência deste; julgais mais conveniente suprimi-lo!

Talvez nos ocupemos detalhadamente das causas deste vosso procedimento – das causas da incredulidade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal O Paiz, edição de 18.06.1884 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/9987

Artigo CCCXLVII - O PAIZ, 25.06.1884

Espiritismo é uma doutrina filosófico-científico-moral; é o consórcio da ciência com a religião, religião científica.

Lendo a introdução às memórias da vida de um homem bem conhecido do nosso público, tivemos a tentação de publicar estas páginas da obra inédita, destinada a vir a lume, bem como muitas outras de sua pena, depois da sua partida desta vida.

São páginas da moral espírita, que com a devida vênia vamos publicar.

“O que é o homem, átomo imperceptível do turbilhão infinito dos seres – gota imponderável do infinito oceano da humanidade?

“Parcela infinitesimal do incomensurável todo, que chamamos – Universo – ele confunde-se na massa infinita.

“Ser cujo característico é a perfectibilidade, destaca-se daquela massa e constitui a obra-prima da criação, destinada a viver com o Criador.

Como ser perfectível por excelência, o homem é, pois, o filho dileto do Criador, que põe nele todas as suas complacências, que apoia-o nos desfalecimentos, que adverte-o e corrige-o nas faltas, que anima-o nas boas intenções e que lhe dá no termo de sua evolução o mais excelso galardão.

“Infinita é esta evolução, difícilima sua missão; tão difícil quanto seu objetivo é a perfeição pelo saber e pela virtude, e quanto é fraca sua natureza para vencer o mal, soberano absoluto do nosso planeta, e para vencer-se a si próprio, sendo naturalmente arrastado para os gozos e grandezas, fontes de corrupção, que aquele traiçoeiro soberano torna-lhe de fácil conquista e de sedutores atrativos.

“Deus não quis, em sua infinita sabedoria, que o rei da criação conquistasse o maior título de benemerência, sem que passasse por provas tão cabais, quanto é superior a toda a expressão a magnitude de seu destino.

“Se na sociedade dos homens muito se exige para ser alguém admitido à convivência e confiança do soberano; quanto mais sublimes não deverão ser os requisitos exigidos para a convivência e confiança do Soberano dos soberanos?

“A razão compreende a luta com o mal, como condição essencial ao merecimento aos olhos de Deus.

“Se assim não fôra, larga, plana e sem espinhos seria a estrada da vida; e em tal caso que merecimento teria o que por ela transitasse sem cair e sem ferir-se?

“O mérito está precisamente em termos de usar do nosso livre-arbítrio, de modo que não cedamos a inimigas sugestões; de modo que não nos deixemos arrastar pelas miragens sedutoras, que nos chamam para o abismo; de modo que cerremos os ouvidos ao canto da sereia, que procura colher-nos a vigilância; de modo, enfim, que provemos a robustez de nossa fé, a constância de nossa esperança, a indefectibilidade de nosso amor pelo Pai.

“Ser bom de coração, amar a Deus do íntimo d’alma, querer a seus semelhantes como a irmãos, ter bem vivos os sentimentos de amor e de caridade, provando-o por pensamentos, por palavras e por obras; eis as condições para o homem triunfar da lei da morte e conseguir o socorro da graça em seus desfalecimentos.

“O título à admissão na sociedade de Deus não pode ser obtido por favor, senão por incessante esforço na luta contra o mal.

“O quanto e o como da suprema intervenção, só Deus o sabe determinar. Devemos, porém, acreditar que somos nós que a atraímos ou repelimos; porque assim como a lei humana *não ampara aos que dormem*, do mesmo modo, e por maioria de razão, a graça divina *não socorrerá aos que não fizerem por merecê-la*.

“Deus vem em auxílio dos que estão prestes a sucumbir; mas somente quando a Ele recorrem com fé, ou quando agasalham no fundo do coração o sentimento do bem.

“N’um romance de profundo pensador eu li: que alto senhor, dotado de saber e riqueza, tanta quanto de espírito de caridade, encontrou no lodo social, que revolvía para consolar e regenerar as vítimas das maldades dos homens e de sua própria fraqueza, um miserável, cheio de torpezas, que lhe revelou um vislumbre de honra no fundo do coração corrompido.

“O filantropo chamou-o a si e fê-lo seu auxiliar e dest’arte desenvolveu o gérmen do bem e fez dele um regenerado.

“Eis um pálido exemplo do *como* da intervenção da graça divina.

“Se a Majestade infinita julga a cada um por suas obras, não deixa de abrir os tesouros de sua misericórdia quando vê luzir na alma dos que fraqueiam o sinal da redenção.

“É um homem dominado de más paixões que abandonado a si mesmo vai a precipitar-se, mas que guarda o sentimento do bem.

“O Pai clemente, atendendo a ter ele mantido, no turbilhão dos seus vícios, a divina centelha, toca-o, fa-lo avigorar o bem⁷³ – extinto lume – e auxiliando-o no salutar empenho, dá que consiga, parte por seu esforço, parte pelo superior adjutório, luz mais ou menos intensa a esclarecer-lhe os seios da alma.

“E outro menos entregue aos vícios e crimes, ou mesmo ostentando nobres qualidades, mas que, em seu íntimo, não agasalha um sentimento bom.

“Como chegar a esta alma a luz, se para isto não oferece ela a mínima abertura?

“E o mundo, que só vê o que é visível, exclama diante desses dois fatos, com a segurança de sua *sabedoria*: Deus é infinito!

“A grandeza da lei que rege a evolução espiritual está no contraste figurado: nessa liberdade de prepararem seu destino.

“O homem, pois, para desempenhar sua missão, tem antes de tudo seu livre-arbítrio e depois dele e por meio dele o auxílio divino.

“Não é somente por obras, senão também por pensamentos e por palavras, que ele desempenha aquela missão: seu aperfeiçoamento.

“Mais difícil é a prova por palavras e por obras do que por pensamento; porque este não transparece como aquelas.

“Pelos pensamentos e sentimentos, se nós os temos conformes com o dever, só faremos mal a nós mesmos; ao passo que pelas palavras e pelas obras podemos dominar nossa alma e as de todos os que se acercarem de nós.

73 (Nota do Organizador) Parece-nos ter havido aqui um erro material no texto original, que traz nesse ponto a palavra “mal”. Entendemos que o correto seria dizer “fá-lo avigorar o bem”, pelo que fizemos o ajuste.

“Além disto, nas sociedades que se levam mais pela filosofia do que pela religião, temos que lutar pela conformidade de nossas ações às leis do Senhor, ou às do mundo: entre o dever e o interesse.

“E como não se pode bem servir a dois senhores, ou havemos de andar bem com Deus e mal com os homens, ou havemos de andar bem com os homens e mal com Deus.

“Os que preferirem as glórias eternas às transitórias, romperão com a sociedade, embora se condene a seu desprezo.

“Estes são os bem-aventurados os filhos da luz, os eleitos.

“Aqueles, porém, que, seduzidos pelas glórias do mundo, preferindo a *realidade* desta vida às *dúvidas* do futuro, romperão com Deus, embora se condenem aos raios de sua justiça.

“São os infelizes que vendem por um prato de lentilhas o excelso patrimônio, reservado para os filhos do Pai.

“Há quem procure conciliar o dever com o interesse, servindo a Deus às escondidas e a sociedade às claras.

“Estes são os mais desgraçados que renegam a verdade, em que acreditam, por bem dos interesses passageiros, a que hipotecaram a alma. São os hipócritas, os orgulhosos, são os invejosos, são os concupiscentes, são os avarentos, são, em suma, os escravos de todas as paixões carnis.

“O homem que não crê em Deus, se é possível haver um que não tem isto por sujeição à lei moral, que não crê na vida eterna de sua alma, que, portanto, encara esta vida pelo lado material, este é menos culpado em suas abominações.

“Crer, porém, e abafar a crença, só para poder satisfazer sua vaidade e suas ambições, é de todas a maior desgraça.

“A esse horrendo abismo são levados uns por sua própria conta – outros pelos maus exemplos.

“O mal exemplo é vírus contagioso, que se espalha na atmosfera e contamina, sem que se sinta, sem que diminua o mal de quem lhe serviu de foco.

“O varioloso não se sente aliviado porque de suas pústulas desprendem-se grande cópia de vírus, que infectou a outros. Às vezes, ele e os que receberam a infecção sucumbem ao mal.

“Não diferente é o processo do contágio moral.

“O pai de família, principalmente, deve ser mais cauteloso do que ninguém, nas suas palavras e obras, porque delas não resulte, além do próprio mal, o da transmissão aos que tomam-no por seu modelo.

“E tanto mais elevada for a nossa posição, na família ou na sociedade, tanto maior deve ser o cuidado, pela força de arrastamento que adquirem os exemplos que damos.

“Que grandeza para o pai, ou chefe, que, deixando o invólucro carnal, puder dizer ao Supremo Juiz: criei, em torno de mim, uma atmosfera de salvação – e deixei, na Terra, os Espíritos, cuja direção me foi confiada, educados nos princípios do bem. Sou pai de uma geração de servos do Senhor!

“E que miséria do que, entrando no mundo dos Espíritos, onde resplende a verdade, for obrigado a dizer que só fez uso de suas faculdades em próprio detrimento e em detrimento de todos os que o ouviram e receberam seus exemplos!

“Este será constrangido a confessar: sou pai de uma geração de precitos⁷⁴!

“Nenhum mal dos que emanam do homem é tão clamoroso como o mal exemplo.

“Ao contrário, os exemplos bons são a semente da salvação lançada no seio dos Espíritos.

“Antes de matar o corpo, do que infeccionar a alma.

“Antes inspirar bons sentimentos, do que dar remédios que curem”.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 25.06.1884
http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pagfis=10042

74 (Nota do Organizador) Condenados, malditos, réprobos. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CCCXLVIII - O PAIZ, 02.07.1894

É natural a relutância que manifestam certos homens a respeito do Espiritismo.

Toda a novidade levanta oposição, tanto da parte dos ignorantes como daqueles que se julgam senhores das verdades, fora das quais tudo é falso.

Ora, o Espiritismo é uma completa inovação, principalmente das ideias predominantes neste fim de século: as ideias positivistas e materialistas, que dominam certas classes um pouco ilustradas, como o comunismo – o anarquismo – o niilismo dominam outras menos cultas.

Daí aquela relutância, que diremos natural, porque toda ideia nova tem sempre encontrado oposição, pela simples razão de que a natureza humana, embora perfectível, é aferrada aos princípios do suetismo⁷⁵ – da imobilidade – e do *uti possidetis*⁷⁶, em matérias de crenças e convicções.

Tudo, porém, tem limites – e se não é lícito destruir o edifício das crenças cimentadas por tantas e quantas gerações passadas, menos ainda o é fazer dele um sacrário, em que não se deva tocar, nem para retocar a pintura desbotada pela ação do tempo.

75 Do latim *suetus*, acostumado, habituado. (Fonte: *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, de L.Quicherat”, 9a. ed., 1927, no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin) Não localizamos a palavra nos dicionários atuais, mas tem o sentido de indicar a propensão humana à manutenção do mesmo, das tradições. O mesmo que *misoneísmo*, aversão a tudo o que é novo, a toda transformação, ou ainda, que o conservadorismo, na sua acepção mais popular. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

76 Vide nossa 60, acima.

A lei – a lei do progresso, que é a que domina todos os seres, é esta: o mundo marcha – e, à medida que marcha, novos e mais claros horizontes se desdobram aos olhos do homem, o ser por excelência perfectível.

Quer dizer: que o espírito humano, pelo correr dos séculos e progresso realizado, vai gradativa e progressivamente recebendo luz mais intensa, que lhe faz ver mais altas verdades, até então envoltas nas brumas de sua ignorância.

Deve, pois, todo o homem refletido estar preparado – esperar mesmo o advento de ideias novas, que modifiquem mais ou menos sensivelmente a obra feita à luz mais escassa.

O contrário é cegueira imperdoável, qual a obra dos hebreus, especialmente a de seu sacerdócio, que repeliu a luz, simbolizada por Jesus, apesar de dever esperá-la, em vista das profecias que anunciavam a vinda do Messias, descendo a especificação dos sinais do tempo e dos que o caracterizavam.

No nosso caso, se não tivemos profecias, sem valor no mundo profano, temos a lei bem conhecida do progresso, que nos dá o ensino de que a esfera dos conhecimentos humanos, em todos os ramos do saber humano, alarga-se progressivamente pela inclusão de novas e mais altas ideias.

E como poderia haver progresso senão assim?

Como havê-lo, se os conhecimentos humanos não estivessem em constante ebulição ou fermentação, pela qual se desprendem uns elementos e se desenvolvem outros?

Tivessem os homens cerrado as portas da ciência, no fim do século passado, como pretendem fazê-lo muitos, no fim deste século – em nossos dias; e a Alquimia não teria produzido a Química – e a Astrologia não teria produzido a Astronomia; e o mundo não gozaria as excelsas vantagens das descobertas, relativas ao calor e à eletricidade; e ainda hoje o carro de bois não teria cedido lugar ao cavalo de fogo.

Como, pois, repelirem-se as novidades, quando as novidades é que têm feito do nosso século o século das luzes?

Não se infira destes nossos conceitos, que estabelecemos como lei: aceitar toda a ideia nova – e por dedução o Espiritismo, que novo é sob a face com que se nos apresenta.

Não; a lei, lei que só podem desprezar os espíritos levianos, é: nem aceitar, nem repelir qualquer ideia ou fenômeno desconhecido, que se apresentar, sem o mais profundo estudo, fortificado e iluminado pela observação e pela experiência.

Têm os que escarnecem do Espiritismo praticado a lei, a que só a enfatuada ignorância é capaz de negar preto?

Têm estudado os princípios fundamentais da nova filosofia? Têm submetido aqueles princípios às provas da observação e da experiência?

Não certamente, porque ainda nenhum o fez, que não saísse Paulo da empresa cometida como Saulo.

Dois dos maiores vultos da ciência hodierna são a prova eloquentíssima da verdade de nossa asserção.

Crookes e Lombroso, inimigos votados do Espiritismo, por serem sectários convencidos do materialismo, submeteram o Espiritismo a provas experimentais, no intuito de o reduzirem à real expressão, que lhe supunham: verdadeiro parto de imaginação doentia ou obra de mágicas brancas.

Naquele intuito mais que insuspeito, porque lhe era adverso, estudaram – observaram – experimentaram; e o resultado?

O resultado foi: que um e outro sábio materialista, no fim de suas pesquisas científicas, colocando acima de tudo seu caráter de homens de bem e de homens da ciência, fizeram pública confissão: de que os fenômenos espíritas são inconstestáveis.

Se quiséssemos dar aqui a lista de nomes dos sábios eminentes que, por seus estudos, observações e experiências chegaram à mesma convicção – abraçaram o Espiritismo, precisaríamos encher as colunas deste jornal.

E, pois, só repelem o Espiritismo, [...] ⁷⁷ da massa ignorante, os fanáticos e os obcecados, que propositadamente evitam estudar-lhe os princípios fundamentais; uns por terem sua razão escravizada à fé passiva como o boi é escravo [...] ⁷⁸; outros por tê-la escravizada ao espírito de sistema, mais indigno do ser perfectível do que o próprio fanatismo.

Escapou-nos a classe dos tolos pretenciosos, que, por terem uma meia claridade intelectual, que não lhe dá para conhecerem o que ignoram, supõe-se dispensados de mais procurar aprender.

Destes, o escárnio é uma distinção.

Como o quer quer seja, todo o homem de bom senso e reto juízo, devendo estar sempre à espera de mais luz para a inteligên-

77 (Nota do Organizador) Parte do texto ilegível na edição original.

78 (Nota do Organizador) Outro trecho ilegível.

cia humana, não pode, sem desairar-se⁷⁹, principalmente diante dos fatos, de estrondosas conversões de tantos sábios, repelir o Espiritismo, antes de fazer sério estudo - profunda observação - e rigorosa experiência.

Só os parvos formulam juízo sobre o que não conhecem.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 02.07.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10092

79 (Nota do Organizador) Apresentar-se mal, sem elegância, êxpor-se à vergonha. (Fonte: *Dicionário Priberam online*).

Artigo CCCXLIX - O PAIZ, 09.07.1894

Em nosso passado artigo dissemos: que ninguém estuda o Espiritismo, como se deve estudar uma ciência, que saia livre de negar-lhe, conscienciosamente, a verdade de seus fenômenos.

E, para prova, escolhemos, entre os inúmeros casos de ren-dição de sábios, os de Crookes e de Lombroso, valiosíssimos, não só por serem estes dois dos maiores vultos da ciência hodierna, como por serem materialistas e terem-se dado àquele estudo, precisamente para “varrerem do celeiro da gente crédula aquelas teias de aranha”.

E dissemos: tanto um como outro, depois das mais aturadas e profundas investigações, viram-se obrigados, por sua honra pessoal e por sua lealdade científica, a confessarem publicamente: os fenômenos espíritas são uma verdade.

Os fenômenos espíritas são uma verdade, repetem os que fazem-se violência em reconhecê-lo; mas a explicação? exclamam, como quem se apegam à última tábua de salvação.

É neste último reduto, de frágil e insubsistente construção, que vimos hoje dar batalha aos obstinados, que o julgam defensável e capaz de proteger sua pobre bandeira reduzida a um trapo sujo pela razão esclarecida e pela lógica esmagadora dos fatos – dos fatos que se dão, com uma frequência admirável, por todos os ângulos da Terra.

Fato notável, que só por si é prova cabal da fraqueza e da má fé que dominam no campo dos nossos adversários!

Quando a ciência moderna, por consenso universal, proscreve, no aparelhamento das matérias para a construção do edifício do saber humano, os processos especulativos e consagra,

com o culto de latria⁸⁰, os positivistas – quando se reclamam fatos – fatos – fatos, para fundamento de toda a ciência, eis que, em relação ao Espiritismo, deixam-se em desprezo os fatos – dá-se de mal aos processos positivistas, para se agarrarem aos condenados processos especulativos!

“Os fenômenos espíritas (fatos) são uma verdade”, mas a explicação (teorias especulativas)?

Contra as teorias os fatos, que são o seu fundamental corretivo; mas, em caso de desespero, cedam os fatos às teorias, como meio eficaz de ensombrar a verdade!

Fatal cegueira qu dá para presumir: que com a negação a verdade deixa de ser!

Os fenômenos espíritas são uma verdade; mas o Espiritismo é uma falsidade!

Para darem um colorido a este ridículo atentado contra o bom senso, dizem os oráculos da negação: os fenômenos dão-se; mas não são os Espíritos que os produzem.

Aceitamos, por misericórdia, esta nova gíria científica: dos fenômenos espíritas não serem obra dos Espíritos, o que vale por dizer: que os fenômenos materiais não são obra da matéria.

Aceitamo-la, para mostrarmos como tais fenômenos não podem ser produzidos senão por Espíritos.

Antes de entrarmos em fatos da nossa observação, que temos em grande cópia, analisemos o que foi observado pelo sábio Crookes, em presença de uma seleta sociedade londrina, cujo testemunho autenticou a exposição feita pelo grande homem, que não fará mal repetir: empenhou-se naqueles estudos, como materialista que era, a fim de pulverizar o Espiritismo, ou espiritualismo, como ele chama.

Depois de haver obtido, com os aparelhos que engenhou, como notável físico e químico que é – e com o auxílio de um médium, fenômenos de todas as qualidades, chamados de efeitos físicos: sons, pancadas, aparições luminosas, etc., etc., surpreendeu-o a manifestação de um Espírito materializado, que, seja dito de passagem, não é o único exemplo conhecido.

Crookes e todos os assistentes não puderam alimentar dúvida de que fosse aquele ser um habitante do mundo invisível, pois que, além de vê-lo sob a forma corpórea de uma moça, que disse o

80 (Nota do Organizador) Culto devido a Deus, adoração. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

nome de Katie-King, foi-lhes permitido apalpar aquele corpo, que manifestava todos os característicos do corpo humano.

A ciência espírita explica, à evidência, o modo como se fazem tais corpos, os Espíritos que se querem manifestar aos vivos, de modo que o fato de Crookes foi mais uma prova autêntica da verdade da Doutrina, neste ponto.

E nem se pode supor que fosse Katie-King uma pessoa viva, como se diz, pois que manifestava-se de repente – e de repente desaparecia do meio dos que a rodeavam.

Ora, esse Espírito que produzia tudo o que chamamos fenômenos espíritas – e o fenômeno, por excelência, da materialização ou corporização, pode deixar dúvida a respeito da existência dos Espíritos – e de serem os fenômenos espíritas seus efeitos – suas produções?

Como, pois, diante deste fato, mesmo que fosse único, negar que sejam os Espíritos os agentes daqueles fenômenos?

Nós temos observado, no curso de nossas experiências, fatos de caráter moral, que são tão robusta prova, como aquele, da existência do mundo espiritual.

O Dr. Henrique Alves de Carvalho⁸¹, incrédulo, mas não cego ou fanatisado pelas ideias dominantes em nossa mocidade, dispôs-se a fazer uma experiência, para julgar por si do que agita hoje todos os sábios do mundo.

Pediu-nos uma sessão, para evocar seu irmão, o Dr. José Alves de Carvalho – e tanto nós como o médium fomos a evocar o Dr. José Alves de Carvalho⁸².

O médium, porém, mal caiu no sono sonambúlico, voltou-se para o evocador, increpando-o de tê-lo enganado, chamando outro Espírito que não o de seu irmão.

Henrique empalideceu e respondeu, perguntando: como sabia que chamara outro.

Porque, respondeu o médium, o Espírito que aqui está a seu chamado é outro – é o de um homem velho, alto, magro – e

81 (Nota do Organizador) Localizamos um Sr. Henrique Alves de Carvalho como deputado do Maranhão, no período entre 1891-1893. Como Dr. Bezerra também era político, pode ser este o personagem do caso aqui registrado... (Fonte: CP-DOC - Fundação Getúlio Vargas)

82 (Nota do Organizador) Infelizmente não identificamos possíveis dados biográficos acerca de José Alves de Carvalho.

descreveu-o com todos os sinais físicos, até falar de uma belida ou catarata n'um dos olhos e de um fontículo⁸³ n'uma das pernas.

Henrique, abalado de quase não poder falar, confessou: que para mais verificar se era ou não verdade a manifestação dos Espíritos, empregara o expediente: de dizer-nos que evocara o irmão, quando pedia intimamente o aparecimento do pai, que era realmente quem se apresentou, segundo a descrição feita pelo médium, à qual não faltou nada, nem a catarata nem o fontículo.

É preciso acrescentar: que o pai do doutor, filho do Maranhão, onde faleceu, nunca foi visto pelo médium.

Pode-se, porém, recorrer à célebre teoria da transmissão do pensamento para explicar este fato, incontestavelmente notável.

Pode-se, porque o naufrago atira-se até a uma palha, que outra coisa não são as tais teorias para a explicação dos fenômenos espíritas.

Para que não reste dúvida do que a tal transmissão do pensamento não explica o fenômeno espírita da manifestação dos Espíritos, damos aqui outro fato novo, porém autenticado.

O Dr. Augusto Fleury⁸⁴, quando deputado por Mato Grosso, há isso 10 anos, metia à bulha nossas ideias espíritas.

Um dia, achando-se em sua casa, à praia de Botafogo, um distinto cavalheiro, seu amigo e médium, e recaindo a conversa sobre Espiritismo, Fleury acedeu ao convite do amigo de fazerem os dois ali mesmo uma experiência: um evocava – e o outro recebia a comunicação.

Fleury evocou o Espírito da mãe ou da sogra – e o médium recebeu a seguinte comunicação:

“Meu amigo – o Espiritismo é uma verdade - Abaeté.”

83 (Nota do Organizador) A palavra fontículo é hoje associada à moleira do bebê, não conseguimos identificar em que sentido Dr. Bezerra a utilizou em relação à perna, talvez a expressão tivesse outro sentido no final do século XIX.

84 (Nota do Organizador) André Augusto de Pádua Fleury - Mato-grossense. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Conceituado criminalista. Deputado de 1861 a 1868 e de 1881 a 1884, não chegando ao fim dessa Legislação, porque foi nomeado Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1882. Voltou à Câmara e foi seu Presidente em 1885. Aposentou-se como Diretor da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1890, e faleceu pouco depois. (Fonte: *Presidentes da Câmara dos Deputados durante o Império* (1826 a 1889), de Carlos Tavares de Lyra, Ed. Câmara dos Deputados, Brasília, 1978).

Ficaram ambos desconcertados por não ter vindo quem chamaram; mas isto mesmo nos dá prova: de que a transmissão do pensamento não produz aparição.

Volveram a nova tentativa, evocando o mesmo Espírito – e digamos, sem que o médium quer neste, quer no primeiro caso, soubesse quem era o evocando.

Receberam o seguinte:

“Fui muito infeliz na vida; mas hoje sou feliz - *Teu irmão João.*

Ainda uma nova prova contra a teoria da transmissão do pensamento – e uma prova positiva e indiscutível da existência dos Espíritos e da realidade de sua comunicação conosco.

A letra daquela era a do finado irmão de Augusto!

Este a reconheceu – e todos os parentes a reconheceram.

Podia ser reconhecida por tabelião!

Estes dois fatos, reunidos ao de Crookes, valem por uma operação de cataratas a Moura Brasil⁸⁵. Só os condenados à cegueira por força superior deixarão de ficar vendo... a verdade.

Convocamos os dois cavalheiros, cujos nomes citamos, a reclamarem, se não dizemos a verdade.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 09.07.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10147

85 (Nota do Organizador) José Cardoso de Moura Brasil, mais conhecido como Dr. Moura Brasil (1848 - 1928) foi um médico oculista brasileiro, um dos mais notáveis de seu tempo, patrono de uma das cadeiras da Academia Nacional de Medicina. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CCCL - O PAIZ, 16.07.1894

Dissemos, *aliunde*⁸⁶, que a nossa mocidade é cega ou fanatizada pelas ideias dominantes: materialismo envernizado pela brilhante inteligência e fecunda imaginação de Augusto Comte⁸⁷, que, por mal da humanidade, tem feito escola, a favor de grandes talentos, que lhe têm seguido o rastro... tristíssimo rastro!

Nosso plano, o que nos impõe os sentimentos naturais e a educação que recebemos, não nos permite molestar a ninguém, na propaganda de nossas ideias, para as quais não teríamos o direito de exigir o respeito dos díscolos⁸⁸, se não lhes respeitássemos as suas.

Além de que o erro, principalmente em matéria que decide do futuro de quem o abraça, mais comove a quem tem bom coração, do que lhe acende as paixões, por tolos motivos de divergências de opinião.

Nós sentimos profundo pesar, assistindo, sem poder dar remédio, à dolorosa cena: de moços, dotados de ingente talento e de nobre caráter, cavarem a própria ruína, cerrando os olhos à luz e abraçando-se com as trevas mal rasgadas por fosforecências de sua própria criação.

86 (Nota do Organizador) Palavra latina que significa “de outro lugar, de outra parte, de outra coisa, de outra pessoa”. No Direito, usa-se para indicar a proveniência de outro lugar ou de outra fonte (ex.: na motivação aliunde faz-se menção a atos e documentos produzidos em outro processo). (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

87 (Nota do Organizador) Vide nota 57, acima.

88 (Nota do Organizador) Que ou quem se separa de um grupo por divergências; dissidente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Dói-nos muito ver isto; mas respeitamos o livre-arbítrio dos que assim procedem; tanto mais quanto podemos repetir com o poeta: *et quorum pars magna fui*⁸⁹.

Nós, também, já passamos por esta quadra da vida – e já lhe pagamos o tributo, que outros agora lhe pagam.

O sentimento de liberdade, nunca tão vicejante como no coração do moço, leva-o a repelir tudo o que lhe possa por peias à satisfação de seus ilimitados intuitos.

É esta a *circa*⁹⁰, cujos filtros fazem-nos adormecer nos santos princípios, que recebemos com o leite de nossas ternas mães – e acorda-nos no que nos sopra orgulho humano, sob o nome da ciência.

A ciência é, com efeito, uma das asas para a elevação do Espírito às imagináveis alturas de seu esplendoroso destino; mas nem é a única, porque com uma asa só o pássaro não voa – nem é isto que conhecemos na Terra, que não passa de primeiras noções do quase infinito saber, que é dado ao homem.

E muito menos pode ter aquele nome sem um amontoado indigesto de hipóteses – de sistemas – de escolas, que se combatem e que se destroem, para de suas cinzas surgirem novas entidades, *scilicet*⁹¹: novos gladiadores, que se batem contra moinhos de vento.

É triste dizê-lo; mas a verdade é que não passa disto a ciência da Terra: meia dúzia de verdades provadas, perdidas n'um pavoroso deserto, o das verdades ainda desconhecidas, algumas

89 (Nota do Organizador) Virgílio (70-19 dC), célebre poeta romano, em *Eneida*, Livro II, na narrativa de Eneias sobre a destruição de Troia, logo no 1º verso da 2ª. estrofe: “Em que tomei grande parte”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

90 (Nota do Organizador) Encontramos a palavra *circa* em muitos dicionários no sentido de advérbio de proximidade, à semelhança do que temos com “cerca”, (ex: cerca de tantos anos), como sinônimo de aproximadamente, mas no *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, de L.Quicherat, 9ª ed., 1927, no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, têm-se ela também como um dos nomes da mandrágora, planta de propriedades médicas mas também alucinógenas, e pensamos que foi neste último sentido que Dr. Bezerra, médico, a utilizou. Seus efeitos anestesiavam os ensinamentos maternos, os bons princípios, e nos levam a cair no orgulho da “ciência que incha”, conforme nos ensina Paulo de Tarso (1 Cor, 8:1).

91 (Nota do Organizador) Expressão latina, que traduz-se por “vale dizer”, “isto é”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

das quais mais afastadas de nossa concepção, por hipóteses antes filhas do orgulho que da ignorância.

A ciência é uma arma poderosa – é um valioso instrumento do desenvolvimento da perfectibilidade humana; mas, mesmo rudimental como é na Terra, não pode – não deve ser aplicada exclusivamente às coisas do mundo físico, porque, *bon grê, mal grê*⁹², não há quem não sinta dentro de si um *quid*⁹³, que não se confunde com a rocha que se decompõe – com a planta que tem vida, mas não tem sentimento – com o animal que vive e sente, mas não progride – com esta evolução, enfim, que faz da natureza material uma maravilha indecifrável à razão humana.

A ciência aspira o infinito conhecimento de todas as leis do Universo, em si – em seus efeitos – e em suas relações; e no infinito conhecimento não pode excluir aquele *quid*, que sentimos em nosso íntimo – e que fez o eminente filósofo exclamar: *sors tua mortalis; non est mortale quod optas*: tu és mortal; mas tens aspiração imortal⁹⁴.

Pois este *quid*, que mais se nos revela nas horas de nossas amarguras, é a outra asa, para nossa ascensão às fulgurantes alturas de nosso destino, tão elevado que não o podemos alcançar, no tempo – que só nos é dado alcançar, na eternidade – e que, na Terra, mal podemos colher os primordiais elementos da sublime ascensão.

Ciência do mundo físico – e ciência do mundo moral, eis as duas asas para aquela ascensão – e é de simples intuição: que devem ser alimentadas por igual, devem ser perfeitamente equilibradas, pois que não pode manter-se nos ares a ave que é ferida, ainda que ligeiramente, em uma de suas asas, de modo a não deslocar, com uma e com outra, a mesma coluna de ar.

A natureza humana, considerada só por seu lado físico, é um monstro inconcebível e inexplicável; tanto quanto fica transparente à razão, considerada pelo duplo lado: um ser imortal (lado moral), revestido de um corpo mortal (lado físico).

92 (Nota do Organizador) Locução francesa. De bom ou mau grado. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

93 (Nota do Organizador) Palavra latina que significa “que?, que coisa?, alguma coisa”. Parte mais importante, mais central ou mais difícil de algo. Busilis. Cerne. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

94 (Nota do Organizador) Vide nota 30, acima.

Quem pode advinhar na nojenta lagarta a mimosa e leve borboleta, de asas iriadas?

Por que, então, não admitir no corpo humano o princípio – o ser humano – Espírito imortal, que o veste, para poder, na vida material, preparar os elementos de seu progresso, como o campeiro veste-se de couro, para poder correr no mato?

Aqui, neste planeta, ainda impera a matéria. Aqui, pois, não pode o Espírito fixar-se, sem revestir-se da matéria ainda grosseira do planeta.

Quando um desses peregrinos do infinito, que, em sua eterna viagem, pousou aqui, tiver colhido aqui tudo o que lhe pode dar este pouso, em conhecimentos e em sentimentos elevados e no toque da verdadeira ciência, aqui apenas incipente, como dissemos; quando tiver chegado a este ponto, suas duas asas, equilibradas, já terão força para o voo deste para superior mundo, novo pouso, onde a matéria já não impera e, portanto, não precisará de um corpo material – onde a ciência já abrange mais longa esfera e, portanto, suas faculdades, livres da prisão corpórea, centuplicarão de intensidade apreensível – onde, finalmente, seu progresso se fará por entre risos e flores e não mais com dores e agonias, como nos mundos materiais.

E aquele mundo fluídico será apenas o vestibulo do majestoso edifício, constituído por uma série infinita de mundos, progressivamente mais sublimados, pelos quais o pobre homem de hoje, desta nossa pobre Terra, peregrino do infinito, irá fazendo sua eterna Hégira⁹⁵, fortificando progressivamente as duas asas ao influxo da ciência, que dilata sua esfera de mundo a mundo, até levar o Espírito àquele, onde existe o Trono do Ser dos seres – do Criador do Universo – do Único que possui a ciência infinita e o infinito poder.

E, aqui na Terra, prendem-se exclusivamente às coisas da Terra – à deficiente ciência da matéria – à concepção, tão limitada quanto absurda, da existência corpórea, terminada, como a do animal, por uma decomposição orgânica, que reduz – a nada – sua consciência – suas aspirações imortais – em sã moral; esta cairá no báratro horrível de um viver inconsciente, qual imaginou para depois da morte; mas com uma consciência a lhe bra-

95 (Nota do Organizador) Referência à fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622 d. C.. No sentido figurado remete-nos à ideia de êxodo, fuga, migração ou jornada, como o Dr. Bezerra aqui a utiliza. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

dar: que não acabou: horrorosa tortura – pesadelo horróroso, que excede em sofrimento a tudo quanto, no gênero, imaginou o tétrico autor da *Divina Comédia*⁹⁶.

É o fruto de suas crenças. *Cada um segundo suas obras.*

Deus, porém, clemente e misericordioso, não castiga para matar, mas sim para corrigir, e levada a culpa pelo sofrimento, que lhe é relativo, e desde que o arrependimento entra na alma do que delinuiu, faz cair sobre ele o rocio bendito de seu amoroso perdão.

Estás livre de horróroso suplício, moço inconsiderado que fizeste de tua inteligência arma de suplício para teu Espírito; mas ainda tens de vir à vida corpórea dar provas de que sincero foi teu arrependimento – preparar o voo, como teus irmãos, que fizeram de sua liberdade o convincente uso.

Quantos séculos perdidos para o gozo de tua felicidade!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 16.07.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10202

96 (Nota do Organizador) Dante Alighieri (1265 – 1321) - escritor, poeta e político florentino, nascido na atual Itália. É considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CCCLI - O PAIZ, 23.07.1894

Muitos foram os que, lendo o nosso artigo, dobraram gostosas gargalhadas, terminaram a festa por perguntarem a si mesmos: não haverá no hospício um lugar para este sujeito?

Ainda bem que passou o tempo dos circos, onde os senhores do mundo pretendiam afogar em sangue, no sangue frio, as verdades sublimes, que punham em relevo suas depravações.

Hoje, graças ao progresso realizado, a favor daquelas verdades, já não se ousa esmagar a consciência com a pressão, já não se leva ao circo por crenças, já o mais que se faz é lavar patente de loucos para os que pregam ideias que envolvem a responsabilidade moral.

Como é bom viver-se senhor dos seus sentimentos e até de suas obras, desde que não incorram na responsabilidade legal!

Nós somos tão bons que criamos para nós mesmos leis que garantam a sociedade contra nossos abusos.

Neste ponto reconhecemos a necessidade de limitação à nossa liberdade.

Quanto, porém, aqui está fora da alçada do poder social; nada de lei, nada de autoridade, nada de responsabilidade; liberdade sem restrição!

Se vemos aqui como os macacos representar uma função tal como eles; embora tenhamos academias, embora façamos discursos, embora arquitetemos um código penal, coisas que eles não fazem; por que havemos de ter responsabilidade moral, que eles não têm?

Respeitemos a lei social que nos impõe responsabilidades e nos tolhe a liberdade civil, que já não fazemos pouco.

Quanto ao mais, que matemos, que roubemos, que deturpemos a honra da mulher ou da filha do nosso melhor amigo,

que pratiquemos todos os crimes e infâmias imagináveis, mas de modo que a sociedade ignore e que a autoridade não nos possa chamar a contas; por que nos coagirmos?

Também nossas mulheres e nossas filhas, a mulher em geral, por que guardar a honra, a fidelidade e a castidade, uma vez que possam satisfazer seus arrastamentos sem que ninguém o saiba?

Parecer bom, sério, honrado, adstrito aos deveres sociais é tudo que exige a nossa lei, a lei da irresponsabilidade moral!

Que futura sociedade a que se constituísse sobre tais fundamentos, dizemos nós.

E não seriam outros os que servissem de base a uma sociedade materialista.

Não tem uma moral imposta pela responsabilidade, dizem os mais ousados; mas tem a moral imposta por si mesma – por seu decoro.

Eis uma peça de cobre bem galvanizada a representar ouro de alto quilate.

Se o temor da responsabilidade não contém a explosão das humanas paixões, quanto mais o decoro, a moral sem sanção, a moral de convenção!

A esposa cristã quantas vezes não sucumbe a uma paixão criminosa, apesar de acreditar que tem de prestar contas ao juiz que lê nas consciências; o que será da esposa sem fé, sem religião, que acredita na completa impunidade do mais negro crime, que olho humano não possa descobrir!

Eis para onde querem arrastar nossa sociedade os tais que riram do nosso passado artigo e nos deram patente de louco.

A negação, de um notável escritor, não pode produzir-se sob forma dogmática, porque vem sempre, por um caminho ou por outro, a resolver-se no ceticismo.

Quanto mais, dizemos nós, sob forma social!

Para dar mais sal ao riso dos nossos sábios, transcrevemos ainda algumas linhas do mesmo escritor.

João Jacques Rosseau⁹⁷, interrogado sobre o que se devia pensar das sanções eternas, respondeu: “não sei”.

97 (Nota do Organizador) Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) - filósofo social, teórico político e escritor suíço. É considerado um dos principais nomes do Iluminismo. Suas ideias influenciaram a Revolução Francesa. (Fonte: e-biografia).

Um *brilhante* espírito disse a Diderot⁹⁸ que tinha chegado à certeza da falsidade de tais crenças, e Diderot respondeu-lhe: “desafio-o a provar”.

Com Voltaire⁹⁹ deu-se o mesmo caso, e ele respondeu: “é mais feliz do que eu, porque aí não tenho podido chegar”.

Pois, meus senhores da Enciclopédia, o que os senhores, apesar de sua inteligência e boa vontade, não conseguiram, temos aqui no Brasil uma legião de sábios que já ultrapassaram.

Com a *Ordem e Progresso*, que é a divisa dos que já excederam a Diderot e a Voltaire, por já terem posto à margem as sanções eternas, e se arrumado com uma moral de convenção, por decoro próprio; aí vai o Brasil, sob a impulsão dos sectários da negação, a constituir-se um Estado sem Deus e sem alma, como não o puderam alcançar para a França os gigantes da incredulidade.

Chegaram a plantar na Terra de Santa Cruz a política de Comte, que é a supressão da moral social!

A deusa Razão, a quem rendeu culto público um povo em desvario, tendo à sua frente um vulto como Robespierre¹⁰⁰, não teve poder para obstar que a razão dos próprios que a elevaram, melhor esclarecida, a lançasse de seu trono.

Riam, pois, dos nossos desvairados conceitos, mas tomem um conselho que é de sábia prudência:

Pensem como João Jacques e lá, no seu íntimo, digam: “não sei”; pensem como Diderot, e digam: “provas, provas”; pensem como Voltaire, e digam: “ainda não chegamos a provar que não há Deus, nem alma, nem sanções eternas”.

E pensando e dizendo assim, que diante do público não lhes tira o garbo de espíritos fortes; estudem, observem, experimentem, não frouxamente e pela superfície, que é no mais fundo dos

98 (Nota do Organizador) Denis Diderot (1713-1784) - filósofo, escritor e tradutor francês, outro dos grandes nomes do Iluminismo e principal idealizador da Enciclopédia, um dos símbolos desse movimento que preparou ideologicamente a Revolução Francesa. (Fonte: ebiografia)

99 (Nota do Organizador) Voltaire, (1694-1778) - filósofo e escritor francês, um dos grandes representantes do Movimento Iluminista na França. Foi também ensaísta, poeta, dramaturgo e historiador. (Fonte: ebiografia)

100 (Nota do Organizador) Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794) - político e revolucionário francês. Líder do governo após a vitória da Revolução Francesa, implantou a ditadura que caracterizou o período do Terror. (Fonte: ebiografia)

mares que se colhem as pérolas e depois de múltiplas e reiteradas investidas; mas com a consciência e com o ardor de quem procura a chave de seu futuro.

O homem, quer materialista, quer espiritualista, não possui o dom da infalibilidade; logo nós e vós, que acreditamos estar com a verdade, devemos admitir que podemos estar enganados, abraçando o erro por verdade.

E nem pode ser de outro modo, pois que a verdade é só uma, e dois sistemas opostos a julgam consigo.

Sendo assim, surja entre nós e para todos nós a dúvida, a dúvida científica, que nos coloque na posição de quem procura a verdade, e nos tire a veleidade de já a possuímos completa e absoluta.

E, visto que não há divergência sobre a existência do mundo material, apliquemo-nos, com a melhor vontade, ao estudo do ponto sobre o qual divergimos: a existência do mundo espiritual, que vós negais e nós afirmamos.

Isto é razoável, é lógico, é digno de quem já possui mais ou menos pecúlio intelectual; o que não é razoável, nem lógico, nem digno, é resolver tão alteroso problema pelo riso, e não pelo estudo.

Não vos pedimos que desertéis do vosso campo, que risqueis do vosso pensamento as ideias que fazem vossa crença, somente porque vos oferecemos o quadro dos que constituem a nossa; pedimo-vos sim que submetais as nossas ao estudo, à observação e à experiência, e que, depois, julgueis como vos ditar a razão, porque, então, se nos combaterdes, combateis com a consciência e com a superioridade do ser pensante.

Este nosso conselho é só em vosso benefício; porque, acreditai: “Deus não deixa de ser, porque o negais; a vossa responsabilidade moral não será menos efetiva, porque não a quereis; o vosso – Nada – não vos salvará.

Max¹⁰¹.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 23.07.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10258

101 P.S. - Ao vosso crente, julgamos dar bom conselho, recomendando que leia e estude, antes de tudo, as obras fundamentais da Doutrina, que são as cinco de Allan Kardec - Max.

Artigo CCCLII - O PAIZ, 30.07.1894

Deus não deixa de ser, porque uns tantos o negam; a responsabilidade moral não deixa de ser efetiva, porque não tem os votos daqueles senhores – o nada não os salvará das sanções eternas.

Foi por onde terminamos o nosso passado artigo, que precisamos desenvolver um pouco mais.

Haverá quem duvide da existência do Sol, porque todos os cegos do mundo não o veem?

Vêm-no, porém, os que têm vista – e a Deus não há quem veja; acodem os sectários da moral por convenção.

É verdade que não o vemos; mas também não vemos a vossa “força”, e vós, apesar disto, a proclamais.

Para aceitar a ideia de Deus, é preciso vê-lo; para aceitar a força que, ligada à matéria, constitui o Alfa e o Ômega do eterno e ilimitado Universo, não há precisão de vê-la.

Confessai, ilustres sábios, que a vossa lógica não faria a glória de um sapateiro.

Ou é preciso ver para crer e, neste caso, não podemos crer nem em Deus, nem na força e matéria; ou é lícito crer sem ver e, neste caso, o que é mais racional: ser a obra, diante da qual nos sentimos coisas de nonada¹⁰², efeito de uma causa inteligente, ou efeito de uma causa ininteligente? São as duas hipóteses: Deus, força e matéria.

Não vemos a causa, ainda arriscam os da negação; mas vemos a sua obra nas transformações da matéria.

102 (Nota do Organizador) Coisa de pouca importância, de pouco valor, bagatela, insignificância, ninharia. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Vemos, de fato, as transformações da matéria; mas tanto pode ser isto obra da vossa força, como do nosso Deus, continuando a considerá-las como hipóteses.

E é muito mais crível que semelhantes transformações sejam delineadas por uma força inteligente, do que por uma força ininteligente – cega.

Ainda, aqui, a hipótese mais racional é a de ser Deus o Criador do Universo, incluindo no plano de sua obra a existência dessa força para a matéria, como é a do intelectual para o Espírito.

E mais clara fica esta hipótese, até se tornar transparente – até entrar pelos olhos da alma, atendendo-se ao seguinte:

Todas estas transformações da matéria, em número e variedades e graus infinitos se operam sempre, sempre, pelo mesmo modo, invariavelmente.

Isto nos leva à conclusão forçada de que todas elas, de que tudo no Universo é regulado por leis *eternas e imutáveis*.

E, conclusão de conclusão, sempre forçada: só um poder infinito, de par com um saber no mesmo grau, pode estabelecer leis sem conta, que nada pode suprimir ou, ao menos, modificar – pode dispor esta infinidade de leis eternas e imutáveis em ordem a funcionarem, sem de leve se chocarem, e concorrendo todas para a harmonia inquebrantável, que é a suprema ordem do Universo.

Pode uma força cega, ligada a um elemento, de si mesmo inerte, produzir uma obra tal, que reclama onisciência e onipotência?

O senso comum é bastante para resolver a questão, reduzida a estes termos, que são os seus legítimos termos.

A negação, pois, nem ao senso comum poderá jamais impor a supressão de um ser dotado de saber e de poder infinitos, para tirar de seu pensamento e de sua vontade todas as surpreendentes maravilhas que constituem o Universo, inclusive a matéria, que foi dotada da força de transformação, inclusive o Espírito, que foi dotado da força de compreensão.

Passemos ao ponto da responsabilidade moral.

Quem cortará a perna a um cavalo que deu um coice? Só um louco ou homem de mal caráter.

E porque não castigar o animal por suas más obras? Simplesmente porque não é um ser moral em pleno exercício da liberdade com a razão e a consciência.

Logo, um ser moral e livre, que tem razão e consciência, para regular seus atos, deve ser punido pelos males que causar.

O cavalo e o homem representam os dois estados da natureza, que se caracterizam pela irresponsabilidade e pela responsabilidade.

Quem governa um navio sem bússola e sem leme, não pode ser acusado por ter-se ele despedaçado contra os rochedos.

Não assim o que governa um navio com bússola e leme.

A responsabilidade é inerente ao ser moral; isto é: a que dispõe de liberdade para o bem e para o mal, tendo para se guiar a bússola e o leme da razão e da consciência.

É por não dispor destes predicados, só dados ao homem, que o bruto é irresponsável.

E, se a ausência deles determina a irresponsabilidade, a posse deles, pela lei dos contrários, determina a responsabilidade.

O homem, pois, é, por sua natureza, responsável.

Se é, por sua natureza, responsável, ele o é em todas as suas relações naturais: em suas relações consigo, com seus semelhantes e com Deus, que já demonstramos estar ao alcance do senso comum e só fora do alcance dos sábios da negação sistemática.

Desde, portanto, que, no exercício de nossa liberdade e no pleno gozo de nossa razão e de nossa consciência, praticarmos qualquer ato em contravenção aos deveres que nos prendem a qualquer daquelas três ordens de relações, somos réus diante de nossa própria natureza.

Deu-se-nos mais do que aos outros seres, mais do que a qualquer outro se nos pede.

*Summum jus, summa injuria*¹⁰³.

Não é, pois, a contravenção às leis humanas que constitui a responsabilidade do homem. Esta é transitória.

A verdadeira responsabilidade do homem está encarnada em sua natureza e acompanha-o em todos os atos, internos e externos, de sua vida; está essencialmente na intenção.

E, desde que somos, por obra de nossa própria natureza, sujeitos à lei moral em todas as suas relações, é do inquebrantá-

103 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “suma justiça, suma injustiça”. Axioma jurídico que indica que da aplicação excessivamente rigorosa da lei facilmente podem resultar injustiças. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

vel rigor lógico: *primo*¹⁰⁴, que aquela lei tem indefectível sanção, porque sem isto seria uma caçoada ou brinquedo de criança e, *secundo*¹⁰⁵, que existe um poder superior a toda a humanidade, que tem alçada para julgar e fazer efetivas as penas e recompensas da lei.

Até a nossa natureza dá testemunho da existência de um juiz supremo – de Deus.

É para evitarem esta passagem estreita que os pobres loucos, di-lo-emos também, pelo princípio do *sic volumus*¹⁰⁶, criaram o nada – para depois da morte, como se, por terem-no inventado, ele ficasse sendo uma realidade.

O nada – a redução do homem a nada – ao estado a que se reduz o bruto e o cogumelo, é coisa que instintivamente repugna à nossa natureza, que a juízo dos próprios materialistas é o melhor critério da verdade.

O próprio selvagem o repele; prova de que a sobrevivência do ser humano é um fato que está no sentimento inato de toda a criatura racional.

E não tem razão os que, para fugirem ao juízo, rebaixam o homem ao nível dos ínfimos seres da criação; porque a responsabilidade, se acarreta penas, estas não tolhem, senão por tempo limitado, a ascensão do condenado de hoje à grandeza imaginável do bem-aventurado de amanhã.

Antes sofrer as consequências de nossas faltas, certos de conquistarmos, mais cedo ou mais tarde, uma glória que não tem símile na Terra; do que figurarmos, por momento, como rei da criação, e acabarmos confundindo-nos com as espécies inferiores no pavoroso nada.

A consolação nos sofrimentos é a esperança de melhores tempos.

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 30.07.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10316

104 (Nota do Organizador) Primeiro, em latim.

105 (Nota do Organizador) Segundo, em latim.

106 (Nota do Organizador) Parece uma referência de Dr. Bezerra à expressão latina “quod volumus facile credimus”, que se traduz por “facilmente cremos aquilo que desejamos”. (Fonte: <https://portuguesalettra.com/latim/quod-volumus-facile-credimus-latim/>)

Artigo CCCLIII - O PAIZ, 06.08.1894

Os órgãos e faculdades da percepção humana sendo limitados, é claro que não podem penetrar a razão das causas, limitando-se a apanhar-lhes os modos de manifestação.

Julgamo-las pelo que se mostram e sem lhe atribuímos modos – razões – sentidos ocultos, que são entretanto sua verdadeira razão, e modo de ser.

Tudo, na natureza, e isto podemos coligir, tem duas faces, que se completam e – cuja percepção é necessária para fazermos uma ideia perfeita: a face aparente¹⁰⁷, a que se nos mostra e – a que está sob o véu do mistério, como se diz.

No fenômeno o mais simples verificamos esta verdade.

Vemos uma fruta de belo colorido, que nos atija o apetite; será agradável ao paladar? será inócua?

Quem poderá supor que a frondosa mancenilheira¹⁰⁸ derama no ar, em torno, eflúvios venenosos, que dão a morte ao incauto que se refugia à sua fresca sombra?

107 (Nota do Organizador) Tiramos desse ponto a expressão “a ocultá-la”, que consta no texto original, mas que nos pareceu fruto de erro material, tipográfico, pelo que decidimos retirá-la, para melhor compreensão do parágrafo.

108 (Nota do Organizador) A mancenilheira é uma árvore que pode atingir 20 metros de altura. Apresenta casca cinzenta, folhas verdes brilhantes e picos de pequenas flores esverdeadas. Seus frutos são semelhantes na aparência a uma maçã reineta, são verdes e esverdeado-amarelados quando maduros. O nome em castelhano é manzanilla de la muerte (“pequena maçã da morte”), por ser considerada uma das árvores mais venenosas do mundo. Os seus frutos são venenosos, e a seiva da casca provoca queimaduras, cegueira (se entrar nos olhos) e até a morte. (Fonte: Wikipedia)

E, subindo a uma ordem mais elevada de cogitações, quem poderá decifrar o mistério desta especialidade no infinito reino vegetal?

Não é do ar que lhe vem o letal princípio, nem do solo de que tira a seiva, porque, em qualquer ponto onde houver um exemplar de sua espécie, este terá aquela propriedade – e porque, substituída por uma árvore de outra espécie, esta não apresenta a terrível propriedade.

É, pois, uma condição natural da planta.

Se do mundo físico passamos ao moral, sempre a mesma dualidade: o que vemos e o que não podemos ver, o que se manifesta à nossa percepção e o que lhe fica encoberto pelo véu do mistério.

É daí que procedem as ideias – as teorias – os sistemas variados e opostos sobre uma ordem de fenômenos – e, pode-se dizer, sobre todas as ordens.

É de simples intuição que meio conhecimento de um objeto ou antes: que o conhecimento de uma parte de um objeto, não é conhecimento de tal objeto.

Conhecer, por exemplo, a construção do corpo humano, estudado n'um anfiteatro de anatomia, não é conhecer a face moral do ser humano; assim como conhecer esta face, não é conhecer a material daquele ser.

Por identidade de razão, conhecer do homem todas as suas manifestações morais, não é conhecer o homem moral, porque não se lhe pode apreciar a parte oculta, o princípio causal daquelas manifestações e suas relações de causa para efeito.

Ver o corpo não é ver o homem – ver o corpo e todas as manifestações físicas, intelectuais e morais ainda não é ver o homem; queremos dizer: conhecê-lo.

O homem somente será conhecido em sua plenitude, quando dele forem conhecidos: todos os fenômenos físicos e morais, em si e em suas relações – as leis a quem obedecem em suas manifestações – e o princípio regulador de tais leis, e por elas de tais fenômenos.

Já se vê que, não se tendo senão o conhecimento da parte física, o homem fica sendo objeto de ideias – de teorias – e de sistemas variadíssimos, ao sabor de quantos se abalancharam a julgá-lo e a explicá-lo pelo que dele sabem.

Os que baseiam seus estudos exclusivamente sobre a face ostensiva: manifestações físicas e morais; evidentemente não podem fazer uma ideia perfeita – e os sistemas que arquitetam sobre tal base, são insubsistentes à luz da razão.

É o mal dos sistemas materialistas e positivistas, que, não aceitando senão o que é patente – afeta os sentidos – e passa pela prova experimental, são obrigados a imaginar teorias extravagantes para explicarem o pensamento – a memória – e a própria vida.

Pois, se eles ficam na casca, como hão de dizer do miolo? Fazem obra sobre uma parte, a parte ostensiva do homem; como hão de dizer sobre a natureza hominal, em sua plenitude?

E nem se diga: que o homem resume-se no que dele conhecem os materialistas, incluídos na classe os positivistas, que o são mais que os genuínos. Não se diga: que são meras fantasias estas histórias de duas faces, uma ostensiva e outra coberta pelo véu do mistério.

Além de que a ciência não chegou ainda à causa das causas – e, portanto, aí está a prova *provada* de que existe algo que não é ostensivo, acresce que mesmo em relação ao homem, que nos ocupa neste momento, prova-se: que o materialismo não compreende a face oculta: o princípio anímico – e que, portanto, não pode dizer sobre a natureza hominal em sua plenitude – e que, portanto, sua ciência peca pela base: atribuir ao todo o que é peculiar a uma de suas partes.

E, para que não fiquem dúvidas a este respeito – e possam os menos instruídos obter a certeza de que a tal ciência exclusiva da matéria firma-se n'uma perna só e não vê senão por um olho, aí está o Espiritismo, ciência experimental, empregando as armas do positivismo, demonstração *visível – tangível – auditiva* – material, enfim, do princípio anímico, parte oculta e essencial do ser humano.

A escrita direta, nas condições em que a obtiveram sábios da ordem de Crookes – de Wallace – de Zöllner, sem mais necessidade de recorrer a outra prova, é de uma evidência experimental esmagadora.

Quando aqui estive o médium americano Slade, que, seja dito de passagem, nem sempre se achava em boas condições medianímicas, fomos, em companhia do Dr. Antônio Luiz Sayão, visitá-lo, por vermos se lhe obtínhamos uma prova de escrita direta.

Seriam 2 horas da tarde e a atmosfera era de uma limpidez admirável.

Slade, em uma sala, com a janela aberta, por onde penetrava, em ondas, a luz do Sol, entregou-nos duas lousas, que nós mesmos limpamos e conservamos conosco, sem que o médium lhes pusesse mais as mãos, nem de leve.

Fomos nós que, tomando-as de Sayão, unimos as duas, entre as quais Slade deixou cair uma esquirola de lápis – e após, cerrando-as com a mão direita, levamo-las, unidas, ao lado esquerdo do peito.

Ao mesmo tempo, com a mão esquerda, junta às duas do médium e às de Sayão, fazíamos sobre a mesa uma cadeia.

Em poucos segundos, ouvimos – e Sayão também – o cri-cri do lápis correndo pela pedra. Deu um traço – parou – e depois recomeçou a escrever, até que parou novamente e por três pancadas bem ouvidas deu o sinal de estar completo o trabalho.

Intuitivamente julgamos que o Espírito escrevera duas comunicações, separadas por um traço – e destacadas as pedras, uma da outra, reconhecemos a justeza de nosso¹⁰⁹ juízo.

No alto da pedra estava escrito:

“Un homme sage est au dessus de tontes les injures q'on peut tui dire. La grade response q'on doit faire aux outrages c'est la moderacion et la patience”. – L., de Mond¹¹⁰.

Abaixo do traço esta outra:

“Yes, my Friends, the above is quite true. If all men would act to the above it would be much better for all. I am Dr. Davis¹¹¹.”

109 (Nota do Organizador) O original traz “novo juízo”, que não faria sentido com o restante do parágrafo, decidimos ajustar.

110 (Nota do Organizador) Em tradução livre: “Um homem sábio está acima de todos os insultos que lhe possam ser ditos. A melhor resposta que devemos dar aos ultrajes é moderação e paciência”.

111 (Nota do Organizador) Em tradução livre: “Sim, meus amigos, o que foi dito acima é bem verdade. Se todos os homens agissem de acordo com o exposto, seria muito melhor para todos. Eu sou o Dr. Davis.”.

Expliquem o fato como quiserem; mas uma coisa não poderão conseguir, é que o próprio senso comum o aceite como produção da matéria.

Milhares de experiências podíamos dar, demonstrativas da existência da alma e do mundo espiritual; preferimos esta por ser mais rara.

Concluiremos, repetindo: a ciência materialista assenta um meio conhecimento da verdade – e, portanto, é ciência falsa.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 06.08.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10376

Artigo CCCLIV - O PAIZ, 13.08.1894

Continuemos o nosso estudo sobre a dualidade de forças que oferece a natureza, cujo conhecimento não pode ser completo, enquanto a ciência limitar-se a considerá-la somente por uma daquelas faces: a que se nos oferece por francas manifestações.

Vemos um fenômeno, estudamo-lo – estudam-no muitas gerações, pelos seus homens ilustres – e a humanidade forma sobre ele o seu juízo, que julga seguro.

Correm, porém, os tempos – o homem cresce em saber – obtém mais aperfeiçoados e novos instrumentos de observação – e o fenômeno se revela por outra face, ou antes: o homem surpreende-lhe esta face oculta – e o primitivo juízo, o que toda a humanidade tem por seguro, é reconhecido deficiente e mesmo falso – e o novo juízo, firmado sobre o estudo da face aparente e da oculta, adquire então o critério da verdade.

Seja-nos exemplo o fenômeno das relações do Sol com a Terra.

A antiguidade, não julgando senão pelo que lhe davam os sentidos, porque, em seu atraso, não dispunha de outros meios de observação – não julgando senão pela face ostensiva as coisas que lhe atraíam a atenção – vendo o Sol aparecer, de manhã, no Oriente, e desaparecer à tarde, no Ocidente, teve por evidente: que ele gira em torno da Terra – e por tão evidente, que louco seria julgado o que pusesse em dúvida semelhante fato.

Efetivamente, a Igreja romana condenou por herética a teoria de Galileu, que inverteu a ordem estabelecida no conceito universal, dando como fixo o Sol e como girando em torno dele a Terra.

É que o fenômeno só fora estudado por sua face aparente, sem que possuísse o homem capacidade e meios de apreciar-lhe a face oculta.

Quando pelo progresso humano, e maior aperfeiçoamento dos meios de observação, consequência daquele progresso, pôde-se penetrar a face oculta do fenômeno – e apreciá-lo conseguintemente, em toda a sua extensão e compreensão, compreendeu-se a falsidade do que julgava a antiguidade, apesar de basear-se no testemunho dos sentidos – compreendeu-se a verdade da teoria de Galileu, apesar de ir de encontro àquele testemunho – e hoje louco será considerado o que sustentar que o Sol gira em torno da Terra.

Com isto queremos provar: que, não tendo ainda o homem alcançado o maior grau de desenvolvimento de sua perfectibilidade, tanto que não há ciência que tenha dito sua última palavra, é mania pretender-se que se conhece a natureza por ambas as suas faces – em toda a sua extensão e compreensão.

Ora, compreendendo a natureza, em todas as suas divisões genéricas, e em cada um dos seres que a constituem digamos: em toda a sua extensão, a parte ou face ostensiva, que se presta à mais fácil compreensão – e a face oculta, misteriosa, que reclama maior intensidade de compreensão e instrumentos de observação correspondentemente aperfeiçoados, é rigorosamente lógico: que qualquer teoria sobre uma ordem de fenômenos, que a venha revelar, se por ventura não é conhecida – ou que venha alterar o que a seu respeito se pensa, não pode, sem o crime de lesa ciência e de lesa razão humana, ser repellido, sem o mais severo estudo – sem a mais criteriosa observação – sem a mais rigorosa experiência.

Só os parvos, com pretensão a ilustrados, se julgarão com a precisa suficiência para fazerem, como fez a Igreja, com relação ao movimento da Terra, correndo o risco de passar pelo ridículo, em que incorreram o curioso e sacro-colégio, sob a bandeira da infalibilidade papal.

Vem de plano todas estas toscas, porém, sensatas considerações, a ferir a questão que mais preocupa a ciência do nosso tempo: a do Espiritismo.

Esta Doutrina, cujo corpo não saiu inteiriço do cérebro de nenhum homem, como saiu da cabeça de Júpiter a deusa da sabedoria, mas que constituiu-se pela unificação de princípios, re-

velados de um modo surpreendente e ao mesmo tempo por todos os países do mundo civilizado;

Esta Doutrina, que apresenta uma harmonia lógica e filosófica – que explica, a sabor da razão, todos os fenômenos humanos, ligando o passado ao presente e o presente ao futuro – que não tem autor, e que, em meio século, já lançou raízes do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul;

Esta Doutrina, que não pertence à ordem das expeculativas, sendo seu caráter essencial o das ciências experimentais;

Esta ciência, porque ataca, por sua base, uns – e por alguns de seus dogmas outros sistemas filosóficos, científicos e morais, tem sido, e por muito tempo será, alvo da guerra dos sistemáticos e dos fanáticos – e todos os que só encaram a natureza por uma de suas faces, e conhecendo-a, bem ou mal, por este lado, presumem que estão na posse da infalibilidade científica.

O Espiritismo veio provar, *experimentalmente*, a existência do mundo espiritual, donde a guerra dos sistemáticos adoradores da matéria.

O Espiritismo veio provar, *experimentalmente*, a evolução do Espírito através dos séculos e medidante vidas sucessivas, donde a guerra dos fanáticos adoradores do Inferno com suas penas eternas.

O Espiritismo veio revelar estas e outras verdades pertencentes à face oculta da natureza; e daí a guerra de toda a gente que só crê no que vê – e que, coerente com esta crença, deve ir com a de girar o Sol em torno da Terra.

Coitados! As coisas são como são e não como eles entendem que devem ser.

Basta que reflitam no fato: da generalização rápida, surpreendente, do Espiritismo por todos os países das cinco partes do mundo – e pelos mais recônditos e ínvios lugares de cada país.

Devem, também, refletir sobre o fato: de serem os homens mais ilustres de todos os países os que primeiro abraçaram a nova ciência.

Ainda no dia 02 de julho, n'um estudo que fazíamos sobre Sonambulismo, comunicou-se o eminente Charcot¹¹², explicando

112 Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) - médico e cientista francês; nas áreas da psiquiatria e neurologia, considerado como um dos fundadores da neurologia moderna. Charcot adotou a hipnose como método para tratar perturbações psíquicas. (Fonte: Wikipedia)

como hoje, à luz do Espiritismo, compreende o Hipnotismo, que sempre em vida reputou como efeito da matéria.

E após ele – e por ele apresentado, comunicou-se Sadi Carnot¹¹³, que nos disse, depois de um breve – conciso – e brilhante discurso sobre o modo como compreendeu seus deveres de chefe de um povo ameaçado pelo anarquismo, que não estudou o Espiritismo, mas que, vendo-o abraçado por Charcot, uma das maiores glórias da França – e por Victor Hugo, uma das maiores do mundo (textual), sentia-se atraído para seu estudo, agora que felizmente se achava onde com segurança maior pode-se distinguir as ideias verdadeiras das falsas.

Por que os homens de letras não hão de fazer como Carnot, que julga digno de estudo o que é abraçado pelos grandes vultos do saber?

Isto depende do nível em que se acha a instrução das sociedades.

Onde, para conquistar-se a fama de literato, basta escrever-se para jornais, em estilo rendilhado, que necessidade há de gastar-se tempo com estudos experimentais de coisas que não dão proveito imediato?

A prova está no simples fato: de ter o ilustre autor das *Cartas Parisienses* desdenhado nosso respeitoso pedido de verificar, na Salpetriere, o que há de verdade na revelação de Charcot sobre a morte, de uma sua doente, que ali se finara¹¹⁴.

Para que? Que mais fama ganharia com isto?

Max.

(*Da União Espírita*)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 13.08.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10434

113 Marie François Sadi Carnot (1837 – 1894) - engenheiro e político francês que serviu como o 5º Presidente da França e Co-Príncipe de Andorra de 1887 até seu assassinato.

114 Vide o Artigo CCCXIII (*O Paiz*, 30.10.1893), no 3º volume dessa série, a primeira mensagem de Charcot testemunhada por Dr. Bezerra (Págs.392-396).

Artigo CCCLV - O PAIZ, 20.08.1894

Um dia, não há muitos, encontramos-nos com dois moços, amigos íntimos um do outro, e ambos espíritos de eleição pela inteligência e pelo caráter, e ambos sedentos de conhecerem a verdade, como deve ser, e como é, todo o que não quer passar pela vida como um rebanho, na frase de Alfredo de Musset¹¹⁵: “com os olhos baixados para a Terra, sem lhe importar mais nada; o que é deixar de ser homem”¹¹⁶.

Um daqueles distintos moços era cético, o outro, materialista ou, o que vale o mesmo, positivista.

Encontramos-nos com eles, não casualmente, mas por terem procurado conhecer, *de visu*¹¹⁷, os fenômenos espíritos.

Temo-lo dito: é assim e somente assim que procede quem não é tolo de acreditar que toda a verdade se encerra em seus conhecimentos, quem aproveita os exemplos de ter a humanidade reconhecido a falsidade de sistemas, a que rendeu culto desde os tempos primitivos, quem finalmente, não é indiferente à lei do progresso, pela qual devemos todos procurar *rerum cognoscere causa*¹¹⁸, como já diziam os grandes filósofos do Pórtico¹¹⁹.

115 (Nota do Organizador) Alfred Louis Charles de Musset (1810 – 1857) - poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como Romantismo. (Fonte: Wikipedia)

116 (Nota do Organizador) Não conseguimos localizar a fonte exata da citação.

117 (Nota do Organizador) Locução latina. Por ter visto, de vista.(Fonte: *Dicionário Priberam online*)

118 (Nota do Organizador) Locução latina. Penetrar os segredos das coisas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

119 (Nota do Organizador) Referência aos Estóicos. Os filósofos estoicos se reu-

Se¹²⁰ estudando, observando e experimentando não encontrarem no Espiritismo razões e provas dessas sublimes verdades, que seus sectários apregoam, então, sim; mas só então, poderão com seriedade e conscienciosamente afastar-se, escarnecer mesmo do Espiritismo e dos espíritas.

Isto pode-se dar, e vemo-lo em relação a todas as doutrinas: de dois que as estudam, um é convencido de sua verdade, e outro sai completamente incrédulo.

A razão é que a faculdade de compreender não tem em todos o mesmo grau de penetração, digamos melhor, não tem o mesmo grau de aperfeiçoamento.

E, como acessório, aliás poderosíssimo, lembraremos a vária disposição dos espíritos daqueles que se propõem a fazer semelhantes estudos.

O que tenta-os, sem deixar à porta do gabinete de trabalho suas ideias fixas; o que, por isto ou por qualquer outra razão, estuda pelas ramas e não procura descer às raízes das questões; o que por tal modo faz mais por sofismar a própria consciência, do que por dar satisfação a um desejo sério de conhecer os reais fundamentos da doutrina; esse não admira que saia Saulo e volte Saulo, reputando-se, aliás, com o direito, que não tem, de dizer: estudei, observei e experimentei, mas não encontrei razões e provas da verdade de tal doutrina.

Só tem este direito aquele que empregou todas as suas forças em estudo sério e consciencioso, e mesmo assim não conseguiu firmar sua convicção.

Este pode, na melhor boa fé, dizer estudei, observei e experimentei, mas não encontrei razões e provas da verdade de tal doutrina.

Com relação ao Espiritismo, porém, raríssimo será dar-se semelhante fato, embora seja bem comum estudarmos uma matéria sem lhe apanharmos o fio condutor à verdade, que lhe serve de base.

O fato, pois, de não firmarmos convicção sobre a verdade de um sistema, que estudamos seriamente, não é razão *ultima*

niam originalmente sob o Pórtico Pintado (em grego: stoikós), daí serem chamados de “filósofos do pórtico” e a origem do termo Estoicismo.(Fonte: Wikipedia)

120 (Nota do Organizador) O original traz aqui “Só”, o que deixaria o texto sem sentido, pelo que decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material.

*ratio*¹²¹, para concluirmos por sua falsidade; pois que figura sempre como integrante de tal função a deficiência intelectual do que estuda.

A inteligência humana não possui o dom da infalibilidade!

Com relação ao Espiritismo, porém, dissemos, raríssimo será dar-se o fato de negar-lhe as verdades fundamentais aquele que um dia dedicou-se a estudá-lo conscienciosamente.

Haja vista o que sucedeu com os dois dos maiores vultos da ciência de nossos tempos, Crookes e Lombroso, que tantas vezes temos citado.

Estes nem ao menos foram experimentar isentos de preconceitos, pois que eram seus inimigos intransigentes, e só se resolveram a estudá-lo no intuito de melhor poderem pulverizá-lo, como tiveram a franqueza de confessar.

Aos nossos dois distintos moços, a quem acima nos referimos, aconteceu o mesmo, com a diferença, porém, de que não vieram estudar o Espiritismo para melhor combatê-lo, mas sim para julgarem por si se é uma pura invenção ou uma realidade.

Traziam a dúvida, a dúvida científica, não, porém, uma ideia fixa, um preconceito, que só aceitam o que é conforme com suas crenças, sofismando e deturpando tudo o que vai de encontro a tais crenças.

Viram, observaram, estudaram e ficaram vacilantes, como sói acontecer quando se pensa uma coisa e os fatos são de si outra muito diversa e até oposta.

Para um materialista nada mais oposto ao que tem por verdade, do que as manifestações do mundo espiritual.

Nem aceitaram nem repeliram o que viram e observaram; persistiram no estudo e na observação dos fatos, que lhes eram dados nas sessões espíritas.

E este sábio alvitre foi coroado pelo mais esplêndido resultado.

Numa das sessões a que assistimos, um dos dois manifestou tríplice mediunidade: psicográfica, sonambúlica e receiptista.

Compreende-se que este colocou-se sobranceiro à suspeita de ser farsas que fazem os médiuns, que via trabalharem nas sessões.

Ele fez o que fazem os outros!

121 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “o derradeiro recurso”, o último argumento. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Poucos dias depois o segundo manifestou-se igualmente médium, robustecendo mais a confiança na seriedade dos trabalhos mediúnicos.

Eles não podiam duvidar de si!

Desde aquele momento, a luz se fez nos seus Espíritos, e o Espiritismo contou mais dois convencidos adeptos.

Não são estes os primeiros que, acudindo ao nosso reclamo de virem ver para crer, têm saído crentes, isto é, limpos da lepra do materialismo que, se é cômodo para esta vida, é causa de horríveis torturas depois da morte; coisa que afirmamos, porque têmo-la, por centenas de fatos, observado.

Como estes dois amigos, já outros, nas suas condições, têm vindo verificar a exatidão de nossas afirmações, e todos, com exceção de dois ou três, que só vêm para poder dizer que vieram, mas que nada viram digno de atenção, têm ficado convencidos de que o Espiritismo é uma verdade, de que os ensinamentos espíritas são confirmados pela prova experimental.

O que importa, porém, que aqueles dois ou três, que toda a falange do Positivismo diga o que quiser?

A verdade não precisa de seu apoio, assim como a luz não deixa de luzir por não o atestarem todos os cegos do mundo.

Quem perde são exatamente os que não têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Oh! Se estes assistirem às manifestações dos sofrimentos que ralam os Espíritos daqueles dos seus, que já se partiram desta vida, que já se chocam contra a luz que desprezaram, envoltos nas trevas que procuraram!

Sinceramente lamentamos a sorte destes infelizes que sacrificam as felicidades eternas aos gozos de um momento!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 20.08.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10494

Artigo CCCLVI - O PAIZ, 27.08.1894

Bem considerado, eu não compreendo, dizia-nos outro dia um ilustrado cavalheiro que nos faz a honra de ler; bem considerado, eu não compreendo a razão lógica do viver de um materialista.

Acredita na redução do seu ser pensante ao *nada* depois da morte, e no entanto sacrifica muitas vezes todos os gozos ao trabalho de enriquecê-lo com as mais penosas conquistas feitas nos domínios das letras, das artes e das ciências!

Acredita na redução ao *nada* de seu ser moral; e, no entanto, suporta muitas vezes torturas e dores, quer físicas, quer morais, evitando, como o que acredita na sanção penal da lei da responsabilidade, livrar-se de tais sofrimentos por um ato que depende exclusivamente de sua vontade – pelo aniquilamento de seu ser, que está em suas mãos jogá-lo a esse *nada*, que é mais do que o *Nirvana* do hindu¹²², porque é a extinção completa e absoluta – porque é o *nada*!

Para que o trabalho pelo cultivo intelectual, se o desgraçado não lhe colhe os frutos e sabe que não os há de colher?

Nem, ao menos, pode animá-lo a esperança de poderem eles ser colhidos por seus filhos – por seus descendentes; visto como também crê que estes terão o seu destino – estão votados ao pavoroso báratro, onde todas as luzes que colheram – todas as que receberam por herança paterna, se extinguirão com eles!

Nem, tampouco, contará que lhe aproveite o suor de sangue, que verteu na luta, a grande família, que se chama – a hu-

122 (Nota do Organizador) Vide nota 9, acima.

manidade –; pois que esta também vai toda desaparecer no seu terrível *nada!*

Tudo tem sua razão de ser; mas que razão tem o trabalho do materialista por conquistar, a custo de vigílias – de privação – de toda espécie de sofrimentos, o saber, o cultivo de sua inteligência, que não aproveita nem a si, nem a ninguém, mais do que aproveitada ao castor a bela casa que faz – mais do que aproveita ao gênero alado o mais ou menos bem preparado ninho que prepara?

“Tanta lida, para tão curta vida!”

Tanto brilho, para se extinguir como um meteoro!

Pode ser tal o destino do homem – o destino da humanidade?

A borboleta de asas iriadas não representa, na vida, papel somenos ao do mais glorioso sábio!

Tudo, então, é vaidade – e, em tal caso, confessemos que tanto vale o sábio como o boçal, como a borboleta, como o cão!

É falso, pois, que tudo tem a sua razão de ser – e a gradação das espécies pelos diversos graus de instintos, até a razão da espécie humana – e a gradação desta faculdade, na espécie humana; por que? para que?

É sempre o mesmo absurdo monstruoso, a que se chega, considerada a questão materialista pelo lado moral.

O homem persegue, o homem defende a seu semelhante – faz-lhe mal e faz-lhe bem; e, no fim, o mesmo resultado: nem pena, nem prêmio!

Logo, o homem não se distingue do animal – não é um ser moral – não é perfectível!

Mas, então, que papel representam a liberdade, a razão, e a consciência, trindade augusta que nenhum animal possui?

Mas, então, porque o homem distingue o animal, cujos instintos se aproximam mais da inteligência ou da razão – e a humanidade distingue o homem, cuja inteligência desfere mais vivos fulgores – cuja consciência se lhe apresenta imaculada?

Por que recua o materialista que sofre, diante do fato da morte, ele que não admite a sanção da moral – ele que não admite a responsabilidade moral – ele, enfim, que deve logicamente, uma vez que acredita na sua extinção fatal, ser indiferente a que ela se dê hoje ou amanhã?

Oh! a razão de tudo isto é que o homem pode ser arrastado pelas ondas de suas paixões, de seu orgulho, como um navio

sem leme e sem bússola; mas lá dentro, no mais recôndito recesso de sua alma, segreda-lhe a consciência umas coisas que não lhe chegam à razão, mas que impelem-no em sentido contrário aos ditames de sua razão desvairada, porque está divorciada da consciência.

Daí, essas incompreensíveis contradições de viver sofrendo para não chegar mais cedo ao alívio eterno de todas as dores da vida – daí, esse monstruoso, indefinível e impossível modo de compreender o destino humano – daí, o lamentável absurdo de considerar um ser moral e livre, isento de responsabilidade moral; de admitir moral sem sanção; de sacrificar a vida pelo saber, sem que isto lhe aproveite nem a ninguém, mais do que as iriadas cores da borboleta lhe podem aproveitar!

Dir-me-ão, continua o nosso interlocutor, que os espiritualistas também perdem, pela morte, todas as grandes conquistas de saber, que fizeram na vida – e que também estas conquistas não aproveitam a ninguém, porque todos, morrendo, perdem-nas. Confesso que não sei responder.

Responderemos nós, dissemos-lhe.

O Espiritismo ensina e prova experimentalmente que o Universo criado e especialmente o homem estão sujeitos à suprema lei do progresso indefinido – e que o homem realiza-o, mediante vidas corpóreas múltiplas, sucessivas e solidárias, quer dizer – que o que colhe, intelectual e moralmente, em cada uma, não perde, apesar da morte, que não é senão a libertação de seu ser da veste que tomou para poder representar no cenário da vida material.

Não perde, antes acumula ao que conquistou em passadas existências, até reunir um acervo tal, que lhe dê para subir da Terra a um mundo mais adiantado – e deste a outro superior e assim sempre subindo, pelo progresso intelectual e moral realizado.

Sendo assim, que é, o que gasta a vida a trabalhar no cultivo de sua inteligência colhe o fruto de seus labores, avigorando uma das asas de voar – e seus filhos; seus descendentes, a humanidade também os colhem porque guardam o que aprenderam por ele.

Eis explicado, simples lógica, natural e razoavelmene, o grande problema, que escapa ao espiritualismo, em geral e particularmente à Igreja romana, porque não aceitam a pluralidade das existências da alma.

N'outro artigo responderemos às perguntas que nos fizeram alguns dos nossos leitores, cujas cartas nos chegaram muito atrasadas.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 27.08.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10554

Artigo CCCLVII - O PAIZ, 03.09.1894

Parece que alguns dos nossos amáveis leitores nos querem conferir título, que estamos muito longe de poder ter: o de mestre em ciência espírita.

O título de nossos artigos indica muito claramente nossa humilde posição: *Estudos do Espiritismo*.

Estudamos, e não nos vangloriamos de saber; não só porque a matéria é de uma vastidão e profundidade, que dão para muitas vidas, como porque, confessamos, sem falsa modéstia, não temos a inteligência aparelhada suficientemente para tão largas cogitações – largas de abrangerem o Universo.

E, pois, não a nós, mas às fontes a que recorreremos, devem os que desejam conhecer a verdade, recorrer também, e por duas notáveis razões: primeira, porque, com quem estuda, só se pode colher o que ele sabe – e segunda, porque não faz merecimento, em bem de seu progresso, o que, em vez de tomar o arado e lavrar a terra, pede a outro que lhe faça o trabalho, para ele colher os frutos.

Não são pretexto para fugir ao trabalho, nem pouca vontade de fazê-lo, estas considerações, que aí deixamos; mas sim uma confissão e um conselho, a que nos julgamos obrigado.

“Desde que idade começa a criança a ser influenciada pelo Espírito, que recebeu ao nascer?”

“Isto é, até onde vai a vida material e onde começa a espiritual?”

“Isto é: quais são os fenômenos puramente da matéria?”

Eis a 1^a pergunta de *Lucy*, a que respondemos:

Não sabemos e acreditamos que ninguém sabe discriminar, em tese, o tempo da vida inconsciente do da consciente, que é exatamente o que nos pede.

Os filósofos discrepam, marcando uns menos e outros mais tempo para a vida inconsciente, concordando, porém, a maior parte em que é aos 2 anos de idade que a criança começa a ter consciência de seus atos – e, portanto, que começa a ter vida espiritual.

Muitos não marcam tempo – e propõe como sinal de função consciente o fato de dizer a criança – eu – de falar na primeira pessoa do singular.

Sendo fato experimental a encarnação de Espíritos em variadíssimos graus de progresso, é consequência forçada: serem muito variáveis as épocas das primeiras manifestações espirituais na criatura humana.

É intuitivo: que um Espírito mais adiantado deve agir mais depressa do que um mais atrasado – e isto se evidencia pela comparação das crianças de hoje com as dos tempos passados.

Essas eram tais que aos 4 e 5 anos não davam manifestações inteligentes e admiráveis, como dão aquelas em muito mais tenra idade.

E nós sabemos: que os Espíritos que vêm a reencarnar agora são muito mais adiantados do que os que reencarnavam nos tempos passados, por motivos que não vem a propósito expender.

Logo, parece que a lei é esta: o tempo de manifestação da vida espiritual é mais ou menos precoce, segundo o adiantamento maior ou menor dos Espíritos encarnados. É, portanto, variável.

Dissemos: o tempo de *manifestação* da vida espiritual para banir do espírito do nosso interrogante o erro de acreditar: que o ser humano *recebe o espírito ao nascer*.

Não; o Espírito prende-se à matéria de seu corpo, desde que este começa a organizar-se pela fecundação do óvulo. Seu perispírito vai-se ligando a cada molécula orgânica, que vai-se formando, de modo que, ao completar-se a organização, está completa a ligação da alma com o corpo para toda vida.

Um feto que morre, no ventre materno ou por aborto, seja qual for a sua idade, é um Espírito que desencarna, pelo mesmo modo como sucede a um adulto.

A criança traz, pois, do ventre materno os dois elementos constitutivos do seu ser hominal: corpo e alma ou Espírito ligados pelo perispírito.

“O Espírito participa das emoções da matéria?”

Se por sensação o nosso interrogante quis dizer: impressão, atuação de causas externas sobre o corpo, respondemos: não – e tanto que, muitas vezes o corpo recebe uma impressão, de que o Espírito não toma conhecimento.

Se, porém, por sensação quis dizer: sentimento, então responderemos: sim; porque só a alma sente – e tanto que, quando a alma está completamente presa na contemplação de um objeto, passam despercebidos ao ser humano todos os mais, até ferimentos graves, dando-se, por essa lei, o caso acima figurado: de impressões de que o Espírito ou alma não toma conhecimento.

É por esta lei que Espíritos elevados pelos progressos realizados, na ocasião da morte, a mais dolorosa, desprendem-se, sem nada sentirem, sendo meramente aparentes as manifestações de dor que vemos; e que os que só viveram para os gozos materiais, sofrem realmente as torturas da morte.

“Como o Espiritismo explica os sonhos?”

Explica-os pelo desprendimento da alma, enquanto o corpo repousa.

A parte imponderável – o ser pensante da criatura humana – o Espírito, que vitaliza a matéria de seu corpo, desprende-se dele, como na morte, continuando, porém, preso a ele pelo perispírito, à laia de um balão cativo – cativo aqui por um cordão fluídico perispiritual.

Goza a vida espiritual durante aquelas horas; mas, quando volta ao seu cárcere, perde a memória do que viu – ouviu – praticou, como acontece quando encarna, para que se guarde o mistério de sua individualidade passada - e possa fazer suas provas presentes livremente, sem a coação que trar-lhe-ia o conhecimento de seu passado.

Do que se passou porém, naquele passivo, guarda uma incompleta reminiscência – e é isto o que chamamos “sonho”.

Sendo incompleta a reminiscência das cenas que foram presentes à alma, compreende-se: que o sonho pode chegar a parecer uma tolice e um absurdo.

Entretanto a verdade é: que muitas vezes eles nos denunciavam fatos de que não podíamos ter ciência como homem, mas de que a tivemos como Espírito - e tais fatos se confirmam.

A melhor prova de que nosso Espírito se desprende durante o sono é a que nos dá o fato muito frequente de deitarmos-nos resolvidos a praticar um ato bem vezes importantíssimo – e acor-

darmos completamente dissuadidos – e dissuadidos por motivos e razões que não nos ocorreram quando tomamos a grave resolução.

Se o sono é o repouso do ser pensante, como explicar razoavelmente aquela transformação senão pela convivência de nossa alma com seus amigos do espaço, que lhe abriram os olhos?

E os sonhos proféticos? Como explicá-los?

A J.B., responderemos no seguinte artigo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 03.09.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10615

Artigo CCCLVIII - O PAIZ, 10.09.1894

Prometemos, ao terminar o nosso passado artigo, responder hoje ao senhor que se assina J.B..

Não é uma pergunta propriamente o que se contém em sua bem lançada carta – é verdadeiramente uma questão de doutrina, cuja explicação nos pede.

Em sua síntese, se bem o compreendemos, a questão levantada por J.B. é esta:

Como é que praticam os espíritas o que foi proibido por Deus no *Deuteronomio*, Cap. XVIII, v. 9 a 12?

Para bem compreendermos o que J.B. atribui, em mal, aos espíritas nos versículos citados, recorremos ao *Deuteronomio*, onde encontramos:

“Vers.9. Quando tiveres entrado na terra, que o Senhor teu Deus te dará, guarda-te, não queiras imitar as abominações daquelas gentes.

“Vers. 10. E não se ache entre vós outros quem pretenda purificar seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo; ou que consulte adivinhos, ou que observe sonhos e agouros, ou que use de malefícios.

“Vers. 11. E de encantamentos; ou que consulte os Pitões e que se metem a adivinhar; ou que faça perguntas aos mortos, para saber deles a verdade.

“Vers. 12. Porque todas essas coisas abomina o Senhor, e por semelhantes maldades exterminará ele estes povos à tua entrada”.

É, pois, evidente: que o mal de que se acusa o Espiritismo, pois que dele procede e por ele se constitui a doutrina, é: *consultarem-se os adivinhos e evocarem-se os mortos*.

Por outra – e mais apropriadamente é: recorrer-se a médiuns para se falar aos mortos.

Começaremos dizendo a J.B.: sois médium, e um vosso inimigo, vendo que pelo uso daquela faculdade progredias e lhe escapavas, trouxe-vos escrúpulos, que vos afastaram da missão que vos foi dada – e, portanto, vos puseram à mercê daquele perseguidor.

Em primeiro lugar, o *Deuteronômio* é obra de Moisés – e Moisés, dirigindo-se a um povo atrasadíssimo, que só se reportava de materialidades grosseiras, foi obrigado a condescender com algumas das suas abominações, para limpá-lo de outras.

É assim que, em seu código, se encontra o *dente por dente* – e outras quejandas¹²³ abominações, como passar a fio de espada as mulheres e crianças das nações vencidas.

Moisés não partilhava tais ideias; porém, repetimos, era obrigado a condescender com elas, para a favor delas passar outras mais adiantadas, que mais tarde abafa-las-iam.

Em todo o caso, quem dá força de lei a tais asserções, que autoridade pode ter para a humanidade de hoje, com relação a outras prescrições ao mesmo povo rude, como são as que cita J.B.?

O fim, naquele caso, justifica os meios, pois que Moisés, vendo o povo abandonar o culto de Deus pelos advinhos e a procurar falar aos mortos e não aos servos do Senhor, anatematizou por isto aquela prática: mesmo porque os advinhos ou médiuns daquele tempo não podiam produzir senão mal, sendo todos eles – Espíritos e povo – supinamente atrasados.

Não era tempo de germinar a semente, por não estar o terreno preparado, a saber: por não poder a humanidade de então dar nem colher, em sua convivência com os mortos. É por isto que foi proibida semelhante prática – e não porque ela fosse, em si mesma, condenável.

E tanto é assim que o Espiritismo, cuja origem divina não é contestada por J.B., foi revelado ao mundo pelos *advinhos* - e pela falas dos *mortos*.

É que as condições de hoje não são mais as do tempo de Moisés – e por esta razão, o que naqueles tempos só produzia mal, agora produz deliciosos frutos.

123 (Nota do Organizador) Que ou quem tem a mesma natureza ou qualidade de outro ou de outros; que tal, semelhante. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Entretanto, é preciso saber: que esta prática ainda hoje incorrerá para o mal, se os advinhos se prestarem à procura, entre os mortos, de verdades grosseiras e mundanas, tais como o procuravam os hebreus do tempo de Moisés.

Exercer, porém, a mediunidade para a conquista da verdade, que conduz ao aperfeiçoamento intelectual e moral da humanidade, nem só é um dever d'alma, como é uma santa alegria para quem tem a felicidade de possuí-la.

É um dever d'alma, porque, desde que tal faculdade lhe foi dada, não foi certamente para servir de foice inútil; e aí do que assim o fizer!

É uma santa alegria, porque não há maior ventura para o homem do que servir de instrumento aos desígnios do Senhor – e a mediunidade é um desses estimabilíssimos instrumentos.

O perseguidor de J.B. sugeriu-lhe o preceito caduco e obsoleto de Moisés, que só tinha razão de ser naqueles tempos de trevas – e adubou a sugestão com a falsa e insidiosa insinuação, de que partiu de Deus a ordem; não lhe sugeriu, porém, mil outras passagens das sagradas letras, pelas quais a mediunidade é consagrada como coisa de mais subido valor.

Leia-se *Joel* – leiam-se os *Atos dos Apóstolos* e aí ver-se-á: que, não homens como Moisés, porém o próprio Deus, diz: que suscitará, nos últimos tempos, velhos e crianças a profetizarem, sob a influência de seu Espírito, espalhado por toda a Terra.

Do próprio *Evangelho* se colige com perfeita evidência, que os apóstolos foram médiuns.

Como, pois, aquilo que Deus faz e que não é obra da malícia dos homens, pode ser pelos homens reputado pecaminoso?

Se a mediunidade é obra de Deus, como considerá-la coisa proibida, uma vez que não seja aplicada ao mal, como foi no tempo em que Moisés a proibiu?

Se a mediunidade tem por fim (e isto não pode ser contestado) por em relação o mundo visível com o invisível – os vivos com os mortos, como considerar-se coisa proibida a procura de falar aos mortos, uma vez que não seja para mal, como foi no tempo em que Moisés a proibiu?

Não confundamos o que é distinto por suas circunstâncias de tempo e de provas.

O dente por dente, hoje, seria uma monstruosidade – e, entretanto, em outro tempo e entre outras gentes, foi autorizado por Moisés!

A mediunidade ou meio de nos pormos em relação com os mortos é hoje uma virtude – e, entretanto, n'outro tempo e entre outras gentes, foi condenada por Moisés.

Uma coisa pela outra – e J. B., que discirna com sua consciência e sua razão livres das sugestões de seu infeliz inimigo.

Deus lhe dê a luz, como lhe deseja

Max.

*(Da União Espírita)*¹²⁴

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 10.09.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10676

124 (Nota do Organizador) Esta pesquisa não localizou novo artigo de Dr. Bezerra no intervalo entre 10 e 24 de setembro de 1894, pelo que seguimos à frente já com o artigo do dia 24.

Artigo CCCLIX - O PAIZ, 24.09.1894

O doce, o manso, o bondoso Jesus constituiu pedra angular da sua obra de redenção, o amor – amor levado ao grau de *retribuirmos com o bem aos que nos odeiam e nos fazem mal*¹²⁵.

E não foi somente com a palavra, se não com o sacrifício de sua própria vida, que Ele selou esse puro e suavíssimo meio, único meio de elevar-se a criatura da baixa esfera de suas misérias às esferas superiores, infinitas e radiantes de luz, onde lhe seja dado tocar com os lábios, purificados, os pés de seu Criador.

Do amor, dessa sublime emanção da Pureza infinita, procedem todas as virtudes, de que o Cristo foi o modelo vivo dado à humanidade terrestre; procede principalmente a caridade, a dileta filha do Altíssimo, a mais bela e perfumada flor dos célicos jardins.

E a caridade, em sua mais pura acepção, está consubstanciada nesta divina palavra do Cordeiro de Deus: *não são os sãos que precisam de médico, mas sim os que estão doentes*¹²⁶.

Quis dizer: que Ele não veio pelo amor dos puros, dos limpos de coração, mas sim pelo amor das ovelhas perdidas do rebanho do Amantíssimo Pai, que lh'o confiou.

E isto consagra a verdade do que foi dito pelo Profeta: *Eu não quero a morte do ímpio, mas sim que ele se converta e me procure em amor*¹²⁷.

Se Deus não quer a morte de seus filhos; se, portanto, a salvação é universal, como bem o compreendera São Jerônimo; se

125 (Nota do Organizador) Vide Mt.5:44.

126 (Nota do Organizador) Mt. 9:12 e Lc. 5:31.

127 (Nota do Organizador) Ez. 18:23.

Jesus veio fazer efetiva na Terra essa sublime lei dos mundos, ensinando que todos, pelo amor, chegarão ao Pai; ensinando que os doentes se curarão, porque Ele é o médico das almas, e dizendo, coerente com tudo isto: *do rebanho que me confiaste não perderei nem uma ovelha*¹²⁸.

Se é assim que nos ensina, a nós outros tão distanciados do divino Modelo, o *Evangelho*, que é a lâmpada sagrada onde brilha a luz puríssima das verdades eternas;

Se tudo isto e o mais que escapa à nossa fraca concepção se concatena de modo tão íntimo a nos apresentar em cada criatura humana uma alma remida pelo Imaculado Cordeiro, uma alma que o Pai não quer que morra, mas que vá a Ele em amor;

Como valerem cânones, para se distinguir o que Deus unificou, para se dividir a humanidade em *sã* e *doente*, não para curar-se a doente, mas para jogar-se com ela à geena?

Será isto amor – amor que é a lei das leis, amor que é o laço que une a criatura ao Criador, amor que trouxe Jesus a tomar sobre si todas as dores da humanidade?

E onde, nesta cruel distinção, cruel pelo modo de tratar os doentes, se verifica, se percebe ao menos a aplicação da divina parábola: *Eu não vim a curar os sãos?*

Onde está o médico das almas, cuja ciência é infalível – o divino Pastor que prometeu não perder *nem uma de suas ovelhas?*

Ou os cânones ou o *Evangelho!*

Passemos a outra ordem de considerações, embora conexas com as que temos feito.

Jesus, cuja compreensão infinita sabia quais os liames entre o bem, em sua latitude, e o amor, fonte de todas as perfeições, colheu com suas mãos benditas naquela divina fonte a pérola preciosa do perdão.

O perdão, o mais precioso atributo da Onipotência, procede do amor como o riso da alegria, como a luz terrena procede do Sol e a luz infinita (*luz perpétua*) procede de Deus.

Se o amor, o do Pai celestial, *não quer a morte do ímpio, não permite que se perca uma só das ovelhas do rebanho de Jesus*, é logicamente rigoroso que o perdão, filho divino do médico das almas, é ilimitado e incondicional como a fonte donde emana.

É assim que Jesus não condenou a adúltera, acolheu a pecadora e rogou ao Pai por seus algozes.

128 (Nota do Organizador) Jo. 18:9.

É assim que Aquele pensamento de Deus o definiu categoricamente na Parábola do Filho Pródigo.

Aí, nessa promessa feita a toda a humanidade da remissão dos pecados pelo arrependimento não se diz, como em parte alguma dos *Evangelhos* se diz, que só vale o arrependimento durante a permanência na vida material.

E se nenhuma das ovelhas do rebanho de Jesus pode perder-se, como limitar-se a condição de salvação, o arrependimento que provoca o perdão, ao tempo da vida material, quando vemos tantos, tantos morrerem impenitentes?

Portanto, mais uma vez: ou os cânones, ou o *Evangelho!*

Amor infinito – salvação de todas as ovelhas – perdão¹²⁹ em todo o tempo da evolução dos Espíritos, uma vez que se eles arrependam de seus erros, de suas faltas, de seus crimes; eis a sublime trilogia¹³⁰ consagrada pelos ensinamentos do Filho do homem, enviado de Deus para ensinar suas leis à humanidade terrestre.

Tirai ou modificaí qualquer daquelas três peças e a máquina será indigna da concepção de um homem, quanto mais da concepção de Deus.

A Igreja romana, por seus cânones, estabelece o amor infinito; mas restringe a salvação em oposição à Parábola do Filho Pródigo e às palavras de Jesus: de não se perder nem uma das ovelhas, que lhe foram confiadas.

E consoante com este ensino que respeitosa e qualificadamente herético, só admite o perdão para o arrependimento aquém do túmulo; o que também não se concilia, nem com o amor do Pai, nem com o ensino de Jesus, interpretado em espírito e verdade, nem com a perfectibilidade humana, cujo termo não pode ser a da vida corpórea, mas requer uma latitude sem fim.

Ao que fica reduzida a máquina cosmogônica, admitindo tal descompustura de suas peças?

A um misto horrendo de perfeição celeste e de imperfeições humanas!

129 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “perderão”, que comprometeria o sentido geral do parágrafo, pelo que decidimos ajustar, por verificar tratar-se de simples erro material, tipográfico.

130 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “tritágia”, que não conseguimos localizar nos dicionários. Decidimos substituí-la por trilogia, por nos parecer o termo mais em concordância com o conteúdo do parágrafo.

E o que disse o Senhor pelo Profeta e Jesus confirmou por seu ensino?

Tudo isto a Igreja romana pôs de parte para dar valor sagrado às falsas ideias da vida única – do julgamento *post mortem*¹³¹ das penas eternas, com seus acessórios: o Inferno e os anjos transformados em demônios, que Deus ainda não pôde vencer, nem há de poder vencer porque, no fim dos tempos, subsistirão¹³² somente o império do bem, regido por Ele e o império do mal, regido por Satanás!

É desse modo de compreender a sublime obra do Criador que procedem os cânones, em que se firmou o nosso Arcebispo para condenar o sufrágio pela alma do suicida – alma condenada às penas eternas, e portanto indigna da piedade dos cristãos!

E lá vai águas abaixo o esquife do amor de Deus, porque não se o pode compreender, mesmo no homem, sem indulgência e sem perdão!

Voltaremos à questão, que servirá de confronto entre a doutrina da Igreja e a espírita.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 24.09.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10794

131 (Nota do Organizador) Vide nota 56, acima.

132 (Nota do Organizador). O original traz substituirão, que não faria sentido com o conjunto da frase, pelo que decidimos ajustar por subsistirão.

Artigo CCCLX - O PAIZ, 01.10.1894

Confrontemos os cânones com o *Evangelho*, ou antes, as práticas e ensinamentos da Igreja com as práticas e ensinamentos do divino Mestre, em relação ao caso que nos trouxe à arena, a proibição decretada pelo nosso diocesano de sufragar-se as cinzas de suicidas.

Jesus disse: “Eu não vim curar os sãos, mas sim os doentes”¹³³. E parece que ninguém acreditará que estas palavras devam ser aplicadas a outras moléstias que não as da alma. E parece ainda mais que ninguém atribuí-las-á somente em relação a esta vida, pois que o sentido fica completo por estas outras do mesmo Mestre: “Do rebanho que me destes nenhuma ovelha se perderá”¹³⁴.

Veio curar os doentes e todos salvar-se-ão, quer dizer, ou nada vale a lógica, que mesmo os que não foram curados nesta vida, estes tantos que morrem em pecado, serão curados depois dela; não se cogitando aqui do como e do quando de tal cura.

Se, pois, é do *Evangelho* que mesmo o pecado mortal não mata a alma, que deve ser infalivelmente salva, pois que do rebanho de Jesus nem uma ovelha se perderá, como conciliar-se esta promessa do Cristo com os cânones da Igreja, que considera morta a alma do suicida e, como tal, indigna dos sufrágios da mesma Igreja, que diz-se representante fiel do Cristo?

Ou Cristo mentiu quando prometeu a cura de todas as almas do seu rebanho, ou Cristo mente agora, por seu fiel repre-

133 (Nota do Organizador) Já citado, vide nota 126, acima.

134 (Nota do Organizador) Idem, vide nota 128, acima.

sentante na Terra, quando condena à morte eterna a alma de Mancinelli, o suicida!

O procedimento do ilustrado Sr. Arcebispo, aliás fundado nos cânones, sujeita o sublime Modelo de todas as perfeições a este tristíssimo, quase ridículo e certamente blasfemo dilema, blasfemo, porém, não para quem tira as consequências das premissas, porém sim para quem tais premissas estabelece.

Quem é Mancinelli ou outro qualquer suicida? Seguramente uma das ovelhas de que falou o divino Pastor.

Em tal caso não pode perder-se, embora tenha de sofrer duríssimas penas pela transgressão da lei de Deus.

Como então condena-o a Igreja à perdição?!

Ou quererá o Sr. Arcebispo que o suicida não é ovelha do rebanho; não tem por isto direito às promessas de Jesus!!

Só assim, desumanizando a alma do suicida, pode a Igreja evitar as pontas daquele inflexível dilema!

Passemos, por caridade, uma esponja sobre tudo o que aí fica e muito nos confrange e a todo que for cristão em Cristo. Perguntaremos agora:

O que é o suicídio, mesmo segundo a Igreja?

Um crime que mata a alma, ou, o que vale o mesmo, um crime que condena a alma a penas eternas.

Cá fora da Igreja, onde prevalece a lógica da razão e não a da fé passiva, que *acredita porque é absurdo*¹³⁵; cá fora há diferença entre os condenados, segundo os graus da condenação, mas não há diferença de um para outro entre os que são condenados ao mesmo grau de pena.

A Igreja condena à morte os que acabam em pecado mortal. Logo todos estes infelizes valem a mesma coisa; são todos precisos.

Como se explica então que a Igreja trate diferentemente os que ela mesma condena à mesma pena, à pena de morte eterna?

A Igreja proibiu, algum dia e n'alguma parte, sufrágios pela alma do bandido, do quadrilheiro, do que conta os minutos de sua vida por crimes públicos contra as leis dos homens e contra as leis de Deus?

135 (Nota do Organizador) Referência à expressão latina “credo quia absurdum”, geralmente atribuída a Tertuliano ou a Santo Agostinho, mas que na verdade é apócrifa, pelo fato de não constar realmente na obra desses autores. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Pois eles, segundo os cânones, vão para o Inferno também, como o suicida.

Se um espírito, possesso do demônio, pudesse alcançar dos que estão em graça de Deus, uma graça, nós pediríamos ao Sr. Arcebispo que nos desfizesse a dúvida que nos causa aquela diferença no modo de tratar as pobres almas perdidas.

Mancinelli deve doer-se de ver-se tratado como não se-lo-á Jack, o estripador, como já o tem sido tantos outros seus iguais, do que do calor abrasador e das mais torturas do Inferno de Callot¹³⁶.

Tenha paciência. Jesus perdoou a adúltera; porém seus fiéis representantes na Terra não entendem dessas coisas, que se chamam clemência, benignidade, compaixão, misericórdia!

Tenha paciência. Jesus só teve lágrimas para as desgraças humanas, porém os oficiais de sua corte na Terra não têm como comoverem-se, preocupados com a reconquista do *poder temporal, do reino do mundo!*

Tenha paciência e fé, nunca perdendo da memória a Parábola do Filho Pródigo que, apesar das condenações da Igreja, é infalível, porque é uma promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Bem dizem que os espíritas são possessos do demônio! Só o maldito é que podia trazer-nos agora à mente a história daquele Lázaro, que posto à porta do rico, comia os ossos que os cães fartos não queriam¹³⁷.

O resto, nem pelo demônio, estamparemos aqui mesmo, porque falta-nos espaço para lembrar ao Sr. Arcebispo Esberard, em largos traços, a história do Cristianismo.

Enquanto os primeiros cristãos praticavam os ensinamentos de Jesus, trabalhando mais pelo Reino de Deus do que pelo reino do mundo; enquanto pregavam o *Evangelho* com a mansuetude e tolerância de que o Divino Cordeiro deu constantes exemplos em toda a sua vida, o estandarte da cruz chegou a dominar os próprios bárbaros, que avassalaram o império que deu leis e impôs jugo ao mundo inteiro.

136 (Nota do Organizador) Jacques Callot (1592 - 1635) - desenhista e gravador francês, já citado no volume 2 desta coleção, famoso, entre outras, por uma gravura inspirada no Inferno de Dante em sua *Divina Comédia*. É possível ver a imagem no endereço <https://harvardartmuseums.org/article/dante-illumina-ted>.

137 (Nota do Organizador) Lc. 16:19-31

As águias sempre vencedoras foram abatidas; o símbolo da humildade e do amor submeteu a seu doce e leve jugo os vencedores dos vencedores!

Que lição, nobre Arcebispo; que lição para os continuadores da obra dos Apóstolos!

Apesar, porém, dela, e desde que a cruz dominou o mundo, Roma a cristã, Roma a católica, Roma a apostólica, esquecendo os ensinamentos de Jesus, ambicionando antes o reino do mundo do que o Reino de Deus, opôs seus cânones, saturados de intolerâncias e de rigores, à puríssima e suavíssima doutrina do *Evangelho*, esmagando os díscolos, que protestavam contra a transgressão da lei de Jesus, e fazendo correr rios de sangue, *ad majorem Dei gloriam*¹³⁸, por forças a submissão a seus mandamentos!

A esta quadra funesta e desoladora corresponde o aparecimento, em gérmen, da incredulidade, que chegou a campear no mundo, e que triunfou da infalibilidade papal, arrancando o cetro aos sucessores de S. Pedro.

Na primeira fase, Roma conquistou o mundo; na segunda o mundo vai reduzindo-a à dolorosa condição de Jerusalém.

A humildade tolerante deu força invencível; o orgulho intolerante e a ambição do reino do mundo vão acentuando, dia por dia, a depauperação do velho corpo, galvanizado pelo fanatismo e pela ignorância.

A Igreja vai seguindo a trilha do sacerdócio hebreu, porque não atende ao modelo que lhe foi dado em Jesus, seu instituidor.

Comparai o perdão da adúltera com a condenação de Mancinelli, e dizei, em consciência, uma coisa é conforme com a outra?

Para darmos neste ligeiro estudo uma autoridade insuspeita, daremos no próximo artigo uma alocução de um dos mais notáveis bispos da América.

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 01.10.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10851

138 (Nota do Organizador) *Ad maiorem Dei gloriam* ou *ad majorem Dei gloriam* (“para maior glória de Deus”, em latim), também conhecido pelo acrônimo AMDG, é o lema da Companhia de Jesus, dos jesuitas. Acredita-se que o lema tenha sido cunhado pelo fundador da ordem religiosa, Santo Inácio de Loyola, como a base filosófica da sociedade. (Fonte: Wikipedia)

Artigo CCCLXI - O PAIZ, 08.10.1894

Mais algumas palavras antes da prometida alocução de um bispo.

Jesus, cujas palavras não passarão, embora passem os séculos, disse: que não se perderia nem uma ovelha do rebanho que lhe foi confiado¹³⁹.

Como ser assim, quando a Igreja ensina que as almas cuja vida corpórea acaba em pecado mortal, vão a penas eternas – perdem-se?

Ali a asseveração do divino Mestre de que a salvação é universal!

Aqui a asseveração da Igreja de que a salvação é parcial!

Quem está com a verdade: Jesus ou a Igreja? – o *Evangelho* ou os cânones?

A questão, em sua nudez, descarnada de falsas interpretações de textos, é tal qual aí fica exposta – e a questão, tal qual aí fica exposta, só tem esta solução: Jesus falou clara e terminantemente – e contra a palavra clara e terminante de Jesus não prevalecem as interpretações e argumentos arranjados pelos homens, mesmo que estes se atribuam o dom da infalibilidade.

Admite-se a dúvida e a interpretação sobre as palavras de Jesus, quando Ele as revestiu da forma parabólica; mas quando ele afirma positivamente, em linguagem clara e precisa, como no caso vertente, a que vem a interpretação? interpretação do que?

E, pois, desde que, em franca oposição à afirmativa do divino Mestre, a Igreja nega a salvação de todas as ovelhas do rebanho, a conclusão é: que a Igreja ensina, neste ponto, um erro palpável.

139 (Nota do Organizador) Vide nota 128, acima.

Como, porém, compreender-se o ensino da salvação universal, vendo nós, que os homens acabam nesta vida, em graus diferentes do progresso moral, desde o chamado santo até à fera humana?

Pode-se coadunar com a justiça indefectível: terem o mesmo destino os bons e os maus – e os bons em diversos graus, e os maus em graus também vários?

Certamente que não, porque seria até blasfemo admitir em Deus tal monstruosidade.

Como explicar, pois, esta antinomia¹⁴⁰ entre a lei e os fatos?

Aferrada à ideia da vida única, embora seja isto a formal negação da perfectibilidade humana, a Igreja cortou o nó com espada de Alexandre – e, sem atender a que feria o divino Mestre, pregou a doutrina de um duplo destino: o da glória para os bons, o das penas eternas para os maus.

Estava resolvido o problema, pelo lado dos fatos; mas ficava derogada a afirmação de Jesus!

E passaram os séculos – e a Igreja, em nome de sua infalibilidade, foi condenando ao Inferno todos os que acabavam no mal – e o nosso Arcebispo, firmado nos cânones, condenou um cristão, que acabou no mal, pelo suicídio, a não ter sufrágios.

Mas a lei de Jesus nem por isto ficou letra morta, porque nada morre do que saiu dos divinos lábios.

A Igreja reformou a sentença de seu divino Instituidor – ocultou a luz debaixo do alqueire – e impôs no mundo católico a fé naquele ensino, fé passiva – fé que não permite, sob pena de excomunhão, o olho maldito da razão!

A luz, porém, não foi feita para ser oculta – e brilhou por entre as trevas espalhadas pela cristandade.

Foi o Espiritismo, complemento e explicação do ensino de Jesus, comunicado aos homens pelos Espíritos do Senhor; foi esta Revelação da Revelação Messiânica, que trouxe o facho das claridades da verdade a espancar as trevas do erro.

Foi ele que – lógica – racional – e naturalmente, explicou os fatos de acabarem os homens em graus diversos do progresso, no desenvolvimento de sua perfectibilidade, sem preterição, antes com honra e glória para a lei da salvação universal afirmada por Jesus e nulificada pela Igreja.

140 (Nota do Organizador) Contradição entre proposições, princípios ou ideias. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

A cosmogonia espírita não precisou para sagrar este sacrosanto consórcio, de impor uma fé passiva, equivalente ao – crê ou morres – dos muçulmanos; e, pelo contrário, convidou à razão humana a colaborar com ela – a observar com ela – a experimentar com ela, na obra conscienciosa de distinguir a verdade do erro – de desprezar o ensino do Redentor, ouro do mais elevado quilate, da liga impura da ignorância e do orgulho dos homens.

O Espiritismo ensinou que os Espíritos são criados em identidade de condições (inocência e ignorância) – que são dotados de identidade de meios (faculdades) para desenvolverem sua perfectibilidade: isto é, para transformarem a inocência original em sublimada virtude, na pureza angélica, e a ignorância nativa em saber universal, no conhecimento de todas as leis da criação e, porventura, do próprio Criador – que para esta evolução infinda, cujo termo só Deus conhece, deu ele a todas e a cada uma de suas criaturas racionais o tempo sem conta, e a liberdade ampla de usarem com solicitude ou com desídia dos meios de fazerem sua evolução para o altíssimo destino, idêntico para todos.

Resulta daí: que depende só de nós, do bom ou do mal uso que fizermos da nossa liberdade, apressarmos ou retardarmos a nossa marcha para aquele destino, sofrendo os retardatários as penas de sua desídia; penas que cessam com o arrependimento e com o propósito de emenda; e recebendo os delinquentes o galardão de seus esforços; galardão que sobe de grau na razão dos graus de progresso conquistados.

Assim se explicam as variedades que notamos na humanidade terrestre: são devidas à variedade no uso da liberdade que fizeram os Espíritos, desde o ato de sua criação.

E como a evolução espiritual não começa e termina na presente existência, mas vem de longe e vai ao infinito; e como aquela evolução se faz mediante vidas corpóreas sucessivas e solidárias, no fim de cada uma das quais se dá o prêmio ou castigo, mas castigo temporário que será mais tarde, quando o desidioso se transformar em diligente, em prêmio: eis como os fatos de acabarem os homens em variadíssimos graus de progresso ou de atraso, quando morrem, não destroem, antes coadunam-se perfeitamente com a afirmação do divino Mestre: de que nenhuma de suas ovelhas se perderá – de que a salvação é universal.

Um exemplo material dará a luz no ponto em discussão.

Cem alunos se matricularam no 1º ano do curso de uma faculdade. Destes, uns tantos são reprovados e os mais são aprovados, passando estes ao 2º ano e repetindo os outros o 1º.

Suponhamos que dos reprovados ainda muitos são, pela 2ª vez, reprovados e que dos aprovados no 1º ano são alguns reprovados, em anos subsequentes.

Resultará daí: *primo*¹⁴¹, que dos cem que entraram juntos, somente alguns chegam ao fim do curso, ficando os outros espalhados pelos diversos anos do curso.

Eis a variedade que notamos nos homens, nesta vida, devida ao maior ou menor esforço de cada um.

Aqueles, porém, que descuraram e caíram, não estão condenados a perderem o curso, embora sofram a pena de sua desídia, perdendo o ano.

E, pois, se todos os cem não chegaram juntos ao seu destino, todos eles conseguiram-no em diverso tempo – todos lograrão tomar o grau.

Agora, digam: qual das duas doutrinas é racional? Qual se conforma mais com o amor do Pai? Qual põe em harmonia os fatos de observação com as palavras de Jesus?

Estabelecida a lei que derroca os cânones, e que é literalmente conforme ao *Evangelho*, evidencia-se: que o nosso diocesano preferiu aqueles a este – preferiu a Igreja a Jesus!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 08.10.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10915

141 (Nota do Organizador) Em primeiro lugar, primeiramente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CCCLXII - O PAIZ, 15.10.1894

Transcrevemos hoje a alocução do ilustrado bispo do México, D. José Maria Gonzales Elisardo¹⁴², com vista ao Sr. Arcebispo D. Esberard, como prometemos.

“*O Reino de Deus* - Já há bom tempo, por todos os pontos da Terra, se fazem ouvir as vozes do céu instruindo a humanidade sobre seu destino e impulsionando-a a caminhar para novos horizontes de perfeição e de felicidade, que se devisam ao longe, como íris de benção e de esperança.

“Hoje, este fato providencial impõe-se com a força irresistível das evoluções que se realizam, quando é chegado seu tempo, não havendo poder humano que as impeça ou detenha, ainda que seja por momentos.

“Ela coincide admiravelmente com o desmoronamento de instituições que parecia deverem ser eternas; bem como com uma viva atração para o desconhecido e o pressentimento de uma nova era de regeneração e de venturas.

“Grandes comoções sociais foram os precursores desta nova era que a ciência, por suas maiores celebridades, recebe com entusiasmo, cingindo-lhe a fronte com coroas de louro e de oliveira.

“Já era tempo de vozes, mais autorizadas que as dos míseros mortais, virem a nos dizer: levantai os olhos, vós que levais a vida engolfados nas fantasmagorias deste mundo! Há muitas outras moradas na casa do Pai – e, quando a morte vos envolver em seu negro sudário, nova existência começará para vosso Espírito!

142 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar dados sobre a biografia de D. José.Maria Gonzales Elisardo, nem Elizardo...

“Milhares de Espíritos estão dando testemunho desta verdade, para que não haja escusa à negação dolosa, ignorante ou orgulhosa.

“E, neste ponto, dão-se as mãos por todo o mundo a religião, a tradição, a filosofia e a experiência.

“A ideia fundamental da Nova Revelação é a da eternidade.

“Ela faz patentes os arcanos, até hoje impenetráveis, do passado, do presente e do futuro do homem, não só neste como nos demais planetas.

“Ela resolve o problema da vida, de um modo conforme com a razão, com a fé religiosa; e o que é mais elevado: ela não é simplesmente um sistema filosófico-religioso, mas uma relação permanente entre o mundo espiritual e o nosso, para acelerar a marcha da espécie humana a mais bonançosas condições, operando uma evolução regeneradora em cada um de seus membros.

“Conquanto não haja nada novo no mundo, é inegável que mesmo o que há de mais antigo se torna novo, uma vez que, depois de fundido no turbilhão de extintas civilizações, reaparece no eterno vai-vem de ações e reações, por meio das quais a providência restabelece o equilíbrio universal.

“É assim que o conhecimento dessa verdade, com que a Nova Revelação ilumina a consciência humana, vem de tão longe, que nem os povos, cuja civilização perde-se na noite dos tempos, podem-se jactar de serem seus descobridores.

“Não é ela das que nos vêm pela tradição, mas sim das que se revelam, por intuição mais ou menos clara, a todas as consciências, em contato com a aura celestial.

“Perguntar-nos-ão: por que, então, chamamo-la - Nova Revelação? Porque as verdades que recebem um desenvolvimento e uma aplicação, que chocam as opiniões dominantes, apresentam-se, de fato, como novidades; exemplo: o Cristianismo, que, como doutrina, não era novo.

“Chamaram-no, contudo, a Boa Nova, porque, quando apareceu o desejado das nações – o Messias prometido, para remir a humanidade a custo de seu sangue, a corrupção tinha por tal modo materializado o homem que, mesmo vindo para os seus, Jesus não foi por eles recebido.

“Poucos se achavam em estado de compreender o Espírito do Pai.

“Os povos estavam sentados; isto é, estacionados nas trevas – nas sombras da morte.

“Por isto, a palavra do Mestre foi grande novidade, objeto de contradição, escândalo e zombaria, da parte dos que, enganando-se a si mesmos, se tinham apegado a doutrinas que não eram a verdade, mas sombra dela.

“É o que se está passando hoje, com as grandes e simples verdades, denunciadas pela Nova Revelação.

“A Igreja condena-as como heresias; apesar de, longe de contrariarem o ensino de Jesus, serem o seu mais lógico desenvolvimento – sua mais direta aplicação – sua mais racional inteligência.

“A Nova Revelação é, por bem dizer, o próprio *Evangelho* em sua mais pura expressão.

“Os que julgam que o ensino cristão ficou definitivamente completo desde o século apostólico desconhecem o caráter progressivo da verdade, em toda a ordem de fatos, visto que a humanidade obedece à lei divina de um progresso indefinido – e esquecem que Jesus não falou com a mesma clareza às turbas de ouvido duro e vista curta, e aos discípulos, escolhidos para seus continuadores.

“E ainda mesmo a estes, a quem revelava, com parábolas, os mistérios do céu, não disse tudo.

“Um dia antes de sua morte, Ele lhes declarou: que muito tinha ainda a dizer-lhes; mas que, não podendo eles então compreender, enviar-lhes-ia, em tempo, o Espírito da Verdade, para ensinar todas as coisas.

“Esse Espírito, prometido por Jesus para assistir à sua Igreja, é o mesmo que, por diferentes modos, por diferentes vezes e ao mesmo tempo em toda a parte; fala declarando-nos o verdadeiro sentido da Revelação Cristã, escurecido e pervertido pelas preocupações de outra época e por interesses que não são do Reino de Deus.

“Não, é, pois, um novo *Evangelho* o que nos vêm pregar as vozes do Céu; mas sim a interpretação do *Evangelho*, feita, não por homens, mas pelo Espírito de Deus; de modo que, propriamente falando, é esta a interpretação autêntica do *Evangelho*.

“Um dos característicos da Nova Revelação é não exigir uma fé cega, apesar de ser muito autorizado o testemunho dos que nos instruem; mas sim propor que se verifiquem os fatos, em que se baseia – e, em vez de considerar a ciência um adversário da religião, considera-a aliada inseparável, por ser um dos dons do Espírito Santo.

“A revelação nos dá o conhecimento de verdades, que são desenvolvidas e aplicadas conforme a experiência.

“Na altura em que se acha a humanidade, pelo impulso das luzes que tem recebido, elaboradas por sua atividade, embora esteja a incomensurável distância da ciência do Ser Eterno, já suas aquisições constituem um valioso cabedal de sabedoria, para amar o bem – e já ela mesmo se acha em condições de aproveitar – rico patrimônio: excelente dádiva esse perfeito dom do Pai Celestial.

“Assim como uma ideia se transforma em instituição social tanto mais depressa quanto maior for sua vitalidade e pujança, sendo essa transformação uma condição iniludível do seu desenvolvimento e fecundidade; podia a Nova Revelação escapar desta lei? Impossível!

“E como, por sua origem, é o Espírito um ser divino, não só por seus objetos, que são Deus e o homem, como por seu fim, que é a felicidade eterna, e por seus meios, que são ultraterrestres e sobrehumanos – esta nova Revelação deve ser considerada como a continuação da obra messiânica, donde seu caráter da religião.

“É, propriamente falando, o estabelecimento do Reino de Deus sobre a Terra e, portanto, a instituição social em que se incorpore, para se realizar, no tempo e no espaço, é rigorosamente uma igreja.

“Como, porém, há tão insignificantes diferenças entre a instituição que tem esse nome e pertence ao passado, e a que, cheia de vida, representa a civilização do porvir, daremos a esta novo nome, que corresponde ao seu ideal – *o Reino de Deus*; pois que o novo ensino vem do Espírito Divino, e nós aspiramos emanciparmo-nos de toda a escravidão humana, para não dependermos senão de Deus.

“No intelectual, pelo conhecimento cada vez mais claro e completo da verdade – no moral, vivendo praticamente, não segundo a carne, mas conforme ao Espírito, unidos a Deus por amor e obediência, seremos senhores de nós mesmos, sem que as tradições humanas e os códigos convencionais possam erguer tropeços à justa e santa liberdade dos filhos de Deus.

“Mesmo no civil e no político temos de chegar a este feliz estado, desde que conseguirmos extirpar as tantas escravidões disfarçadas, os monopólios e injustas desigualdades, que fazem uns servos de outros, não por caridade, mas por força.

“Os governos serão desnecessários quando os costumes semibárbaros, que ainda se baseiam no egoísmo, se modelarem pelo amor, que é a condensação do verdadeiro Cristianismo.

“A Nova Revelação tende a fazer efetivos o amor e a caridade, não pela perseguição e pelo exclusivismo, não pelo ódio e pela violência – mas pelo próprio amor.

“Nesse Reino de Deus, Jesus Cristo é o chefe – seu ensino é a luz – sua lei é a razão – e o Espírito, por Ele prometido, é o nosso guia. Nele se reconhece que, independente de crenças especulativas, Deus se agrada dos que o temem e praticam a justiça.

“Por consequência, sem deixarmos de expor, o que, a nosso ver, é a verdade, pois sua difusão acelera o progresso e diminui os males que pesam sobre a humanidade, não lançaremos anátema nem vilupério sobre os que abraçam opiniões diversas das nossas. Respeitamos as crenças e, ainda mais, os que vivem de conformidade com elas.

“No Reino de Deus, não temos dogmas, mas sim princípios – não disputamos acerca do incompreensível: questões que só encontram solução na intolerância, depois de fatigarem a mente por séculos e séculos.

“Nossa fé repousa sobre princípios, cuja evidência os impõe – e sobre fatos, cuja realidade e significação afrontam a crítica.

“No Reino de Deus, os Espíritos e os encarnados podem ser meios ou instrumentos, pelos quais Deus pode dispensar-nos suas graças e favores; mas, aí, não há alguma casta ou corporação com o privilégio de reparti-los – aí, portanto, não há sacerdotes nem ministros de profissão.

“No Reino de Deus, todo o serviço religioso é gratuito, por afastar o perigo de se desvirtuarem, pela ganância, os dons espirituais e o exercício do que há de mais sublime e santo.

“Aí não há proeminência de espécie alguma e todos são servos uns dos outros.

“No Reino de Deus não há lugar destinado à oração; mas os filhos de Deus, em qualquer parte que se reúnam, para receberem instrução e consolo de espírito e para se fortalecerem mutuamente, excitando-se à prática do bem, principiam e terminam suas reuniões implorando as bênçãos do céu e dando graças pelos favores recebidos.

“Para os filhos de Deus o templo é um monumento que simboliza sua união com o Eterno por meio da fé, da esperança e da caridade.

“Irmãos espíritas, se deveras professais a salvadora fé, chamada a fazer prodígios, unamo-nos, trabalhando como um só homem.

“Sem sairmos da capital do México, já o nosso número sobe a milhões.

“Reconheçamo-nos, visto que somos irmãos – e nossas reuniões frequentes nos colocam nas condições de realizarmos em breve o ideal que nos traça a Nova Revelação e o Reino de Deus”.

O bispo Elisardo tem se nome no grande livro das sumidades da Igreja e do mundo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 15.10.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/10976

Artigo CCCLXIII - O PAIZ, 22.10.1894

Sete anos são decorridos – completaram-se neste mês – desde que, levado por um pensamento, Max, o pobre rabiscador destas linhas, sem pesar suas forças, tomou sobre seus ombros a árdua empresa de repetir aos homens a palavra do sábio, do justo, do imaculado Jesus: “Não é só do pão que vive o homem¹⁴³”.

Pesada empresa é, com efeito, esta; porque uma proposição que lhe escape, distoante dos diversos ensinamentos, será pedra de escândalo a seus irmãos, será responsabilidade para sua alma, que terá de resgatar, conforme a lei da suprema justiça, que não é senão a do infinito amor.

Quantas vezes, quantas vezes, não terá o fraco Espírito falido em seu empenho, ora por falta de saber, ora por excesso de vaidade?

Deus, porém, que prescruta nossos mais íntimos pensamentos, tem ciência de que aquele, pelo qual o pobre Espírito foi levado, é unísono com a lei das leis: o amor – o desejo ardente de concorrer com uma mísera e mesquinha parcela para o estabelecimento do Reino de Deus no coração da humanidade, que somente cura¹⁴⁴ do reino do mundo.

Seu esforço tem sido inquebrantável, de não ter, até hoje, deixado de publicar um artigo, no dia destinado para tal fim.

Quanto, porém, ao êxito do afanoso trabalho, quem pode-ló-á determinar?

143 (Nota do Organizador) Mt. 4:4.

144 (Nota do Organizador) No sentido de cuidar, ocupar-se, tratar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Uma pena bem aparada já terá dado inequívocos sinais dos traços de luz rasgados no seio de nossa sociedade.

Max não pode aspirar tamanha felicidade, contentando-se com a consciência de ter feito o que pôde – e com a esperança de que “tanto pinga a água na rocha até que a fura”.

Sete anos trabalhou Jacó por satisfazer seus mais ardentes anelos: a posse de Raquel – e, no fim, achou-se iludido completamente em suas esperanças, dando-lhe o astucioso Labão a remelenta Lia, em vez da sua bem amada.

Não desanimou, porém, o filho de Isaque – e repetiu a dura prova de outros sete anos de trabalhos, por conquistar a pérola de seu coração¹⁴⁵.

Nos fastos¹⁴⁶ da história há, para quem sabe colher, a gema dos bons exemplos, no turbilhão dos sussurros, luz claríssima para todas as nossas condições na vida.

E, pois, se Max, em sete anos, não colheu o que valha mais do que Lia para Jacó; serve-lhe este patriarca de exemplo, para não parar em meio do caminho, para prosseguir, alentado pela esperança de conseguir a posse de sua Raquel.

Aqui, é pouco provável o resultado, por não poder Max contar mais com tanto tempo; mas a obra não é dele – e o dono da vinha encontrará, entre os que fazem por merecer, muito quem o substitua.

E Max, se não puder chegar ao termo da viagem, cairá com a ferramenta na mão, cheio do gáudio que sente a alma fiel à santa lei do Pai Celestial.

Em todo o caso, bem ou mal, a discussão de princípios, que tem sido o objetivo destes artigos, já teve tempo suficiente para implantar a Doutrina no terreno que esteja preparado para recebê-la.

Se muitos, se a maior parte dos que lêem estes artigos não lhes têm prestado atenção; não será pela continuação deles que virão colher-lhes o fruto, rompendo com o fanatismo ou com a incredulidade dos obsedados pelo espírito de sistema.

Entrando, pois, na segunda série de seus estudos, Max propõe-se a tratar mais especialmente da parte prática do Espiritismo, oferecendo aos espíritos pensadores matéria mais sólida do que argumentos: fatos, observações experimentais, que falem,

145 (Nota do Organizador). Gn. 29: 1-28,

146 (Nota do Organizador) Registros. (Fonte: Dicionário Online Português)

por assim dizer, aos sentidos e dissipem as nuvens que ensombram a razão.

As manifestações espíritas têm sempre um duplo caráter: científico e religioso; o que atesta a identidade da origem da ciência e da religião; o que, principalmente, atesta que a Nova Revelação, devido ao progresso realizado pela humanidade terrestre, liga os dois ramos do tronco providencial, que dá seiva às duas asas do Espírito: crer e saber – desenvolvimento intelectual e desenvolvimento moral – ciência e religião.

O Espiritismo é pois, a religião científica ou a ciência religiosa.

Os fatos portanto, que descobrem esta relação íntima dos dois princípios que, até hoje, têm sido considerados antagônicos, não podem deixar de ser recebidos com suma satisfação pelos homens, que, em vez de pretenderem amoldar a verdade a suas crenças, esforçam-se por afeiçoar suas crenças à verdade.

É para estes que Max vai iniciar a nova série de seus estudos; porque dos outros, dos que entendem que não há verdade fora do círculo de suas crenças, não se preocupa, tendo bem presente a sábia Parábola do Semeador¹⁴⁷.

São sementes atiradas à estrada, que as aves do céu vêm e comem, ou sobre a rocha, que germinam, na pouca terra que encontram, mas que murcham, secam e morrem à falta de alimento.

Fazendo o plano de expor fatos, Max não se priva, nem de estudá-los à luz da Doutrina Espírita, nem de discutir, de vez em quando, alguma importante questão de princípio.

Ele se reserva o direito de escolher n'um e n'outro terreno, conforme julgar mais conveniente, atentas as circunstâncias da ocasião.

E, cheio de alegrias no dia de hoje, ele cumprimenta seus leitores, desejando-lhes a luz de Jesus.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 22.10.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11038

147 (Nota do Organizador) Mt. 13:01-09.

Artigo CCCLXIV - O PAIZ, 30.10.1894

O que são os fatos, senão a tradução material de leis, conhecidas umas, desconhecidas outras?

Nada se faz, nada sucede, sem razão de ser. Tudo, no Universo, está sujeito a um régimen¹⁴⁸, que parte do grande todo e se ramifica por todas as variedades, e que liga todos os seres da criação a constituírem uma harmonia inquebrantável.

O fato o mais simples encerra princípios da mais alta relevância: levanta, muita vez, o infinito véu do *incognoscível* como dizem os sectários de certa escola¹⁴⁹ – do *ainda desconhecido*, como dizemos nós, os espíritas.

O que haverá mais simples do que uma pera cair de madura¹⁵⁰?

Entretanto, esse simples fato deu origem à descoberta da grande lei da gravitação universal, sobre a qual ergueu-se o majestoso edifício da ciência astronômica.

D'onde procedem as determinações do peso específico dos corpos, que tanto concorrem para o desenvolvimento das ciências físicas?

De um banho – de um simples banho, que terminou pela inolvidável – *Eureka*.

148 (Nota do Organizador) No sentido de governo, direção, estatuto, regulamento, regimento. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

149 (Nota do Organizador) Atribui-se o uso filosófico desse termo a William Hamilton (1788-1856), filósofo escocês muito associado ao Kantismo.

150 (Nota do Organizador) Curioso que aqui Dr. Bezerra serve-se do exemplo da pera, mas a tradição relaciona a maçã ao episódio, lendário, que ficou associado aos estudos de Newton sobre a gravitação universal.

Parece obra do acaso; mas o acaso não é inteligente e o fato mais casual aparentemente prende-se substancialmente a uma lei, que revela um legislador inteligente.

Os fatos, pois, são os refletores da luz emanada da infinita ciência, que compreende o que foi – o que é – o que há de ser.

Eles são verdadeiros apólogos¹⁵¹; contém luz para todos os graus de inteligência.

Uns tomam-nos por seu lado grosseiro, como o que lê o apólogo em seu sentido literal; nada veem que os adiante.

Outros encaram-nos por suas relações mais superficiais, como o que deixando de parte a letra procura o sentido geral; colhem alguma coisa, embora vaga, sobre sua significação real.

Uns tantos, porém, descem ao âmago, procuram as relações de efeito para causa, as leis que regem tais relações, as relações destas leis com as universais, até entestarem¹⁵² com a causa das coisas e com a lei das leis; e estes, como o que penetra o sentido íntimo do apólogo, tiram dos fatos torrentes de luz, que lhes açularam¹⁵³ os horizontes da ciência – da ciência infinita, que compreende o mundo físico, o mundo intelectual e o mundo moral, que o Espírito resume nestas duas fórmulas subjetivas: crer e saber.

Não se julge que, pelos fatos que nos são dados, podemos elevar à ciência infinita.

Não; esta será a conquista da nossa perfectibilidade, também infinita ou antes que tem de desenvolver-se por toda a eternidade.

Ciência infinita, para a perfectibilidade infinita!

O que há é que a ciência começa no – zero – como a compreensão humana, e que esta vai, por seus graus de desenvolvimento, vendo desdobrar-se, diante de si, os graus mais elevados daquela, na razão do progresso realizado.

151 (Nota do Organizador) No sentido de narrativa detalhada, relatório, como também ensinamento moral sob a forma de fábula, mais facilitado, para os simples. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

152 (Nota do Organizador) No sentido de defrontar; confinar, estar em contacto. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

153 (Nota do Organizador) Aqui no sentido figurado, de motivar, dar origem a ou fazer aumentar alguma coisa, estimular; no caso, provocar a expansão da ciência através de novos esforços. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

O que há é que os fatos, que nos são dados, apenas, encerram os princípios da ciência, que já estão ao alcance da nossa percepção.

É por isto – por efeito desta sábia lei do Criador, que a revelação científica, tanto como a religiosa, é progressiva – e progressiva na razão do progresso realizado pela perfectibilidade humana.

Os fatos, portanto, formam com a ciência e com a percepção humana uma trilogia, cujo alcance ainda escapa à maior parte dos homens, que muito presumem de seu saber.

Ainda no dia 13 de outubro próximo passado vimos no *Jornal do Comércio* ridicularizar-se uma tentativa, feita na Inglaterra, no sentido de conhecer-se, por uma estatística particular, a frequência ou raridade dos casos de manifestação espontânea, no seio da domesticidade e sem a suspeição do espírito de propaganda.

Acreditamos que o ridículo foi jogado menos aos que tentaram a estatística que ao seu objetivo.

O ilustrado escritor ainda pertence ao número dos que riem dos fenômenos espíritas, sem nunca tê-los estudado; apesar do desengano que deram aos da sua escola, Zöllner – Crookes e ultimamente Lombroso, os mais eminentes sábios da Alemanha, da Inglaterra e da Itália, que investigaram tais fenômenos, para pulverizá-los – e voltaram Paulos, de Saulos que partiram.

Riu-se, principalmene, da frequência das aparições no Brasil e mal sabe: que riu-se de si mesmo, porque efetivamente é verdade o que verificaram os ingleses.

Por causas que ainda são desconhecidas, as manifestações espíritas variam de caráter, de uns para outros países; sendo que, entre nós, são raras as de caráter físico e muito frequentes as de caráter moral.

Quem experimenta, como temos feito há bom número de anos, verifica a verdade deste conceito, que confirma a observação dos ingleses – e rechassa o ridículo empunhado pelo *Jornal*.

São tão frequentes aquelas aparições, que um sábio nosso, ultramontano e conseguintemente inconciliável com semelhantes coisas, dizia, entretanto, subjogado pela evidência: não há uma família que não tenha tido um caso destes!

Para exemplificarmos, daremos aqui um fato – um de centenas que conhecemos – e que pode ser atestado por pessoas respeitáveis.

O conselheiro Carlos Affonso¹⁵⁴, que não é espírita, contou-nos:

Que, achando-se em Ouro Preto, e tendo falecido, poucos dias depois de ter tido um parto, a senhora de um cavalheiro de suas relações, tomou para fazer amamentar pela ama de um seu filhinho a criança, que ficou sem quem a amamentasse.

O berço desta, com a do conselheiro, ficavam em um quarto imediato ao seu, onde dormiam a ama e uma preta de casa.

Uma noite, tendo o conselheiro levado a ler até muito tarde, mal deitou-se e apagou a vela, ouviu claramente penetrar no quarto das crianças uma pessoa, calçada de botinas, que pelo farfalhar das sedas indicava ser uma mulher.

Causou-lhe aquilo espectação – e, cautelosamente, por não assustar sua senhora, que dormia, acendeu a vela e foi descalço ao quarto, para surpreender a pessoa que entrara ali.

Erguendo-se, porém, da cama, ouviu os passos, que, de volta, dirigiam-se para o fundo da casa, soando-lhe aos ouvidos o tinir de copos na sala de jantar, como se alguém tivesse dado um encontrão na mesa.

Acelerou a marcha, para descobrir quem era; mas não descobriu ninguém – e verificou acharem-se fechadas todas as portas.

De volta, inquireu da ama e da preta: se tinham visto alguma coisa – e soube desta última: que vira entrar uma mulher vestida de seda preta, que dirigiu-se para o berço da criança orfã; o que causou-lhe tanto medo que cobriu-se cabeça e corpo.

Nada mais viu; porém ouviu a mulher partir para o interior e o tinir os copos na sala de jantar.

154 (Nota do Organizador) Talvez Dr. Bezerra refira-se aqui ao Conselheiro de Estado - do Império, no caso - e advogado Carlos Affonso de Assis Figueiredo, nascido em Ouro Preto. Cinco anos mais tarde da publicação deste artigo, em 1889, Carlos Affonso ocupou a posição de Presidente da Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, mas ao final deste mesmo ano, com o advento da República, teve uma reviravolta completa em sua vida: foi banido do Brasil por Decreto Oficial. (Fonte: Coleção de Leis do Império do Brasil - 1889, Página 273 Vol. 1)

Este fato comoveu o conselheiro e sua senhora – e agora vai ser motivo para o ridículo do *Jornal*.

Os mortos vivem – os mortos comunicam com os vivos – os mortos guardam os sentimentos da vida!

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 30.10.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11104

Artigo CCCLXV - O PAIZ, 05.11.1894

O Sr. J. B. da Silveira Caldeira¹⁵⁵, distinto literato e cavaleiro bem conhecido de nossa sociedade, espírito forte, que não aceita as crendices espíritas, referiu-nos o seguinte fato com ele ocorrido:

“Uma noite, achando-se em seu gabinete, sentiu que tinha alguém ao pé de si; isto que sente o cego quando passa por junto de uma pessoa, embora imóvel – o mesmo que sentimos todos, quando, embora não vejamos, passamos por junto de alguém ou alguém passa por junto de nós.

É uma propriedade do nosso corpo ou uma faculdade de nossa alma.

Caldeira, àquela sensação, olhou em torno de si, mas nada viu; e entretanto a sensação continuava!

Súbito, uma mão passou-lhe meigamente pela frente, amimando-lhe o cabelo, pelo modo como costumava fazer sua finada mulher.

155 (Nota do Organizador) Não localizamos muitos dados sobre o Sr. Silveira Caldeira, mas tivemos a alegria de o encontrar, em 1886, em belíssimo trabalho, em parceria com Alfredo do Vale Cabral e Capistrano de Abreu, publicando pelo Diário Nacional grandes estudos sobre a história brasileira. O volume ao qual tivemos acesso, por exemplo, tem por tema *Fragments Historiques do Padre José Anchieta* (1584-1586). Silveira Caldeira era então o diretor do Diário Oficial e, pelo pouco de sua obra que pudemos apreciar, foi de fato “distinto literato” e valoroso estudioso e divulgador da cultura e da história brasileiras. (Fontes: *Anchieta, José de / Ouvrage patrimonial de la Bibliothèque numérique Manioc*. Service commun de la documentation, Université des Antilles. Collection de la bibliothèque de l'Université de Toulouse - Jean Jaurès e *O sesquicentenário de Capistrano de Abreu e o significado de sua obra*, de Eduardo Diatahy B. de Menezes, Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 2003.

E tão depressa teve aquela impressão, soou-lhe aos ouvidos a voz da querida senhora, dizendo: Caldeira, acode a Nini.

O que tem a Nini? perguntou o incrédulo, rendendo-se, naquele momento, instintivamente à verdade.

Eu vou vê-la, espera, respondeu a voz, que deixou de soar, como deixou de sentir o nosso amigo a sensação a que nos referimos acima.”

O princípio causal de todos estes estranhados fenômenos disse que ia ver Nini – e efetivamente cessaram todas as manifestações de sua presença!

Ora, Nini era o nome de família por que era conhecida uma filha do nosso amigo – e Nini achava-se com o marido no Paraná, se não nos falha a memória.

Francisco I, na batalha de Pavia¹⁵⁶, dava um trono por um cavalo. Nós somos mais modestos ou estamos em menos críticas circunstâncias – nós daríamos um cavalo, porque nos fosse permitido conhecer, por seu real valor, os sentimentos do nosso incrédulo diante daquele fato.

Quaisquer que fossem, o certo é que não lhe pareceu a coisa tão vazia de importância como se uma mariposa lhe tivesse apagado a vela, pois que imediatamente chamou o filho, e referiu-lhe o ocorrido.

O moço, ou porque ainda não tinha o orgulho dos sábios, que dispensam a Deus a graça de aceitarem algumas de suas leis, ou porque já tinha, natural ou adquirida, a eiva das tolas e loucas crenças espíritas, foi abalado, pois que pediu ao pai que tomasse nota por ver o que significava aquilo.

O que significava aquilo eles o verificaram pelas cartas que receberam do Paraná, em que se lhes comunicava: que Nini naquela noite, e não sabemos se à hora da manifestação cá, esteve lá às portas da morte em razão do parto perigosíssimo que teve.

156 (Nota do Organizador) A Batalha de Pavia, Itália, ocorrida na manhã de 24 de fevereiro de 1525, foi um acontecimento decisivo para a Guerra Italiana de 1521-1526. O exército Habsburgo, sob o comando nominal de Carlos de Lannoy, atacou os franceses sob o comando pessoal do rei Francisco I no grande campo de Mirabello, no lado externo dos muros da cidade. Em quatro horas de lutas, o exército francês foi dividido e derrotado fragorosamente. Os franceses tiveram baixas elevadas, que incluíam muitos dos principais nobres de França. O próprio Rei Francisco I foi capturado pelas tropas inimigas e levado preso ao seu contendor, o imperador Carlos V, e forçado a assinar o humilhante Tratado de Madri, em que cedia territórios significantes ao adversário. (Fonte: Wikipedia)

Para os sábios não passou tudo isto de uma alucinação de Caldeira, que foi, ao mesmo tempo, uma coincidência; ou então, foi o alongamento da vista do homem, se não foi a transmissão do pensamento da filha moribunda, tanto que a voz prometeu voltar e não voltou.

Para os sábios, dizemos; mas entenda-se: os sábios que, obcecados pelo espírito de sistema, têm por norma sujeitar os fatos, por qualquer explicação, mesmo infantil, a seu modo de ver – e nunca fazer deste a mínima concessão à evidência daqueles, que desprezam com a mais irrisória sem-cerimônia.

Alucinação – coincidência – alongamento da visão – e transmissão de pensamento; eis a explicação que dão os tais sábios à evidente manifestação de um Espírito, sem dúvida muito mais simples, natural e razoável explicação, no caso vertente, como em outros do mesmo gênero.

Alucinação, a palavra o diz, é o destrilho da razão da linha ordinária de seu funcionamento, por arrastamento da imaginação ou por perturbação do órgão do pensamento; alucinação é uma semiloucura – e a loucura nunca será meio de descobrir verdades ocultas.

Ora, dado que Caldeira, em perfeito estado fisiológico – em completa paz de espírito – lendo tranquilamente uma obra literária – sem cogitar de coisas, que lhe abalassem o ânimo – e, muito menos, de perigos para sua filha; dado que, neste estado, ele sofresse uma alucinação, que lhe fizesse sentir a presença da mulher e ouvir sua voz, como, por semelhante alucinação, descobrir, d'aqui, o que se estava passando no Paraná?

Atribuir fatos destes à alucinação é o que, no conceito de todo homem de bom senso, deve ser julgado uma alucinação!

Coincidência, acodem os que querem fazer circular aquele monstruoso absurdo, se não fraqueza intelectual.

Coincidência! mas, desde quando a coincidência desce às mínimas circunstâncias de um fato, como se se cobrisse à tinta uma longa escrita à lápis?

Coincidência dá-se, pode-se dizer: vagamente – materialmente – nunca, porém com rigorosa precisão e acentuada exatidão.

Coincidência será, por exemplo, lembrarmos de um amigo ausente – e ele aparecer-nos; ouvirmos, porém, uma voz de pessoa morta, dizendo que esse amigo está em perigo de vida – e verificar-se a exatidão do fato, com a circunstância da hora, como

foi verificada a presença da pessoa morta por circunstâncias de caracterizá-la, será tudo; menos coincidência.

O fato, pois, dado com Caldeira nem se explica por alucinação, nem por coincidência, nem pelos dois modos juntos.

Alongamento da visão é verdadeira alucinação científica.

O que é mais fácil de admitir: que nossa vista material se prolongue d'aqui ao Paraná, ou que um amigo do Espaço nos venha dizer o que lá se está passando?

Não admitis a existência de tais amigos, porque para vós não há Espírito? mas é isto mesmo o que dissemos; antepondes o vosso modo de ver à evidência dos fatos – e o de que tratamos é de uma evidência esmagadora.

Transmissão de pensamento. Há transmissão de pensamento, porém ela se opera de conformidade com leis naturais, que lhe marcam uma órbita de ação.

Pelo magnetismo podemos transmitir nosso pensamento; mas é preciso que haja a intenção da parte do que emite e da parte do que recebe, o que não se deu no caso de Caldeira, que nem cogitava da filha.

E ainda melhor prova de que nem sempre o que parece é transmissão do pensamento; exemplo: quando um médium, que não entende de Geologia – de Astronomia ou de qualquer outra ciência, faz uma brilhante preleção sobre qualquer dessas ciências, desconhecidas igualmente de todos os circunstantes.

Para terminar: a questão de não ter a mulher de Caldeira voltado, como prometeu.

É claro. Se o perigo se prolongasse, ela viria. Desde, porém, que passou, não quis, sem necessidade, reproduzir o fenômeno que, ela sabia, abalara profundamente o caro amigo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 05.11.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11160

Artigo CCCLXVI - O PAIZ, 12.11.1894

Nas festas de Camões¹⁵⁷, enquanto esta cidade se entregava às alegrias de uma comemoração tardia, conversavam tranquilamente sobre coisas de nonada¹⁵⁸, três amigos nossos bem conhecidos do nosso público, o Dr. Antônio Luiz Sayão, o Dr. Bittencourt Sampaio e o Sr. Frederico Júnior.

Tinham-se casualmente encontrado no gabinete do primeiro, à rua da Lampadosa então, hoje Luiz de Camões, nº 5, onde teve lugar o fato que vamos referir.

Conversavam os três, como quem não se reúne para fim determinado, e aconteceu que falando das festas, que revolucionavam a cidade, um deles: que juízo estará fazendo Camões dessas glórias *que vêm frias*, depois de o terem deixado morrer à míngua, na enxerga de um hospital?

Ainda não tinha completado a frase – e já Frederico, que é médium, cerrava os olhos, caía em estado sonambúlico e começou a dizer:

“Cansada nesta vida transitória,
Minha alma adormeceu entre gemidos,
Embalada nos doces prantos fidos
De quem mais do que eu merece glória.

157 (Nota do Organizador) O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas é celebrado na data de 10 de Junho, data da morte de Camões, em 1580, sendo também este o dia dedicado ao Anjo Custódio de Portugal, o Infante Dom Henrique, ou Helil, conforme Humberto de Campos em *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*. Este é também o dia da Língua Portuguesa.

158 (Nota do Organizador) Coisas de pouca monta; ninharias; bagatelas. (Fonte: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa)

“Oh! meu Jau, tu que sabes minha história
Daqueles desditosos tempos idos,
Oh! vem, vem dar-me a ideia esses fluidos
Que me fogem para sempre da memória.

“Dos batismos do amor saíste puro
Em meio desses hinos sacrossantos
Dos anjos do Senhor cheios de luz!

Enquanto que eu, com vistas no futuro,
Do mundo recebendo aplausos tantos,
Carregando inda vou a minha cana!

À vista do Espírito deste soneto, Bittencourt, falando ao que acreditou que era Camões, lhe disse: “O amigo pretende, então, ainda encarnar na Terra?” Ao que ele respondeu:

Quando chegar a vez dessa ventura,
Para minh'alma triste tão sonhada,
Eu voltaria de novo à pátria amada,
Onde meus dias foram sem ventura.

Amor eu cantaria com mais ternura,
Que amar eu aprendi nesta pousada,
Aonde tudo é luz, doce alvorada,
E mais doce cismar na formosura.

Os vícios, os defeitos de minh'alma,
Aos pés calcando por amor somente,
Saberia destruir com funda calma.

Bendizando de Deus a mão clemente,
Como Jó que de humilde teve a palma,
A glória que não morre, certamente.

Estes sonetos guardam o estilo de Camões – e falam bem claramente da vida do mal aventurado poeta.

Entretanto, pela lei de que os pensamentos dos Espíritos, transmitidos pelo médium, sofrem modificações, não saem em sua pureza original devido a preconceitos ou à linguagem deste,

como acontece a quem, entre os vivos transmite recados de alguém; nota-se, por esta causa, uma destoação daquele estilo no 3º verso do 2º quarteto do 1º soneto, rimando *fluidos* com *idos*.

Efetivamente observamos que o médium pronuncia – fluido.

Também, efeito da mesma causa, o último terceto do 2º soneto é frouxo e não exprime um pensamento perfeito.

Afora isto, quem, lendo-os, não atribuiria a Camões os versos que aí ficam?

São a prova de que os mortos guardam os sentimentos, os pensamentos e a memória, com a consciência de sua individualidade, do que são e do que foram na vida corpórea.

São a prova de que os mortos se comunicam com os vivos, de que rompem-se as barreiras que separavam o mundo invisível do visível.

São, finalmente, a prova de que a morte não define o destino eterno e imutável do ser humano; pois que aquele Espírito Camões ou outro declara-se ansioso por voltar à *pátria amada*, sem dúvida porque ainda não fez todo o progresso necessário para sair da Terra a um mundo superior, como o requer a sublime lei da evolução espiritual.

Aqui não há lugar a atribuir-se o fato à força psíquica; *primo* porque o médium não é poeta, nem conhece a arte; *secundo*, porque o estilo é o homem, e o destes sonetos acusa um determinado e conhecido poeta.

Poder-se-á recorrer à transmissão do pensamento, por ser poeta o Dr. Bittencourt; mas ainda e sempre a especialidade do estilo exclui a ideia de ser obra de qualquer poeta, e, além disto, a observação de outros fatos exclui semelhante explicação, já hoje banida do arsenal daqueles que aceitam tudo, os mais formidáveis absurdos, menos a intervenção dos Espíritos.

Com efeito, se no caso vertente, por ser presente um poeta, pode-se-lhe atribuir aquela poesia, transmitida ao médium, mil casos se dão de não haver no círculo dos presentes quem possua elementos para produzir o efeito manifestado por um médium.

E, se a transmissão do pensamento é aceitável n'um caso ou noutro, desde que não a pode ser em todos, não pode ser levada à categoria de uma lei, porque lei só pode ser o que explica e dá razão de todos os fenômenos de uma dada ordem.

Um que lhe escape, é o que basta para arrancar-lhe o caráter de lei.

Se, pois, a transmissão do pensamento não explica todos os casos de manifestações espíritas, embora pareça explicar alguns, se não é uma lei, a manifestação de que tratamos não pode ser explicada pela presença do Dr. Bittencourt.

E neste caso, ela prova tudo o que acima foi, por dedução, firmado.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 12.11.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11216

Artigo CCCLXVII - O PAIZ, 19.11.1894

Uma senhora que se assinou – Uma cristã sincera – dirigiu-nos com data de 9 de setembro último a seguinte carta, de que transcrevemos hoje a primeira parte, deixando a segunda para o seguinte artigo, por levantarem duas questões muito distintas, ambas de grande importância:

“Pela leitura assídua de seus artigos sobre Espiritismo, vejo que costuma elucidar aqueles que lhe pedem esse favor, apagando dúvidas, que porventura germinam em seu Espírito.

“Confiada e animada por tais exemplos venho pedir-lhe que me esclareça sobre certos pontos em que meu Espírito vacila; e tenho certeza que me atenderá e que sua resposta fará brilhar intensa luz nas trevas da ignorância em que me vejo mergulhada e que tanto me fazem sofrer.

“Ei-las as minhas perguntas:

“Será verdade ou possível que um Espírito, que já tenha deixado o invólucro material, volte a encarnar-se por horas n’um corpo, para fazê-lo sofrer toda a sorte de torturas físicas?

“É a minha primeira pergunta, e vou explicá-la.

“Tenho um cunhado, rapaz morigerado¹⁵⁹, crente, religioso e que repentinamente sente-se possuído de uma força desconhecida, e tem prostrações, fica sem sentidos, mas fala, diz coisas misteriosas, diz que é um tio que está encarnado nele, e só responde a quem o chama pelo nome do morto.

“Outras vezes tem ataques violentos, parece louco, fora de si, quer estrangular-se, faz gestos de querer dar ou segurar n’um ser invisível, e tudo isso com frases, que confesso, não entendo mas dirigidas à visão.

159 (Nota do Organizador) Moderado no modo de viver; que tem bom procedimento; bem-educado, regrado. (Fonte: Dicio - Dicionário Online de Português)

“Depois acorda ou sai daquele torpor, fatigado e fraco, e assim fica por algum tempo.

“Os médicos dizem ser ataques histéricos, outros riem-se da histeria em homem e qualificam de epilepsia a enfermidade.

“O que devemos crer?”

Histeria não é moléstia exclusiva da mulher, embora seja nela mais geral e mais caracterizada.

Entretanto, no caso vertente, é evidente que trata-se de uma obsessão, isto é, daquilo que nossa leitora pergunta se é possível.

Os que vêm a esta vida trazem missão expiatória das faltas de passadas existências, e é por isto que vemos torturadas por vários modos pessoas que respeitamos como um símbolo de bondade e de virtudes.

São boas e virtuosas hoje; mas foram ontem más e perversas – e os sofrimentos por que passam é a moeda com que resgatam as maldades passadas, sem o que jamais poderão vestir a túnica roçagante¹⁶⁰ dos que se assentam à mesa dos eleitos.

D'aquí se infere: que Espíritos há, cuja expiação, às vezes por eles mesmos pedida, pode ser: sofrer cruel perseguição daqueles a quem cruelmente perseguiu em eras passadas e que ora se acham no Espaço, tendo deixado o invólucro carnal.

O homem vivente não tem memória do mal que fez – e por isto não pode explicar-se o mal que sofre; mas seu Espírito tem a consciência de tudo, e aceita resignado ou repele revoltado o castigo, ou antes, a expiação de seus erros, que vive a resgatar por aqueles sofrimentos.

O Espírito perseguidor não se encarna no corpo de sua vítima, que já foi um algoz, pois que, se assim fosse, haveria dois Espíritos n'um corpo.

O perseguidor domina a vontade da vítima e obriga-a a todos os disparates próprios da loucura – e leva-o a todos os tormentos, até o suicídio.

Não vemos na vida camponesa, indivíduos que se submetem a outro como o cavalo ao peão?

É obsessão que, incompleta dá momentos de descanso à vítima – e que, levada ao grau da dominação, reduz a vítima à completa passividade.

Para melhor esclarecermos à consultante e ao mesmo tempo não faltarmos ao nosso programa, daremos aqui o seguinte fato da nossa observação, testemunhado por cavalheiros como os Srs.

160 (Nota do Organizador) Rasteiro, rastejante. (Fonte: Infopédia)

Batter, Dr. Antônio Luiz Sayão, negociantes José e João Augusto Ramos e médium Rodrigo de Oliveira e Frutuoso¹⁶¹.

Uma senhora conhecida da nossa sociedade, tento perdido o marido, passou a segundas núpcias.

Algun tempo depois, começou a sentir sofrimentos bem singulares.

Os médicos nada conseguiram – e acabaram pelo recurso miraculoso das moléstias nervosas.

A senhora já quase não podia servir-se de uma perna, o que a tinha como presa em casa.

Reconhecemos uma obsessão ou perseguição de um Espírito e fizemos a evocação do perseguidor, no intuito de esclarecê-lo sobre o mal que a si próprio estava fazendo, violando a lei do amor ao próximo, a principal via do progresso dos Espíritos.

O perseguidor era o primeiro marido da senhora, e aqui a causa do mal era o ciúme, porque o pobre Espírito ainda se achava muito materializado, quase como em vida.

Aquilo era causa para ele; para a senhora, porém, a causa era muito outra: era o mal que praticou em passadas existências, era o sofrimento necessário a seu Espírito para lavar-se daquelas máculas, era finalmente a justiça de Deus que se cumpria, por amor e misericórdia para com o pobre Espírito, que ficaria privado do gozo dos bem-aventurados, se [não se¹⁶²] limpasse da lepra, pela ação específica daquele amargo remédio.

Felizmente conseguimos, em longa discussão com o Espírito obsessor, chamá-lo ao bom caminho; com o que a doente sentiu imediatas e prontas melhoras, tais que se nos ant’olha prestes a cura, como temos colhido em casos análogos.

Foram duas curas, de que a mais notável é a moral.

Max. (Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 19.11.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11270

161 (Nota do Organizador) João e José Augusto eram irmãos, ambos componentes do Grupo Ismael. Assinam como testemunhas, juntamente com Bezerra e outros, a recepção do livro *De Jesus para as Crianças*, de Bittencourt Sampaio, psicografado por Frederico Jr. (Ed. CRBBM). João também assina o livro *Jesus perante a Cristandade*, do mesmo autor espiritual e médium, e foi o 2º presidente do Grupo Espírita Regeneração (RJ), após a desencarnação de Bezerra. Frutuoso da Silva era do Grupo Ismael e assina como testemunha do livro “Trabalhos Espíritas”. (Dados gentilmente cedidos pelo amigo Jorge Damas)

162 (Nota do Organizador) Pequeno acréscimo nosso.

Artigo CCCLXVIII - O PAIZ, 26.11.1894

A uma gentil senhora, médium psicográfico e sonâmbula, devemos a comunicação que aí damos e que se refere aos sonetos que publicamos, sob o nome de Luís de Camões:

Essa pessoa, em quem depositamos a mais plena confiança, disse-nos que meditava sobre aqueles versos tão doloridos, embora incorretos, pela razão dada e pela falta de revisão tipográfica, quando sentiu desejos de ouvir o próprio Camões sobre a autenticidade dos mesmos.

Sentindo o fluido que acusam os médiuns, logo que são atuados por algum Espírito, pegou do lápis e escreveu:

“Os sonetos em questão representam o estado de minha alma, cõnschia dos seus erros na Terra.

“Luís de Camões, proclamado pelos seus conterrâneos príncipe dos poetas do seu tempo, teve, durante sua passagem por esta vida, erros e vícios, que trouxera de passadas encarnações.

“Era orgulhoso demais. Não podia conformar-se com o destino que trouxe, de curvar a frente aos potentados da Terra.

“Odiava as grandezas, mais por inveja e ciúme, e sonhava suplantar a própria realeza do trono, com o épico sopro de minha tuba canora e belicosa.

“Revoltei-me muitas vezes contra Deus, por me ver só e desamparado no mundo!

“O que valiam meus versos? Outros podiam fazer melhores? Talvez que o próprio José Agostinho de Macedo¹⁶³, se não se guindasse tanto no jogo das palavras.

163 (Nota do Organizador) José Agostinho de Macedo (1761 – 1831) foi padre e escritor português. Tentou suplantar *Os Lusíadas* de Camões, que criticou duramente na sua *Censura das Lusíadas*, com o seu próprio poema épico: *O*

“Este tinha estro, ilustração e consciência do que valia; mas faltou-lhe o deslumbramento das grandezas da Terra; tinha apenas inveja de quem nada mais possuía do que uma lira afinada nas harmonias do amor.

“Era, pois, eu o único invejado e nunca excedido por aquele poeta. No entanto eu o apreciava e até admirava os seus versos; seria seu amigo, se ele não se tivesse feito meu rival, mesmo o maior inimigo do pobre cantor de Natércia¹⁶⁴.

“Eu o lastimava por este lado e revoltava-me contra os nobres, os poderosos, que me olhavam com menoscabo.

“Quis vingar-me desses parvos, e pedi às musas um som grandiloquo e corrente.

“Tornei-me o Homero lusitano e escondi a mágoa, o ciúme, para só pensar no renome que iria ganhar no mundo inteiro.

“Então trabalhei noites e dias, escrevendo e limando meus versos. Fiz mais: queimei muitas composições, reproduzindo depois algumas, que me pareceram melhores.

“O que, porém, mais contribuiu para meu inferno nesta vida, foi o amor que concebi por uma fidalga, cujo nome imortalizei nos meus versos.

“Dela fui correspondido, mas a minha pobreza veio meter-se entre nós, e eu tive que procurar em longes terras a fortuna, para podê-la alcançar.

“O destino, porém, teve mais poder do que minha vontade e meu amor.

“Perseguido sempre dos grandes, cada vez mais os odiei.

“N'alma ficou-me essa mancha escura por muito tempo depois do meu desterro na Terra.

“Vim, mais tarde, conhecer que merecia ter assim sofrido na vida terrena, porque houvera n'outras encarnações sido grande e orgulhoso, não tanto dos meus dotes intelectuais, mas de minha

Oriente. Considerava que esta sua epopeia valia mais que *Os Lusíadas* e que era “a menos defeituosa possível”. (Fonte: Wikipedia)

164 (Nota do Organizador) Segundo o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Natércia é “anagrama de Caterina, a forma de Catarina corrente no séc. XVI. Deve-se a Camões. (Fonte: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>)

elevação às altas posições. Tinha sido romano, tinha sido cônsul, e admirava somente Horácio¹⁶⁵, Virgílio¹⁶⁶ e Catulo¹⁶⁷.

“Voltei a encarnar na Lísia, que tinha pertencido a Roma, e achei-me invejoso: mas não podia compreender porque era olhado com indiferença e mesmo com desprezo pelos grandes da Terra.

“Concentrei-me e vi que tinha o fogo sagrado da poesia. Evoquei a musa pagã e achei-me ainda mais ativo. Desprezei os grandes e voltei-me à inspiração.

“Fui poeta e não quis ser mais nada.

“Eu era também grande, e maior que os grandes da Terra.

“Tive consciência de minha realeza e desprezei a todos.

“Eis o meu mal: orgulho e vaidade.

“Ignorava que tinha vindo expiar esses defeitos, esses erros, e revoltei-me.

“Hoje conheço a justiça divina e sei que devia lavar as faltas de minha penúltima encarnação, que fôra completamente perdida.

“No Espaço aprendi a ser justo e humilde como Jó, e espero voltar à Terra, para cantar, não as glórias dos homens, que nada valem, mas as maravilhas da criação e o amor sempiterno de Deus - *Luís de Camões*”.

Frivolino, a quem votamos respeitosa estima, sempre “dedicado apesar de anônimo”, acolha mais esta comunicação de além-túmulo, que oferecemos à sua crítica.

Não faça questão do autor, mas sim do fato, que prova o mesmo, quer venha de Camões, quer de Caminha.

E, sobretudo, onde uma cosmogonia, em que se encontre tão elevada compreensão, como a de subir, subir indefinidamente o ser humano, reforçando as asas em diversas existências solidárias e reparadoras?

165 (Nota do Organizador) Quinto Horácio Flaco (65 – 8 a.C.) – poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga. (Fonte: Wikipedia)

166 (Nota do Organizador) Públio Virgílio Maro (70 – 19 a.C.) – poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas*, e a *Eneida*. (Fonte: Wikipedia)

167 (Nota do Organizador) Caio Valério Catulo (87 ou 84 – 57 ou 54 a.C.) – sofisticado e controverso poeta romano durante o final do período republicano.

E, correlativamente, onde uma teodiceia, em que se apresenta o Criador sem a *tremenda majestade*, mas só e simplesmente com a majestade do amor infinito?

O Espiritismo, complemento dos ensinamentos de Jesus, mostra-nos o filho pródigo, que simboliza a humanidade terrestre, toda pecadora, com festas, no seio do Pai, desde que reconhece seu erro, arrepende-se e pede perdão.

A salvação é universal e conquistamo-la pelo modo como Camões aí deixa consignado: pelas existências reparadoras.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 26.11.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11329

Artigo CCCLXIX - O PAIZ, 03.12.1894

Em nosso penúltimo artigo, prometemos a – Uma crente sincera – e não uma cristã sincera, como saiu publicado, por erro de revisão, tomar em consideração sua segunda pergunta, que é a seguinte:

“Será verídico que os Espíritos façam aparecer qualquer objeto sobre um móvel ou outro lugar, só por influência espírita?”

“Faço tal pergunta baseada em um fato que uma pessoa aliás bem inteligente relatou-me.

“Disse esta pessoa que assistiu a uma sessão espírita, a que também estava presente um velho, que ia evocar o Espírito do filho – e que, quando o médium falou, disse-lhe que fosse ver sobre uma mesa, que havia na sala, uma lembrança do filho para ele.

“Cheio de fé, encontrou uma linda rosa, ainda úmida, como que orvalhada pelo rocio da manhã.

“Será isto verdade?”

“Quem me referiu tal fato é um cavalheiro na acepção da palavra, espírito culto e incapaz de mentir; mas quem sabe se não foi ilusão?”

“Espero que me tire esa dúvida, que me faz vacilar a crença que tenho.”

O fato que pôs em crise a sincera crença de nossa ilustrada leitora, é atestado pela observação dos maiores sábios do nosso tempo, que têm feito, por toda a Europa, experiências com o médium de efeitos físicos Eusápia Palladino – e é explicado pela ciência, que já logrou descobrir a lei que o rege.

Os fenômenos de transporte, à cuja ordem pertence o que foi descrito à nossa leitora, não podem mais ser hoje postos em dúvida, senão pelos sistemáticos, que negam até o que veem e

apalpam, quando o que veem e apalpam choca suas infalíveis ideias – ou pelos tolos pretensiosos, que, na penúria de saber, para se fazerem célebres, procuram a celebridade opondo-se a tudo, sem procurarem conhecer aquilo a que se opõem.

Estreitos são os limites deste artigo, para darmos as múltiplas experiências de sábios, verdadeiras autoridades no mundo científico, que atestam a realidade do fenômeno em questão.

Consignaremos somente aqui uma de tantas que vale por todas: a que foi feita em Nápoles, por Lombroso, em companhia de outros luminares da ciência, todos insuspeitos, porque eram mais do que inimigos do Espiritismo; eram dos que o consideravam embuste, magia e charlatanismo.

Estes ilustres cavalheiros, no fim da sessão, em que se deram maravilhosos fatos de transporte, perfeitamente verificados, foram obrigados em consciência e por sua honra a assinar uma ata, em que foram consignados aqueles fatos, fazendo a confissão, digna de quem se preza e preza sobretudo a verdade, de que *os fenômenos espíritas são uma realidade*.

Riam, pois, os sábios d'água doce: o fato é reconhecido e atestado pelas sumidades, e principalmente pelas que, antes de submetê-lo a provas, repeliam-no com o maior desprezo.

Nós, em nossa humilde posição de observador, já o temos tido debaixo dos olhos por mais de uma vez, e pesa-nos não termos autorização para invocar o testemunho dos cavalheiros, em cujas casas eles se deram, para assim darmos à nossa narrativa a autoridade de nomes respeitados em nossa boa sociedade, que nos lavasse da suspeição de propagandista fanático.

Como, porém, já nos achamos à sombra de Lombroso, daremos o que observamos e que já foi atestado por aquele eminente sábio.

Em casa de um cavalheiro bem conhecido, acatado, estimado de toda a sociedade fluminense, em cujo seio ocupa uma posição distinta, assistimos, de visita, a trabalhos espíritas dignos de figurarem no grande livro desta ciência, que vai conquistando o mundo pelas camadas superiores.

Não vamos descrever aqui a especialidade dos trabalhos que presenciamos, porque propomo-nos a fazê-lo mais larga e detidamente.

Falaremos somente no que se refere ao assunto deste artigo.

No fim da sessão, o Espírito que a dirige mandou que fossem a um globo cor de leite, que não se sabia onde estava, por estar

a casa em desarranjo por causa de achar-se em pintura, dizendo que aí se encontrariam os presentes dos Espíritos para seus irmãos da Terra.

Procurou-se o determinado globo, que foi achado n'uma saleta imediata à sala do trabalho, a qual se achava fechada, menos pelo lado em que nos achávamos, e, portanto, que ninguém podia nela penetrar sem passar pelo meio de nós ou ser por nós visto.

No globo encontramos um punhado de flores frescas e úmidas de orvalho, como se tivessem sido colhidas a minutos. Eram 10 horas da noite, e nós estávamos reunidos desde às 8.

Por um médium vidente, o Espírito indicou a distribuição daquelas flores pelos assistentes, cabendo-nos um lindo botão de rosa.

Coisa bem notável! As flores encontradas eram tantas, quantas as pessoas que tomaram parte no trabalho!

Bem sabemos que podem os que só creem em si e na sua ciência ver no que aí deixamos um truque; mas, além de que o fato já é do domínio da ciência, e por conseguinte não há mais necessidade de impingí-lo por meios mágicos e charlatanescos, acresce que o nome só do dono da casa faria recuar todo o que tivesse a lembrança de atribuí-lo a indignos expedientes.

Demais, se antes de se fechar a saleta se tivesse colocado no globo aquelas flores, elas não poderiam conservar a umidade do orvalho da noite. Logo, foram postas ali depois de fechada a sala e pouco antes de serem por nós tomadas.

E neste caso, como dissemos acima, ninguém poderia entrar e sair da saleta sem ser por nós visto, a menos que estivéssemos cegos ou de olhos fechados.

No próximo artigo referiremos outro fato de nossa observação – e se nos sobrar espaço daremos a explicação científica de sua produção, isto é, da lei que rege tais fenômenos¹⁶⁸.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 03.12.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11386

168 (Nota do Organizador) Para os interessados em saber um pouco mais sobre os fenômenos de transporte vale consultar o Cap. V da segunda parte de *O Livro dos Médiuns – Das manifestações físicas espontâneas*, itens 96 a 99, bem como a obra *Fenômenos de Transporte*, de Ernesto Bozzano, Ed. Feesp.

Artigo CCCLXX - O PAIZ, 10.12.1894

Continuando o interessantíssimo estudo dos fenômenos de *transporte*, falaremos hoje de um caso destes, testemunhado por distintos cavalheiros desta capital, entre os quais o notável clínico, Dr. Lins de Moura¹⁶⁹, que não pode ser suspeito porque não é espírita, e assitiu como médico da família.

É esta a de um cavalheiro, que ocupa importante cargo em nossa sociedade e que é muito estimado e considerado por todos os que têm a felicidade de conhecê-lo.

Em casa deste senhor começaram a dar-se estranhos fenômenos: pancadas pelas paredes e pelos trastes, tropel por cima do forro, uma assuada¹⁷⁰ infernal, que começava ao escurecer e estendia-se até ao amanhecer do dia seguinte.

Receoso de chamar a atenção pública para sua casa, procurou primeiro examinar bem o fato e descobrir-lhe a causa; mas, desesperando de chegar ao conhecimento do que determinava o bem verificado barulho, recorreu particularmente à polícia, que pôs à sua disposição um bom número de praças, com as quais, fechadas as portas, fez todas as pesquisas imaginárias, sem que lograsse tolher os ruídos que lhes rebentavam sob os pés e sobre as cabeças, sem permitirem descobrir o que os produzia.

Ao mesmo tempo que isto se dava, apareceu com ataques de caráter histérico ou epilético uma menina da família de 10 a 12 anos de idade; e foi para tratá-la que foi chamado o doutor a

169 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar dados biográficos do Dr. Lins de Moura.

170 (Nota do Organizador) 1. Ajuntamento de pessoas para provocarem desordem ou delitos, arruaça, algazarra. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

quem nos referimos, o qual teve por isto ocasião de assistir à manifestação dos estranhos fenômenos.

Depois de observar o que já foi descrito, viu mais, em pleno dia, à hora do almoço, cair do teto, sobre uma salva com copos, que estava à mesa, um calhau¹⁷¹ do volume de um punho fechado, que nem de leve ofendeu qualquer dos copos entre os quais bateu.

Viu depois também de dia, e na mesma sala, bater de encontro à tampa de vidro de um guarda-louça outro calhau, que também não lesou o vidro, apesar de retinir a pancada.

Atesta ainda os dois seguintes fatos, que não se deram em sua presença, mas que antecederam alguns minutos a sua chegada à casa, onde encontrou o dono e mais família aterrados:

O Sr. F., dono da casa, tem seus cômodos particulares no 2º andar ou sótão de grande pé direito, e cujas janelas, com pesadas grades de ferro, dão para o prosseguimento do 1º andar, coberto de telhas.

Subiu com a senhora para vestir-se, a fim de sair para seu emprego, e encontrou tudo em boa ordem.

Precisou, porém, passar do cômodo da frente ao imediato, onde a senhora tirava do guarda-roupa as peças necessárias, e voltando d'ali, viu com surpresa que uma das grades de ferro das janelas tinha desaparecido. Correu ao lugar e viu-a estendida sobre o telhado do 1º andar.

Sem demora, mandou vir um mestre de obras, que havia na vizinhança, e este ficou assombrado: *primo*, porque a peça tinha sido desaparafusada, e um mestre não faria aquele trabalho senão em horas; *secundo*, porque a grade, pesando mais de uma tonelada, e caindo de grande altura, nem sequer rachou uma telha!

O outro fato foi encontrar-se no corredor, que dá para a sala de visitas, uma tina, dentro da qual estava um saco cheio, parecendo de farinha, e sobre este uma trouxa de roupa suja.

Escandalizado por terem posto à entrada de sua sala tão impróprio adorno, o dono da casa ficou, mais uma vez, conturbado, reconhecendo que o saco de algodão grosso estava cheio d'água e não escorria nem uma gota!

Escapou-nos referir ainda outro caso bem notável e foi:

171 (Nota do Organizador) Pedaco de rocha dura, pedra solta. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Que tendo o dono da casa de passar com o Dr. Moura à sala de visitas, o reposteiro¹⁷², que se achava preso a um dos lados da porta por braçadeira bem ligada, mal transpuseram-se os dois, desprendeuse e lentamente foi-se desdobrando, até tomar todo o vão da porta.

Induzido por uns loucos, que acreditam em Espiritismo, e desenganado de recobrar sua tranquilidade, o dono da casa procurou-nos e referiu-nos tudo o que aí fica exposto.

Era um caso bem digno de estudo, e propusemo-nos a fazê-lo.

Certo de que eram obras de Espíritos, evocamos o que os produzia, e veio-nos um, que foi bem nosso conhecido, e conhecido dos velhos cabalistas desta cidade.

Disse-nos que vingava-se daquele homem, seu amigo, em uma passada existência no Córrego, e que, abusando de sua confiança, corrompera-lhe a irmã, que era o seu ídolo e a reduzira à mais degradante posição.

Que, como corso, que fôra, não desistiria por nada do prazer de vingar-se e de vingar a irmã, levando seu algoz ao desespero e à loucura.

Discutimos muito sobre a responsabilidade da vingança e sobre o merecimento do perdão e por fim firmamos um pacto.

A sua vítima, disse-me, está aí na miséria, em uma estalagem à rua do Alcântara. Ele que a procure, e se pagar-lhe o que lhe deve, em meio de ter ela melhor vida, e um sentido arrependimento do mal que lhe fez, deixa-lo-ei tranquilo.

Desde aquele dia, cessaram os tumultos da casa, porque, reaparecendo dias depois, disse-nos o Espírito, novamente evocado, o miserável não sentia pesar à vista de tanta miséria de que foi ele a causa das causas e apenas atirou-lhe umas moedas, que para nós é o que nada vale.

Foi outro lutar tremendo, que tivemos de sustentar, mas de que saímos vitoriosos, pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O rebuliço da casa mal assombrada passou, ficando apenas, porque a menina é médium de efeitos físicos, manifestações ligeiras desta ordem de fenômenos, mas sem caráter assustador.

172 (Nota do Organizador) Espécie de cortina que nas portas serve de adorno ou de resguardo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Nossos correligionários da Igreja romana explicam estas causas pela intervenção do demônio; mas como explicar a rendição do demônio, ao ponto de pedir-nos preces, chorando, pelos ensinamentos do *Evangelho*?!

Nossos adversários materialistas riem e explicam a causa com uma palavra – alucinação – mas como alucinação da parte de incrédulos, que veem e tocam os fatos?!

São fenômenos regidos por leis naturais, até aqui desconhecidas – e que faremos conhecidas no próximo artigo.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 10.12.1894 http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11444

Artigo CCCLXXI - O PAIZ, 24.12.1894

É grato a nós outros, que consideramos esta vida como meio expiatório, consignar o fato de haver um dos peregrinos, a ela preso pelas vestes carnavais, deixado as sandálias e o bordão e tomado o voo altivo para as regiões sempiternas.

Sabemos: que nem todos satisfazem seus compromissos e que estes não vão gozar a felicidade; mas também sabemos: que as penas são temporárias e corretivas – e que o Pai dá aos que falirem o tempo na eternidade, para se reabilitarem.

É, pois, sempre um passo para diante deixar a vida corpórea e entrar na espiritual, em que mais fácil é o progresso intelectual e moral.

Graças, pois, sejam dadas ao Senhor, toda a vez que for servido abrir as portas da prisão corpórea ao pobre Espírito em expiação, quer vá receber prêmio, quer vá receber castigo.

Sugere-nos estes pálidos conceitos a perda que tivemos pela morte de um dos nossos mais operosos companheiros – aquele que, nesta parte do nosso planeta, mais gloriosos exemplos deu de impertérrita dedicação à causa santa da propaganda espírita.

A ele, cuja memória está gravada em nossos corações – ao velho Mello¹⁷³, cujo nome será sempre pronunciado com amoroso respeito por seus irmãos espíritas desta nossa capital, deve-se, além de outros importantíssimos serviços, o de se terem publicado, por sete anos, estes artigos, que nada valem pela forma, que

173 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao confrade Manoel Antônio de Mello, grande trabalhador de nossas fileiras ao final do século XIX, no Rio de Janeiro. O *Reformador* de dezembro de 1894 prestou-lhe bela e merecida homenagem, que reproduzimos no prefácio desse volume.

é nossa, mas que muito valem pelas ideias vulgarizadas, que são de Deus.

Max, o pobre rabiscador que, em prejuízo da santa causa, tomou a si o encargo de explicar os altos princípios, que constituem a mais sublime filosofia conhecida da Terra; convencido de que o trabalhador da divina seara recebeu o seu salário, eleva, em pensamento, ao Sólido do Cordeiro Imaculado, uma prece muito d'alma pelo bom amigo que tão cedo desta vida se partiu.

Seja-lhe a primeira luz de Jesus o pão alvíssimo da caridade divina.

A morte de Mello, o que tratou com *O Paiz* a publicação destes artigos, foi causa de não sair o de segunda-feira passada, 17 do corrente; assim como será de deixarmos aquele jornal, a quem agradecemos, em nome dos espíritas, a benevolência com que nos acolheu e sempre nos tratou.

De hoje em diante estes nossos estudos serão publicados no *Jornal do Brasil*, às segundas-feiras.

No novo órgão de nossa publicação, continuaremos o estudo dos fenômenos de transporte, cuja realidade já demonstramos por fatos autenticados – e cuja lei regulamentar prometemos dar.

Por hoje – e porque o espaço não nos dá para aquele trabalho, preenche-lo-emos com a narração de um fato comprobatório da existência e da comunicação dos Espíritos.

Para o clero, não haveria mister de semelhante prova, pois que ela está luzindo no *Evangelho de S. Lucas*, Parábola do homem rico e do pobre Lázaro¹⁷⁴, na qual o rico pede a Abraão que mande Lázaro avisar os irmãos, porque diante das admoestações de um morto eles se coibirão – e Abraão responde que, se eles não se coibirem ante a lei de Moisés e dos Profetas, também não o farão por admoestações de um morto.

Quer dizer: que Abraão não indeferiu o pedido por ser impossível, mas sim por ser inútil.

Se os padres, pois, têm a prova do *Evangelho*, os sábios requerem fatos – e eis a razão do que vamos referir.

O comendador Domingos Gonçalves Pereira Nunes¹⁷⁵, que, seja dito de passagem, é espírita, que não oculta esta mazela,

174 (Nota do Organizador) Lc 16,19-31.

175 (Nota do Organizador) Essa pesquisa não localizou muitos dados biográficos acerca do Sr. Domingos, mas sabe-se que foi dono de propriedades e usinei-

consultou um médium receitista sobre um seu netinho, que se achava doente.

O médico do Espaço, parece-nos que foi Mello Moraes¹⁷⁶, descreveu a moléstia da criança, para a qual receitou, acrescentando às recomendações que fez de terem com ela todo o cuidado, uma advertência que surpreendeu o consultante.

Manda retirar do subterrâneo de tua casa um corpo em putrefação, que lá existe, e que pode concorrer para que a febre do doentinho tome um caráter pernicioso.

O comendador Nunes mandou abrir um buraco na parede para se poder penetrar no subterrâneo fechado – e, efetivamente, descobriu-se um gato morto e já em princípio de decomposição.

Nem o dono, nem ninguém da casa, tinha a mais leve suspeita da existência daquele foco de infecção – e, se tal não fora, compreende-se que ter-se-iam feito diligências para removê-lo.

Como então um indivíduo, que não era da casa, descobriu da sua o que tinha a todos escapado?

Venham daí as teorias – e sobretudo a do prolongamento da vista por hiperstenia¹⁷⁷ nervosa.

Esta então é de fazer rir, porque é oriunda de sábios, que, em honra da ciência, sacrificam a ciência.

Com efeito, é axioma da ótica: que para se ver um objeto, é preciso que sua imagem vá ferir a retina, donde duas condições essenciais: que o objeto esteja na direção de um raio de luz, que

ro natural de Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, que loteou grandes áreas do Andaraí e Vila Isabel, no Rio de Janeiro. A rua Pereira Nunes, na Tijuca, tem esse nome em sua homenagem. Vimos que, como empresário, criou em 1882 o bairro de Vila Campista, também no Rio, em parceria com o Barão de Drumond, que fez o de Vila Isabel, na mesma região. Talvez então tenha conhecido Dr. Bezerra, à época trabalhando com o Barão de Drumond nesse projeto. Parece que ficaram amigos. Anos mais tarde, em 1889, Pereira Nunes compôs a diretoria da Companhia de Seguros Argos Beneficente, juntamente com Dr. Bezerra, sendo esse na condição de presidente e o Sr. Domingos na de tesoureiro. Ficou viúvo cedo, já aos 46 anos é apresentado como tal, em 1877, talvez daí o seu interesse pelo Espiritismo. (Fontes: *Jornal Tribuna Liberal*, 27-03-1889, pág. 4; <https://diariodorio.com/ruasdorior-quem-foi-pereira-nunes/>; *Jornal dos Economistas*, 04-11-1882, pág.6; *Diário do Rio de Janeiro*, 04-02-1877, PÁG. 1)

176 (Nota do Organizador) Alexandre José de Mello Moraes (Maceió, 1816 – Rio de Janeiro, 1882) foi médico e historiador brasileiro. (Fonte: Wikipedia)

177 (Nota do Organizador) Exagerado funcionamento de um órgão, aparelho ou sistema do organismo. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

vai à retina – e que esta esteja em condições fisiológicas de receber as impressões.

Por mais que se prolongasse o nervo ótico do médium ou sua potência vidente, poder-se-ia dar tudo, menos pô-lo em relação, por meio de um raio de luz, com um objeto fechado em um subterrâneo e interceptado do órgão visual por paredes de pedra e cal.

E assim é tudo o mais relativo a explicarem-se os fenômenos espíritas pela ciência materialista, no caprichoso empenho de negar a existência e a comunicação dos Espíritos.

Cabe muito a propósito aqui a exclamação de Galileu: “e de fato ela se move”.

E de fato, quer queiram, quer não, existem os Espíritos e se comunicam conosco.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original. Confira na
Seção Livre do Jornal *O Paiz*, edição de 24.12.1894
http://memoria.bn.br/docreader/178691_02/11562

JORNAL DO BRASIL

Os responsáveis pelo JB não nos autorizaram a transcrição dos artigos de Dr. Bezerra, a pretexto de direitos autorais... Relacionamos, então, todos eles - são 45 artigos - indicando ao lado de cada um o seu respectivo endereço eletrônico na Hemeroteca Digital de nossa Biblioteca Nacional, para que os interessados possam eventualmente consultá-los. Foi só o que pudemos fazer, nesse caso. Veremos se no futuro conseguimos contornar esse óbice.

Relação de todos os artigos publicados no *Jornal do Brasil* e as respectivas indicações de seus endereços na Hemetoreca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil:

ARTIGO	EDIÇÃO	LINK
CCCLXXII	07.01.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/3874
CCCLXXIII	14.01.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/3904
CCCLXXIV	21.01.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/3933
CCCLXXV	28.01.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/3961
CCCLXXVI	04.02.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/3991
CCCLXXVII	11.02.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/4021
CCCLXXVIII	18.02.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/4052
CCCLXXIX	25.02.1895	http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_01/4081
CCCLXXX	04.03.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4111
CCCLXXXI	11.03.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4143
CCCLXXXII	18.03.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4173
CCCLXXXIII	25.03.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4203
CCCLXXXIV	01.04.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4235
CCCLXXXV	08.04.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4269
CCCLXXXVI	15 e 16.04.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4300
CCCLXXXVII	22.04.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4328
CCCLXXXVIII	29.04.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4358
CCCLXXXIX	09.05.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4402
CCCXC	13.05.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4420
CCCXCI	20.05.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4455
CCCXCII	27.05.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4489
CCCXCIII	04.06.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4535
CCCXCIV	10.06.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4567
CCCXCV	17.06.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4608
CCCXCVI	24.06.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4650
CCCXCVII	01.07.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4694
CCCXCVIII	08.07.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4733
CCCXCIX	15.07.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4774
CD	22.07.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4809
CDI	29.07.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4843
CDII	05.08.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4881
CDIII	12.08.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4918
CDIV	19.08.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/4960

ARTIGO	EDIÇÃO	LINK
CDV	26.08.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5003
CDVI	02.09.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5040
CDVII	09.09.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5075
CDVIII	16.09.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5110
CDIX	23.09.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5143
CDX	30.09.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5184
CDXI	07.10.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5220
CDXII	14.10.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5252
CDXIII	21.10.1895	http://memoria.bn.br/docreader/030015_01/5281

Artigo CDXIV - JB, 11-11-1895; Artigo CDXV - JB, 18-11-1895; Artigo CDXVI - JB, 25-11-1895 (*)

(*) Os artigos de 11, 18 e 25 de novembro não constam da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram gentilmente recuperados e transcritos pelo prezado amigo Mário Danner, a quem novamente agradecemos.

GAZETA DE NOTÍCIAS

Artigo CDXVII

Gazeta de Notícias, 01-12-1895

O órgão do Catolicismo no Brasil¹⁷⁸ ainda uma vez lembrou-se do Espiritismo, não para estudá-lo, mas para esconjurá-lo.

Em seu n.º de 22 de novembro, o piedoso órgão da doutrina do Manso Cordeiro esqueceu, por momento, sua missão de paz e amor – e, respirando ódio, que já o poeta latino estranhava¹⁷⁹, apesar de pagão, votou os desgraçados espíritas às fúrias do Inferno.

Seja tudo pelo amor de Deus!

Padres que deviam chorar sobre a sorte lamentável de seus irmãos – que, em vez de repeli-los, deviam com as carícias do santo amor, procurar arrancar-lhes o mal do coração e trazê-los ao aprisco do divino Pastor, caírem sobre os pobres, já de si desgraçados, com paus e chuços¹⁸⁰, como quem ataca ferozes animais!

É assim... é assim mesmo.

Jesus falou para esses na Parábola do Viandante que caiu ferido no meio da estrada de Jerusalém para Jericó¹⁸¹.

178 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao jornal *O Apóstolo*, periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (RJ), editado pela Igreja Católica ente 1866 e 1901.

179 (Nota do Organizador) Refere-se aqui Dr. Bezerra à frase do grande poeta Virgílio, nascido em Mântua, na região da Lombardia, Itália: “Tanto rancor na alma dos deuses” - diz ele, em sua “Eneida” (I,11), espantado diante do rancor de Juno contra os Troianos. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

180 (Nota do Organizador) Pau armado de ponta aguda de ferro, lança. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

181 (Nota do Organizador) Parábola do Bom Samaritano, Lc.10: 25-37.

“Aconteceu, pois, que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, e quando o viu, passou de largo.

“E assim mesmo um levita, chegando perto d’aquelle lugar, passou de largo.

“Mas um samaritano, que ia seu caminho, chegou perto. d’ele, e quando.o viu, se moveu à compaixão.”

Ou não é dado a um endemoniado entender a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo – ou temos razão de lamentar que ministros do altar do Deus vivo, renegando àqueles purísimos exemplos de amor e caridade, cusparam injúrias às faces dos transviados.

O samaritano da divina parábola, no caso do *Apóstolo*, viria a nós, movido à compaixão e à piedade; e procuraria, imitando a doçura do louro Nazareno, apagar em suas lágrimas o fogo que já nos devora em vida.

Jesus curou os endemoniados!

O *Apóstolo* não quer saber de misericórdia. Vai passando de largo, e tão de largo que nem uma palavra de salvação atira a seus irmãos feridos na estrada.

Não admite a regeneração do mau?

Por que, então, não estabelece, em suas colunas, um apolo-gético da doutrina da Igreja romana (infalível) como corretivo dos erros da Doutrina Espírita (diabólica)?

São erros novos; precisam do novos corretivos – e o padre, “que é eterno por seu caráter, deve ser do momento por seu ensino”.

Quantas vítimas perderia Satanás, se o órgão do Catolicismo, em vez de seguir o exemplo do sacerdote e do levita, seguisse o do samaritano!

Mas como fazê-lo se o padre, que possui um pouco de inteligência, reconhece em seu íntimo, que o Espiritismo, moralmente, consulta melhor o *Evangelho* do que as práticas da Igreja – e, se cientificamente revela princípios e leis, que não podem ser refutados?

Para convencer, é preciso estar convencido – e o padre sabiamente foge ao combate, convicto de que as vantagens estão do lado de seus adversários.

Não vedes como o *Apóstolo*, só aguilhado, diz umas coisas sem nexos, como a que se lê no artigo, com que nos ocupamos?

Ele o confessa por estas palavras: “Para *justificar-nos* diante daqueles que nos perguntam por que razão deixamos *impune-mente* vagar nesta terra o Espiritismo...”.

O grifo é nosso, para indicar o retraimento do órgão clerical, tal que precisa de justificação.

Em má hora os jacobinos religiosos aguilhoaram aos que prudentemente se têm recolhido à penumbra, d’onde assistem à passagem triunfal das novas ideias, complementares da Revelação Messiânica.

Em má hora; porque, obrigados a dizerem contra sua razão e contra sua consciência, despropositaram e disseram coisas que desabonam o caráter do homem e a missão do sacerdote.

Dizer que o Espiritismo, na Europa e na América do Norte, está sob a ação da polícia, para debelá-lo como uma verdadeira epidemia!

O *Apóstolo*, obrigado a falar contra a consciência, para não perder a freguesia do *reino do mundo*, apanhou, no ar, aquela invectiva, a que deu as cores das produções de Swift¹⁸².

Debelado na Europa e na América do Norte, onde exatamente o Espiritismo domina as grimpas¹⁸³ das sociedades – onde é o assunto obrigatório das cogitações dos sábios – onde tem reunido majestosos congressos, a que têm concorrido, mais do que bispos a concílios, sábios de todas as nações civilizadas!

Pobre *Apóstolo*, reduzido a negar a verdade conhecida por tal – a pecar contra o Espírito Santo, para satisfazer a seus apaixonados correligionários!

E, como se fosse pouco esse sacrifício, ei-lo a citar fatos de loucura, como obras do Espiritismo.

Não temos espaço para demonstrar, como estes fatos depõem tanto contra o verdadeiro Espiritismo, quanto depõem contra a verdadeira religião de Jesus Cristo os fatos do abuso do confessionário, a que têm sido sacrificadas *milhares* de vítimas inocentes – a paz, a felicidade e a honra das famílias.

182 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui a Jonathan Swift (1667 - 1745), escritor anglo-irlandês, panfletário político, poeta, clérigo e reitor da Catedral de São Patrício, em Dublin, conhecido por suas obras, a mais famosa delas *As Viagens de Gulliver*.

183 (Nota do Organizador) Ponto mais elevado de um objeto ou edifício, cocoruto, píncaro, cabeça. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

E, mesmo, sob o ponto de vista da loucura, que é muito menos do que a prostituição de mulheres, não sabe o *Apóstolo* que a religião tem feito muitos loucos – que a pura ciência os tem feito e que, fora da ciência, da religião e do Espiritismo não se conta o número dos que enlouquecem?

Para que falar às paixões cegas, quando o seu ministério lhe impõe o dever de esclarecer à inteligência?

Dizeis: que o Espiritismo, cuja moral é a do *Evangelho*, atrai os incautos pelas manifestações diabólicas “inconstestavelmente reais”.

Se as manifestações espíritas são diabólicas, queremos fazer-vos uma obra de caridade, comunicando-vos e facultando-vos ocasião de verificar: que mais da metade dos que se manifestam, sofrendo, se dizem padres – e até papas.

E, pois, os padres também pertencem ao rebanho de Satanás!

(Da União Espírita.)

Max.

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 01-12-1895

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1895_00335.pdf

Artigo CDXVIII

Gazeta de Notícias, 08-12-1895

O *Jornal do Comércio* apresentou ao público o relatório dos médicos da polícia sobre o caso da morte de uma mulher em uma sessão espírita, com esta recomendação: “É um documento importante e digno de ser apreciado.”

Compreende-se o desejo que sentimos de apreciar a tão recomendada peça; mas... não encontramos nela senão uns retalhos de ciência, já muito sovados e lançados à margem pela ciência.

O mérito da obra consistiu na pintura, distintamente executada pelos talentosos médicos.

Se os ilustres professores se tivessem mantido dentro dos verdadeiros termos de sua missão: esclarecer a justiça sobre a influência que pudesse ter tido sobre o caso, o fato de ter ido a uma sessão espírita a mulher já predisposta para derrames cerebrais, seu trabalho merecia bem, e neste ponto bem mereceu a recomendação do *Jornal do Comércio*.

Em tal caso, far-lhe-íamos, apenas, a seguinte anotação:

Aquela mulher, pelas condições em que se achava, tanto podia ser vítima da emoção causada numa sessão espírita, como da que sentiria, no teatro, vendo representar um drama de grande efeito, ou, na igreja, ouvindo um sermão sobre as penas eternas do Inferno.

Os ilustres médicos, porém, parece que quiseram aproveitar a oportunidade para combater o Espiritismo – e ei-los, fora do seu papel de peritos, a zurzirem a quem não estava em causa: a verdade ou a mentira do Espiritismo – a má-fé e a ignorância dos espíritas.

Aqui, hão de reconhecer-nos mais do que o direito de anotação – hão de reconhecer-nos o de justa defesa.

E principiaremos perguntando: o que lucra a justiça, no caso vertente, em saber que o Espiritismo não passa de artifícios por sugestão ou autossugestão – e que, portanto, as manifestações são obras de velhacos para incutirem falsas ideias no ânimo de ignorantes?

Nem lucra a justiça, nem adianta à ciência; aquela porque não tem interesse em saber quem é o pai dos filhos de Zebedeu – e esta, porque os ilustres médicos brasileiros não ofereceram o mínimo subsídio à questão debatida.

Este argumento da sugestão não é novo – e, pesa-nos dizer que na alta ciência, lá do velho mundo, cairia no ridículo quem ainda se lembrasse de evocá-lo do depósito de trastes inutilizados, tais e tantas têm sido as provas, colhidas pelos mais distintos sábios daquelas paragens, da *espontaneidade* das manifestações espíritas.

E, para que não fique nossa afirmação pendente do juízo dos que julgam os espíritas velhacos e ignorantes, vamos dar-lhes as provas.

Dividamos o argumento policial em duas partes: sugestão – e autossugestão.

Sugestão é a imposição da vontade de um indivíduo à vontade do outro, que lhe fica escravizado, por modo de obedecer passivamente ao que lhe ele impõe.

Se o fenômeno espírita não é senão um produto de sugestão, é de rigor que se amolde sempre à vontade do sugestionador.

Como então, o eminente Crookes, por exemplo, ou o grande Lombroso, propõem-se a provar que o fenômeno espírita é magistratura grosseira – e têm provas contrárias à sua vontade – provas que os obrigam a confessar, *urbi et orbi*¹⁸⁴, que tal fenômeno é uma verdade?

Citamos duas eminências científicas da atualidade, quando bem podíamos citar dezenas; porque suas provas foram tão cabais, que só os remendões da ciência ousaram recalitrar.

Ninguém nega os fenômenos de sugestão – o que só nega, é que a lei que rege tais fenômenos, compreenda os espíritas – e

184 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “à cidade e ao universo”, consagrada pelo uso dos Sumos Pontífices referindo-se à Roma e à propagação dos ensinamentos da Igreja católica. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

isto fica evidente, desde que se apresenta uma multidão deles que, nem por pensamento, podem ser produto de qualquer gênero de sugestão.

Expliquem os ilustres professores da polícia o fato de ir o sugestionador resolvido provar o – não – e não alcançar senão o – sim.

Como encaixar ali a sugestão?

A escrita direta, hoje aceita por todos os sábios do mundo, é fácil de ser provada aos remendões que ousarem contestar as experiências daqueles – a escrita direta jamais poderá ser explicada pela sugestão.

Zöllner¹⁸⁵, o venerando sábio alemão, acompanhando de três outros sábios professores, todos incrédulos do Espiritismo, tendo chamado o médium Slade¹⁸⁶ a seu gabinete, onde tinha, ele mesmo, preparado duas louças articuladas e fechadas à chave, que guardou consigo, obteve, pela simples aposição da mão do médium, a escrita direta.

Expliquem os ilustres professores da polícia este fenômeno espírita pela sugestão.

Crookes obteve de um médium, que lhe dissesse a palavra do *Times*, que estava em uma mesa atrás de si – e em que pôs o dedo, sem ele mesmo saber qual era.

Expliquem o caso, se querem salvar a tal sugestão, já hoje – e por obra destes e de outros fatos, desprezada como arma de combate contra o Espiritismo.

A autossugestão ou sugestão do próprio Espírito do médium, que o faz dizer inconvenientemente, depois de sonambulizado, aquilo que fez em seu estado consciente, plano de dizer; a autossugestão, aliás possível n'alguns casos, não pode também compreender todos os casos de mediunidade.

185 (Nota do Organizador) Johann Karl Friedrich Zöllner (1834 - 1882) - célebre astrônomo e físico alemão e dedicado estudioso dos fenômenos espíritas, à semelhança de William Crookes e César Lombroso, já citados.

186 (Nota do Organizador) Henry Slade (1835-1905), famoso médico-médium norte-americano, conhecido principalmente pelos fenômenos de escrita direta. Esteve aqui no Brasil com Dr. Bezerra, vide o relato do encontro no Museu Virtual Bezerra de Menezes, no site de nossa CASA, no endereço <https://www.crbbm.org/museu-bezerra-de-menezes.html#mb16>. Sobre sua biografia, recomendamos especialmente a publicada pela Federação Espírita do Paraná: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=518>.

É intuitivo: que o médium não pode traçar um plano superior às suas forças intelectuais – que, por exemplo, sendo ignorante de Medicina, se proponha a fazer uma perfeita crítica científica do sistema de Charcot¹⁸⁷, na cura das moléstias nervosas, opondo-lhe com as mais judiciosas razões o sistema de Vulpian. Pois bem, este fato deu-se entre nós, sendo o diretor do trabalho um ilustrado médico materialista, que, por amor à ciência, procurou um grupo espírita para experimentar.

Aqui nem houve autossugestão, porque o médium não poderia ter as idéias que emitiu – nem uma sugestão, porque o ilustrado e respeitável observador e diretor do trabalho confessou não ler cogitado de Vulpian, sendo até desconhecedor do sistema deste sábio professor, oposto ao de Charcot.

Já vai longe este artigo e nós queremos que nos leiam.

Fiquemos, pois, com o que deixamos exposto e aguardemos a ocasião de continuar com o que nos falta para debulhar, até o sabugo, a espiga do relatório policial!

Max

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 08-12-1895

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1895_00342.pdf

187 (Nota do Organizador) Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) foi um médico e cientista francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria e neurologia na segunda metade do século XIX. Já foi citado algumas vezes nesta coleção, juntamente com Edme Félix Alfred Vulpian (1826-1887), neurologista e patologista francês, especialmente no seu volume três, nos artigos CCLX, de *O Paiz* de 24.10.1892 (Pág. 168), quando se dá essa manifestação a que Dr. Bezerra se refere, acima; e CCCXIII, de *O Paiz* de 30.10.1893 (Pág. 392), em que espontaneamente Charcot se apresenta através de um médium e dá interessantíssimo depoimento sobre um caso de materialização de uma de suas pacientes já desencarnadas.

Artigo CDXIX

Gazeta de Notícias, 17-12-1895

O estudo que iniciamos em nosso passado artigo sobre o relatório dos médicos da polícia, no caso da morte de uma mulher em uma sessão espírita, não entende com a parte essencial daquele trabalho: ser ou não ser causa determinativa da morte a emoção produzida pelos fatos daquela sessão. Até aqui, repetiremos, os ilustres peritos estiveram em seu papel.

Nosso fim, repetiremos ainda, é combater as demasias daquele documento, na parte em que tão despropositadamente se ocupa do que é – e se é ou não verdade o Espiritismo.

Tão perfunctoriamente quanto o permitem os estreitos limites destes artigos, demonstramos a insubsistência da argumentação empregada no intuito de reduzir a nova ciência à simples função do Hipnotismo.

Apresentamos fatos, autorizados pelas experiências dos maiores vultos da ciência, que varrem do campo da luta as invectivas¹⁸⁸ suggestionistas, único argumento de todo o articulado policial.

E, pois, ao juízo dos ilustres peritos opusemos, não juízos, mas observação e experiências, principalmente de Crookes e de Lombroso, que, no propósito de provarem a falsidade, foram coagidos a reconhecer e a confessar a verdade dos fenômenos espíritos.

O que mais será preciso para quebrarmos as armas dos dois novos adversários do Espiritismo?

188 (Nota do Organizador) Expressão injuriosa e violenta, diatribe, discurso vibrante contra alguém. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Pela sugestão explicavam, pois, os distintos professores os fenômenos espíritos, tão bem como o botânico explicaria a reprodução das espécies vegetais, pela das monocotiledôneas¹⁸⁹, ou a dos animais, pela dos anelídeos¹⁹⁰.

Os ilustrados doutores esquecem que a espécie contém caracteres que não se encontram no gênero¹⁹¹!

Permitam, pois, que lhes digamos: Hipnotismo, Sonambulismo e Magnetismo são espécies ou modos de manifestação dos fenômenos espíritos.

Comparem, sem preconceitos, os trabalhos de Mesmer, de Tengayer¹⁹², de Braid¹⁹³, de Bernheim¹⁹⁴ e do inolvidável Charcot, com os de Crookes, de Lombroso, de Gibier, de Wallace, de Zöllner e de muitos outros que afirmam a verdade do Espiritismo, e reconhecerão sensível analogia entre eles, a par de muitos pontos de distinção.

É porque as espécies variam, mas todas encerram os caracteres do gênero a que pertencem.

O gênero é o Espiritismo; o Hipnotismo, o Sonambulismo, o Magnetismo são espécies ou modos especiais de manifestação dos fenômenos espíritos.

189 (Nota do Organizador) Uma das variações das plantas angiospermas, com flores e frutos. Reproduzem-se pela polinização de suas flores. Exemplos: arroz, milho, trigo, cana-de-açúcar, alho, gengibre, orquídeas, entre outros. (Fonte: www.biologianet.com)

190 (Nota do Organizador) Também conhecidos como vermes segmentados ou vermes anelares. Exemplos: minhocas e sanguessugas. (Fonte: www.biologianet.com)

191 (Nota do Organizador) Em biologia, gênero é a unidade utilizada na classificação científica para agrupar um conjunto de espécies com características comuns. Isso não impede, porém, que características específicas de determinada espécie não se repitam em outras do mesmo gênero.

192 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar dados sobre Tengayer. Destacamos a seguir em notas apenas alguns dos nomes citados, aqueles que nos pareceram menos conhecidos.

193 (Nota do Organizador) James Braid (1795-1860) - médico-cirurgião escocês, considerado o iniciador da hipnose científica. Trabalhando com hipnose, em 1842, cunhou o termo “hipnotismo” numa alusão a Hipnos, deus grego do sono. (Fonte: Wikipedia)

194 (Nota do Organizador) Hippolyte Bernheim (1840-1919) - psicólogo francês, cofundador da Escola de Nancy, onde recorre à hipnose para tratar os doentes mentais. (Fonte: Infopedia)

A sugestão, pois, em vez de conter o Espiritismo – de explicar todos os seus fenômenos variabilíssimos, é um modo, uma espécie de manifestação dos fenômenos espíritas – e não explica senão uma mínima parte d'aqueles fenômenos.

Um dia, quando estivermos mais folgado, provaremos aos ilustres médicos da polícia que o inolvidável Charcot ia estudar o Hipnotismo por esta face quando foi colhido pela morte¹⁹⁵.

Disseram os dois peritos: que, para falarem *de visu*¹⁹⁶, foram a uma sessão espírita. É um modo de suggestionar o leitor.

Eles viram; logo, não falam de oitiva¹⁹⁷, sabem o que dizem.

Em primeiro lugar, ninguém ignorava que há muitos grupos onde o Espiritismo serve de bandeira que cobre carga de contrabando.

E, demais, uma sessão única para conhecer, a ponto de julgar, uma ciência ou uma simples doutrina; mas doutrina que é assunto obrigatório dos estudos de todos os sábios do mundo!

Que mais completa confissão poderiam fazer os ilustres professores da polícia da sua incompetência na matéria?!

Crookes estudou e experimentou por seis anos, para julgar-se apto a formar juízo sobre o Espiritismo.

Wallace gastou dez anos, para chegar àquele ponto.

Richet trabalha há muito tempo contra – e vê agora arrasado o seu castelo pelos trabalhos de Eusápia Palladino.

Lombroso despreza o Espiritismo e insulta os espíritas, até que em interadas experiências chega ao conhecimento de seu erro, que publicamente confessa.

Os novos adversários, aqui, nesta terra abençoada, assistem a *uma* sessão, meia hora de observação, e julgam-se aptos para darem *o golpe de morte* n'esta invenção dos espertos para iludirem os ignorantes!!

Acusam os ilustres doutores o Espiritismo de recorrer ao – sobrenatural – seguramente porque admite a comunicação dos Espíritos.

195 (Nota do Organizador) Vide a respeito o artigo CCCXIII, de *O Paiz* de 30.10.1893 (Pág. 392 do terceiro volume desta coleção), já citado.

196 (Nota do Organizador) Expressão latina: Por ter visto, de vista. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

197 (Nota do Organizador) Por ouvir dizer, sem averiguar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Têm razão, se a sua crença é infalível – se tudo no Universo é matéria – se, depois da morte, o homem deixa de ser; mas quem nos garante, de um modo irrecusável, a infalibilidade de sua crença?

Nós temos a crença oposta: há no homem corpo e alma – e a alma (Espírito) sobrevive eternamente ao corpo que morre e comunica com os que ainda estão ligados a um corpo.

Questão de opiniões, que não altera a verdade do que é independente delas.

Acaso a Terra era imóvel, porque como tal a julgaram os homens de outros tempos?

Em nosso caso, vós não provais que não existe o Espírito e, portanto, que não pode haver comunicação de Espíritos. Vossa afirmação firma-se, pois, unicamente na vossa opinião.

Nós afirmamos a existência do Espírito e provamo-lo *experimentalmente*, pelas suas manifestações. Nós somos o Galileu desta nova ordem de coisas.

Entre nós, que damos provas de nossa afirmação, e vós, que vos baseais em hipóteses científicas (como julgais), de que lado é presumível, pelo menos, que esteja a verdade?

Dizeis, é certo – vossas provas não prestam, são produtos da sugestão. Ainda puras alegações!

Se fossem produto da sugestão, os materialistas leais, que foram experimentar para provarem a falsidade dos fenômenos espíritas, não sugestionariam senão neste sentido. Como, então, foram obrigados a tirar de suas experiências as provas contrárias às suas ideias e aos seus intuítos – as provas da verdade dos fenômenos espíritas?!

Nossas provas não cabem, pois, no golpe das sugestões.

Em que vos baseais, então, para dizerdes: não prestam?

Nós estamos muito acima de vós, pelo menos, no terreno das probabilidades, porque oferecemos fatos que não podeis explicar, embora não os queirais aceitar.

Deixai os preconceitos, libertai-vos da subjugação do espírito de sistema e apreciái o que vamos relatar-vos:

Uma senhora da nossa melhor sociedade tinha, estudando em São Paulo, um filho, de quem recebeu carta, dizendo-lhe que estava de perfeita saúde.

À noite, ouviu, estando ainda acordada, o som da queda de um castiçal de prata, colocado sobre uma mesinha.

Acordou o marido, que riscou um fósforo e acendeu a vela, a cuja claridade reconheceu que o castiçal estava em seu lugar.

Depois de longa discussão de ser e de não ser sonho o que ouvira a senhora, apagaram a vela e se acomodaram, marido e mulher; mas, logo após, ouviram ambos o som da queda do castiçal sobre o assoalho.

Agora sim, disse o marido, mas, acesa a vela, lá estava sobre a mesa o castiçal!

Surpreendidos, mas não tanto que se privassem de dormir por toda a noite, apagaram a vela novamente – e, então, a senhora sentiu uma mão que lhe afagava os cabelos – e reconheceu a mão do filho. Ergueu-se em pranto e não houve quem a desconcesse de que o filho não morrera.

No dia seguinte ou no outro, chegou o vapor de Santos e com ele a confirmação da morte, em poucas horas, do futuroso moço.

Destes fatos contam-se centenas – e estes com os que se dão nas sessões espíritas, inexplicáveis por sugestão ou autossugestão, servem de fundamento à crença de serem as manifestações reguladas por lei natural: tanto mais que muitas vezes evocam-se determinados Espíritos e eles não acedem.

Podeis, pois, imaginar as hipóteses que quizerdes para explicar tais manifestações, independentes de Espíritos; mas não podeis dizer: que o Espiritismo explica os fenômenos que produz pelo sobrenatural – pois que a verdade é que ele repele o sobrenatural – e, bem ou mal, procura sempre descobrir uma lei natural para explicar tudo – tudo o que existe no círculo de suas observações.

A lei que regula a comunicação dos Espíritos é desconhecida do mundo, em geral, como foram todas as leis científicas: a da alteração universal¹⁹⁸, a do puro específico¹⁹⁹, a do movimento da Terra, e quantas e quantas; mas é lei que há de firmar-se, como aquelas, porque é tão verdadeira como elas e pode ser submetida ao cadinho da experiência.

198 (Nota do Organizador) Parece-nos que Dr. Bezerra refere-se aqui à lei da evolução, conforme o linguajar do século XIX a esse respeito.

199 (Nota do Organizador) Aqui parece-nos uma referência à unidade da substância universal, mas não conseguimos localizar outros textos com essas expressões, do século XIX, para comprovar isso.

Fiquemos aqui, e deixemos para o próximo artigo a cura das moléstias pelo Espiritismo, que é o *noli me tangere*²⁰⁰ da Medicina oficial, já hoje reduzida a aceitar a Homeopatia, que tanto a escandalizou.

Max.
(do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 17-12-1895

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1895_00351.pdf

200 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “não me toques”, referência às palavras de Jesus a Madalena (Jo. 20:17); emprega-se aludindo a uma coisa em que, por um motivo ou por outro, não se deve tocar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CDXX

Gazeta de Notícias, 22-12-1895

Não há fato que mais evidencie a comunicação dos Espíritos do que a mediunidade receiptista.

Vê-se um homem, que não conhece nem teórica nem praticamente a Medicina, tomar um lápis e escrever, de olhos fechados, o que tem o doente, que o consulta, quais as causas de sua enfermidade, o tratamento e o prognóstico.

É um curioso, como os há tantos pelos sertões, dizem principalmente os que se temem de sua concorrência.

Mas, como curioso, se ele não precisa ver o doente, que pode estar a cem léguas de distância – e se, mesmo à tal distância e só conhecendo dele o nome e a residência, diz de cá o que ele tem – o que causou seu mal – e o tratamento a seguir?

O curioso faz como os médicos da polícia, em relação às sessões espíritas, examina ligeiramente, e, *de visu*²⁰¹, calcula, pouco mais ou pouco menos, o que vai lá por dentro, lá por onde não se pode penetrar.

O médium porém não receita *de visu*, como o curioso – e, querem saber? curam doentes desenganados pelos médicos e disputam com os mais hábeis a questão do diagnóstico!

Sendo assim, como pode se verificar a qualquer hora, nem se explica o fato pela teoria dos curiosos, nem pela engenhosa tirada dos ilustres médicos da polícia: de curarem por sugestão.

Não são simples curiosos, porque não precisam ver os doentes; não curam por sugestão, por isso mesmo que receitam para

201 (Nota do Organizador) Vide nota 196, acima.

doentes que não veem, que não conhecem e que se acham a grandes distâncias.

Guiam-se por comemorativos²⁰²? Não; porque o médium receitista, para evitar a prevenção (autossugestão) proíbe que se lhe diga qualquer coisa sobre o sofrimento do doente que o consulta.

Quanto à eficácia da Medicina mediúnica, pode falar mais de um terço desta cidade, que se trata por ela – e nós acrescentamos a seguinte observação por nós feita, no intuito de reconhecermos a verdade.

Na última epidemia de bexigas²⁰³, parece que foi em 1888, o caridoso médium Nascimento²⁰⁴, cavalheiro conhecido e estimado de nossa sociedade, dedicou-se ao tratamento da pobreza de sua circunvizinhança, a Cidade Nova – e o número dos bexigosos por ele socorridos elevou-se a 300, mais ou menos.

202 (Nota do Organizador) Informações que se referem ao estado de saúde anterior à doença, para fins de estabelecer o diagnóstico. (Fonte: Dicio - Dicionário online Português)

203 (Nota do Organizador) Variola.

204 (Nota do Organizador) João Gonçalves do Nascimento (1844-1916) foi um médium espírita brasileiro. Foi, ao mesmo tempo, médium receitista, sonâmbulo, psicógrafo e vidente. Despachante da Alfândega do Porto do Rio de Janeiro, atuou principalmente por inspiração do Dr. Dias da Cruz, professor da Faculdade de Medicina, falecido na década de 1870. Os feitos do médium causaram tamanho impacto que o próprio filho de Dias da Cruz, o médico homeopata Francisco de Menezes Dias da Cruz, converteu-se ao Espiritismo. Integrou a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade e liderou a dissidência que conduziu à fundação, sob a orientação de Ismael, do Grupo Espírita Fraternidade, que presidiu. Ali respondeu pelo setor de atendimento aos doentes. Entre os que atendeu, um dos nomes mais famosos talvez tenha sido o próprio Dr. Bezerra de Menezes. Por volta de 1882, Bezerra de Menezes, já figura pública destacada, procurou o médium devido a uma dispepsia que havia cinco anos o incomodava, não obstante haver recorrido aos seus mais destacados colegas médicos. Nas suas próprias palavras, mais tarde: “Eu não acreditava nem deixava de acreditar na Medicina medianímica, e confesso que propendia mais para a crença de que o tal médium era um especulador”. Servindo-se de um amigo de confiança, e em circunstâncias que não permitiam fraude, Bezerra de Menezes obteve a receita solicitada, acompanhada de uma descrição do seu mal e das causas determinantes. Surpreso, seguiu o tratamento prescrito, obtendo a cura no curto espaço de três meses. Posteriormente, o médium atendeu também à segunda esposa de Dr. Bezerra, D. Cândida Augusta, incorretamente diagnosticada como portadora de tuberculose pelos médicos à época, que também obteve sua cura. Quando da fundação da Federação Espírita Brasileira, João Gonçalves do Nascimento ali colaborou, como médium receitista, sonâmbulo, psicógrafo e vidente (Fonte: Wikipedia)

Apesar de serem da última classe, sem recursos para guardarem dieta – habitando em quatinhos sem o preciso agasalho – expostos quase no tempo e não tendo regularidade na aplicação das doses dos remédios, por terem necessidade de sair os que lhes serviam de enfermeiros; apesar de tão desgraçadas condições, a estatística de Nascimento demonstrou a mortalidade de 9,25%, sendo que muitos dos que figuraram nele foram trazidos moribundos à consulta e só levaram remédio por caridade, para não dar-se-lhes um desgano.

Ao mesmo tempo criou o governo um hospital na ilha de Santa Bárbara, onde não faltava nada do que é mister para tais estabelecimentos, e, apesar disso, a estatística daquele hospital demonstrou uma mortalidade de 33%.

Quer queiram quer não queiram os Srs. médicos da polícia, a mediunidade curadora é uma realidade, e como teoria a da sugestão, ainda neste caso, naufraga desastrosamente.

E como disseram: que os Espíritos (médiums) curam com águas e rezas.

Decididamente, os ilustres professores estavam em vela de caiporismo²⁰⁵, quando escreveram seu relatório, e escrevendo-o lembraram de sair do campo natural de suas indagações, para falarem de Espiritismo, *de visu*.

Foram procurar um argumento (sugestão) que nem mais os aprendizes de ciência invocam contra ele. Caiporismo!

Quiseram explicar as curas pelo Espiritismo, coisa que muito deve esclarecer a justiça sobre a morte de Ignez; e lá vieram eles com a malfadada sugestão, que tem tanta aplicação ao tratamento Espírita, como raiz de tiririca para curar calos à distância. Ainda caiporismo!

E agora, a invenção de curar o Espiritismo por meio de águas e rezas. Sempre caiporismo!

Senhores. Em nossa capital há muitos médiums receitistas (que receitam de graça) e mais de mil testemunhas lhes podem ser dadas de que receitam remédios, como os médicos.

Se há um ou outro, que aplica água e rezas, bem sabem Ss. que também há, entre os médiums, quem não aplica senão água de Lourdes.

205 (Nota do Organizador) Algo como onda de má sorte, azar, enguiço, urucubaca. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Aplicaram, pois, muito mal ao caso a metonímia²⁰⁶, tomando a parte pelo todo. Mais um caiporismo!

Mas voltemos ao princípio, para concluirmos.

Dissemos: que não há fato que mais evidencie a comunicação dos Espíritos do que a mediunidade receiptista.

Como explicar-se este fato, removida toda a hipótese de proceder ele exclusivamente do médium, quer se o considere um curioso, quer um sugestionador?

Incontestavelmente, só admitindo-se, fora do médium, uma força inteligente e entendida em Medicina, que serve-se do médium como instrumento.

O ministro francês em Portugal, antes de nosso 15 de novembro, tendo consultado as sumidades médicas de Paris e Lisboa, sobre a moléstia de sua senhora, foi induzido por amigos a mandar consultar o médium Nascimento, por intermédio do Andrade, empregado então da Secretaria de Estrangeiros.

Nascimento fez d'aquí o diagnóstico e por Andrade recebeu agradecimentos do ministro, dizendo: que o seu diagnóstico conferiu perfeitamente com os dos primeiros médicos de Paris.

Pode-se crer que semelhante trabalho tenha sido obra de um homem que nem conhece Medicina, nem examinou o doente? Pensá-lo seria estultice.

O que é fato, é: que o diagnóstico foi feito por uma inteligência tão conhecedora de Medicina como os primeiros médicos clínicos de Paris.

E, pois, a única teoria que fala à razão, na explicação deste fato, é a espírita: da comunicação dos Espíritos.

O Espírito de um grande médico examinou o doente, fato que muitos tratados pelo Espiritismo e que possuem a mediunidade vidente, tem surpreendido – e, depois do exame, veio ao médium e transmitiu-lhe, mediunicamente, o resultado de sua observação.

Como isto é elevado, no campo da razão, em vista dos fatos e como é chato e rasteiro o que inventaram os médicos da polícia (a sugestão) para explicar o tratamento espírita.

206 (Nota do Organizador) Figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra em vez de outra devido a uma relação de contiguidade existente entre elas, que se exprime nas relações da causa pelo efeito, do todo pela parte, do continente pelo conteúdo, etc., e vice-versa (exemplo: beber um copo – conteúdo do copo)

Se há um embaraço é aceitação da Doutrina Espírita; é admitir-se a sobrevivência do ser humano à morte do corpo.

Este embaraço, porém, remove-se hoje facilmente, ao mesmo tempo que o da comunicação dos vivos com os mortos, pela prova direta da materialização dos Espíritos e pela da identidade de Espíritos conhecidos que se manifestam, espontaneamente ou evocados.

De tudo o que temos exposto, embora sumariamente, em nossos três artigos, resulta: que o relatório dos médicos da polícia, na parte estranha ao fato médico-legal, é um *documento digno de ser apreciado*, como prova de sua inanição científica.

E é natural; porque quem não sabe rezar, não vai à missa.

N'isto e em tudo quanto temos escrito sobre o relatório, não vai a mínima intenção de molestar aos distintos cavalheiros, cujo caráter acatamos e cujo saber profissional somos os primeiros a confessar.

Retirando-nos, pois, da liça, se não merecermos a honra de uma réplica, pedimos-lhes respeitosamente licença para lhes oferecermos a mão, com as nossas mais distintas considerações.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 22-12-1895

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1895_00356.pdf

Artigo CDXXI

Gazeta de Notícias, 29-12-1895

A *Religião Espírita*, órgão do centro espírita Rio-Grandense (Sul) levantou enérgico protesto e apelou para todos os órgãos do Espiritismo, contra o fato de conter a recente edição do *Evangelho segundo o Espiritismo*, mandada tirar pela *Sociedade Acadêmica – Deus Cristo e Caridade*, desta capital, um enxerto ao trabalho de Allan Kardec.

O enxerto é uma comunicação, em que se pretende dar forma dogmática a um novo princípio: “Deus não castiga nem perdoa”.

Quiséramos fugir à manifestação do nosso juízo sobre esta questão, que veio perturbar a paz e a harmonia dos espíritas; mas quando irmãos, acicatados por temores e tremores da consciência, apelam para todos os órgãos espíritas, do mesmo modo como fez o dedicado espírita José de Gouvêa Mendonça²⁰⁷, um dos diretores do Centro Espírita União de Propaganda, não devemos, sob pena de incorrerem em covardia moral, guardar silêncio, muito embora nenhuma autoridade tenha nossa palavra.

A tese enxertada na obra do Mestre é repugnante à razão – põe sobressalto à consciência do cristão espírita – e absolutamente não resiste à prova, ante o critério da verdade.

207 (Nota do Organizador) Soube-se recentemente, pela maravilhosa biografia de Dr. Bezerra, publicada pelo nosso prezado Luciano Klein, historiador e Presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, *Bezerra de Menezes - O homem, seu tempo e sua missão* (Ed.FEEC, 2021), que partiu de José de Gouvêa Mendonça a atribuição de “Kardec Brasileiro” ao Patrono de nossa CASA, em evento da FEB realizado num Clube, a 03/10/1895. Feliz e apropriada inspiração, como verificamos nessa admirável coleção de artigos.

Deus não castiga nem perdoa! Onde, então, a sanção da responsabilidade humana, inseparável do sublime dom do livre-arbítrio humano?

O materialista, o mais intransigente, não imaginaria uma fórmula mais capciosa para consagrar o – seu nada – depois da morte.

Aí, ao menos, há lógica. O ser humano dissipa-se no turbilhão material, e, pois, não podem existir para ele perdão e castigo e prêmio.

O Espiritismo, porém, repelindo a ideia do *nada*, pregando a sobrevivência do ser, com a consciência da sua individualidade, como fazer que o criminoso, que não acabou, fique livre da pena do mal que fez, do mesmo modo que o virtuoso fique privado do prêmio devido aos seus méritos, conquistados em dolorosa existência?

Semelhante doutrina proscreve a ideia da justiça, pedra fundamental de toda a organização moral – e, destarte, proscreve toda a organização moral, reduzindo a humanidade à pura condição de irracional – e isto, por irresponsável!

Semelhante doutrina, arrasando os alicerces da única possível organização do mundo espiritual, atenta, além disto, contra o sentimento inato e universal, em que assenta a justiça humana, de que todo o mal pede seu castigo, todo o bem seu galardão!

É, sem dúvida, baseado nesta fórmula que um Espírito capcioso, tomando um nome de pessoa estimada e respeitada, lançou a dinamite no seio dos espíritas, substituindo a ideia clara, precisa, e luminosa da justiça de Deus, a única verdadeira contenção para a humanidade, por esta outra sofisticada – fumarenta – e perigosa, que arrasta facilmente à crença na irresponsabilidade.

Deus não castiga nem perdoa!

Sim, diz o inimigo da fé: é o mal que traz consigo sua condenação.

Mas, perguntamos nós: e quem pôs esta lei e quem dispôs, com infinita sabedoria, a correlação entre o crime e o castigo, em todos os graus e em todas as variedades?

Deus, certamente, não desce a julgar indivíduo por indivíduo, como não retoca todos os dias sua obra, para que se ela mantenha inalterável.

Deus pôs leis que tudo regulam; mas pode-se por isto – porque não vem Deus regular cada coisa – dizer: Deus não regula as coisas do Universo?

Porque Deus não vem todos os dias acender os fogos do Sol, para que nunca falte luz aos mundos, pode-se dizer: Deus não dá luz aos mundos?

Pois tudo isto vale por dizer-se: Deus não perdoa nem castiga!

Se o tal inimigo da fé tivesse, ao menos, colorido seu pensamento, dizendo por exemplo: Deus não perdoa nem castiga, porque o perdão e o castigo se operam de conformidade com as leis eternas – poder-se-ia ver na nova fórmula apenas má compreensão.

O fato, porém, de atirá-la como absoluta, revela bem o plano de turvar o que estava claro.

A razão, a consciência e a própria natureza humana repelem tal fórmula, como o princípio que ela encerra – e o critério da verdade esmaga-as.

Falando a espíritas, não precisamos dizer que este critério é o que nos legou o Cristo – “pelo fruto se conhecerá a árvore”²⁰⁸.

Vêde, pois, como se escandalizaram a razão e a consciência dos crentes à vista do *novo ensino*; e dizei se pode ele ser fruto de boa árvore, apesar da forma sedutora que lhe deram.

É sempre assim que fala a serpente!

Se o mundo está cheio (*pleni sunt coeli et terra*) da crença na justiça de Deus, a que vem dizer-se: Deus não perdoa nem condena?

Se esta fórmula afirma a justiça soberana, é uma fútil inutilidade que não devia ser tomada em consideração.

Se pretende negar ou modificar aquela crença, é blasfema – é irracional – e é, principalmente, infantilmente tola.

Diga-nos o infeliz, que descobre-se bem claramente sob as vestes que tomou: Jesus, a suma perfeição em saber e em virtudes, poderia invocar o perdão de Deus para os seus algozes, se é verdade que Deus nem perdoa nem condena?

Há de, pois, o nosso irmão do espaço permitir: que, entre aquele último grandioso ensino do Mestre divino e o seu ensino peço e peçonhento, todo o espírita que o for de consciência, abraçe o primeiro modelo e leve o segundo à conta dos infortúnios da pobre humanidade.

208 (Nota do Organizador) Vide Mt. 12:33, como também Mt.7:16-17 e Lc. 6:43-44.

Ao órgão do centro espírita rio-grandense respondemos, pois, como órgão do Centro União Espírita, que seu protesto é fundado; porque o *novo dogma* é inane perante a razão – perante a consciência – perante o infalível critério da verdade – e perante o sublime ensino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em nosso fraco modo de entender, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade mereceu que todos os espíritas lhe digam: *Gesta tua non laudantur*²⁰⁹.

(Do Centro União Espírita)

Max

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 29-12-1895

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1895_00363.pdf

209 (Nota do Organizador) Locução latina, “Teus atos não aprovamos”. Dr. Bezerra serve-se aqui da famosa sentença de censura do Papa Pio IX ao então Bispo de Olinda, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, sobre sua tentativa de expulsar das agremiações católicas integrantes da maçonaria, em carta de 18 de dezembro de 1873. Mais detalhes sobre o episódio em <https://Catolicismo.com.br/Acervo/Num/0280/P02-03.html>.

Artigo CDXXII

Gazeta de Notícias, 05-01-1896

A ordem da polícia: de aplicar-se às reuniões espíritas a disposição do código criminal, é ilegal.

Acima do código está a Constituição – e esta no art. 72 garante todas as seitas e confissões religiosas em seu livre exercício.

Poder-se-ia atribuir àquela ordem ao fato de não reconhecer o Exmo. Sr. chefe de polícia, como seita ou confissão religiosa, o Espiritismo.

S. Ex., porém, respondendo a um delegado, que lhe perguntou: qual devia ser seu procedimento em relação às sessões espíritas, declarou categoricamente que nada tinha ele com tais sessões, visto como a Constituição garante o livre exercício de qualquer seita ou confissão religiosa.

Se, pois, o Espiritismo é declarado seita ou confissão religiosa, cujo livre exercício é garantido pela Constituição: como, dias depois, prevaleceu a disposição do código, que condena o livre exercício do Espiritismo?

Ou a Constituição ou o código!

S. Ex. o Sr. Dr. chefe de polícia, a quem votamos, muito d'alma, os mais afetuosos sentimentos de respeito, há de relevar-nos a franqueza de dizer-lhe: sua ordem aos delegados está em flagrante contradição com sua declaração a um delegado – e que esta, fundada em artigo constitucional, não podia ser renegada por aquela, que se firma em artigo do código.

Sabemos que deram-se abusos em um grupo espírita, como se denomina, mas S. Ex. bem sabe que, assim como há verdadeiro

e falso culto da ciência, verdadeiro e falso culto de religião, pode haver, do mesmo modo, verdadeira e falsa prática do Espiritismo.

E, como não é justo condenar a magistratura, porque um juiz foi convencido de vender a justiça, ou condenar o clero, porque um padre foi convencido de simonia²¹⁰; assim não o é de condenar a prática do Espiritismo, porque um grupo que se adorna com esse título praticou abusos.

Além de que, mesmo que o Espiritismo fosse convencido do abuso, nunca podia isto ser motivo para prescrever-se uma disposição constitucional.

Acaso precisa-se ter semelhante procedimento nos casos apontados da criminalidade de um magistrado ou de um sacerdote?

Respeita-se a instituição e castiga-se o criminoso; nunca, porém, castigar-se a instituição, pelo crime de um ou de alguns de seus membros.

A ordem dada ao delegado foi correta: não intervir senão quando e onde se desse fato delituoso.

A circular, porém, aos delegados, não pode ser aceita, porque pune a todos os espíritas pelo delito de um ou de alguns; mesmo dado que estes sejam realmente espíritas.

Não queremos a impunidade do que delinque; o que levanta o nosso protesto em nome da lei e da justiça é que se inflija a pena aos que não delinquiram.

E, porque conhecemos o impertérrito caráter e a indiscutível capacidade profissional do Exmo. chefe de polícia, estamos convencido de que dar-nos-á razão.

A guerra ao Espiritismo é natural. Todas as ideias novas têm sido suas vítimas, mas já vai sendo tempo de pesar-se o valor real desta Doutrina, escoimada dos abusos e especulações, que dela se prevalecem.

Considerada filosófica e cientificamente, qual de seus princípios pode causar dano à sociedade?

Só se é porque prega a paciência e a resignação do fraco em relação ao forte – e a moderação e a clemência do forte em relação ao fraco.

210 (Nota do Organizador) Comércio de objectos sagrados, venda dos bens espirituais, proposta de compra (ou a própria compra) do que é considerado sagrado. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Só se é porque ela lembra a um e a outro que são irmãos, na mais perfeita igualdade de origem, de natureza e de destino.

Ora, compreende-se que uma Doutrina que assenta sobre essas bases, em vez de danificar, concorre para melhorar a sociedade.

Sob o ponto de vista religioso, o Espiritismo não veio destruir o Cristianismo, mas trazer-lhe uma nova verdade, para mais robustecê-lo.

E, se o Cristianismo não pode ser considerado um perigo para a sociedade, ainda menos poderá ser o Espiritismo, [que promove]²¹¹ a compreensão dos divinos ensinamentos de Jesus.

A nova verdade que lhe serve de pedra angular, a pluralidade de existências da alma, que mal pode causar, quando concorra tão eficazmente para afervorar o amor ao próximo?

Nós falamos do Espiritismo científico-religioso ou religião científica. O que é praticado pelos ignorantes e pelos especuladores, só pela mais requintada má vontade pode ser com aquele confundido.

Em todas as nações da Europa e da América se pratica o Espiritismo ostensivamente – e tanto que em 1890 convocaram, para Paris, um congresso, cujo brilhante sucesso – brilhante pelos vultos científicos que concorreram e pela importância dos trabalhos, foi exaltado pela grande imprensa da capital da França, aliás prevenida contra o fato.

Exclusão única, o Brasil coloca sob rigorosa vigilância da polícia os que fazem trabalhos, em que não se dedignam de tomar parte quase todos os sábios do mundo!

Não se incomodam os espíritos, porque a verdade mais cedo ou mais tarde rasga o véu do Templo – e ai dos escribas e fariseus – e ai de todos os que concorrem para que o mundo lhe cerre os olhos.

Demos à César o que é de César: mas não deixemos de dar à Deus o que é de Deus.

Se amássemos a vingança, a maior que poderíamos tirar, seria a de saberem os Crookes²¹² – os Wallace – os Zöllner – os

211 (Nota do Organizador) Trecho ilegível do texto original, completamos a lacuna com o que nos pareceu fazer sentido com o conjunto do parágrafo.

212 (Nota do Organizador) Dessa lista alguns nomes já são mais conhecidos, como William Crookes, Alfred Russel Wallace, Friedrich Zöllner e Paul Gibier, faremos notas apenas sobre os demais nomes, para facilitar sua identificação.

Papus²¹³ – os Veliorawiter²¹⁴ – os Lombrosos – os Poli²¹⁵ – os Dismier²¹⁶ – os Chiaia²¹⁷ – os Torres-Solanot²¹⁸ – os Gibier e dezenas de outros sábios: que no Brasil não poderiam fazer seus estudos sobre o Espiritismo; porque no Brasil, o Espiritismo é um crime punido pelo código criminal!!!

Não há Herodes que triunfe contra a verdade eterna! Podem estar certos disto.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 05-01-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00005.pdf

213 (Nota do Organizador) Gerard Anacleto Vincent Encausse, conhecido como Papus (1865-1916). Ocultista francês. Doutor em Medicina, foi o fundador e primeiro grão-mestre da ordem Martinista. É um dos grandes nomes do Esoterismo moderno.(Fonte: Enciclopédia Larrouse online)

214 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos identificar esse autor, agradecemos antecipadamente a quem puder nos ajudar nesse sentido.

215 (Nota do Organizador) Francesco Zingaropoli (1860-1946) - Escritor, advogado, estudioso da magia, do ocultismo e pesquisador dos fenômenos mediúnicos. Colaborador da revista *Luce e Ombra* de Milão e diretor da revista *Mondo Occulto* de Nápoles. Sua obra *Morte Apparente e Sobrevivência da Alma* foi publicada no Brasil, pela Ed. Cidade do Rio, em 1940. [Vide mais em http://www.superzeko.net/doc_tidelar/TidelarNoteBibliograficheSullAvvFrancescoZingaropoli.pdf](http://www.superzeko.net/doc_tidelar/TidelarNoteBibliograficheSullAvvFrancescoZingaropoli.pdf).

216 (Nota do Organizador) Stanislas Dismier - Escritor e político francês, citado por J.Malgras no seu clássico *Pioneiros do Espiritismo em França* (Cap. 38). Autor entre outras da obra *Les destinées de l'homme d'après les lois de la nature, ou philosophie positive*, Paris, 1889. (Fonte: *Le Spiritualisme Moderne*, Órgão da União Fraternal Espiritualista, Nº. 5, Junho de 1898)

217 (Nota do Organizador) Ercole Chiaia / Conde (1850 - 1905) - espiritualista italiano, particularmente conhecido pela promoção dos estudos sobre a médium Eusápia Palladino - já citado.

218 (Nota do Organizador) Antônio de Torres-Solanot y Casas (1840-1888) Grande vulto e pioneiro do Espiritismo na Espanha. (Fonte: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=605>)

Artigo CDXXIII

Gazeta de Notícias, 12-01-1896

O *Apóstolo* do dia 6 de dezembro recomeçou e continuou a combater o Espiritismo, direito que ninguém nega aos que fazem do ensino sagrado de Jesus meio de vida, contra o preceito: “dá de graça o que de graça recebestes”²¹⁹ e meio de dominação, contra o que disse o mesmo Jesus: “o meu reino não é deste mundo”²²⁰.

Roma, todos o veem, faz-se pagar o serviço religioso – e emprega todos os meios de conquistar o reino do mundo, colocando o próprio vigário do Cristo uma coroa de rei na cabeça, com a mesma sem-cerimônia com que arranca a Deus o atributo da infalibilidade.

Contesta o *Apóstolo* estas verdades? Que conteste; o mundo inteiro é nossa testemunha.

E são tais obras conformes à doutrina de Jesus? Embora o diga, ninguém dá crédito.

Logo, ou Jesus preceituou banalidades, que seus discípulos podem dispensar, ou Roma não segue as leis de seu divino instituidor, segundo ela diz.

O dilema não é dos mais agradáveis ao *Apóstolo*; mas, agradável ou não, ele assenta em fatos patentes, e não há fugir-lhe.

A questão, pois, se não pode ser resolvida pelo órgão clerical, colocado entre Jesus e a Igreja romana, pode ser, e é resolvida, pelo senso universal, que não se deixa arrastar por argúcias contra fatos que o escandalizam desde séculos.

219 (Nota do Organizador) Mt. 10:8.

220 (Nota do Organizador) Jo.18:36.

E o senso universal a resolve pelo modo seguinte:

As palavras caídas dos lábios do Nazareno *não passarão, ainda que passem os céus e a terra*²²¹; logo, aqueles preceitos encerram mandamentos que não podem ser dispensados por ninguém, e principalmente pela Igreja; logo, Roma, que os tem dispensado, incorre na sanção da transgressão da Lei.

Se Roma tem incorrido, aos olhos do mundo, na sanção da transgressão da Lei posta pelo divino Missionário de Deus e por Ele ensinada à humanidade, Roma tem rasgado, por interesse material e por ambição de dominação terrestre, as páginas sagradas do *Evangelho*.

E, neste caso, cabe-nos o direito de perguntar ao *Apóstolo*, em nome do Espiritismo, que prega os ensinamentos do *Evangelho*: qual dos dois, Roma ou o Espiritismo, está mais próximo de Deus ou qual mais próximo de Satanás?

Quem viola a Lei até a ponto de exigir paga pelo batismo, pela confirmação do matrimônio;

Quem viola a Lei, colocando na cabeça do vigário do Cristo uma coroa de rei;

Quem se coloca assim, fora da Lei, com que direito condenará ao que ensina e recomenda a prática da Lei? Um saiu, o outro entrou.

São estas as posições de Roma e do Espiritismo.

Dir-nos-eis: foi Jesus quem instituiu a Igreja e não foi Ele quem instituiu o Espiritismo.

São duas questões que devem ser tratadas separadamente.

Jesus instituiu a Igreja; mas a instituição tem seguido a norma do instituidor? Eis o essencial.

Também Saul foi rei por vontade de Deus; mas, porque não reinou segundo a Lei, foi-lhe retirada a graça do Senhor²²².

Também o sacerdócio hebreu foi instituído por Deus; mas, porque não seguiu a Lei, foi reduzido ao que sabeis.

Mesmo por ser instituição divina, maior é a responsabilidade de Roma, por transgredir a Lei de seu instituidor.

Meditai, Srs. do *Apóstolo*, para que não vos aconteça o mesmo que ao sacerdócio hebreu.

O Espiritismo não foi instituído por Jesus, dizeis; porque não quereis entender o *Evangelho* senão a vosso gosto – ao gosto

221 (Nota do Organizador) Mt. 24:35: Mc.13:31.

222 (Nota do Organizador) Vide 1 Samuel 15:11

com que o sacerdócio queria entender a Lei e os Profetas, para condenarem a Jesus como posseso de Satanás.

Se não são as ambições terrenas que vos velam os olhos e vos obsecam a razão, haveis de reconhecer, em *S. Mateus* e em *S. João*²²³, a promessa formal, feita por Jesus, de mandar oportunamente quem explicasse as verdades que o atraso da humanidade de seu tempo não lhe permitia fazer.

Com a mesma autoridade, pois, com que dizeis: o Espiritismo não é obra de Jesus, diremos nós: é a realização da promessa de Jesus.

E, pelo que dizeis, não é que há de ser; pois que o sacerdócio, com a mesma autoridade que vós, disse que o ensino de Jesus era demoníaco – ou parece que demoníaca era sua cegueira.

É tão perfeita a semelhança entre vós e o sacerdócio hebreu que, só por isto, amigos, devíeis estar alerta; principalmente ensinando o Espiritismo a moral de Jesus – e leis novas, que exaltam e engrandecem ao Senhor.

Ai de vós, escribas e fariseus, velhos e novos, que o sacerdócio está para Jesus como Roma para o Espiritismo.

Dizeis que o Espiritismo é obra de demônio; mas ainda não compreendeste que o vosso diabo pessoal é a negação formal de Deus?

Deus criou os anjos perfeitos e não perfectíveis; portanto, impecáveis. Eis a volição divina.

O ser criado impecável caiu entretanto em pecado, burlando a volição de seu Criador ! Que figura faz Deus?

Esses seres decaídos se reúnem em hostes contra seu Criador – e Este, o Onipotente, em vez de exterminá-los por ato de sua vontade, organiza, por sua vez, batalhões de anjos fiéis e dá batalha! É sério?²²⁴

223 (Nota do Organizador) Jo. 16:12-13, já citado. Nosso prezado amigo Jorge Damas lembra-nos que a referência a Mateus pode ter sido inspirada em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Kardec, que no seu capítulo VI, *O Consolador*, relaciona essa passagem de João com Mt. 11: 28-30: *Vinde a mim!*

224 (Nota do Organizador) Sobre esse tema - a Queda dos Anjos - vale a pena conferir o Artigo CDLXXXIX, da Gazeta da Tarde, de 25-12-1897, no quinto volume desta coleção, em que Dr. Bezerra interpreta esse mito em espírito e verdade, antecipando em muitos anos algumas das conclusões que, oportunamente, a obra do Prof. Pietro Ubaldi nos traria sobre o assunto, especialmente nos volumes *Deus e Universo* e *O Sistema*.

Tendo tido a felicidade de vencer os rebeldes, e dizemos felicidade porque quem dá batalha sujeita-se a vencer ou ser vencido, Deus condena-os, os vencidos, às trevas eternas do Inferno; mas ainda eles zombam de seu poder, e ei-los fora da prisão pescando Espíritos! Não é blasfemo?

E, no fim, depois do *dies irae*²²⁵, ficarão dois reinos: Céu e Inferno – e dois senhores: Jeová e Satanás! Horror!

Para os espíritas, Satanás e Belzebu são as paixões humanas, açuladas²²⁶ pelos Espíritos ainda atrasados e dados ao mal; mas que um dia conhecerão seus erros e se encaminharão para Deus, que não quer a morte de nenhum de seus filhos, como o disse por *Ezequiel*²²⁷.

Ora, amigo *Apóstolo*, se não é outra inutilidade ensinada por Jesus: “pelo fruto se conhece a árvore”²²⁸; e se a vossa doutrina rebaixa a Deus até fazê-lo impotente contra Satanás – e a nossa exalta-o, punindo a todos, mas cobrindo a todos com a misericórdia do perdão, desde que renunciam ao mal; qual das duas deve ser considerada a boa árvore?

Se, pois, existisse ou pudesse existir o vosso diabo, sériéis vós – a vossa Igreja, que lhe pertenceríeis, nunca jamais o Espiritismo.

O que importa que não a aceiteis como obra de Deus, segundo a promessa de Jesus? Acaso Deus deixa de ser porque uns tantos o negam?

Ide vosso caminho e sede felizes. Nós estamos contentes com a nossa sorte, principalmente porque já não podeis mais acender as fogueiras do Santo Ofício, em nome do Justo, que nos legou o exemplo “*ita vos faciatis*”²²⁹, de derramar seu sangue, mas não querer derramar uma gota do de seus irmãos que o crucificaram, nem mesmo *ad majorum Dei gloriam*.

225 (Nota do Organizador) Dia do Juízo Final, segundo a tradição católica. Vide a respeito o artigos CCIX, em *O Paiz*, de 01.11.1891, no 2º volume desta coleção.

226 (Nota do Organizador) Incitadas, estimuladas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

227 (Nota do Organizador) Ex. 33:11, já citado.

228 (Nota do Organizador) Vide nota 208.

229 (Nota do Organizador) Referência à frase de Jesus na Santa Ceia: “*Ut et vos ita faciatis*”: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, *como eu vos fiz, façais vós também*.(Jo. 13:15)

Os Max não vos odeiam, como julgais; ao contrário, a cada uma de vossas objurgatórias, respondem com suas preces a Jesus, implorando para vós a misericórdia de sua luz, para que se afastem de Roma, se for possível, os dias lutuosos de Jerusalém.

Deus vo-la dê, a vós pessoalmente, diáconos e subdiáconos do *Apóstolo*. São os votos de

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 12-01-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_B00011.pdf

Artigo CDXXIV

Gazeta de Notícias, 20-01-1896

Os diáconos ou subdiáconos do *Apóstolo* arrastaram o órgão clerical à mais flagrante das contradições.

Há bem poucos meses, S.Revma. disse de alto de suas colunas editoriais: que não vale a pena inticar²³⁰ com o Espiritismo, pois que, obra do demônio por si mesmo se desfazia.

Hoje, e desde o dia 6 de dezembro passado, não vem um *Apóstolo* a lume, sem um editorial contra o pobrezinho, que já vai começando a sofrer daqui as torturas do Inferno.

Que caridade sacerdotal! E que firmeza de convicções da gente *infallível!*

Um dos órgãos da Igreja traçar-se uma norma hoje, para violá-la amanhã!

Não é para fazer crer que o barco vai sem leme – sem bússola – ou sem piloto?

O sacerdotalismo devia ser mais sério, para poder imprimir mais confiança.

Isto de rodar com os ventos, não é para quem só tem as velas enfunadas pela *infallibilidade*.

Em todo o caso, nada temos com o bom ou mau governo da casa alheia – e até muito nos alegamos com a retratação do órgão clerical.

Alegria, por vermos levantada a excomunhão do desprezo; alegria, por apanharmos o inimigo fora das trincheiras; alegria,

230 (Nota do Organizador) Manifestar má vontade, antipatia ou aversão, em geral sem razão muito evidente, implicar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

por termos a confissão de que vale a pena, é mesmo necessário, talvez até urgente, combater o Espiritismo.

Seja, pois, bem-vinda a nova disposição do *Apóstolo*.

Tomamos os dos dias 11, 15, 18 e 20 de dezembro, tão clo-roanêmicos como os anteriores e os posteriores; trazendo todos ao espírito do leitor veemente suspeita de que os ilustrados pa-dres Maravalho²³¹ e Loreto dizem o que não sentem, sentindo que “o Espiritismo não se impõe”.

O estribilho ou chavão é sempre o mesmo: artes do demô-nio; prova de que no arsenal clerical não há outra arma contra a nova Revelação.

Maravalho e Loreto, inteligências de alto quilate, não po-dem, embora o fanatismo, acreditar na coexistência de Deus e de Satanás.

Suponhamos, porém, que pela muita consideração em que os temos, nos enganamos a seu respeito, neste ponto – suponha-mos que eles acreditam e até acreditem com razão, na existência de Satanás.

Neste caso, qual devera ser o plano eficaz de combater o Es-piritismo, como obra do *eterno* inimigo de Deus?

Clara e evidentemente, não podia ser, senão tomar, um por um, os postulados espíritas – e demonstrar que não se confor-mam com os divinos atributos; dando a prova de que são falsos.

Longe, porém, de atacar o inimigo em seu campo, que são os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, o *Apóstolo* tem feito unicamente guerra de recurso: atacar as falhas e abusos de espíritas, como se não soubesse que toda a doutrina tem verda-deiros e falsos apóstolos.

Desde que o órgão central responsabiliza a Doutrina Espíri-ta pelos erros e abusos de seus sectários, dá-nos igual direito de responsabilizar a religião de que ele mesmo é órgão, pelos escân-dalos de alguns padres.

Lógica é lógica!

Ataque os princípios fundamentais do Espiritismo e deixe a declamação de artes do demônio, que também foi invocado pelo

231 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui aos padres João Scaligero Augusto Maravalho (1844 – 1905) e José Alves Martins do Loreto (1845-1896), o primeiro cearense e o segundo baiano, redatores e proprietários do jornal *O Apóstolo*. Loreto aparece na foto que registrou a missão campal celebrada em ação de graças pela Abolição da Escravatura, a 17-05-1888. Vide: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=8222>

sacerdócio hebreu e que, portanto, já está desmoralizado desde aquele tempo.

Prove, isto é o essencial, que aqueles princípios não se conformam com a razão – com a consciência – e com os divinos atributos do Criador.

Isto sim, isto pulverizará o Espiritismo.

Dizer, porém, sem mais razão do que a autoridade clerical: obra do demônio – produz loucura – e não sabemos que mais, é falar para as gerações de vinte séculos passados.

A humanidade de nosso tempo não vai mais com as palavras do padre, ainda mesmo do Papa, só porque é padre ou Papa. Quer provas.

Dá-las, pois, de que o alto princípio da pluralidade das existências da alma, que é a pedra angular do Espiritismo, rebaixa a majestade de Deus, atacando o amor, a justiça e a misericórdia divinos, e nós abateremos a bandeira do Espiritismo e salvaremos a da Igreja romana.

É um repto que vos lançamos, para que deixeis as discussões fosfóricas, e vos empenheis na única discussão substancial: golpe ao coração e não à sombra, se quereis seriamente ou antes: se julgais poder lançar por terra o inimigo.

Esta questão deve ser tratada sob o ponto de vista racional, nos termos: exalta ou rebaixa a majestade do Criador, a lei da pluralidade das vidas da alma?

E deve ser tratada praticamente, fazendo nós e vós ou um preposto vosso, que não tenha medo do demônio, experiências medianímicas, aceitas desde já, qualquer exigência que fizerdes no sentido de ter-se a completa certeza de ser uma alma e não um demônio, quem se comunica.

Assim é que deve o clero católico enfrentar com o Espiritismo, se conscienciosamente confia na verdade de sua causa – se conscienciosamente acredita que a nossa Revelação é pura obra dos homens, inspirados pelo demônio.

Nem lhe cause assombro ou remordimento²³² ter de fazer experiências medianímicas; pois que o intuito é bom; desfazer o embuste, com as próprias armas dos embusteiros – e deicida não teria sido o sacerdócio hebreu, se, em vez de se encastelar no fanatismo de suas crenças, tivesse direito a maduro exame do ensino e das obras do Enviado do Senhor.

232 (Nota do Organizador) Remorso. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Além de que temos à vista uma obra escrita pelo abade Almignana²³³, em que este sacerdote refere às experiências, por si mesmo feitas, pois, que desenvolveu-se-lhe espontaneamente a mediunidade – sobre as quais consultou o Arcebispo de Paris e Pio IX, sem receber deles, sequer, admoestação.

E além disto, já é corrente que o egrégio Leão XIII estuda intimamente o Espiritismo, praticando experiências com um médium particular.

Amigos. Tivestes razão quando dissestes: se o Espiritismo é obra do demônio, ele por si cairá.

Mas vós vedes que ele lavra por todas as nações, conquistando principalmente as adesões dos sábios.

Sede lógicos – confessai que ele segue o impulso de um poder, contra o qual todos os padres, todos os materialistas, todos os céticos do mundo em vão tentarão prevalecer.

E, à vista disso, sede mais bem avisados do que os escribas e fariseus, do que Anás e Caifás.

Uma última consideração, para vossa orientação. Em todos os trabalhos experimentais, os Espíritos que se manifestam batem-se desesperadamente contra o Espiritismo.

Compreendeis? Refleti maduramente e concluí segundo vossa razão e consciência.

Nosso repto está lançado, e é a resposta que damos aos vossos artigos numerados por algarismos romanos.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 20-01-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00020.pdf

233 (Nota do Organizador) João Batista Almignana, Doutor em Direito Canônico, teólogo, magnetizador e médium. Sua obra “Du somnambulisme, des tables tournantes et des médiums, considérés leurs rapports avec la théologie et la physique” (Paris: Dentu et Germer-Baillièrre. 1854) é comentada no volume “As Mesas Girantes”, de Zêus Wantuil, ed. FEB.

Artigo CDXXV

Gazeta de Notícias, 28-01-1896

Com a epígrafe ESPIRITISMO, assim em letras garrafais, encontramos no *Jornal do Brasil* de 15 do corrente, em coluna editorial²³⁴, um artigo estimulando o delegado da 18ª circunscrição a proceder contra Maria Santo Cristo, *curandeira por meio de feitiçarias*.

O artigo termina por estas palavras:

“Será portanto de grande utilidade acabar com essa nova especulação, antes que daí saiam pobres idiotas como da casa de Abalo”.

Dolorosa foi a impressão que sentimos lendo aquelas linhas, não por amor do Espiritismo, porque este, reconhecido e proclamado pelos maiores sábios de todas as nações civilizadas, pode bem dispensar os encômios de quem quer que seja; mas por ver um jornal de nossa terra, que goza do bom conceito público, dizer quase em nome do Brasil que Espiritismo é feitiçaria.

O que hão de julgar de nós os homens eminentes de toda a Europa e de toda a América, que ocupam seu precioso tempo no estudo e na experimentação dos fenômenos espíritas?

Com melhor razão do que teve o *Jornal do Brasil* para confundir Espiritismo (ciência) com feitiçaria (especulação), hão eles de confundir o critério do país com o de um dos seus mais conceituados jornais.

234 (Nota do Organizador) Graças aos bons serviços da Hemeroteca Digital de nossa Biblioteca Nacional, nos foi possível recuperar o artigo a que se refere Dr. Bezerra, disponível para consulta à pág. 2 da referida edição - vide o link http://memoria.bn.br/DocReader/030015_01/5363

E, entretanto, consta-nos que os chefes deste jornal têm provas de que o Espiritismo nem é feitiçaria, nem é especulação!

Foi sem dúvida, para eles, como para nós, uma surpresa lerem no seu jornal aquele mal pensado artigo.

Mal pensado, dissemos, porque uma doutrina que se faz representar num congresso científico por quatrocentos e tantas sumidades literárias e científicas de quase todas as nações do mundo, só por desfalecimento intelectual pode ser reduzida, por quem quer que seja, à classe de feitiçarias.

É certo que o autor do artigo não disse a palavra, mas, só ouro é que ouro vale, tanto valia dizê-lo, como tratar de um caso de feitiçaria, sob a epígrafe ESPIRITISMO.

O que tem a ciência com o charlatanismo?

Assim, também, que tem o Espiritismo com a feitiçaria?

Que o vulgo confunda uma coisa com outra, passe, mas que incorram nesta falta homens inteligentes e ilustrados, é para se lamentar.

E, porque, para dizerem sobre casos de curandeiros, por meio de água e de rezas, não tomam por epígrafe – religião – visto que as rezas são do rito romano?

E, antes do aparecimento do Espiritismo, não existiam curandeiros por meio de feitiçarias? Ninguém, se são capazes!

Como, então, dizer-se: “Será de grande utilidade acabar com essa nova especulação”...?

Faz crer isto: que os curandeiros por feitiçaria são invenções hodiernas – e insinua-se malevolamente: que são filhos legítimos do Espiritismo, de moderna data, principalmente entre nós.

Não é este um modo leal de atacar uma doutrina – e, pelo contrário, este modo de atacá-la descobre a fraqueza de seus adversários.

Quem tem razão bate-se pelo descoberto; mas a tanto não se arriscará o autor do artigo que analisamos, porque ele mesmo tem consciência de que os curandeiros, que chama espíritas, sempre existiram em todo o mundo – e entre nós, não apareceram com o Espiritismo.

Para não serem acoissadas de verbiagem²³⁵ as ponderações que aí deixamos feitas, recordaremos um fato, que fez época na sociedade fluminense.

235 (Nota do Organizador) Falatório longo mas com pouco sentido ou utilidade; verborragia. (Fonte: Oxford languages/Google)

Queremos falar das célebres façanhas do pai Quimbongo, em nada diferentes das que ora provocam necessária repressão.

Naquele tempo, que aliás não vai muito longe, o Espiritismo, se era conhecido no Rio de Janeiro, o era por um ou outro amigo de excentricidades do velho mundo.

E o pai Quimbongo²³⁶ brilhou – eclipsou-se – sumiu-se no esquecimento, sem que ninguém o pilhasse senão a seu pai natural: o atraso intelectual e moral, que casa muito facilmente com todo o gênero de especulação.

Ora, se a feitiçaria vem de longos erros, é leal e, sobretudo, é verdadeiro, dizer-se que ela é uma nova especulação – e especulação espírita?

Perdoe-nos o redator do *Jornal do Brasil*, que escreveu aquele mal pensado artigo; sua consciência não está consigo nesta questão.

Nem o Espiritismo é feitiçaria nem a feitiçaria só apareceu depois dele.

Nós somos os primeiros a pedir a repressão dos que fazem especulação, sob a bandeira do Espiritismo. Quem poderá ter mais interesse do que os verdadeiros espíritas, de vermos o campo da ciência que professam, limpo de todo o joio?

O que não queremos é que passe sem protesto o trabalho dos inimigos do Espiritismo, de confundirem o trigo com o joio, a boa com a má semente.

E creia o ilustre redator: o que menos vale para que o Espiritismo dê flor e fruto em todo o mundo é o nosso protesto ou de quem quer que seja. A verdade que nele se encerra, brilhará, a despeito de todo o esforço pró ou contra; porque a verdade é de Deus – Deus é a verdade.

Lembre-se da guerra que se levantou contra o Magnetismo e do modo como foram tratados seus adeptos – e veja como, hoje, altas corporações que o repeliram, são as primeiras a proclamá-lo, embora algumas, para não quebrarem o orgulho, dizendo o *penitet*²³⁷, lhe mudem o nome em Hipnotismo, para parecer que é coisa diferente.

236 (Nota do Organizador) Bem que procuramos, mas infelizmente não conseguimos localizar referências sobre o pai Quimbongo, seria curioso ver a data em que “brilhou”...

237 (Nota do Organizador) Sua penitência, ou confissão de seu arrependimento.

Pois assim há de acontecer com o Espiritismo, que aliás já conquistou o direito de cidade no mundo científico, com exceção apenas... do nosso mundo científico brasileiro.

Que seja feitiçaria, aqui – em todos os países civilizados, não descerá das alturas de uma ciência, a cujo estudo se aplicam seus maiores vultos.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 28-01-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00028.pdf

Artigo CDXXVI

Gazeta de Notícias, 02-02-1896

Ao nosso bom amigo, o *Apóstolo*, que nunca se esquece de nós, devemos reciprocidade.

Como já o temos dito, apesar da ilustração dos dois padres que dirigem aquele jornal, não se encontra, em suas investidas contra o Espiritismo, senão um argumento: artes do demônio.

Obrigados a confessar a verdade reconhecida das manifestações, mesmo porque, se as negassem quando todo o mundo as vê, ficariam banidos da opinião pública, os ilustres sacerdotes entenderam sabiamente que o meio era acolherem-se em tangente: artes do demônio.

As manifestações são uma realidade; mas quem se manifesta é o demônio – e, portanto, o Espiritismo está com o demônio e é sua obra!

Sim, senhores. Diz o adágio: quem não pode, trapaceia.

Enquanto puderam, negaram formalmente, dizendo que eram artimanhas dos espíritas – espécie de mágica branca. Dando, porém, que os maiores sábios do mundo, homens que foram estudar o Espiritismo para combatê-lo, proclamaram a verdade dos fenômenos espíritas, o que fazer senão confessar o que, por tal modo, se impõe?

Mas, confessar aquela verdade, sem opor-lhe embargo de qualquer ordem, seria o mesmo que ver Anás e Caifás confessarem, *coram populo*²³⁸, a divindade dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

238 (Nota do Organizador) Em público, em voz alta e sem receio. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Não, isto nunca. A lei do clero romano, a sua vida, a sua aspiração encerram-se nestas três palavras: *omnia pro dominatione*²³⁹.

Nem é sábio negar nem é lícito abater a bandeira sem combater.

A arma de combate, se não é de brilhar aos olhos dos que pensam, refletem e raciocinam, é de intimidar à massa ignorante e inconsciente, é o apelo do demônio.

E o clero romano abraçou-se com o demônio para combater o Espiritismo.

O que lhe pode, porém, valer o mitológico fantasma, símbolo empregado pelo divino Jesus, para representar as paixões condenáveis das humanidades – se Deus é a verdade?

É o demônio pessoal quem se manifesta e não as almas dos que viveram na Terra, cujos nomes e formas ele toma, dizem os padres, quer da tribuna da imprensa, quer do púlpito.

Admitamos; mas como explicar-se a incongruência de ser o Espiritismo obra do demônio e da manifestação constante de Espíritos, porejando²⁴⁰ ódio contra o Espiritismo?!

Não cabe aqui repetir as palavras do divino Mestre, quando lhe atribuíram influência satânica em tudo quanto de maravilhoso fazia?

“Se de Satanás são minhas obras, Satanás se bate contra si mesmo – divide seu reino”²⁴¹.

Se obra do demônio fosse o Espiritismo, certamente não tomaria ele a forma de Espíritos, para injuriar e ameaçar os espíritos, como o faz em todas as sessões.

Ah! padre Maravalho, padre Loreto. Se o demônio combate o Espiritismo, é que o Espiritismo vem de outra fonte – é que o Espiritismo o contraria – é, pois, que sócios são seus os que o ajudam a combatê-lo.

Se fosse possível a existência do demônio, ao mesmo tempo que a de Deus, quem mais do que o sacerdócio hebreu o auxiliou na empresa, de apagar a luz da verdade eterna, que é Jesus?

239 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “tudo servilmente pelo poder”, frase de Tácito, em Histórias, I, 36. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

240 (Nota do Organizador) Verter ou sair pelos poros, destilar, marejar, ressumar, ressumbrar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

241 (Nota do Organizador) Mc. 3: 23-27.

E refleti: o sacerdócio, ligado ao demônio, triunfou no tempo, porque assim fôra determinado nos conselhos do Senhor; mas a verdade, que julgaram encerrada para sempre no sepulcro, a que opuseram os selos da mentira, ressurgiu ao terceiro dia – e brilha – e brilhará nos céus, por toda a eternidade, donde esparge sobre a Terra seus raios, que são: amor, misericórdia e perdão.

Assim será com o Espiritismo, que é um de seus raios!

Trabalhais para destruí-lo no tempo – e ele será por toda a eternidade! Ai dos que trabalham contra ele! Ai do sacerdócio, dos escribas e dos fariseus!

Não vedes como todo o poder da Igreja, auxiliado pelo sentimento mundano, que domina o século, longe de tolher-lhe a marcha, como que lhe aviventa a chama?

Obra de homens, com a guerra que tem sofrido do ridículo, da perseguição, da excomunhão, de todos os gêneros e espécies, durante os cinquenta anos da sua duração, teria podido resistir?

E ele resiste a tudo e propaga-se a despeito de tudo! Já contam-se por dezenas de milhões os seus sectários.

Tivestes, ilustres redatores do *Apóstolo*, bem no vosso seio, uma prova bem realmente inconcussa da manifestação dos Espíritos.

O ex-bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro de Lacerda²⁴², nunca mais, depois da morte de monsenhor Félix²⁴³, dormiu sozinho, porque aparecia-lhe constantemente, à noite, a alma do vigário geral do bispado.

Isto é fato conhecido por todos os padres do Rio de Janeiro!

Estava louco o bispo? Mas, em primeiro lugar, nenhum ato seu, depois daquela data, destoou dos anteriores; em segundo lugar, e mesmo que se leve a questão para monomania, que loucura e que monomania que só se manifestava à noite?

Só se a ciência abrir um novo capítulo para a matéria da loucura: loucura eclesiástica.

242 (Nota do Organizador) Pedro Maria de Lacerda, primeiro e único conde de Santa Fê, (1830-1890) foi um sacerdote católico, bispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro por mais de vinte anos. (Fonte: Wikipedia)

243 (Nota do Organizador) Monsenhor Felix Maria de Freitas Albuquerque (1817-1883) Veio para o Brasil com seus pais. Reconhecido como cidadão brasileiro pelo Decreto N. 1.105 - de 21 de Setembro de 1860, assinado pelo Imperador. Foi professor e Reitor do Imperial Colégio Pedro II no período de 1870 a 1880. (Fonte: www.brevescafe.net e *O Apóstolo*, Ed. 111, pág. 1).

E o demônio que lhe aparecia? Mas então os príncipes da Igreja também são sujeitos ... oh! então, desconfiai, povos, e sobretudo, velhas beatas, desconfiai dos vossos pastores, que podem muito bem ser influenciados pelo demônio!

D. Pedro de Lacerda era virtuoso – e, demais, que esquisita lembrança a do demônio, de escolher a figura do monsenhor Félix, quando tinha mais próximas do bispo as do pai e da mãe!

Só se o tinioso se dá melhor com a figura de padre. Olhem bem que dizemos “figura”.

Padres, padres do *Apóstolo*, aceitai o repto que vos atiramos outro dia: vinde estudar conosco o Espiritismo, a Doutrina e a prova experimental, porque só assim sereis isentos de responsabilidade, se em consciência o julgardes satânico e o combaterdes.

Já vos dissemos: Leão XIII estuda-o – e acrescentaremos: Pio IX tomou pleno conhecimento dele – e hoje é crente e chora não tê-lo confessado.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 02-02-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00033.pdf

Artigo CDXXVII

Gazeta de Notícias, 09-02-1896

Já que os diáconos e subdiáconos do *Apóstolo* deixaram-se obsedar pela ideia: de ser o demônio quem se manifesta pelas almas dos que viveram, em carne e osso, n'este mundo de misérias, seja-nos lícito malhar nessa bigorna, a ver se podemos, por misericórdia de Deus, produzir uma chispa de luz, que esclareça a mente dos pobres fanáticos.

E será mesmo fanatismo ou necessidade de acudir ao edifício que desapruma?

O demônio, digamo-lo com o devido respeito, é a maior força de sustentação do edifício romano.

Arranquem-lhe de sua pobre e mesquinha cosmogonia esse mitológico elemento, que tem feito tremer os séculos e as gerações – e a eterna, como a estátua de Nabucodonosor, irá por terra, porque tem os pés de barro, que não soube transformar no ouro de sua cabeça²⁴⁴.

Roma será um Olimpo sem raios!

Onde mais a força para impor a *fé passiva* da humanidade, que já vai chegando ao tempo de não adorar a Deus em Jerusalém ou em Garizim?

O mundo marcha – e jamais repetirá, com S. Agostinho, o “*credo quia absurdum*”: a *fé preserva precisamente o que a razão não aceita*.

Não a repetirá, mesmo com os vossos demônios, padres – e tanto que um sábio ultramontano, que escreveu uma obra, para

244 (Nota do Organizador) Daniel 2: 1-48.

provar que *sem o demônio não se pode compreender a Deus*, iluminado pela verdade espírita, [vem]²⁴⁵ retratar-se nestes termos:

“Quero, cheio de humildade e reverência, pronunciar o meu *penitet*, e por este modo proclamar: 1º que eu nada sabia, não obstante as afirmativas sobre meus conhecimentos; – e 2º que mais sabe aquele que mais crê em verdades tão proclamadas e espalhadas pelo *Evangelho*, em espírito e verdade interpretado.

“É realmente estupendo como um indivíduo, dispondo de alguns conhecimentos, se deixe trancar nos estreitos limites de uma convenção, amordaçando a razão, que brada, a todo o momento, por seus foros conculcados, para só ver e deixar falar aqui [o que]²⁴⁶ humanas inteligências têm convencionado.

“É, como disse, realmente inconcebível – e no entanto, é a verdade, porque eu fui uma vítima desse tradicionalismo mesquinho e ferrenho, que me ditava o *credo quia absurdo*, dizendo: do contrário, todas as chances de tua salvação ruirão, como aconteceu àqueles povos malditos por Deus (malditos por Deus!) que não cruzam em seus emissários, representados pelos discípulos do Redentor.”

Bem julgueis, ilustres padres, [se] tendes diante dos olhos um Espírito iluminado pela verdade, que renuncia [a] seus erros, [ou um] que abjura a verdade, para se abraçar com o erro²⁴⁷.

Lêde estes outros trechos – e direi: se pode estar feito com o demônio, quem mantém as crenças ali expressas:

“Desejo, com efeito, falar-te, não só pela satisfação de meu Espírito, como também porque, contrário às tuas ideias, tenho hoje por obrigação pregá-las como as únicas verdadeiras, porque são, por assim dizer, a alma – a essência das que empregava.

“Como sabes e é dos livros codificados pelo Mestre, os tempos são chegados – os fatos se reproduzem a cada passo – e sua insistência prova bem, que é necessário de nossa parte o maior

245 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade dessa pequena inclusão, por entender que faltou ao texto original.

246 (Nota do Organizador) Outro pequeno ajuste ao texto original, que pareceu truncado por alguma falha tipográfica.

247 (Nota do Organizador) Fizemos aqui alguns ajustes no texto original, por nos parecer esse parágrafo em dissonância com o seguinte e com o sentido geral do texto. Ele se encontra assim: “Bem julgueis, ilustres padres, que tendes diante dos olhos, não um Espírito iluminado pela verdade, que renuncia seus erros, mas em que abjura a verdade, para se abraçar com o erro”.

esforço, mais confiança e fé, certo de que, aquela insistência prova também que, se a justiça é inseparável da misericórdia de Deus é preciso que aquela se cumpra, até onde começa a transformar-se em misericórdia e perdão.

“E isto dá-se, como sói acontecer no arco-íris, onde as cores se esbatem de modo que não poderás determinar onde uma termina e começa a outra.

“Ora; ainda é da doutrina: que o desânimo só invade os Espíritos ainda não bem aparelhados para a luta – e que toda a vez que de tal arte nos sentirmos, convém mais esforços, mais desejos, mais ardor na prática do bem, a fim de colocarmo-nos em condição de ver e sentir diminuídos a distância e o tempo, que ainda nos parecem demasiadamente longos.

“Esta verdade é a aplicação da Parábola do Bom Semeador²⁴⁸, ensinada por Jesus, discriminando os terrenos onde caíram sementes.

“Por ora, ainda estamos nas condições daquele em que havia pouca terra, de modo que, crescendo o arbusto, suas raízes só encontraram pedra e o sol facilmente crestou-o.

“Mesmo assim, demos graças a Deus; pois outrora fomos pedra, onde a semente não medrou – e vieram os passarinhos e comeram-nas.

“Como vês, outra é hoje a minha linguagem; mas se procurares bem, reconhecerás: que a diferença é apenas a que de começo te fiz notar: a minha fé era a casca – a tua era a polpa do fruto da vida”.

Quem fala assim, não pode estar sob a influência do demônio; mas quem fala assim, bons padres, foi ultramontano cego, e, porventura, o homem mais versado, do Brasil, em letras sagradas.

Ele não renega sua fé, nem o Espiritismo a proscreeve – ele o que sente, é o que deve sentir toda a humanidade: a necessidade de expurgar sua fé do laudo humano e de aceitar as verdades puras da Nova Revelação, que é a realização da promessa de N.S. Jesus Cristo.

Ele considera o Espiritismo a polpa do fruto da vida, de que o Catolicismo, que ele sempre julgou único senhor da verdade, não é senão a casca.

248 (Nota do Organizador) Mt. 13:1-9; Mc 4.1-9; Lc 8.4-8.

E, com efeito, o Espiritismo é a interpretação do *Evangelho* em espírito e verdade, tanto que o Catolicismo o interpreta e ensina segundo a letra.

O fanático, porque o era na melhor boa fé, teve a graça da luz – e viu a verdade – e o revelou por estas palavras, que serão o remate deste artigo;

“As minhas intenções eram puras – e daí a graça de se me correrem as cortinas, que vendavam-me os horizontes intérminos da morada divina.

“Eia, pois, nada de desânimo – sempre e sempre abraçados com a nova flâmula, tenhamos a firmeza d’aquele que espera; porque ama – do que ama, porque crê”.

Max

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 09-02-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00040.pdf

Artigo CDXXVIII

Gazeta de Notícias, 16-02-1896

Já estamos tão curraleiros²⁴⁹, que é pegarmos da pena – e lembrarmo-nos do *Apóstolo*.

É que ingrato seríamos se não reconhecêssemos o empenho com que o órgão clerical se esforça por arrancar ao demônio as almas, que lhe vão à rede, pelo Espiritismo.

Pelo Espiritismo! Será, pois, o Espiritismo um laço armado à humanidade pelo eterno inimigo da pobre criatura?

Terão razão estes padres, que têm os olhos de ver, enquanto nós temo-los cerrados à luz?

Dos artigos do *Apóstolo*, embora tíbios e vacilantes, como é sempre obra de quem não tem bem firmada a luz da fé, corremos a repassar as páginas, ardentes de convicção e de inspiração, onde se leem os princípios fundamentais da nova Doutrina.

Estudamos, perscrutamos, analisamos um por um aqueles princípios e asseguramo-nos na certeza de que nenhum rebaixa os infinitos atributos da Infinita Perfeição: antes, todas elas os exaltam e engrandecem.

Mas não é este o critério da verdade, da verdade absoluta que nos legou o divino Jesus?

249 (Nota do Organizador) Diz-se de gado bovino criado ou recolhido em curral, como também de todo aquele que guarda e cuida do curral (peão curraleiro). Dr. Bezerra serviu-se do termo em seu sentido figurado, no propósito de salientar o aspecto rotineiro da vida de gado, de curral, de chamar a atenção para o hábito criado de consultar o *Apóstolo* antes de escrever. (Fonte: Dicionário Caldas Aulete digital)

Que importa que as verdades reveladas pela nova Doutrina sejam desconhecidas ou mal conhecidas do mundo?

Porventura, quer em religião quer em ciência, não é sempre assim que se realiza a suprema lei do progresso?

Moisés não trouxe novas verdades, Cristo não nos deu muito mais amplas?

Por que, então, devem ser estas repelidas, uma vez que têm o cunho daquelas: a conformidade com os divinos atributos?

E, sob outro ponto de vista – sob o ponto de vista do Espiritismo científico, perguntamos, como ter-se-ia realizado o progresso humano, se tivéssemos repellido toda a ideia nova?

Ainda hoje acreditávamos na *verdade* do que vemos: o Sol girando em torno da Terra.

Pois bem, se a ciência segue a lei do progresso, a religião não fica excluída; porque tudo no Universo progride – e é pela ciência e pela religião que o homem há de se elevar até à casa do Pai.

Nem venham com a estólida²⁵⁰ pretensão de que Jesus, por seu divino ensino, pôs o cravo na roda do progresso religioso; pois que foi Ele mesmo que nos disse: “não poder ensinar todas as verdades, por não poder a humanidade de seu tempo compreender todas; e prometeu oportunamente mandar o Espírito da Verdade ensinar todas as coisas”²⁵¹.

Confiantes na divina promessa, que a Igreja tem procurado obscurecer, como os judeus fizeram a respeito das profecias anunciantes do Redentor – e encontrando no Espiritismo todos os característicos de superior Revelação, por que recuar ante a excomunhão de Roma?

Seria o mesmo que duvidarem e recuarem os discípulos de Jesus, porque escribas, fariseus e sacerdócio o declararam possesso do diabo.

E vêde como se ajustam as duas cenas.

Cá e lá – hoje e ontem – o sacerdócio hebreu e o clero romano adotaram a mesma norma – empregaram a mesma arma.

Não podendo cerrar os olhos à luz e combater a *obra do demônio*, sem a razão firmada na verdade de Deus, que lhes faleceu

250 (Nota do Organizador) Que mostra falta de bom senso ou de sensatez, absurda, descabida, disparatada, insensata. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

251 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12-13, já citado.

e lhes falece, recorreram ao *demônio* – e, como lá, disseram cá: *obra do demônio*.

O ensino de Jesus foi obra do demônio – o Espiritismo, o novo ensino de Jesus, é também obra do demônio, assim o dizem!²⁵²

Calha a este propósito transcrevemos trechos de uma comunicação de Altíssimo Espírito²⁵³, dada em Lérida, a um grupo de padres, congregados para conhecerem experimentalmente se o Espiritismo vem de Deus ou de Satanás:

“Aos que vos julgam instrumento do demônio, dizei:

“Se isto é do demônio – se do demônio procedem os virtuosos conselhos, as sãs máximas, as caridosas exortações, os evangélicos impulsos, que todos os dias recebemos e admiramos, força é reconhecer que o demônio trabalha por destruir o império do demônio.

“Se o demônio fosse, não vedes, isentos²⁵⁴, que para estender seu domínio, não tinha absolutamente necessidade de inventar novo sistema, menos eficaz à sua ambição do que a doutrina da vossa Igreja?

“Não sois vós que prostituís a redenção, abrindo de par em par as portas dos tormentos infinitos – e guardando os supremos gozos só para um limitadíssimo número de mortais?

“O que mais poderia desejar o deus do mal?

“O demônio existe; mas não o demônio da negação da onipotência, da misericórdia e da justiça de Deus – existe; mas não personificado n’um ser imundo e abominável, destinado a fomentar eternamente o mal, a lutar vitoriosamente com a origem do bem, e destruir quase todos os efeitos permanentes e sempre vivos da redenção.

“O demônio da seita romana, tirado de uma alegoria mal interpretada, é uma afirmação ateística, porque supõe em Deus,

252 (Nota do Organizador) Fizemos aqui pequeno ajuste do texto original, que nos pareceu truncado, por lapso tipográfico: “o novo ensino de Jesus, porque o Espiritismo o é também obra do demônio, dizem!”

253 (Nota do Organizador) Maria de Nazaré. Dr. Bezerra vai citar a fonte dessa magnífica mensagem pouco mais à frente, aguardemos...

254 (Nota do Organizador) O original traz aqui a palavra “insentos”, que não localizamos nos dicionários. Substituímo-la por aquela que nos pareceu mais próxima na forma e mais de acordo com o sentido geral do parágrafo.

que é e não pode deixar de ser o Pai e Causa espontânea das criaturas, fraquezas e sentimentos, de que vós mesmos vos envergonharíeis, apesar de não excedes a paternidade, senão pela carne e em virtude de superior delegação.

“Os demônios são o egoísmo, a impureza, o orgulho, a avareza, os ódios, as hipocrisias, as paixões, os sentimentos que procedem do abuso da liberdade.

“Jesus livrava os endemoniados; mas julgais, porventura, que arrancava dos corpos seres malignos, individualidades reais, que se haviam deles apossado?

“Assim o acreditou a ignorância daqueles tempos, e Roma, em seu próprio proveito, fomentou esta crença, fazendo dela a mais poderosa de suas armas, e instrumento de sua larga dominação e do seu poder temporal.

“Jesus curava os corpos enfermos pela eficácia da virtude que dele emanava, como de um foco de regeneração e de vida – e curava as úlceras da alma, pela eficácia e santidade de seu olhar, que penetrava até o coração, e da divina palavra que, como uma torrente de luz, fluía de seus amorosos lábios.

“E os surdos ouviam – e os cegos viam – e os mortos, na vida da alma, ressuscitavam.”

Dispensai-nos de dizer de quem são estes conceitos, dados mediunicamente aos padres de Lérída.

Para que não seja suspeitado seu autor, basta ver-se como ele pede que o examinem – e que não as aceitem se lhes parecerem obra de inimigo.

“Não aceiteis nem condeneis esta resolução sem meditardeis profundamente.

“Estudai-a, sem ódio, sem paixão, sem prevenção de escola e sem o egoísmo do sectário.

“E, se depois deste proveitoso estudo, para o qual vos peço que invoqueis fervorosamente o auxílio de Deus, vos sentirdes inclinados a reconhecer que este documento, fiel reflexo da verdade evangélica, não pode ser obra de um gênio maléfico – de um Espírito enganador; confessai-o, irmãos meus e filhos meus – e aceitai e defendei a Nova Revelação.”

A comunicação acima, transcrita da obra *Roma e o Evangelho*²⁵⁵, contém, além dos trechos que aqui damos, profunda apreciação sobre importantíssimos pontos de religião.

Talvez que voltemos a esta fonte.

(Do Centro União Espírita)

Max.

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 16-02-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00047.pdf

255 (Nota do Organizador) *Roma e o Evangelho*, de D. José Amigó y Pellicer, teve sua edição original em Lérida, Espanha, em 1874, e sua primeira tradução para o português, no Brasil, foi feita pelo próprio dr. Bezerra. Edição FEB. Os trechos acima foram extraídos de sua Segunda Parte, Cap. *Comunicações ou ensinamentos dos Espíritos*, mensagem 23^a, de agosto de 1873, itens II e VII, respectivamente.

Artigo CDXXIX

Gazeta de Notícias, 23-02-1896

Deus nos perdoe, se é por vaidade que procuramos, com tanto empenho, abrir os olhos ao *Apóstolo*, sobre as verdades eternas, tão mal interpretadas e ensinadas pela Igreja romana.

Vemos rasgar-se o véu do templo, a luz do Espiritismo – e confrange-se-nos a alma diante da cegueira do novo sacerdócio.

O Espiritismo, porque arrasa todo o edifício atribuído ao demônio, com o ensino das vidas múltiplas e sucessivas e da salvação universal, é anatematizado pelo clero romano, como obra do demônio!

É lógico, pois, concluir: que, se ele endeusasse o demônio, em vez de atirá-lo à geena, onde jazem as potências mitológicas, receberia as bençãos papais, como bom filho do Eterno!

Parece incrível; mas é verdade!

Roma está tão ligada com o demônio, que *anathema sit*²⁵⁶ todo o que tentar contra o deus do mal!

Entretanto, o Espiritismo prega a salvação universal, fundado nas sagradas letras – fundando em *Ezequiel*, por quem disse o Senhor: “eu não contenderei sempre com o pecador”²⁵⁷, fundado

256 (Nota do Organizador) “Excomungado seja”. Excomunhão com execração. Maldição, vergonha, opróbrío. Forte reprovação ou repreensão. Já citado. (Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa online)

257 (Nota do Organizador) Normalmente essa frase é associada a *Isaiás*, 57:16, mas pode ter sido uma referência de Dr. Bezerra ao capítulo 18 de *Ezequiel*, todo relacionado a esse tema, como gentilmente nos lembra o amigo Jorge Damas Martins.

em *Isaiás*, por quem igualmente falou Deus: “Eu vos criei, eu vos susterei – eu vos trarei e vos salvarei”²⁵⁸.

Isto não foi dito a um homem, ilustrados redatores do *Apóstolo*; mas sim foi dito aos povos da Judeia e de Israel.

Bem compreendeis que a promessa de salvação para toda aquela gente, estendeu-se por Nosso Senhor Jesus a toda a humanidade.

E, agora, onde acomodareis o vosso domínio, com o seu Inferno e as suas penas eternas?

E por que o Espiritismo, firmado nas sagradas letras e no ensino dos altos Espíritos varre do horizonte da humanidade todas estas invenções, que já fizeram seu tempo – coloca em seu lugar a estrela luminosa que anuncia a redenção dos cativos do mal; o Espiritismo é obra de Satanás!

Em paga de vossas excomunhões vamos fazer-vos um mimo: são trechos da longa comunicação feita aos padres de Lérída por um Espírito angélico, como o reconheceréis pela elevação de seus conceitos.

Aceitai-a, que vos é oferecido de coração.

“O dogma do Inferno, de uma mansão horrível de dores sem esperanças nem termo, síntese de todas as dores, de todas as angústias, de todas as agonias, de todos os desesperos, em uma palavra de todos os suplícios que podiam conceber o coração mais desumano, a crueldade mais refinada; é, como o dogma do diabo, uma terrível blasfêmia e a negação de Deus em sua bondade, em sua misericórdia, em sua justiça, em suas sabedorias, e ainda poder-se-ia acrescentar: em sua imensidade, pois que não se pode conceber a presença da divina substância na tenebrosa região do crime eterno e do desespero sem termo.

“Confrontai-a, se vos é possível, vós que ameaçais com torturas eternas aos que como vós, esperam o justíssimo e supremo juízo – confrontai vosso dogma com as prescrições da moral evangélica, que também invocais.

“Não percebeis – não vedes claramente um contraste, uma flagrante contradição, um absurdo, em um Deus que prescreve, por meio de seu Enviado, a caridade sem limites e o perdão das ofensas e dá, ao mesmo tempo, o exemplo de um ódio eternamente vivo e de uma caridade mesquinha?

258 (Nota do Organizador) Is. 46:4.

“Digo mesquinha, porque com as dificuldades e tropeços que, no caminho da salvação, amontoou a Igreja romana, mesquinho, por não dizer completamente nulo, é o número dos eleitos do Senhor.

“Jesus Cristo, que nunca descerrou os lábios para pronunciar uma palavra inútil, porque era a encarnação da divina Palavra – e em tudo falava por superior delegação; nos últimos momentos de sua vida, como resumindo a moral de seus ensinamentos, disse aos homens: *amai-vos* – e, elevando seu sentimento ao Pai: *perdoai-lhes, disse, porque não sabem o que fazem*.

“Homens. Não vos bastam estas duas palavras de amor e de esperança, para convencer-vos de que a caridade há de ser universal – e que do perdão ninguém é excluído, quando foram nele incluídos os próprios que quiseram matar a Doutrina do Amor na pessoa de Jesus – os próprios que levantaram mão parricida contra Deus, na pessoa de seu enviado?

“Jesus baixou em Espírito aos enfermos; isto é, ao mundo dos Espíritos, em suas diversas regiões, de luz e de trevas para dizer a uns: vós que morrestes na paz da justiça, que por vossas obras merecestes passar da linha que separa a expiação e a reparação da prova, porém que vos sentis sedentos de maior purificação; ide, descei à Terra, e apoderando-vos de meu testamento, sede os continuadores da minha obra e os mestres de minha Doutrina redentora.

“E aos outros, aos que haviam acabado no remorso, aos enfermos, aos leprosos da alma, aos condenados por suas obras, disse: ide, subi à Terra e encontrareis aí, se procurardes, o rocio de vossas amortecidas esperanças, a piscina de vossa salvação, a inesgotável fonte de vossa redenção e indefinido progresso.

“E Abraão e Caim (os bons e os maus) volveram à vida da carne.

“Se o dogma da eternidade de sofrimentos se referisse a uma eternidade relativa, que é como a entendeu Jesus; a justiça de Deus teria nele rebrilhado e nele ter-se-ia glorificado a Igreja.

“Não se concebe a ação da justiça divina senão exercendo-se e aplicando-se dentro de uma proporção e correspondência absolutas entre o castigo e a malícia da falta; e, como nenhuma falta humana procede de malícia, por sua natureza e origem, infinita, nem são eternamente permanentes suas consequências; tão pouco pode, em justiça, continuar eternamente o castigo.

“Continuará, sim, enquanto persistir a malícia e o Espírito se obstinar no mal, em termos tais que, se a obstinação fosse eterna, eterna seria a expiação.

“Esta é a eternidade de que vos falava e entendia Jesus.”

Fiquemos aqui, ilustres redatores do *Apóstolo*, por hoje – por hoje, que melhores presentes temos a fazer-vos.

Agora, somente vos diremos: que o Espírito, cujos conselhos acabais de ler, é daqueles ante os quais o próprio Papa... não dará o pé a beijar!

Meditai – meditai sobre estes conceitos.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 23-02-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00054.pdf

Artigo CDXXX

Gazeta de Notícias, 01-03-1896

Ao clero romano e especialmente ao seu órgão do Brasil, o *Apóstolo*, oferecemos, em nossos passados artigos, matéria para séria meditação; enquanto, pois, esses inimigos gratuitos do Espiritismo se preocupam com as questões que pusemos sob seus olhos, passamos a conversar um pouco com os que combatem as verdades espíritas e espiritualistas.

A ciência hodierna, por seus mais possantes campeões: Crookes e Lombroso, reconhece e proclama “a verdade dos fenômenos espíritas”, tal qual fazem os campeões do clericalismo.

O fato, pois, é reconhecido verdadeiro pela ciência e pela religião.

Já é alguma coisa, já é muito; porém, é preciso que ciência e religião reconheçam e proclamem que, assim como os fenômenos espíritas, a princípio ridicularizados e anatematizados, são verdadeiros, por igual o são a origem e causas, que lhes assinala o Espiritismo, isto é: que não são obra de forças psíquicas e de artes diabólicas, mas sim dos Espíritos humanos, que já viveram na Terra, como nós estamos vivendo.

Sabemos que isto é impossível para os que têm vivido na crença de que depois da morte o *nada*; e na de que depois da morte o Céu ou o Inferno; mas, com o devido respeito às crenças alheias, perguntamos: quem deixaria de dizer ontem – impossível, se algum louco anunciasse ter descoberto um meio de fazer a luz atravessar os corpos opacos²⁵⁹?

259 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui à descoberta dos raios-x,

Tal descoberta, ou antes tal revelação, é providencial, para que reconheça a humanidade que, entre a sua ciência e a ciência, há um infinito; e que, portanto, loucura é dizer impossível. Sejamos, pois, razoáveis, nós que nos orgulhamos de ser racionais.

O que mais pode transformar nossa presunção de saber: serem os fenômenos espíritas, obra de Espíritos – ou o recentíssimo fenômeno da transmissão da luz através de uma parede?

Tão impossível é para o incrédulo a sobrevivência do ser humano e a sua comunicação com os vivos, como deve ser para o homem da ciência o fato que acaba de revolucionar a ciência.

E aceita-se este, apesar de impossível – e rejeita-se²⁶⁰ aquele, porque é impossível.

Impossível, por que? Pura e simplesmente porque contraria as ideias que temos por verdadeiras!

Desde quando, porém, o juízo dos homens é infalível?

Se o fosse, ninguém com mais direito à infalibilidade do que o divino Platão, por exemplo, e Sócrates seu mestre – e estes tiveram por verdades absolutas: a existência do Espírito – sua sobrevivência – sua comunicação com os vivos – sua reencarnação – todos os princípios fundamentais do Espiritismo.

Se o fosse, a ciência ficaria limitada a um punhado de verdades, em nome das quais repelir-se-ia tudo o que viesse de novo – e o progresso humano, pelo lado intelectual e pelo lado moral, pouco mais seria hoje do que o dos tempos pré-históricos.

Por que, então, é impossível que exista o Espírito, como existe a matéria? Acaso vossa ciência já chegou aos termos do infinito saber, para poderdes dizer: isto é – isto não é?

Ah! pobres loucos presumidos; a prova de que é, e dizes que não é, está aí nesta recente descoberta sobre a luz, que destruiu todos os vossos juízos!

E notai: esta verdade nunca passou pelo pensamento ou pela intenção da humanidade; entretanto que a da existência do Espírito acompanha o homem desde seu berço – manifesta-se no pensamento do ignorante como no do sábio – tem atravessado, em todos os tempos, a humanidade em sua quase totalidade.

a 08 de novembro de 1895, pelo físico alemão Wilhelm Conrad Röntgen. (Fonte: Wikipedia)

260 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “regula-se”, mas nos pareceu erro tipográfico, que decidimos corrigir.

Confessais que os fenômenos espíritas são uma realidade – avançais ainda mais: dizeis que são devidos a uma força inteligente – e, porque a Nova Revelação diz: essa força inteligente, que reconheceis como causa dos fenômenos espíritas, é o Espírito humano desencarnado; recuais espavoridos, porque isto contraria vossas ideias, e portanto, é impossível!

E, porque contraria vossas ideias, imaginais as mais *impossíveis* explicações, quaisquer que sejam, contanto que não se reconheça a existência do Espírito.

“A força inteligente, que produz aqueles fenômenos, emana do observador”.

“Nesses casos, o observador concorre com a transmissão do pensamento – noutras com sua vontade”.

Como, porém, encaixar nestas explicações fatos como o de um homem ver, dormindo, em sonho, uma pessoa amada, ausente, que lhe vem dar o adeus da despedida da vida – e mais tarde saber que uma pessoa morreu àquela hora?

Como explicar pela tal força psíquica ou por qualquer fórmula materialista, o fato de um médium sonambulizado, dar uma comunicação escrita, em língua que nem ele nem qualquer dos assistentes conhece?

Como a força psíquica poderá explicar o fato de uma prancheta dizer a palavra do *Times* que Crookes cobriu com o dedo, ignorando ele mesmo qual era?

Como o movimento da campainha na experiência de Lombroso?

Como milhares de manifestações, em que a tal força inteligente dá-se por um morto, em que ninguém pensava – e prova sua identidade por sinais de sua vida, tão particulares, que de seus próprios conhecidos, já eram esquecidos?

Impossível, ilustres materialistas e positivistas, é resistir, hoje, à evidência das provas experimentais, não só da existência como da comunicação dos Espíritos.

Está claro que tais provas nunca terão aqueles que, firmados em seus princípios, não se derem ao trabalho de estudar – de observar e de experimentar, para reconhecerem a verdade ou falsidade do Espiritismo.

Estes, porém, não conseguirão, com sua obstinação, fazer que a verdade não seja, como aqui, ficando um esteio e agarrando-se a ele, não [se] fará com que a Terra fique parada.

Quando chegar o seu dia, saberá, por experiência própria, se há ou não Espírito, e qual a responsabilidade que acumulou com sua teimosia.

Quantos, quantos, têm vindo aos nossos trabalhos experimentais, chorar lágrimas de sangue!

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 01-03-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00061.pdf

Artigo CDXXXI

Gazeta de Notícias, 08-03-1896

Ainda um pouco com os obsedados pelo espírito de sistema, que os livra a fazerem do que sabem a medida do que devem crer – medida curta, porque seu saber ainda é limitado pelo que lhes podem dar os sentidos corporais, dourados com o que chamam – observação.

O aparecimento do Hipnotismo foi para eles o alvorecer do suspirado dia da libertação da humanidade, arrastada aos abismos do erro e da loucura pela “maléfica seita espírita”.

Maléfica por que?

Se tendes certeza de que o homem acaba com esta vida, como o seu cavalo e o seu cão de caça, que malefício é encher-se-lhe a cabeça de umas ideias, que lhe dão sorridentes esperanças em suas misérias e doces consolações em seus sofrimentos; – que lhe ensinam o amor do próximo, a prática da caridade, a fraternidade universal?

Maléfica seria ela, se, ensinando vós a vida futura e a responsabilidade do ser livre, ensinasse ela o *nada* depois da morte e a irresponsabilidade moral, donde, pela mais ligeira das ligações: a incontidência na satisfação de todas as paixões carnis e de todos os sentimentos condenáveis.

O aparecimento, pois, do Hipnotismo foi a clava que devia esmagar a cabeça de Hidra, visto que explicava os fenômenos espíritas, sem a intervenção de força estranha à matéria.

Pelo menos, assim acreditaram os do castelo sitiado pelo inimigo, cujas forças cresciam diariamente, de um modo aterrador.

O tempo e a observação, porém, muito têm concorrido para transformarem-se as palmas²⁶¹ em goivos²⁶².

O ilustre Charpignon²⁶³ referiu o fato: de ter sua hipnotizada, de seu gabinete fechado, em Orleães, descrito o que fazia, em Meung²⁶⁴, um tal Joanneau.

Tão inspirado choque abalou profundamente as potências materialistas; pois que não há como convencer-se a quem em uso da razão, que possa uma pessoa transportar-se materialmente e instantâneamente a muitas léguas de distância, para ver o que lá se passa, estando o corpo preso dentro de quatro paredes,

Os materialistas engendraram mil teorias, qual mais estrambólicas²⁶⁵, para explicarem o fato, que os espíritas explicam pelo desprendimento do Espírito, em estado sonambúlico; mas suas explicações caíram no ridículo.

Caíram no ridículo porque é de geral observação: que no sono natural, como no que é provocado pelo magnetismo – sonambulismo – e até pelos anestésicos o Espírito se desprende, sem se desligar completamente do corpo, a que fica preso por uma espécie de cordão perispiritual; o que dá racional explicação do fato hipnótico, realizado no estudo do sonambúlico ou magnético.

Há, pois, uma verdadeira ligação, em vez de oposição, entre o Hipnotismo e o Espiritismo.

Não fica, porém, nisto a redução do valor emprestado ao Hipnotismo, a que se quis dar um cunho de sistema antiespírita,

261 (Nota do Organizador) As palmas (plantas) são frequentemente associadas também ao martírio, em referência à entrada de Jesus em Jerusalém, pouco antes da Paixão. Parece-nos que foi nesse sentido figurado que Dr. Bezerra se serviu do termo, como a dizer: da aparente derrota chegou-se a grande contentamento.

262 (Nota do Organizador) Grande alegria ou contentamento. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

263 (Nota do Organizador) Louis-Joseph-Jules Charpignon, mais conhecido por J. Charpignon (1815-1886) - doutor em medicina da Faculté de Médecine Paris, membro de várias sociedades científicas e filantropo, além de ser considerado um dos pioneiros da divulgação do Mesmerismo ou Hipnotismo.

264 (Nota do Organizador) São duas cidades francesas, distantes aproximadamente 20Km.

265 (Nota do Organizador) Que é estranho ou pouco convencional, esquisito, extravagante, ridículo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

quando não passa ele de um meio espírita, como o Magnetismo e o Sonambulismo.

O que é com efeito, o Hipnotismo? A subjugação da vontade do *médium* à do operador.

Mas, a vontade não é propriedade do corpo – e tanto que, durante o sono, este exercita suas funções: circulação, digestão, respiração, etc., etc.; entretanto que não manifesta ato voluntário.

E, pois dizer: subjugação da vontade, vale por dizer: subjugação do Espírito.

É, falando a linguagem espírita, uma obsessão intervivos – agente e paciente.

São estes exatamente os caracteres da verdadeira obsessão, subjugação da vontade ou do Espírito de um vivo pelo Espírito de um morto.

No Hipnotismo, o paciente subjugado faz o que lhe prescreve o agente subjugador. Na obsessão, o paciente pelo mesmo modo obedece às imposições do agente.

A diferença única consiste nas condições dos dois subjugadores, sendo um, vivo – e o outro, Espírito.

A hipnotização, pois, é uma obsessão, fenômeno espírita – e a obsessão é uma hipnotização, posta em prática por um Espírito; e, portanto, igualmente, fenômeno espírita.

Tirai o Espírito, ou antes: não exista o Espírito, e nem poderíeis explicar os fenômenos da hipnotização, nem os da obsessão, nem eles se dariam.

Com efeito: como explicar o fato de Charpignon, fato hipnótico, sem o Espírito?

Como, sem o Espírito, explicar a obsessão, que desaparece desde o momento que o obsessor desiste de continuar a perseguir o obsedado, se o cérebro deste ainda não está lesado?

D'estes sucessos, contamos mais de vinte observações em nossos estudos – e podem vir vê-los os que duvidarem da nossa asseveração.

Hipnotismo, pois, é instrumento do Espiritismo – e tem por única razão de ser a existência do Espírito.

Há observações que patenteiam a verdade deste postulado.

Muitas vezes, inquirindo o hipnotizador ao hipnotizado sobre certas questões, tem-lhe ouvido em resposta, referências à um terceiro: um Espírito, que é designado pelo nome que tem, em bom número de casos.

Charcot, em uma de suas sessões experimentais, veio espontaneamente a nós; isto no dia 10 de setembro de 1893²⁶⁶, pouco depois de sua morte, – e declarou que teve, nos seus últimos tempos, fatos que o abalaram em suas crenças materialistas, disse-nos:

“Já disse que não tive tempo de fazer estes estudos, por ter sido colhido pela – morte, e é porque eles muito me interessam, e porque sei que os tendes aprofundado, que vim a vós, para pedir-vos que me permitais estudar convosco.

“Eu estudei a verdade por uma face – vós o fizestes pela outra. Desejo reunir as duas.”

Podem vir os que escarnecem de tudo que está fora da linha de seus conhecimentos, mas, para nós apenas os que compreendem os altos princípios revelados pelo Espiritismo, é um gosto saber pelo alto Espírito de Charcot, o Briareu²⁶⁷ do Hipnotismo materialista, que nossas crenças a tal respeito são baseadas em verdade.

Concluímos, dizendo: o Hipnotismo é um meio do Espiritismo, a verdadeira ciência do Espírito.

Max.

(Do Centro União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 08-03-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00068.pdf

266 (Nota do Organizador) Vide o artigo CCCXIII, de *O Paiz* de 30.10.1893 (Pág. 392 do terceiro volume desta coleção), já citado.

267 (Nota do Organizador) Briareu ou Hecatonquiros - Este nome era dado aos três gigantes, filhos de Gaia e Urano. O seu nome significa “cem mãos”, sendo consequentemente dotados de cinquenta cabeças. Na revolta dos Titãs (também filhos de Urano e Gaia), os três irmãos - aquele que era chamado de Briareu pelos deuses (também denominado de Egéon pelos homens), Gies (ou Giges) e Coto - lutaram ao lado de Zeus e ajudaram os habitantes do monte Olimpo a escorraçar os Titãs para o Hades, juntamente com os Cíclopes. Dr. Bezerra se serve do termo aqui em sentido figurado, no de campeão do Hipnotismo, do seu grande nome, algo assim. (Fonte: Infopedia)

Artigo CDXXXII

Gazeta de Notícias, 15-03-1896

O sábio Dr. Chambers²⁶⁸, depois de uma importante sessão espírita, disse:

“Em quarenta minutos de *experiência* sinto derrocados quarenta anos de ciência, estou aterrado!”

Aqui, há dias passados, um dos nossos sábios, em coisa de quarenta linhas do *Jornal do Comércio*, viu derrocados 40 anos de experiências espíritas. Ele só derrocou-as!

Quiséramos pôr um defronte do outro os dois sábios, para vermo-los degladiarem; visto porém que não podemos realizar nosso desejo, pedimos vênua ao do *Jornal* para arriscarmos algumas reflexões sobre seus conceitos.

A descoberta de Röntgen tem tanto com o Espiritismo, como a água de Lourdes com a Astronomia. Nem a luz penetrante dos corpos opacos pôde fazer descobrir relações, por mais longínquas, entre a nova lei, que veio revelar ao mundo, e a cosmogonia ou teogonia espíritas – entre essa lei e o Espiritismo científico ou religioso.

Em que e por que a luz Röntgen destrói a existência dos Espíritos – sua comunicação com os que ainda vivem na Terra – sua evolução de acordo com a grande lei do progresso univer-

268 (Nota do Organizador) Robert Chambers (1802–1871) - escritor, editor, geólogo e pensador evolutivo escocês. (Fonte: Wikipedia) Segundo Gabriel Dellane em seu *O Fenômeno Espírita*, Cap. II, Chambers fez seu “mea culpa” na revista *Spiritual Magazine*, mas não conseguimos localizar o exemplar com exatidão. Consta que teve mensagens de uma filha sua, falecida, que foram realmente definitivas para o seu reconhecimento da realidade dos fenômenos espíritas.

sal – seu progresso intelectual e moral, mediante vidas corpóreas múltiplas, solidárias e reparadoras – sua responsabilidade pelo uso que fizeram do seu livre-arbítrio – e mais – e mais princípios fundamentais do Espiritismo?

Só se for por um raciocínio de novo molde, como este: o fogo queima, logo não há habitantes na Lua.

A nova descoberta prova a fraude de Crookes, quanto a ter tirado o retrato de um Espírito.

*Quid inde?*²⁶⁹ A Astronomia deixa de ser, porque um astrônomo errou ou falsificou o cálculo de uma paralaxe? A Química deixa de ser, porque existem alquimistas? Semelhantemente, o que importa à ciência espírita que sejam falsas as experiências de Crookes – que não se possa mesmo tirar fotos de Espíritos?

Não envolve tal fato um princípio fundamental do Espiritismo, que de tal não faz, sequer, menção. Como, pois, e porque há de o Espiritismo deixar de ser, pela simples razão de serem falsos os retratos de Crookes ou de não ser possível tirar-se retratos de Espíritos?

É a tal coisa: o fogo queima, logo não há habitantes na Lua!

Mas Crookes? Afinal de contas é louco ou prestidigitador?

Enquanto não apareceu Röntgen, o recurso foi a loucura do sábio, visto que seu venerando caráter excluía todo o pensamento de uma mistificação.

A tática, porém, não tolheu²⁷⁰; visto continuar o homem em suas experimentações científicas, tão equilibrado como sempre – e foi preciso ir ao termo: atacar-lhe o caráter, acatado por todos os sábios do mundo!

E atacá-lo por que modo?

Crookes já conhecia a luz penetrante dos corpos opacos; mas declinou da glória de ser o descobridor de tão surpreendente fenômeno, só para oferecer uma pedra, aliás dispensável ao edifício do Espiritismo, que, entretanto, tinha o propósito de destruir, quando iniciou seus estudos!

269 (Nota do Organizador) Locução latina que significa 'e daí? que resulta daí?'. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

270 (Nota do Organizador) Obstar a; pôr obstáculo a. Ou seja, a tática da difamação não conseguir fazer frente aos trabalhos de Crookes devido à consistência de seus trabalhos científicos, mesmo depois de seus estudos espíritas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Confessemos que este pensamento do sábio brasileiro vale mais o invento da luz Röntgen!

E, sobretudo, reconhecamos que os trabalhos de Crookes são de tal valia, que os inimigos da luz desatinam à cata de meios de nulificá-los.

Ninguém, e muito menos sábios, se preocupam com o que não tem valor!

As experiências do sábio inglês, embora não assentem sobre princípios fundamentais do Espiritismo, são-lhes uma prova indestrutível *inde irae*^{271, 272}

O ilustre escritor do *Jornal*, depois de ter cuspidido a injúria sobre o caráter e precedentes, sempre acatados, do grande sábio – depois de lhe atribuir a inépcia de privar-se da glória de um importante invento, só para dar força ao que ele chamava “teias de aranha”, e foi estudar “varrê-las do cérebro de seus compatriotas” – depois destes dois brilhantes cometimentos, passou a explicar o fato dos retratos, imaginando um manequim metálico fora da sala onde se achavam os assistentes.

Crookes pôs a máquina na sala, à vista de todos, como diz em sua descrição autenticada, e tirou o retrato do manequim, oculto dos assistentes, mediante a luz Röntgen, que ele já conhecia, apresentando-o como retrato de Katie, o Espírito.

Parece que o sábio brasileiro viu ou adivinhou a obra; mas esqueceu-se de uma circunstância, e é: que Katie já era conhecida de todos, que o retrato era a sua perfeita imagem e que, portanto, o manequim devia ser a expressão fiel de seus traços fisionômicos.

Daí resulta que: tão impossível era à máquina apanhar diretamente os traços de Katie, como apanhá-los o fabricante do manequim.

Se Katie, Espírito materializado, tocado pelos assistentes, não podia ser fotografado, como poderia ser esculpado?

Tão inexplicável é o retrato direto, com o indireto, pelo busto metálico do Espírito!

271 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “daí as iras”. Explicação ou motivo de iras ou ódios. Penso que podemos dizer que Dr. Bezerra se serve aqui do termo no sentido de “apesar das iras” provocadas por sua divulgação, ou conhecimento. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

272 (Nota do Organizador)

Pode ser, porém, que o talento imaginativo do escritor do *Jornal*, assim como descobriu que a base do Espiritismo era a experiência de Crookes, descubra, também, que um manequim metálico qualquer, pela luz Röntgen, dê à máquina fotográfica a perfeita fisionomia de uma determinada pessoa!

Quanta grandeza naquelas quarenta linhas do *Jornal*, para esmagar os quarenta minutos de experiências científicas de Chambers!

E este pobre sábio abandonar seus quarenta anos de ciência, exatamente quando o Espiritismo, por quem abandonou seus conhecimentos científicos, ruísse por terra, ao golpe mortal que lhe desfechou um brasileiro, provando, com um lógica de ferro temperado, que os retratos de Crookes são falsos!

Uma nota – O ilustre escritor do *Jornal* não leu a descrição dos trabalhos de Crookes.

Um conselho prudente – Procure a obra do sábio inglês e conhecerá quanto são descabidas suas imaginativas hipóteses.

Uma desculpa – Nunca temos diante dos olhos, senão para respeitar, a pessoas, cujas ideias combatemos.

Max.

(Da União Espírita)

* Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 15-03-1896

http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1896_00075.pdf

Artigo CDXXXIII

Gazeta de Notícias, 22-03-1896

Não votamos ao esquecimento os ilustrados padres do *Apóstolo*, e tanto que aqui somos com eles, apesar de não nos terem honrado com a sua contradita.

Andamos escavando e descobrimos bons remédios para a monomania demoníaca d'aqueles bons ministros do altar.

Foi o abade Almignana, doutor em Cânones, quem nos forneceu as preciosas drogas.

Era um sacerdote católico, e de tão esmerado escrúpulo que, diante dos fenômenos espíritas, em que era absolutamente impossível admitir-se a ação do demônio, ele, apesar de tudo, recorria às autoridades superiores da Igreja e até ao Papa.

Não podemos, e bem nos pesa, transcrever todo o trabalho experimental do ilustrado padre, mas, pelos *spécimens*²⁷³ que damos, reconhecerão os do *Apóstolo* que o trono de Satanás começa a vacilar, até na crença clerical, que já vai reconhecendo ser este figurão tremendo um verdadeiro símbolo, na linguagem bíblica e evangélica.

Diz Almignana:

“Eis um fato que deve merecer a atenção de todas as pessoas bem intencionadas:

“Em certo dia, uma menina de 13 anos, magnetizada pela própria mãe em minha presença, deu provas de uma lucidez ex-

273 (Nota do Organizador) Exemplo, amostra, modelo. (Fonte: Infopedia)

cepcional, chegando a confessar-nos que estava em comunicação com os seres de além-túmulo.

“Admirado, confesso, do que se passava diante de meus olhos, e suspeitando que o demônio fosse o agente daqueles fenômenos, tomei o meu crucifixo e, apresentando-o à lúcida, exorcizei-o em nome de Jesus.

“Veja, porém, o que fez a sonâmbula:

“Em vez de repelir a imagem de Jesus Cristo, segurou com ambas as mãos o crucifixo, levou-o com respeito aos lábios, beijou-o e adorou-o para maior edificação minha e da mãe.

“Estes meios, por mim empregados para saber se o Espírito mau tinha alguma influência no sonambulismo, foram também empregados por pessoas piedosas, com o mesmo fim, sem que contudo obtivessem resultados diferentes dos meus.

“Aos fatos que acabo de citar em favor da não intervenção do demônio, novos fatos de outro gênero se reúnem, confirmando de alguma sorte os primeiros.

“Um dos mestres da eloquência sagrada, o Revd. padre Lacordaire²⁷⁴, ocupou-se do sonambulismo em dezembro de 1846. Em vez de taxá-lo de satânico, como o fez o Sr. de Mirville²⁷⁵, disse

274 (Nota do Organizador) Henri Lacordaire, ou Jean-Baptiste-Henri Dominique Lacordaire, foi um religioso dominicano, nascido a 2 de maio 1802 em Recey-sur-Ource, e falecido a 21 de novembro 1861 em Sorèze, ambas cidades francesas. Ele é citado por Kardec na edição da *Revista Espírita* de Fevereiro de 1867, com a reprodução de uma carta sua, quando encarnado, reconhecendo a veracidade das mesas girantes como manifestação dos Espíritos. Há diversas mensagens suas também em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, já como desencarnado. (Fontes: *Wikipedia* e *Revista Espírita*, Ed. FEB)

275 (Nota do Organizador) Jules Eudes de Catteville de Mirville, Marquês de Mirville, nasceu em 24 de abril de 1802 no Château de Filières em Gommerville, França, e morreu lá em 11 de setembro de 1873. Escritor erudito, iluminista e médium, é autor de inúmeras obras sobre Espiritismo. Kardec faz uma avaliação respeitosa sobre estas últimas no seu *Catálogo Racional das Obras para se fundar uma Biblioteca Espírita*: “O Sr. De Mirville foi um dos primeiros a afirmar e a provar a existência dos Espíritos e de suas manifestações. Sua primeira obra, a das *Manifestações Fluídicas*, precedeu o *Livro dos Espíritos* e contribuiu poderosamente para a propagação da ideia, abrindo caminho à Doutrina que deveria eclodir mais tarde. É, pois, injustamente que certas pessoas consideram o autor como um antagonista. Ele se opôs à doutrina filosófica do Espiritismo, no sentido de que, conforme a opinião da Igreja Católica, via esse fenômeno como obra exclusiva do demônio. Salvo esta conclusão, suas obras, principalmente a primeira, são ricas em fatos espontâneos muito instrutivos, apoiados em provas autênticas”. (Fontes: *Wikipedia* e *Catálogo Racional das Obras para*

o erudito dominicano, do alto da tribuna da verdade, na igreja de Nossa Senhora de Paris, que ele pertencia à ordem profética e era um preparação divina para abater o orgulho do materialismo.

“Sabe-se que esta linguagem, descida, do alto da tribuna sagrada, mereceu pública aprovação do Monsenhor Affre²⁷⁶, chefe da Unidade Católica da Diocese de Paris, o qual, dirigindo-se aos fiéis, disse-lhes: “Meus irmãos, é Deus quem fala pela boca do ilustre dominicano”.

Fiquemos, por hoje, aqui, para fazermos atento estudo dos conceitos emitidos pelo ilustrado e virtuoso sacerdote.

Dizemos ilustrado e virtuoso, porque, neste conceito foi sempre tido o abade Almignana.

Esse virtuoso varão, mesmo por ser virtuoso e sacerdote, parece que deveria repelir *in limine*²⁷⁷ o estudo dos fatos produzidos pelo sonambulismo, que é o meio essencial das manifestações dos Espíritos.

Entretanto, apesar de suas condições especiais – apesar da Igreja romana anatematizar o Espiritismo ou sonambulismo, não recuou ante aqueles fatos; e, pelo contrário, julgou dever, em consciência, examiná-los profundamente para certificar-se de sua natureza diabólica ou não.

O primeiro que observou, e que acima deixamos transcrito, deu-lhe a convicção de nada ter o demônio com semelhantes efeitos.

Certificou-se disso empregando os meios prescritos pela Igreja, empregados pelos Apóstolos e por S. Paulo, para destruir toda a influência diabólica – e, não querendo confiar em si, levou suas observações ao Arcebispo de Paris e ao Papa, que, diz ele, “não desaprovaram”.

Não desaprovaram, pois, que um sacerdote católico romano estudasse o Espiritismo ou, pelo menos, os fenômenos espíritas

se fundar uma Biblioteca Espírita, de Allan Kardec, 1869, ed. virtual).

276 (Nota do Organizador) Denys Auguste Affre (Saint-Rome-de-Tarn, no departamento de Aveyron, 27 de setembro de 1793 – Paris, 27 de junho de 1848) foi o 126º Arcebispo de Paris. (Fonte: *Wikipedia*)

277 (Nota do Organizador) No princípio; desde logo. Locução latina que significa “no limiar”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

– e não desaprovaram as conclusões daquele sacerdote: de nada influir o demônio sobre os *médiuns* sonambúlicos.

O fato citado, primeiro observado pelo autor, que temos em mão, prova com efeito que a menina *médium*, longe de repelir o crucifixo, como faria necessariamente se estivesse com o demônio, tomou-o, beijou-o e adorou-o.

De duas uma: ou o demônio tem mais poder que a Igreja, pois que zomba de suas armas, – ou realmente os *médiuns* não são possessos do demônio, e a Igreja *non laudatur*²⁷⁸ anatematizando-os.

Lacordaire sustenta aquela opinião de Almignana, dizendo: que o sonambulismo é um *meio divino* de abater o orgulho do materialismo.

Como abater o materialismo? Simplesmente para fazer uma pessoa cair em sono? Seria uma tolice inconciliável com aquela brilhante inteligência.

O sonambulismo abate o materialismo, porque torna palpável a existência dos Espíritos, que se comunicam pelos *médiuns* sonambúlicos.

É isto – e não pode ser outro o sentido das palavras do grande orador sagrado, por cuja boca falou Deus, como disse o monsenhor Affre, chefe da Unidade Católica da Diocese de Paris.

Já veem, pois, reverendos do *Apóstolo* que os espíritas não somos ovelhas do rebanho de Satanás, cuja influência não inquieta nossos meios medianímicos de conversas com os Espíritos.

Deixai correr o tempo – imitai ao abade Almignana em querer ver, observar, experimentar por si mesmo, armado sempre da fé e do símbolo sagrado da redenção – e os fariseus de hoje, que clamam: *crucifige, crucifige*, serão, – amanhã, os verdadeiros discípulos do Crucificado.

Roma, Roma, foge enquanto é tempo ao lastimoso destino de Jerusalém, que cerrou orgulhosamente os olhos à nova luz descida do Céu, por graça e misericórdia do Senhor.

278 (Nota do Organizador) “Laudatur” é expressão latina que se traduz por “alguém ou algo elogiado”. No meio acadêmico representa a nota mais alta possível, algo digno de especial reconhecimento. Dr. Bezerra serve-se da expressão em sentido figurado e no negativo – *non laudatur* – trazendo-nos a ideia de algo ou alguém reprovado em seu comportamento. (Fonte: Wiktionary)

Roma, Roma, o Espiritismo é a Revelação complementar da
Messiânica, – e ai de ti se não lhe abrires tuas portas fazendo
penitência.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 22-03-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/13858

Artigo CDXXXIV

Gazeta de Notícias, 07-04-1896

Ainda uma dose contra a monomania demoníaca ou demonomania do clero católico, em geral, e dos padres do *Apóstolo*, em particular.

Ainda alguns trechos da obra do ilustrado e virtuoso abade Almignana.

“Certa pessoa muito piedosa, achando-se abandonada pela Medicina oficial, num estado desesperador, foi magnetizada pelo pai, e caiu em completo sonambulismo.

“Num dos seus primeiros sonos, disse ela que via uma pessoa que, pelos sinais que deu, parecia ser sua avó, falecida alguns anos antes de seu nascimento.

“Mediante os conselhos que em seus sonos magnéticos lhe dava a dita sua avó, a doente conseguiu curar-se.

“Porque me parecesse digno de consideração este fato, que devia interessar à ciência tanto como à religião, publiquei-o em o n.º 19 do *Magnetismo Espiritual*²⁷⁹, fazendo ao mesmo tempo um apelo a todos quantos, por seus conhecimentos, estivessem na condição de poder explicá-lo.

“Entre as pessoas a quem dirigi o meu apelo figuravam teólogos, aos quais, falando da pessoa aparecida, dizia eu: não será o demônio, que, tomando um corpo fantástico, apresentou-se e, re-

279 *Le Magnétiseur Spiritualiste*, jornal redigido pelos membros da Sociedade de Magnetizadores Espiritualistas de Paris, dirigido por Louis Alphonse Cahagnet, entre 1849 e 1852. (Fonte: *Autores Espíritos Clássicos*). Para saber mais sobre Cahagnet, sugerimos o site da Federação Espírita do Paraná / Biografias: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=450>.

vestido com o da avó da Sra. xx., e aparecendo-lhe assim, curou-a de uma moléstia por ele próprio produzida?

“Alguns exemplares do número do referido jornal foram enviados ao Sumo Pontífice²⁸⁰, por intermédio do Núncio Apostólico de Paris; ao Monsenhor Arcebispo de Paris, à Faculdade de Teologia de Sorbonne, aos K.K.P.P. jesuítas da rua dos Postes²⁸¹, ao K. P. Lacordaire²⁸² e ao Consistório Calvinista de Paris, rogando-lhes eu que esclarecessem a respeito de um fato tão grave.

“Pois bem, até hoje, que são já decorridos três anos, nenhum destes importantes personagens se dignou dizer-me que o fenômeno para o qual lhes chamei a atenção fosse obra do demônio; o que prova que, na opinião deles, o demônio era estranho ao fenômeno, porque, se assim não fosse, não teriam deixado de m’o advertir, ainda que fosse somente no interesse da religião e por caridade para comigo.

“Interrogai ao Monsenhor Sibour²⁸³ sobre o sonambulismo – e sua grandeza responder-vos-á que as ideias emitidas pelos sonâmbulos não são senão o reflexo dos de seus magnetizadores, sem dizer-vos uma única palavra acerca do demônio”.

Paremos neste ponto – e reflitamos.

A sonâmbula ou médium sonambúlica, desenganada pela Medicina oficial, cura-se com os remédios indicados por um Espírito.

Aos milhares temos aqui, na nossa terra, curas feitas pelos Espíritos, por médiuns, chamados receiptistas. O fato, pois, tem-se generalizado.

Serão, porém, esses Espíritos, como pensa Mirville – e com ele o clero católico, manifestações diabólicas?

280 (Nota do Organizador) Provavelmente Pio IX, Papa entre 1846 e 1878. (Fonte: *Wikipedia*)

281 (Nota do Organizador) Houve um colégio jesuíta na atual rua Lhomond, antiga Rua dos Postes, chamado Liceu de Sainte-Geneviève, fundado em 1854. (Fonte: *Wikipedia*).

282 (Nota do Organizador) Esta pesquisa não localizou, infelizmente, o significado desses acrônimos mencionados no texto do Abade Almignana. Lacordaire é citado muitas vezes com o título de RP - Reverendíssimo Padre / Révérend Père - o que talvez explique o “P” do acrônimo KP, mas ainda falta entendê-lo por completo e precisamente. “K.K.P.P.” parece ser o plural de K.P.

283 (Nota do Organizador) Monsenhor Marie-Dominique-Auguste-Sibour, Arcebispo de Paris, nascido em 1792, em Saint-Paul-Trois-Châteaux (Drôme) e falecido em 1857, assassinado. (Fonte: *Wikipedia*)

Se efetivamente existe o demônio, *rival* de Deus, ao seu rebanho pertencem aqueles – que lhe atribuem obras de caridade, como é curar aos doentes, não um ou outro, porém milhares e dezenas de milhares.

Nós sempre ouvimos dizer que o demônio repudia todo o bem: e pois, se estes fatos são obra sua – se ele espalha a caridade, curando os enfermos, caluniam-no os que o chamam Espírito do mal.

A cegueira, porém, é tal – tal o fanatismo, que para combaterem as manifestações dos Espíritos, chegam a atribuir aos que chamam eterno inimigo do bem todo o bem que é feito pelos habitantes do mundo invisível!

Antes reconhecer que o demônio é caridoso – exercita a virtude mais seleta aos olhos de Deus, do que admitir que os mortos podem comunicar com os vivos!!

*E pur si muove*²⁸⁴.

E queiram ou não queiram, a verdade é que o mundo invisível está em relação imediata e constante com o mundo visível – e que o mundo invisível é povoado pelos Espíritos dos que morrem no mundo visível.

A lei de Deus é lei de Deus – e o Senhor não precisa da licença dos sábios e dos *infallíveis* para que sua obra seja como a talhou.

Roma coagiu Galileu a retratar-se, ante as fogueiras acesas, firmada nas sagradas letras, que não soube interpretar em espírito e verdade; mas a verdade era contra a *infallível*.

Pois bem; Roma anatematiza o Espiritismo, que revela a comunicação dos Espíritos, firmada ainda nas sagradas letras, que mais uma vez [não] sabe²⁸⁵ interpretar; mas o desastre é certo – novo desastre para sua *infallibilidade*.

Não é um profano, é um virtuoso sacerdote quem tenta rasgar o véu do Templo, para fazer a luz aos obcecados – e o próprio Papa, diante do fato por ele atestado, não querendo confessar a verdade, mas podendo contestá-la, cala-se.

284 (Nota do Organizador) Locução italiana pronunciada por Galileu, depois de haver sido obrigado pelo Santo Ofício a abjurar a pretendida heresia de que a Terra se movia, no espaço, sobre si mesma. Traduz-se por “e, contudo, ela move-se”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

285 (Nota do Organizador) Houve um lapso aqui no texto original, com a falta deste “não”, que decidimos corrigir, para melhor compreensão de seu sentido.

Será a seu exemplo que os ilustres padres do *Apóstolo* deixam passar, sem contradita, as nossas demoníacas demonstrações?

No fato observado e atestado por Almignana, há muito especialmente a notar a circunstância de não ter o médium conhecido uma avó (o Espírito que se lhe manifestou), mas tê-la assinalado tão bem, que fê-la reconhecer pelos que a conheceram em vida.

Ora, quem tem o cérebro varrido de teias de aranha, não descobre o interesse que pudesse ter o demônio em tomar a figura da avó da doente.

Para enganar, a fim de passar por um amigo?

Por amigo passaria, desde que veio medicar e curou a doente, qualquer que fosse a figura que tomasse.

E, entre nós, qual o fim que pode ter, curando em massa aos enfermos pobres, em nome da *caridade cristã*?

Enfim, dessas coisas de Igreja e de religião, dizem os padres que só eles podem falar, porque Deus só com eles se entende; mas nós sempre dir-lhes-emos: que Deus também nos deu a razão – e que, pela nossa, julgamos bem difícil a posição dos reverendos diante das observações e conceitos de Almignana, tão reverendo como eles.

E esperem que a mina ainda não está esgotada.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 07-04-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/13946

Artigo CDXXXV

Gazeta de Notícias, 12-04-1896

Releve o *Apóstolo* a nossa impertinência de querermos à fina força curá-lo da demomania.

Já lhe demos as experiências do sábio e virtuoso Almignana, sobre as manifestações por médiuns sonambúlicos²⁸⁶. Passaremos, agora, às que o ilustre padre doutor fez sobre as que se dão pelas mesas giratórias e falantes. Ouçamo-lo:

“Tenho feito grande número de experiências com as mesas, em companhia de leigos piedosos e de eclesiásticos, pessoas devotas e circunspectas e até de um venerável bispo, e sempre com a maior seriedade.

“Querendo saber, no interesse da religião e das nossas almas, se com efeito era o demônio que comunicava movimento e linguagem às mesas, empregamos, à exceção do exorcismo, todos os meios que a doutrina católica nos oferece para expulsar o demônio – e não podemos alcançar resultado algum naquele sentido.

“De fato, nem a prece, nem os sagrados nomes de Deus e de Jesus, nem o sinal da cruz feito sobre a mesa, nem o crucifixo, nem o rosário, nem os Evangelhos, nem a Imitação de Jesus Cristo, postos em cima da mesa, nem a água benta, puderam obstar que girassem, batessem e respondessem às nossas perguntas.

“Pelo contrário, temos visto muitas vezes a mesa inclinar-se diante da imagem do crucificado.

286 (Nota do Organizador) Vide artigos anteriores.

“Acrescento mais: n’uma experiência que fiz com o mencionado bispo, foi este quem fez o sinal da cruz sobre o velador, sem que, apesar disso, interrompesse o movelzinho seus movimentos.

Em seguida perguntou S. Ex. Revd. ao velador se amava a cruz, e, como este respondesse pela afirmativa, não foi sem grande surpresa que S. Ex. Revd. viu inclinar-se o velador diante de sua cruz pastoral e falar-lhe da vida futura com ortodoxia.

“Se, depois do que acabo de expor, fosse necessário raciocinar de conformidade com a pneumatologia do Sr. de Mirville, eis qual devia ser o raciocínio:

“A doutrina católica, no tocante às obsessões diabólicas, dá à prece, aos santos nomes de Deus e de Jesus, ao sinal da cruz, à água benta, aos exorcismos, a virtude de expulsar os demônios dos possessos. Ora, a prece, os nomes sagrados de Deus e de Jesus, o sinal da cruz etc., não têm conseguido expulsar o demônio dos sonâmbulos, nem das mesas que, na opinião do Sr. de Mirville, são verdadeiros possessos; logo, a doutrina católica, quando confere à prece, aos santos nomes de Deus e de Jesus etc. a virtude de expulsar o demônio, está em erro – logo a Escritura, os SS. PP.²⁸⁷ e a Igreja, autoridades em que se firma a doutrina católica acerca das obsessões e da maneira de livrar os possessos do demônio, estão em erro.

“Mas qual será o verdadeiro católico que sustente semelhante linguagem?

“Não faltará quem objete que, se os meios que a doutrina católica oferece, para expulsar o demônio, nem sempre surtem efeito, é isso devido à falta de fé dos que os empregam.

“A esses responderei que os pagãos não primavam por sua fé e, no entanto, Orígenes diz que o nome de Deus proferido por eles expulsa os demônios.

“Há um grande número de pessoas, entre as quais eclesiásticos e leigos que não se arredam dos sacramentos, que comigo fizeram experiências; oraram e invocaram os santos nomes de Deus e de Jesus, etc. Seria razoável admitir que no meio delas não houvesse uma ao menos que tivesse tanta fé como um pagão? Não posso crer.

“Pois que! o amável bispo, que comigo fez experiências e que durante quarenta anos sacrificou-se pela propaganda da verdade, em remotas paragens, não teria tanta fé como um pagão,

287 (Nota do Organizador) Santíssimos Padres, os Papas.

para expulsar o demônio com o nome de Deus? Afirmá-lo seria insultar a obra santa da propagação da fé, na pessoa de um dos melhores apóstolos”.

Ainda isto não é tudo.

“S. João nos ensina a conhecer se um Espírito é ou não de Deus.

“Meus muito amados, diz na Ep. 1^a, cap. IX, eis como conhecereis quando um Espírito é de Deus: todo o Espírito que confessa que Jesus veio em carne é de Deus, e todo o que não confessa, não é de Deus.

“Instruído por S. João e desejando conhecer a natureza dos Espíritos ou forças que atuam na rotação e na linguagem das mesas, servi-me também do meio indicado.

“Com este fim, estando minha mesinha em movimento, dirigi-lhe a seguinte pergunta:

– Confessais que Jesus veio em carne?

– Sim, respondeu.

“A mesma resposta à pergunta feita por diversas vezes.

“Depois destas experiências, poderei conscientemente crer na intervenção do demônio nas mesas giratórias e falantes, sem reconhecer como errôneo o ensino de S. João?”

Graças a Deus é um padre, assistido por um bispo, ambos venerandos e ambos firmados nas Escrituras, nos SS. PP. e na Igreja e em S. João, quem varre do campo do Espiritismo a influência do demônio, rival de Deus, segundo a Igreja.

Ou tudo o que ensinam estes luzeiros da verdade, para expulsar o demônio, é pura e provada falsidade – ou o tal demônio tem poder para desbaratar as hostes divinas – ou as comunicações espíritas, pelos médiuns e pelas mesas não são obra de tremebunda²⁸⁸ potência.

Isto é tão rigoroso como dizer-se: – não há efeito sem causa.

Escolha, pois, o Apóstolo, entre as três hipóteses, a que lhe parecer mais racional e mais conforme com o critério da verdade absoluta.

Ou é falso o ensino sagrado – ou Satanás pode mais do que os que agem em nome do Senhor – ou as comunicações espíritas não são as coisas do demônio!

288 (Nota do Organizador) Que faz tremer, assustador, terrível. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

E notem bem os padres do *Apóstolo*: não são *possessos*²⁸⁹ que fizeram as *experiências*, de que resulta o claro dilema: foram padres – virtuosos ministros do altar do Deus Vivo.

E notem mais que nem o Arcebispo de Paris nem o Santo Padre condenaram as experiências e dedicações do respeitável abade Almignana.

Deus se compadeça dos pobres cegos d'alma.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 12-04-1896

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/13977

289 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “promessas”, o que nos pareceu um pouco sem sentido em relação ao conjunto do parágrafo, talvez fruto do algum erro tipográfico. Decidimos fazer um pequeno ajuste, substituindo por “possessos”, mais consentâneo com o propósito do texto.

Artigo CDXXXVI

Gazeta de Notícias, 19-04-1896

Antes de prosseguirmos com a apreciação dos luminosos estudos do venerando Almignana, resfoleguemos²⁹⁰ um pouco, pensando numa situação por ele feita.

S. João, águia de Patmos, o discípulo que teve a suprema ventura de reclinar a cabeça no seio da suprema verdade, ensinando o meio de reconhecermos se um Espírito é ou não de Deus, firma clara, positiva e categoricamente o princípio da comunicação dos vivos com os chamados mortos.

Com efeito, como fazemos-lhes perguntas, se não estivermos em comunicação com eles?

E S. João ensina a pergunta que lhes devemos fazer.

Quererá João falar de anjos e de demônios, chamando os primeiros Espíritos de Deus e os segundos Espíritos que não são de Deus?

Em primeiro lugar, se este fosse seu pensamento, por que não dizer claramente – anjos e demônios, em vez de envolvê-lo no manto da obscuridade, dizendo: Espíritos que são de Deus e Espíritos que não são de Deus, isto é, Espíritos bons e Espíritos maus?

Tão preciso na indicação dos meios de conhecer os Espíritos bons e maus – e tão sibilino²⁹¹ na designação desses Espíritos!

290 (Nota do Organizador) Recuperar o fôlego; descansar, repousar. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

291 (Nota do Organizador) Relativo às sibilas, mulheres às quais atribuía-se, na antiguidade, o dom da profecia, ou a mediunidade. No sentido figurado, remete-nos a algo difícil de compreender, obscuro. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Em segundo lugar, desde quando teve o homem a faculdade de submeter um anjo a rigoroso inquérito, quando inúmeros exemplos nos dão as escrituras de que os anjos se fazem conhecer à simples vista pela majestade e santidade que transluzem de suas faces?

Nós usamos aqui da linguagem bíblica, que não são da espírita, que é muito outra em relação aos anjos.

Leia-se o livro de ouro da humanidade – e reconhecer-se-á: que todos os patriarcas que mereceram a visita dos anjos, não precisaram dos meios ensinados por João para saberem com quem tratavam.

E, pois, o ensino do discípulo amado seria ocioso, se se referisse aos anjos.

Zacarias vacilou: mas sua vacilação não foi quanto à natureza do enviado do Senhor, sim quanto ao que ele lhe anunciava.

Foi o caso da Santa Virgem, que se posternou ante Gabriel, de perguntar-lhe: como seria o que lhe ele anunciou.

Não, há, pois, exemplo de ser jamais necessário o meio aconselhado por João, para o caso da manifestação de um anjo. Logo, tal meio não foi ensinado para o reconhecimento de anjos, mas sim de simples Espíritos humanos.

Releva notar que, a par das manifestações dos anjos, a Bíblia refere-nos fatos de manifestações de Espíritos humanos, como o de Samuel, evocado por Saul.

E, tanto eram conhecidas estas últimas manifestações, que Moisés proibiu a evocação dos mortos, de que os hebreus abusavam.

Se, pois, há manifestação de anjos e de Espíritos humanos, segundo a Bíblia – e S. João fala de Espíritos, que não de anjos, por que atribuir-lhe o pensamento de referir-se ao de que não fala, em vez de referir-se ao de que fala claramente?

Em terceiro lugar, se fosse do demônio que ele falou, seria curial²⁹² atribuir àquele altíssimo espírito o ensino de entrarmos em conversa com o inimigo eterno do gênero humano?

E poderia supor João que fosse preciso inquirir o demônio para se o reconhecer, quando suas falas o denunciariam, pela regra de que árvore ruim não produz bom fruto?

292 (Nota do Organizador) No sentido figurado, próprio, conveniente, (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Dir-se-á que o mesmo dar-se-á com o Espírito humano que for mau.

Não há tal, porquanto, o Espírito humano que for mau, terá, por obra da eterna justiça, sua razão obscurecida, ao passo que o anjo do mal, segundo a Igreja possui e emprega poder e saber quase infinitos.

A este, o meio ensinado por João não embarçaria, porque ele nos deslumbraria até com sua resposta; àquele, porém, sua própria perturbação intelectual fá-lo-ia confessar, e porventura até com alarde, seu desprezo por Jesus.

Os dois podem ser comparáveis perfeitamente a dois criminosos, dos quais um é sumamente inteligente e ilustrado e o outro é um pobre beócio.

Ambos querem enganar à justiça; mas, ao passo que o primeiro ilude habilmente às questões, o segundo deixa-se facilmente apanhar.

Não, caríssimos padres do *Apóstolo*, o ensino de João seria uma imbecilidade se se referisse aos anjos e aos demônios; é, porém, sábio e profícuo referindo-se aos Espíritos humanos.

E, se João nos ensina a distinguir os bons dos maus Espíritos, por meio de um questionário, é que esses Espíritos (Espíritos dos mortos) podem comunicar conosco (com os vivos).

Não é, portanto, o demônio, como pensais e ensinais, quem vem a falar-nos pelos *médiuns* ou pela mesas, como verificou Almignana; mas Espíritos dos que viveram na Terra, como nos diz S. João Evangelista, pelo ensino que nos legou, para distinguir-mos os bons dos maus.

Tudo progride, ilustres amigos; e não há de ser a religião, a ciência das verdades eternas, uma exceção à lei universal, posta por Deus.

A revelação de novas²⁹³ verdades, mesmo no seio da verdadeira religião, de séculos em séculos, prova que aquela lei sublime não tem *uma* exceção.

Jesus fez mais ampla Revelação que a de Moisés; Jesus amplia hoje sua própria Revelação, como prometeu (Evang. de S. João).

293 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra *nossas*, que deixaria o parágrafo sem sentido. Decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material, tipográfico.

Enquanto Moisés recebia a Lei, o povo erigiu em seu Deus o bezerro de ouro; enquanto Jesus ensinava o caminho da salvação, o sacerdócio o condenava à morte afrontosa; enquanto o mesmo Senhor dota o mundo de mais doces e auspiciosas verdades, a Igreja romana condena-o pela segunda vez. Ai de ti, Roma! Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 19-04-1896
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14022

Artigo CDXXXVII

Gazeta de Notícias, 27-04-1896

Já estava na tipografia o nosso passado artigo, quando chegou-nos ao conhecimento o fato lamentável do passamento do ilustrado e virtuoso padre Loreto²⁹⁴, um dos redatores do *Apóstolo*.

Diante da terra que abre seus seios para receber o invólucro mortal do homem, não há coração endurecido que não verta uma lágrima de pesar, principalmente se aqueles restos foram o cofre de barro onde a mão da misericordiosa Providência de um Deus de amor e de justiça depositou uma alma bem formada – pedra preciosa, que veio polir-se, no crisol dos sofrimentos mundanos, para brilhar como clara estrela, no firmamento do mundo dos Espíritos.

Não tivemos a ventura de entreter com o padre Loreto relações pessoais, senão unicamente as de antagonistas quanto às modalidades de uma fé comum; mas pelo que dele sabemos e por experiência conhecemos, corre-nos o dever de confessar: que a doutrina romana perdeu naquele vulto simpático um crente fervoroso e um campeão denodado.

294 (Nota do Organizador) José Alves Martins do Loreto (1845-1896) e João Scailigero Augusto Maravalho (1844-1905), o primeiro baiano, o segundo, cearense, foram redatores e proprietários do jornal *O Apóstolo*, órgão de divulgação do Catolicismo, tão frequentemente citado por Dr. Bezerra em seus artigos e com quem polemizou sobre a Doutrina Espírita ao longo de muitos anos. Loreto aparece na foto que registrou a missão campal celebrada em ação de graças pela Abolição da Escravatura, a 17-05-1888. Vide: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=8222>

Nós e ele fomos cruzados de uma causa santa: a regeneração da humanidade pelo Evangelho; mas infelizmente ele não reconheceu a Nova Revelação, que dá a luz para compreender o ensino messiânico em espírito e verdade – e nós tivemos de cruzar nossas armas com as dele, sem que diminuísse por isto o respeito que sempre consagramos ao seu distinto caráter e à sua inquebrantável firmeza de convicção.

Não somos nós que temos de julgá-lo sob o ponto de vista de suas crenças; e, pois, qual a razão por que havíamos de condená-lo, por ser diverso de nós?

Deus e só Deus, por seu sacratíssimo filho Jesus, a quem deu todo poder sobre a Terra, é o que julga-lo-á; e, se os bons desejos e humildes preces de um pobre pecador lhe puderem servir, em bem da remissão de suas faltas, com o coração cheio de amor depomos, neste momento, no seio da puríssima Misericórdia, ardentes votos para que se erga nas iluminuras do mundo espiritual o que caiu combatendo por sua fé, sob o lábaro bendito da cruz da Redenção.

Uma esperança nos alenta – e é que, embora tenha ele repellido a nova e mais intensa luz, enviada ao mundo pelo Cordeiro de Deus, não o fez por capricho, senão por escrúpulo – escrúpulo de não incorrer no estigma do Pai, abrindo os olhos d'alma a filtros²⁹⁵ inimigos.

E, neste caso, que é o de todos os católicos sinceros, se o brilhante não vai polido de refletir todas as cores do íris, vai, ao menos, despido do cascalho a que suas virtudes cristãs o arrancaram.

Esta esperança nutrimos por ele e por todos os que acabam na vida material, abraçados com a cruz, embora não recolhendo toda a luz que dela irradia, progressivamente íntima.

Crer em Deus já é suma felicidade – e pregar ao mundo a divina missão do Cristo a maior glória que pode conquistar o homem na Terra.

Loreto teve aquela felicidade e esta glória.

Hoje, despídos os andrajos de peregrino da expiação, rasgar-se-á aos olhos de sua alma o véu do templo – a verdade lhe aparecerá em sua nitidez.

Hoje, esclarecido pela luz de sua fé, que foi na Terra fervorosa, reconhecerá que Roma, como Jerusalém, repele o ensino

295 (Nota do Organizador) Parece-nos que Dr. Bezerra se serviu aqui da palavra filtro no sentido figurado, no sentido de critério, modo de ver.

do Céu, firmadas ambas no falso princípio de que a verdadeira religião é imutável.

Reconhecerá que a religião é, com efeito, imutável, quanto aos princípios divinos, que têm sido dados ao mundo; mas não o é na interpretação dada a tais princípios pelos homens.

Reconhecerá que tanto é absolutamente assim, que, sendo a base da verdadeira religião o amor de Deus e o amor do próximo, Roma já viu por outro prisma, a favor da mais intensa luz, aquele sagrado mandamento, que encerra *toda a lei e os profetas*, muito diverso de Jerusalém, que, por cerrar os olhos à nova luz, foi condenada às trevas, até que abrisse os olhos.

Reconhecerá, finalmente, que o Espiritismo não é obra de homens, como diz Roma – e como do ensino de Jesus disse Jerusalém; mas que é mais amplo e sempre amoroso olhar de Jesus, difundindo mais vibrante luz sobre a Terra, a fim de que compreendam os homens, em espírito e verdade, o que Roma só tem compreendido segundo a letra, apesar de compreender, mesmo assim mais, muito mais que Jerusalém.

E, sendo dados à vista os quadros da progressão indefinida dos Espíritos para a perfeição e da progressividade correlativa da Revelação Divina, colherá, em sua alma, uma ideia mais perfeita, mais pura, mais santa, mais excelsa da justiça e do amor, que prendem o Criador à criatura.

E, apreciando por este lado a Revelação Espírita, descerá a verificar nela a exatidão do conceito divino: “pelo fruto conheceis a árvore”.

Não pode parecer-lhe mais obra do demônio uma doutrina que ensina a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

E não tardará a vir ao nosso seio – ao seio de seus irmãos espíritas – confessar a verdade e ajudá-los a pugnar por ela.

Que o manto da Suprema Misericórdia o cubra e que a puríssima luz do divino Jesus o esclareça.

A seus companheiros de trabalhos, especialmente ao respeitável Scaligero, nossos sentidos pêsames.

De suas fileiras desapareceu uma luz; outra virá substituí-la – e nós, feita a continência ao morto, continuaremos a faina de combater os erros dos vivos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 27-04-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14066

Artigo CDXXXVIII

Gazeta de Notícias, 03-05-1896

Já que interrompemos a série de nossos estudos sobre o livro de Almignana, primeiro, para atendermos ao que disse São João sobre os Espíritos que são ou não de Deus, em suas comunicações com os vivos, e segundo, para darmos fraternal expansão ao sentimento que nos punge pelo desaparecimento da liça de um dos nossos mais valentes contendores; aproveitemos esse destrilho para atendermos ao que disse outro venerando Apóstolo, S. Paulo, a quem a Igreja romana glorifica por palavras, mas não por obras, visto que não aceita os de S. João, sobre a comunicação dos Espíritos.

S. Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios²⁹⁶, ensina que o homem tem *dois* corpos: um animal, pelo qual a alma se põe em relação com o mundo material; outro espiritual, fluídico, incorruptível, pelo qual a alma se põe em relação com seu próprio corpo.

É precisamente o que ensina o Espiritismo, que designa o corpo fluídico ou espiritual pelo nome de “perispírito”²⁹⁷.

296 (Nota do Organizador) Vide *1 Coríntios*, 15: 40-45: “E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres. Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela. Assim também a ressurreição dentre os mortos. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção”.

297 (Nota do Organizador) Vide *O Livro dos Espíritos*, Q. 93 a 95.

O perispírito é aquele corpo fluídico que Moisés chamou “corpo de todas as vidas da alma”, e é este corpo “espiritual” de que fala S. Paulo.

É o invólucro do Espírito, que o põe em relação com o corpo, durante a vida carnal – e é durante a vida espiritual ou do Espírito fora do corpo, quem lhe dá a forma deste, porque o Espírito, em sua essência, não tem forma, ao menos em relação aos órgãos da visão humana, mesmo para os videntes.

O perispírito é semiespiritual e semimaterial²⁹⁸; um fluido essencializado, que chega quase a confundir-se com o que chamaremos substância espiritual; mas que, ainda assim, tem um toque sutilíssimo da substância material, como seria, grosseiramente comparando, o aroma da flor em relação à substância da mesma flor.

Tendo algo de material, ele pode receber do corpo as impressões – e tendo algo de espiritual, pode, por igual razão, transmiti-las à alma.

A matéria radiante²⁹⁹, descoberta por Crookes e aceita pela ciência hodierna, aproxima-se, porventura, da substância perispírita – e, em todo caso, dá luz para compreender-se essa substância infinitamente eterizada – dinamizada – essencializada até à mais alta sublimação.

298 (Nota do Organizador) Vide *Os Quatro Evangelhos*, Tomo I, item 14, parágrafo 44, Ed. Ibbis, Brasília, 2022).

299 (Nota do Organizador) A teoria do quarto estado da matéria, ou matéria radiante, de William Crookes (1832-1919), grande físico e químico britânico, famoso igualmente por seus estudos dos fenômenos espíritas, amplamente citado em outros volumes desta coleção, chegou a ser contestada, depois de sua publicação, a 22 de agosto de 1879, mas acabou se confirmando, embora revista e aperfeiçoada, nos estudos do plasma, conforme histórico publicado no site “Scholarly Community Encyclopedia”, do qual extraímos alguns trechos, com tradução Google: “O plasma foi identificado pela primeira vez em laboratório por Sir William Crookes. Crookes apresentou uma palestra sobre o que chamou de “matéria radiante” na Associação Britânica para o Avanço da Ciência, em Sheffield, na sexta-feira, 22 de agosto de 1879. Os estudos sistemáticos do plasma começaram com a pesquisa de Irving Langmuir e seus colegas na década de 1920. Langmuir também introduziu o termo “plasma” como uma descrição de gás ionizado em 1928. [...] O plasma é chamado de quarto estado da matéria depois do sólido, líquido e gasoso. É um estado da matéria em que uma substância ionizada se torna altamente condutora elétrica a ponto de campos elétricos e magnéticos de longo alcance dominarem seu comportamento”. (Para ler o artigo completo, acesse <https://encyclopedia.pub/entry/36613>).

Na vida de relação, a função do perispírito ou corpo espiritual é pôr a alma em relação com o corpo, um instrumento para a manifestação de todas as suas faculdades – essas que o homem perde temporariamente quando dorme ou quando está anestesiado; isto é, quando o corpo não está sob a ação direta e natural do Espírito ou alma, exercitando apenas as funções vegetativas, que são funções de sua matéria vitalizada.

Se o sábio estudasse o homem atenta e conscienciosamente, no estado de sono e no de vigília, distinguiria, no turbilhão das funções humanas, quais são as essenciais ao corpo e quais as essenciais à alma, isto é, reconheceria que umas, por acompanharem o corpo em todos os seus estados, não podem ser atribuídas senão ao organismo vitalizado – e que outras, desaparecendo durante certos estados do corpo, não lhe podem ser atribuídas como essencialmente suas.

Dormem, dizem – ficam inertes durante aqueles estados.

Que não se dirá quando se quer sustentar uma ideia fixa? Mas não se quer palavra – quer-se observação sem preconceitos.

Dormem; porém por que não dormem as funções da vida vegetativa, que precisam da atividade de todos os aparelhos orgânicos, inclusive do aparelho nervoso, e principalmente deste?

Meditem e reconhecerão que alguém, que é o senhor dessas funções que curam com o sono e com a anestesia, não está aí com o corpo, nesses estados, e por isto é que tais funções não se manifestam em tais estados.

Não está aí com o corpo nesses estados, integralmente, porque se desprende dele, sem, contudo, deixá-lo em absoluto, porque lhe fica preso por um tênue cordão perispiritual, que não dá, entretanto, para funcionar.

Meditem e reconhecerão, pelo sono e pela anestesia, como pelo sonambulismo e pelo hipnotismo, a existência da alma, que é a essência humana, não sendo o corpo senão um instrumento vivo.

O perispírito, pois, é que recebe do cérebro, condensador das impressões, todos os abalos que neste se produzem por movimentos externos e os transmite à alma que, à vista deles – sente, pensa e resolve – e pelo perispírito transmite ao cérebro, seu instrumento central, as volições determinadas por aquelas impressões.

É assim que, se a impressão é de luz, ela vê, por seu aparelho próprio, o objeto que lha deu; se é de som, ouve pelo aparelho próprio; se é de dor, sente; se é de ordem moral, reflete, pensa – raciocina e resolve, etc, etc.

Na vida espiritual, o perispírito não deixa o Espírito, purificando-se na mesma razão em que se purifica o Espírito³⁰⁰, até se fundir nele, quando o ser pensante tem chegado, por seu progresso intelectual e moral, à transformação completa do que foi o homem, no que é o anjo: puro Espírito.

Enquanto ainda prevalece a barra³⁰¹ humana, o Espírito atrasado serve-se do seu perispírito relativamente grosseiro, como de um instrumento material, condensando a substância desta natureza, que nele existe – e produzindo, por este modo, a materialização observada por Crookes – os fenômenos de transporte de objetos pesados, observados por Lombroso – e tudo o mais que, por si mesma, uma substância imaterial não pode produzir.

Tudo isto, que tão levemente se atribui à alucinação, são fenômenos reais, sujeitos ao exame experimental – e já hoje observados pelos maiores sábios do mundo.

E, pois, digam os nossos sábios se a ciência espírita, que aprofunda e esclarece este mundo novo, é coisa de fazer rir!

Bem sabemos que a maior ciência é mais cega do que a completa ignorância; mas, por Deus! se querem rir, riam-se de si antes, que desses que procuram alargar os horizontes do saber humano, com estudos sérios, que não com frioleiras³⁰².

Aos católicos romanos só pedimos: que estudem os ensinamentos de S. Paulo e de Moisés, quanto a *corpo espiritual – corpo de todas as vidas*.

E acrescentamos: não se referem às sagradas letras à vida corpórea e à espiritual, porque, em tal caso, dir-se-ia: corpo da vida material e da vida espiritual, ou, por abreviatura, de *ambas as vidas da alma*.

300 (Nota do Organizador) Vide questões 11, 113 e 186 de *O Livro dos Espíritos*.

301 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui à matéria corpórea, ao corpo, à materialidade dele, em sentido figurado.

302 (Nota do Organizador) Objecto de pouco valor ou coisa sem importância, bagatela, insignificância, ninharia. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Estudem – e chegarão a reconhecer, na Bíblia e no Evangelho, o princípio fundamental do Espiritismo – reencarnação ou pluralidade de existência da alma.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 03-05-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14103

Artigo CDXXXIX

Gazeta de Notícias, 16-05-1896

Enquanto o ilustrado autor das *Cartas Parisienses* do Paiz diz a seus leitores, do Brasil, que a *elite* da sociedade parisiense se [convenceu]³⁰³ ante o fato de retratos dos Espíritos, um dos redatores do *Jornal do Brasil*, descrevendo um caso de bruxaria, de que tomou conhecimento a polícia, leva de cambulhada³⁰⁴ com semelhantes práticas as do Espiritismo, sem distinções.

É questão de meio.

O Espiritismo, na Europa, abala a mais seleta sociedade e prende a atenção dos mais respeitáveis homens da ciência.

O Espiritismo, no Rio de Janeiro, apreciado à luz da ciência indígena, é atirado para os antros em que se fazem bruxarias e feitiçarias.

Felizmente não há de ser pelos grãos de areia que o redator do *Jornal do Brasil* atira às rodas do carro do progresso que a verdade há de deixar de brilhar.

O ilustrado Sr. Xavier de Carvalho³⁰⁵, em sua última carta de 2 de abril, discutiu filosofia espírita a propósito dos retratos dos Espíritos – e fê-lo com a seriedade própria de quem possui o critério literário e científico.

303 (Nota do Organizador) Essa palavra está ilegível no original, procuramos substituí-la pelo que nos pareceu mais próximo do sentido geral do parágrafo.

304 (Nota do Organizador) No sentido figurado, sem ordem, confusamente, em conjunto com outro(s). (Fonte: *Infopedia*)

305 (Nota do Organizador) José Francisco Xavier de Carvalho (1861-1919), jornalista português, já referido no volume III desta coleção, à pág. 164, nota 121.

Naturalmente, não dispondo dos conhecimentos específicos da nova Doutrina, faliu em muitas de suas apreciações; mas é de justiça confessar que procedeu corretamente como profano na matéria.

Nem repeliu nem aceitou os fatos, porque não os estudou, nem assistiu às experiências!

Lendo-o, sentimo-nos possuído do desejo de concorrer com o nosso pouquinho a preencher lacunas que se notam no interessante trabalho.

Antes, porém, de fazê-lo, permitir-nos-á o distinto correspondente do *Paiz* que digamos duas palavras sobre o caso da moça Couédon, que foi mal apreciado por S.S..³⁰⁶

Aqui, no Rio de Janeiro, casos daquela espécie contam-se por centenas; mas passam despercebidos, porque os médicos qualificam-nos logo de loucura – e ficam sendo loucura.

Loucura são porque assim se chama toda a alienação da razão; porém a experiência, baseada nas observações de Esquirol³⁰⁷, distingue categoricamente loucura de loucura.

Aquele sábio, cujo fim desastroso ainda enluta a ciência, que esclarecida com a luz claríssima de sua possante mentalidade reconheceu: que há loucura com lesão cerebral e loucura sem a mínima lesão deste órgão da manifestação do pensamento.

Os que pertencem à primeira ordem são verdadeiros loucos – os segundos que serão?

Se o órgão transmissor do pensamento acha-se em perfeito estado fisiológico, qual a causa da alienação?

O médico, em geral, não cogita disto – e, reconhecendo a alienação, prefere o [*vae victis*]³⁰⁸: louco.

306 (Nota do Organizador) Sua senhoria, presumimos nós, embora atualmente esta abreviatura esteja associada a Sua Santidade, o Papa.

307 (Nota do Organizador) Jean-Étienne Dominique Esquirol (Toulouse, 3 de fevereiro de 1772 - Paris, 12 de dezembro de 1840) - psiquiatra francês que cunhou o termo “alucinação”. Foi discípulo de Philippe Pinel, sucedendo seu mestre em 1811 como chefe do Hospital da Salpêtrière em Paris. Esquirol diferencia demência (doença mental) e amênia (deficiência mental), nas palavras dele, o primeiro é louco, o segundo é idiota. (Fonte: *Wikipedia*)

308 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra serve-se aqui de um locução latina, mas o texto está quase ilegível. Referimos aquela que mais próxima nos pareceu do original. *Vae victis* traduz-se por “triste a sorte dos derrotados”, uma expressão de Tito Lívio, sobre o quanto o vencido está à mercê do vencedor. (Fonte: *Infopedia*)

Aquele, porém, que fez da ciência um sacerdócio não se prende a palavras cabalísticas, cujo fim é encobrir nossa ignorância – e vai procurar a lei oculta, que possa dar a razão do caso excepcional.

E o homem de ciência, à luz do Espiritismo, arrancou das trevas do chamado *incognoscível* a lei que rege toda aquela ordem de fenômenos.

Se a lesão do cérebro explica a loucura propriamente dita, pela clara razão de que não se pode fazer obra com um instrumento imprestável, é intuitivo que, se qualquer coisa obstar a ação do cérebro, embora se ache ele organicamente são, o efeito, quanto à manifestação do pensamento, será o mesmo do caso da lesão [...] ³⁰⁹.

Ao artista tanto faz ter o instrumento enferrujado, [...], quebrado, como tê-lo em bom estado, porém [...].

É, pois, a alienação, um estado fisiológico do cérebro, efeito de uma causa que lhe perturba a ação.

E a causa, cuja [constatação] pode ser feita experimentalmente, o que vale por dizer: pode ser vista e [estudada] por quem quiser dar-se ao trabalho de [investigar] – esta causa é um Espírito desencarnado, que persegue o chamado louco, ou por vingança de mal, que lhe há ele feito, ou por simples gosto de fazer mal.

Colocando entre o ser pensante e o cérebro seus fluidos maléficos, perturba mais ou menos a comunicação entre um e outro – e dominando a vontade do infeliz, leva-o a representar os mais tristes e ridículos papéis.

Quereis remover esta causa e restituir à razão ao [alienado]?

Convençei o perseguidor a abandonar sua vítima – [e, na medida] em que ele aquiescer aos nossos rogos, arrependido do mal que faz, o alienado cobrará sua razão.

Eis uma explicação que vai ser [classificada] como bruxaria, bem o sabemos; mas, em primeiro lugar, [...] declaração de que, em cerca de 20 casos, obtivemos a cura do doente instantaneamente [...] – e, em segundo lugar, repetiremos o que tantas vezes temos dito: este estudo experimental pode ser feito por quem quiser aprofundar os princípios espíritas.

309 (Nota do Organizador) Outra palavra ilegível, o texto original está bastante comprometido, pelo estado do jornal. Como serão muitas neste estado, até o final do artigo, vamos assinalá-las todas com as reticências entre colchetes [...] quando nada for possível perceber, ou dentro deles inserir alguma palavra que faça sentido com o conjunto do texto, como temos feito até aqui.

Assim, pois, a menina de [...], que tanto tem interessado a [...] de Paris, não é mais nem menos do que uma [obsediada].

O obsessor, tendo dominado sua vontade, [...] ³¹⁰.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 16-05-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14181

310 (Nota do Organizador) Infelizmente o final do artigo está de fato completamente ilegível.

Artigo CDXL

Gazeta de Notícias, 27-05-1896

Prometemos, em nosso passado artigo, dizer sobre a *Carta Parisiense* de 2 de abril³¹¹, no que concerne a retratos de Espíritos.

O essencial é o reconhecimento do fato – e a este respeito, além das experiências do sábio e respeitável W. Crookes, presenciadas por um bom número de cavalheiros distintos pelo caráter e pelo saber, temos, agora, as de Beattie, que corroboram aquelas – e que mereceram do autor da carta, insuspeito, tanto que qualifica-as na classe dos *estudos mórbidos destes fim de século*, a seguinte apreciação:

“Beattie³¹² (o sábio que tirou retratos de espíritos) é um homem sério e nas suas experiências tem procurado sempre o auxílio de sábios e professores”.

311 (Nota do Organizador) Aqui houve um pequeno lapso de memória. O artigo referido foi publicado em *O Paiz* de 27 de abril de 1896, à pág. 02. É possível ainda hoje acessá-lo na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1896_04225.pdf.

312 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “Bealti”, mas trata-se de pequeno erro tipográfico, que cabe reparar. O nome correto é Beattie, e refere-se ao escocês John Beattie (1820 - 1883), fotógrafo viajante e professor de frenologia e eletricidade, radicado em Bristol a partir de 1850. Beattie ficou famoso principalmente por suas pesquisas em torno das fotografias espíritas, entre 1872 e 1873. Há citações muito respeitosas ao seu trabalho feitas por Aksakof, em seu *Animismo e Espiritismo*, desde o capítulo primeiro, como também por Alfred Russel Wallace, em seu *Os Milagres e o Moderno Espiritualismo*, também no Cap. 1. (Fonte: <https://archives.cliftonbridge.org.uk/beattie-john>).

Crookes e Beattie, dois homens sérios, que trabalhavam com a assistência de sábios, dentre os quais dois notabilíssimos, Wallace e Aksakof, produzem o fato *material* da fotografia de Espíritos; mas, como tal fato derroga inveteradas crenças, levantam-se os rotineiros.

Já não foi dito, com aplauso geral, que o *mundo marcha*? E como marchar – progredir Física, intelectual e moralmente, se não lhe derem licença para sair do círculo dentro do qual tem girado até hoje – do que jactanciosamente se chama o natural?

Mas que é o natural? Certamente o que é conhecido do homem; pois que tudo o que sai da linha de seus conhecimentos é chamado sobrenatural.

E o que é conhecido do homem abrange todas as leis, todos os fenômenos, todos os seres da criação?

Se abrange, a ciência humana já tocou ao extremo; – se não abrange, se há muito ou pouco a conquistar, porque chamar isto, que ainda é desconhecido, *sobrenatural*, que em nada difere do que já conhecemos?

Cada descoberta é uma transformação do tal sobrenatural em natural.

As leis e fenômenos revelados pelos químicos, pela Astronomia, pela Geologia, pela Biologia, pela Paleontologia, pela Antropologia, etc., etc. eram sobrenaturais para os que viveram antes de suas descobertas, hoje tidas e havidas por muito naturais.

Assim, também, o que, em nossa ignorância, qualificamos hoje de sobrenatural há de vir a ser natural para os nossos vindouros.

Tudo é natural, porque tudo procede de leis eternas e imutáveis; só não o é o orgulho com que damos por sobrenatural, no sentido de falso, o que varre umas poeiras, que, revestidas de infalibilidade, atestamos que são verdades.

O progresso é universal e infinito – e, em relação ao homem, ele realiza-se pela manifestação de novas leis, em tempo próprio, isto é, quando a capacidade humana já tem a força de compreendê-las.

E essas novas leis, não somente enriquecem o escrínio do saber humano, como servem de luz para fazer o homem reconhecer falsidades que tinha por verdades.

É de conformidade com estes conceitos, que o simples senso comum abraça, que o homem deve encarar o sobrenatural – e, no nosso caso, o fenômeno espírita da fotografia de Espíritos.

O essencial é verificar a realidade do fato e este parece fora de séria contestação.

Uma nova lei natural se revela ao mundo, pelo Espiritismo, como se revelou a da pluralidade de existências da alma, que destrói, por seus fundamentos, o dogma ímpio e blasfemo das penas eternas.

Como se dá o fato da fotografia espiritual? Ainda é o Espiritismo que o explica.

O Espírito, essência imortal do ser pensante, que chamamos homem, reveste-se de um corpo semimaterial, que a tira do fluido universal ou fluido cósmico, que envolve o nosso planeta, como a todos do Universo.

Este corpo, que S. Paulo chamou – celeste³¹³ – que Moisés chamou – corpo de todas as existências³¹⁴ – é denominado pelos Espíritos – perispírito – ou corpo fluidico, que acompanha o Espírito, desde sua criação até sua purificação ou condição de puro Espírito, que a Igreja romana chama – anjos, em outra acepção.

O perispírito, depois de ter sido o intermediário entre o corpo e a alma, durante a vida corpórea, acompanha esta, no Espaço, e lhe dá a forma com que ela se nos apresenta, e que sem ele seria impossível, por ser o Espírito puro invisível e impalpável³¹⁵.

Para estas manifestações, o Espírito condensa seu perispírito até torná-lo visível (aparições gerais) – até torná-lo tangível (aparições observadas por Crookes)³¹⁶.

Quanto mais atrasado é o Espírito mais material é o seu perispírito, mais fácil a condensação e, portanto, a faculdade de se tornar visível e tangível.

Se, pois, um Espírito pode dar ao seu perispírito a forma do corpo material, com as qualidades apreciáveis deste, mesmo ao

313 (Nota do Organizador) Vide *1 Coríntios*, 15: 40-45, já citado.

314 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar esta citação, como desejado.

315 (Nota do Organizador) Vide *O Livro dos Espíritos*, Q. 88, 88-a, 112 e 113.

316 (Nota do Organizador) Vide o *Resumo da Doutrina Espírita*, logo na *Introdução de O Livro dos Espíritos*: “O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições”.

tato, como hoje é reconhecido, que admiração pode haver de que possa ser fotografado?

O perispírito faz o mesmo efeito do corpo material, não em todos os Espíritos, como dissemos, mas naqueles que ainda estão presos à matéria.

Estes, pois, desde que lhes apraz, tiram seu retrato, dando ao perispírito a forma e feições que tiveram na vida corpórea³¹⁷.

De que possuem este poder tem-se a prova quando se quer, por meio dos médiuns videntes, que descrevem até com sinais particulares os Espíritos de pessoas que nunca conheceram.

Continuaremos com as *Cartas Parisienses*.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 27-05-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14244

317 (Nota do Organizador) Vide *O Livro dos Espíritos*, Q. 95.

Artigo CDXLI

Gazeta de Notícias, 31-05-1896

Talvez em breve, diz o Sr. Xavier de Carvalho, os mistérios tenebrosos da desagregação da personalidade, segundo a Doutrina Espírita, tenha uma explicação tão completa pelos sábios como hoje a fotografia através dos corpos opacos.

Quero dizer: talvez se volte a explicar pelo materialismo os fenômenos espíritas que revelam a existência do Espírito e a comunicação do mundo visível com o invisível.

Este – talvez – é o mais tremendo diluente que se possa imaginar para tudo o que entende com o homem intelectual e moral.

Se com um talvez se põe à margem uma Doutrina, quais serão os conhecimentos firmados da humanidade, desde que a todos se pode aplicá-lo?

Um dia, o mais ousado dos exploradores deste *novum organum*³¹⁸, lembrar-se-á de aplicá-lo ao mais alto característico do ser humano – e dizer: talvez em breve os sábios cheguem a demonstrar que o homem não é racional.

Não é, pois, razoável conceder foros de cidade a semelhante forma de argumento, que nunca será concludente, tendo por fundamento uma hipótese enquanto hipótese.

318 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere aqui ao famoso clássico de Francis Bacon (1561-1626), *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*, que constituiu um marco na fundação da ciência e de seu método experimental, publicado em 1620. Como a obra de Bacon teve exatamente esse papel de contestar ideias do passado e propor novas, o nosso Kardex brasileiro serve-se de seu título, em sentido figurado, para salientar, através de uma hipérbole, o risco de aceitar que tudo esteja sujeito a revisão ou contestação. (Fonte: *Wikipedia*).

Um princípio novo não deve ser aceito sem exame, é certo – e o Espiritismo provoca o exame sobre os que emite; mas, também não deve ser repellido, senão pela observação e pela experiência e nunca por simples presunção de que talvez um dia se possa demonstrar a sua falsidade.

Uma inteligência como a do Sr. Xavier de Carvalho não tem o direito de emitir moeda falsa em dialética, como em qualquer outro gênero de exercícios intelectuais.

Não é com ela – com um talvez eu possa pagar, que S. S. alcançará de um desconhecido que lhe fia sua mercadoria.

Mais abaixo, S.S. refere o fato de Katie Fox: “uma menina de 9 anos, que conversava com os Espíritos e que n’uma longa conversa com entes sobrenaturais descobriu um crime, que depois foi confirmado”.

Por que serem os Espíritos entes sobrenaturais? Porque S. S. e muitos outros não creem neles?

Então, só é natural o que esses senhores conhecem – o que admitem – aquilo em que creem?

Muito limitado é, neste caso, o seu natural; pois que a ciência humana não passa de uma gota do oceano da ciência sideral – da ciência do Universo!

Mas, porque, se isso que ainda não conhecemos, procede da mesma fonte – é efeito de leis, tão leis, como as que conhecemos?

Só não é natural, porque a ciência do homem não conhece!

E o vapor, cujas leis são hoje conhecidas? Já foi sobrenatural – e hoje é natural!

E a eletricidade – o magnetismo, em suas maravilhosas aplicações – e o movimento da Terra – e os fenômenos químicos? Antes de serem conhecidos, eram sobrenaturais – depois de conhecidos, *viraram* naturais.

Ora! Isto parece infantilidades.

Tudo, no Universo, obedece às leis eternas e imutáveis – e, portanto, tudo, no Universo, é natural, tão natural o que conhecemos, como o que se nos apresenta desconhecido.

Aceitamos a dúvida sobre a existência dos Espíritos; quanto, porém, à classificação de entes sobrenaturais, não, não; porque, se existem, são seres naturais.

De que existem, parece que o Sr. Xavier de Carvalho não põe em dúvida; pois que, ele mesmo, diz: que Katie Fox, em conversa com esses entes, descobriu um crime, que depois foi confirmado.

Como podia aquela menina de 9 anos descobrir o que estava oculto a todos? Pelo personalismo – pelo animismo – ou por coisas supraterestrres, as três divisões dos fenômenos espíritas, estabelecidas pelo ilustre escritor?

Pelo personalismo, não; porque não é fenômeno que se produza na esfera corporal.

Pelo animismo, menos; porque, nesta hipótese, só poderia dar-se o fato por transmissão do pensamento – e não há quem seriamente acredite que alguém lhe transmitisse o pensamento de um crime por todos ignorado.

Restam as causas supraterestrres.

E pois que o fato se deu e foi reconhecido verdadeiro – e não pode ter sido revelado à menina, nem por personalismo nem por animismo, é de rigor que o tenha sido pelas tais causas supraterestrres.

As deduções são rigorosamente tiradas das premissas postas pelo escritor.

Quais são estas causas exteriores?

Certamente não são o calor, a eletricidade, a luz, o vento, etc., etc., pois que estas nem têm olhos de ver o que está oculto, nem tem inteligência para transmitir o conhecimento que adquiriram.

As tais causas ocultas são, pois, inteligentes e comunicam com os homens.

Tanto podem ser Espíritos humanos, que possuem a inteligência como podem ser outra espécie de seres, que possuam igualmente aquela faculdade.

Nesta alternativa, perguntamos: qual a razão que faz pender a concha da balança, antes para estes do que para aqueles?

Sim, a menina evidentemente comunicou com seres inteligentes extraterrestres. Porque serem estes seres antes outros do que Espíritos?

Notando-se que a maior parte da humanidade terrestre acredita na existência dos Espíritos, ao passo que ninguém acredita na existência de seres supraterestrres, dotados de inteligência, que comuniquem com os homens.

E, apesar disto, só para não admitirem a existência dos Espíritos, apegam-se a uma invenção de seres desconhecidos em que são eles os primeiros a não acreditar.

Não há maior escândalo do que atribuir-se aos Espíritos um fenômeno evidentemente produzido por forças inteligentes supra-terrestres.

E, ainda mesmo que se mostre o Espírito materializado ou fotografado, não deixam de ser *sábios*.

Pois sejam sábios como a cúria romana, que nós somos contentes com a ignorância de Galileu.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 31-05-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14270

Artigo CDXLII

Gazeta de Notícias, 07-06-1896

Apostamos que o *Apóstolo* já está com saudade do bom abade Almignana, embora não tenha a franqueza de dizê-lo, nem mesmo ao seu confessor³¹⁹.

Pois nós, apesar de possesso do demônio, sentimos gosto em dar água ao sequioso, a exemplo da samaritana³²⁰.

Quem dera que, em trevas, recebessemos algo semelhante ao que disse àquela mulher o Redentor!

E a propósito: que significam aquelas palavras: “dia virá em que não se adorará a Deus nem em Jerusalém, nem no monte Gerezin; mas em Espírito, porque Deus é Espírito e em espírito e verdade é que quer ser adorado”³²¹?

Enquanto cogitais sobre esta passagem, nós trasladaremos para aqui as de Almignana.

“Ouvindo dizer que certas pessoas havia, cujas mãos, impedidas sem que o soubessem, escreviam coisas admiráveis, a quem chamavam médiuns, resolvi certificar-me do fato.

“Certo dia, tomei um lápis, e, pondo-o sobre o papel, concentrei-me quanto me foi possível.

319 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra retoma aqui a série de artigos em que transcreve e comenta trechos da obra do Abade Almignana, designadamente os de número CDXXXIII (Gazeta de Notícias, 22-03-1896), CDXXXIV (Idem, 07-04-1896) e CDXXXV (Idem, 12-04-1896), todos deste mesmo tomo.

320 (Nota do Organizador) Vide Jo.4, 5-43.

321 (Nota do Organizador) Jo. 4:23 e 24.

“Decorridos alguns minutos apenas, senti que minha mão era impelida e a vi traçar, sem saber como, linhas, letras e palavras.

“Havendo repetido esta experiência frequentemente, cheguei a ser médium, ainda que de ordem secundária.

“Com a intenção de saber se neste fenômeno havia o quer que fosse diabólico, para não mais me ocupar dele, interroguei à força ou Espírito que me movia a mão se era o demônio.

“Como fosse negativa a resposta, disse-lhe que me desse uma prova disso.

“Mal havia eu pronunciado estas palavras, quando, arrastada com vivacidade, minha mão traçou uma grande cruz.

“Em seguida fiz-lhe as mesmas perguntas que fiz à mesa, e as respostas por escrito foram as mesmas”.

Este padre julga-se ainda no tempo em que a santa Igreja de Jesus Cristo sancionava as mais diabólicas torturas a que eram submetidos os *ímpios, ad majorem Dei gloriam*³²².

Naquele tempo de santíssima recordação para Roma, com efeito fazia prova plena de ser de Deus o Espírito que traçasse no papel uma grande cruz; porque o ensino era: que o demônio fugia à vista do sagrado lenho.

E devia ser assim, se efetivamente existisse o demônio pessoal, pois que o Espírito das trevas não poderia suportar a luz divina, como não podemos nós encarar de frente o Sol.

É verdade que a Igreja nos ensina que o Espírito imundo enfrentou com o próprio Jesus, levando-o ao alto de um monte – daí acima do Templo – oferecendo-lhe todas as grandezas da Terra para que o adorasse.

E quem enfrenta com uma pessoa não há de fugir de sua imagem.

Nós, porém, possessos do demônio, explicamos aquela passagem do Evangelho como uma das muitas parábolas que ali se encontram³²³. O demônio representa o príncipe do mundo: o mal procurando avassalar a divina encarnação do bem: Jesus.

322 (Nota do Organizador) Vide nota 138, acima.

323 (Nota do Organizador) Vide a respeito *Os Quatro Evangelhos*, psicografia de Émilie Collignon e organização de Jean Baptiste Roustaing, Tomo I, item 61, Ed. Ibbis, 2022, de longe a melhor explicação que conhecemos sobre essa passagem evangélica, na Doutrina Espírita.

Seja, porém, como for, o caso é que a prova que o padre Almignana, em sua consciência de bom católico, julgou ser a *última ratio*³²⁴ contra a intervenção do demônio nas manifestações espíritas, não convence a seus colegas de hoje – e até parecer-lhes-á ridículo.

Certas verdades católicas mudam com os tempos – e esta é uma delas.

O demônio foge da cruz: logo, jamais poderá traçar uma cruz; logo, quem moveu a mão de Almignana e se manifesta pelos médiuns, não pode ser o demônio. Assim raciocinou o virtuoso padre, firmado no ensino da Igreja, mas ...

Mas, assim como, para esplendor da fé, o papado pôs de parte o *regnum meum non est de hoc mundo*³²⁵ e adornou-se com uma coroa de rei e propôs-se a dominar os reis do mundo, assim – e sempre por amor da fé – fará e desfará verdades, segundo as necessidades da ocasião.

A comunicação dos Espíritos pelos médiuns abala os alicerces do edifício romano, quanto ao destino das almas depois da morte. Apara-se o golpe, explicando-se o fato, visto não se poder negar, por esta tirada: não Espíritos mas demônios, é o que fala ou escreve pelos médiuns.

Vem, porém, um respeitável sacerdote e diz:

Não o demônio, pois que traçou uma grande cruz no papel – e agora?

E agora, nada mais simples: os demônios perderam o medo da cruz – os Espíritos das trevas já podem encarar a luz divina.

E *plaudite, beati!*³²⁶

De modo que, se o abade Almignana voltasse à Terra, ficaria envergonhado de sua infantilidade – de ter acreditado que os meios ensinados pela Igreja contra as possessões eram... fumo, que se desfaz com o vento – verdades, que o tempo gasta.

Que nos dizem a isto os reverendos do *Apóstolo*?

324 (Nota do Organizador) Expressão latina que traduz-se por “última razão” ou “último recurso”, frequentemente empregada no Direito.(Fonte: www.significados.com)

325 (Nota do Organizador) “Meu reino não é deste mundo”, Jo. 18:36.

326 (Nota do Organizador) Expressão latina, que traduz-se por “aplaudamos, felizes” (tradução Google).

Se o ensino sagrado é verdadeiro, o demônio não pode fazer uma cruz – se o demônio não pode fazer uma cruz, quem se comunicou com Almignana não era o demônio.

E se as comunicações que tem Almignana, foram todas escoimadas de diabolismo, cale o *Apóstolo* – cale o clero católico suas apóstrofes contra as manifestações espíritas – e reconheçam e confessem: que os mortos podem falar com os vivos – e que, portanto, não se define eternamente o destino do homem, após a morte.

Ilustres senhores do *Apóstolo* – sabemos quanto custa substituir uma crença enraizada, pois que passamos por essa dura prova; mas a consciência deve ser esclarecida pela razão – e foi por não procurar esclarecer a sua que o sacerdócio hebreu – anciãos – escribas – e fariseus repeliram a luz – e crucificaram o Filho de Deus.

[Max]

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 07-06-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14312

Artigo CDXLIII

Gazeta de Notícias, 14-06-1896

Todo o ser livre e que tem consciência de sua liberdade, é responsável por seus atos e está sujeito à sanção desses atos.

O homem, pois, enquanto consciente assume a responsabilidade e está sujeito à sanção moral, por seus pensamentos, por seus sentimentos e por suas ações.

Aquele que usa de sua liberdade para o bem recebe a recompensa e o que usa dela para o mal recebe pena.

Penas e recompensas são a sanção moral da responsabilidade dos seres livres: do homem.

E, pois, quando virmos chover sobre alguém felicidades, não as materiais, que são muitas vezes o quinhão dos que preferem os gozos desta vida aos da espiritual, mas as morais, que são o prenúncio das que lhe estão reservadas para aquela vida, tenhamos por certo que esse tal tem feito bom uso de sua liberdade. E, quando virmos alguém sob a pressão de dores e sofrimentos, é que esse fez mal uso da responsabilidade que por tal contraiu.

Mas, em primeiro lugar, quem faz efetiva a sanção, pois que ninguém sofre por seu gosto?

Evidentemente, que tem mais poder do que o homem – do que todos os homens; pois que os submete às penas que lhe inflige.

Chamem-no pelo nome que quiserem, dêem-lhe a natureza que imaginarem, a verdade é que existe um poder inconstatável.

E, seja qual for o nome, o que é indiscutível é que esse poder ou força, que inflige penas aos homens ou que faz efetiva a

sanção moral, tem por caráter essencial a inteligência, pois que sabe discriminar os graus de responsabilidade, para aplicar proporcionalmente a sanção.

É, pois, um poder ou uma força inteligente, em grau tão elevado de poder apreciar, individualmente, os feitos de todas as humanidades – é Onisciente, como é Onipotente, pois que tudo se faz conforme sua vontade – e é justo, de justiça infinita, pois que nem dá a um mais que a outro, nem dá pena ou galardão mais do que cada um merece.

O poder que mantém os mundos suspensos no espaço, por leis que só a ciência infinita pôde criar; o poder que pôs, em cada mundo, leis eternas, a que todos os seres são sujeitos, esse poder, que não vemos nem compreendemos, mas de que dão testemunho suas obras inimitáveis, é quem faz efetiva a sanção moral da responsabilidade do ser humano, pelo uso de sua liberdade.

Mas, em segundo lugar, se o bom uso é recompensado e se o mal é punido, como acontece que o virtuoso sofre torturas e o pecaminoso goza a vida à farta?

O mais ligeiro estudo nos demonstra que as felicidades e desgraças desta vida, se nos advém por obra do nosso livre-arbítrio, nem sempre são devidas a essas obras, e a prova está em sofrer o virtuoso e gozar o pecaminoso.

Se fosse sanção da responsabilidade pelo bom ou mau uso da liberdade, nem o primeiro sofreria nem o segundo gozaria.

Há, pois, alguma lei que os homens não conhecem e que dá testemunho da justiça indefectível, ainda mesmo nos casos do sofrimento do virtuoso e dos gozos do pecaminoso.

Aquele sofrimento e estes gozos não são a sanção da responsabilidade contraída, pois que, se fossem, dar-se-ia o inverso: gozaria o primeiro e sofreria o segundo.

Estes fatos, pois, protestam contra a lei da justiça soberana e, conseguintemente, contra a da responsabilidade pelo uso da liberdade.

Há sofrimentos sem responsabilidade, isto é, sem culpa, como há galardão sem merecimento.

Assim raciocina, e muito bem, quem firmou-se na doutrina da Igreja romana; de só termos esta vida corpórea, depois da qual o juízo e o destino eternos.

Pela Igreja, Deus pune aos que usam bem de sua liberdade e dá galardão aos que usam mal, que aí estão os fatos para se provarem.

Nem procede a escapatória de dar Deus sofrimentos ao bom, para compensá-los com a sua glória; porque em tal caso, ainda seria lesada sua justiça, por tais preferências, que valem por designações.

Pela Igreja, Deus quanto à sua justiça, não é perfeição infinita, pois que não dá pena e galardão segundo as obras de cada um, mas sim escolhe a quem dá-las.

Vejamos agora os fatos à luz da Revelação Espírita.

O homem vem a esta vida resgatar faltas das anteriores, pois que Deus lhes dá tantas quantas lhe forem precisas para se purificar e conquistar a verdadeira felicidade.

E a purificação se opera no cadinho do sofrimento, que é o meio de resgate das culpas.

Quem, pois, vê um homem virtuoso em sofrimento e sabe que ele só fez nesta vida boas obras, em vez de concluir contra a sanção da lei da responsabilidade moral, encontra ali a mais solene prova de sua inalienável efetividade.

Aquele não sofre pelo que fez nesta vida, mas sofre pelo que fez nas passadas, que veio redimir.

O virtuoso foi um pecador e bem lhe seja por ter-se transformado.

O pecaminoso que hora goza, ainda nisto exercita a sua liberdade, preferindo os bens da Terra aos do mundo dos felizes; mas ficai certos de que está acumulando responsabilidades que lhe acarretarão mais dura e pesada sanção.

A lei é, pois, imutável – e não só é imutável como a mesma para todos.

Todos, segundo suas obras – e todos, por graças do paternal amor, quaisquer que sejam suas obras, hão de mais cedo ou mais tarde, a livre-arbítrio de cada um, deixar os caminhos tortuosos e tomar a estrada real que leva aos mundos onde só imperam o amor e a justiça.

Mas nenhum passará a linha que separa os mundos do sofrimento dos de gozo sem que lancem à pira dos sofrimentos suas imundas vestes, para tomarem as dos que já são dignos de se assentarem à mesa do festim.

O virtuoso que sofre, se sofre resignado, já está na estrada real – e o pecaminoso que folga cada vez se embrenha mais pelos caminhos da morte.

Dedicado ao *Apóstolo*.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 14-06-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14355

Artigo CDXLIV

Gazeta de Notícias, 25-06-1896

Em uma prática que fez na capela de S. João Batista da Lagoa, por ocasião do mês de Maria, um reverendo sacerdote católico, sem dúvida ilustrado, pois que foi escolhido para pregador, referiu aos devotos que enchiam o templo a seguinte passagem da vida de Santa Catarina³²⁷, cujo panegírico fazia:

“Era hábito caridoso da cândida alma de Catarina orar sempre por todas as pessoas de seu conhecimento que desprendiam desta vida.

“Morreu, porém, uma mulher sua conhecida e ela nem uma prece lhe dedicou, por supô-la condenada ao Inferno, em razão da vida dissoluta que levava.

“Tempos depois apareceu-lhe, em sonhos, a alma da crapulosa³²⁸ e, queixando-se de ser a única deserddada da graça de suas preces, declarou-lhe que se achava no Purgatório e que lh’as pedia por caridade.

327 (Nota do Organizador) Santa Catarina de Sena (1347-1380), Doutora da Igreja, uma das grandes luminares da história cristã, conhecida por sua extrema caridade, assim como pela intensidade de seus fenômenos espirituais e êxtases místicos. Morreu assinalada também por estigmas, à semelhança de Francisco de Assis, revivendo semanalmente, conforme testemunhos da época, a Paixão de Cristo. É padroeira da Itália e uma das padroeiras da Europa. Foi um dos Espíritos inspiradores da missão de Joana D’Arc. O prof. Pietro Ubaldi faz-lhe bela homenagem no capítulo XX de seu volume *As Noúres*, situando-a entre os grandes inspirados de todos os tempos. (Fonte: *Wikipedia*)

328 (Nota do Organizador) O mesmo que: indigna, debochada, ou devassa, libertina. (Fonte: *Dicionário online português - Dicio*)

“A bondosa Catarina prometeu-lhe orar sempre por ela, visto que escapara do Inferno, e cumpriu rigorosamente o que prometeu, até que voltou a alma a falar-lhe, para lhe agradecer as preces, mediante as quais lograra subir ao Céu”.

Não discutiremos com a Igreja romana o fato de ter-se livrado do Inferno uma alma repleta de pecados mortais, limitando-nos a dizer-lhe: o diabo não é então tão feito como o pintam – ou, o que vale o mesmo, Deus não é tão desatinado como o representam!

Tomaremos, para nossos estudos de hoje, de toda esta curiosa e *autêntica* narrativa, apenas a circunstância de ter a alma (Espírito) da pecadora vindo falar à santa, para lhe pedir preces e, mais tarde, pela segunda vez, para lh’as agradecer.

Os sacerdotes da Igreja romana, coagidos a confessar a verdade das manifestações espíritas, refugiam-se no reduto, que lhes parece inexpugnável, *de não serem almas, mas demônios, que lhes trazem a figura, quem se manifesta.*

De boa e de má fé, é isto que pregam das tribunas sagradas os sectários do Deus-Papa.

E aquela sutileza cala no ânimo da maior parte dos ouvintes que ainda não têm uma ideia clara de Deus – e, por isso, esquecidos de que seu amor é infinito e de que todos somos seus filhos, acreditam no blasfemo ensino: de condenar filhos a penas eternas o Pai de infinito amor.

Mas, se não almas, porém sim demônios é que vem manifestar-se aos vivos, como qualificar-se o episódio de Santa Catarina, revelado aos devotos da freguesia da Lagoa por orador da grei romana?

Aqui, dizem os próprios *infalíveis*, foi uma alma que desceu do Purgatório e mais tarde do Céu, para falar à santa.

Aqui, deu-se, pois, uma manifestação não diabólica, reconhecida e até proclamada pela Igreja.

Pois a Igreja tem em seu arquivo (*Flos sanctorium*)³²⁹ registrados fatos de comunicação de mortos e, a despeito disto, vem pregar que os mortos não se comunicam!

329 (Nota do Organizador) Obra do século XIV, cujo cerne narrativo discorre sobre a vida e feitos de diversos santos e mártires dos primeiros séculos de difusão do Cristianismo na Alta Idade Média, sobretudo sobre os anacoretas, e servia como suporte ao trabalho de doutrinação religiosa implementado pela Igreja. A Editora da UNB publica uma versão deste trabalho em português. (Fonte: Site da Editora UNB).

O pregador da Lagoa deu um golpe de morte na ignorância ou na má fé de seus colegas, [pregadores]³³⁰ sagrados.

A questão é esta: podem as almas dos mortos vir à Terra comunicar com os vivos?

A falange sagrada diz – não; as aparições são falsas, o demônio é que toma as formas dos que se manifestam.

Diz Santa Catarina – sim, eu tive, em vida, comunicações da alma de uma mulher conhecida!

Desatem lá esse nó!

É verdade o que afirma a falange ou o que afirma Santa Catarina?

A Igreja romana foi inspirada quando aceitou a história da santa ou quando autorizou o procedimento de seus escribas, espalhados pelo mundo?

De tudo isto nascem trevas e confusão tais que lembram-nos a sábia sentença: *quos deus vult perdere, prius dementat*³³¹.

Há, evidentemente, denúncia da parte do sacerdócio romano, que prega um fato e repele o mesmo fato.

É que a história de S. Catarina foi escrita antes do advento da Revelação Espírita, e naquele tempo, não faria mal, não abalava as colunas do poder terrestre da Igreja o fato aqui referido.

Agora, porém, que o Espiritismo ensina verdades divinas, reveladas pelos Espíritos do Senhor, e que a nova lei condena as abominações do sacerdócio, queremos dizer, do clero católico romano, o caso é muito outro: cai por terra, admitida a comunicação dos Espíritos, todo o poder *mundano* da Igreja, com suas riquezas, suas pompas, suas grandezas, suas *opulentas heranças*, que lhe foram legadas por seus antepassados, aqueles homens que andavam de sandálias, não possuindo senão uma capa, não ambicionando senão o reino de Deus, pela humildade, a exemplo do Mestre Divino.

E, porque não venha Roma a ter a sorte de Jerusalém, abafa-se no fundo da consciência o conhecimento do fato de Santa

330 (Nota do Organizador) Texto original pouco legível, inserimos entre os colchetes a palavra que nos pareceu fazer mais sentido com o conjunto do parágrafo.

331 (Nota do Organizador) Locução latina, adaptada por Dr. Bezerra, originalmente posta nestes termos: “Júpiter enlouquece primeiro aqueles que quer perder”. Aplica-se esta frase falando de pessoas que por seus erros ou por suas loucuras são arrastadas a uma queda fatal. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Catarina – e combate-se *conscientiosamente*, a possibilidade de tal fato!

Eis aí os mais intransigentes inimigos do Espiritismo – e a razão porque o são, com honrosas exceções.

Provada a possibilidade do fato das manifestações dos mortos, com a autoridade da própria Igreja, que importa que só tenha ela verificado duas vezes?

Verificou-se duas vezes? Em que fundou-se para dizer que não se pode dar mais vezes?

Já não pega o estólido sofisma que temos ouvido: de ser concedida a alguns a graça de virem pedir preces.

Deus não tem preferências e exclusões, porque Ele é a justiça indefectível, inseparável de igual amor.

E, pois, se permite a uma alma do Purgatório(?) vir pedir preces, estenderia a todas a mesma graça; e teríamos as portas do tal Purgatório abertas e a Terra inundada de almas penadas.

Temos, pois, a Terra envolta em nuvens de Espíritos sofredores, e são estes os que se manifestam, e foi um destes que se manifestou à Santa Catarina.

São estes infelizes, e não demônios, que, se existem, não são senão os que trabalham pelo reino do mundo, subjugando a razão e escravizando a consciência de seus irmãos, para fazê-los [...] ³³² passivos de suas ambições [...] ³³³.

O padre da lagoa merece ser suspenso das ordens, para não [...] ³³⁴ todas as verdades.

O que [precisamos] saber é o que diz a [Igreja] de sua prédica ³³⁵.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 25-06-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14423

332 (Nota do Organizador) Trecho ilegível do documento original.

333 (Nota do Organizador) Idem anterior.

334 (Nota do Organizador) Idem anterior.

335 (Nota do Organizador) Texto parcialmente ilegível, inserimos entre os colchetes a palavra que nos pareceu fazer mais sentido com o conjunto do parágrafo.

Artigo CDXLV

Gazeta de Notícias, 28-06-1896

O clero católico não esconjura o Espiritismo por sustentar ele a existência do Espírito, mas sim, entre outras razões, por sustentar a preexistência, que envolve a pluralidade de existências da alma.

Em sua obsecação, filha do fanatismo pelas normas da Igreja romana, não reflete ele: que pode bem ser esta uma das verdades que o divino Jesus declarou não ensinar porque o mundo não estava preparado para recebê-las mas que prometeu mandar em tempo ensiná-las pelo Espírito da Verdade.

Já temos, por várias vezes, demonstrado à saciedade que este Espírito não é nem pode ser o que baixou sobre o colégio Apostólico; mas sim o divino mensageiro da mais ampla revelação de novas verdades, que aquele não tem ensinado ao mundo.

O clero católico não quer discriminar o que ensina a Igreja romana do que ensina o Evangelho, clara e positivamente em contradição, porque, se abrisse, por um instante, os olhos à luz, reconheceria nos princípios espíritas o caráter patente de uma Revelação, conforme com as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E, entretanto, nos livros sagrados encontra-se a mais clara manifestação da verdade do princípio fundamental do Espiritismo: a preexistência ou vidas sucessivas e solidárias.

Para não fazermos, aqui, um *autum genuit*³³⁶, oferecemos ao *Apóstolo*, órgão da grei romana no Brasil, poucas citações, cuja significação não poderá ser obscurecida.

No Livro I das *Confissões*³³⁷, Santo Agostinho exprime-se por estes termos:

“Antes do tempo que levei no ventre de minha mãe, não teria estado em outra parte e sido outra pessoa?”

Não está, naquelas palavras, bem expresso o pensamento do grande luminar da Igreja, de que porventura já tinha ele existido antes?

E se ele pôde agasalhar tal pensamento ao ponto de manifestá-lo ao mundo, como rirem uns e bravejarem outros, católicos como o excelso doutor, em face do que ensina o Espiritismo, que é precisamente o mesmo?

Um santo da Igreja aventa a ideia – e não tremem as colunas do eterno templo; desde, porém, que alguém corporifica a mesma ideia, *anathema sit*³³⁸!!

Eis um *specimen*³³⁹ da justiça com que procede a Igreja, iluminado pelos raios da verdade eterna!!

E não querem cismas – e não querem discólos³⁴⁰ – e renegam o mais legítimo de seus filhos: o materialismo científico!

Querem dominar a razão para a constituição da família universal? Procedam racionalmente e firmem-se nos sagrados princípios da justiça – da justiça absoluta, pois que são assistidos pelo Espírito Santo.

Quererem, porém, escravizar a razão e prender a consciência, em nome de um Deus de sabedoria e de justiça infinitas, procedendo irracionalmente e plantando a fé passiva, o maior aten-

336 (Nota do Organizador) Expressão latina. Longa e fastidiosa relação; narração enfadonha. (Fonte: Novo Dicionário Da Língua Portuguesa)

337 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *Conferências*, mas decidimos corrigir, por tratar-se de evidente erro tipográfico. A referência feita por Dr. Bezerra, já citada nos volumes I e II desta coleção, encontra-se no Capítulo VI do Livro primeiro das *Confissões* agostinianas.

338 (Nota do Organizador) Expressão latina, já citada. Anematizado seja!

339 (Nota do Organizador) Expressão latina, já citada. Tipo, espécie.

340 (Nota do Organizador) Que ou quem se rebela contra regras ou hierarquias. Desordeiro, insubordinado, rebelde. 2. Que ou quem se separa de um grupo por divergências, dissidente. 3. Que ou quem mostra agressividade ou mau gênio, brigão. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

tado contra a luz, para a qual Deus criou o homem, e contra a liberdade, sem a qual é iníquo impor-lhe responsabilidades – oh! – é torturar ao próprio Deus, e é repelir de si tudo o que acata os dons que recebeu do Pai.

O cisma, neste caso, é o dos primeiros cristãos contra o sacerdócio hebreu – e o próprio materialismo tem sua razão de ser, em nome da razão humana, como o Protestantismo a tem em nome da consciência.

E tudo por obra da seita romana, que conquistou, pela espada do imperador Constantino, os títulos de católica e apostólica!

Além do pensamento de Agostinho, que é hoje princípio – lei fundamental da Revelação Espírita, temos a prova das provas da verdade de tal lei.

Não falaremos da resposta de Jesus a Nicodemos³⁴¹, que a Igreja tem pintado com todas as cores do sofisma; aí está a passagem do Evangelho, em que os discípulos disseram ao Divino Mestre que o consideravam Jeremias – Elias – ou outro dos profetas *renascidos*³⁴².

Renascido, dizemos nós, porque não podia Elias ser outro em Jesus senão renascendo nele.

Pois bem. Se tal dizer fosse contrário à lei, Jesus não teria deixado passar a heresia – e Ele sem dizer palavra a tal respeito dirigiu a palavra a Pedro por saber qual era seu juízo.

Jesus, que muitas vezes corrigiu a seus discípulos, quando os via pensar erradamente, porque não lhes disse ao menos: mas isto é um absurdo; e, pelo contrário, noutra passagem, lhes diz: que João Batista é Elias³⁴³?

Ainda mais.

Perguntando os discípulos ao Mestre: se um cego de nascença sofria as consequências de seus pecados, o que implica ter ele vivido e pecado antes de nascer, Jesus, longe de dizer que tal não era possível, confirmou a possibilidade, dizendo: que não era por aquela causa, mas sim para que brilhassem nele as obras do poder de Deus³⁴⁴.

341 (Nota do Organizador) Jo. 3: 1-20.

342 (Nota do Organizador) Vide Mt. 16: 13 e 14, Mc.8:27 e 28; Lc. 9: 18 e 19.

343 (Nota do Organizador) Vide Mt. 17:12 e 13 e Mc. 9: 11-13.

344 (Nota do Organizador) Vide Jo. 9: 1-12.

Que mais é preciso, para que a Igreja, em nome do próprio Jesus, [não]³⁴⁵ condene a ideia hoje ensinada ao mundo pelo Espiritismo?

Ignora estas passagens, que apontamos?

Se não ignora – e nem tal hipótese pode ser formulada – repele a verdade conhecida [e]³⁴⁶ por tal peca contra o Espírito Santo.

Nem se alegue que a explicação é outra, porque, se para carolas, escravos da fé passiva, tudo o que diz o padre é santo, deve o padre lembrar-se que fala para o mundo civilizado – e que neste a razão é livre e a fé é raciocinada.

Ou lhe é indiferente que meio mundo pereça, contanto que seu império se firme sobre a outra metade?

Sim, desgraçadamente é verdade conhecida: que a Igreja romana só cura de firmar seu poder humano, sempre *ad majorem Dei gloriam*.

Jerusalém, Jerusalém, *convertite ad Dominum, Deum tuum*³⁴⁷.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 28-06-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14442

345 (Nota do Organizador) Faltou este “não”, no texto original, que decidimos acrescentar, para manter o sentido geral do parágrafo.

346 (Nota do Organizador) Idem nota anterior, faltou este “e”, na frase.

347 (Nota do Organizador) Expressão latina. “Volte-se para o Senhor seu Deus”. (Tradução Google).

Artigo CDXLVI

Gazeta de Notícias, 05-07-1896

É recente o fato de ter o nosso Arcebispo³⁴⁸ negado sufrágios pela alma de um católico, por ser maçom.

Não acusamos o procedimento do Sr. Arcebispo, porque foi ele de conformidade com as decretais de Roma; mas lamentamos que a Igreja, que “é eterna por seu caráter, não seja do tempo por seu ensino”, como entende o eminente Causette³⁴⁹.

De sua intolerância, que chegou ao ponto de atear as chamas das fogueiras do Santo Ofício, é que tirou sua razão de ser a incredulidade, revestindo todas as formas do cisma e atirando-se nos extremos do materialismo e do ateísmo.

Quem, dotado de sã razão, pode admitir por um instante que venha de Deus uma religião que se impõe até pela força das torturas, que tocam o mais algo grau da perversidade [humana]³⁵⁰?

Quem pode mesmo acreditar que Deus, tendo nos dado a liberdade com a responsabilidade, nos tolha o livre-arbítrio de crer ou não crer nos seus preceitos?

348 (Nota do Organizador) Em 1896 exerce esse cargo o sr. João Fernando Santiago Esberard (Barcelona, 10 de outubro de 1843 — Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1897), bispo católico hispano-brasileiro e o primeiro Arcebispo do Rio de Janeiro. (Fonte: *Wikipedia*)

349 (Nota do Organizador) Jean-Baptiste Causette (1819-1880) - filósofo e padre francês, séc. XIX, já citado em volumes anteriores desta coleção.

350 (Nota do Organizador) Essa palavra nos pareceu truncada, no texto original, pelo que decidimos substituí-la por aquela que melhor se adequou ao sentido do parágrafo.

A Igreja nunca foi do seu tempo – ou antes: fundiu um molde, no intuito de sua dominação terrena, ao qual se devem acomodar todas as razões, todas as consciências, sob pena de sofrer o recalcitrante anátema e o fogo.

Isto pode ser muito conveniente à conquista do *reino do mundo*, que Jesus declarou não ser o seu; mas intuitivamente não é racional nem consciencioso.

O Papa, entretanto, ou a Igreja que ele representa, melhor do que representa o Manso Cordeiro, esquecido das vozes de Jesus, quando disse: se o meu reino fosse desse mundo, mais de doze legiões de anjos meu Pai mandaria em minha defesa³⁵¹ – esquecido dos ensinamentos de Jesus, que foram sempre de mansuetude e benevolência, impõe sua vontade aos fiéis e coage-os a lhe obedecerem.

A Igreja, longe de procurar amoldar-se aos tempos, quer que os tempos se amoldem ao tipo – a um tipo todo em que pretende eternizar; ou mais claramente: quer botar vinho novo em odre velho.

Daí esse fatalíssimo erro que põe barreira ao progresso humano, a incredulidade que lavra por toda a Terra.

Racional e conscienciosa é a mãe cristã ensinar a seus filhos a Doutrina de Jesus, empenhando amorosamente todos os meios de convicção para chamar ao aprisco aquelas ovelhas que não compreenderam ou não quiseram pôr em prática os seus ensinamentos.

Mas para isso era preciso dar o exemplo, praticando segundo o divino Modelo – e ... Roma é a antítese do Cristo – é a êmula de Jerusalém com seu orgulhoso e poderoso sacerdócio.

Se o Papa fosse o vigário de Cristo, nem colocaria sobre sua cabeça uma coroa de rei – nem empregaria todos os meios humanos para dominar os reis da Terra – nem se atreveria a proclamar-se infalível como Deus e só Deus.

A Igreja quer ser eterna por seu caráter e eterna por seu ensino, sem atender a que Jesus ensinou por parábolas, para que seu ensino se acomodasse aos tempos, segundo o progresso realizado.

Não contente com as cismas que têm criado e com a descrença, que reduz o rebanho a um número insignificante de verdadeiros crentes, procura afastar mais almas da sua comunhão

351 (Nota do Organizador) Mt. 26:53.

católica, levantando a incompatibilidade entre o maçom e o cristão.

Se, em tempos idos, houve razão para isto, hoje tal razão não existe, sendo, ao menos entre nós, os maçons que sustentam e dão brilho ao culto.

Poderá a Igreja convencer a um, um só dos brasileiros de que o maçom é inimigo da religião?

Para que, pois, este capricho de manter, mudadas as condições, o que um dia foi uma necessidade?

Mas a Igreja engana-se, supondo que a humanidade de hoje ainda é a do XVII século, que trancava a razão e a consciência, para pensar e agir segundo os mandamentos, eivados de mundanidades, da Santa Igreja romana.

Não; hoje o homem já raciocina e resolve por si, ciente e consciente de que, tendo a responsabilidade do uso que fizer de sua liberdade, é contra a lei de Deus fechar os olhos e deixar que outro o conduza à salvação.

Excomungam aos maçons? Pois retirem-se eles da comunhão, visto que para amar-se a Deus e ao próximo não se precisa de procurador.

Sejam cristãos, sim; porque só o cristão tem a via e a luz para a vida, que é Jesus; mas sejam cristãos à parte da Igreja romana, mesmo porque ela tem adulterado o puro ensino de Jesus.

O que perde o maçom em não querer a Igreja romana sulfragar-lhe a alma? Jesus não disse jamais que a prece fosse a missa; mas sim que fosse ela feita do íntimo da alma, com todo o respeito e humildade, nos termos da oração dominical.

Mais vale fechar-se o cristão ao seu quarto e orar, como Jesus ensinou, pelo irmão que deixou a vida terrena, do que mandar dizer missas, rezadas por interesse das pagas.

E a prece rezada do íntimo d'alma sobe até o Sábio Sacratíssimo – e a missa rezada com a mente na espórtula³⁵², só não é inútil pela intenção e bons desejos dos que a ouvem.

Não se incomodem os maçons com a excomunhão, porque está só os priva dos ofícios remunerados, nunca, porém, dos meios, postos ao alcance de todos, para que os filhos, mesmo os

352 (Nota do Organizador) Quantia em dinheiro que se dá a alguém como recompensa, para além do pagamento do serviço prestado, gorjeta, gratificação. A palavra vem do latim, *sportula*, ou pequeno cesto, como o usado pela Igreja para recolher doações, nas missas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

maus, elevem seus pensamentos a Jesus e provoquem as graças que ele não regateia aos que o procuram com fé e humildade.

Os espíritas, não estamos com a Igreja romana, e nem por isto nos consideramos deserdados do amor do Pai celestial.

Não estamos com ela, por seus abusos e por sua intolerância, por seu obscurantismo e pela estreiteza de sua cosmogonia; mas respeitamos suas crenças como queremos que respeitem as nossas.

Venham os maçons para a verdadeira Doutrina de Jesus, que é o Espiritismo, e deixem a Igreja na sua paz sepulcral.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 05-07-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14481

Artigo CDXLVII

Gazeta de Notícias, 14-07-1896

Se não é bem conhecido, nesta capital, o doutor Lucindo Filho³⁵³, digno herdeiro do nome e das inestimáveis qualidades de seu pai, o doutor Lucindo Pereira dos Passos, professor de latim do ex-colégio de Pedro II³⁵⁴, poucos serão os que não guardam saudosa recordação do finado velho Lucindo.

O filho é tão respeitável como foi o pai – e, como homem da ciência, é um dos poucos, da sua geração, que enobrece a classe médica do Brasil.

Não é espírita, tanto que refere os seguintes fatos espíritas sob a denominação de *Alucinações Telepáticas*.

Pois bem, leiamos o que ele escreveu e subscreveu, para o professor Alexander, de que nos veio o escrito.

“Na noite de 6 de julho de 1890, em minha casa (Vassouras), meu pai, o doutor Lucindo Pereira dos Passos, que pouco dormia, viu à meia-noite, pouco mais ou menos, entrar-lhe no quarto uma senhora de preto, que chegou até o meio do aposento

353 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho (1847 - Serro, MG - 1896, Vassouras, RJ), poeta, tradutor, médico, compositor musical, redator dos periódicos *Vassourense* e *Gazeta de Notícias*, autor e tradutor de mais de 20 volumes, dos mais variados temas, da Medicina à Poesia. (Fonte: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=9028>)

354 (Nota do Organizador) Não conseguimos localizar dados biográficos do prof. Lucindo, mas o identificamos como tradutor do volume *Primeiro Livro de Latimidade Contendo Gramática, Exercícios e Vocabulários baseados no método de Constante Imitação e Repetição por John M' Clintock, A.M. e George R Crooks A.M.*, Livraria Nicolau-Alves Successores Alves e C^a Editores, RJ, 1885. (Fonte: <https://www.espacoriobrasilianaleiloes.com.br/peca.asp?ID=5239550>)

e tornou a sair. Minutos depois, a mesma senhora abriu de novo a porta do quarto e entrou.

“Meu pai, julgando que era uma viúva que morava conosco e que talvez carecesse de alguma coisa, perguntou-lhe o que queria.

“O vulto, em responder, saiu rápido do quarto e não mais voltou.

“Na mesma noite, uma criada, que dormia próximo ao quarto, em que residia a viúva, viu uma mulher de preto entrar e sentar à cabeceira da viúva. Quis gritar, mas o medo embargou-lhe a voz. Levantou-se, porém, para correr – e viu o vulto sair rapidamente.

“Acordou a viúva e referiu-lhe o fato, ficando ambas com medo e julgando que fosse a aparição da minha mulher, que estava gravemente doente em outra casa, tendo talvez morrido. Não puderam mais dormir até que amanheceu.

“Quando se levantaram, meu pai perguntou a D. Maria Raymundo (nome da viúva) se tinha passado mal à noite, pois que entrara em seu quarto duas vezes e não lhe tinha querido responder.

“D. Maria disse-lhe que não era quem entrara em seu quarto – e que a mesma aparição fora vista no dela. E referiu o que presenciara a criada.

“Dias depois soubemos que naquele dia (6 de julho) falecera em sua fazenda, em S. Paulo, D. Ernestina, esposa do doutor Alberto Leite Ribeiro, que há pouco se mudara de Vassouras e que era muito de nossa casa.

“Minha mulher estava doente e muito grave, e dela ocultamos a notícia da morte de sua amiga íntima.

“No dia 6 de agosto, um mês depois da morte de D. Ernestina, e três dias antes da de minha mulher, acordei ouvindo-a falar, e, como estava muito mal, julguei que delirava.

“Dizia ela: como é isto? Ernestina. Se você morreu, como é que vem me visitar? Defunto não visita ninguém.

“Acordei-a e perguntei-lhe se sonhava. Respondeu que não.

“Perguntei de novo se sonhara com Ernestina. Respondeu que não; porém indagou se eu tinha tido notícias dela.

“Naquele mesmo dia, chegou o Dr. Alberto e eu pedi-lhe que se apresentasse à minha mulher sem luto.

“Vendo-o assim, ela ficou satisfeita, e perguntou-lhe pela esposa, prova de que ignorava sua moléstia e morte...”

O fato exposto pelo Dr. Lucindo Filho não pode ser posto em dúvida, desde que é atestado por tão respeitável cavalheiro; mesmo porque dessa ordem quase que não há família que não conte um.

Não há, pois, discussão a respeito de sua veracidade – e provada sua veracidade, não pode igualmente haver discussão sobre a possibilidade de se comunicarem os mortos com os vivos.

O que dele nos impressiona, é ter o ilustrado doutor atribuído a alucinação ao que ele próprio referiu.

Alucinação de três pessoas, que se achavam em pontos diferentes – e que, nem por sonho, cogitavam em semelhante coisa!

Alucinação que conferiu perfeitamente com a morte de uma senhora íntima da família!

Alucinação robustecida pelo fato de conversar com a morta, com particular estranheza de a ver a seu lado, a esposa do Sr. Lucindo Filho!

Não será antes, verdadeira alucinação, pôr em dúvida um fato revestido de todas as provas testemunhais e circunstanciais, só para não confessar a inaniidade de preconceitos, filhos do atraso humano?

Se vingasse tal alucinação, a lei do progresso, pela qual vão se alargando indefinidamente os horizontes do saber humano, seria pura ilusão ou coisa tão estreita e limitada como qualquer lei humana.

A comunicação dos Espíritos, em hipótese, arrasa os fundamentos do materialismo e do ortodoxismo romano e consolida os do espiritualismo e do Espiritismo.

São crenças opostas; d'onde só um dos lados pode ter a verdade.

Quem decidirá da luta – quem demonstrará de que lado está a verdade? Os fatos, submetidos à observação e à experiência.

Pois bem; aí está um fato, e desses podem-se contar milhões, que resolve a hipótese de conformidade com os ensinamentos do Espiritismo. Por que recusá-lo?

Que o façam os fanáticos e os dominados do espírito de sistema, não admira; porque esses são pobres loucos, que julgam-se na posse da verdade absoluta.

Mas, que espíritos equilibrados repilam fatos provados, porque derrogam suas ideias; isto, sim, é para admirar.

Alucinação por alucinação, não há um homem de bom senso, que desdenhe a que assenta em provas experimentais, para abraçar a que é contradita por tais provas.

E, pois, os espíritas, cuja Doutrina não contém um princípio, que não tenha passado e não possa passar pela prova experimental, aceitamos bem satisfeitos o epíteto de alucinados, desde que nos é ele dado por quem se firma unicamente em sua própria certeza de possuir a verdade contra os fatos provados.

Moe-nos, porém, a paciência, ver homens inteligentes, só para não reconhecerem a existência do Espírito e sua comunicação, apegarem-se a teorias irrisórias.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 14-07-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14540

Artigo CDXLVIII

Gazeta de Notícias, 19-07-1896

Mais um fato do canhenho³⁵⁵ do ilustrado Dr. Lucindo Filho³⁵⁶.

Já que cito fatos desta ordem (alucinações telepáticas), deixe-me citar um outro, que se deu comigo em 1867:

“Em um dos dias de abril daquele ano, às 6 horas da manhã, no Rio de Janeiro, estando eu entre o sono e o despertar, acordei ouvindo uma voz conhecida, que me dia: adeus, Fulane, eu vou morrer. E vi sair pela porta do meu quarto um vulto de mulher, que era uma senhora a quem votava amizade fraternal.

“Levantei-me assustado e corri ao quarto de meus pais, referindo-lhes imediatamente o que vira.

“Meu pai disse-me que era bobagem – que eu tinha sonhado, e como era muito medroso, julgava realidade o que era fantasia. Demais, disse-me ele, a Sofia (nome da senhora) nem está doente.

“Às 8 horas da manhã, saí para ir à clínica do hospital da Misericórdia (eu cursava o 4º ano de Medicina), e na rua da Misericórdia encontrei, de luto, o Dr. Joaquim Clarimundo e Silva³⁵⁷, pai de Sofia.

“Sabes quem morreu? perguntou-me.

355 (Nota do Organizador) Livro de lembranças, Caderno de apontamentos. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

356 (Nota do Organizador) Vide nota 353, acima, neste volume.

357 (Nota do Organizador) Por um anúncio publicado no jornal *Correio Mercantil*, de 11 de janeiro de 1861, soubemos tratar-se de médico homeopata, o Dr. Joaquim. (Fonte: http://memoria.bn.br/pdf/217280/per217280_1861_00011.pdf)

“Sei, respondi, foi a Sofia.

“Como sabes disso?”

“Contei-lhe então o que me havia acontecido.

“É verdade. Morreu às 6 horas, de parto – e é por isso que teu pai disse nem estar ela doente.”

“O fato que acabas de me referir é deveras extraordinário. Eu vim tratar do enterro.”

Ora, aí temos outra prova da alucinação dos Espíritos!

O Dr. Lucindo confessa que ouviu a voz de Sofia, dizendo-lhe que ia morrer e ao mesmo tempo viu e reconheceu a própria Sofia, saindo de seu quarto.

Não podia pensar ele na morte d’aquela senhora, visto como nem doente se achava ela; e, entretanto, àquela mesma hora, mais minutos menos minutos, deixara ela de existir.

O fato é referido por um cavalheiro cujo caráter está acima de toda a suspeição – e foi autenticado imediatamente pelo Dr. Lucindo, por sua mulher e pelo Dr. Clarimundo, bem conhecido nesta cidade.

Venha o materialismo explicá-lo por suas teorias, que negam a existência do Espírito – e venha explicá-lo o Catolicismo, por seus dogmas, que afetam aos demônios as aparições.

A aparição disse: “eu vou morrer”, logo não tinha morrido ainda. E, se não tinha morrido, como veio do seu leito, onde agonizava, ao quarto do moço Lucindo?

Além de que, mesmo no estado de saúde, pode o nosso Espírito desprender-se do corpo, durante o sono, tanto que muitas vezes temos evocado Espíritos de pessoas vivas, acresce que, sendo a morte o desligamento do Espírito do corpo que lhe foi instrumento na vida, esse desligamento opera-se gradualmente, de modo que, algumas vezes, o médium vidente vê o corpo ainda arfando e o Espírito a seu lado, fora dele, esperando somente recolher as últimas parcelas do Espírito para deixá-lo de vez.

Pois bem, há mil observações de Espíritos, nessas condições, [que]³⁵⁸ voaram a legiões distantes, enquanto se conclui o processo do desligamento.

358 (Nota do Organizador) Tomamos liberdade de fazer esse pequeno acréscimo ao texto original, apenas para melhor encadeamento das ideias do parágrafo.

Foi o caso do Dr. Lucindo, tanto mais comum quanto a [hora]³⁵⁹ da morte ou desligamento foi quase a mesma da aparição, com diferença apenas de alguns minutos ou segundos.

O moço viu e ouviu a senhora, sem dúvida.

Seria sua matéria, a dela, que transladou-se, de modo que feriu a retina do doutor?

Confirmam os materialistas conscienciosos que isto seria mil vezes mais *sobrenatural* do que o fenômeno espírita, que sua escola repele por *sobrenatural*.

Admitido o Espírito com as qualidades que lhe são atribuídas, o fato explica-se sem violência à razão. Não admitida senão a matéria, façam-na transportar de uma a outra, onde alguém dorme em seu quarto fechado – e isto sem que o corpo deixe de estar onde está.

Com o Espírito dá-se o fenômeno, permanecendo o corpo em seu leito de morte – sem o Espírito, como viu o corpo cá, um saiu de lá?

Mas que tem que o Espiritismo explique o fato por leis comprovadas experimentalmente e que o materialismo não o possa explicar, senão por teorias de bobage? Não lemos, outro dia, escrito por uma ilustração: que *talvez* a ciência explique um dia ao sabor do materialismo, todas estas coisas do Espiritismo?

E com isto está achatado o Espiritismo e solidificado o materialismo!

Há, porém, homens de bom senso, que não vão arrastados por enxurradas de lógica deste jaez.

E os padres, com a sua explicação pelas artes de Satanás?

Espírito de morto não vem falar a vivos, dizem – e segundo sua crença dizem muito bem, pois que as almas vão para o Céu, para o Purgatório ou para o Inferno, donde não saem para virem prosar com os míseros pecadores.

Mas, provam-se, hoje, aos milhares, as comunicações dos mortos. Logo, não se vai daqui nem para o Céu, nem para o Purgatório, nem para o Inferno. Logo, a doutrina ortodoxa é falsa, quanto ao destino das almas.

Não são as almas que se comunicam. É o demônio que vem por elas.

359 (Nota do Organizador) Idem nota anterior.

Está defendida a lei romana: mas haverá por aí algum parerma que aceite como obras de Satanás a manifestação da filha do Dr. Clarimundo?

Nem ela era uma endiabrada, nem o moço Lucindo o era. Como, então, tomou o demônio a forma e a voz daquela senhora, para ir falar ao moço?

Que interesse podia haver em tal manifestação, simples prova de afeto, para a legião negra?

Se viesse trazer uma palavra que pudesse induzir a mal, passe a intervenção do tinhoso; mas para trazer um simples “adeus”, só se o demônio não tem o que fazer!

Caros irmãos da Igreja romana, se não lhe acudirdes a tempo, o vosso edifício cai por terra ao choque das nossas verdades, como caiu o do sacerdócio hebreu ao choque das verdades messiânicas.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 19-07-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14572

Artigo CDXLIX

Gazeta de Notícias, 26-07-1896

Na *Gazeta de Notícias* de 13 do mês corrente lemos:

“Toda a imprensa portuguesa está reproduzindo esta notícia curiosa:

“Lê-se na *Independência Belga*:

“O nosso correspondente de Florença conta-nos uma estranha história referente a E. Rossi, o grande artista que faleceu há pouco.

“Ernesto Rossi³⁶⁰, na sua viagem a Portugal, recebeu do rei D. Luiz um soberbo relógio ornado das régias iniciais. A 19 de outubro de 1889, às 8 horas e 35 minutos, o relógio, que até ali trabalhara admiravelmente, parou de súbito.

“Àquela hora desse mesmo dia, o rei D. Luiz de Portugal exalava o último suspiro.

“Rossi ficou tão impressionado com essa misteriosa coincidência, que não quis nunca mais compor o relógio. Mandou-o colocar sob uma pequena campainha de cristal, juntando-lhe um papel, onde é contada essa estranha história.”

O fato é autêntico tanto quanto extraordinário; mas o espírito de sistema, que não tem olhos para ver a luz, só os tendo para

360 (Nota do Organizador) Ernesto Rossi (Livorno , 27 de março de 1827 – Pescara , 4 de junho de 1896) foi célebre ator de teatro italiano. Esteve no Brasil encenando Shakespeare em 1871, e suas apresentações receberam a crítica de ninguém menos que Machado de Assis. Vide a respeito o artigo da profa. Adriana da Costa Teles (FAPESP/USP) - <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1302/848>

ver o que se opera dentro do círculo de suas concepções, imaginou logo uma escapatória: coincidência.

E porque a extraordinária coincidência não será explicada por uma lei natural desconhecida dos redatores da *Independência Belga*?

Inúmeros são os casos, hoje registrados, de avisos aos amigos dos que se partiram desta vida; quererão que sejam todas meras coincidências?

É muita coincidência sob mil formas!

Ainda ontem referia-se o fato de um oficial, que partiu para a guerra, prometendo ao amigo dar-lhe sempre notícias suas, o que cumpriu religiosamente até o fim da campanha.

Julgando-o salvo de perigos, o amigo era tranquilo a seu respeito; mas eis que ele aparece fardado e condecorado, a dizer-lhe o adeus da despedida. Tinha morrido da queda de um cavalo.

Coincidência! dizem os que julgam infalível sua crença do *nada* depois da morte.

E as coincidências se multiplicam neste gênero, até se tornarem tão comuns como os fatos ordinários da vida humana; mas os cultores da matéria não se abalam!

Nem se abalam os próprios espiritualistas, que não admitem a comunicação dos mortos com os vivos, coisa hoje provada à luz meridiana e ao alcance de quem quiser seriamente observar!

Não creem; logo não é verdade!

Ah! Bayle³⁶¹, a tua teoria, de ser o saber a medida do crer, têm levado muita gente a prender-se em teias de aranha!

Que seria a humanidade se somente devesse admitir o que compreende, quando ela não compreende senão superficialmente?

O ilustrado comendador João Caetano da Silva³⁶², já falecido, mas não esquecido de seus numerosos amigos, referiu-lhes um fato que se deu com ele e que é idêntico ao de Rossi.

361 (Nota do Organizador) Pierre Bayle (1647-1706), filósofo e escritor francês já citado em outros volumes desta coleção, vide especialmente a nota 117, pág. 263, do Tomo I.

362 (Nota do Organizador) João Caetano da Silva exerceu os cargos de Primeiro Escrivão do Tesouro Nacional, de Inspetor das Tesourarias de Fazenda das Províncias de São Paulo e do Paraná (1852-1853), e de Diretor da Seção do Orçamento da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, tendo recebido os títulos de Cavaleiro da Ordem de Cristo (1848) e de Oficial da Ordem da Rosa (1854). (Fonte: Museu Histórico Nacional - Acervo Arquivístico)

Tendo-se criado a nova província do Paraná, o Conselheiro Zacarias³⁶³, que inaugurou-a como presidente, levou-o, em comissão, para organizar os serviços da tesouraria geral e ele foi, deixando aqui a família.

Já presidia aquela província o Conselheiro Josino do Nascimento Silva³⁶⁴, seu compadre e amigo, e ele distraiu-se todas as noites a jogar, em palácio, o voltarete³⁶⁵.

Boas notícias da família davam-lhe a completa paz de espírito, quando uma noite, sentindo-se indisposto, recolheu-se mais cedo à casa, onde o criado lhe trouxe logo o banho.

O relógio marcava 10 ou 11 e um quarto, quando entrou no banho, e o homem aí ficou, como em êxtase, até que o gélido frio da água do banho o despertou.

Surpreendendo-se com o fato, foi no relógio e viu aí a mesma hora em que entrara no banho: 10 1/4 ou 11 1/4; e entretanto já era dia e o relógio tinha corda, pois que lh'a dava sempre no meio dia.

Uma tristeza mortal tomou-lhe a alma, a ponto de chorar, sem saber porque, e, vestindo-se imediatamente, foi para o palácio, onde referiu o caso, que serviu de motivo a motejos dos amigos.

Naquela noite e à hora em que parou o relógio falecera aqui na capital sua filha predileta.

Coincidência!

Coincidência como a de Rossi – coincidência como a do militar russo de que acima falamos – coincidência como se dão todos os dias e por toda a parte!

A ciência hodierna reclama fatos para base de seus princípios; mas, quando aparecem os fatos, se depõe contra suas velhas ideias, não podendo recusá-los, coloca-os fora da linha, recorrendo a irrisórios subterfúgios.

363 (Nota do Organizador) Zacarias de Goes e Vasconcellos (Valença, 1815 – Rio de Janeiro, 1877) advogado e político brasileiro de intensa atividade e, dentre os muitos cargos ocupados, foi o primeiro Presidente da Província do Paraná. (Fonte: *Wikipedia*)

364 (Nota do Organizador) Josino do Nascimento Silva (Campos dos Goitacazes, 1811 – 6 de junho de 1886) – magistrado e político brasileiro. (Fonte: *Wikipedia*)

365 (Nota do Organizador) Jogo de cartas entre três parceiros, com um baralho de quarenta cartas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Coincidência; nos casos dos avisos espíritas, é de todos eles o mais engraçado.

Que importa, porém, uma lamentável teimosia, que só prejudica aos que a alimentam?

A verdade é como o Sol – faz sua marcha sem se embaraçar com as nuvens que lhe procuram empanar o brilho.

Os Espíritos são – os Espíritos se comunicam conosco, que Espíritos somos – e tudo isto se opera mediante leis postas pelo Criador, que só agora se revelam, em plena luz, à humanidade que pode ignorá-las, mas não suprimí-las.

Fiquem, pois, os sábios materialistas com sua ciência de palha que nós, os pobres de espírito, nos contentamos com as nossas ridículas fantasias.

Lembrem-se, porém, de que Galileu destronou a crença de todo mundo.

Dir-nos-ão: mas foi pela ciência que Galileu descobriu a verdade.

Sim, mas não foi pela meia ciência dos materialistas.

A ciência é o conhecimento do mundo material e do mundo espiritual.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 26-07-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14614

Artigo CDL

Gazeta de Notícias, 03-08-1896

Entre a doutrina romana, que exige do fiel sumissão passiva aos mandamentos da Igreja, e a filosofia racional, que protesta, em nome da liberdade de pensar e de agir, contra a fé passiva, ergue-se o bom senso natural, que condena aqueles extremos.

O homem foi criado livre e, portanto, responsável³⁶⁶; logo, tem naturalmente o direito, embora com a relativa responsabilidade, de pensar, de sentir e de obrar como bem lhe parecer, sem que se lhe imponha qualquer autoridade que não seja a lei de seu próprio Criador.

Cumprir a lei é dever de todo o ser humano, assim como é seu direito fazê-lo ou não; donde a necessidade da sanção moral, que não teria razão de ser se os homens, como cegos, se deixassem levar pela mão da Igreja ou pela fé passiva que ela lhes impõe.

A missão da Igreja é a dos apóstolos: ensinar e propagar os ensinamentos de N. S. Jesus Cristo; nunca, porém, impor a fé a quem quer que seja, em detrimento do livre-arbítrio de todos e de cada um.

Se a Igreja seguisse as pegadas dos apóstolos e não abusasse, por amor do *reino d'este mundo*, da lei posta por Deus e ensinada e exemplificada por Jesus, sua base seria aquela *pedra*,

366 (Nota do Organizador) “Deus criou o Espírito, independente, livre e responsável”, ensinam-nos os Espíritos no volume *Os Quatro Evangelhos*, recebido psicograficamente por Émilie Collignon e organizado e publicado por Jean Baptiste Roustaing. Vide Tomo IV, item 44, pág. 986, parágrafo 3, da edição Ibbis, Brasília, 2022.

contra a qual não prevalecerão as potências do mal – e todos os homens a cercariam de amor e de veneração.

Ela, porém, transviou-se da senda traçada por seu divino Instituidor, sacrificando à sede de domínio, à *sacra fames*³⁶⁷ seus deveres apostólicos; e d'aí a imposição da fé passiva, para que suas obras não pudessem ser julgadas pelos [carneiros]³⁶⁸ – e d'aí a revolta d'estes, desde os cismas à negação absoluta do materialismo.

O extremo abuso, levado até à monstruosidade de roubar a Deus um dos seus atributos – a infalibilidade – gerou a extrema revolta, levada até à monstruosidade da negação de Deus, da divinização e do endeusamento da matéria inerte e ininteligente.

A Igreja deslocou-se da base em que foi posta, escravizando, para a realização de seus planos de interesses mundanos, o livre-arbítrio do ser humano. Incorreu na condenação do bom senso natural.

A filosofia, hoje conhecida pelo nome de ciência, incorreu naquela condenação, por ter a pretensão de fazer do livre-arbítrio um poder irresponsável, sendo o homem o deus de si mesmo.

Uma reduz o ser racional [a um]³⁶⁹ autômato; outra fá-lo independente de tudo, superior a tudo.

O bom senso nos diz que nem uma nem outra está com a verdade, com essa verdade que se impõe ao próprio senso comum.

Se o homem é livre, é responsável; se é irresponsável, está sujeito à sanção dos seus atos.

Por onde aferir a liberdade a fim de efetivar-se a responsabilidade? Evidentemente por um peso, por uma medida, por um critério.

367 (Nota do Organizador). Expressão latina, que na sua versão completa apresenta-se como *auri sacra fames*, e que tem por autor o poeta Virgílio (*Eneida*, III, 56-57). Emprega-se esta frase para condenar a ambição insaciável de riqueza. Traduz-se como: “excecrável fome de ouro”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

368 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “camiros”, cujo significado não conseguimos identificar. Decidimos, então, substituí-la por “carneiros”, assumindo a hipótese de um erro tipográfico.

369 (Nota do Organizador) Permitimo-nos também fazer esse pequeno acréscimo, para melhor compreensão do parágrafo.

O peso – a medida – o critério, é a lei – a lei posta por Deus e por ele revelada à humanidade gradativamente e na razão do progresso da compreensão humana.

A ciência e a prática da revelação – eis o critério para o exercício do livre-arbítrio, para a efetivação da responsabilidade, para a sanção moral.

E, pois, nem abafar a razão e a consciência, que são os olhos do livre-arbítrio, nem elevar o racionalismo à categoria de lei única, sem responsabilidade e sem sanção.

A razão sempre, porque fomos criados racionais; mas a razão, de par com a consciência, sempre submissa à lei, como luz que nos foi dada, para compreendê-la e cumpri-la.

Eis o que nos diz o bom senso, despido de preconceitos científicos e fanáticos, que são o obsessivo dos materialistas e dos católicos romanos.

O homem é naturalmente livre de crer ou de não crer – de cumprir ou de não cumprir a lei; mas não tem o poder de suprimir ou, sequer, de alterar a lei de Deus.

Tem a razão e a consciência para conhecer aquela lei, que o deve conduzir a seu alto destino; mas, por isso mesmo, incorre na responsabilidade de cerrar os olhos àquela dupla luz e de usar de seu³⁷⁰ livre-arbítrio, desprezando a lei.

A lei foi a Revelação Mosaica, adaptada ao atraso daqueles tempos.

A lei foi a Revelação Messiânica, que desenvolveu e explicou a Mosaica, na razão do progresso já realizado pela humanidade.

A lei é hoje deficiente, porque o homem tem feito maior progresso à luz do ensino de Jesus, assim como já era deficiente, quando Jesus veio ampliá-la.

O passado revela o futuro; e, pois, se ao maior progresso humano tem correspondido mais ampla revelação, é de rigor que, em nosso tempo, venha maior desenvolvimento da lei, como a prometeu o Salvador.

Ora, o Espiritismo rompe o véu da letra, que tem coberto o Evangelho – e explica-o em espírito e verdade.

Como, então, duvidar de que seja ele uma Revelação, a que Jesus prometeu – a que decorre da ordem natural das passadas Revelações?

370 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “de um livre-arbítrio”, decidimos corrigir, por parecer-nos pequeno erro tipográfico.

A nova lei, ou Revelação da Revelação, conforma-se perfeitamente com o ensino de Jesus – explica satisfatoriamente um mundo de fenômenos até hoje desconhecidos ou inexplicáveis – e enche, a sabor da razão, da consciência e do bom senso, o vale cavado entre a Igreja e o materialismo.

A nova lei, pois, ou Revelação Espírita, é largo pálio a cobrir as razões esclarecidas dos dois campos, que aspiram o conhecimento da verdade.

Aí encontra-se luz para os cegos da ciência e para os da religião; porque o Espiritismo é religião científica, como Revelação mais adiantada.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 03-08-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14664

Artigo CDLI

Gazeta de Notícias, 09-08-1896

No *Jornal do Brasil*, de 24 de julho do corrente, sob a epígrafe *Fenômenos estranhos*, lê-se:

“Um homem de grande merecimento, o coronel De Rochas³⁷¹, administrador da Escola Politécnica da França, vai publicar um volume sob o título *A Exteriorização da Motricidade*³⁷², no qual se propõe a demonstrar este fato: uma força emanada do organismo de certas pessoas pode pôr em movimento corpos inertes; esse livro encerra o resultado de experiências efetuadas no outono passado, com o concurso do célebre médium, a italiana Eusápia Palladino.

“Assistiram a essas experiências magistrados e homens versados em ciências Físicas, entre os quais Mr. Sabatier, professor de Zoologia da Faculdade de Ciências de Montpellier³⁷³.”

371 (Nota do Organizador) Eugène Auguste Albert de Rochas d'Aiglun (Saint Firmin-en-Valgaudemar, (Hautes-Alpes), 1837 – Grenoble, 1914) foi engenheiro militar, historiador da ciência, pesquisador de fenômenos espíritas, escritor, tradutor e administrador da Escola Politécnica de Paris. (Fonte: *Wikipedia*)

372 (Nota do Organizador) O título original é *L'Extériorisation de la Motricité: Recueil d'Expériences Et d'Observations*, com 648 págs.

373 (Nota do Organizador) Paul-Dieudonné-Armand Sabatier (Ganges, 1834 – Montpellier, 1910), foi médico e professor de anatomia comparada e de zoologia na Universidade de Montpellier, de cuja Faculdade de Ciências foi decano. (Fonte: *Wikipedia*)

O que sobressai das experiências do ilustrado De Rochas é o fato verificado e já hoje inquestionável de moverem-se objetos inertes à simples presença de certos indivíduos.

Em primeiro lugar é de notar que nem todos podem produzir aquele fenômeno; donde a conclusão de ser tal faculdade inerente a certas disposições orgânicas, que ainda não puderam ser determinadas.

Em segundo lugar, é da mais geral observação que o fenômeno da motricidade pertence a ordem das da psicografia espírita – da visão espírita – da audição espírita – e mil outros denominados – mediunidades – que reclamam disposições especiais do organismo das pessoas que os produzem.

Assim como só podem produzir movimento de corpos inertes certas e determinadas pessoas, do mesmo modo só podem produzir a escrita direta, isto é: a escrita sem mão de homem, certas e determinadas pessoas; e assim os fenômenos de cada espécie de mediunidade espírita.

Há pessoas que produzem a escrita, mas não tem visão – audição – força motriz; e há pessoas que produzem o movimento dos corpos inertes, mas não tem nenhuma daquelas outras mediunidades.

A motricidade, portanto, é uma mediunidade, como qualquer outra, devida como as outras a disposições especiais do organismo de quem a possui.

Sendo assim, a motricidade é uma mediunidade espírita como toda as mais – mediunidade já há meio século conhecida e designada por Allan Kardec com a denominação de – mediunidade de efeitos físicos.

Há, pois, médiuns de efeitos físicos como os há psicográficos – videntes, auditivos, intuitivos, etc, etc.

O médium, como exprime a palavra, possui, por disposição especial de um organismo, as condições precisas para a manifestação dos pensamentos e das volições dos Espíritos.

Querem transmitir o seu pensamento; não procuram um médium vidente – um auditivo – um de efeitos físicos – mas sim um que escreva (psicográfico) ou que fala (sonambúlico), sob indução³⁷⁴.

374 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “inaducción”, que

Querem fazer-se visíveis³⁷⁵; procuram um vidente.

Querem manifestar suas forças; procuram um de efeitos físicos.

Segundo as disposições mediúnicas de cada um, eles a aproveitam para suas manifestações variadas.

Ora; de que o médium, por si só, não produz os fenômenos de sua especialidade, mas de que é, para isto, simples instrumentos, fato é de simples observação.

O psicográfico, apesar de sua faculdade, nada escreverá, se um Espírito não vier tocar – impulsionar, o lápis ou a pena – e assim todos os mais.

Temos visto inúmeras vezes o médium ficar, por longo tempo, com o lápis sobre o papel, sem movê-lo levemente; fazendo-o, porém – e às vezes vertiginosamente, desde que o Espírito evocado atua sobre ele.

A faculdade (mediunidade) existe no indivíduo; mas é sempre preciso que uma força estranha venha pô-la em ação.

Assim acontece, e têmo-lo observado centenas de vezes, com todas as outras espécies de mediunidades.

Portanto; no caso do Sr. De Rochas, a motricidade de Eusápia exterioriza-se, sim, mas exterioriza-se pela ação dos Espíritos.

A médium tem a condição necessária para mover corpos inertes; mas não pode-lo-á fazer por si só – e só fa-lo-á quando um Espírito vier pô-la em ação.

É como uma máquina, que tem a força para produzir um outro efeito; mas que é preciso, para isso, que uma inteligência estranha lhe dê o movimento e lhe dirija a ação.

O médium, no exercício de sua mediunidade é passivo e inconsciente – é verdadeiramente uma máquina – salvos casos especiais – e raras espécies de mediunidades.

Os efeitos físicos, o médium produz sem querer; eles se dão, às vezes, com surpresa sua.

É que os Espíritos tomam-lhe a máquina – e tocam-na.

não conseguimos localizar, mesmo atualizando a grafia, pelo que a substituímos por indução, por suspeitar de simples erro material, tipográfico.

375 (Nota do Organizador) Houve aqui um pequeno cochilo de revisão, a palavra visível consta no singular, no texto original. Decidimos ajustar a concordância da sentença.

Todos os fenômenos de mediunidade pertencem à ordem dos fluidos, que ainda não são conhecidos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 09-08-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14700

Artigo CDLII

Gazeta de Notícias, 22-08-1896

Os fenômenos mediúnicos, dissemos em nosso passado artigo, regem-se pelas leis dos fluidos, que ainda não são conhecidos.

É uma ciência nova, que o Espiritismo veio resolver no mundo – e que mal começa a ser investigada.

Quando se conhecer as leis dos fluidos, ou leis do mundo fluídico, a nossa ciência reconhecerá sua inanidade e penetrará mistérios que lhe parecem indeclináveis.

O que é o sonambulismo à luz da ciência hodierna? Mistério, que se procura explicar por palavras que deixam o espírito na mesma ignorância – e que não servem para disfarçar nova ignorância, que o orgulho não nos permite confessar.

O sonambulismo, que não é senão uma variedade do Hipnotismo, ou que é o Hipnotismo em uma de suas fases, ainda não é definível à luz do nosso saber – da ciência que ousa entretanto, explicar a origem das coisas!

Vemos um indivíduo cair no estado sonambúlico ou hipnótico – vemos tudo o que ele produz nesse estado: coisas surpreendentes; mas ainda não houve quem decifrasse, a sabor da razão sem preconceitos, a razão daquele estado – a razão de seus maravilhosos efeitos.

Por que uns tantos são sonambulizáveis e outros não?

Por que, como o confessa o ilustre Charcot³⁷⁶, há pessoas refratárias à hipnotização?

376 (Nota do Organizador) Vide nota 187, acima.

Por que, no sonambulismo, uns precisam da ação dos chamados magnetizadores, ao passo que outros, sem nenhuma intervenção visível, caem no sono sonambúlico – e no Hipnotismo, uns recebem passivamente e outros repelem com energia as sugestões do hipnotizador?

Por que o magnetizador faz dormir – e o que é a sugestão?

Em consciência e com razão, a ciência tem explicado estas coisas de modo a se entender, e compreender, com a clareza com que se entende e compreende, por exemplo, a teoria dos balões aerostáticos?

Confessem os que dão à ciência o privilégio de toda a luz: nada, absolutamente nada, a não serem palavras sonoras e compassadas, tem ela encontrado, para dizer a respeito dessas questões.

O Espiritismo, que é ciência, mas que é igualmente religião – que procura a luz em Deus e não na inteligência limitada do ser humano; tem, por suas amplas revelações, levantado o véu, que encobre a nossos olhos, aos olhos da ciência dos homens, relativamente às leis da criação.

Sobre a espécie que nos ocupa, neste momento, ensina: que os Espíritos dos que já deixaram a vida, voltam a ela, revestindo novos corpos, organizados, cada um de conformidade com a missão que cada Espírito vem desempenhar.

Se, por exemplo, o Espírito do que foi eminentíssimo sábio, vem a uma missão de humildade, no seio dos que deslumbrou com suas luzes; seu organismo é disposto, segundo as leis que regulam a maior ou menor capacidade para as manifestações intelectuais, é disposto de modo a não poder dar expressão ao saber do Espírito de que é instrumento.

Por esta lei explicam-se muito satisfatoriamente as mediunidades, que são meios de execução das missões dos Espíritos nessa vida.

Um deles precisa da mediunidade sonambúlica; seu organismo é disposto a isto.

Outro precisa da mediunidade intuitiva; para esse fim é disposto o organismo que lhe é dado.

E, assim, cada pessoa é dotada de organismo disposto à mediunidade ou mediunidades, necessárias à sua missão terrestre.

Daí resulta: que nem todos precisam da mediunidade sonambúlica – ou intuitiva – ou hipnótica; e, por isso, há refratários a todas as tentativas dos magnetizadores e dos hipnotizadores.

Além das leis das reencarnações, que explica todos os fenômenos humanos, ante os quais a ciência é coagida a recorrer a palavrões, o Espiritismo ensina ainda: a da comunicação dos Espíritos, pela qual os desencarnados atuam fluidicamente sobre os encarnados: os bons, para o bem – os maus, para o mal.

É por esta lei de comunicação dos Espíritos, que dá-se, tanto entre mortos e vivos, como entre vivos – é por ela que dá-se a sonambulização por influência de magnetizadores (vivos) – e com esta influência (pela dos mortos).

As relações são sempre entre Espíritos – e são tão naturais, como, na vida comum, deixarem-se levar, pessoas de ânimo fraco, pelas razões ou instruções de outras de mais forte vontade.

Quem não tem visto, entre os homens, uns subjugados à vontade de de outros?

Pois esta ação se exerce de Espírito; tanto que os desencarnados a exercem sobre os encarnados.

Temos dezenas de observações destes últimos casos; da subjugação de homens à vontade de Espíritos – e portanto, outras tantas provas de que, assim como o homem hipnotiza a outro homem, assim o Espírito hipnotiza (obseda) igualmente ao homem.

É por ação fluídica que hipnotizamos; isto é: nosso Espírito hipnotiza e submete à sua vontade a vontade de outros Espíritos.

É por ação fluídica que os Espíritos desencarnados hipnotizam; isto é, obsedam – subjugam à sua vontade a vontade de certos homens.

Hipnotismo e obsessão, já têmo-lo dito, regulam-se pela mesma lei natural – e só diferem porque em um caso a ação se dá entre dois Espíritos encarnados – e, noutra caso, dá-se entre um desencarnado e um encarnado.

Em todo caso, e isto é o essencial, a ação é sempre de Espírito para Espírito, como prova-o a obsessão.

Ora, sendo a ação de Espírito para Espírito, compreende-se perfeitamente a razão porque nem todos se submetem à sugestão, no uso do seu livre-arbítrio.

O Espiritismo, pois, ciência religiosa ou religião científica, dá luz, que a ciência, por si só, não pode dar – e não somente dá a luz como põe ao alcance da inteligência humana todos os seus

princípios exigindo que sejam submetidos às provas experimentais.

Ele não vai com o espírito de sistema, nem com a fé passiva.
Ele quer: razão despreocupada e fé raciocinada.
Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 22-08-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14775

Artigo CDLIII

Gazeta de Notícias, 01-09-1896

Para edificação do clero católico, especialmente do ilustre redator do *Apóstolo*, trasladamos para aqui um capítulo da sublime comunicação de um Espírito (S. João Evangelista, dada aos humildes membros do grupo Lérica e publicada no livro *Roma e o Evangelho*³⁷⁷):

“Eu ouvi sua palavra – eu recolhi sua luz.

“Ouvi, vós, a palavra de Jesus Cristo:

“Bem aventurados os pobres de espírito;

“Bem aventurados os mansos;

“Bem aventurados os que choram;

“Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça;

“Bem aventurados os misericordiosos;

“Bem aventurados os pacíficos;

“Bem aventurados os limpos de coração;

“Bem aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça de suas obras;

“Porque seus nomes estarão escritos no grande livro da vida – e seu juízo no coração e nas mãos deles.

377 (Nota do Organizador) Mensagem de João Evangelista, de março de 1874, cap. 28º da Parte Segunda do volume citado, item XVII. Dr. Bezerra foi o tradutor desta obra para o português, no Brasil. Ela é até hoje editada pela Federação Espírita Brasileira, consistindo em um dos grandes clássicos da literatura espírita, de todos os tempos, pelo valioso conjunto de mensagens que traz, e já teve outros trechos transcritos nesta série de artigos, vide especialmente o volume I, artigos LXIV, de 06.01.1889; LXVIII, de 03.02.1889 e LXXXIX, de 30.06.1889, todos do jornal *O Paiz*.

“Deus é a fonte da vida – e vós haveis recebido o dom da vida, princípio da felicidade imortal.

“Se sois, por Deus o sois – se sentis, por Deus sentis – se quereis, por Deus quereis – se amais, por Deus amais.

“Amai a Deus sobre toda a criação; porque se Deus não fosse, não seria a criação, nem vós mesmos, na criação.

“A Deus, porém, deveis amar em espírito, porque Deus é Espírito – e sua lei a verdade – e quer que os que a amam, o amem em espírito e verdade.

“O nome de Deus, no mais sagrado de vossas almas; porque sobre vós está Deus – e sobre o Sol, que vos alumia – e sobre a lei do Universo.

“Deus é vosso Pai.

“Em vossas necessidades, chamaí por vosso Pai, e vosso Pai, que vê vossas necessidades, responderá ao vosso chamado.

“E responderá sempre que o chamardes do fundo da vossa alma.

“Se alguém vos disser, Deus não ouve senão por seus eleitos, respondi: quais são os seus eleitos? Porém no reino de Deus, os primeiros serão os últimos, e os últimos os primeiros.

“O Pai distribui seu amor com igualdade – e ouve, compassivo, os gemidos dos pequeninos.

“O Pai não encerra os ouvidos ao que disser, do fundo do coração: meu Pai!

“Todos sois filhos de Deus – e Deus não exclui, desde a eternidade, a nenhum de seus filhos.

“O que despreza o dom de Deus, em seu pecado [tem]³⁷⁸ seu castigo – e em seu *renascimento* sua prova – e ninguém entrará no reino dos céus se não triunfar da prova, no *renascimento*.

“Vós já fostes – e vossos pais voltarão a ser.

“O mundo já pode suportar estas coisas, que não podiam suportar os mestres em Israel.

“E outras coisas não as pode ainda suportar o mundo; mas o Evangelho será sempre a luz.

“O que tem ouvidos que ouça.

“Porque, em verdade vos digo: que muitos têm os olhos no orgulho, e não verão – e ouvidos na soberba de seu coração, e não ouvirão a palavra.

378 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade do pequeno acréscimo, para melhor compreensão do parágrafo.

“E dirão: obra e Espírito de Belzebu.

“Como disseram do filho do homem.

“Ouvi a palavra:

“Todos os dias são de Deus, porque Deus fez a sucessão e estabeleceu a luz.

“Portanto, honrai ao Senhor vosso Deus todos os dias – e clamai a seus pés: Padre nosso! Padre nosso!

“Porque o Senhor ouve as súplicas dos aflitos ao sábado como ao domingo.

“A honra de Deus, na mansidão, na humildade do coração, na pureza dos sentimentos, na caridade e na justiça – e a glória de Deus no cumprimento da lei.

“Guardai estas verdades e tereis guardado o sábado.

“E se, no sábado, vossos filhos vos pedirem pão, buscai no sábado o pão para vossos filhos – e tereis guardado o dia do sábado.

“O sábado é o dia em que se obra a virtude – e o sábado em que não se obra a virtude, não é sábado.

“Esta é a palavra de Jesus Cristo no primeiro mandamento”.

Eu João.

Se o estilo é o homem, quem não reconhecerá João, o Evangelista, nesta comunicação?

Que não seja ele; perguntaremos: ele disse melhor – mais elevado – mais unguído da santidade do Evangelho, em tudo o que dele conhecemos?

Se não é dele, é digno de ser – e estamos certos de que não recusará subscrever o que aí fica transcrito.

Ora, o que aí fica transcrito foi dado no grupo espírita de Lérída pelos meios empregados entre os espíritas, de comunicarem com os Espíritos.

Esses meios, pois, não foram, no caso vertente, veículo do pensamento de Satanás.

Só um fanático, por desequilíbrio mental, poderá, com efeito, atribuir ao demônio ensinamentos tão salutares; e, pois, se as comunicações espíritas podem ser diabólicas, podem igualmente ser divinas.

E se podem ser divinas, em vez de se repelirem todas, deve-se limpar o trigo do joio, aplicando o critério ensinado por Jesus: pelo fruto conhecer-se-á a árvore.

O fruto do que transcrevemos é indubitavelmente bom; logo a árvore é boa.

É verdade que João fala da reencarnação, que lança por terra o edifício romano: do Inferno com as suas penas eternas, como o principal destino da humanidade; mas isto não é novo, porque está colhido nas palavras de Jesus, que em vão procuraram reverter os que entendem o Evangelho segundo a letra.

A letra foi o ant’olho necessário enquanto os olhos não podiam suportar a intensidade da luz.

É chegado o tempo em que a humanidade, por seu progresso, já não precisa de ant’olhos e suporta a luz do Evangelho em espírito e verdade, senão em absoluto ao menos relativamente.

“O mundo já pode suportar estas coisas que não podiam suportar os mestres em Israel”.

“E dirão: obra e Espírito de Belzebu, como disseram do Filho do Homem”.

Roma, Roma, mirai-vos no espelho de Jerusalém!

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 01-09-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14833

Artigo CDLIV

Gazeta de Notícias, 16-09-1896

Quantas vezes temo-lo repetido: aquele que não crê na existência da alma – na existência de Deus – na responsabilidade do seu ser – na sobrevivência, enfim, não tem razão de poupar a vida, se lhe ela for penível e angustiosa.

O materialista e o positivista, que consideram aquelas ideias puras ficções, filhas de uma falsa educação – e que tem por verdade inconcussa a extinção do seu ser, pelo fato da morte, se sofrem as dores de seu viver, é porque não são coerentes com sua crença.

Se o homem tem fatalmente de ser reduzido a *nada*, que importa que o fato se dê *aqui ou além, agora ou logo?*

Até parece conforme com a razão e com o simples bom senso que acabar mais cedo é poupar trabalhos – contrariedades – pezares – aflições – dores – sofrimentos de toda a espécie: fios inevitáveis do tecido da vida humana, sem exceção de um só dos filhos dos homens.

O materialista, pois, e o positivista, que não o é menos, devem ter sempre à mão, se são lógicos, a arma suicida, que os libere de qualquer sofrimento que lhes perturbe a paz do bom viver.

E, assim, o suicídio deve ser, para eles, a preciosa essência, guardada em mimoso frasco, para servir-lhe de infalível recurso contra qualquer mal que lhes sobrevenha, físico ou moral.

E é por generalização da fatal doutrina, que seduz por isentar o homem de prestar contas de seus atos a um poder supre-

mo, que nós explicamos a generalização correlativa dos casos de suicídios³⁷⁹.

Ainda ontem lemos no *Jornal do Brasil* a notícia de dois irmãos que, vendo sua casa comercial arruinada, resolveram suicidar-se atirando-se da janela do seu estabelecimento, para não passarem pelas angústias de uma vida pobre.

Eram materialistas – não acreditavam em Deus, nem na alma imortal, nem na responsabilidade – só acreditavam na extinção do seu ser, pela morte; foram sabiamente lógicos.

Mas, se sua crença for falsa – se a morte for, apenas, uma transformação – se da crisálida sair a falena – se a falena humana tiver a consciência de sua individualidade, a memória de todos os seus atos, a responsabilidade de todos eles – se o ser humano for imortal em sua essência – se Deus existir?

Duvidais? A dúvida por incerteza é lícita a todos – e até meio de progresso.

Duvidais, porém, com certeza de ser falso o que choca-se com a vossa crença? D’onde esta certeza?

O que mais pode firmar a de toda a humanidade no movimento do Sol, que é visível?

Entretanto, não sois vós mesmos, orgulhosos do vosso saber, que vindes dizer a esta humanidade – aqui vêdes – vêdes todos os dias, não é verdade?

Pois se aqui vemos – aqui todos vêm – vemos todos os dias, pode ser falso, porque haveis de ter por infalível a vossa crença, que é subjetivada – que não tem por fundamento senão a vossa mesma crença?

379 (Nota do Organizador) O mais lamentável é que essa “generalização” a que se refere Dr. Bezerra perdurou e só faz crescer em nosso tempo, tornando-se verdadeira pandemia global, com fortes impactos também no Brasil. Segundo alerta publicado pelo Conselho Federal de Medicina, “os casos de suicídio aumentaram 43% no Brasil em uma década, passando de 9.454, em 2010, para 13.523, em 2019. Entre os adolescentes, o aumento foi de 81%, indo de 3,5 suicídios por 100 mil adolescentes para 6,4. Nos casos em menores de 14 anos, houve um aumento de 113% na taxa de mortalidade por suicídios de 2010 a 2013, fazendo do suicídio a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos” (Fonte: <https://portal.cfm.org.br/eventos/taxa-de-suicidio-cresce-43-em-uma-decada-no-brasil/>). Perverso efeito do materialismo, a doença de nosso tempo, postulado por uma ciência ainda cega sobre a verdadeira natureza da vida, espiritual e eterna, conduzindo uma multidão de cegos ao mais tenebroso abismo... Sobre esse assunto, recomendamos sempre, com máxima ênfase, a leitura do clássico *Memórias de um Suicida*, recebido psicograficamente pela nossa venerável Yvone do Amaral Pereira.

E se esta for falsa?

Se for – se existir Deus – se a justiça soberana tomar contas de nossas obras, como das de todos os homens – se a vida de além-túmulo não for uma ficção, filha de uma falsa educação?

Oh! neste caso, que confessareis ser pelo menos possível, qual será a vossa sorte?

Não podeis alegar ignorância da lei, porque ela foi ensinada a todos os povos, a cujos olhos pôs-se a luz, como os homens põem farol aos navegantes.

E o farol divino eleva-se gradativamente, para levar mais longe os raios da luz, progressivamente mais intensos.

Primeiro a Bíblia, por Moisés – depois o Evangelho, por Jesus o Cristo – e agora o Espiritismo, ainda mandado pelo Cristo, como o prometido complemento de sua Revelação.

Preceitos mais limitados em compreensão, porque a humanidade não comportava mais luz – preceitos mais amplos em sua compreensão, porque a humanidade já tinha realizado maior progresso – preceitos amplíssimos, porque o homem do nosso tempo já tem olhos de suportarem mais viva luz.

A lei, pois, está à vista de todos – e vós sois em face dela.

Por que não estudais a lei, principalmente hoje, que ela se vos oferece por sua face experimental – que não mais pelas especulativas?

Permiti que respondamos por vós.

Não a estudais, não observais os fatos, que atestam a sua verdade; porque uns tantos de vós, cheios do orgulho de seu saber, entendem que fora da ciência, da pobre ciência humana, não pode haver senão pasto para os tolos ou desequilibrados; porque outros tantos de vós, acham cômodo viver à lei da sua vontade e não querem perturbar esse doce *modus vivendi*³⁸⁰, reconhecendo um poder supremo que lhes tome contas de seus pensamentos, de seus sentimentos, de suas obras; porque, enfim, muitos, o restante, passam a vida, sem perturbar-lhes os gozos, pensando em coisas, que podem ser ou não ser, mas que, sejam ou não, pouco lhes importa.

São os soberbos, são os avarentos, são os luxuriosos, na boa acepção destes termos – são os loucos, são os cegos, são os néscios, sempre no bom sentido.

380 (Nota do Organizador) Locução latina que significa maneira de viver. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

E todos se fundem no cinismo do orgulho, que se gera na ignorância; porque Sócrates disse, e Laplace repetiu, que tudo o que sabiam dava-lhes apenas para reconhecerem que nada sabiam.

O suicida, portanto, querendo fugir a uma dor, na Terra, condena-se a atroz sofrimento no Espaço.

Isto será uma dúvida para o materialista, mas, ainda assim, deve-lhe ser uma contenção.

Isto não será dúvida para qualquer que, à luz do Espiritismo, estudar experimentalmente a vida do ser humano no Espaço.

Estudar, dizemos, no rigor da palavra - estudar [sem]³⁸¹ ideia preconcebida, com disposição de aceitar o pró ou o contra, provados pela observação e pela experiência.

Muitos têm-se dedicado a este estudo; mas levando no bolso a negação para tudo o que não for de acordo com o seu modo de pensar.

Isto não é estudar – é fazer a prova de sua orgulhosa contumácia no erro.

Estudar é fazer como Crookes e Wallace e Lombroso e muitos outros sábios, que, sendo materialistas, renderam-se à evidência dos princípios que aluem³⁸² suas crenças; porque, enfim, era descobrir a verdade, pela verdade.

Ai dos suicidas! – ai dos materialistas! – ai dos positivistas!
Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 16-09-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14921

381 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “uma”, que não se mostra em harmonia com o sentido geral do restante do parágrafo. Decidimos fazer um pequeno ajuste, substituindo-a pela preposição “sem”.

382 (Nota do Organizador) Tiram a firmeza, abalam, sacodem, minam. (Fonte: *Dicionário Priberam online*).

Artigo CDLV

Gazeta de Notícias, 27-09-1896

No folhetim do *Jornal do Comércio*, de 30 de agosto, um ilustre autor, que se assina – G – faz bem estirada apreciação do Espiritismo, que “a avaliar pelas notícias de frequentes sessões, pela fundação de novas associações e por outros sintomas, vai-se alastrando seriamente entre nós, captando numerosos adeptos”.

O ilustre escritor “se bem que considere a Doutrina Espírita simplesmente pueril, insuscetível de qualquer discussão no terreno do bom senso e da ciência, não leva a mal que cada um acredite no que bem lhe aprouver, desde que não perturbe o sono do vizinho”.

E, depois de longa prosa sobre o caráter diferencial do homem, em relação ao irracional, fala da origem do Espiritismo, que atribui às mesas giratórias e falantes – explica-o pela exploração daquele divertimento – aduba tal explicação com a infalível *autossugestão* – e conclui declarando: que o Espiritismo só conhece o que viu numa brincadeira de cinco moças com a mesa falante, que não deu senão o nome de Bocage³⁸³ – de Bocage – de Bocage – de princípio a fim.

383 (Nota do Organizador) Manuel Maria Barbosa l'Hedois du Bocage (1765 – 1805) foi um poeta nacional português e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano. Vale a pena conferir seus versos recebidos mediunicamente por nosso Chico-sempré-ele-Xavier, especialmente o volume *Volta Bocage*, ed. FEB, com destaque para o Soneto I, um dos mais belos e eloquentes ensinamentos de nossa Doutrina sobre a queda espiritual: *Por estranho caminho arremessado, / Fero titã cativo a negro fado, / Do berço morno à fria sepultura. / Triste filho dos céus, de alma perjura, / Desprezível Adão acorrentado / Ao*

Antes de mais, seja-nos lícito, sem prejuízo do respeito que devemos ao Sr. G. e a todos os que acreditam no que bem lhes apraz, desde que não perturbem o sono dos vizinhos, fazer-lhe uma ligeira observação.

O que será mais pueril, no terreno do simples bom senso, uma doutrina, que preocupa os maiores sábios do mundo, que é objeto obrigado de seus mais sérios estudos; ou o juízo de quem faz a mais formal declaração de não conhecer senão por uma brincadeira de moças, aquilo que se abalançou a condenar, o que é precisamente aquela doutrina que preocupa os sábios?

Uma puerilidade, insuscetível de qualquer discussão, ocupar a atenção dos maiores vultos da ciência?

Qualificar tão peremptóriamente uma doutrina, que confessa que não a conhece senão de nome, ou, o que é mais triste: só a conhece por ter assistido a uma brincadeira!

De mais não precisamos para pôr o crítico fora das raias da ciência, do bom senso e mesmo do senso comum.

Entretanto, como nada se perde no mundo, vamos aproveitar os mais dizeres do ilustre G., para enchermos as quatro tiras de papel da nossa pragmática.

Tem razão o ilustre censor no que diz sobre sua ignorância completa do que seja o Espiritismo.

Se não a tivesse confessado, ficaria ela patente, desde que atribui às mesas falantes a origem do Espiritismo.

Essa puerilidade, que já tem uma história científica, escrita em centenas de livros, publicados pelos mais distintos cultores da ciência, teve origem, dizem esses escritores, em fatos *sobre-naturais*, que se deram espontaneamente nos Estados Unidos – e que foram ali observados em meio do maior espanto, pelos mais ilustres homens daquela nação, especialmente pelo sábio juiz Edmonds³⁸⁴, que os divulgou por todo o mundo sábio.

desterro de sombras do passado, / Respira o lodo e chora a desventura! / Ao vão orgulho – a esse deus imigo, / Altares vãos erige, por vaidade, / Que, na treva, o mantém revel mendigo! / Por mais altos pregões a fé lhe brade, / Traz, desditoso, o cárcere consigo, / Atado à Morte em plena Eternidade. O autor do artigo referido por Dr. Bezerra – G – talvez relacione o fenômeno das mesas girantes à obra de Bocage por atribuir às mesmas um caráter satírico, extravagante, ridículo, já que não conseguiu atentar o quanto de importante, do ponto de vista científico, traziam em suas manifestações. (Fonte: *Wikipedia*)

384 (Nota do Organizador) John Worth Edmonds (1799 – 1874) – advogado e

Imediatamente, e por um modo maravilhoso, tais fatos se reproduziram pelas outras nações da América e da Europa, donde a divulgação do Espiritismo por todo o mundo, que tomou o mais vivo interesse em lhe conhecer a origem real – a natureza das suas manifestações – e as leis desconhecidas, segundo as quais se elas davam – e dão-se.

As mesas foram, no princípio, grosseiros instrumentos da generalização dos fenômenos espíritas – instrumentos, que fizeram em tempo, desde que se desenvolveram por toda a parte os médiuns escritores ou psicográficos e falantes ou sonambúlicos.

Ainda hoje se recorre a elas; mas só *per accidens*³⁸⁵, um Espírito elevado se presta a comunicar-se por tão grosseiro meio, não a aproveitando senão os atrasados, que, como tais, nenhum escrúpulo têm em procurar enganar os evocadores.

Foi provavelmente desta classe o que se deu por Bocage – e nem podia ser de outra; pois que um Espírito elevado não se presta a brincadeiras; do mesmo modo como um homem sério não deixaria seus altos trabalhos, para vir alimentar fúteis divertimentos de crianças.

O Espiritismo alastra, sim; e, porque sua origem não é humana, derrocará todos os empecilhos humanos, como o siroco arrasa montanhas de areia³⁸⁶.

O que valeu, para tachar³⁸⁷ o progresso, sempre triunfante da Doutrina de Jesus, toda a oposição dos homens?

Pois, o mesmo será com o Espiritismo, que é complemento daquela Doutrina, emanada da mesma fonte.

político americano de Nova York, um dos mais destacados pioneiros do Espiritismo nos Estados Unidos. Kardec o cita com muito respeito e reconhecimento no artigo *O Espiritismo na América*, na edição da *Revista Espírita* de novembro de 1861. O Sr. Edmonds foi também um campeão da caridade, sendo igualmente famoso por ter fundado um grande abrigo para crianças pobres, juntamente com outros 23 concidadãos de Nova York. Este abrigo existe até hoje. (Fonte: *Wikipedia*)

385 (Nota do Organizador) Por acidente, ou acidentalmente. Locução latina aplicada na linguagem filosófica, por oposição a *per se*, em relação às qualidades acidentais das coisas. (Fonte: *Dicionário Extraviz*)

386 (Nota do Organizador) Vento muito quente e seco do sudeste que sopra no Mediterrâneo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

387 (Nota do Organizador) Pôr tacha ou defeito em, censurar, pôr defeitos. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Se há quem a explora gananciosamente, e há; bem compreende G., que isto não destrói a verdade, que lhe é pedra fundamental.

E quanto a serem efeito de autossugestão os fenômenos espíritos – sentimos ver reproduzido por quem tem os foros de ilustrado, esse argumento, mil vezes invocado, e outros tantos pulverizados pela mais positiva experimentação.

Já é pão podre, de que somente se servem os ignorantes dos mais profundos estudos dos sábios.

Para que o ilustre G., não suponha que declamamos, roubando-lhe o privilégio, especificaremos um entre milhão de casos apreciados por ilustres insuspeitos.

O grande W. Crookes, entre as muitas experiências que fez, refere esta:

Em meio de trabalhos variados, lembrou-se de pôr o dedo sobre um jornal, que lhe ficara pelas costas, e de pedir ao Espírito, com quem confabulava e fazia estudos, que lhe dissesse qual a palavra sobre a qual tinha posto o dedo.

Nem ele mesmo conhecia esta palavra – e entretanto, o Espírito, ou o que quiserem chamar, disse precisamente a palavra.

Dessas experiências tem-se feito aos milhares e, em face delas, perguntaremos a G.: como explicar tais fatos por autossugestão?

Se o ilustre encarnecedor do Espiritismo sabe o que é autossugestão, há de render-se à evidência, diante da observação de Crookes.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 27-09-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/14987

Artigo CDLVI

Gazeta de Notícias, 04-10-1896

Parece que o ilustre G., do rodapé do *Jornal do Comércio*, anda meio intrigado com o Espiritismo; pois que, ainda no seu folhetim de 27 do mês findo, voltou à carga, a dar-lhe com as duas mãos.

É bom lembrar o perigo que corre a mariposa insistindo em apagar a luz com suas pequenas asas.

Não venha o ilustrado escritor, por força do compromisso que tomou, a atirar-se ao mar, metamorfoseando-se em baiacú ou sardinha.

Se não quer correr tão grande risco, pense menos em Espiritismo; porque outros incrédulos mais pintados têm cantado a palinódia³⁸⁸.

Um dia, o ilustre sábio William Crookes, membro da Real Academia de Ciências de Londres, assustado como G., por ver alastrar o Espiritismo na grande capital, declarou a seus colegas que ia tirar três meses dos seus *estudos sérios*, para varrer, de vez, aquelas teias de aranha.

A imprensa de todo o Reino aplaudiu a resolução do seu grande sábio, declarando-o o mais competente para demonstrar a *infantilidade* (a palavra é nossa, sem alusão a G.), os jornais diziam para demonstrar a inanidade das mágicas, com que o célebre Home encantava os parvos.

388 (Nota do Organizador) Poema no qual o autor se retrata daquilo que disse em outro. Retratação do que foi dito. Mudança de opinião. (Fonte: *Dicionário online de Português - Dicio*)

Crookes era, e é, com efeito, profundo em ciências, especialmente em Física e Química, tendo, além disto, a vantagem de não ser bobo de acreditar em Espíritos.

Foi, pois, no meio da ansiosa expectativa de toda a Inglaterra penante que o ilustre sábio recolheu-se a seu gabinete de estudos experimentais – e aí ficou, *procul a negotiis*³⁸⁹, isto é, descuidado dos seus *estudos sérios*, não três meses, como prometera, mas seis anos!

Que encontrou o sábio nas mágicas de Home, que, longe de pulverizá-las em três meses, ficara nelas embebido por seis anos?

Se G. quiser virar carapicú ou baiacú ou sardinha, invertendo a ordem estabelecida por Darwin, leia o livro em que o grande observador descreve as experiências que fez e os resultados que colheu. Chama-se *Pesquisas sobre o novo Espiritualismo*³⁹⁰.

Suas conclusões foram:

- 1o. Os fenômenos espíritas são incontestáveis;
- 2o. São incontestavelmente devidos a uma força nova, antes não conhecida;
- 3o. Esta força é, incontestavelmente, inteligente.

E o sábio, que descobriu o quarto estado da matéria, e o homem proclamado o mais competente para varrer as teias de aranha do Espiritismo, foi exatamente quem provou experimentalmente a verdade e o alto grau de elevação do Espiritismo!

Lombroso, um dos maiores vultos do nosso século, fazia mais do que G.; nem a divertimentos de moças, com as mesas falantes, se prestava a ir, qualificando os espíritas de modo tão ridículo quanto injurioso.

389 (Nota do Organizador) *Procul negotiis* é uma expressão latina que significa “longe dos negócios”. Estas palavras de Horácio são frequentemente citadas para expressar, como fez este poeta, que distanciar-se dos negócios é uma condição precisa para ter uma vida feliz. Elas pertencem à Ode II do livro do *Epodon* e ao primeiro verso dele, que , quando concluído, fica assim: *Beatus ille qui procul negotiis* (“bem-aventurado aquele que está longe dos negócios”). No caso, dr. Bezerra serve-se dela para salientar o afastamento de Crookes de suas pesquisas “normais”, digamos assim, para dedicar-se apenas ao estudo dos fenômenos espíritas. (Fonte: *Wikipedia*)

390 (Nota do Organizador) A tradução brasileira dessa obra, cujo título original é *Researches in the Phenomena of Spiritualism* (1874), chama-se *Fatos Espíritas*, e tornou-se um clássico da literatura espírita, publicada principalmente pela Federação Espírita Brasileira.

Lombroso, quase arrastado por Chiaia³⁹¹, foi, com três sábios materialistas como ele, assistir aos trabalhos espíritas com Eusápia Palladino, e o novo Saulo voltou Paulo! Confessou que os fenômenos espíritas são uma verdade irrecusável e que reclamam o mais sério e profundo estudo!

Ora; porque a mesa, de que serviam-se as cinco moças, invocada por G.; não deu coisa que valesse a atenção do ilustre escritor; porque o distinto escritor da *Bruxa* também não encontrou, n'um grupo espírita, senão mistificação, é de rigor concluir que o Espiritismo não passa daquilo que os dois observaram?

Não há vinho puro de uva porque encontra-se, por aí, vinho falsificado!

Se G. tem realmente desejo de virar peixe, leia os livros da Doutrina Espírita (os fundamentais) – leia os trabalhos dos homens da ciência a respeito do Espiritismo e investigue por si mesmo à luz d'aqueles ensinamentos.

Compreende-se perfeitamente que nada pode colher quem quer investigar praticamente uma ciência, sem que se tenha preparado com o conhecimento de suas leis.

Que pode colher aquele que, antes de estudar as leis da Química, quer chegar ao conhecimento daquela ciência, assistindo somente aos trabalhos de um laboratório?

Ilustre Sr. G., tudo requer método, sem o qual prevalecerá indefinível confusão.

Se, mesmo para assistirdes à brincadeira das moças com a mesa, vos tivesses aparelhado com a ciência da Doutrina Espírita, bem provavelmente de tal divertimento teríeis colhido luz.

Cego que guia a cego, cai e arrasta seu guiado a precipícios, que, no nosso caso, são o maior afastamento da verdade e o recrudescimento da vossa incredulidade.

Se não quiserdes investigar por vós mesmo, procurai, não esses grupos que se anunciam todos os dias pelos jornais, como empresas teatrais anunciam ao público maravilhosos programas.

Esses são exploradores do Espiritismo, que os têm toda a ciência e toda a religião – e aí encontrareis, por via de regras, o que encontrou o vosso Fantasio.

391 (Nota do Organizador) Ercole Chiaia / Conde (1850 - 1905) - espiritualista, italiano, particularmente conhecido pela promoção dos estudos sobre a médium Eusápia Palladino. Já citado em outros volumes desta coleção, a partir de seu volume II, Artigo CCXI - *O Paiz*, 15.11.1891

Ciência e religião verdadeiras não se adornam com aparatosas vestes – são modestas e despreziosas – e firmam-se na verdade, que sabem possuir, para espalhar a luz, com a prudência recomendada pelo sábio dos sábios, o divino Jesus.

Procurai os que trabalham no Espiritismo sem ostentação – e nesse meio, se não encontrardes o que procurais, então sim, podeis, com fundamento, qualificar de *infantilidade* o Espiritismo.

Mas, atendei bem.

Antes de experimentardes, deveis estudar a preceito a Doutrina, cujos princípios quereis fazer passar pela prova experimental.

E, assim preparado, deveis mais: trancar na vossa gaveta vossas ideias, teorias e preconceitos, porque ao contrário só recebereis o que for conforme com vossos princípios e repelireis tudo o que lhes for oposto, embora claro como água.

O observador científico deve ir ao trabalho disposto a procurar a verdade pela verdade, e nunca levando o estalão de suas crenças para impô-lo aos fatos que se lhe apresentarem.

Se praticardes segundo este método, que é o único para o que deseja conhecer a verdade, acreditai que não virareis baiacú nem sardinha, mas alcançareis a fé de S. Tomé.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 04-10-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15030

Artigo CDLVII

Gazeta de Notícias, 13-10-1896

No *Paiz* de 11 de setembro temos um telegrama de S. Paulo, que diz:

“Amanhã no Club Germânico, o professor alemão Dr. Burendt fará uma sessão antiespírita, dedicada à imprensa, descobrindo todos os truques de que se servem os médiuns para iludirem os crédulos”.

O tal professor alemão, logo no anúncio da sua sessão, provou que é mestre em truques.

Denominou-a antiespírita, porque pretendia mostrar *todos os truques de que se servem os médiuns*.

Mas que têm os médiuns com o Espiritismo, de modo que a prova de que empregam tais truques seja prova contra o Espiritismo?

Equivalentes: provado que muitos *sábios* fazem charlatanismo, provado fica que a ciência não passa de charlatanismo; – provado que muitos padres praticam a simonia³⁹², provado fica que a religião é simonia.

Só queríamos ser sábio doutor por aquele molde, ao menos por uma hora, para sabermos que gosto tem.

Quem não sabe distinguir ou de má fé confunde princípios com práticas, não está na altura de dedicar à imprensa suas locubrações – ou faz da imprensa o mais triste conceito.

392 (Nota do Organizador) Comércio de objectos sagrados, venda de bens espirituais. Proposta de compra (ou a própria compra) do que é considerado sagrado. O mesmo que simonismo. (*Fonte: Dicionário Priberam online*)

O professor da Germânia tem ou não tem ciência das investigações experimentais que os mais ilustres sábios de sua pátria fizeram sobre Espiritismo com o médium Slade³⁹³ – e, ultimamente, com Eusápia Palladino?

Se tem, deve saber que o Espiritismo saiu triunfante dos escrupulosos trabalhos daqueles sábios, insuspeitos, porque muitos deles nem sequer são espiritualistas.

Falamos somente dos trabalhos dos sábios alemães e não dos dos ingleses, franceses, russos, belgas, espanhóis, italianos e americanos, porque parece-nos, pelo anúncio da sessão, que o professor alemão é hóspede na matéria, não procurando senão fácil ensejo de fazer a imprensa falar de si.

Se não tem aquela ciência, para que se mete em frota sem bandeira?

Se não é prova de alto saber, é de respeitável bom senso pesarem-se as dificuldades da empresa que se comete, para não se tomar carga para que não se tem a precisa força.

Antes uma obscuridade respeitável do que uma notoriedade ridícula.

Quem não sabe que médiuns há que abusam indignamente da providencial faculdade?

Felizmente esta praga não tem lavrado em nossa terra, onde se encontram médiuns fracos ou mal assistidos, mas não falsários.

De nosso conhecimento (e conhecemos quase todos o mais notáveis dessa capital) insignificantes exemplares podem ser apontados de médiuns que façam truques.

Na Europa, sim, porque muitos fazem da mediunidade profissão.

Compreende-se que o interesse pode levar a falsificações; mas que interesse pode ter para praticá-las quem não colhe o menor provento do exercício daquela faculdade?

Iludir aos incautos?

393 (Nota do Organizador) Henry Slade (1835–1905), famoso médium norte-americano, já citado nestes volumes – vide acima neste volume, à página 118, especialmente o Artigo CCCLIII - *O Paiz*, 06.08.1894. Para saber mais de sua biografia, sugerimos o site da Federação Espirita do Paraná, que traça um perfil bastante completo a seu respeito: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=518>.

Poderia, se fossem propagandistas; mas, entre nós (e este é um grande mal) poucos são os que conhecem a Doutrina, para tentarem truques no empenho de fazê-la aceitar por incautos.

Essas considerações não são aplicáveis a uns tantos grupos, que só têm de espíritas o nome – e, portanto, não inquinam, com suas práticas, o caráter nobilíssimo do Espiritismo.

Aí encontrareis o que se encontra nas casas de dar fortuna; mas que tem isso com o verdadeiro Espiritismo?

Quem procura esses grupos, quer mesmo enganar-se – ou vai de má fé, para poder dizer: assisti a uma sessão espírita e não vi senão porcarias.

O que está de boa fé e deseja apurar a verdade do Espiritismo, informa-se cuidadosamente do lugar onde pode ver trabalho sério, como quem quer instruir-se em qualquer ramo de conhecimentos humanos não vai a qualquer que se anuncie e sim a quem possua notória competência.

A ciência não responde pela obra dos intrujões.

Há, pois, verdadeiro e falso Espiritismo – verdadeiros e falsos médiuns; como há ciência e charlatanismo – sábios e charlatães.

Se, pois, o professor alemão deu-se ao trabalho de estudar as artes dos charlatães do Espiritismo, sua sessão será tão proveitosa quanto seria se se dedicasse ao estudo das artimanhas dos charlatães da ciência.

O que não pode, porém, é anunciar uma sessão *antiespírita* ou uma sessão *anticientífica* por demonstrar falsificações de um ou de outro, do Espiritismo ou da ciência.

Parece, entretanto, que, mais bem avisado, desistiu da empresa, pois que, devendo a sessão ter lugar no dia 12 de setembro, nada transpirou, até hoje, do que por lá houve, apesar de ser dedicada à imprensa.

Que concluir de tão singular silêncio?

Ou o homem não fez a obra – ou a obra não mereceu aceitação da imprensa.

Em qualquer dos casos, lá se esboroa mais um castelo levantado contra o Espiritismo!

E todos terão igual destino, porque o homem pode cerrar os olhos à verdade, mas não pode fazer que ela não seja.

Aos primeiros raios da luz do Sol, a despontarem no Oriente, pode-se por em dúvida a existência do grande astro; mas chega o

momento de ascender ele acima da linha do horizonte – e, então, só os cegos duvidarão.

O Espiritismo, revolucionando as crenças, é furiosamente combatido com todas as armas; subirá, porém, acima da linha do horizonte – e iluminará a Terra.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 13-10-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15081

Artigo CDLVIII

Gazeta de Notícias, 11-11-1896

Com a data de 2 de Outubro, o *Apóstolo* volveu à luta contra o Espiritismo, a que, por longo tempo, dera tréguas.

Bem-vindo seja ao campo dos que não dormem nem cansam, porque têm fé e confiam.

“Continua a grassar e de um modo extraordinário vai se propagando nesta capital a loucura do Espiritismo”, começa o órgão dos romanos.

Mal inspirado foi em afirmar tal coisa, pois que sua palavra atesta a verdade da Doutrina Espírita – e conjuntamente sua cegueira.

Se o Espiritismo propaga-se de um *modo extraordinário*, é certamente porque encerra em si princípios, ensinamentos ou práticas que abalam a mente, falam à consciência ou comovem o coração.

Uma tolice ou um absurdo nunca teve – nunca terá o poder de arrastar as massas – de provocar o estudo da ciência – de abalar as colunas do templo.

De que vos receiais, pois se tendes por armas a fé e a verdade – fé sentida e verdadeiramente firmada?

Temeis que o mal contagie vossas ovelhas, bem sabemos; não por elas, que não vemos despenderdes com elas os amorosos cuidados do bom pastor, mas por vós mesmos, que tereis reduzida a prebenda³⁹⁴ da tosquia.

394 (Nota do Organizador) Rendimento, renda, receita eclesiástica. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Não provoqueis os *loucos* a darem, por fatos, a prova da verdade, tristíssima verdade, destes conceitos. Vossos telhados são de vidro.

Dizeis: que não é por encerrar princípios bons que o Espiritismo propaga-se *de um modo extraordinário*; mas sim por ser levado pelo sopro de Satanás.

Este vosso dizer arma ao efeito de resguardardes o vosso interesse material; pois que em consciência reconheceis: que não pode ser obra de Satanás uma doutrina que tem por lema – o amor de Deus e o amor do próximo.

E, se fosse obra de Satanás, dado que existisse este, sua propagação jamais far-se-ia *de um modo extraordinário*, [a não ser admitirdes]³⁹⁵ que o poder do mal supera o do bem, contra o que vos foi ensinado pelo Divino Mestre, *adversus com nos pre-velebnat pori inferi*³⁹⁶.

Quem mais de frente ataca a lei, do que o materialismo e o Positivismo? Entretanto, não se propagou *de um modo extraordinário* – de um modo que levanta a grita das *vestais*³⁹⁷ do fogo sagrado.

Por que não invadem a sociedade? Por que não assustam os santos pastores?

Porque não contêm, antes combatem, a verdade, que emana da fonte divina e que só ela possui a chave dos corações.

Se virdes uma ideia enleada³⁹⁸ em si mesma, estendendo os braços sem encontrar a quem abraçar, senão uma meia dúzia de sombras humanas, que sempre e em toda a parte acolhem tudo o que tem o caráter de novidade; podeis afirmar, sem receio de errar: ali está uma ideia falsa.

395 (Nota do Organizador) O texto original pareceu-nos truncado nesse ponto, talvez por algum cochilo tipográfico. Ficou assim: “e não admitirdes que o poder do mal supera o do bem, contra o que vos foi ensinado pelo Divino Mestre [...]”. Decidimos fazer um pequeno ajuste, para melhor compreensão do sentido do parágrafo.

396 (Nota do Organizador) Expressão latina, que traduz-se por “as portas do Inferno não prevalecerão”, referência às palavras de Jesus, conforme Mt.16:18.

397 (Nota do Organizal) Plural de *vestal*, sacerdotisa de *Vesta*, deusa romana do lar e da família. [Figurado] Mulher de grande beleza e de castidade exemplar. Mulher que nunca teve relações sexuais, donzela, virgem. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

398 (Nota do Organizador) Embaraçada. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

É o caso do materialismo e do Positivismo, que não medram apesar de oferecerem aos homens plena liberdade de se entregarem, sem outra responsabilidade que a civil, aos gozos e à satisfação de todas as suas paixões.

Se há demônios – se tendes razão atribuindo-lhes os erros dos ensinamentos contrários a vossas ideias religiosas, quem mais do que os sectários daquelas doutrinas poderiam ser influenciados por Satã?

Entretanto, não vos inflamais contra seus falsos ensinamentos; prova de que não são os erros de qualquer doutrina que vos escandalizam em vossa fé, mas sim o que possa roubar-vos as ovelhas, de cuja lã viveis vida folgada.

Se virdes uma ideia fazer carreira *de um modo extraordinário*, penetrando o seio das famílias e elevando-se da cabana ao palácio, sem ser bafejada pelas auras dos poderes humanos, como foi a vossa Igreja por Constantino, dizei, sem medo de errar: ali está um princípio de bem e de verdade.

É o caso do Espiritismo que, segundo vós mesmos confessais, propaga-se *de um modo extraordinário*, sem ter por si a proteção dos poderes da Terra – e sem mais oferecer a seus sectários do que a vida do homem espiritual sobre as ruínas do homem animal, para o que é mister tomar cada um sua cruz e subir com ela a montanha dos sofrimentos.

Aquilo não nos escandaliza; mas isto, oh! que inaudito escândalo!

Aquilo, que nega o próprio Deus, não é obra de Satanás; mas isto, que afirma a verdade do Evangelho de N. S. Jesus Cristo, oh! isto sim, é pura obra de todos os demônios!

A razão desta flagrante incorreção vós a conheceis e nós convosco: é que o materialismo ataca Deus e não a Roma – e vós amais a Roma mais do que a Deus; é que o Espiritismo rende culto a Deus, mas pregando a pureza do Evangelho, descobre a prostituição de Roma – e conhecida e reconhecida esta pelos cristãos, que será das vossas crenças?

Jesus, pela sublimidade de seus ensinamentos divinos, revoltou o sacerdócio, que via neles a condenação de suas torpezas; mas sua revolta não privou o mundo dos saborosíssimos frutos, em que Roma tem procurado injetar todos os venenos da iniquidade.

Ficai, pois, tranquilos, como nós estamos confiados, de que, embora crucifiqueis novamente a Jesus, repelindo, por diabólicos, seus novos ensinamentos, Ele segunda vez ressuscitará.

É contra a divina verdade, onde quer que ela brilhe, que foi dito: *adversus com non privalebent portae inferi.*

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 11-11-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15245

Artigo CDLIX

Gazeta de Notícias, 17-11-1896

“Continuaremos e não ficaremos calados”, diz o *Apóstolo*; ao que respondemos, nós, os espíritas, *muito estimamos, porque teremos propício ensejo de patentear a santidade do ensino romano.*

Quereis que nos julguem *falsos profetas*, os mesmos que bem fraco senso moral demonstrariam se vos reconhecessem autoridade para julgar-nos ou julgar a quem quer que seja.

O espetáculo que dais, ministros do romanismo, não pode ser mais lamentável, para que possais convencer à sociedade de que vossa palavra é ungida pela verdadeira fé cristã.

Pois uma sociedade que vê todos os dias o padre, com raríssimas e, por isto mesmo, honrosíssimas exceções, publicamente ajustar, na sacristia, o preço da missa que vai dizer, no altar do Cristo, regateando até o ponto de declarar: – por menos não se-rei eu que diga uma missa; como pode qualificar este sacerdote? Vendilhão do templo, ainda será benevolência!

E serão estes que, por seu órgão, o *Apóstolo*, se julgam no caso de serem acreditados, quando nos condenam por falsos profetas?

Jesus expeliu do templo os vendilhões – e estes não tinham a responsabilidade das sagradas ordens!

Perguntamos ao *Apóstolo*: desde quando os vendilhões, investidos das sagradas ordens, têm o direito de dar opinião em coisas que entendam com a religião?

Nós somos apontados como possessos do demônio, como loucos, como falsos profetas; mas felizmente quem nos qualifica

por tal modo não é quem possui as virtudes cristãs – são padres, que vendem, regateando, as sagradas ordens – são legítimos vendilhões do templo, expulsos por N. S. Jesus Cristo.

Será falso o que avançamos sobre o mercado das sacristias? Que diga o povo do Rio de Janeiro – que digam quantos nos lerem.

E não é para admirar o que se passa aqui, quando na sede do Catolicismo piores coisas se notam.

A devassidão do clero chega ali no ponto de homens incrédulos porém de bom senso moral convencerem-se da verdade do Cristianismo, pregado por Jesus, dizendo-se: só uma religião, realmente divina, pode manter-se com tais ministros!

Quem ignora a verdadeira causa da Reforma de Lutero, que a cúria quis encobrir, insinuando ser filha do seu desmedido orgulho?

O comércio torpe das indulgências, pelo qual se enchiam os cofres do Vaticano, indignou o frade, que repeliu toda a coparticipação com tais iniquidades.

Roma é o grande mercado onde se permutam graças divinas por ouro e prata!

Não é lícito praticar um ato religioso em tais ou tais condições; mas se o interessado subir até a [consciência]³⁹⁹, ou, em certos casos de maior valor mercantil, for até Roma – e, aqui ou lá, abrir a bolsa, alcança o que não era lícito!

A lei da Roma católica é, pois, em última expressão: ouro – ouro sem condições.

Será falso isto que acabamos de expor? O público imparcial que o responda – e o *Apóstolo* que não nos excomungue por dizermos verdades, embora elas lhes desagradem.

Os loucos e possessos não são responsáveis – e, pois, não nos condene às penas do seu Inferno, tétrico como um julgamento da *santa* Inquisição.

Dizem-nos que o artigo sobre o Espiritismo, que nos chamou a postos, procede da cabeça do clero fluminense. Tanto melhor, porque aí há ilustração e dizem que reto juízo.

399 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui “consciência”, que não conseguimos identificar em dicionários. A palavra mais próxima seria *consciência*, conforme assinalamos, que define-se por alistamento ou recenseamento para o serviço militar. Parece-nos que dr. Bezerra serviu-se do termo em sentido figurado, levantando a hipótese do interessado fazer sua adesão à carreira religiosa. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Se é verdade, fecharemos este artigo com a transcrição dos seguintes trechos do sublime livro *Roma e o Evangelho*, cuja leitura lhe recomendamos:

“Se [o] clero romano, colocando-se acima da sua habitual intolerância, em matéria religiosa, soubesse entregar-se sem animosidade e prevenções injustificadas, ao estudo do Espiritismo, com certeza a causa da religião daria, em breve término, agigantado passo, pela influência que aquela respeitável classe exerceu no ânimo das sociedades cristãs. A isto o concitamos com a publicação desse livro. Considera que os espíritas já se contam por dezenas de milhões, dentro da comunhão católica – e que a cada hora que passa, sem que se lhe demonstre a falsidade, aumenta consideravelmente o número dos cristãos que abandonam o dogma romano para tomarem assento entre os filhos e defensores do Cristianismo em sua pureza.

“A bandeira tremula à vista do mundo civilizado; à sua sombra acolhemo-nos, nós os persuadidos de que é a mesma que desenrolou, em suas prédicas, a vítima do farisaísmo judaico. Se nos enganamos – se, em vez de ser o signo da virtude, é abominável estandarte, ao clero incumbe confundi-la com o poderoso acento da verdade; e, neste caso, nós mesmo voariamos a seu lado para abatê-la, rasgá-la e lançar longe seus fementidos despojos. Então, e só então poderá, com justo direito, a classe sacerdotal condenar os princípios da escola espírita. Dar-se-á, porém, o caso? Não o cremos, porque o dogma de Roma não pode lutar no terreno neutral, da razão, com a filosofia e a moral do Evangelho. O que sim esperamos é que a luz só abrirá caminho através de todas as resistências – e que o clero se apoderará, em dia não longínquo, da bandeira que hoje combate, para desfraldá-la com o entusiasmo do neófito e com o vigor do soldado da fé”⁴⁰⁰.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 17-11-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15277

400 (Nota do Organizador) Peliccer, José Amigo, et all. *Roma e o Evangelho*, Ed. FEB, tradução de Bezerra de Menezes., Parte Segunda, Cap. 39º, Outubro de 1877, item 12.

Artigo CDLX

Gazeta de Notícias, 01-12-1896

Trouxeram-nos o *Apóstolo* de 13 de novembro, em que vem um artigo de colaboração, com a epígrafe: “O Espírita raciocina como um peru”.

Trouxeram-nos aquela coisa para vermos se merecia resposta – e, dest’arte, obrigaram-nos a ler um aranzel⁴⁰¹ tão indigesto, no fundo e na forma, que mal compreendemos como o *Apóstolo* o admitiu em suas colunas.

A epígrafe, por si só, revela a catadura⁴⁰² da obra: raciocinar como um peru!

Realmente o Sr. P. Francisco, que subscreve o mistifório⁴⁰³, devia ter ficado com o cérebro a arder, só com a descoberta d’aquela soberba epígrafe!

Raciocinar como um peru é tão original e sublimado, que só um êmulo do Cônego Filipe⁴⁰⁴ poderia lembrar-se de dizer, atribuindo-o a alguém.

401 (Nota do Organizador) Discurso, conversa, escrito, muito prolixos, confusos e enfadonhos; lengalenga. (Fonte: *Dicio - Dicionário Online de Português*)

402 (Nota do Organizador) Disposição, estado de ânimo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

403 (Nota do Organizador) Mistura de coisas ou de pessoas; miscelânea, confusão, complicação, embrulhada. (Fonte: *Dicio - Dicionário Online de Português*)

404 (Nota do Organizador) Filipe Pinto da Cunha e Sousa, conhecido como “Cônego Filipe”, foi personagem pitoresco da história do Rio de Janeiro do século XIX, famoso por sua excessiva ingenuidade e pobreza de espírito. Álvares de Azevedo immortalizou a sua memória em um de seus poemas, incluído na “Lira dos Vinte Anos”. Já citado no volume 2 desta coleção, Artigo de 15.11.1891.

Se não tivéssemos mais que fazer, íamos procurar na História Natural a razão porque o P. Francisco escolheu de preferência o peru para termo de comparação com o espírita.

Seria um estudo curioso e – quem sabe? – talvez trouxesse grande luz à teoria de Darwin.

Entretanto, se a epígrafe nos induz a procurar a evolução do peru, o desenvolvimento da formidável tese conduz, direto como um fuso, à investigação de outro animal, lá do Oriente, cujo nome acode à mente de todo o que aprecia um trabalho nitidamente chato como o do P. Francisco.

A dúvida seria, apenas, de ser ou ter sido até hoje impossível aclimar em nosso país o bicho das Arábias; mas o ilustre Darwin (em espírito, está claro) dar-nos-ia luz para compreendermos como na evolução dos seres, pôde vir parar no polo ártico, por uma série de transformações, o íncola⁴⁰⁵ do polo antártico.

E, por essa lei do transformismo, uma espécie que não se aclima no Brasil pôde ter entre nós, dignos representantes; nem desfaz ampla e satisfatoriamente, a dúvida levantada em nosso espírito.

Assim, pois, do modo por que um espírita ou o espírita racional como peru, pode bem acontecer que P. Francisco represente, em nosso país, a espécie oriental, sem desaire⁴⁰⁶ para seus estimados avoengos⁴⁰⁷.

Em tal caso, razão não tem de molestar-se o escritor do *Reformador*, pela crítica de P. Francisco, sobre a qual dizia Laurindo Rabelo⁴⁰⁸: “de tal pai, tal filho se esperava”.

E, quanto aos espíritas, estes devem mesmo rejubilar-se por verem ressuscitar o Mal das Vinhas⁴⁰⁹ e por verificarem que o

405 (Nota do Organizador) Habitante, morador. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

406 (Nota do Organizador) Comprometimento da elegância ou de garbo, algo que manche a reputação, desdouro. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

407 (Nota do Organizador) Antepassados. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

408 (Nota do Organizador) Laurindo José da Silva Rabelo (1826 – 1864) - médico, professor e poeta romântico brasileiro, patrono na Academia Brasileira de Letras. (Fonte: Wikipedia)

409 (Nota do Organizador) Nome popular do oídio, espécie de fungo, causador de mofos pulverulentos em algumas plantas, entre as quais as videiras. (Fonte: *Dicionário Aulete Digital*)

exemplar brasileiro da espécie arábica não degenerou da sua origem.

O que nos tem posto sal na moleira⁴¹⁰, não o imagina o leitor, é ver o *Apóstolo*, mestre d'armas em matéria de combater as artes do demônio, aceitar uma colaboração que é mesmo um maná para os instrumentos do tal anjo do pé de cabra.

*Timeo Danaos*⁴¹¹! P. Francisco, com sua moxinifada⁴¹², não punha pé no solo sagrado do *Apóstolo* se não fosse para servir-lhe de Cavalos de Troia!

Alerta, espíritas! Aquela bobagem traz no bolo insídias⁴¹³, talvez mais bem engenhadas que as do astuto Ulisses!

Ou, então, Scaligero vendeu ao Espiritismo a causa sacrossanta de Roma, a infalível. Judas!

Não é para rir esta hipótese, que a muitos parecerá chocarreira⁴¹⁴.

Há muito que notamos uma manifestação francamente espírita da parte do órgão clerical, publicado às barbas do Sr. Esberard⁴¹⁵ que não tem reparado, seguramente porque barbas não tem.

O *Apóstolo* ainda hoje traz no Cabeçalho, em letras maiúsculas, para chamar a atenção do público, o seguinte:

410 (Nota do Organizador) “Pôr o sal na moleira a alguém” (pop.), fazer perder a paciência, não se poder aturar, dar que fazer ou que pensar.” (Fonte: *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-expressao-por-sal-na-moleirinha/37574#>)

411 (Nota do Organizador) Referência à expressão latina “timeo danaos et dona ferentes”. Usa-se para defender que devemos sempre desconfiar do inimigo, mesmo quando parece generoso; palavras que Virgílio atribui a Laocoonte para dissuadir os troianos de introduzirem na cidade o cavalo de madeira deixado na praia pelos gregos. Traduz-se por ““temo os gregos, mesmo quando oferecem presentes [aos deuses]”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

412 (Nota do Organizador) Mistura de coisas diferentes, miscelânea, mixórdia. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

413 (Nota do Organizador) Armadilhas, ciladas, emboscadas. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

414 (Nota do Organizador) Que faz rir, que contem gracejos. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

415 (Nota do Organizador) Vide nota 348, acima.

“Proprietários e redatores: padres João Scaligero, Augusto Maravalho e José Alves Martins Loreto⁴¹⁶”.

São, pois, ainda hoje, redatores do *Apóstolo* os padres Scaligero e Loreto. Mas Loreto é morto há muitos meses; logo, o *Apóstolo* é redigido por um vivo e por um morto!

E, pois que é mister uniformidade de pensamento entre os membros da redação, segue que Scaligero conversa, discute e combina com Loreto!

É certo que a gente do *Apóstolo* não admite a comunicação dos mortos; mas o fato aí está: de ser um morto, ainda morto e depois de morto, um dos redatores do próprio *Apóstolo*!

Ora, neste caso, que só por si escandaliza a sacristia, o confessionário e o altar, há muito mais a considerar.

Nossos adversários ensinam do púlpito à sua bem aventurada gente que as manifestações dão-se, mas que o manifestante não é nenhum Espírito e sim o demônio, em carne e osso.

Apliquemo-lhes sua própria afirmação e teremos: o redator do *Apóstolo*, companheiro do padre Scaligero, finge ser o defunto Loreto, mas é o eterno Belzebu.

E aí temos o canhoto com um pé no *Reformador*, jornal es-pírita, e com o outro no *Apóstolo*, órgão do romanismo!

Conclusão: o Sr. Scaligero vendeu a Cristo, já admitindo nas colunas do jornal que lhe foi confiado o artigo do P. Francisco, já afirmando ao público, todas as quartas, sextas e domingos, que um morto é seu companheiro de redação!!

E aí está no que deu a tal história do peru!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 01-12-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15347

416 (Nota do Organizador) Padre Loreto faleceu a 15 de abril de 1896 (Fonte: *O Apóstolo*, 17 de abril de 1896 - vide http://memoria.bn.br/pdf/343951/per343951_1896_00046.pdf). Dr. Bezerra presta-lhe respeitosa homenagem no Artigo CDXXXVII desta coleção, a 27-04-1896, vide página 287 deste mesmo volume.

Artigo CDLXI

Gazeta de Notícias, 06-12-1896

Nada mais natural do que julgarmos verdadeiro tudo aquilo em que acreditamos; donde termos por falso o que é estranho ou oposto às nossas crenças.

Quem foi criado no seio do Islamismo, do Budismo, do Mas-deísmo e do Judaísmo, repelete os mais elevados princípios do Cristianismo, como o cristão repele os fundamentos de qualquer d'aquelas religiões – como o sectário de qualquer delas afirma em consciência que são falsas todas as outras.

É um sentimento moral a que todos os homens se entregam irrefletidamente.

Irrefletidamente, sim, porque não sendo o homem infalível, devemos racionalmente deduzir da diversidade de crenças, cada qual contando em seu seio com respeitabilíssimas mentalidades, que a verdade não pode estar em todas – e que portanto, ninguém pode afirmar que é a sua que a possui; pois que a mesma afirmação fazem os sectários de cada uma.

Como, então, sair-se da dificuldade de conhecer qual, dentre todas as crenças religiosas, é a verdadeira?

O Evangelho de N. S. Jesus Cristo, ou antes; o próprio Cristo resolveu a magna questão.

“Ex fructibus eorum cognoscitis e os”⁴¹⁷.

Faça o que quiser ter uma fé raciocinada, e não passiva; faça um estudo comparativo dos princípios fundamentais de to-

417 (Nota do Organizador). Pelo fruto se conhece a árvore. Vide Lc.6:43-44, como também Mt.7:16-20 e Mt.12:33.

das as religiões – e reconhecerá, pelo critério acima apontado, em qual delas está a verdade.

Com relação à cristã, esteja bem prevenido contra os enxertos humanos, obra da Igreja romana, no intuito de conquistar glórias, poder e riquezas mundanas.

Ainda neste ponto, Jesus legou aos homens o critério para descobrirem a verdade, enredada nas tramas romanas.

“O meu Evangelho, disse-o, é a lei – e o que está fora da lei, é Evangelho dos homens”.

A lei, disse Jesus ao fariseu, que era doutor, é amar a Deus de todo o coração e de toda a alma e de todo o entendimento – é amar ao próximo, como a si mesmo.

“Desde dois mandamentos, depende toda a lei e os profetas”.⁴¹⁸

Depende, quer dizer: que para cumprir a lei ou o Evangelho de Jesus, é preciso seguir seus ensinamentos e seus exemplos, que são a sublime síntese de todos os princípios de salvação.

Ora; o divino Mestre ensinou a humildade – e exemplificou-a, lavando os pés a seus discípulos.

O Papa, porém, que se diz representante do Cristo e seu vigário, dá o pé a beijar a seus irmãos.

A Igreja segue o Evangelho de Jesus?

O divino Mestre disse a Pilatos, publicamente: *meu reino não é deste mundo*⁴¹⁹.

O Papa, que se diz representante do Cristo e seu vigário, não somente cingiu a fronte com uma coroa de rei do mundo, como fez correr sangue para sustentá-la – não só fez-se rei da Terra, com perturbou a paz dos povos, para exercer mando sobre todos os reis.

A Igreja segue o Evangelho de Jesus?

O divino Mestre ensinou o desprezo pelo ouro, dizendo ao rico moço que lhe perguntou – qual era o meio de ganhar o céu: – *vende o que possuis; distribui pelos pobres, e terás um trono no céu*⁴²⁰.

418 (Nota do Organizador) Vide Mt. 22: 34-40, Lc. 10:25-28 e Mc.12:28-31.

419 (Nota do Organizador) Vide Jo. 18:36.

420 (Nota do Organizador) Vide Mc. 10:17-22, Mt. 19:16-22 e Lc. 18:18-23.

O Papa, que se diz representante do Cristo, e seu vigário, acumula o ouro dos pobres fiéis, para viver no fausto e na grandeza, como o mais rico e poderoso príncipe do mundo.

A Igreja segue o Evangelho de Jesus?

O divino Mestre repreendeu a Pedro por ter derramado sangue em sua defesa.⁴²¹

O Papa, que se diz representante do Cristo e seu vigário, abençoa os exércitos que vão derramar sangue em catadupas⁴²², para resgatarem o Santo Sepulcro, como se o reino de Jesus fosse deste mundo.

A Igreja segue o Evangelho de Jesus?

O divino Mestre expeliu os vendilhões do templo, com o azorrague de sua palavra divina; mas não os coagiu a abraçarem sua Doutrina⁴²³.

O Papa, que se diz vigário do Cristo e seu representante, autoriza o mais ignóbil canibalismo: as impossíveis torturas inflingidas, *ad maiorem Dei gloriam* aos que não seguiam a lei do Cristo – e principalmente aos que possuíam fortuna, que pudessem ser confiscada em bem da *Santa Inquisição*.

A Igreja segue o Evangelho de Jesus?

A Igreja segue o Evangelho de Jesus quando vende bulas – quando levanta impedimentos por dinheiro, quando bate moeda ao balcão das sacristias, impondo o preço dos seus ofícios?

E são os que assim praticam, que chamam aos espíritas – possessos do diabo!

Quem o seria, se o diabo pessoal existisse, os que desprezam *todos* os ensinamentos de Jesus, fazendo de seu augusto ministério meio de passar vida folgada, ou os pobres espíritas, que, confessando suas fraquezas, pugnam, no entanto, pelo cumprimento da lei?

Reveja-se o *Apóstolo* neste quadro, passe os olhos pela moral espírita, e diga em consciência qual de nós está possesso do diabo!

É chegado o tempo de dizer-se a verdade em toda a sua pureza. Ei-la:

421 (Nota do Organizador) Vide Jo.18:10 e 11; Mt. 26:51-52 e Mc. 14:47 e 48.

422 (Nota do Organizador) Em sentido figurado, jorro em grande quantidade. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

423 (Nota do Organizador) Vide Mc. 11:15-19; Mt. 21:12-13 e Lc. 19:45-46, como também Jo. 2:13-17,

Também os sacerdotes e doutores da lei qualificaram a Jesus de possesso, porque não podiam suportar a luz do divino ensino.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 06-12-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15375

Artigo CDLXII

Gazeta de Notícias, 13-12-1896

A religião fala ao coração e a ciência à inteligência.

Para acolher a primeira, todos estão habilitados, porque Deus plantou no seio da alma o sentimento do bem.

“Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino do Céu”.⁴²⁴

Para acolher a segunda, é preciso especial preparo: cultivo metódico da inteligência até certo grau de instrução e de ilustração.

Quando, pelo progresso da humanidade, a religião passa do sentimento à compreensão nítida dos mandamentos divinos; isto é, quando o homem crê e compreende a razão de sua crença, falam nele o coração e a inteligência – fundem-se nele a religião e a ciência.

As primitivas relevações foram exclusivamente dirigidas ao coração da humanidade; mais tarde outras vieram que, além do sentimento, já requeriam um tal ou qual esforço intelectual e, por fim, chegou o dia dos que vieram iluminar o sentimento pela razão esclarecida – das que vieram ligar a religião e a ciência.

O Espiritismo é destas últimas – é uma religião científica, em que a fé passiva tem de ser substituída pela fé raciocinada.

Espiritismo, pois, é religião, porque é a continuação da Revelação Messiânica; e é ciência, porque requer da razão, da inteligência, a compreensão do divino ensino, não mais pela letra, porém em espírito e verdade.

424 (Nota do Organizador) Vide Mt. 5:3 e Lc. 6:20.

O fim, o altíssimo fim é, como foi desde o princípio, desenvolver até à maior pureza o sentimento do bem e da verdade, depositada no seio de todas as almas; e eis porque o Espiritismo é essencialmente religião.

O meio, digno certamente da maior estima, é, como foi desde o princípio, cultivar a inteligência, para a melhor compreensão do bem, da verdade e do dever; e eis porque o Espiritismo é também ciência.

Religião, fim – ciência, meio!

O que é essencial, o fim ou o meio?

Enquanto a religião somente assentava no puro sentimento, a ciência nada tinha com ela – e as duas promoviam, separadamente, o progresso da humanidade, para um sublime destino: a perfeição.

Chegaram a se considerar incompatíveis e irreconciliáveis inimigos, como, ainda hoje, as considera o obscurantismo romano!

Jesus, que em si mesmo consubstanciava a maior santidade de sentimentos e a maior sabedoria de conhecimentos, não podia consagrar o divórcio, que a Igreja romana decretou, mal inspirada neste ponto, como em tudo o que saiu dos seus conselhos, que são dos ensinamentos messiânicos puros.

Se o divino Mensageiro não preceituou a ligação dos dois elementos do progresso humano, foi, certamente porque os tempos ainda não eram chegados, e tudo a seu tempo – foi porque a humanidade ainda não podia compreender aquela ligação natural.

“Muitas outras verdades tinha que ensinar-vos, mas não é oportuno”.⁴²⁵

A prova, porém, de que Ele compreendia a necessidade daquela união, está no Espiritismo, que é sua obra, na qual se unem e se auxiliam religião e ciência.

É que já passou o tempo do sentimento inato e instintivo – e que a humanidade já não pode contentar-se com o “crê, porque manda crer a santa madre Igreja católica, apostólica, romana”.

É que o progresso humano já não pode sofrer a fé passiva – e reclama a fé raciocinada.

É que chegou o dia auspicioso de se ligarem, para o voo altivo do Espírito, as duas asas, que separadamente cresceram,

425 (Nota do Organizador) Vide Jo. 16:12.

emplumaram e se reclamam, como é da lei posta por Deus à evolução espiritual da humanidade.

O Espiritismo, pois, veio ligar os elementos criados por Deus, para unidos, determinarem a projeção do ser perfectível através dos séculos e dos mundos até à casa do Pai.

Veio ligar; mas ligar na ordem que devem guardar o que visa o *fim* e o que lhe serve de *meio*; isto é: religião *essencialmente* – ciência *subsidiariamente*.

E nem deve isto escandalizar; quando a religião é ensino divino diretamente dado aos homens, ao passo que a ciência, se bem que de criação *divina*, como tudo no Universo, é obra do esforço humano.

A ciência dá a compreensão da lei, dizem os que só admitem Espiritismo científico; logo sua colocação é superior à da religião.

Se assim fosse, o que seria dos pobres de espírito?

O cumprimento da lei é tudo para o progresso espiritual – e isto se deu, no tempo em que religião e ciência não se ligavam.

Naquele tempo, e sempre, praticar a lei é tudo – e, como vimos, não se pratica a lei senão à luz dos conhecimentos do tempo.

Os que viveram no tempo da mais crassa ignorância, e praticaram-na com a sua ignorância, aproveitaram tanto, como aproveitam os que vivem no tempo da luz da ciência, se neste a praticarem.

O que, porém, ignoram, até os *cientistas*, e que só o Espiritismo ensina é: que, em razão da pluralidade das existências, nenhum é deserdado da luz para a mais nítida compreensão da lei.

Os que praticaram a lei, nos tempos em que ela era sentida, mas não compreendida; volveram à vida terrena, nos tempos em que ela já pode ser compreendida à luz da ciência.

Naqueles tempos de obscurantismo, os que as praticaram na medida de sua fraca inteligência, fizeram muito e seguiram; ao passo que ficaram retardatários os que, no mesmo caso, não a praticaram.

Hoje, no tempo da grande luz, dá-se precisamente o mesmo: quem a pratica, segundo a luz do século, faz mérito e segue – e quem não a pratica, apesar da luz, fica retardatário.

A diferença é: que o ignorante tem menos responsabilidade que o instruído ou *cientista*.

Do que fica exposto, resulta: que o sentimento religioso, posto em ação com ou sem ciência, salva; ao passo que o irre-

ligioso, com ou sem ciência, prende os Espíritos às gerações do sofrimento.

Sendo assim, o que vale mais – a que tem a precedência, na projeção do Espírito para o progresso – para seu destino – para a suprema felicidade?

Religião – essencialmente religião!

Basta, para demonstrar ao *Apóstolo*, que Espiritismo não é obra de Satanás.

Basta, para demonstrar aos espíritas *cientistas*, que Espiritismo, sem a base do Evangelho compreendido em espírito e verdade, é doutrina mundana, sobre a base do orgulho de sabedoria, é doutrina de perdição – será tudo, menos o Espiritismo ensinado pelos revelação dos Espíritos do Senhor.

O que nos parece singular é: dizerem uns que o Espiritismo religioso é *misticismo* – e dizerem outros que este misticismo é diabolismo!

Amemos as urzes do caminho – e caminhemos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 13-12-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15416

Artigo CDLXIII

Gazeta de Notícias, 20-12-1896

Numa longa série de artigos que tem por epígrafe – *O Espiritismo e o Bom Senso* –, o *Apóstolo*, assombrado com o progresso do Espiritismo, desce a seus arsenais e, armado de ponto em branco⁴²⁶, investe contra a Doutrina que “de um modo extraordinário se vai propagando”.

Dizer que *investe*, é simples modo de falar; porque em verdade, o escritor apostólico mais parece um convencido, que é obrigado a falar mal do Espiritismo, por dever do cargo, do que um antagonista verdadeiramente escandalizado.

Não somente a tibieza da linguagem e a frouxidão do argumento denunciam a insegurança do que abafa a consciência; como revelam – o mais categoricamente certas confissões que comprometem a validade da causa e os fôros do advogado.

Logo em seu primeiro artigo, pálido como a face de um anêmico, vazio de ideias como o cogitar de um acéfalo, o nosso homem confessa: que a Doutrina Espírita invade a sociedade, penetrando nas famílias, de um modo extraordinário.

Quando e onde já se viu romper as trincheiras de crenças enraizadas, uma ideia fútil, iname, sem valor algum, como dizem

426 (Nota do Organizador) Armado de ponto em branco, ou antes de ponta em branco; isto é, de todas as peças da armadura, de sorte que a ponta da lança ou espada do contrário não ache passada, mas tope sempre em alguma das peças da armadura, que cobrem o corpo. Algo como armado por completo, ou “armado até os dentes”, como se diz popularmente. (Fonte: *Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa*, de Francisco Solano Constâncio, Ed. Ângelo Francisco Carneiro, Paris, 1856, em *Google Books*).

que é a espírita, dando-se principalmente a circunstância de conter, em vez de superar, o desencadeamento de todas as paixões – de exigir do rico, a caridade – do pobre, a submissão – do que é governo, a benevolência, do que é governado, a obediência – de todos, o amor do próximo, o amor de Deus que encerram todas as virtudes cristãs?

O *Apóstolo*, pois, fazendo tal confissão a respeito do Espiritismo, empregou o melhor dos nossos argumentos a favor da santa Doutrina, que seria repelida pelo simples bom senso, se não contivesse valor real, pela verdade e pelo bem.

Coitado do nosso adversário! Aconteceu-lhe o mesmo que a Balaão⁴²⁷: abençoou, quando [quisera]⁴²⁸ amaldiçoar!

É verdade que, no artigo II, explica aquele fato extraordinário pela ignorância das gentes; mas ainda aqui peia-o a consciência, obrigando-a a dizer: “Parece realmente estranho e quase impossível que nestes *tempos de luzes, de progresso, de instrução generalizada, etc, etc.*”

Estamos em tempos de instrução generalizada – e atribui-se à ignorância a difusão extraordinária do Espiritismo!

Se tal argumento denunciasse uma convicção sincera, tivesse fundamento em verdade, com duplicada razão diriam da religião de Jesus os hebreus do tempo do obscurantismo.

E nós o que diríamos dos ensinamentos da Igreja romana?

Tem dois gumes a sua espada, Sr. do *Apóstolo*. Não presta.

E não presta, principalmente porque, como é notório, a difusão do Espiritismo é mais acentuada nas classes superiores em saber; sendo que, mesmo nas inferiores, Deus depositou o instinto do bem e da verdade, que se chama senso comum.

A massa ignorante não filosofa, mas discerne admiravelmente o que é bom, justo e verdadeiro.

E, pois, se o Espiritismo difunde-se extraordinariamente por todos os ângulos da Terra, longe de ser por causa da *ignorância, nos tempos de instrução generalizada*, é por contar princípios tão sãos, que falam à razão – ao bom senso – e ao senso comum.

427 (Nota do Organizador) Vide Números, capítulos 22 a 24.

428 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade desse pequeno ajuste no texto original, apenas para facilitar a sua compreensão.

O *Apóstolo*, bem convencido de que este seu argumento era estaca de madeira podre, quis reforçar sua construção, dando segunda causa à difusão do Espiritismo.

No seu artigo terceiro, diz que aquela difusão também procede “da grande astúcia e destreza que empregam os adeptos da seita espiritística”.

Já ficou demonstrado que, se as seitas espiritistas fossem contrárias ao bem e à verdade, força nenhuma poderia fazê-la romper, e *por um modo extraordinário*, as trincheiras da razão, do bom senso e do senso comum.

Demos, porém, que tudo seja devido à atividade dos adeptos; que papel representarão, então, os ministros da Igreja, diante do fato, que assinalais: de *já estar a fé muito enfraquecida* – e de *ir decrescendo a religião?*

Se a atividade dos adeptos do Espiritismo explica a difusão extraordinária desta Doutrina sem valor algum; a decadência da fé e da religião só pode ser explicada pela desídia pecaminosa de seus adeptos.

Aceitais a dedução lógica do vosso próprio argumento, Srs. do *Apóstolo?* confessai, pois, que também este não presta.

E nenhum prestará; porque falais contra a verdade que, na maior parte de vós, a consciência abraça.

Assim como a causa da difusão do Espiritismo não é, nem a ignorância nem a atividade dos seus adeptos, mas sim a verdade e o bem, nele consubstanciados; assim também a decadência da fé e da religião não é devida à desídia dos padres, mas sim à justiça e à vontade daquele que tudo regulou *in aeternum*⁴²⁹.

A fé, a religião, segundo os ensinamentos da Igreja, eram uma fé passiva e uma religião revestida de fórmulas humanas.

Para os tempos do atraso humano, aquilo era conveniente, como foi o código draconiano de Moisés; mas, pelo mesmo modo como o progresso humano banuiu aquele código, chegaram os tempos de ser banida a fé passiva, para dar lugar à fé raciocinada e de passar a religião das fórmulas humanas, para vigorar a lei do Evangelho – lei de regeneração e de salvação universal, compreendida em espírito e verdade.

429 (Nota do Organizador) Para sempre. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

A Revelação Messiânica não veio destruir a lei, mas fazê-la cumprir em maior pureza.

A Revelação Espírita não veio destruir a lei, mas sim fazê-la cumprir em pureza ainda maior.

Tudo na razão do progresso realizado pela humanidade.

Eis porque o Espiritismo se difunde extraordinariamente.

Eis porque a doutrina romana, em sua fé e em sua religião tem *enfraquecido e decrescido*.

São chegados os tempos. *Novo cedat ritui*⁴³⁰.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 20-12-1896:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15459

430 (Nota do Organizador) Segundo a tradição católica, Santo Tomás de Aquino dizia poeticamente «*Et antiquum documentum / novo cedat ritui* (Que o Antigo Testamento ceda o lugar ao Novo Rito)». (Fonte: Evangeli.net)

Artigo CDLXIV

Gazeta de Notícias, 27-12-1896

Das generalidades frívolas e insubsistentes com que o autor de *Espiritismo e o Bom Senso* rompeu a marcha contra a Doutrina Espírita, e que fez o objeto do nosso passado estudo, passa-se, na longa série de artigos, sob aquela epígrafe, à exposição de *Alguns ensinamentos espíritos* feita com jesuítica fidelidade e seguida de *Breves considerações*, digno *pendant*⁴³¹ da tal exposição.

Não por interesse da Doutrina Espírita, que mais se fortalece pelo fato de precisarem deturpá-la, para poderem combatê-la, mas por amor à verdade, cruelmente vitimada pelo autor apostólico, tomaremos o trabalho de dissecar a *exposição* e as *considerações* dadas à estampa nos artigos VIII e IX da série.

O primeiro ponto da exposição feita a jeito do nosso adversário é o deísmo dos espíritas, cuja crítica se desenvolve por períodos.

“Querem um Deus criador e ilimitado número de Espíritos, colocados ou por colocar-se nos diversos mundos que se acham no espaço. De maneira que esse Deus não seria para eles outra coisa senão uma máquina de estampar Espíritos, um Deus formado a jeito deles”.

A questão é ensinar o Espiritismo, pela Revelação dos Espíritos do Senhor, que Deus criou de toda a eternidade e criará por toda a eternidade.

431 (Nota do Organizador) [Artes plásticas] Objeto que forma par ou conjunto com outro, geralmente simétrico ou semelhante. Dr. Bezerra refere-se aos dois textos citados, figuradamente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*).

O autor apostólico entende que isto é reduzir Deus a uma máquina de estampar Espíritos.

O ensino romano é mais simples: Deus criou um par humano – e o mais à sorte.

Confrontemos as duas doutrinas, e vejamos qual delas exalta e engrandece ao Senhor – e, portanto, oferece o critério da verdade.

Roma, em sua teoria de criação única de Adão e Eva, vai-se esbarrar nas pontas deste dilema: ou são criações de Deus ou são criações dos homens, dos pais, os Espíritos dos que têm nascido desde Adão até hoje.

Se são criações de Deus, aí temos a Doutrina Espírita confirmada; Deus criou, cria e criará.

Se são criações dos homens, dos pais, não são filhos de Deus, privilégio único de Adão e Eva.

Mas pode o homem criar Espíritos? Jamais, pois que, sendo mortal, não pode produzir obra imortal. E a prova é que o corpo, por ele gerado, é perecedor e, pois, perecedor seria o Espírito se por ele também fosse gerado.

Monstruosidade! O homem produzir o mortal e o imortal!

Não, ilustre escritor. O homem recebe o Espírito do Pai Espiritual – e recebe o corpo do pai carnal.

Deus cria os Espíritos – e, por suas leis eternas e imutáveis, os Espíritos vêm tomar corpo no seio da humanidade, como Jesus, que já era, veio encarnar no seio da Virgem Maria.

O materialista pode aceitar que o homem seja toda criação humana, porque não admite a existência do Espírito.

Sim, senhor. O homem é só matéria – e, portanto, pode produzir um ser só matéria.

Podeis dizer: semelhantemente, o homem, sendo corpo e Espírito, pode, pelo corpo, produzir o corpo do filho e, pelo Espírito, o Espírito deste.

Aceitemos a hipótese e desçamos às suas deduções⁴³².

A primeira é: que Deus só criou um par de Espíritos, ao qual deu o dom de transmitir, de geração em geração, até o fim dos séculos, a potência geradora.

432 (Nota do Organizador) O original traz aqui “dedicações”, o que nos pareceu um erro tipográfico, material, pelo que decidimos substituí-la por “deduções”.

A segunda é: que a geração carnal depende dos dois sexos; donde a necessidade de Espíritos macho e fêmea, para haver geração espiritual.

E, se não é assim, explique Roma o modo como o Espírito gera Espíritos.

A terceira é: que, se tal fosse a lei, as últimas gerações humanas seriam mais apartadas de Deus do que as anteriores, por ficarem mais distanciadas do primeiro par criado por Deus.

Mas o homem de hoje tem o sentimento inato de ser tão filho de Deus, como o da primeira geração e o sentimento inato é revelação feita ao nosso ser pelo Criador, tal como o sentimento do bem, que Deus grava no seio de todo o ser humano.

Logo, ilustrado antiespírita, a doutrina romana é impossível, porque é simplesmente monstruosa.

Logo, ela rebaixa, em vez de engrandecer ao Senhor – rebaixa, tornando ridícula a obra de criação humana sob o ponto de vista espiritual.

O Espiritismo, constituído pelos altos Espíritos do Senhor, explica a *crescite et multiplicamini*⁴³³ tão natural, racional e elevadamente que só por teima de fanático se lhe pode opor contrária.

O Espiritismo, em vez de considerar a Deus sepultado na inércia, desde que fez tudo o que deve ser nos séculos dos séculos, e sua onisciência não lhe permite retorcar sua obra; considera-o em incessante e eterna atividade, embora tenha posto leis eternas e imutáveis, porque a lei das leis é a sua vontade soberana, que não cessa de agir, sob pena de ser, como o considera a Igreja, inútil, por nada mais ter que fazer.

Sim; ou ser ativo ou ser inerte – ou criar eternamente, incessantemente, ou criar tudo de uma vez e descansar: dormir por toda eternidade!

Qual dos dois modos de considerar a Deus eleva-o, qual rebaixa-o? Responda conscienciosamente o *Apóstolo*.

A criação incessante do Espírito se evidencia pelo que se vê em nosso mundo: uma variedade infinita do grande progresso, que não se explica pela criação de todos ao mesmo tempo – que nivela a todos, adiantados e atrasados, sob o ponto de vista essencial de sua origem divina – que constitui os mais velhos e os mais moços, todos filhos de Deus.

433 (Nota do Organizador) Vide Gn.1:28, “Crescei e multiplicai-vos”.

Os Espíritos, imortais, e por isso não podendo ser criação do homem, mortal, não podem ser bons e maus – inteligentes e boçais, por obra de seu Criador, como seria se fossem criados ao mesmo tempo.

A Doutrina Espírita explica tudo isto, que Roma embrulha, por duas grandes leis: a da identidade de condições em que são criados os Espíritos, no correr dos séculos – e a da liberdade de cada um no exercício de sua liberdade, para o desenvolvimento daquelas condições.

Voltaremos ao assunto.⁴³⁴

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 27-12-1896:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15503

434 (Nota do Organizador) Sobre a nossa criação original, e o modo como se deu, e como se relaciona com a evolução, esse processo de transformismo contínuo que nos remete à célebre frase de Lavoisier - “*nada se cria, tudo se transforma*”, recomendamos sempre a leitura das obras do Prof. Pietro Ubaldi, especialmente *Deus e Universo* e *O Sistema*, fundamentais, em nosso modo de ver, para pleno entendimento do tema. Pena não terem sido publicadas essas obras ao tempo de Dr. Bezerra encarnado, seria ótimo poder ouvir suas considerações sobre elas, que tão bem esclarecem e complementam o ensino espírita sobre esse ponto.

Artigo CDLXV

Gazeta de Notícias, 08-01-1897

O prometido é devido.

Mais uma palavra sobre a criação dos Espíritos.

Já vimos que não são os pais carnisais que os criam, porém sim o Pai espiritual, Deus.

Mas, se é Deus que os cria, certamente não os criou de uma vez; pois que diz a Bíblia que, no princípio, Ele criou unicamente Adão e Eva.

Se ele só criou Adão e Eva e se os pais terrenos não criam Espíritos, como explicar-se o inumerável e diário nascimento de crianças, desde o dia da criação até hoje e de hoje até o fim do mundo?

Estamos discorrendo segundo a crença romana, porque estamos apreciando o romoquete do escritor do *Apóstolo*, que atribui ao Espiritismo a ideia de um Deus, *uma máquina de estampar Espíritos*.

Como explicar-se aquele fato, senão pela contínua e constante criação?

Se o autor do *Espiritismo e Bom Senso* possui outra explicação, tenha a caridade de ensiná-la aos ignorantes, que é obra de misericórdia.

A verdade, porém, é que o apostólico escritor meteu-se a ridicularizar o ensino espírita – e não é capaz, nem ele, nem o Papa, nem a Igreja, de explicar a série infinita do aparecimento de novos Espíritos na Terra, fora do ensino espírita, assim formulado: Deus criou, cria e criará. de toda a eternidade e por toda a eternidade.

Por esta norma compreende-se não só o incessante aparecimento de novos Espíritos, como a variedade infinita de seus graus de progresso.

Deus cria incessantemente; eis a razão de incessantemente surgirem, na vida, novos Espíritos.

Deus cria incessantemente; e eis a razão da variedade infinita de graus de progresso que manifestam os Espíritos, na vida, pois que infinita é a ordem cronológica de seu aparecimento.⁴³⁵

E valerá por *máquina de estamperia de Espíritos*, criar Deus eternamente; donde o fato constante e eterno dos nascimentos – e o que se lhe prende, como forçado corolário, da variedade infinita do progresso que apresentam os homens, na vida?

Só por bem grosseira avaliação se pode emitir semelhante juízo.

E é tão grosseira, que a dedução lógica que dela decorre é rigorosamente esta: se Deus criou, mas não cria nem criará mais, seu verdadeiro estado, depois do *fiat*⁴³⁶, é o da *inatividade!*

Fez tudo de uma vez – de uma vez regulou tudo – e ... *descansa* eternamente!

Em oposição à frase do apostólico escritor: – Deus, no sentido dos espíritas, é uma máquina de estampar Espíritos – nós lhe

435 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra reproduz aqui clara e fielmente os ensinamentos de Kardec em *A Gênese* sobre esse tema, especialmente no seu capítulo XI, *Gênese Espiritual*, itens 8 e 9, donde extraímos alguns pequenos trechos: “Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais” [...] Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos”. Ainda uma vez, porém, em se tratando do estudo de nossa *Gênese espiritual*, reforçamos a sugestão feita acima, à nota 434.

436 (Nota do Organizador) Referência ao versículo 3 do primeiro capítulo da *Gênese Mosaica*, quando Deus diz: “Faça-se a luz”, expressão que se tornou símbolo, por assim dizer, da cosmogonia bíblica, tão mal interpretada em seu rico simbolismo. A esse respeito, recomendamos com ênfase o volume *A Evolução de Adão*, dos nossos prezados Jorge Damas Martins e Roberto Silveira, Ed. dos Autores, RJ, 1984).

oferecemos esta: Deus, no sentir de Roma, é um ser que vive na ociosidade, porque nada mais tem que fazer!

Qual de nós sente mais reverentemente: os Espíritos que atribuem a Deus incessante e inalterável atividade, na produção de novas e eternas maravilhas – ou os romaneístas, que lhe atribuem uma obra ou atividade, limitada no tempo, e depois, por todos os séculos dos séculos, a inércia, a inatividade, o repouso, característico dos seres imperfeitos?

Nem se diga que é da Bíblia: “no sétimo dia, descansou”, porque o escritor apostólico bem sabe que a Bíblia empregou linguagem figurada, acomodada ao grande atraso da humanidade daqueles tempos.

E tanto isto é verdade que ali se encontram frases como esta: Deus de tremenda Majestade – calma divina – a ira do Senhor – e mais: olho por olho – passou à espada homens, mulheres e crianças das cidades vencidas!

Entretanto, o doce Jesus nos apresenta, sob uma face inteiramente oposta, tudo aquilo: um Deus e amor e de justiça – o homem amando ao próximo como a si mesmo; amando ou devendo amar ao próprio inimigo.

E, pois, o descanso do sétimo dia é uma figura, coberta pelo véu da letra, como todo o ensino divino, para ser interpretada em espírito e verdade, quando a humanidade, por seu progresso realizado, já possuir olhos de ver, ouvidos de ouvir e luz para compreender.

Em resumo, pois, ou Deus, tendo criado o Espírito, descansou, como quer a Igreja, ou cria e criará eternamente, sendo eternamente ativo, como entende o Espiritismo, Nova Revelação, que corresponde ao maior progresso da humanidade, e que vivo completou a obra de Jesus, por Jesus mesmo mandado, no empenho de dar aos homens mais luz, para compreenderem as eternas verdades, não mais sob o véu da letra, mas sim em espírito e verdade.

A comparação da criação infinita a uma máquina de estampar, [além]⁴³⁷ de cor estólida, é até blasfema.

437 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra alma, o que nos pareceu um erro material, tipográfico, que sugerimos corrigir com a substituição da mesma pela palavra além.

É blasfema porque, embora se atribua ao Espiritismo o suposto erro, quem ideou a comparação de Deus com uma máquina de estampar foi o autor apostólico.

É estólida, porque assim como a luz se faz pela simples volição de Deus, sem necessidade de aparelhos, assim, e pelo mesmo modo, a criação eterna de Espíritos far-se-á por simples lei da bondade soberana, sem necessidade de qualquer máquina de estamparia.

O que há de repugnante em admitir-se que Deus tenha posto lei para a criação eterna e incessante de Espíritos, de mundos, e de tudo que aprouver à sua infinita sabedoria?

Principalmente, quando vemos que, por semelhante lei, se explicam, a sabor da razão, a infinita série de nascimentos e a infinita série de variedades na escala do progresso espiritual.

Principalmente, quando de outro modo, pelo modo da Igreja, não se podem explicar aqueles dois fatos de constante observação.

Principalmente, quando o Espiritismo o ensina, e o Espiritismo tem os caracteres de uma Revelação celeste, mais ampla que a Messiânica, como esta foi mais que a Mosaica, por atenderem todas ao grau de progresso da humanidade.

Creiam ou não os sacerdotes do culto romano, a verdade é como a ensina o Espiritismo, obra do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não cansaremos de lembrar: também os sacerdotes do culto mosaico repeliram a sagrada Doutrina de Jesus e condeneram-se às trevas.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 08-01-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15565

Artigo CDLXVI

Gazeta de Notícias, 20-01-1897

Mais algumas palavras sobre os 21 capítulos do *Espiritismo e Bom Senso* com que o *Apóstolo* mimoseou seus fregueses, que só eles poderão repastar-se com tanta palavra e tão pouco pensamento.

Se há por aí algum curioso, desses que se dão ao trabalho de contar quantos períodos tem um capítulo de alguma obra que lhe cai nas mãos; que venha cevar sua curiosidade, determinando o número de ideias, de pensamentos, de argumentos ou raciocínios, que possam merecer atenção nos 21 capítulos da obra que se intitulou *Espiritismo e Bom Senso*.

Imaginem um armazém cheio de palha, onde, por esquisitice do proprietário, foram depositados alguns poucos trastes velhos e já sem préstimo, e terão perfeita concepção da obra do *Apóstolo*.

Não é que falte talento e erudição aos distintos escritores daquele jornal, de que é *redator* o finado padre Loreto, de veneranda memória; mas, como o bom artista há de fazer obra de valor, não dispõe senão de madeiras corroídas do cupim?

Um pouco de massa e de verniz é o recurso desesperado do homem, em seus apuros – e a gente que vir o trabalho, admire-o, mas não o examine.

É deste jaez o trabalho dado ao público, no *Apóstolo*, em defesa dos abusos, que a Nova Revelação veio extirpar, de conformidade com a promessa do divino Jesus:

“Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer; mas vos não as podeis suportar agora.

“Quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, vos ensinará todas as verdades”...⁴³⁸

Eles bem sabem, os do *Apóstolo*, que uma Nova Revelação, para ensinar o que Jesus deixou de fazer, por causa do atraso humano de seu tempo, é promessa formal do Senhor; mas, por amor das coisas mundanas, ensinam que é obra de Satanás o que se contém no Espiritismo: ensinam de caráter divino, pois que engrandecem e glorificam ao Senhor.

Eles bem compreendem, os do *Apóstolo*, que a revelação das novas verdades, prometida por Jesus, deve ter mais alto cunho, do que o conhecido; pois que, se assim não fosse, o próprio Jesus te-las-ia ensinado, porque a humanidade do seu tempo te-las-ia podido suportar, como suportou as que lhe foram ensinadas pelo Cordeiro de Deus; mas, por amor das coisas mundanas, ensinam que o Espiritismo é obra de Satanás, apesar de ter por assento a moral de Jesus Cristo.

Eles têm a mais nítida compreensão de que o prometido Espírito da Verdade não é, nem pode ser, o Espírito Santo, que baixou sobre os Apóstolos, para os iluminar, como baixou em casa de Cornélio, quando Pedro evangelizava⁴³⁹ – e não podem ser o mesmo, *primo*, porque o Espírito Santo baixou dias depois da promessa, quando a humanidade não tinha feito progresso para suportar a mais intensa luz – e *secundo*, porque, admitido que ele veio cedo demais, porém que ficou assistindo a Igreja, até o advento do Espiritismo, nenhuma verdade nova revelou ao mundo pela Igreja, limitando-se a explicar as que ensinou o Redentor.

E as verdades prometidas por Jesus, mais elevadas do que as que Ele ensinou?

Eles bem sabem tudo isto os do *Apóstolo* – eles bem o sentem; e é porque sabem e sentem que o Espiritismo é a revelação daquelas verdades de mais elevado caráter, que não puderam ser ensinadas por Jesus, em razão de não ter ainda a humanidade a compreensão precisa; é porque conhecem, mas não tem a coragem de confessar, que os escritores do *Apóstolo*, querendo atacar o Espiritismo, fazem lembrar a mula de Balaão⁴⁴⁰ – dão testemunho das verdades espíritas.

438 (Nota do Organizador) Jo.16: 12 e 13, já citado.

439 (Nota do Organizador) Vide Atos, 10:23-48.

440 (Nota do Organizador) Vide Núm. 22:21-35.

Passando do vago sem limites de seus arrazoados, a pontos em que julgaram poder firmar o pé; vêde o que dizem sobre a – Reencarnação – aliás delineada na Bíblia e no Evangelho.

Antes, porém, de tratarmos deste ponto, que é a principal base da Nova Revelação, digamos ligeiramente de outros de so-
menos importância.

A citação das doutrinas que “os cirineus do Espiritismo se esforçam por instilar nos ânimos fracos daqueles a quem querem iludir” é uma vergonhosa corruptela dos artigos espíritas, adrede preparada, para instilar falsidades nos ânimos daqueles a quem querem iludir.

Aonde viu o escritor apostólico, nas obras fundamentais do Espiritismo: que Deus criou o mundo espiritual antes do material? Falsidade!⁴⁴¹

Aonde viu, naquelas obras: que Deus criou Espíritos bons e maus? Falsidade!

Aonde viu: que o homem de bem é a encarnação de um bom espírito – e o homem perverso a de um mau espírito? Falsidade!⁴⁴²

Se querem escrever sobre o Espiritismo, com a consciência de homens de bem, estudem e não arquetem castelos de sua imaginação, para terem a glória de lançá-los por terra. Triste glória!

Se tivessem estudado, não diriam que “os espiritistas pretendem erigir sua religião sobre as ruínas do Evangelho do Cristo”.

Os espiritistas, os que seguem a verdadeira Revelação Espírita, em vez de procurarem destruir a lei evangélica, tem por única norma: compreender e praticar aquela lei.

Não confundam Evangelho com os mandamentos e ensinamentos da Igreja, que são coisas muito diferentes – tão diferentes, como eram a lei do Senhor, dada por Moisés, e os usos e práticas abusivas do sacerdócio hebreu.

O Espiritismo, obra de Jesus, porque é o cumprimento de sua promessa, não veio destruir o Evangelho, como Jesus não veio destruir a lei.

441 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui, por certo, ao mito católico da criação do mundo angélico antes do hominal.

442 (Nota do Organizador) Parece-nos que o autor dos referidos artigos associou nossa Doutrina a algum tipo de maniqueísmo e fatalismo - uns terão sido criados bons, outros maus - daí o protesto de Dr. Bezerra a esse respeito.

O Espiritismo veio completar o ensino do Evangelho, interpretando-o em espírito e verdade, banindo a interpretação literal, que arrastou a Igreja a inúmeros abusos, como Jesus veio fazer cumprir a lei, profligando os abusos do sacerdócio.

Como, pois, dizer-se que os espiritistas pretendem erigir uma religião sobre as ruínas do Evangelho?

Não; eles trabalham pela glorificação do Evangelho – e é por isto que se chocam com a Igreja, que, ela sim, tem sempre trabalhado por erigir sua religião sobre as ruínas do Evangelho.

Uma, que não nos deve escapar, é dizer ao *Apóstolo* que nós tornamos o homem irresponsável pelas próprias ações, porque estas dependem da índole de seu Espírito.

Excelso! Mas então, o homem é uma coisa e o Espírito que o anima é coisa diversa? Mas, então, quem é responsável pelas ações do homem, não é o Espírito, que constitui essencialmente esse homem? Excelso!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 20-01-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15631

Artigo CDLXVII

Gazeta de Notícias, 28-01-1897

Graças a Deus, o demônio não é tão feio como o pintou o ilustre autor do *Espiritismo e o Bom Senso*.

Se as sessões espíritas fossem tais quais as descreve o *Apóstolo*, só quem tivesse a alma perdida se arriscaria a frequentá-las.

A verdade, porém, é: que raríssimo é o caso de apresentar-se um Espírito, que dê espetáculo, nunca horroroso como descreve o apostólico escritor, mas fora da mais perfeita calma que reina geralmente naqueles trabalhos.

A maldade do ilustre escritor levou-o a dar como regra a que é mínima exceção – e, mesmo esta, descrita com arte de aterrar ao mais corajoso.

É assim que o fato *aterrador* de se elevar uma mesa ao forro da sala, apura-se com uma naturalidade completamente igual à da suspensão feita por cordéis.

Em si, pode ele causar surpresa a quem não conhecer as leis dos fluidos; em as circunstâncias, porém, que a cercam, nada, absolutamente nada, pode causar terror.

Terror, quer o piedoso escritor causar, para que não frequentem as sessões espíritas!

Em parte tem razão; porque há tantas que de espíritas só tem o nome, que realmente é doloroso ver caírem no laço, tantos e tantos.

Estes mais ganhavam em repelir todo o Espiritismo; mas o nosso antagonista não confunde Espiritismo com espiritismo, o verdadeiro com a Fitzmarck⁴⁴³.

Nas sessões que se podem chamar espíritas, há todo o respeito, toda a ordem e a maior tranquilidade d'alma; porque são feitas em conformidade com a Doutrina – e a Doutrina é aquela Revelação prometida por Jesus, *das muitas coisas que Ele não pôde ensinar por não as poder suportar a humanidade de seu tempo*.

Um trabalho feito com o respeito devido às coisas sagradas, não pode trazer mal a quem a faz, [nem]⁴⁴⁴ a quem a acompanha.

Ao contrário, sente-se um bem estar indefinível, qual nunca poderia dar o que fosse dirigido por Satanás, ou mesmo o que fosse feito por especulação, como são as do falso espiritismo.

Nosso antagonista bem conhece a diferença; mas, arrastado por lamentável fanatismo, descreve como espíritas, as cenas do pseudo-espiritismo!

Ele sabe: que a Doutrina não se limita à parte experimental das sessões; mas, sim, que tem por fim especial – fazer compreender o Evangelho, não mais sob o véu da letrea, como requeria o atraso humano, porém em espírito e verdade, por *já podê-lo suportar* a geração atual por seu progresso realizado.

Ele sabe, que Satanás não existe – que é até blasfemo admitir que a criatura vive em eterna guerra contra o Criador – e, se quiser recorrer ao expediente de dizer: que assim é, porque Deus o permite, atribui a Deus a responsabilidade do mal; mas o amor pelas coisas do mundo, fá-lo cerrar os olhos à verdade e ensinar o erro, em nome de Deus.

Satanás existe; mas não pessoalmente. Satanás é o orgulho – é a avareza – é a luxúria – é o ódio e a vingança – é toda a paixão, que arrasta a alma para o desprezo da Lei: amar a Deus sobre todas as coisas – e ao próximo como a si mesmo. E foi deste, que Jesus falou.

Pode-se chamar Satanás o homem que, em vez de combater, açula aquelas paixões, no espírito de seu próximo; ou o espírito

443 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar, ao certo, a que se refere Dr. Bezerra com esta expressão. Remete-nos a algo falsificado.

444 (Nota do Organizador) O trecho original ficou aqui truncado, com a inclusão da palavra “mas”, e, por parecer-nos erro material, tipográfico, decidimos corrigir.

desse infeliz, que continua, depois da morte, seu desgraçado empenho; porque, queira ou não o *Apóstolo*, os Espíritos influem sobre os nossos atos, tanto como os vivos.

Na vida, não vemos homens bons, sem violentarem nosso livre-arbítrio, nos demovendo de más resoluções – e homens maus, a nos arrastar a resoluções pecaminosas?

Pois, se o homem é essencialmente Espírito, que influência exercem sobre nós aqueles homens bons e maus, senão de Espírito para Espírito?

Será a parte material do homem, o corpo, que influi sobre o corpo de outrem, para demovê-lo da má resolução ou da boa?

Se, pois, é nosso Espírito que atua sobre o do nosso semelhante; por que o que deixa a carne não poderá continuar o que fazia, quando ligado ao corpo?

Não pode ser, diz a Igreja; porque as almas vão a seu destino eterno, logo que deixam esta vida.

Será assim? Quem o afirma à Igreja? Quem lhe assegura que não é esta um das verdades que Jesus não revelou e prometeu mandar revelar mais tarde?

Se é como ensina a Igreja, a evolução humana é um parto da montanha: o Onipotente criou o homem, para viver um momento e, após, está definido, por toda a eternidade, o seu destino.

Tão magro e esquelético este plano, que não faria honra a um oficial de ofício!

Como, ao invés disto, é majestoso o que nos veio revelar o Espiritismo!

Deus cria os Espíritos para a perfeição indefinida, quer dizer: sempre a aproximar-se progressivamente do infinito, sem jamais alcançá-la – dá a todos os meios para esse eterno progredir – marca para cada grau de progresso, recompensas as mais e mais gloriosas; como marca para os refratários, penas proporcionais – concede a todos a liberdade de seguirem ou não o caminho reto; donde a responsabilidade de cada um – e, aos que se desviam, concede, uma vez arrependidos, a graça de resgatarem o mal que fizeram, por bens equivalentes, que se disponham a fazer; donde as vidas múltiplas, sucessivas, solidárias e reparadoras, em vez do Inferno eterno.

Por este esboço do plano grandioso, que tanto eleva o ser humano, quando glorifica a Deus, compreende-se que, depois da morte, o Espírito não vai encarcerado no Céu ou no Inferno da

Igreja; mas que fica livre, até voltar à vida carnal, que é o Purgatório.

E, pois, nada priva-o de agir, em Espírito, sobre o Espírito dos homens, como faria em vida.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 28-01-1897:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15675

Artigo CDLXVIII

Gazeta de Notícias, 11-02-1897

A grande alavanca com que os romanistas pretendem aluir os fundamentos do Espiritismo, ou Revelação Cristã, complementar da Messiânica, é atribuírem ao demônio as manifestações dos Espíritos.

Efetivamente, se existe o demônio, como eles dizem – e, se tem ele o poder de tomar todas as formas, mesmo as da infinita quantidade de seres da espécie humana que têm vivido na Terra, o Espiritismo, que é revelado pelos Espíritos, em vez de merecer a atenção do mundo, que diz ter vindo esclarecer, deve ser pelo mundo repellido, como ensino de perdição – obra de Satanás.

E é nisto que encastelam os romanistas – e muito bem, se há demônio e se é ele que toma a forma humana, nas manifestações espíritas.

Haverá, porém, algum fundamento no argumento clerical, ainda agora empregado pelo escritor que no *Apóstolo* publicou a longa série de artigos sobre a epígrafe *O Espiritismo e o Bom Senso?*

Jesus, porque varria do Templo as imundícies das práticas condenáveis do mosaísmo, foi pelo escribas, fariseus e sacerdotes acusado de ser influenciado por Satanás.

Já, naqueles tempos, os ministros do altar, em vez de acolherem a esmola do Céu, repeliram-na, porque ela privava-os dos gozos das coisas mundanas!

Já, para não verem a luz, que incomoda-los-ia em suas mundanidades, recorriam ao expediente de atribuí-la a Satanás!

É a mesma gente, usando dos mesmos recursos! Deus se compadeça deles!

Terão, ao menos, a atenuante de procederem de boa fé?

O mesmo dever-se-ia perguntar a respeito do sacerdócio hebreu; se a Igreja romana não respondesse, sem pestanejar: que todo ele foi condenado ao fogo do Inferno.

A parte os ignorantes, que são aqueles para quem Jesus pediu o perdão, não se pode admitir que pensem como falam, esses que pregam, até da tribuna sagrada, como está fazendo, em Barbacena, um ilustrado sacerdote, que as manifestações espíritas não são obra do humano Espírito, mas sim e exclusivamente de Belzebu.

Esses tais, e especialmente o missionário de Barbacena, versado, como o autor do *Espiritismo e o Bom Senso*, nas letras sagradas, bem sabem: que é de fé crer nas manifestações dos Espíritos humanos – e, portanto, servem-se do argumento *ad terrorem*⁴⁴⁵, com a mesma intuição do sacerdócio hebreu, que eles mesmos condenam! Deus se compadeça deles.

Não sabem estes ilustrados defensores do obscurantismo romano: que Moisés consignou na Bíblia, condenando-as por prejudiciais, as manifestações ou evocações dos Espíritos dos mortos?

Proibiu-as; logo elas davam-se.

Proibiu-as; não por serem obra de Satanás, que nem de tal falou o grande profeta, como seria de rigor se em tal acreditasse; mas sim *por serem prejudiciais*. E eram, porque o povo abandonaria seus deveres, para se entregar, como em idolatria, à prática das [evocações].

Ignoram o autor do *Espiritismo e o Bom Senso*, e o missionário de Barbacena: que é da Bíblia ter Saul, por evocação, conversado com o Espírito do santo profeta Samuel⁴⁴⁶?

Foi uma graça; já nos disseram; mas isto é argumentação jesuítica, porque, confessado o fato, está confessada a lei a que se ele prende; pois que Deus não revoga suas leis, que são eternas e imutáveis – e sim, somos nós, em nossa ignorância, que atribuímos à derrogação de alguma ao que chamamos – graça ou

445 (Nota do Organizador) Expressão latina, que traduz-se por “para aterrorizar”. (Fonte: <https://www.soleis.adv.br/expressoeslatinas.htm>)

446 (Nota do Organizador) Vide 1 Samuel, 28:03-25.

milagre – que, entretanto, todos se prendem a leis ainda desconhecidas da humanidade.

E, para não levarmos além dos limites de um pequeno artigo, as provas da falsa argumentação dos romanistas ilustrados, terminaremos nossas considerações a respeito, com os três seguintes fatos de conhecida tradição histórica:

“No século IX antes de Cristo, 4 anos depois da morte do profeta Elias⁴⁴⁷, apareceu um escrito dele dirigido ao rei Jorão, prevenindo-o das desgraças que o esperavam”.

Argúcia de algum *espírita* daqueles tempos, dirá o missionário de Barbacena; mas os fatos preditos naquele escrito realizaram-se, ponto por ponto. E agora?

“O rei David recebeu automaticamente os planos do Templo, que transmitiu a Salomão, com as seguintes palavras: tudo isso o Senhor me diz por escrito”.⁴⁴⁸

David era médium – e Deus lhe deu com efeito os planos, por intermédio de um Espírito; pois que é tão blasfemo acreditar que o fizesse por Satanás, como diretamente; o que valeria por comunicar a infinita perfeição com a imperfeição humana, que era ainda o rei David.

Finalmente, aí está o fato referido pelo grande historiador Stanley⁴⁴⁹, que nunca foi contestado.

No 1º Concílio de Niceia, no ano 325, dos 318 bispos convocados, dois, Mysonius e Chrysantus, faleceram antes de terminado o Concílio e foram enterrados no cemitério de Niceia.

Quando foi a ocasião de assinarem-se as resoluções, os sobreviventes foram aos tumultados e ali conjuraram solenemente os dois mortos a virem assinar os novos artigos da fé, caso estivessem de acordo com eles.

447 (Nota do Organizador) O texto original refere a Eliseu, mas há aqui um pequeno engano, que procuramos corrigir. O episódio bíblico cita especificamente Elias, conforme 2 Cr 21:12-15.

448 (Nota do Organizador) Vide 1 Cr. 28:19.

449 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra parece referir-se aqui a Arthur Penrhyn Stanley (1815 – 1881), conhecido como Dean Stanley, padre anglicano inglês e historiador eclesiástico. Ele foi Decano de Westminster de 1864 a 1881, e autor de uma série de obras sobre História da Igreja. (Fonte: *Wikipedia*) É possível acessar diretamente esta citação de Stanley na obra *Lectures on the history of the Eastern church*, Ed. Gorgias Press LLC, Piscataway, NJ, USA, 2009 (Ed. Facsimilar), págs. 91 e 92.

“Selaram o livro e deixaram-no sobre o túmulo. No dia seguinte, quando romperam os selos, encontraram as assinaturas com estas linhas:

“Nós, Crysanthus e Mysonius, de pleno acordo com o primeiro santo sino ecumênico, assinamos o presente texto do nosso próprio punho”.⁴⁵⁰

O ilustre missionário de Barbacena não ignora nada disto e muito mais do que isto, que se encontra nas sagradas letras; mas, se o conde se confessasse, renegaria o recurso dos sacerdotes hebreus, que tão bons resultados produziram no tempo.

Fala, pois, como escreve um companheiro do *Apóstolo*, com ciência e consciência de que nega a verdade; mas ou isto, ou reconhecer a missão divina do Espiritismo.

Sirva, pois, Satanás aos que querem envernizar as almas da Igreja, como já serviu aos que repeliram a luz no tempo de Jesus.

O Espiritismo nada perderá com a guerra, porque vem de N. S. Jesus, e não será destruído pela mão dos homens – e ressuscitará, se for verificado, como ressuscitou seu Instituidor.

Quem perde são os infelizes, que têm olhos e não querem ver – têm ouvidos e não querem ouvir.

Deus se compadeça deles!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 11-02-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15749

450 (Nota do Organizador) Trata-se de um fenômeno mediúnico de efeitos físicos, de escrita direta, assinalado na própria história da Igreja. Léon Denis e Jules Eudes Mirville citam também este episódio, respectivamente em *Cristianismo e Espiritismo* (Cap. XI, item 6) e em *Pneumatologie des esprits et de leurs manifestations diverses: mémoires adressés aux Académies*, Volume 4 (H. Vrayet de Surcy, 1863, pág. 454), indicando ambos as mesmas fontes: Gregório de Cesareia, conforme Dans Lipoman em *Discursos sobre o Sínodo de Niceia* (Tomo VI) e Nicéforo Gregoras, no Livro 8, Cap. 23, provavelmente de sua *História Bizantina*. Voltaire também comenta o fato em seu *Dicionário Filosófico*, Parte II, no IV volume de suas obras completas (vide: <https://oll.libertyfund.org/title/fleming-the-works-of-voltaire-vol-iv-philosophical-dictionary-part-2?html=true>).

Artigo CDLXIX

Gazeta de Notícias, 17-02-1897

Longe de nós o pensamento, que talvez tenham lobrigado em nosso passado artigo, de combater a alta missão que se impôs o talentoso e ilustrado padre, doutor Júlio Maria⁴⁵¹, de pregar às massas e a todas as classes da sociedade, a moral salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como fazê-lo, se o Espiritismo não tem outra norma – outro fim – outra missão?

O que nos separa, é o mesmo que separou o ensinamento Messiânico do Mosaico.

Jesus não veio destruir a lei, porque a lei foi posta por Deus; mas veio verberar a falsa compreensão e a falsa prática da lei, obra do atraso dos homens.

Mais claramente: Jesus veio explicar a lei – e como o sacerdotício a tinha envolvido em práticas, que mais diziam aos interes-

451 (Nota do Organizador) Júlio César de Moraes nasceu em Angra dos Reis, em 20 de agosto de 1850, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de abril de 1916. Coursou humanidades em Niterói, e tornou-se doutor em Direito pela Faculdade de São Paulo (1874), seguindo, inicialmente a magistratura, como promotor público da comarca de São João do Rio Claro, São Paulo, e em Mar de Espanha, MG. Quando enviuvou pela segunda vez, procurou consolo na religião. Em 1871, recebeu ordens sacras em Mariana, MG, recebendo o nome de *Júlio Maria*. Em 1905, recolheu-se ao claustro dos Redentoristas. Antes, mais precisamente em 1897, inaugurou no Rio de Janeiro o curso católico que se tornou conhecido como *As conferências da Assunção*. Embora conservador e depois de um estágio extremamente ortodoxo, voltou-se para os problemas sociais, seja por considerar que a Igreja se isolava cada vez mais, seja porque a *Rerum Novarum* despertasse nele a preocupação com o social. (Fonte: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/padream.html>)

ses mundanos que aos preceitos divinos, sua doutrina chocou-se com aquelas práticas; *inde irae*⁴⁵².

Jesus, porém, não limpou a lei de toda a lixívia humana, porque a humanidade de seu tempo não comportava mais intensa luz do que a que lhe deu, como foi por ele mesmo dito e lê-se no Evangelho.

Logo o ensino divino, que chamamos – Revelação – é progressivo – e progressivo na razão direta do progresso da humanidade.

À humanidade rude do seu tempo, Moisés não podia dar, como explicação da Revelação do Sinai, senão o código draconiano, que deu.

À humanidade já muito mais adiantada, Revelação muito mais ampla, qual a do doce Jesus.

E a grande marcha que tem o mundo feito, depois de Jesus, por efeito de sua Doutrina?

Necessariamente uma Revelação mais completa – e o próprio Jesus a prometeu, quando disse: que *muitas outras coisas* tinha a [ensinar]⁴⁵³; mas que o mundo *não as podia ainda suportar*; pelo que, a seu tempo, manda-las-ia explicar.

Não serão chegados os tempos de *suportar* a humanidade, por seu inegável progresso, a Revelação daquelas *muitas outras coisas*?

Não será o Espiritismo, cuja moral é, sem uma vírgula de mais ou de menos, a moral de Jesus – não será ele o revelador prometido?

O Espiritismo não visa destruir a lei; mas limpá-la das impurezas humanas; do mesmo modo como fez o Redentor.

Ele prega o Evangelho, em nome do qual diz a Roma – como Jesus disse aos escribas e sacerdotes: cingi-vos à lei, e não a deturpeis com ânimo eivado de mundanidades.

E não é assim que, enquanto o Filho do Altíssimo dizia: meu reino não é deste mundo; seu vigário, seu representante na Terra,

452 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “daí as iras”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

453 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “mudar”, que não faria sentido nem reproduziria de fato a citação feita por Dr. Bezerra, do Evangelho de João (6:12-13). Corrigimos, por tratar-se de simples erro material, tipográfico.

o Papa cinge a coroa de rei do mundo – e procura avassalar todos os reis?

E não é assim que, enquanto o Cordeiro do Senhor deu o exemplo de humildade, lavando os pés a seus discípulos; seu vigário, seu representante na Terra, o Papa, dá o contrário exemplo de exigir que lhe beijem o pé?

E não é assim que, enquanto o Sacrossanto Filho da Puríssima Virgem Maria repreendeu a Pedro por ter feito correr algumas gotas de sangue em sua defesa, em defesa de sua vida; seu vigário, seu representante na Terra, o Papa, autoriza o derramamento de rios de sangue, em defesa da fé, como se a fé valesse mais do que a lei – e fosse fé a que vai de encontro à lei?

E porque o Espiritismo pugna pela lei – e quer tanto contra todas estas e mil outras práticas contrárias à lei; Roma, imitando a Jerusalém, acusa-o de diabolismo!

É curioso! Os que praticam em manifesta transgressão dos preceitos divinos, acusando de diabolismo aos que combatem tais práticas, com o Evangelho em punho!!

Foi outro o procedimento dos escribas – dos fariseus – e dos sacerdotes hebreus?

Somos endiabrados, porque propagamos a Doutrina de Jesus: amor e caridade?

Não; mas sim porque ensinamos umas coisas que Jesus não ensinou – e porque estamos em relação com o demônio, que outra coisa não são os Espíritos que se nos manifestam.

Em primeiro lugar, é paupérrimo recurso atribuir a endemoniados uma Doutrina de salvação, pregada com tal fervor, que já domina o mundo.

É engodo para chamar a si e perder as almas.

Monstruosidade!! Como pensar em perder as almas quem lhes dá um código baseado no amor de Deus e do próximo?

Em segundo lugar, por que estranhar que o Espiritismo emita ideias que Jesus não ensinou, se Ele foi o próprio a dizer que deixava de ensinar muitas, mas que as mandaria ensinar a seu tempo?

Finalmente, como de boa fé negar-se a comunicação dos mortos, quando as Escrituras denunciam inúmeros fatos daquela natureza?

Dizer que é o demônio que aparece aos espíritas ainda é um recurso para a dominação clerical, para a manutenção da posse do reino do mundo, que certamente não é o de Jesus.

Empregue-o o ilustrado missionário Sr. Júlio Maria, para mais fanatizar as boas almas dos barbacenenses; mas saiba: que não é o fanatismo – a fé passiva – o crê ou morre, que salva; e sim, a fé raciocinada, porque Deus não nos deu a razão para torná-la tutelada.

E saiba mais: que todo o fulgor de sua palavra nem conseguirá velar os escândalos de Roma, nem fará recuar, de um passo, a Revelação Espírita; porque esta não é obra de homens.

Está gastando seu talento, e porventura sua fé, em defesa de uma causa perdida – tão perdida como a do sacerdócio hebreu.

Está comprometendo sua alma, de envolta com as que arrasta; porque o clero católico deve esperar, mais do que os profanos, a realização das promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo – e o Espiritismo é uma delas.

Aplice seu estimável talento à obra da regeneração da humanidade, fazendo-se apóstolo da nova lei, que é de redenção, como verificará por si, se, despindo-se de fanáticos preconceitos, estudar o Espiritismo por seus fundamentos comparados com o Evangelho.

Roma já deu o que tinha de dar – e o descalabro religioso universal é a prova de sua impotência.

Podem embalsamá-la; ressuscitá-la nunca mais!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 17-02-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15781

Artigo CDLXX

Gazeta de Notícias, 22-02-1897

O demônio pessoal, se realmente existisse, seria a prova a mais irrefragável da não existência de Deus, Onipotente – Onisciente – Senhor de todas as perfeições, em grau infinito.

Reflita o ilustre padre Júlio Maria – reflitam aqueles que se deixaram arrebatados mais pelo brilho de sua fulgurante palavra do que pela procedência de suas razões – reflitam todos os que nos lerem, nas deduções ineludíveis do nosso postulado: se o demônio é, Deus não é.

Deus, diz a Igreja romana, para explicar a existência do demônio pessoal, criou os anjos *perfeitos* e o homem *perfectível*.

Se Deus criou o anjo perfeito, como tornar-se ele imperfeito, sem derrogação da vontade soberana – sem que esta vontade perca o característico da onipotência?

Ou Deus não criou seres perfeitos – ou, se os criou, eles se-lo-ão irrevogável e eternamente.

Em confirmação do primeiro membro deste período, ensina a Nova Revelação, feita pelos Espíritos do Senhor (Espiritismo) que a criação de Espíritos é *única*: a humana – e que é o Espírito humano que, por seu progresso nas infinitas vias de aperfeiçoamento, se eleva a esse grau de deslustrante pureza, que se chama angélica.

Os anjos foram humanos; são Espíritos humanos purificados, através dos séculos e das múltiplas existências corporais – e os homens serão anjos, Espíritos purificados, através dos séculos e das múltiplas existências corpóreas, solidárias e depurativas.

Não quadra isto milhões de vezes mais brilhantemente com a grandeza infinita do Criador Onisciente?

Não evita isto a tristeza que se apodera da alma pensante, quando se lhe diz: o Onipotente criou seres perfeitos – e destes, uns tantos nulificaram a volição do supremo Criador?

Irrelutavelmente; tanto a concepção da Igreja amesquinha os predicados do Eterno, quanto a espírita os eleva e engrandece.

E, se é pelo fruto que se conhece a árvore, não pode ser boa (verdadeira) a que conduz ao rebaixamento da Infinita Perfeição – e não pode ser má (falsa) a que eleva e engrandece a Perfeição Infinita.

Deus, pois, se criou seres perfeitos, que se fizeram imperfeitos, não é o Perfeito Absoluto!

E, pois, se o demônio pessoal existe, isto é, se o demônio é o ser criado, por Deus, perfeito, e por obra de sua vontade, contra a vontade de Deus, tornado imperfeito, Deus não é!

Nem mesmo que se admita que a queda se deu com a punição do Senhor; porque seria Ele, em tal caso, mutável – e até, causa e origem do mal.

Por qualquer lado que se encare a questão, ter-se-á, como consequência, o rebaixamento da Perfeição Infinita.

Como, então, explicar esta ideia, que encarnou no seio da Igreja romana, firmada no Evangelho, que diz ter Jesus curado a endemoniados?

A explicação é fácil, desde que se atender à lei das revelações, em virtude da qual o ensino é sempre acomodado à capacidade compreensiva do gênero humano, no tempo.

No tempo de Jesus, e Ele o disse, o mundo não podia suportar mais do que lhe foi revelado; e, pois, vindo do princípio dos tempos a ideia da existência do demônio, Jesus não julgou o homem habilitado para compreender a verdadeira causa dos nossos arrastamentos para o mal – e deixou para quando fosse oportuno explicá-la.

Conservou, pois, o que estava estabelecido e esta é a razão de falar o Evangelho em demônios, no Inferno, em penas eternas e em curas de possessos.

Hoje, porém, que já conta a humanidade longa marcha pelas vias do progresso, é Jesus servido de dar-lhe o que lhe prometeu: o ensino daquelas coisas que não pôde explicar no tempo de sua vinda entre os homens.

O Espiritismo é o revelador daquelas coisas, mediante o Espírito da Verdade, que é a legião dos prepostos do Cordeiro do Senhor.

E o Espiritismo ensina que os Espíritos humanos, antes de chegarem à perfeição angélica, passam por variadíssimas fases, das quais se destaca a da maior maldade, filha do maior atraso moral.

Neste estado, o Espírito faz o mal por gosto de fazê-lo – é puro demônio, por suas obras; mas não para aí, em sua evolução para seu destino – e, portanto, o demônio de hoje será o anjo de amanhã.

É preciso compreender a sublime lei da evolução dos Espíritos, desde o ponto inicial de sua criação até ao terminal do seu destino, para se compreender a falsidade e impossibilidade da existência do demônio pessoal e a razão porque Jesus falou em tal.

Hoje o Divino Mestre não teria a mesma linguagem, porque o mundo já suporta a explicação nítida do fato. Hoje, Ele ensinaria o que se deve entender por tal – e, como não baixa ao mundo para falar-lhe, fá-lo indiretamente, pelos seus Espíritos, que constituem o Espírito da Verdade, por Ele prometido – fá-lo pelo Espiritismo, que é a Revelação daquelas coisas, que prometeu ensinar a seu tempo⁴⁵⁴.

Quem tem olhos de ver, vê que tudo isto fala à razão – e é conforme com o Evangelho; mas o clero romano, à imitação do sacerdócio hebreu, cerra os olhos à luz e, longe de acolher mais amplo ensinamento do céu, regozija-se com o que lhe foi dado no tempo do atraso humano.

Pobre gente, cujo destino será o do sacerdócio por ela mesmo condenado!

E o ilustrado padre Júlio Maria, como pôde agasalhar em seu lúcido espírito a ideia romana, evidentemente falsa e blas-

454 (Nota do Organizador) A progressividade da revelação, tão salientada, com razão, por Dr. Bezerra, em tantas e diferentes oportunidades, ocorre debaixo mesmo de nossos olhos, o tempo inteiro, convidando-nos a um exercício de atenção e abertura mental permanentes. Sobre a criação original, sobre a chamada queda dos anjos, o surgimento do Universo e da evolução, já tivemos oportunidade de ter ainda mais amplos esclarecimentos, além dos recebidos ao tempo do Kardec brasileiro e sua geração, através das obras do Prof. Pietro Ubaldi, ao longo do século XX, nomeadamente os volumes *Deus e Universo* e *O Sistema*, fundamentais, hoje, para boa compreensão desses temas.

fema – e como, por amor dela, combate a espírita, que exalta e glorifica ao Senhor?

O fanatismo é a pior das obsessões – e o ilustre missionário dá provas de ser um rematado fanático.

A não ser assim, S. Rev^a. reconheceria que Deus não pode coexistir com o demônio.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 22-02-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15808

Artigo CDLXXI

Gazeta de Notícias, 09-03-1897

É intuitivo: se Deus quer uma coisa, e outra muito diferente se dá, Deus é impotente, em vez de Onipotente – e, pois, não é Deus.

O ensino da Igreja romana de ter o Onipotente criado os anjos perfeitos – e de terem alguns se feito imperfeitos, isto é: demônios; é portanto, um atentado contra a onipotência, contra Deus!

Não pode tal fato dar-se. Não pode haver demônio pessoal, como ensina a Igreja.

Mas, se não há demônios, como explicar-se a existência de agentes do mal, que nos arrastam para a perdição? Não é verdade que existem?

Existem, inegavelmente; como é inegável que existem os que nos impelem para o bem, para a salvação. Não são, porém, anjos firmes e anjos decaídos, como diz a Igreja.

O Espírito humano foi criado imperfeito, para a perfeição; tem, pois de evoluir indefinidamente para seu destino – e, nessa evolução, passa por uma infinidade de fases⁴⁵⁵.

455 (Nota do Organizador) Um ponto sempre importante, no estudo desse tema é a distinção entre a criação primeira, original, espiritual e o estado caótico associado ao mundo material e ao início da evolução, bem como as características peculiares desta, descritas por Dr. Bezerra. O *Livro dos Espíritos* nos ensina (vide questões 85 e 86) que a criação primeira, ou mundo espiritual, que o professor Huberto Rohden chamava de CREAÇÃO, para distinção dessa “criação contínua”, que assinala o transformismo universal - “é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo”, e que o mundo corporal ou material (assim como a evolução, que dele faz parte e nele se realiza) “é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso

Enquanto jaz na fase, caracterizada pelo seu maior atraso, ele, quer esteja incorporado, quer livre, no mundo espiritual, agasalha com ardor todos os instintos animais – todos os sentimentos e paixões vis e perversos.

Apraz-se com o mal, procura atrair os outros a seus sentimentos e práticas – é demônio, mas demônio transitoriamente, porque, continuando sua evolução, mais cedo ou mais tarde, deixará aquela fase, entrará noutra superior e, de grau em grau de purificação, chegará à fase em que brilham os chamados anjos.

O demônio, pois, não é anjo decaído, dotado das superiores qualidades de seres criados perfeitos. Se assim fosse que qualificativo mereceria a justiça de Deus, permitindo a luta entre o fraco ser humano e o forte, desmesuradamente mais forte, Espírito das trevas – e, ainda para pior, condenando a pobre alma que não vence em tal e tão desigual luta?!

Não, o demônio é um Espírito humano, como o nosso, dispondo das mesmas faculdades que nós; e, por conseguinte, em condições iguais às nossas, para se bater conosco.

Estólido é portanto, dizer o padre Júlio Maria: que o demônio é que vem falar aos espíritas; pois que, em tal caso, só nos viriam falar Espíritos atrasados; ao passo que ele mesmo, o padre, tem a prova da manifestação de Espíritos elevadíssimos, quando mais não seja, nessa sublime Doutrina Espírita, que põe atônita à Igreja – e é revelada por Espíritos.

É estólido e doloso; porque o ilustrado sacerdote bem sabe que a Bíblia e o Evangelho nos dão exemplos inequívocos da comunicação dos mortos com os vivos.

Os tais fatos são verdadeiros – e, neste caso, o padre não pode, sem desrespeitar os sagrados livros, dizer à gente de Barbacena: o demônio é que se comunica com os espíritas; ou são

se alterasse a essência do mundo espírita”. O porquê desse mundo material, ou corporal, ter existido, e assumido as características que definem o nosso Universo, inclusive com suas etapas evolutivas, é o que nos cabe estudar para entender o fenômeno da Queda Espiritual apropriadamente. Uma primeira “dica” sobre isso nós a temos na frase célebre e certa de Kardec, no Cap. 28 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste”. O estudo deste tema – o da Queda Espiritual – é um dos grandes contributos da Obra do Prof. Pietro Ubaldi.

falsos – e, neste caso, a Bíblia e o Evangelho são repertórios de falsidades!

Escolha o ilustre pregador a ponta em que se quiser ferir.

O clero romano e seus sequazes não são sinceros, quando atiram ao Espiritismo a seta envenenada do *diabolismo*; pois bem sabem que falso é tal estigma, a que se apegam, em desespero de causa para, iludindo a ignorância inocente do povo, contê-lo na deserção das falsificações do Cristianismo, para a nova Doutrina que veio restabelecer, em sua pureza, os divinos ensinamentos do Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Espiritismo, pelas alevantadas verdades que revela, avasala todas as razões e todas as consciências – e dá a todas as humanas criaturas o raio de luz, ante o qual as práticas romanas ficam expostas à crítica do simples senso comum.

Não queremos dizer com isto que a Igreja seja um acervo de erros. Valeria isto por desconhecer o último serviço, por ela prestado à humanidade, no interesse da sua salvação.

Tudo, porém, progride – e o ensino das verdades eternas não há de ser a única espécie excluída da lei universal. E não é; pois que Jesus o disse: “Muitas outras verdades tenho para ensinar-vos; mas não é oportuno; a seu tempo, pedirei ao Pai que vos envie o Espírito da Verdade, que explicará e restabelecerá todas as coisas”⁴⁵⁶.

A Igreja, pois, não recebeu todas as verdades, mas sim, unicamente, aquelas que a humanidade podia, ao tempo da Revelação Messiânica, compreender. Isto ressalta, com esmagadora evidência, do texto evangélico.

Se a Igreja não recebeu todas as verdades, e se Jesus prometeu mandá-las explicar; como e por que cerra a Igreja suas portas ao que traz verdades novas em nome do Senhor?

A Igreja devia estar à espera da realização da divina promessa; e, pois, aparecendo hoje, de um modo que, em sua linguagem, deve chamar-se miraculoso, uma doutrina moral, que não se afasta uma linha da lei posta por Deus: amor e caridade; qual devia ser o procedimento da Igreja?

A não querer as pegadas do sacerdócio hebreu, devia dedicar todas as potências de sua alma ao estudo da tal doutrina;

456 (Nota do Organizador) Jo.16:12-13, já citado.

tanto mais que o aparecimento dela foi acompanhado de fatos tão extraordinários, que aturdiram à ciência.

A Igreja, porém, em vez de fazer o que o simples bom senso lhe aconselhava, fez como os escribas e fariseus, condenou sem exame – e, para que o mundo aceitasse seu ato, bradou aos quatro ventos: Espiritismo é diabolismo.

Os tempos, porém, já não comportam a fé passiva – e eis que cada um quer examinar por si a nova doutrina, para conhecer os fundamentos do anátema de Roma.

Não vai tudo, *pari passu*⁴⁵⁷, seguindo a marcha da Revelação Messiânica?

O sacerdócio condenou o *embusteiro*, mas o mundo abraçou sua doce lei e repeliu o sacerdócio.

O clero católico condenou o *novo embuste*, mas o mundo abraça-o com avidez – e breve chegará o dia do clero católico.

Padre Júlio Maria, pedi a Jesus olhos de ver!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 09-03-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15887

457 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “com passo igual”, ao mesmo tempo, simultaneamente. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Artigo CDLXXII

Gazeta de Notícias, 06-04-1897

Na Gazeta de Notícias de 23 do corrente mês lemos o seguinte:⁴⁵⁸

“Meu caro Max – A nossa incipiência tem encontrado sempre conforto na vossa palavra inspirada e respeitada mesmo pelos ortodoxos da fé; desde, pois, que assumistes uma tal autoridade, a vossa opinião, sem que o embarece a vossa reconhecida modéstia, é segura orientação para os que entretêm *grupos espíritas*, e nessas circunstâncias relevareis que vos peçamos um conselho: podemos tomar os dois livros publicados pelo Dr. Sayão como normas a seguir em nosso grupo? – *Um discípulo*”.

458 Esse artigo foi feito em resposta a um pedido público, feito na edição da própria *Gazeta de Notícias* de 23 de março de 1897, nos termos acima. Pode ainda hoje ser consultado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional no endereço http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/15964. Os dois volumes citados pelo consulente, então publicados pelo inesquecível Antônio Luiz Sayão, fundador do Grupo dos Humildes, depois Grupo Ismael, são: *Trabalhos Espíritas de um pequeno grupo de crentes humildes* (Rio de Janeiro, 1893, Tip. Moreira Maximino & Cia. - Rua da Quintana, número 90) e *Trabalhos Espíritas de um Pequeno grupo de crentes humildes - Estudo dos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas em Espírito e Verdade* (Rio de Janeiro, 1896, Tip. Moreira Maximino, Chagas & Cia., Rua da Quitanda, núm. 90). Esse último serviu de base para uma terceira obra, a obra-prima de Sayão, lançada em 1902, *Elucidações Evangélicas*, reunindo em volume espetacular os estudos do chamados Evangelhos Sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) e as principais mensagens recebidas pelo Grupo Ismael até então. Vide mais a respeito do Grupo Ismael e sobre esses trabalhos, bem como essas valiosas mensagens no volume *As Virtudes do Céu*, organização de Marco Aurélio L. de Assis, Ed. CRBBM, Rio de Janeiro, 2012.

Bem se vê que o consultante é realmente um iniciante, pois que eleva nossa individualidade a umas alturas que estamos muito longe de atingir; entretanto, por corresponder à sua confiança, dir-lhe-emos, com toda a lealdade e sinceridade, o que pensamos sobre os livros do Dr. Sayão.

O Espiritismo não é, como julgam os padres ser a Revelação Messiânica, a última palavra sobre as verdades que Deus, em seu amor pela humanidade, fez baixar do Céu à Terra.

Enquanto o homem não chegar ao último grau da perfeição intelectual, de penetrar todas as leis da criação, a revelação não chegará a seu termo; pois que ela é progressivamente mais ampla, na medida do desenvolvimento da faculdade compreensiva do homem.

O Espiritismo, pois, tendo dado mais do que as anteriores Revelações, muito terá ainda que dar, porque muito terá ainda que progredir a humanidade terrestre.

Allan Kardec, Espírito preposto por Jesus para reunir, em um corpo de doutrinas, ensinados confiados, pelo mesmo Jesus, ao Espírito da Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram – e estes só deram o que era compatível com a compreensão atual do homem terreal.

Mas o homem, como já foi dito, não cessa de desenvolver sua faculdade compreensiva e, pois, os principais fundamentos da Revelação Espirita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão, como ele mesmo veio alargar os princípios fundamentais do ensino ou Revelação Messiânica – e como este veio alargar os da Revelação Moisaica.

A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna, que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável; darão mais luz, para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da humanidade.

Não divergem no que é essencial, mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, aparece-nos sob mil fases relativas – relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro,

como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para o fim de ele elevar-se às alturas.

Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Kardec, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo.

Seria obra de meritório valor dar à sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e a clareza que sobram no mestre, e que lhe faltam bem sensivelmente.

Foi esta, no fundo, a obra de Sayão.

Em ligeiros traços resumiu, sem lesar, longas exposições – e em linguagem didática clareou e pôs ao alcance de todas as inteligências o que era obscuro à maior parte.

O livro de Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec.

É, portanto, correto e adiantado, sob o ponto de vista doutrinário – e é claro e conciso sob o ponto de vista do método.

Por outra: contém as ideias de Roustaing e o método incomparável de Allan Kardec.

Quem compreende a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing – e quem quiser colher, em Roustaing, os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Sayão.

É chave de ouro, que ninguém deve desprezar – e que, além de ser tal, encerra observações e práticas que, por si só, recomendariam o hercúleo esforço do Anteu do Espiritismo no Brasil⁴⁵⁹.

Ao caro irmão em crenças, a quem agradecemos, mais uma vez, a honra que nos dispensou, com tanta gentileza, diremos, em conclusão: podeis tomar os dois livros publicados pelo Dr. Sayão como normas a seguir em vosso Grupo.

Neles encontrareis o que há de mais adiantado em Espiritismo, colhido na seara bendita, com a alma cheia de amor, humildade e fé, as virtudes que enastram a coroa do discípulo do

459 (Nota do Organizador) Anteu, na mitologia grega, era um gigante, filho de Posêidon e Gaia. Parece-nos que foi nesse sentido que Dr. Bezerra denominou Sayão o “Anteu” do Espiritismo brasileiro, reconhecendo e homenageando assim a grandiosidade da contribuição dada por esse humilde e valoroso trabalhador de nossas fileiras ao progresso da Doutrina. Justa e bela homenagem, ainda mais partindo do Kardec brasileiro. (Fonte: *Wikipedia*)

Jesus, votado à obra do Mestre Divino, com o coração cheio de energias e de caridade evangélica.

Descansai a mente sobre esta obra preciosa, em que transmitem os clarões da verdade, como repousou a cabeça, no seio de Jesus, o discípulo amado.

E damos graças a Deus por nos ter permitido encontrar, por entre as névoas de nossa peregrinação terrestre, o raio de luz – o farol – o santelmo que nos encaminha ao porto da salvação.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 06-04-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16035

Artigo CDLXXIII

Gazeta de Notícias, 11-05-1897

Atravessamos uma época em que não há quase um dia em que os jornais desta capital não registrem um ou mais casos de assassinatos, de suicídios, de tudo o que se pode capitular de loucura social.

Entretanto, esses jornais não cogitam de explicação para tão lamentável aberração do senso moral.

Dê-se um caso análogo com pessoa que tenha ideias espíritas – e aí vêm eles, os jornais, com o eterno estribilho – mais um efeito do Espiritismo.

Parece impossível que os diretores da opinião se patenteiem tão eivados de preconceitos ao ponto de desprezarem os mais rudimentares princípios da lógica!

A lógica natural, que não a viciada por espírito de sistema, ensina que os fatos produzidos por diferentes causas não podem, não devem, justa e racionalmente, ser atribuídos exclusivamente a uma.

E, pois, que a loucura ou a aberração mental, que leva os homens a desvarios, tanto se dá com os espíritas como com os que o não são; com que fundamento dizer-se: – mais um efeito do Espiritismo – quando se dá um caso daquela ordem em um centro espírita?

Se somente nesses centros se dessem tais fatos, nada mais justo, lógico e racional do que acusar-se o Espiritismo.

Desde, porém, que eles se dão indistintamente, dentro e fora de tais centros, é injusto, ilógico e irracional acusar-se exclusivamente o Espiritismo.

A causa de tais fatos é inquestionavelmente geral, afetando indistintamente espíritas e não espíritas, materialistas, positivistas e espiritualistas, católicos, muçulmanos, judeus, masdeístas e budistas, clero, nobreza e povo, sábios e ignorantes.

Os fatos que os nossos jornais têm ultimamente registrado, em nossa capital, o provam.

O Espiritismo, como a ciência, como a religião, provoca a ação daquela causa – e seja dito por amor da verdade: provoca mais do que a ciência e a religião.

A razão disto está na própria natureza da superior Doutrina.

Foi ela revelada ao mundo e é explicada aos adeptos por intermédio dos Espíritos, prepostos para a santa Revelação, complementar da Messiânica.

Ora, os prejuízos de educação dispõe o espírito humano a ver nas *almas do outro mundo*, como vulgarmente são chamados os Espíritos despidos do invólucro corpóreo, coisas fantásticas, de fazerem arrepiar as carnes.

Se os fortes vencem este vício e não se abalam tratando com *almas do outro mundo*; se os mais ilustrados compreendem que uma alma das tais é a mesma coisa que as nossas, que animam os vivos, – os mais fracos e os mais ignorantes não têm a mesma vantagem, ficam aturdidos diante da comunicação de um Espírito.

Já isto é, para eles, causa de perturbação mental; quanto mais se, em vez de procurarem um centro, onde se estude e pratique o Espiritismo, forem levados aos que, sob o nome de Espiritismo, não fazem senão uma paródia, triste às vezes – às vezes torpe!

Uma sessão espírita em que se estuda a Doutrina, que encerra leis ainda desconhecidas dos homens – e em que se as submete à prova experimental, por meio do ensino dos Espíritos, é tão serena e calma – que ninguém pode perturbar-se, assistindo ao que se passa.

O investigador conversa, discute, aprofunda os mais importantes assuntos, com o médium: um homem sonambulizado, por

quem fala o Espírito, que vem esclarecer ou esclarecer-se. Que há nisto de abalar os nervos?

Uma sessão, porém, de pseudo-espiritismo, embora siga a mesma norma de trabalho, atrai Espíritos atrasados, porque seu fim é rasteiro, não visa senão interesses materiais; e, em tal caso, o médium tripudia como as antigas Sibilas – e pode fazer cenas de horrorizar.

Nestes centros, além do prejuízo de educação, além das cenas de aterrar, há ainda: que os assistentes que possuem mediunidade, isto é, disposição natural para receberem Espíritos são tomados pelos que concorrem ao trabalho: atrasados e maus, como é natural.

É o Espiritismo que responde por isto? Seria o mesmo que acusar a moral, porque uma família, em vez de procurar a convivência com os bons, vai corromper-se na dos maus.

Procurem os que desejam conhecer o Espiritismo, não esses focos de perdição, mas sim os trabalhos sérios – os verdadeiros trabalhos espíritas, e *nem um* terá motivo de perturbação, senão de aperfeiçoar-se moral e intelectualmente.

Não confundam os que, julgando-se na altura de julgar, chamam *desequilibrados* os espíritas – não confundam Espiritismo, religião e ciência, com o espiritismo de carregação: e saibam que *desequilibrado* é o que julga do que não conhece.

Por que razão o que estuda a ciência do mundo invisível, ciência experimental, há de ser um *desequilibrado* – e não o é o que estuda ou segue o Positivismo?

A razão, bem o sabemos, é rirem-se os sábios de *meia tigela* dos que creem no mundo invisível; mas com quanto melhor razão podemos rir deles, que se julgam na altura de troçarem, com inteligência *infalível*, os limites da criação universal!

Estes é que são os verdadeiros *desequilibrados*, porque pobres campônios temos visto que, por loucura, se julgam monarcas.

Os que nos qualificam de *desequilibrados* tomem sentido, porque nisto já vai um princípio de *desequilíbrio* de sua parte.

Podem estes senhores afirmar que não existe o Espírito, só porque não admitem?

O verdadeiro equilibrado não nega nem afirma sem ter estudado, observado e experimentado.

A ciência admitiu, algum dia, a possibilidade do Raio X? Lição para os enfatuados!

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 11-05-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16217

Artigo CDLXXIV

Gazeta de Notícias, 18-05-1897

A humanidade terrena pende mais para as fraquezas da carne do que para as energias do Espírito e, entretanto, é pelo Espírito que vivemos, e a carne não nos é senão um meio, verdadeiro instrumento, para as fases temporárias da nossa eterna evolução e, entretanto, a nossa evolução depende de vencermos os arrastamentos da carne, como condição de purificarmos o Espírito.

Enquanto nosso Espírito vive preso à carne, sujeito às suas sugestões, sempre deprimentes, somos mais ou menos impuros, segundo mais ou menos nos deixamos levar por aquelas sugestões.

Ora, sendo o destino humano a pureza ou a perfeição, pelo saber e pela virtude siderais; é óbvio que o maior tropeço a nosso progresso, a nossa salvação, para nosso destino, é a carne, que nos arrasta para baixo, como uma bola atada aos pés de um homem atirado ao mar.

Lutar com esse inimigo, que sabe dourar as cadeias com que nos prende – trabalhar pela emancipação do Espírito dos atrativos que nos fazem preciosa a vida material, é o maior dever do homem, que aspira o grandioso destino humano – e que não troca por glórias e prazeres efêmeros, as glórias e prazeres que não têm fim.

Para isso, porém, é mister que esse homem saiba d'onde vem e para onde vai - o que foi e o que há de ser, segundo o esforço que empregar em enriquecer-se de ciência e de virtudes.

O Espiritismo, que é ciência e religião, e que, portanto, atende simultaneamente ao duplo elemento do progresso humano,

para o aperfeiçoamento do ser humano, condição de alcançar o alto destino posto por Deus à humanidade;

O Espiritismo define e demonstra experimentalmente o que somos – o que temos sido – e o que havemos de ser; e, pois, nos ensina como havemos de proceder para realizarmos a conquista ao inapreciável *velocino*⁴⁶⁰, vencendo o terrível Cérbero⁴⁶¹, que aqui representa todas as potências da carne – todos os atrativos do mal.

O Espiritismo é, pois, a ciência – ciência experimental, da origem e da evolução – do destino dos Espíritos, que somos essencialmente.

É, pela magnitude e grandeza do seu objetivo, a ciência das ciências, que todas vão pedir-lhe a precisa hora para a solução dos seus mais complicados problemas.

E, no entanto, apesar da grandeza e magnitude de seu objetivo, há, por este mundo de Deus, uns tantos pirilampos, que se julgam estrelas de luz, para quem, procurar desvelar os segredos da magna ciência, é ser desequilibrado!

Pobres cegos, que se ufanam com suas trevas – e julgam loucos os que lhes falam das claridades do dia!

Maníacos e desequilibrados eles mesmos, que não compreendem, em seu tolo orgulho, verdades – leis – conhecimentos – ciências, em suma, que distam da que eles possuem!

Em seu jactancioso obscurantismo, igual ao que condenou Galileu – igual ao que condenou Mesmer – igual ao que condenou Foulton – igual ao que tem condenado toda a nova descoberta, toda a luz que clareia novos horizontes; os pobres morcegos, do alto de sua suficiência, que não passa de um feixe de lenha, de cima do qual, empavesado⁴⁶² filho da raça símica julgava as que-relas, cortam a questão pela raiz, pronunciando a palavra cabalística: absurdo!

460 (Nota do Organizador) O velo de ouro (chamado de velino ou velocino) é na mitologia grega a lâ de ouro do carneiro alado Crisómalo, representando a pureza. (Fonte: *Wikipedia*)

461 (Nota do Organizador) Cérbero, na mitologia grega, era um monstruoso cão de três cabeças que guardava a entrada do mundo inferior, o reino subterrâneo dos mortos, deixando as almas entrarem, mas jamais saírem e despedaçando os mortais que por lá se aventurassem. (Fonte: *Wikipedia*)

462 (Nota do Organizador) Soberbo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Absurdo, porque não condiz com suas ideias, necessariamente as únicas verdadeiras, atenta sua infalibilidade!

Nada sabem da matéria, porque nem de leve instituíram exame de seus princípios; mas, por isso mesmo, absurdo!

E tal é a sua esgrima que, assim evidentemente desequilibrados, qualificam de desequilibrados, os que se dedicam ao seu estudo!

É a Parábola do que não vê a trave que tem no olho e nota o argueiro no olho dos outros⁴⁶³.

Dessa raça de infelizes cativos do espírito de sistema – e portanto maníacos – desequilibrados, temos entre nós espécimes curiosos: uns sujeitos que, por terem babujado⁴⁶⁴ no campo de alguma ciência, muito pela rama, se dão a si mesmos, o título de – cientistas, que pesa na opinião pública do país, que dá o título de *doutor* a mancheias, sem inquirir onde e como o alcançaram.

Para tais e quejandos, todo o que estuda o Espiritismo é um desequilibrado; mas felizmente seu dizer não tem eco na opinião da gente sensata, dos que não lhes invejam os foros de sábios.

Quando o ilustre Gibier diz a respeito do Espiritismo: “o mundo ineiro não pode fazer que não seja o que é”;

Quando Figuiet⁴⁶⁵ avança: “tenho a *certeza* de que existem seres intermediários a Deus e aos homens, ignoro ainda como se comunicam esses seres com a Terra, mas julgo *positivo* o fato de sua comunicação”;

Quando Lacordaire escreve: “em todos os tempos havia modos mais ou menos raros de comunicar com os Espíritos; somente fazendo-se outrora mistério do que hoje é vulgar”;

Quando o grande Wallace descreve-se nestas palavras: “eu era materialista; mas os fatos são causas incontestáveis – e eles me convenceram”;

463 (Nota do Organizador) Vide Mt. 7:1-5 e Lc. 6:41-42.

464 (Nota do Organizador) Um dos sentidos atribuídos a esta palavra refere-se àquilo que é começado e largado em seguida (referindo-se à sopa), algo que foi beliscado, provado, mas não sorvido por inteiro. Dr. Bezerra utiliza-se do termo em sentido figurado, portanto, associando-o aos estudos ligeiros, superficiais. (Fonte: Dicionário Informal)

465 (Nota do Organizador) Guillaume Louis Figuiet (1819 – 1894) - escritor francês e divulgador da ciência, o mais profícuo do século XIX, famoso pelo número e qualidade dos artigos de periódicos e livros que publicou de 1848 a 1894. (Fonte: *Wikipedia*)

Quando o maior sábio do nosso tempo, W. Crookes, pronuncia-se nestes termos: “Eu não digo que é possível, mas sim que é uma realidade”;

Quando o venerando Zöllner declara: “eu adquiri a prova da existência de um mundo invisível, que pode entrar em relação com a humanidade”;

Quando o eminente Richet⁴⁶⁶, referindo-se a um trabalho espírita, diz: “é a primeira vez que se estuda cientificamente a vida futura”;

Quando o bem conhecido Lombroso escreve a Falcomer⁴⁶⁷: “eu acabei por crer completamente”;

Quando finalmente, Victor Hugo, em sua obra - *Les Genies*, referindo-se ao velador, que fala, se exprime assim: “é um dever da ciência sondar todos os fenômenos. Ridicularizar é cômodo, mas não é científico”.

“Evitar o fenômeno espírita – levá-lo à bancarrota ante a opinião – é levar à bancarrota a verdade”;

Quando tais e mil outras sumidades da ciência pensam assim, que incômodo pode causar o epíteto de – desequilibrado – imputado aos espíritas, pelos nossos sábios de carregaço?!

A verdade não faz bancarrota – e o Espiritismo desafia o estudo, a observação e a experiência dos homens de bom senso.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 18-05-1897:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16253

466 (Nota do Organizador) Charles Robert Richet (1850 – 1935) – médico fisiologista francês. Descobridor da soroterapia e da anafilaxia (uma reação alérgica), foi laureado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1913. (Fonte: *Wikipedia*)

467 (Nota do Organizador) Professor de Direito, também italiano. (Fonte: *Os Espíritos se comunicam na Igreja Católica*, de Paulo da Silva Sobrinho Neto, Ethos Editora, Divinópolis)

Artigo CDLXXV

Gazeta de Notícias, 24-05-1897

Já o dissemos: muito embora nossas crenças religiosas, devido às revelações espíritas, sejam para a Igreja romana o que foi para o sacerdócio hebreu a Revelação Messiânica, não recusamos respeito e homenagem àquela Igreja, em cujo seio aprendemos a conhecer a existência de Deus, a maior felicidade que pode ser dada ao homem.

Nosso respeito, porém, não chega ao ponto de apagarmos a luz de nossa razão, abraçando as impurezas humanas, que Roma tem mesclado com os puros e divinos ensinamentos do Messias, do Senhor Jesus, o Redentor do mundo.

Sem desejo de molestar – e só animado pelo caridoso empenho de fazer, especialmente, o clero católico abrir os olhos, para ver – e os ouvidos, para ouvir, as divinas verdades da Revelação Espírita, que foi Jesus servido, em seu primeiro amor pela humanidade, mandar ensinar aos homens, como lhes prometeu – verdades que, sem destruir a lei, eliminam da doutrina romana as concepções, que inquinam de vícios e de falsidades os ensinamentos do Evangelho; assim como estes eliminaram as falsidades e vícios com que o sacerdócio hebreu injuriou a lei do Sinai.

Só animado por este caridoso empenho, temos discutido, e continuaremos a fazê-lo, certos pontos, evidentemente humanos, da Igreja romana.

É natural que o padre, alimentando sua alma com aqueles princípios, que Roma impõe como verdades eternas, sustente-as na mais pura consciência e na mais firme convicção; mas o padre é um ser racional, e, portanto, deve usar desse dom, que Deus

lhe fez, para se guiar, principalmente no que entende com seu destino eterno.

Corre por aí um livro, preciosíssimo cofre de estudos e experiências sobre o Espiritismo, como Revelação religiosa, escrito por fervorosos católicos romanos, dizem que, em sua maior parte, padres, que se propuseram verificar o que havia de sério e de verdadeiro na Doutrina qualificada de diabólica pelo clero romano.

Tem por título: *Roma e o Evangelho*⁴⁶⁸ – e por fim: divulgar os divinos ensinamentos que seus autores receberam sobre as fraquezas de Roma em relação ao Evangelho, e sobre as verdades que se encerram no Espiritismo.

Quiséramos poder transladar para aqui todas as grandezas deslumbrantes, que se encontram naquela obra verdadeiramente inspirada; como, porém, não é possível fazê-lo, contentamo-nos em dar ao clero brasileiro, católico romano – especialmente ao ilustrado padre Dr. Júlio Maria, uma das maiores glórias de sua classe, um capítulo da primeira parte, que se intitula: A razão à procura da fé; que despertará em todos a consciência de que:

Deus não nos deu a razão, para submetemo-la à fé passiva, mas sim para que alcancemos a fé raciocinada, única que pode ser agradável ao Ser Onisciente – única que nos dá o mérito e o demérito – e nunca jamais a que nos reduz ao papel impossível: de crermos porque nos manda crer a Igreja romana – papel de autômatos morais, sem consciência – sem razão – sem responsabilidade – e, portanto, sem fé própria.

Eis o que disseram os que viram – ouviram – observaram – e experimentaram, depois de terem visto – ouvido – observado – experimentado.

“Desolador é o quadro em que nossos dias oferece a sociedade católica romana.

“Contra ela prevalecem as portas do Inferno, toda a vez que, em seu seio, se desenvolvem todas as ruins tendências e, à sua sombra e calor, todas as ambições fermentam, todas as más paixões se nutrem e vigoram.

E, pois, que as portas do Inferno não podem prevalecer contra a verdadeira religião cristã, que é a que reconhece por única

468 (Nota do Organizador) Obra já citada alhures, nesta coleção, vide especialmente as notas 377 e 400, acima, neste mesmo volume.

lei o Evangelho; concluímos: que não é Roma a legítima expressão da Igreja estabelecida pelo filho de Maria.

“Onde, então, o Cristianismo em sua pureza?

“Em nosso sentir, a Igreja do Cristo não é nenhuma dessas estreitas, que disputam a supremacia sobre as consciências e o domínio temporal – igrejas mesquinhas, que fazem consistir o essencial da religião no conjunto de exterioridades e fórmulas mais ou menos aceitáveis ou ridículas – igrejas exclusivistas, que condenam a sofrimentos eternos a imensa maioria dos homens, e se apoderam do Céu, como país conquistado – igrejas que grosseiramente arremedam as parcialidades políticas, reservando para seus adeptos, as delícias celestiais – igrejas falsas e orgulhosas, que se atribuem a posse da verdade absoluta e do critério infalível – igrejas, enfim, que se fazem o monopólio de todos os dons, que a Bondade infinita espalha por toda a humanidade.

“A Igreja do Cristo há de ser algo mais, mais e muito melhor que tudo isso. Maior que Roma, maior que Lutero, maior que Mafo⁴⁶⁹, maior que as demais igrejas que se dão o título de únicas verdadeiras.

“Dentro dela hão de caber todos os homens de boa vontade⁴⁷⁰ chamem-se judeus, protestantes, católicos ou maometanos. De outra sorte, não seria baseada em justiça, não seria universal, caracteres inseparáveis da religião divina.

“O judeu, o muçulmano, o protestante, o budista, o católico, o cismático, que ama a Deus em espírito e verdade, e pratica a virtude, está com Cristo⁴⁷¹ e dentro da verdadeira Igreja.

“Não é cristão o que se diz tal, só porque recebeu a água do batismo, senão o que abraça os ensinamentos do Cristo⁴⁷², ensinamentos que

469 (Nota do Organizador) Nome que os cristãos davam a Maomé (Fonte: *Dicionário Aulete Digital*)

470 (Nota Original da obra *Roma e o Evangelho*) “Em verdade vos digo; que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e só assentarão com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus.” (Mt., Cap. VIII, v. 11)

471 (Nota Original da obra *Roma e o Evangelho*) “Mas Deus acolhe todo o que ama e pratica a justiça.” (*Atos dos Apóstolos*, Cap. X, v. 35)

472 (Nota Original da obra *Roma e o Evangelho*) “Porque não é judeu o que por tal se dá, nem a circuncisão o que se faz exteriormente na carne; mas o judeu e a circuncisão que o é interiormente” (Paulo, *Epístola aos Romanos*, Cap. II, v. 28 e 29)

se sintetizam numa única palavra: caridade; isto é, amar a Deus e ao próximo⁴⁷³.

“Esta palavra, esta fórmula, este símbolo evangélico, ligam em um corpo único os homens de todos os países, de todas as raças, de todas as crenças, formando a Igreja universal, a Igreja essencialmente cristã.

“Dia virá em que só haja um rebanho: a Igreja de Deus e um só Pastor: o Verbo, a palavra de Deus, o Evangelho, Jesus Cristo.

“Em toda a religião há alguma coisa, divina, mesclada de impurezas humanas; e como a luz vai manifestando e separando a verdade da mentira – o eterno e essencial, do transitório e vão; chegará o dia em que todas as religiões se depurarão e formarão uma única”.

Max

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 24-05-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16284

473 (Nota Original da obra *Roma e o Evangelho*) (4) “Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração – de toda a tua alma – de todo o teu entendimento. Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos constituem a lei e os profetas”. (Mateus, Cap. XX, v. 37-39)

Artigo CDLXXVI

Gazeta de Notícias, 08-06-1897

O Espiritismo, estudado experimentalmente, dá a mais irrecusável prova da existência da alma, Espírito, depois do que chamamos a morte.

Um médium receitista é consultado sobre a moléstia de uma pessoa que nunca viu, nem ouvir dela falar e que mora em país diferente do seu, dos quais nenhum dos dois jamais saiu.

O médium concentra-se, pede a um Espírito que lhe diga sobre o caso e, após, corre-lhe o lápis pelo papel e o consultante lê uma descrição minuciosa do que tem o seu doente e o que lê nesta descrição confere perfeitamente com os sofrimentos que acusa o doente – e, mais do que isto, encontra designada a causa da moléstia: um acidente, a que não ligou jamais importância e do qual só agora se recorda.

Como racionalmente explicar semelhante fato de tal diagnóstico, feito sem exame do médium – sem comemorativos⁴⁷⁴, que agissem – e com aquela circunstância de falar num acidente que ele não podia saber e de que o próprio consultante não se lembrava?

Transmissão de pensamento? Não pode ser; pois que o consultante não pensava no acidente.

Prolongação da vista do médium? Não pode ser; pois que ele ignora completamente a ciência médica – e, ainda que visse e examinasse o doente, não poderia fazer um diagnóstico tão perfeito – e, mais ainda, adivinhar o acidente, que foi causa da moléstia.

474 (Nota do Organizador) Anotações relativas ao estado anterior do doente e que facilitam o diagnóstico, prontuário. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Imaginai hipóteses – e não encontrareis, na ciência conhecida, uma que explique o fato em questão, que tivemos ocasião de ver – e que qualquer pode ver, quando quiser.

A única hipótese que dá luz ao caso, é a espírita – é a de ser um Espírito desencarnado, habitante do Espaço, que, célere, correu ao pouso do doente – e examinou-o – e, com igual celeridade, voltou-se ao médium que o evocou e deu-lhe conhecimento, por comunicação psicográfica, dessas que estão ao alcance de todos verificar, tudo o que contém na descrição.

Foi uma força inteligente do Espaço, dir-nos-ão; mas quem assegura que essa força seja o Espírito, alma, de um homem morto? Assegura-o a própria experiência; porque essa força do Espaço assina o escrito – e, em tais casos, o signatário é sempre, sempre, sempre, um médico que deixou nome na Terra.

Compreende-se que o Espírito de um médico examine uma pessoa e faça o diagnóstico de seus sofrimentos; mas, como pode ele ter a ciência do acidente, a que nunca se ligou importância, e que foi a causa do mal?

Esta questão pede estudo da Doutrina, em sua parte científica.

Os Espíritos, por sua vista espiritual, veem os quadros onde estão impressos todos os fatos da vida do ser humano; donde o refrão popular: “nada há oculto, que não seja descoberto”.

Assim como veem através da matéria, que lhes é transparente e permeável, assim também têm o poder da vista retrospectiva, ou de ver no Espaço, como se estivessem escritos em um livro, os fatos passados da vida de qualquer pessoa.

Mais difícil de crer é lerem estes em nosso pensamento, ao ponto de dizerem aquilo em que cogitamos; isto, porém, dá-se, não com todos, mas com os que têm elevado grau de adiantamento na escala do progresso.

Nós, que escrevemos estas linhas, já colhemos, em nossos estudos científicos do Espiritismo, a prova deste enunciado, que foi atestada por mais de vinte cavalheiros da nossa boa sociedade.

Se, pois, eles podem ler em nosso pensamento, porque não poderiam fazê-lo nos quadros que se gravam nossas ações, que o sábio Flammarion dá como coisa inconstestável, e que é mesmo, e pode ser verificado cientificamente e experimentalmente?

A prova da substância do nosso – eu – depois da morte, ainda nos é dada por outros inúmeros modos experimentais; mas

nós não daremos aqui senão a que nos vêm da mediunidade vidente.

Um *médium* vidente nunca viu nem podia conhecer, pelo tempo e distância em que morreu o indivíduo A; entretanto, evocado o Espírito desse indivíduo, ele o descreve, como se vivo fora, e lhe estivesse presente.

Além dos traços gerais característicos da pessoa, ele nota particularidades, como um defeito no olho (sofria em vida de catarata no olho designado) e uma ferida na coxa (trazia em vida um pontículo naquele ponto) e mais e mais.

Ora, se o Espírito se dá pelo que foi e se o vidente o descreve minuciosamente tal qual foi, que dúvida pode haver de que ali está o Espírito do indivíduo – A?

Bem sabemos que os cegos pela obsessão do espírito de sistema e do fanatismo, descobriram, em sua cegueira, mil hipóteses para explicarem o fato a seu sabor; mas, além de que suas explicações nunca jamais terão o rigor lógico do nosso enunciado, acresce que não é para estes perdidos da razão, que nos chamam desequilibrados(!), que escrevemos.

Nós escrevemos para aqueles que têm aberto o entendimento às luzes, que estão fora do círculo das que possuem, para aqueles que, sabendo que o homem é perfectível, e que a perfectibilidade humana não pode ser limitada ao saber que ora possui, não aceitam nem repelem as ideias novas, sem fazê-las passar pelo cadinho do estudo, desapassionado – da observação sem preconceitos – da experiência fria, severa e cercada de todos os meios precisos à apuração da verdade – a eliminação do erro.

Nós escrevemos, em suma, para os que, diante das descobertas maravilhosas, até hoje realizadas, têm bastante critério para não dizerem infantilmente – totalmente: “de hoje em diante, nem mais um passo”.

Nós escrevemos para os homens de bom senso e não para os desequilibrados, que nos julgam por si.

Max.

Artigo CDLXXVII

Gazeta de Notícias, 23-06-1897

Ordem e Progresso, diz a seita positivista, são os fundamentos da grandeza e da felicidade dos povos – e aquelas duas palavras se imprimem em nossa mente de modo a aceitarmos-las como a expressão de uma verdade absoluta.

Sem ordem, como encaminhar-se a sociedade a um glorioso destino? Logo: ordem.

Sem progresso, nem o indivíduo, nem a coletividade humana poderá passar de um marco plantado no caminho do infinito, que deve ser percorrido pelo homem. Logo: progresso.

Que melhor e mais raciocinada demonstração da verdade e da necessidade do lema positivista?

Os positivistas seduzem, convencem e arrastam todo o que pensa, reflete e raciocina.

Entretanto, nunca houve caso a que melhor se aplique o refrão popular: nem tudo o que reluz é ouro.

Pelo brilho, que se esbate⁴⁷⁵ de encontro à pupila de nossa alma, nenhum lema social nos atrai tão vitoriosamente a razão e nos abala tão profundamente os sentimentos.

Pelo brilho! Mas nem tudo o que brilha é verdade e, muitas vezes, por debaixo, por detrás, oculta sob esse brilho efêmero, é que jaz, reclinada em seu níveo leito, purpurizado, a filha do céu,

475 (Nota do Organizador) Termo normalmente ligado às artes, tanto à escultura quanto à pintura. Refere-se à técnica de graduar as sombras de um quadro para dar relevo a seus detalhes, como também a atenuar suas cores, mas pode servir para passar também a ideia de ressaltar, sobressair, e penso que foi nesse último sentido que Dr. Bezerra o utilizou. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

a divina companheira de Jesus, a casta diva dos amores dos anjos, a estrela radiante da puríssima luz da verdade, a sua cândida essência.

Quem te disse, criança, que o lema positivista, que tanto seduz, convence e arrasta, compreende os sólidos elementos da grandeza e da felicidade dos povos, que tem o poder em si e por si de realizar esse magno *desideratum*⁴⁷⁶, que não é fogo falso, a brilhar por um momento, para dissipar-se na escuridão da noite, que deixa mais entenebrecida?

Quem vê aquele fogo tem certeza de ter visto a luz; mas a luz que viu foi efêmera, e a verdadeira luz é inextinguível.

Assim também há verdade efêmera e verdade inextinguível.

O lema positivista é uma verdade – é uma verdade que, sem a ordem e sem o progresso, não há povo grande nem feliz; mas basta erguer a flâmula no meio de uma sociedade para conquistar ela a grandeza e a felicidade?

Se assim fosse, nós, que tivemos essa fortuna, seríamos hoje maiores e mais felizes do antes éramos.

A experiência está feita – a prova está tirada, de que o homem não possui a virtude de dominar e dirigir os acontecimentos, pronunciando o – *fiat*⁴⁷⁷ – de sua vontade.

O – *fiat* – que domina e dirige os acontecimentos é virtude de Deus, transmitida a seu dileto filho, Jesus, no que entende com o supremo governo da humanidade terrestre.

E Deus deixa cair de seus amorosos lábios, sobre a Terra, a palavra que aviventa imperceptivelmente – a luz que imperceptivelmente esclarece a mente dos homens; de modo que quando o ensino desce, é que a mente já está apta a recebê-lo.

O maior progresso humano provoca mais ampla revelação da verdade.

A experiência está feita – a prova está tirada, de que o – *fiat* – o lema dos positivistas, não dá grandeza nem felicidade.

Desde que desfraldamos aos ventos, por cima das cabeças do povo brasileiro, a bandeira do Positivismo, irrompeu do seio da

476 (Nota do Organizador) Palavra latina, que traduz-se por aspiração, objetivo, propósito. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

477 (Nota do Organizador) Alusão ao texto do Gênesis, em que Deus disse: «faça-se a luz, e a luz fez-se» (Gen. 1:3). (Fonte: *Wikipedia*)

nossa sociedade a anarquia, que continuará se não lhe afastarem a causa.

Para confronto, aí está o progresso humano, elevado ao grau da civilização moderna, desde que se inaugurou, no cimo do Gólgota, por cima das cabeças de todas as nações da Terra, o lábaro divino, que ensina a jugular a anarquia dos povos e o despotismo dos reis.

E porque, sendo uma necessidade a ordem e o progresso, o tema positivista só tem produzido males? a anarquia social, sob todos os pontos de vista? Porque a lei é esforçar-se o homem para que Deus lhe dê a virtude de produzir.

Mas o Positivismo dispensa o favor de Deus, a quem não reconhece por tal.

Logo, seu esforço não é fecundado pela virtude do Altíssimo – é condenado a produzir unicamente o que está na virtude do homem, que não passa de um átomo imperceptível, perdido no turbilhão do Universo infinito.

Não vês, criança, que toda a obra do homem é perecível e que são eternas as que procedem do Supremo Poder?

Toma um meio termo para o que entende, com a marcha evolutiva da humanidade, através dos séculos e pelas vias do progresso sem termo.

Admite que a grande obra é confiada ao próprio homem, mas é bafejada pela Soberania Infinita.

Neste caso, associado o homem a Deus, a obra sairá perfeita, porque as fraquezas humanas serão supridas pelas virtudes do Onipotente.

E, pois, o progresso – progresso real e progresso que consiste no aperfeiçoamento intelectual e moral do ser humano, depende de ordem em seu desenvolvimento; mas essa ordem não é uma palavra, e ainda menos uma palavra de desafio, como foi o projeto de construir a Torre de Babel.

Aos orgulhosos, sempre a ruína, prova de que há um poder moral superior.

Aos brasileiros, a ruína, porque em sua cegueira deixaram-se levar pelos orgulhosos, que antepõe um nome de homem ao de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E, se pudesses, criança, ver, à luz do Espiritismo, diante dos fatos que ele desdobra à nossa vista, como todo aquele que se afasta do Senhor perde-se nas trevas, nem um momento vacila-

rias em crer que o nosso Brasil sofre as consequências de se haver oficialmente afastado de Deus para se abraçar com o símbolo de uma seita que põe no lugar de Deus uma – ? –.

Lê a história do mundo – e conta, se puderes, os exemplos de estrondosas guerras por esta causa.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 23-06-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16439

Artigo CDLXXVIII

Gazeta de Notícias, 12-07-1897

Na *Gazeta de Notícias* de 5 de junho lê-se a notícia de ter Mlle⁴⁷⁸. Couédon predito o incêndio do Bazar de Caridade⁴⁷⁹, que tantas vítimas fez, levantando a condolência de Paris e do mundo.

Em seu profético anúncio, a *médium* declarou que nenhum dos seus ouvintes, apesar de serem muitos frequentadores habituais das vendas de caridade, morreria na horrível fogueira.

E o incêndio preanunciado foi uma realidade – e dele não foi vítima nem um dos assistentes habituais do bazar, que estavam no meio em que falou a *médium*!

Os tempos não são de cogitações; são de observação e experiências.

Fatos, fatos – eis os fundamentos da ciência hodierna.

Pois é sobre fatos, sobre observações e experiências que o Espiritismo, ciência tão ampla que abraça todos os ramos dos conhecimentos humanos, quer intelectuais, quer morais, quer físicos – é sobre esta base, sólida como um rochedo, que a Nova Revelação científico-religiosa pousa os pés para estender os braços aos páramos infinitos da infinita obra de Deus.

478 (Nota do Organizador) Abreviatura de mademoiselle, em francês. (Fonte: *Infopédia*)

479 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui à última matéria publicada na *Gazeta de Notícias* sobre esse triste episódio (vide https://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1897_00156.pdf). A menção à Mlle. Couédon, ou Henriette Couédon (1867-1941), também chamada *A vidente da Rua Paradis*, está bem ao final da reportagem.

Fatos e não palavras – exame e não fé passiva; mas fatos bem estudados e exame sem preconceitos: espírito de sistema e fanatismo.

Fatos? Pois aí está um, que fere a retina d'alma de todo o ser pensante.

Couédon, muito antes do sucesso, disse a um numeroso ajuntamento de pessoas gradas que ele dar-se-ia – e ajuntou: que dele sairiam ilesos todos quantos ali se achavam.

O que diz este admirável fato a quem tiver a faculdade de pensar e não for dos que têm por única medida de sua crença o seu saber; como ensina Bayle⁴⁸⁰?

O sábio, incrédulo, que atribui à matéria ininteligente a sapientíssima organização da máquina do Universo, inclusive sua respeitabilíssima pessoa, vê no estupefaciente fenômeno mais um prodígio de evolução, de sua matéria incriada.

O místico, [dado]⁴⁸¹ ao misticismo cego, que descobre tudo em Deus, sem conhecer que é louco, vê ali uma simples manifestação de Satanás.

E ambos ficam contentes e orgulhosos, porque penetraram, com olhos de lince, o segredo da esfinge.

E riem dos parvos que mourejam por descobrir o que a eles é tão fácil penetrar.

Fale, porém, o bom senso – o simples bom senso – e diga o que colhe naquele prodigioso fenômeno, sem cogitar do que possam ajuizar a seu respeito os sábios de cérebro mole e os santos de olhos furados.

Quando o mundo aceitar a ciência que dá a uma pedra, passando embora por mil transformações, o dom de pensar – de ler no livro do futuro;

Quando a humanidade reconhecer que Satanás, criatura de Deus, tem tanto ou mais poder do que seu Criador;

Quando isto se der, o bom senso não terá vez para falar, nem mesmo do que prega no deserto.

Antes disso, porém, que jamais chegará a ser, porque indefectível é a lei do progresso, o bom senso dirá aos parvos e

480 (Nota do Organizador) Vide nota 361, acima, neste mesmo volume.

481 (Nota do Organizador) A palavra no original encontra-se ilegível, pelo que decidimos substituí-la pela que nos pareceu fazer mais sentido ao conjunto do texto.

desequilibrados, assim qualificados pelos tais sábios e pelos tais santos:

Couédon, como milhares de criaturas humanas, possui a faculdade, que se generalizará com o tempo, por obra do progresso humano – possui a faculdade de receber e transmitir aos homens os pensamentos e ensinamentos dos Espíritos, que homens já foram.

Destes uns ainda são atrasados, como entre nós os há – ainda não têm luz que lhes dê para verem além de um limitadíssimo circuito, cujo centro ocupam – outros, porém, por seu extraordinário progresso, intelectual e moral, irradiam de seu próprio ser tanta e tão clara luz que lhes esclarece o presente, o passado e o futuro, não em extensão infinita, porque só Deus tem esse poder, porém em extensão mais ou menos larga, segundo o grau da perfectibilidade, que já tenham conquistado.

Um Espírito ainda atrasado e por isso mesmo ainda inquinado de fraquezas, pode vir comunicar a *médiums*, para passar por adiantado, fatos que, diz, deverão dar-se; mas, se consegue inspirar confiança porque não se pode saber seu grau de progresso, efêmera é sua glória, pois que o tempo vem provar a falsidade do seu anúncio ou predição.

Mui diferente é o que se dá quando o Espírito que se comunica com o *médium*, para predizer sucessos futuros, é adiantado, isto é, tem luz de poder ver no futuro.

Este anuncia o que ninguém tem razão de esperar e o que ele anuncia dá-se no tempo e no lugar preditos.

Pelo resultado, pois, conhece-se a que ordem pertence o previsor; mas quer um, quer noutra caso, a previsão é obra de Espíritos, salvo se o *médium* é mistificador, caso em que a falha será certa.

No caso em questão, a *médium* Couédon, ficou provado, não foi mistificador, mas sim realmente transmissor de uma comunicação de um Espírito, pois que o fato predito deu-se – e o Espírito que o prenunciou era de tal ordem elevada, pois que o sucesso veio provar que ele tem o poder de ler no livro dos futuros acontecimentos.

Só uma alta inteligência pode produzir fenômenos tais; e, pois, abaixo a explicação pelas forças da matéria ininteligente.

Também Satanás, cujo fim é sempre o mal, dizem os que o apregoam, que vantagem poderia tirar daquele fato?

O Espírito, sim, predisse o fato para prevenir desastres – e para dar uma prova patente da verdade espírita, da comunicação dos vivos com os mortos, que tanto importa saber para o progresso da humanidade.

Eis o que diz o senso comum sobre a questão.

Max.

Reproduzido conforme texto original.
Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 12-07-1897:
http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16549

Artigo CDLXXIX

Gazeta de Notícias, 21-07-1897

Aos que, arrastados por falsas interpretações, alimentam a fé na existência de Espíritos criados perfeitos (anjos); mas que, contrário à divina volição, se fizeram imperfeitos – [alcerandos]⁴⁸² (diabos);

Aos que, supondo possível este monstruoso e blasfemo absurdo, confirmam o fato das manifestações espíritas, porque é visível e não pode ser negado, mas explicam-nas como obra dos diabos;

Aos que assim procedem, no intuito de salvarem o ensino romano, de serem as almas julgadas definitivamente, depois da morte e encerrados no Céu, no Inferno ou no Purgatório, donde não podem sair para virem conversar com os homens;

Aos que, finalmente, servem-se deste meio como arma para baterem o Espiritismo, Doutrina ensinada pelos Espíritos, pedimos, mais uma vez, a devida vênia para provar-lhes a improcedência do seu tão amado recurso.

Argumentos e considerações, por mais lógicos que sejam, não têm o poder de arrancar a tiririca do erro do seio da ignorância de uns e do fanatismo de outros.

Deixaremos, pois, revelar-se em sua maldade os que argumentam de má fé – e dirigiremos nosso pensamento exclusivamente aos de boa fé, que julgam conscienciosamente verdade a existência dos diabos, porque Roma o ensina e Roma é infalível

482 (Nota do Organizador) Infelizmente não conseguimos localizar esta palavra nos dicionários, deve haver algum erro tipográfico nesse ponto.

– e, e pela mesma razão, o enclausuramento das almas nos três lugares acima designados; donde a impossibilidade de virem manifestar-se; donde a conclusão de serem os diabos que, em seus nomes, se manifestam.

A estes, cujas crenças respeitamos, desde que são sinceras, opoemos d'aqui, não argumentos nem considerações, mas autoridade por autoridade.

Firmam-se eles na autoridade da Igreja romana – firmamo-nos nós na de S. João, o evangelista.

Roma nega peremptoriamente as comunicações dos Espíritos, isto é, a comunicação dos mortos com os vivos, segundo sua linguagem.

S. João afirma a comunicação contestada, em termos de não dar lugar a dúvida.

Qual valerá mais para o verdadeiro cristão; cristão em Cristo: a palavra dos papas ou a do discípulo amado, que reclinou a cabeça no seio da Verdade, que recebeu do divino Mestre o sagrado depósito do tesouro de seu coração de filho amoroso, que escreveu o Evangelho, pelo qual Roma deve modelar seus ensinamentos – que, finalmente, foi arrebatado, em Espírito, ao Céu, onde recebeu a missão de escrever o Apocalipse, descrição alegórica da visão que lhe foi dada?

Respondam os nossos adversários sinceros, a quem dedicamos estas linhas.

O fato, porém, é que, aceita a palavra de João, e nenhum cristão poderá deixar de aceitá-la reverentemente, os Espíritos se comunicam com os homens; donde a verdade do Espiritismo e a falsidade da asseveração de serem os diabos que se comunicam em nome deles.

“Caríssimos; não acrediteis em todos os Espíritos; mas examinai cuidadosamente se eles são de Deus”. (1 João, 4:1)

Para não acreditar n'algum, é preciso que esse tal tenha dito alguma coisa; para não se acreditar em Espíritos, é, pois, necessários que Espíritos se comuniquem.

Se fosse verdadeira a doutrina romana; de não poderem os Espíritos comunicar com os homens, a recomendação de São João seria simplesmente tola e impertinente.

E, tanto o angélico evangelista se referia aos Espíritos humanos, que não aos diabos, que recomendou o exame, para reconhecer se os Espíritos são de Deus.

Haverá diabo que seja de Deus?

A recomendação, pois, diz claramente que o texto epistolar refere-se aos Espíritos humanos, entre os quais há uns que são maus e enganadores – e outros bons, que só procuram fazer o bem, e que são os designados pela expressão “de Deus”.

Não há fanatismo que resista a provas desta qualidade – e, pois, não haverá, entre nossos adversários sinceros, um que seja, capaz de negar que S. João consagrou, naquele texto, o fato da comunicação dos mortos com os vivos.

E, se este fato é consagrado por tão alta autoridade, cuja palavra é um dos esteios da Igreja romana, a que fica reduzida a negação dos romanistas?

Quererão eles colocar a Igreja acima do Evangelho, dando aos papas mais autoridade do que aos evangelistas? Não o acreditamos.

O fundamento da Igreja de Jesus Cristo é o Evangelho – e uma igreja em oposição ao Evangelho, não pode absolutamente ser Igreja de Jesus Cristo.

Portanto, ou aceitar o ensino do evangelista, e riscar o da Igreja romana, que lhe é oposto, ou arrancar do frontispício dessa Igreja o signo de Igreja de Jesus Cristo.

Portanto – e vão estas palavras diretamente ao ilustrado pregador, padre Dr. Júlio⁴⁸³: é balda de todo o fundamento a explicação dos fatos de comunicações espíritas, aliás comparadas, como obras do diabo, que não do Espírito humano libertado do corpo.

Além de S. João, diz S. Paulo na 1^a Epístola aos Tessalonicenses, 5:20 e 21: examinai todos (os Espíritos) e abraçai o que for bom.

Não é o mesmo ensino de João?

Muitas outras confirmações se encontram nos sagrados textos; mas que mais é preciso, desde que o ensino espírita é consagrado por S. João e S. Paulo?

483 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao padre Júlio Maria. Vide nota 451, acima.

Em face do que fica exposto, pode o materialista explicar o fato da comunicação espírita por suas mil hipóteses científicas; o cristão, porém, não pode negar a intervenção dos Espíritos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 21-07-1897:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/16601

Artigo CDLXXX

Gazeta de Notícias, 20-09-1897

Em nosso passado artigo, prometemos desenvolver mais o assunto que foi seu objeto.

Ocupamo-nos com as manifestações dos Espíritos, não aceita pelos materialistas, que não admitem a existência de tais entidades – e pelos católicos romanos, que aceitam-na, mas não sua comunicação, visto que as almas, deixando o corpo, vão a seu destino eterno, donde não lhes é dado sair. Pelo que atribuem as comunicações espíritas ao demônio.

Dirigir-nos-emos, em primeiro lugar, aos materialistas, e após aos católicos.

Em uma de nossas sessões de estudos científico-experimentais, o médium, um moço do comércio, sem estudos preparatórios e principalmente de literatura e ciências, recebeu, depois de sonambulizado espontâneamente, que não pela ação de qualquer pessoa, um Espírito, digamos uma *força*, para irmos com a linguagem dos naturalistas.

Essa *força*, servindo-se do corpo do moço sonambulizado, dirigiu-nos a palavra e entrou conosco em discussão, séria e elevada: científica.

Reconhecemos, por aí, que tínhamos a contender com uma inteligência ilustrada – e não nos enganamos, porque a tal *força* disse-nos ser Büchner⁴⁸⁴, um dos maiores vultos do materialismo.

484 (Nota do Organizador) Provavelmente temos aqui Karl Georg Büchner, escritor, filósofo, médico e naturalista como seu irmão mais famoso, Friedrich Karl Christian Ludwig Büchner, já citado neste e em outros volumes desta coleção. Georg tinha a alma exaltada e revolucionária, e grande sensibilidade para os sofrimentos do povo, que bem retratou em suas obras. Faleceu em 1837.

Tinha o infeliz a ilusão de ainda ser vivo, o que é muito comum em Espíritos muito ligados às coisas materiais, em vida – na vida corpórea.

É a *perturbação* depois da morte, estado aflitivo, que leva anos e anos a passar, especialmente naqueles que acreditaram no *nada* além do túmulo – e que, sentindo-se animados de vida, não podem crer que já tenham morrido.

Também estes, desde que reconhecem que já deixaram a vida corpórea, confessam o erro de suas doutrinas – de suas crenças – de sua ciência; pois que, em vez do *nada*, encontram a *vida*: a vida de além-túmulo.

Foi o que acontecem com Büchner, a quem provamos que não estava ali a falar-nos, com o seu corpo, mas simplesmente com seu Espírito – e, diante de nossas provas, convenceu-se de que já tinha morrido – e reconheceu que, no entanto, estava vivo, pensando, raciocinando, recordando-se e, sobretudo, possuindo a consciência de sua individualidade.

Este reconhecimento, porém, causou-lhe maior perturbação, da que a em que vivia; porque o sábio, orgulhoso de seus tesouros científicos, não podia acomodar-se com a ideia de todo o acervo de seus conhecimentos, que lhe conquistaram um nome imorredouro na Terra, fosse um montão de palhas secas, coisa que para nada prestava, verdadeiro acervo de falsidades...

Dessa perturbação humilhante foi despertado por outro invisível a nós outros, porém visível a ele, que sofregamente correu para ela, pedindo-lhe que a esclarecesse, pois que tinha sido, ela, a força, que aparecera, seu mestre – e ainda esta vez lhe pediu um raio de luz do seu profundo saber.

Era preciso ser muito grande, para que o sábio Büchner tivesse aquela linguagem!

E, efetivamente, o próprio Büchner o designou pelo nome de Bacon⁴⁸⁵.

Bacon, acudindo, pressuroso, ao reclamo do amado discípulo, explicou-lhe como sua escola firmara-se em falsos princípios, donde a falsidade de suas consequências.

E, por uma série de demonstrações, qual mais rigorosa, provou-lhe a existência do mundo espiritual e, acima deste e do material e de todo o Universo, a existência de Deus: Força das forças,

485 (Nota do Organizador) Provavelmente Francis Bacon, (1561 – 1626) – político, filósofo empirista, cientista, ensaísta inglês, considerado como um dos fundadores da Revolução Científica. (Fonte: *Wikipedia*)

Causa das causas, Criador de tudo o que existe e de todas as leis eternas e imutáveis que regem os mundos e os seres.

O sábio curvou a cabeça, aceitou a lição e entoou um hino de graças e de louvores ao Senhor, que negava e agora confirmava.

O fato foi presenciado por dezenas de cavalheiros, que o atestarão se preciso for, e o fato deve parecer inconciliável com a tal força material, inteligente e verdadeiramente cega.

Eis o que dedicamos, por hoje, ao estudo dos materialistas, que cumprimos, para passarmos aos católicos romanos.

Em todas as nossas sessões de estudos experimentais, manifesta-se um Espírito sofredor, refratário aos ensinamentos de Jesus.

Tomemo-lo pelo demônio, para sermos agradáveis aos romanistas.

Em toda aquelas sessões, manifesta-se outro Espírito, que vem guiar a moralização do infeliz sofredor, além de convencê-lo do erro – chamá-lo à verdade – e alcançar-lhe o perdão.

Um combate os sagrados ensinamentos; é o demônio. Outro esclarece e sustenta aqueles ensinamentos; será outro demônio?

Um tenta matar o médium; e consegue muita vez atirá-lo por terra, exangue; demônio.

Outro socorre o médium, com seus fluidos – ergue-o da terra – e salva-o; demônio também.

E o demônio desfaz o que o demônio faz! E o demônio destrói a argumentação do demônio, mostrando os erros e falsidades!

E o demônio está sempre pronto a bater-se contra o demônio!

É preciso ser cego da pior cegueira, para atribuir ao demônio as manifestações espíritas, aliás consignadas nas sagradas letras.

E é preciso ter a consciência e a razão obliteradas, para crer em demônios, cuja existência seria a prova da não existência de Deus.

Os Espíritos humanos não são perfectos; são perfectíveis – e cada um, segundo o esforço que emprega por aperfeiçoar-se, ficará alguém ou além de outros – será atrasado ou adiantado.

Demônios são os Espíritos humanos, enquanto atrasados.

Max.

Artigo CDLXXXI

Gazeta de Notícias, 15-10-1897

Parece que são chegados os tempos de espalhar-se pela Terra o vento destruidor, de que falam as profecias; vento que subleva, que perturba e que deprime as faculdades do ser pensante.

Não há dia em que os jornais deixem de nos dar notícia de horrores: crimes, morticínios, sinistros de toda a espécie, que se dão em todos os países do velho, do novo e do novíssimo continente.

Isto que pode deixar de chamar a atenção dos homens que refletem, afeta todas as relações humanas: políticas, econômicas, morais e religiosas.

Dir-se-ia que o planeta sente as contorções de um parto, que dará à luz um *regimen* – um novo *modus vivendi*⁴⁸⁶ – um novo mundo, em suma.

Aqui, entre nós, espíritos mal preparados que, no entanto, se têm na conta de sábios, tão depressa a imprensa dá notícia de fatos contristadores, como suicídios e loucuras, erguem a voz em grita contra o Espiritismo, que já os incomoda por dominar as mais seletas mentalidades de nossa sociedade.

É o Espiritismo que arrastou este infeliz ao suicídio – é o Espiritismo que levou aquele outro à loucura – é finalmente, o Espiritismo que produz todas as desgraças!

Pobres cegos, que não veem como este concerto geral de calamidades, de todos os gêneros, obedece a uma lei superior a toda a ação humana.

486 (Nota do Organizador) Locuções latinas, já citadas: um novo regime, um novo modo de vida.

O que pode influir o homem – o que pode influir o Espiritismo, sobre essas calamidades que enlutam o coração humano, quer pela frequência dos casos, quer pelos morticínios resultantes?

Uma mina se incendeia e morrem centenas e milhares de trabalhadores – navios, carregados de expatriados pela necessidade de procurarem meios de vida, se chocam no alto mar, e morrem centenas e milhares de criaturas humanas – incêndios pavorosos aleiam-se por toda a parte, e morrem centenas e milhares de pessoas – mil outros sinistros se repetem, como nunca; e morrem milhares e milhares de criaturas.

Não falamos da guerra, que ameaça conflagrar as nações, nem da desordem, que reina por todas elas, nem da organização de partidos, cujo fim é anarquizar todas as sociedades.

Lêde os *Atos dos Apóstolos*, lêde *Joel* e vereis fielmente descrita, há 19 séculos, toda esta desordem, toda esta anarquia, toda esta barafunda, em todas as relações humanas.

É fim de século, dizem; mas para Deus o tempo não tem medidas – não há séculos, nem anos, nem meses, nem dias, há a eternidade.

Os fatos, pois, que se acumulam por toda a parte e quebram a ordem universal dentro da ordem universal, nada têm com o século, mas sim com a humanidade.

Se lermos a História com espírito investigador, reconheceremos que as novas eras, nas vias do progresso, foram sempre assinaladas por grandes e profundas perturbações, tanto físicas como morais. A razão disto só Deus a sabe.

Nunca, porém, em época alguma, a perturbação espalhou-se por toda a superfície da Terra, como agora; é, pois, de concluir-se que maior era – mais alto fim está iminente – e que tudo isto que se passa de extraordinário, é aviso misericordiosamente dado ao homem da Terra, para preparar-se – para não fazer como as virgens loucas do Evangelho – para esperar o Esposo com suas lâmpadas bem providas⁴⁸⁷.

E é neste sentido o que está escrito nos *Atos dos Apóstolos* e em *Joel*, acima citados.

E é neste sentido que nos falam espiriticamente os enviados do Senhor, anunciando-nos a aproximação dos tempos, ou, como vulgarmente se diz, a aproximação do fim do mundo.

487 (Nota do Organizador) Vide Mt. 25: 1-13.

Não vão daí pensar que o fim do mundo é o esboroamento da Terra por algum cataclisma que a reduzirá a pó, juntamente com a massa de seus habitantes.

Não; o fim do mundo anunciado pelas Escrituras, e hoje explicado pelos altos Espíritos que nos vêm trazer a luz, deve ser considerado *moralmente*.

O planeta, progredindo como tudo o que é criado, chegará a não ter as condições físicas, necessárias, para que o homem, seu habitante, sofra as dores, as privações, as agonias e misérias, que lhe são instrumentos de purificação. Perderá as qualidades de mundo de *expição* – e, pois, subirá à categoria de mundo de *regeneração*, somente habitável por Espíritos lavados de suas passadas culpas, oriundas da transgressão das leis de Deus.

Seus atuais habitantes, ao tempo desta transformação, que se nos anuncia próxima e de que os desastres gerais são as dores do grande parto, se dividirão em duas ordens: a dos que estiverem moralmente preparados para subirem com o planeta e a dos que não se tiverem devidamente preparados, e que serão lançados, isto é, irão encarnar, em mundos atrasados, correspondentes a seu atraso.

É a isto que se deve aplicar as palavras do Cristo: “serão lançados nas trevas exteriores”⁴⁸⁸, porque, tais mundos são *externos* em relação à Terra, e são *trevas* em relação à luz do saber e da moral que já tem a Terra.

Para estes, que constituem a grande massa da humanidade terrestre, há fim do mundo, mas fim moral, como dissemos, porque o mundo físico não acaba, antes se eleva, acabando, entretanto, para os que moralmente se fizeram incompatíveis com ele, em sua elevação.

Os tempos são chegados; e, porque a transformação não se opera de um jato, mas lentamente, eis que já começa, mais profundamente que de ordinário, a emigração dos Espíritos terrestres, que serão separados nas duas ordens ditas, indo os que desprezaram os amorosos ensinamentos de Jesus e dos profetas encarnar em planetas inferiores – e ficando os outros à espera do seu dia de reencarnar na Terra depois da transformação.

Este movimento continuará até completar-se o juízo, que pode-se dizer *final* – e o destino, de toda a humanidade terrestre;

488 (Nota do Organizador) Vide Mt.25:30; Mt. 8:12 e Mt. 22:13, entre muitas de sentido assemelhado.

até que, não havendo mais Espíritos impuros na Terra, passar esta, *ipso facto*⁴⁸⁹, a ordem de mundo de *regeneração*, habitação de Espíritos reconciliados com o bem – com a verdade – com a luz, que emana de Deus, por Jesus.

A geração nova, desde que são chegados os tempos, compor-se-á, em sua generalidade, de Espíritos reconciliados e, conseguintemente, preparados para acompanhar a transformação do planeta.

A geração nova é a dos nascituros.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta de Notícias* de 15-10-1897:

http://memoria.bn.br/docreader/103730_03/17060

489 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “pelo próprio facto”.
(Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Índice Remissivo

A

abade Almignana [236](#), [270](#), [272](#), [273](#), [275](#), [282](#), [307](#), [309](#)

abismo [30](#), [43](#), [92](#), [94](#), [356](#)

aborto [136](#)

Abraão [65](#), [192](#), [256](#), [440](#)

absoluto [62](#), [91](#)

absurdo [76](#), [132](#), [133](#), [137](#), [148](#), [171](#), [246](#), [255](#), [321](#), [371](#), [435](#), [436](#), [453](#)

ação fluídica [349](#)

acaso [71](#), [72](#), [165](#)

ações [94](#), [156](#), [311](#), [405](#), [443](#)

Adão [359](#), [395](#), [398](#), [399](#)

Adão e Eva [395](#), [398](#)

adeptos [15](#), [130](#), [239](#), [359](#), [392](#), [431](#), [440](#)

adúltera [144](#), [149](#), [150](#)

agente [264](#)

Agostinho [37](#), [148](#), [180](#), [245](#), [320](#), [321](#)

água [162](#), [185](#), [188](#), [217](#), [238](#), [266](#), [279](#), [280](#), [307](#), [337](#), [366](#), [440](#)

água benta [279](#), [280](#)

Aksakof [299](#), [300](#)

Alberto Leite Ribeiro [328](#)

Alemanha [166](#)

além-túmulo [34](#), [35](#), [182](#)

Alexandre [152](#), [193](#)

Alfredo de Musset [127](#)

Alhambra [18](#)

alienação [296](#), [297](#)

alienação da razão [296](#)

alienado [297](#)

Allan Kardec [15](#), [81](#), [113](#), [220](#), [272](#), [344](#), [427](#), [428](#)

alma [13](#), [14](#), [26](#), [30](#), [32](#), [34](#), [40](#), [41](#), [42](#), [45](#), [51](#), [52](#), [59](#), [63](#), [64](#), [68](#), [69](#), [76](#), [77](#), [80](#), [89](#), [92](#), [93](#), [94](#), [95](#), [109](#), [112](#), [115](#), [122](#), [133](#), [136](#), [137](#), [138](#), [141](#), [144](#), [146](#), [147](#), [148](#), [161](#), [162](#), [169](#), [173](#), [174](#), [180](#), [181](#), [192](#), [212](#), [224](#), [226](#), [235](#), [243](#), [246](#), [252](#), [254](#), [256](#), [282](#), [287](#), [288](#), [289](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [294](#), [301](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [323](#), [325](#), [337](#), [352](#), [355](#), [356](#), [359](#), [383](#), [386](#), [400](#), [406](#), [407](#), [417](#), [419](#), [423](#), [424](#), [428](#), [431](#), [438](#), [441](#), [442](#), [443](#), [445](#), [450](#)

almas [34](#), [38](#), [86](#), [144](#), [147](#), [149](#), [151](#), [242](#), [245](#), [249](#), [279](#), [309](#), [316](#), [317](#), [318](#), [324](#), [333](#), [352](#), [387](#), [408](#), [413](#), [416](#), [417](#), [431](#), [435](#), [453](#), [454](#), [457](#)

almas do outro mundo [431](#)

almas impuras [34](#)

almas penadas [318](#)

Almignana [236](#), [270](#), [272](#), [273](#), [275](#), [276](#), [278](#), [279](#), [282](#), [283](#), [285](#), [290](#), [307](#), [309](#), [310](#)

alongamento da visão [171](#)

Alongamento da visão [172](#)

Alquimia [84](#), [97](#)

altar [202](#), [270](#), [282](#), [375](#), [381](#), [410](#)

alto destino [38](#), [80](#), [341](#), [435](#)

alucinação [171](#), [172](#), [190](#), [293](#), [296](#), [329](#), [330](#), [332](#)

Alucinação [171](#)

alucinação científica [172](#)

Alucinações Telepáticas [327](#)

alucinados [330](#)

América [16](#), [79](#), [150](#), [203](#), [226](#), [237](#), [361](#)

América do Norte [203](#)

amor [13](#), [15](#), [38](#), [42](#), [43](#), [46](#), [48](#), [49](#), [55](#), [64](#), [65](#), [66](#), [70](#), [78](#), [88](#), [92](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [150](#), [154](#), [158](#), [159](#), [161](#), [174](#), [179](#), [181](#), [182](#), [183](#), [201](#), [202](#), [208](#), [226](#), [235](#), [237](#), [243](#), [256](#), [262](#), [287](#), [288](#), [289](#), [309](#), [313](#), [316](#), [318](#), [326](#), [339](#), [340](#), [351](#), [352](#), [372](#), [391](#), [394](#), [400](#), [401](#), [403](#), [407](#), [416](#), [421](#), [424](#), [427](#), [428](#), [431](#), [438](#)

amor de Deus [146](#), [201](#), [289](#), [372](#), [391](#), [416](#)

amor do próximo [262](#), [289](#), [372](#), [391](#)
amor infinito [145](#), [183](#)
anarquia [447](#), [461](#)
anarquia social [447](#)
anarquismo [96](#), [126](#)
Anás [236](#), [241](#)
anátema [159](#), [324](#), [425](#)
anatomia [119](#), [343](#)
anciãos [310](#)
Andrade [218](#)
anelídeos [210](#)
anestesia [292](#)
animais [19](#), [20](#), [21](#), [26](#), [55](#), [56](#), [201](#), [210](#), [423](#)
animal [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [23](#), [24](#), [41](#), [55](#), [56](#), [107](#), [108](#), [115](#), [132](#), [290](#), [373](#), [379](#)
animismo [305](#)
anjo [284](#), [285](#), [293](#), [380](#), [418](#), [420](#), [423](#)
anjo decaído [423](#)
anjo do mal [285](#)
anjos [146](#), [174](#), [230](#), [283](#), [284](#), [285](#), [301](#), [324](#), [399](#), [418](#), [420](#), [422](#), [423](#), [446](#), [453](#)
anjos decaídos [422](#)
anticientífica [369](#)
antiespírita [367](#), [369](#), [396](#)
antítese [324](#)
Antônio Luiz Sayão [9](#), [80](#), [120](#), [173](#), [179](#)
Antropologia [300](#)
aparelho [18](#), [46](#), [57](#), [193](#), [292](#), [293](#)
aparelho da expiação [46](#)
aparelho nervoso [292](#)
aparelhos orgânicos [292](#)
Apocalipse [454](#)
apóstolo [417](#)
Apóstolo [270](#), [273](#), [275](#), [278](#), [279](#), [281](#), [282](#), [285](#), [287](#), [290](#), [307](#), [309](#), [310](#), [314](#), [320](#), [351](#), [371](#), [375](#), [376](#), [378](#), [380](#), [381](#), [384](#), [389](#), [390](#), [391](#), [392](#), [396](#), [398](#), [402](#), [403](#), [405](#), [406](#), [408](#), [410](#), [413](#)
Apóstolos [86](#), [141](#), [150](#), [272](#), [403](#), [440](#), [461](#)

aprisco [201](#), [324](#)
Arcebispo [146](#), [148](#), [149](#), [150](#), [152](#), [155](#), [236](#), [272](#), [276](#), [282](#), [323](#)
Arcebispo de Paris [236](#), [272](#), [276](#), [282](#)
argumento [88](#), [129](#), [206](#), [209](#), [217](#), [241](#), [303](#), [362](#), [390](#), [391](#), [392](#), [410](#), [411](#)
arrastamentos da carne [434](#)
arrependimento [109](#), [145](#), [153](#), [189](#), [239](#)
árvore [118](#), [119](#), [222](#), [231](#), [284](#), [289](#), [353](#), [382](#), [419](#)
Astrologia [84](#), [97](#)
Astronomia [84](#), [97](#), [172](#), [266](#), [267](#), [300](#)
ateísmo [323](#)
ativo [37](#), [396](#), [400](#)
Atos dos Apóstolos [141](#), [440](#), [461](#)
atributos [234](#), [235](#), [249](#), [250](#), [340](#)
atributos do Criador [235](#)
audição espírita [344](#)
Augusto Comte [105](#)
Augusto Fleury [103](#)
Augusto Maravalho [234](#), [287](#), [381](#)
autenticidade [180](#)
autômato [340](#)
autômatos [439](#)
autoridade [81](#), [85](#), [88](#), [89](#), [110](#), [111](#), [140](#), [150](#), [185](#), [220](#), [230](#), [235](#), [318](#), [339](#), [375](#), [426](#), [454](#), [455](#)
autossugestão [206](#), [207](#), [208](#), [213](#), [216](#), [359](#), [362](#)
avarentos [94](#), [357](#)
avareza [252](#), [407](#)

B

Bacon [88](#), [303](#), [458](#)
Balaão [391](#), [403](#)
balões aerostáticos [348](#)
bandeira [69](#), [84](#), [85](#), [100](#), [124](#), [211](#), [235](#), [239](#), [242](#), [368](#), [377](#), [446](#)
báratro [26](#), [43](#), [77](#), [108](#), [131](#)
Barbacena [411](#), [412](#), [413](#), [423](#)
bárbaros [149](#)

batismo [229](#), [440](#)
Batter [179](#)
Bayle [336](#), [450](#)
Beattie [299](#), [300](#)
Belzebu [231](#), [353](#), [354](#), [381](#), [411](#)
bem-aventurados [42](#), [94](#), [179](#)
benevolência [324](#), [375](#), [391](#)
benignidade [149](#)
Benjamim Constant [80](#)
Bernheim [210](#)
Bezê [17](#)
bezerro de ouro [286](#)
Bíblia [284](#), [294](#), [357](#), [398](#), [400](#), [404](#), [411](#), [423](#), [424](#)
Biologia [300](#)
bispo [151](#), [155](#), [160](#), [243](#), [244](#), [279](#), [280](#), [281](#), [323](#)
Bittencourt [9](#), [173](#), [174](#), [175](#), [176](#)
Bittencourt Sampaio [9](#), [173](#)
blasfema [81](#), [222](#), [400](#), [401](#), [420](#)
blasfêmia [255](#)
blasfemo [69](#), [148](#), [152](#), [231](#), [301](#), [316](#), [407](#), [412](#), [453](#)
Boa Nova [156](#)
boas obras [27](#), [75](#)
Bocage [359](#), [360](#), [361](#)
bom senso [18](#), [19](#), [98](#), [101](#), [171](#), [250](#), [330](#), [333](#), [339](#), [340](#), [341](#), [342](#),
[355](#), [359](#), [360](#), [368](#), [376](#), [391](#), [392](#), [425](#), [437](#), [444](#), [450](#)
Brahma [89](#)
Braid [210](#)
Brasil [6](#), [11](#), [15](#), [16](#), [104](#), [112](#), [166](#), [167](#), [173](#), [192](#), [197](#), [201](#), [207](#), [226](#),
[227](#), [237](#), [239](#), [243](#), [247](#), [253](#), [258](#), [295](#), [320](#), [327](#), [335](#), [343](#), [351](#), [356](#),
[379](#), [428](#), [448](#)
brasileiros [206](#), [325](#), [447](#)
Briareu [265](#)
bruxaria [295](#), [297](#)
bruxarias [295](#)
Büchner [457](#), [458](#)
Buda [19](#), [89](#)
Budismo [382](#)

budistas [19](#), [431](#)

Burendt [367](#)

C

Caifás [236](#), [241](#)

Caim [256](#)

Caldeira [169](#), [170](#), [171](#), [172](#)

Callot [149](#)

calor [97](#), [149](#), [305](#), [439](#)

Caminha [66](#), [182](#)

caminho reto [408](#)

Camões [173](#), [174](#), [175](#), [180](#), [182](#), [183](#)

canibalismo [384](#)

cânones [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [154](#)

cárcere [46](#), [137](#)

cárcere corpóreo [46](#)

caridade [65](#), [92](#), [143](#), [148](#), [158](#), [159](#), [192](#), [202](#), [204](#), [217](#), [233](#), [255](#), [256](#), [262](#), [276](#), [277](#), [278](#), [315](#), [353](#), [361](#), [391](#), [398](#), [416](#), [424](#), [429](#), [441](#), [449](#)

caridade cristã [278](#)

caridoso [216](#), [277](#), [315](#), [438](#)

Carlos Affonso [167](#)

carne [281](#), [381](#), [408](#), [434](#), [435](#), [440](#)

casa paterna [40](#)

castigo [34](#), [76](#), [153](#), [178](#), [191](#), [221](#), [222](#), [256](#), [352](#)

castigos [30](#)

cataclisma [462](#)

Catarina [181](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#)

Catolicismo [67](#), [71](#), [74](#), [201](#), [202](#), [223](#), [247](#), [248](#), [287](#), [332](#), [376](#)

católico [49](#), [50](#), [64](#), [68](#), [75](#), [152](#), [235](#), [243](#), [270](#), [272](#), [275](#), [276](#), [280](#), [309](#), [310](#), [315](#), [317](#), [319](#), [323](#), [351](#), [404](#), [414](#), [417](#), [425](#), [438](#), [439](#), [440](#)

católico romano [49](#), [68](#), [75](#)

católicos [75](#), [81](#), [82](#), [288](#), [293](#), [320](#), [341](#), [431](#), [439](#), [440](#), [457](#), [459](#)

católicos romanos [75](#)

causa [14](#), [15](#), [57](#), [84](#), [87](#), [114](#), [119](#), [120](#), [127](#), [130](#), [149](#), [165](#), [175](#), [179](#), [186](#), [187](#), [189](#), [190](#), [191](#), [192](#), [205](#), [209](#), [218](#), [235](#), [260](#), [281](#), [288](#), [296](#), [297](#), [321](#), [356](#), [376](#), [377](#), [380](#), [390](#), [391](#), [392](#), [403](#), [417](#), [419](#), [424](#), [431](#), [442](#), [443](#), [447](#), [448](#)

causa das causas [120](#), [189](#)

Causa das causas [459](#)

Causa espontânea [252](#)

causa ininteligente [114](#)

causa inteligente [114](#)

causa perdida [417](#)

causas [305](#), [430](#), [436](#), [459](#)

causas exteriores [305](#)

causas ocultas [305](#)

causas supraterrrestres [305](#)

Causette [55](#), [323](#)

Cavalo de Troia [380](#)

cego [30](#), [43](#), [44](#), [69](#), [102](#), [169](#), [247](#), [321](#), [365](#), [450](#), [459](#)

cego de nascença [321](#)

cegos [38](#), [47](#), [49](#), [53](#), [114](#), [130](#), [186](#), [252](#), [282](#), [339](#), [342](#), [356](#), [357](#), [370](#), [435](#), [444](#), [460](#)

cegueira [277](#), [371](#), [444](#), [447](#), [459](#)

Centro Espírita União de Propaganda [220](#)

Centro União Espírita [214](#), [219](#), [223](#), [227](#), [232](#), [236](#), [240](#), [244](#), [253](#), [257](#), [261](#), [265](#)

Cérbero [435](#)

cérebro [278](#), [292](#), [297](#), [378](#), [450](#)

César [207](#), [226](#)

ceticismo [111](#)

cético [127](#)

Céu [38](#), [47](#), [69](#), [75](#), [157](#), [231](#), [258](#), [273](#), [289](#), [316](#), [333](#), [386](#), [408](#), [410](#), [426](#), [427](#), [440](#), [453](#), [454](#)

Chambers [266](#), [269](#)

Charcot [125](#), [126](#), [208](#), [210](#), [211](#), [265](#), [347](#)

charlatães [369](#)

charlatanismo [83](#), [185](#), [238](#), [367](#), [369](#)

Charpignon [263](#), [264](#)

chefe [95](#), [126](#), [159](#), [224](#), [225](#)

chefe de polícia [224](#), [225](#)

Chiaia [365](#)

Chicago [85](#)

Chrysantus [412](#)

ciência [18](#), [21](#), [23](#), [31](#), [33](#), [39](#), [42](#), [43](#), [47](#), [52](#), [53](#), [59](#), [79](#), [83](#), [84](#), [85](#), [86](#), [87](#), [88](#), [89](#), [90](#), [91](#), [97](#), [98](#), [100](#), [101](#), [102](#), [106](#), [107](#), [108](#), [120](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [129](#), [135](#), [137](#), [144](#), [155](#), [157](#), [158](#), [161](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [172](#), [184](#), [185](#), [186](#), [193](#), [194](#), [204](#), [205](#), [206](#), [208](#), [209](#), [211](#), [217](#), [225](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#), [243](#), [250](#), [258](#), [259](#), [265](#), [266](#), [267](#), [269](#), [275](#), [285](#), [291](#), [293](#), [295](#), [296](#), [297](#), [300](#), [303](#), [304](#), [312](#), [327](#), [333](#), [337](#), [338](#), [340](#), [341](#), [342](#), [343](#), [347](#), [348](#), [349](#), [356](#), [357](#), [359](#), [360](#), [365](#), [367](#), [368](#), [369](#), [371](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#), [413](#), [425](#), [431](#), [432](#), [433](#), [434](#), [435](#), [436](#), [437](#), [442](#), [443](#), [449](#), [450](#), [458](#)

ciência astronômica [164](#)

ciência das ciências [435](#)

ciência de palha [338](#)

ciência do Espírito [265](#)

ciência do homem [304](#)

Ciência do mundo físico [107](#)

ciência do mundo moral [107](#)

ciência dos homens [348](#)

ciência espírita [102](#), [135](#), [267](#), [293](#)

ciência experimental [120](#), [432](#), [435](#)

ciência hodierna [291](#), [337](#), [347](#), [449](#)

ciência humana [300](#), [304](#), [357](#)

ciência indígena [295](#)

ciência infinita [108](#), [165](#), [312](#)

ciência materialista [89](#), [90](#), [122](#), [194](#)

ciência médica [442](#)

ciência religiosa [163](#), [349](#)

ciências experimentais [125](#)

ciência sideral [304](#)

científico-religiosa [449](#)

cientista [388](#), [458](#)

cientistas [388](#), [389](#), [436](#)

circo [110](#)

circos [110](#)

civilização [56](#), [83](#), [156](#), [158](#)

civilização do porvir [158](#)
Clarimundo [331](#), [332](#), [334](#)
clemência [49](#), [149](#), [225](#)
clero [192](#), [225](#), [235](#), [242](#), [250](#), [254](#), [258](#), [275](#), [276](#), [310](#), [317](#), [319](#), [351](#),
[376](#), [377](#), [417](#), [420](#), [424](#), [425](#), [431](#), [438](#), [439](#)
clero católico [235](#), [275](#), [276](#), [310](#), [317](#), [319](#), [351](#), [417](#), [425](#), [438](#)
código criminal [83](#), [224](#), [227](#)
código draconiano [392](#), [415](#)
código penal [110](#)
coincidência [171](#), [172](#), [335](#), [336](#), [337](#)
Coincidência [171](#)
coincidências [336](#)
colégio Apostólico [319](#)
colégio de Pedro II [327](#)
coletividade [445](#)
compaixão [149](#), [202](#)
Comte [79](#), [105](#), [112](#), [329](#)
comunicação [31](#), [103](#), [104](#), [180](#), [182](#), [192](#), [194](#), [211](#), [212](#), [213](#), [215](#),
[218](#), [219](#), [220](#), [251](#), [253](#), [255](#), [259](#), [260](#), [266](#)
comunicação de mortos [316](#)
comunicação do mundo visível com o invisível [303](#)
comunicação dos Espíritos [192](#), [194](#), [211](#), [213](#), [215](#), [218](#), [260](#), [277](#),
[290](#), [309](#), [317](#), [329](#), [349](#)
comunicação dos mortos [336](#), [381](#), [416](#), [423](#), [454](#), [455](#)
comunicação dos vivos com os mortos [452](#)
comunicação psicográfica [443](#)
comunismo [96](#)
Concílio de Niceia [412](#)
concílios [203](#)
condenação [340](#), [373](#)
condensação [159](#)
Cônego Filipe [378](#)
confessionário [381](#)
confissão religiosa [224](#)
confissões religiosas [224](#)
Confúcio [89](#)
conhecimento [287](#), [295](#), [305](#), [315](#), [317](#), [338](#), [342](#), [365](#), [368](#), [427](#), [443](#)

consciência [19](#), [20](#), [23](#), [24](#), [27](#), [34](#), [35](#), [41](#), [42](#), [48](#), [55](#), [56](#), [57](#), [59](#), [60](#), [65](#), [67](#), [75](#), [77](#), [85](#), [87](#), [108](#), [110](#), [113](#), [115](#), [116](#), [128](#), [132](#), [133](#), [136](#), [142](#), [150](#), [156](#), [162](#), [175](#), [178](#), [181](#), [182](#), [185](#), [203](#), [220](#), [221](#), [222](#), [223](#), [235](#), [236](#), [238](#), [239](#), [244](#), [272](#), [309](#), [310](#), [311](#), [317](#), [318](#), [320](#), [321](#), [325](#), [341](#), [342](#), [348](#), [356](#), [371](#), [372](#), [382](#), [384](#), [390](#), [391](#), [392](#), [404](#), [413](#), [438](#), [439](#), [458](#), [459](#)

consciências [324](#), [424](#), [440](#)

Conselheiro Josino do Nascimento Silva [337](#)

Conselheiro Zacarias [337](#)

Constantino [321](#), [373](#)

Constituição [224](#)

contrafação do Espiritismo [83](#)

convicção [272](#), [288](#), [324](#), [391](#), [438](#)

coração [14](#), [40](#), [41](#), [43](#), [76](#), [80](#), [92](#), [105](#), [106](#), [143](#), [161](#), [162](#), [201](#), [235](#), [252](#), [255](#)

cordão fluídico [137](#)

cordão perispiritual [263](#), [292](#)

Cordeiro de Deus [143](#), [288](#), [403](#)

Cordeiro do Senhor [416](#), [420](#)

Cordeiro Imaculado [192](#)

Coríntios [290](#), [301](#)

Cornélio [403](#)

coroa [309](#), [324](#), [383](#), [416](#), [428](#)

corpo [14](#), [17](#), [18](#), [19](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [30](#), [31](#), [32](#), [42](#), [46](#), [75](#), [95](#), [102](#), [107](#), [108](#), [119](#), [124](#), [136](#), [137](#), [150](#), [167](#), [169](#), [177](#), [178](#), [193](#), [212](#), [219](#), [263](#), [264](#), [275](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [301](#), [302](#), [332](#), [333](#), [390](#), [395](#), [408](#), [427](#), [441](#), [455](#), [457](#), [458](#)

corpo animal [18](#), [19](#)

corpo espiritual [292](#), [293](#)

corpo fluídico [290](#), [291](#), [301](#)

corpo humano [18](#), [25](#), [102](#), [108](#), [119](#)

corpo material [108](#)

corporização [102](#)

corpos [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [26](#), [102](#), [164](#), [252](#), [258](#), [266](#), [267](#), [290](#), [303](#), [343](#), [344](#), [345](#), [348](#)

corpo semimaterial [301](#)

corpos opacos [303](#)

corpo vitalizante [17](#)

cosmogonia [21](#), [33](#), [53](#), [67](#), [153](#), [182](#), [245](#), [266](#), [326](#), [399](#)

cosmogonia espírita [21](#), [33](#), [53](#), [67](#), [153](#)

Couédon [296](#), [449](#), [450](#), [451](#)

Coues [85](#)

crença [47](#), [52](#), [72](#), [76](#), [77](#), [94](#), [113](#), [125](#), [184](#), [212](#), [213](#), [216](#), [221](#), [222](#), [252](#), [258](#), [270](#), [310](#), [333](#), [336](#), [338](#), [355](#), [356](#), [386](#), [398](#), [450](#)

crenças religiosas [382](#), [438](#)

crente [41](#), [42](#), [79](#), [113](#), [177](#), [184](#), [244](#)

crentes [42](#), [130](#), [222](#)

criação [19](#), [23](#), [33](#), [37](#), [38](#), [45](#), [47](#), [52](#), [64](#), [66](#), [67](#), [69](#), [72](#), [76](#), [91](#), [92](#), [105](#), [117](#), [153](#), [164](#), [182](#), [300](#), [301](#), [348](#), [352](#), [388](#), [395](#), [396](#), [397](#), [398](#), [400](#), [401](#), [404](#), [418](#), [420](#), [422](#), [427](#), [432](#)

criação do homem [397](#)

criação dos Espíritos [398](#)

criação espiritual [23](#)

criação humana [395](#), [396](#)

criação incessante [396](#)

criação infinita [400](#)

criação única [395](#)

criações de Deus [395](#)

criações dos homens [395](#)

Criador [17](#), [22](#), [37](#), [57](#), [62](#), [65](#), [69](#), [70](#), [73](#), [77](#), [81](#), [89](#), [91](#), [108](#), [115](#), [143](#), [144](#), [146](#), [153](#), [166](#), [183](#), [230](#), [235](#), [289](#), [338](#), [339](#), [396](#), [397](#), [407](#), [419](#), [450](#), [459](#)

Criador do Universo [108](#), [115](#)

criança [44](#), [68](#), [70](#), [117](#), [135](#), [136](#), [167](#), [193](#), [446](#), [447](#)

crianças [46](#), [136](#), [140](#), [141](#), [167](#), [361](#), [398](#), [400](#)

criatura [23](#), [37](#), [81](#), [89](#), [117](#), [136](#), [137](#), [143](#), [144](#), [249](#), [289](#), [407](#), [450](#)

crime [304](#), [305](#)

crisol [287](#)

cristão [148](#), [152](#), [157](#), [220](#), [325](#), [382](#), [440](#), [454](#), [456](#)

cristão em Cristo [454](#)

cristãos [89](#), [146](#), [149](#), [321](#), [325](#), [373](#), [377](#), [440](#)

Cristianismo [65](#), [149](#), [156](#), [159](#), [226](#)

Cristo [42](#), [46](#), [143](#), [147](#), [148](#), [149](#), [159](#), [189](#), [202](#), [203](#), [216](#), [220](#), [222](#), [223](#), [228](#), [229](#), [237](#), [242](#), [247](#), [250](#), [256](#), [271](#), [279](#), [288](#), [308](#), [315](#), [319](#), [324](#), [336](#), [339](#), [351](#), [353](#), [357](#), [373](#), [375](#), [376](#), [381](#), [382](#), [383](#), [384](#), [401](#), [403](#), [404](#), [412](#), [414](#), [417](#), [424](#), [440](#), [441](#), [447](#), [454](#), [455](#), [462](#)

critério [281](#), [288](#), [295](#), [340](#), [341](#), [353](#), [383](#), [395](#), [440](#), [444](#)

critério da verdade [52](#), [117](#), [123](#), [220](#), [222](#), [223](#), [249](#), [281](#), [395](#)

Crookes [84](#), [85](#), [98](#), [100](#), [101](#), [102](#), [104](#), [120](#), [129](#), [166](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [226](#), [258](#), [260](#), [267](#), [268](#), [269](#), [291](#), [293](#), [299](#), [300](#), [301](#), [358](#), [362](#), [363](#), [364](#), [437](#)

crucifixo [271](#), [273](#), [279](#)

cruz [149](#), [150](#), [279](#), [280](#), [288](#), [308](#), [309](#), [310](#), [373](#)

Cruz [112](#), [216](#)

culpa [109](#), [266](#)

culpas [44](#), [45](#), [46](#), [313](#), [462](#)

curandeira [237](#)

curandeiros [238](#)

curas [276](#), [419](#)

cúria romana [306](#)

D

Darwin [88](#), [364](#), [379](#)

David [412](#)

D.D. Home [85](#)

decretais [323](#)

deísmo [394](#)

demérito [19](#), [20](#), [72](#), [73](#)

demônio [149](#), [190](#), [230](#), [233](#), [234](#), [235](#), [236](#), [241](#), [242](#), [243](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [250](#), [251](#), [254](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [275](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [284](#), [285](#), [289](#), [307](#), [308](#), [309](#), [310](#), [317](#), [333](#), [334](#), [353](#), [375](#), [380](#), [381](#), [406](#), [410](#), [416](#), [418](#), [419](#), [420](#), [421](#), [422](#), [423](#), [457](#), [459](#)

demônios [146](#), [245](#), [252](#), [280](#), [283](#), [285](#), [309](#), [316](#), [318](#), [332](#), [373](#), [419](#), [422](#), [459](#)

demonomania [275](#)

dente por dente [140](#), [141](#)

depuração [76](#)

De Rochas [343](#), [344](#), [345](#)

descrença [41](#), [43](#), [65](#), [324](#)

desencarnado [17](#), [260](#), [271](#), [297](#), [349](#), [443](#)

desencarnados [349](#)

desequilibrado [432](#), [435](#), [436](#), [437](#)

desequilibrados [357](#), [432](#), [435](#), [436](#), [444](#), [451](#)

desespero [424](#)

destino [21](#), [22](#), [23](#), [26](#), [37](#), [38](#), [39](#), [52](#), [60](#), [61](#), [63](#), [64](#), [66](#), [67](#), [73](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#), [80](#), [92](#), [93](#), [106](#), [107](#), [131](#), [132](#), [133](#), [152](#), [153](#), [154](#), [155](#), [175](#), [180](#), [181](#), [226](#), [273](#), [309](#), [310](#), [312](#), [333](#), [341](#), [354](#), [369](#), [387](#), [389](#), [408](#), [420](#), [422](#), [434](#), [435](#), [439](#), [445](#), [457](#), [462](#)

destino universal [23](#)

Deus [23](#), [27](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [37](#), [39](#), [41](#), [42](#), [43](#), [48](#), [49](#), [50](#), [52](#), [56](#), [63](#), [64](#), [65](#), [68](#), [69](#), [70](#), [72](#), [73](#), [74](#), [78](#), [80](#), [92](#), [93](#), [94](#), [101](#), [109](#), [112](#), [113](#), [114](#), [115](#), [116](#), [117](#), [139](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [148](#), [149](#), [150](#), [152](#), [153](#), [157](#), [158](#), [159](#), [161](#), [170](#), [174](#), [179](#), [180](#), [182](#), [192](#), [201](#), [202](#), [216](#), [220](#), [221](#), [222](#), [223](#), [226](#), [228](#), [229](#), [230](#), [231](#), [232](#), [234](#), [235](#), [239](#), [242](#), [245](#), [246](#), [247](#), [251](#), [252](#), [254](#), [255](#), [256](#), [272](#), [273](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [282](#), [283](#), [285](#), [286](#), [287](#), [288](#), [289](#), [290](#), [293](#), [307](#), [308](#), [310](#), [313](#), [316](#), [317](#), [318](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [324](#), [325](#), [339](#), [340](#), [341](#), [348](#), [352](#), [353](#), [355](#), [356](#), [357](#), [372](#), [373](#), [383](#), [386](#), [388](#), [391](#), [394](#), [395](#), [396](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [401](#), [403](#), [404](#), [406](#), [407](#), [408](#), [411](#), [412](#), [413](#), [414](#), [416](#), [417](#), [418](#), [419](#), [420](#), [421](#), [422](#), [423](#), [424](#), [427](#), [429](#), [435](#), [436](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#), [446](#), [447](#), [448](#), [450](#), [451](#), [454](#), [455](#), [458](#), [459](#), [461](#), [462](#), [463](#)

deuses [265](#)

Deus-Papa [316](#)

Deus uno [65](#)

devassidão [376](#)

diabo [230](#), [231](#), [250](#), [255](#)

diabólica [202](#)

diabólicas [204](#), [258](#), [276](#), [280](#), [308](#), [353](#)

diabólico [308](#)

diabolismo [310](#), [389](#), [416](#), [424](#), [425](#)

diabos [78](#)

diáconos [232](#), [233](#), [245](#)

diagnóstico [442](#), [443](#)

dialética [304](#)

Diderot [112](#)

Direito [309](#), [414](#), [437](#)

discípulo amado [284](#), [429](#), [454](#)

divindade [241](#)

divino Mensageiro [387](#)

divino Mestre [151](#), [152](#), [153](#), [383](#), [384](#), [454](#)

divino Modelo [144](#), [324](#)
 divino Pastor [144](#), [148](#), [201](#)
 divórcio [387](#)
 D. Luiz [335](#)
 doente [275](#), [278](#), [297](#), [328](#), [331](#), [332](#), [442](#), [443](#)
 doentes [143](#), [144](#), [147](#), [210](#), [215](#), [216](#)
 doentes desenganados [215](#)
 dogma [81](#), [223](#), [255](#), [256](#), [301](#), [377](#)
 dogma ímpio e blasfemo [301](#)
 dogmas [78](#), [125](#), [159](#)
 dom de Deus [352](#)
 Domingos Gonçalves Pereira Nunes [192](#)
 dores [311](#), [355](#), [462](#)
 Doutrina [28](#), [30](#), [79](#), [85](#), [86](#), [102](#), [113](#), [124](#), [125](#), [163](#), [202](#), [219](#), [225](#),
[226](#), [234](#), [244](#), [249](#), [250](#), [256](#), [271](#), [287](#), [296](#), [301](#), [303](#), [308](#), [324](#), [326](#),
[330](#), [359](#), [361](#), [365](#), [366](#), [369](#), [371](#), [384](#), [390](#), [391](#), [392](#), [393](#), [394](#), [395](#),
[397](#), [401](#), [407](#), [415](#), [416](#), [423](#), [424](#), [428](#), [431](#), [439](#), [443](#), [453](#)
 doutrina católica [279](#), [280](#)
 Doutrina de Jesus [324](#), [326](#), [361](#), [401](#), [416](#)
 doutrina de perdição [389](#)
 Doutrina Espírita [30](#), [163](#), [219](#), [234](#), [287](#), [301](#), [303](#), [308](#), [359](#), [365](#),
[371](#), [390](#), [394](#), [395](#), [397](#), [423](#)
 doutrina espiritualista [59](#), [65](#)
 doutrina filosófico-científico-moral [91](#)
 doutrina materialista [76](#)
 doutrina ortodoxa [333](#)
 doutrina romana [287](#), [339](#), [393](#), [396](#), [438](#), [454](#)
 drogas [270](#)
 dúvida [26](#), [27](#), [35](#), [60](#), [63](#), [65](#), [101](#), [102](#), [103](#), [113](#), [123](#), [129](#), [149](#), [151](#),
[171](#), [175](#), [184](#), [221](#), [238](#), [304](#), [315](#), [329](#), [333](#), [356](#), [358](#), [369](#), [379](#), [444](#),
[454](#)
 dúvida científica [113](#), [129](#)

E

eclesiásticos [279](#), [280](#)
 Edmonds [360](#), [361](#)

educação [355](#), [357](#), [431](#), [432](#)
efeito [273](#), [279](#), [280](#), [281](#), [283](#), [289](#), [297](#), [302](#), [304](#), [308](#), [345](#), [353](#), [356](#),
[362](#), [364](#), [372](#), [412](#), [415](#), [430](#)
efeitos físicos [101](#), [184](#), [189](#), [344](#), [345](#), [413](#)
elementos [18](#), [25](#), [26](#), [76](#), [97](#), [107](#), [108](#), [136](#), [175](#)
eletricidade [299](#), [304](#), [305](#)
Elias [321](#), [412](#)
Êliphás Lévi [29](#), [31](#), [33](#), [34](#), [51](#), [57](#), [59](#), [81](#), [82](#)
Elizardo [160](#)
embrião [23](#)
emigração dos Espíritos [462](#)
encarnação [136](#), [182](#), [256](#)
encarnado [177](#), [271](#), [349](#), [397](#)
encarnados [349](#)
Enciclopédia [112](#), [227](#)
ente amado [41](#), [42](#)
entusiasmo [377](#)
enviado [284](#)
Enviado [235](#), [255](#)
epilepsia [178](#)
Erasto [21](#)
Ernestina [328](#)
Ernesto Rossi [335](#)
erro [17](#), [27](#), [32](#), [34](#), [45](#), [47](#), [48](#), [61](#), [62](#), [63](#), [65](#), [77](#), [80](#), [93](#), [105](#), [113](#),
[118](#), [128](#), [136](#), [145](#), [151](#), [152](#), [153](#), [183](#), [184](#), [211](#), [246](#), [259](#), [262](#)
erros [77](#), [78](#), [145](#), [178](#), [180](#), [182](#), [202](#), [231](#), [234](#), [239](#), [246](#)
Esberard [149](#), [155](#), [323](#), [380](#)
escada [71](#)
escala [16](#), [18](#), [23](#), [31](#), [33](#), [38](#), [39](#), [47](#), [56](#), [62](#), [63](#), [399](#), [401](#), [443](#)
escala de progresso [23](#)
escala do progresso [401](#), [443](#)
escândalo [13](#), [69](#), [157](#), [161](#), [306](#), [373](#)
escola [27](#), [60](#), [88](#), [105](#), [164](#), [166](#), [252](#), [333](#), [377](#), [458](#)
escola espiritualista [60](#)
Escola Politécnica da França [343](#)
escolas [56](#), [71](#), [75](#), [76](#), [77](#), [88](#), [106](#)
escribas [310](#), [317](#), [410](#), [415](#), [416](#), [425](#)

escrita direta [120](#), [207](#), [344](#), [413](#)

Escritura [280](#)

escrituras [284](#)

Escrituras [281](#), [416](#), [462](#)

esforço [386](#), [388](#), [428](#), [434](#), [447](#), [459](#)

Espaço [14](#), [25](#), [30](#), [172](#), [178](#), [182](#), [193](#), [301](#), [358](#), [443](#)

Espanha [80](#), [227](#), [253](#), [414](#)

espécie [17](#), [19](#), [22](#), [23](#), [29](#), [31](#), [56](#), [69](#), [119](#), [132](#), [156](#), [159](#), [210](#), [211](#), [241](#), [263](#), [296](#), [301](#), [305](#), [320](#), [344](#), [348](#), [355](#), [379](#), [380](#), [410](#), [424](#), [460](#)

espécie humana [17](#), [23](#), [132](#), [156](#)

espécies [20](#), [22](#), [23](#), [76](#), [83](#), [117](#), [132](#), [210](#), [243](#), [345](#)

especulação [237](#), [238](#), [239](#)

especuladores [226](#)

esperança [14](#), [42](#), [43](#), [57](#), [92](#), [117](#), [131](#), [155](#), [159](#), [162](#), [256](#)

espírita [15](#), [21](#), [33](#), [53](#), [67](#), [75](#), [76](#), [91](#), [102](#), [103](#), [135](#), [146](#), [149](#), [153](#), [167](#), [184](#), [187](#), [191](#), [192](#), [205](#), [206](#), [207](#), [208](#), [209](#), [211](#), [216](#), [218](#), [220](#), [222](#), [223](#), [224](#), [239](#), [246](#), [262](#), [264](#), [266](#), [267](#)

espíritas [14](#), [15](#), [78](#), [81](#), [83](#), [84](#), [85](#), [98](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [139](#), [149](#), [160](#), [163](#), [164](#), [166](#), [169](#), [170](#), [176](#), [185](#), [191](#), [192](#), [194](#), [201](#), [204](#), [205](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [212](#), [213](#), [215](#), [220](#), [221](#), [222](#), [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [231](#), [234](#), [237](#), [238](#), [239](#), [241](#), [242](#), [258](#), [259](#), [260](#), [262](#), [263](#), [266](#), [267](#), [270](#), [272](#), [273](#), [281](#), [289](#), [291](#), [297](#), [299](#), [303](#), [305](#), [309](#), [310](#), [316](#), [319](#), [326](#), [327](#), [330](#), [338](#), [343](#), [353](#), [361](#), [362](#), [364](#), [365](#), [369](#), [375](#), [377](#), [379](#), [380](#), [384](#), [389](#), [394](#), [400](#), [403](#), [404](#), [406](#), [407](#), [410](#), [411](#), [416](#), [423](#), [426](#), [430](#), [431](#), [432](#), [437](#), [438](#), [453](#), [455](#), [457](#), [459](#)

espíritas cientistas [389](#)

espiritismo [407](#), [432](#)

Espiritismo [9](#), [271](#), [272](#), [274](#), [277](#), [281](#), [289](#), [290](#), [294](#), [295](#), [297](#), [299](#), [301](#), [304](#), [317](#), [318](#), [319](#), [320](#), [322](#), [326](#), [329](#), [333](#), [341](#), [342](#), [347](#), [348](#), [349](#), [357](#), [358](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [363](#), [364](#), [365](#), [366](#), [367](#), [368](#), [369](#), [370](#), [371](#), [372](#), [373](#), [376](#), [377](#), [380](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#), [390](#), [391](#), [392](#), [393](#), [394](#), [396](#), [398](#), [400](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [406](#), [407](#), [408](#), [410](#), [411](#), [413](#), [414](#), [415](#), [416](#), [417](#), [418](#), [420](#), [423](#), [424](#), [427](#), [428](#), [430](#), [431](#), [432](#), [434](#), [435](#), [436](#), [437](#), [439](#), [442](#), [443](#), [447](#), [449](#), [453](#), [454](#), [460](#), [461](#)

Espiritismo científico [226](#), [250](#), [266](#), [388](#)

Espiritismo científico-religioso [226](#)

espiritismo de carregação [432](#)

Espiritismo filosófico-científico [83](#)

Espiritismo religioso [389](#)

espírito [15](#), [24](#), [27](#), [44](#), [47](#), [53](#), [60](#), [66](#), [67](#), [68](#), [80](#), [90](#), [92](#), [97](#), [98](#), [112](#), [136](#), [145](#), [159](#), [162](#), [166](#), [169](#), [171](#), [184](#), [212](#), [230](#), [234](#), [246](#), [248](#), [262](#), [277](#), [284](#), [288](#), [289](#), [307](#), [329](#), [335](#), [337](#), [338](#), [341](#), [347](#), [350](#), [351](#), [352](#), [354](#), [378](#), [379](#), [386](#), [388](#), [389](#), [392](#), [400](#), [404](#), [405](#), [407](#), [420](#), [430](#), [431](#), [436](#), [440](#), [444](#), [450](#), [461](#)

Espírito [14](#), [15](#), [17](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#), [25](#), [26](#), [27](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [37](#), [38](#), [39](#), [40](#), [42](#), [44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [48](#), [52](#), [62](#), [63](#), [64](#), [65](#), [67](#), [68](#), [74](#), [75](#), [77](#), [78](#), [79](#), [80](#), [86](#), [89](#), [90](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [106](#), [108](#), [109](#), [115](#), [121](#), [125](#), [135](#), [136](#), [137](#), [141](#), [155](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [161](#), [163](#), [165](#), [171](#), [172](#), [174](#), [175](#), [177](#), [178](#), [179](#), [180](#), [184](#), [185](#), [186](#), [189](#), [191](#), [203](#), [207](#), [212](#), [218](#), [221](#), [246](#), [250](#), [251](#), [252](#), [255](#), [256](#), [257](#), [259](#), [260](#), [261](#), [263](#), [264](#), [265](#), [267](#), [268](#), [269](#), [271](#), [276](#), [277](#), [278](#), [281](#), [283](#), [285](#), [291](#), [292](#), [293](#), [297](#), [301](#), [303](#), [306](#), [307](#), [308](#), [316](#), [319](#), [320](#), [322](#), [330](#), [332](#), [333](#), [339](#), [345](#), [348](#), [349](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [361](#), [362](#), [381](#), [387](#), [389](#), [395](#), [396](#), [400](#), [403](#), [405](#), [406](#), [408](#), [409](#), [411](#), [412](#), [418](#), [420](#), [422](#), [423](#), [424](#), [426](#), [427](#), [431](#), [432](#), [434](#), [442](#), [443](#), [444](#), [451](#), [452](#), [454](#), [455](#), [457](#), [458](#), [459](#)

Espírito atrasado [293](#)

Espírito da Verdade [157](#), [250](#), [319](#), [403](#), [420](#), [424](#), [427](#)

Espírito de Deus [157](#)

Espírito desencarnado [297](#), [443](#)

espírito de sistema [27](#), [47](#), [53](#), [67](#), [68](#), [80](#), [90](#), [162](#), [171](#), [212](#), [262](#), [329](#), [335](#), [350](#), [430](#), [436](#), [444](#), [450](#)

Espírito Divino [158](#)

Espírito do mal [277](#)

Espírito elevado [361](#)

espírito e verdade [66](#), [145](#), [246](#), [248](#), [277](#), [288](#), [289](#), [307](#), [341](#), [352](#), [354](#), [386](#), [389](#), [392](#), [400](#), [405](#), [407](#), [440](#)

Espírito humano [37](#), [52](#), [260](#), [285](#), [418](#), [422](#), [423](#), [455](#)

Espírito imundo [308](#)

Espírito materializado [101](#), [268](#), [306](#)

Espírito mau [271](#)

Espírito obsessor [80](#), [179](#)

Espírito perseguidor [178](#)

Espírito puro [301](#)

Espíritos [18](#), [19](#), [20](#), [22](#), [24](#), [26](#), [29](#), [30](#), [31](#), [35](#), [37](#), [38](#), [39](#), [45](#), [48](#), [51](#), [60](#), [64](#), [66](#), [67](#), [74](#), [80](#), [95](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [130](#), [136](#), [137](#), [140](#), [145](#), [152](#), [153](#), [156](#), [159](#), [174](#), [175](#), [178](#), [179](#), [184](#), [186](#), [189](#), [192](#), [194](#), [211](#), [212](#), [213](#), [215](#), [217](#), [218](#), [219](#), [231](#), [236](#), [242](#), [243](#), [247](#), [253](#), [255](#), [256](#), [258](#), [259](#), [260](#), [266](#), [267](#), [271](#), [272](#), [273](#), [276](#), [277](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [287](#), [289](#), [290](#), [293](#), [295](#), [299](#), [300](#), [301](#), [302](#), [304](#), [305](#), [306](#), [309](#), [315](#), [317](#), [318](#), [329](#), [332](#), [338](#), [339](#), [344](#), [345](#), [348](#), [349](#), [353](#), [364](#), [389](#), [394](#), [395](#), [396](#), [397](#), [398](#), [399](#), [400](#), [401](#), [404](#), [408](#), [410](#), [411](#), [416](#), [418](#), [420](#), [422](#), [423](#), [427](#), [431](#), [432](#), [435](#), [436](#), [437](#), [443](#), [451](#), [453](#), [454](#), [455](#), [456](#), [457](#), [458](#), [459](#), [462](#), [463](#)

Espírito Santo [86](#), [157](#), [203](#), [320](#), [322](#), [403](#)

Espíritos atrasados [423](#), [432](#)

Espíritos bons [31](#)

Espíritos das trevas [309](#)

Espíritos do Senhor [152](#), [317](#), [389](#), [394](#), [396](#), [418](#)

Espíritos dos mortos [285](#), [411](#)

espíritos fortes [112](#)

Espíritos humanos [284](#), [285](#), [305](#), [411](#), [418](#), [420](#), [455](#), [459](#)

Espíritos impuros [463](#)

Espíritos materializados [30](#)

Espíritos sofredores [318](#)

Espíritos superiores [35](#)

espiritual [288](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [301](#), [311](#), [338](#), [356](#), [359](#), [373](#), [388](#), [396](#), [398](#), [401](#), [404](#), [422](#), [423](#), [443](#), [458](#)

espiritualismo [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [65](#), [80](#), [101](#), [133](#), [329](#)

espiritualista [59](#), [60](#), [65](#), [113](#), [227](#), [365](#)

espiritualistas [31](#), [60](#), [61](#), [88](#), [133](#), [258](#), [336](#), [368](#), [431](#)

Esposo [461](#)

esquecimento [34](#), [35](#), [36](#), [239](#)

Esquirol [296](#)

essência [14](#), [23](#), [24](#), [25](#), [45](#), [75](#), [246](#), [291](#), [292](#), [301](#), [355](#), [356](#), [423](#), [446](#)

essência humana [292](#)

essência imortal [45](#), [301](#)

estação de dores e de expiação [44](#)

estação de sofrimentos [45](#)

Estado [336](#)

estado sonambúlico [173](#), [263](#), [347](#)

Estados Unidos [360](#), [361](#)

estrelas [39](#)

estudo [25](#), [28](#), [31](#), [34](#), [39](#), [52](#), [53](#), [67](#), [68](#), [69](#), [71](#), [79](#), [97](#), [99](#), [100](#), [113](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [128](#), [129](#), [150](#), [187](#), [189](#), [192](#), [209](#), [237](#), [240](#), [252](#), [263](#)

estudo experimental [297](#)

eterna glória [72](#)

eternidade [22](#), [38](#), [42](#), [46](#), [64](#), [107](#), [156](#), [165](#), [191](#), [243](#), [256](#), [257](#), [352](#), [394](#), [396](#), [399](#), [408](#), [461](#)

eterno [27](#), [114](#), [133](#), [156](#), [175](#), [202](#), [234](#), [249](#), [255](#)

Eterno [158](#), [159](#), [254](#), [419](#)

Europa [79](#), [184](#), [203](#), [226](#), [237](#), [295](#), [315](#), [361](#), [368](#)

Eusápia Palladino [184](#), [211](#), [227](#), [343](#), [365](#), [368](#)

Eva [395](#), [398](#)

Evangelho [9](#), [271](#), [288](#), [294](#), [308](#), [319](#), [321](#), [341](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [357](#), [373](#), [377](#), [382](#), [383](#), [384](#), [389](#), [392](#), [404](#), [405](#), [407](#), [415](#), [416](#), [417](#), [419](#), [420](#), [423](#), [424](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#), [454](#), [455](#), [461](#)

Evangelho de Jesus [383](#), [384](#)

Evangelhos [22](#), [145](#), [279](#)

evangelista [454](#), [455](#)

evangelistas [455](#)

evolução [18](#), [19](#), [21](#), [23](#), [33](#), [39](#), [45](#), [64](#), [66](#), [67](#), [73](#), [91](#), [93](#), [107](#), [125](#), [145](#), [153](#), [156](#), [175](#), [213](#), [266](#)

evolução do Espírito [125](#)

evolução dos Espíritos [64](#), [66](#), [67](#), [145](#)

evolução espiritual [18](#), [33](#), [39](#), [93](#), [153](#), [175](#)

evolução humana [408](#)

evolução universal [23](#)

exame [293](#), [304](#), [425](#), [436](#), [442](#), [450](#), [455](#)

exame experimental [293](#)

exclusão [70](#)

Exclusão [226](#)

exclusões [318](#)

excomunhão [152](#), [233](#), [243](#), [250](#), [325](#)

excomunhões [255](#)

exemplo [14](#), [15](#), [32](#), [56](#), [65](#), [93](#), [94](#), [95](#), [101](#), [119](#), [123](#), [153](#), [156](#), [162](#), [164](#), [169](#), [171](#), [172](#), [202](#), [206](#), [208](#), [218](#), [222](#), [231](#), [255](#), [259](#)

exemplos [14](#), [30](#), [94](#), [95](#), [127](#), [149](#), [162](#), [177](#), [191](#), [202](#)

existência [15](#), [17](#), [19](#), [20](#), [21](#), [24](#), [25](#), [26](#), [30](#), [32](#), [38](#), [43](#), [45](#), [57](#), [60](#), [61](#), [65](#), [69](#), [71](#), [72](#), [75](#), [77](#), [80](#), [89](#), [90](#), [102](#), [104](#), [108](#), [113](#), [114](#), [115](#), [117](#), [122](#), [125](#), [153](#), [155](#), [172](#), [189](#), [192](#), [193](#), [194](#), [212](#), [221](#), [234](#), [242](#), [259](#), [260](#), [264](#), [266](#), [271](#), [273](#), [292](#), [294](#), [303](#), [304](#), [305](#), [319](#), [330](#), [332](#), [355](#), [369](#), [395](#), [418](#), [419](#), [420](#), [422](#), [437](#), [438](#), [442](#), [453](#), [457](#), [458](#), [459](#)

existência corpórea [45](#), [108](#)

existência da alma [32](#), [69](#), [89](#), [122](#), [292](#), [294](#), [355](#), [442](#)

existência de Deus [355](#), [418](#), [438](#), [458](#), [459](#)

existências [27](#), [39](#), [45](#), [69](#), [76](#), [80](#), [133](#), [178](#), [179](#), [182](#), [183](#), [226](#), [235](#), [301](#), [319](#), [388](#), [418](#)

existências anteriores [69](#)

existências corporais [418](#)

existências reparadoras [183](#)

exorcismo [279](#)

exorcismos [280](#)

experiência [27](#), [53](#), [77](#), [85](#), [97](#), [98](#), [99](#), [102](#), [103](#), [113](#), [124](#), [156](#), [158](#), [213](#), [260](#), [261](#), [266](#), [269](#), [280](#), [287](#), [296](#), [304](#), [308](#), [329](#), [358](#), [437](#), [443](#), [444](#), [446](#)

experiências científicas [27](#), [269](#)

experiências medianímicas [235](#)

expição [44](#), [45](#), [46](#), [70](#), [74](#), [178](#), [191](#), [256](#), [257](#)

extraterrestres [305](#)

Ezequiel [44](#), [48](#), [49](#), [231](#), [254](#)

F

face aparente [118](#), [123](#), [124](#)

face oculta [120](#), [123](#), [124](#), [125](#)

face ostensiva [120](#), [123](#), [124](#)

faculdades [292](#), [423](#), [460](#)

falange [317](#)

Falcomer [437](#)

falsidade [281](#), [304](#), [377](#), [420](#), [451](#), [454](#), [458](#)

falsos profetas [375](#)

faltas [27](#), [44](#), [70](#), [74](#), [78](#), [91](#), [117](#), [145](#), [178](#), [182](#)

fanático [47](#), [48](#), [185](#), [248](#), [353](#), [396](#), [421](#)

fanáticos [38](#), [47](#), [49](#), [98](#), [125](#), [245](#)

fanatismo [45](#), [47](#), [49](#), [53](#), [77](#), [80](#), [98](#), [150](#), [162](#), [234](#), [235](#), [245](#), [277](#), [319](#), [407](#), [417](#), [421](#), [444](#), [450](#), [453](#), [455](#)

farisaísmo judaico [377](#)

fariseus [273](#), [310](#), [410](#), [416](#), [425](#)

fatos [27](#), [65](#), [68](#), [71](#), [72](#), [73](#), [74](#), [93](#), [99](#), [100](#), [101](#), [102](#), [104](#), [129](#), [130](#), [137](#), [152](#), [153](#), [154](#), [157](#), [159](#), [162](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [171](#), [172](#), [175](#), [185](#), [188](#), [190](#), [192](#), [203](#), [207](#), [209](#), [212](#), [213](#), [218](#), [228](#), [246](#), [260](#), [265](#)

favor [271](#), [289](#), [391](#), [447](#)

fé [14](#), [23](#), [27](#), [31](#), [39](#), [41](#), [43](#), [47](#), [48](#), [49](#), [72](#), [79](#), [81](#), [82](#), [86](#), [90](#), [92](#), [98](#), [100](#), [111](#), [128](#), [148](#), [149](#), [152](#), [153](#), [156](#), [157](#), [159](#), [160](#), [184](#), [205](#), [221](#), [222](#), [245](#), [247](#), [248](#), [249](#), [273](#), [280](#), [281](#), [287](#), [288](#), [309](#), [316](#), [317](#), [320](#), [322](#), [326](#), [339](#), [340](#), [350](#), [360](#), [366](#), [367](#), [369](#), [371](#), [373](#), [375](#), [377](#), [382](#), [386](#), [387](#), [392](#), [393](#), [411](#), [412](#), [416](#), [417](#), [425](#), [426](#), [428](#), [439](#), [450](#), [453](#)

fé cristã [375](#)

fecundação [136](#)

feiticeira [83](#), [237](#), [238](#), [239](#), [240](#)

feiticeiras [237](#), [238](#), [295](#)

felicidade [30](#), [60](#), [109](#), [141](#), [155](#), [158](#), [162](#), [187](#), [191](#), [203](#), [231](#), [288](#), [313](#), [352](#), [389](#), [438](#), [445](#), [446](#)

felicidades [311](#), [312](#)

fêmea [396](#)

fenômeno da motricidade [344](#)

fenômeno espírita [300](#), [333](#), [437](#)

fenômenos [45](#), [57](#), [60](#), [61](#), [71](#), [72](#), [74](#), [84](#), [85](#), [98](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [119](#), [124](#), [125](#), [127](#), [135](#), [166](#), [170](#), [175](#), [184](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [189](#), [190](#), [192](#), [194](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [212](#), [213](#), [227](#), [237](#), [241](#), [258](#), [259](#), [260](#), [262](#), [264](#), [266](#)

fenômenos de sugestão [206](#)

fenômenos de transporte [184](#), [186](#), [187](#), [192](#), [293](#)

fenômenos espíritas [84](#), [85](#), [98](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [127](#), [166](#), [185](#), [194](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [212](#), [237](#), [241](#), [258](#), [259](#), [260](#), [262](#), [266](#), [270](#), [272](#), [291](#), [303](#), [305](#), [343](#), [361](#), [362](#), [364](#), [365](#)

fenômenos físicos [119](#)

fenômenos humanos [71](#), [74](#), [125](#)

fenômenos mediúnicos [347](#)

fenômenos químicos [304](#)

fé passiva [81](#), [98](#), [148](#), [152](#), [153](#), [245](#), [320](#), [322](#), [339](#), [340](#), [350](#), [386](#), [387](#), [392](#), [417](#), [425](#), [439](#), [450](#)

fé raciocinada [81](#), [350](#), [382](#), [386](#), [387](#), [392](#), [417](#), [439](#)

feto [136](#)

Figuier [436](#)

filho [14](#), [21](#), [41](#), [44](#), [48](#), [64](#), [65](#), [91](#), [103](#), [139](#), [144](#), [162](#), [170](#), [183](#), [184](#), [212](#), [213](#), [216](#), [254](#)

Filho [145](#), [149](#)

Filho de Deus [310](#)

Filho do Altíssimo [415](#)

Filho do homem [145](#)

filho pródigo [183](#)

Filho Pródigo [145](#), [149](#)

filhos pródigos [40](#)

filosofia [33](#), [52](#), [88](#), [94](#), [98](#), [156](#), [192](#), [295](#), [339](#), [340](#), [377](#)

filosofia espírita [295](#)

fim do mundo [398](#), [461](#), [462](#)

física [19](#), [45](#), [88](#), [119](#)

Física [300](#), [364](#)

físicas [461](#), [462](#)

Fitzmarck [407](#)

Flammarion [85](#), [443](#)

Florença [335](#)

fluídico [290](#), [291](#), [301](#), [347](#)

fluido cósmico [301](#)

fluido essencializado [291](#)

fluidos [297](#), [346](#), [347](#), [406](#), [459](#)

fluido universal [22](#), [301](#)

força [22](#), [38](#), [39](#), [52](#), [68](#), [71](#), [72](#), [81](#), [82](#), [90](#), [95](#), [104](#), [108](#), [114](#), [115](#), [140](#), [150](#), [155](#), [158](#), [175](#), [177](#), [218](#), [245](#), [251](#), [260](#), [262](#), [268](#), [279](#), [300](#), [308](#), [311](#), [312](#), [323](#), [343](#), [344](#), [345](#), [363](#), [364](#), [368](#), [392](#), [443](#), [457](#), [458](#), [459](#)

força cega [72](#), [115](#)

Força das forças [458](#)

força e matéria [68](#), [72](#), [90](#), [114](#)

força ininteligente [115](#)

força inteligente [115](#), [218](#), [260](#), [312](#), [443](#)

força psíquica [175](#), [260](#)

forma carnal [42](#)

forma essencial [42](#)

fórmulas humanas [392](#)

fotografia [300](#), [301](#), [303](#)
fotografia de Espíritos [300](#)
fotografia espiritual [301](#)
Foulton [435](#)
França [55](#), [112](#), [126](#), [170](#), [226](#), [227](#), [271](#), [343](#)
Francisco I [170](#)
fraquezas da carne [434](#)
fraternidade [262](#)
Frederico Júnior [173](#)
fruto [284](#), [289](#), [353](#), [382](#), [419](#)
Frutuoso [179](#)
funções humanas [292](#)
funções vegetativas [292](#)
futuro [35](#), [53](#), [94](#), [105](#), [113](#), [125](#), [156](#), [174](#), [341](#), [450](#), [451](#)

G

Gabriel [284](#)
galardão [312](#), [313](#)
Galileu [123](#), [124](#), [194](#), [212](#), [277](#), [306](#), [338](#), [435](#)
Garizim [245](#)
Geologia [300](#)
geração [327](#), [395](#), [396](#), [407](#), [420](#), [463](#)
geração carnal [396](#)
geração espiritual [396](#)
gerações humanas [396](#)
Gibier [210](#), [226](#), [227](#), [436](#)
Gladstone [85](#)
glória [69](#), [72](#), [75](#), [77](#), [78](#), [88](#), [114](#), [117](#), [150](#), [152](#), [173](#), [174](#), [267](#), [268](#), [288](#), [313](#), [353](#), [404](#), [451](#)
glória eterna [69](#), [77](#), [78](#)
Gólgota [42](#), [447](#)
governo [391](#), [446](#)
graça [46](#), [92](#), [93](#), [149](#), [170](#), [217](#), [228](#), [229](#), [248](#), [273](#), [315](#), [318](#), [408](#), [411](#)
Granada [18](#)
grau de adiantamento [30](#)

graus de progresso [399](#)
grupo espírita [353](#), [365](#)
grupos espíritas [426](#)
guerra [336](#), [407](#), [413](#), [461](#)

H

Haeckel [88](#)
Hanley [88](#)
harmonia [24](#), [90](#), [115](#), [125](#), [154](#), [164](#), [220](#), [358](#)
Henrique Alves de Carvalho [102](#)
heresia [277](#), [321](#)
heresias [157](#)
herético [145](#)
Herodes [227](#)
Hidra [262](#)
hipnotismo [292](#)
Hipnotismo [126](#), [209](#), [210](#), [211](#), [239](#), [262](#), [263](#), [264](#), [265](#), [347](#), [348](#), [349](#)
hipnotização [264](#)
hipnotizador [348](#)
hipótese [303](#), [305](#), [322](#), [329](#), [340](#), [376](#), [380](#), [395](#), [443](#)
hipóteses [281](#), [443](#), [444](#), [456](#)
histeria [178](#)
Histeria [178](#)
História [379](#), [412](#), [413](#), [461](#)
História Natural [379](#)
Home [363](#), [364](#)
homem [284](#), [287](#), [288](#), [290](#), [292](#), [293](#), [297](#), [299](#), [300](#), [301](#), [303](#), [304](#),
[310](#), [311](#), [313](#), [321](#), [325](#), [327](#), [330](#), [337](#), [339](#), [340](#), [341](#), [343](#), [344](#), [349](#),
[353](#), [355](#), [357](#), [359](#), [361](#), [364](#), [369](#), [373](#), [382](#), [386](#), [390](#), [395](#), [396](#), [397](#),
[400](#), [402](#), [404](#), [405](#), [407](#), [408](#), [418](#), [419](#), [427](#), [428](#), [431](#), [434](#), [438](#), [443](#),
[444](#), [445](#), [446](#), [447](#), [461](#), [462](#)
homem animal [373](#)
homem espiritual [373](#)
Homeopatia [214](#)
hominal [19](#), [23](#), [24](#), [120](#), [136](#)
hospício [110](#)
488

hotentote [56](#)

humanidade [284](#), [288](#), [303](#), [305](#), [325](#), [336](#), [338](#), [341](#), [354](#), [356](#), [357](#), [386](#), [387](#), [388](#), [393](#), [395](#), [400](#), [401](#), [403](#), [407](#), [412](#), [415](#), [417](#), [419](#), [424](#), [427](#), [434](#), [435](#), [437](#), [438](#), [440](#), [446](#), [447](#), [450](#), [452](#), [461](#), [462](#)

humanidades [312](#), [414](#)

humanos [26](#), [38](#), [68](#), [71](#), [74](#), [97](#), [125](#), [258](#)

humildade [74](#), [150](#), [246](#), [317](#), [325](#), [326](#), [348](#), [353](#), [383](#), [416](#), [428](#)

I

identidade de condições [72](#), [153](#)

idiota [44](#), [68](#), [69](#)

idolatria [83](#), [411](#)

ignorância [11](#), [37](#), [38](#), [52](#), [64](#), [86](#), [97](#), [98](#), [107](#), [150](#), [153](#), [177](#), [205](#), [252](#), [293](#), [297](#), [300](#), [306](#), [317](#), [347](#), [358](#), [360](#), [388](#), [391](#), [392](#), [411](#), [424](#), [453](#)

ignorância nativa [153](#)

Igreja [44](#), [45](#), [66](#), [72](#), [73](#), [74](#), [78](#), [81](#), [82](#), [123](#), [124](#), [133](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [154](#), [157](#), [160](#), [190](#), [201](#), [202](#), [206](#), [228](#), [229](#), [231](#), [233](#), [235](#), [243](#), [244](#), [250](#), [251](#), [254](#), [256](#), [270](#), [271](#), [272](#), [273](#), [278](#), [280](#), [281](#), [285](#), [286](#), [290](#), [301](#), [308](#), [309](#), [312](#), [313](#), [315](#), [316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#), [324](#), [325](#), [326](#), [334](#), [339](#), [340](#), [342](#), [373](#), [383](#), [384](#), [387](#), [391](#), [392](#), [396](#), [398](#), [400](#), [401](#), [403](#), [404](#), [405](#), [408](#), [409](#), [411](#), [412](#), [413](#), [414](#), [418](#), [419](#), [422](#), [423](#), [424](#), [425](#), [437](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#), [454](#), [455](#)

Igreja de Deus [441](#)

Igreja de Jesus [308](#), [455](#)

Igreja de Jesus Cristo [308](#), [455](#)

Igreja do Cristo [440](#)

Igreja romana [78](#), [81](#), [123](#), [133](#), [145](#), [146](#), [190](#), [202](#), [228](#), [235](#), [254](#), [256](#), [272](#), [286](#), [290](#), [301](#), [312](#), [316](#), [317](#), [319](#), [322](#), [325](#), [326](#), [334](#), [383](#), [387](#), [391](#), [411](#), [418](#), [419](#), [422](#), [438](#), [439](#), [454](#), [455](#)

Igreja universal [441](#)

ilha de Santa Bárbara [217](#)

ilustração [333](#), [376](#), [386](#)

Imaculado Cordeiro [144](#)

imobilidade [96](#)

imortais [397](#)

imortal [23](#), [26](#), [27](#), [30](#), [45](#), [68](#), [107](#), [108](#), [301](#), [352](#), [356](#), [395](#)

imortalidade [69](#)
 impalpável [301](#)
 imperfeição [412](#)
 imperfeito [418](#), [419](#), [422](#)
 ímpio [48](#), [143](#), [144](#)
 imprensa [83](#), [84](#), [226](#), [242](#), [335](#), [363](#), [367](#), [368](#), [369](#), [460](#)
 impurezas [415](#), [438](#), [441](#)
 imutável [289](#), [313](#), [427](#)
 inatividade [399](#), [400](#)
 incognoscível [297](#)
 incorruptível [290](#)
 incredulidade [30](#), [32](#), [41](#), [90](#), [112](#), [150](#), [162](#), [323](#), [324](#), [365](#)
 incrédulo [41](#), [42](#), [43](#), [76](#), [79](#), [102](#), [128](#), [170](#), [259](#)
 incrédulos [363](#), [376](#)
 indefectível [73](#), [117](#), [152](#), [312](#), [318](#), [450](#)
 individualidade [42](#), [137](#), [175](#), [221](#), [356](#), [427](#), [458](#)
 indulgência [146](#)
 indulgências [376](#)
 inerte [340](#), [396](#)
 infabilidade [81](#)
 infalibilidade papal [124](#)
 infalibilidade [277](#), [300](#), [340](#), [436](#)
 infalíveis [277](#), [316](#)
 infalível [47](#), [60](#), [82](#), [144](#), [149](#), [202](#), [212](#), [223](#), [233](#), [259](#), [277](#), [324](#), [336](#), [355](#), [356](#), [359](#), [380](#), [382](#), [432](#), [440](#), [453](#)
 Inferno [48](#), [49](#), [75](#), [78](#), [125](#), [146](#), [149](#), [152](#), [201](#), [205](#), [231](#), [233](#), [255](#), [258](#), [315](#), [316](#), [333](#), [354](#), [376](#), [408](#), [411](#), [419](#), [439](#), [453](#)
 Inferno de Callot [149](#)
 Infinita Perfeição [249](#), [419](#)
 infinito [13](#), [17](#), [18](#), [22](#), [37](#), [49](#), [52](#), [59](#), [64](#), [69](#), [73](#), [76](#), [90](#), [91](#), [93](#), [106](#), [107](#), [108](#), [115](#), [119](#), [145](#), [153](#), [161](#), [164](#), [183](#), [259](#), [300](#), [316](#), [408](#), [418](#), [445](#), [447](#)
 Inglaterra [166](#), [364](#)
 injustiça [46](#), [73](#), [116](#)
 inocência [37](#), [38](#), [64](#), [153](#)
 inocência original [153](#)
 Inquisição [376](#), [384](#)

instintos [423](#)
instrução [386](#), [391](#)
instrumento central [292](#)
instrumento material [293](#)
instrumento vivo [292](#)
intelectual [18](#), [19](#), [31](#), [37](#), [38](#), [39](#), [59](#), [77](#), [79](#), [84](#), [88](#), [98](#), [113](#), [115](#), [129](#),
[131](#), [133](#), [141](#), [158](#), [163](#), [165](#), [171](#), [191](#), [238](#), [239](#), [259](#), [267](#)
intelectualidade [38](#)
inteligência [273](#), [304](#), [305](#), [312](#), [345](#), [348](#), [349](#), [386](#), [387](#), [388](#), [432](#),
[451](#), [457](#)
Inteligência divina [62](#)
interpretação literal [405](#)
intolerância [323](#), [326](#), [377](#)
intruções [369](#)
intuição [17](#), [38](#), [107](#), [119](#), [156](#)
inveja [180](#), [181](#)
invisível [51](#), [71](#), [101](#), [141](#), [175](#), [177](#), [277](#), [301](#), [303](#), [432](#), [437](#), [458](#)
irresponsabilidade [27](#), [111](#), [116](#), [221](#), [262](#)
irresponsável [76](#), [116](#), [221](#)
Isaías [254](#), [255](#)
Isaque [14](#), [162](#)
Islamismo [89](#), [382](#)
Israel [21](#), [255](#), [352](#), [354](#)
Itália [109](#), [166](#), [170](#), [315](#)

J

Jack, o estripador [149](#)
Jacó [13](#), [14](#), [162](#)
jacobinos [203](#)
J. B. da Silveira Caldeira [169](#)
Jeová [231](#)
Jeremias [321](#)
Jericó [201](#)
Jerusalém [150](#), [201](#), [232](#), [245](#), [263](#), [273](#), [288](#), [289](#), [307](#), [317](#), [322](#), [324](#),
[354](#), [416](#)

Jesus [13](#), [33](#), [42](#), [46](#), [47](#), [49](#), [65](#), [66](#), [80](#), [86](#), [97](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [152](#), [154](#), [156](#), [157](#), [159](#), [161](#), [163](#), [183](#), [189](#), [192](#), [201](#), [202](#), [203](#), [214](#), [222](#), [223](#), [226](#), [228](#), [229](#), [230](#), [231](#), [232](#), [242](#), [243](#), [247](#), [250](#), [251](#), [252](#), [255](#), [256](#), [257](#), [263](#), [271](#), [279](#), [280](#), [281](#), [285](#), [286](#), [288](#), [289](#), [308](#), [319](#), [321](#), [322](#), [324](#), [325](#), [326](#), [339](#), [341](#), [342](#), [351](#), [353](#), [354](#), [357](#), [361](#), [366](#), [372](#), [373](#), [374](#), [375](#), [376](#), [382](#), [383](#), [384](#), [385](#), [387](#), [391](#), [395](#), [400](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [407](#), [408](#), [410](#), [411](#), [413](#), [414](#), [415](#), [416](#), [417](#), [419](#), [420](#), [424](#), [425](#), [427](#), [429](#), [438](#), [441](#), [446](#), [447](#), [455](#), [459](#), [462](#), [463](#)

Jesus Cristo [42](#), [46](#), [149](#), [159](#), [189](#), [202](#), [203](#), [223](#), [241](#), [247](#), [256](#), [271](#), [279](#), [308](#), [319](#), [339](#), [351](#), [353](#), [373](#), [376](#), [382](#), [401](#), [403](#), [414](#), [417](#), [424](#), [441](#), [447](#), [455](#)

Jó [174](#), [182](#)

João [33](#), [104](#), [111](#), [112](#), [144](#), [179](#), [216](#), [230](#), [234](#), [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [287](#), [290](#), [315](#), [321](#), [323](#), [336](#), [351](#), [353](#), [354](#), [380](#), [381](#), [414](#), [415](#), [454](#), [455](#)

João Augusto Ramos [179](#)

João Caetano da Silva [336](#)

João Evangelista [285](#), [351](#)

João Jacques [111](#), [112](#)

João Jacques Rosseau [111](#)

João, o Evangelista [353](#)

João Scaligero [287](#), [381](#)

Joaquim Clarimundo e Silva [331](#)

Joel [141](#), [461](#)

joio [353](#)

Jorão [412](#)

Josafat [21](#)

José Agostinho de Macedo [180](#)

José Alves de Carvalho [102](#)

José Alves Martins Loreto [381](#)

José Bonifácio [85](#)

José de Gouvêa Mendonça [220](#)

José Maria Gonzales Elisardo [155](#)

Josué [49](#)

Judá [21](#)

Judaísmo [382](#)

Judas [380](#)

Judeia [255](#)

judeus [250](#), [431](#), [440](#)
juiz [111](#), [117](#), [225](#), [360](#)
juízo [31](#), [44](#), [61](#), [67](#), [77](#), [78](#), [98](#), [99](#), [117](#), [121](#), [123](#), [173](#), [206](#), [209](#), [211](#),
[220](#), [255](#), [259](#), [312](#), [321](#), [351](#), [360](#), [376](#), [399](#), [462](#)
juiz supremo [117](#)
julgamento [146](#), [376](#)
julgamento post mortem [146](#)
Júlio Maria [414](#), [417](#), [418](#), [420](#), [423](#), [425](#), [439](#)
Júpiter [124](#)
justiça [13](#), [30](#), [42](#), [46](#), [70](#), [73](#), [78](#), [94](#), [116](#), [152](#), [159](#), [161](#), [179](#), [182](#),
[205](#), [206](#), [217](#), [221](#), [222](#), [225](#), [235](#), [247](#), [251](#), [255](#), [256](#), [285](#), [287](#), [289](#),
[296](#), [312](#), [313](#), [318](#), [320](#), [351](#), [353](#), [357](#), [392](#), [400](#), [423](#), [440](#)
justiça indefectível [73](#), [152](#), [312](#), [318](#)
justo [13](#), [161](#), [182](#), [225](#)
Justo [231](#)

K

Kardec [11](#), [13](#), [15](#), [37](#), [38](#), [81](#), [113](#), [220](#), [271](#), [272](#), [303](#), [344](#), [361](#), [399](#),
[420](#), [423](#), [427](#), [428](#)
Katie [102](#), [268](#)
Katie Fox [304](#)
Katie-King [102](#)

L

Labão [14](#), [162](#)
Lacordaire [271](#), [273](#), [276](#), [436](#)
lâmpadas [461](#)
Laplace [358](#)
larva humana [64](#)
Laurindo Rabelo [379](#)
Lázaro [149](#), [192](#)
Leão XIII [236](#), [244](#)
lei da bondade soberana [401](#)
lei da evolução dos Espíritos [420](#)
lei da expiação [74](#)

lei da gravitação universal [164](#)
lei da irresponsabilidade moral [111](#)
lei da justiça soberana [312](#)
lei da responsabilidade [131](#)
lei da responsabilidade moral [313](#)
lei da revelação [65](#)
lei da Roma católica [376](#)
lei das leis [144](#), [161](#), [165](#), [396](#)
lei das penas eternas [49](#)
lei das revelações [419](#)
lei da suprema justiça [13](#), [161](#)
lei de comunicação dos Espíritos [349](#)
lei de Deus [148](#), [277](#), [325](#), [341](#)
lei de Jesus [150](#), [152](#)
lei de Moisés [66](#), [192](#)
lei de regeneração e de salvação universal [392](#)
lei divina [157](#)
lei do Cristo [384](#)
lei do Evangelho [392](#)
lei do perdão [49](#)
lei do progresso [20](#), [27](#), [47](#), [52](#), [80](#), [97](#), [127](#), [133](#), [250](#), [266](#), [329](#), [450](#)
lei do Senhor [404](#)
lei do Sinai [438](#)
lei dos mundos [144](#)
lei evangélica [404](#)
lei fundamental da Revelação espírita [321](#)
leigos [279](#), [280](#)
lei moral [94](#), [116](#)
lei oculta [297](#)
leis da criação [37](#), [76](#), [153](#), [348](#), [427](#)
leis das reencarnações [349](#)
leis do mundo fluídico [347](#)
leis dos fluidos [347](#), [406](#)
leis especiais [19](#)
leis eternas e imutáveis [22](#), [115](#), [300](#), [304](#), [395](#), [396](#), [459](#)
leis humanas [19](#), [116](#)

leis morais [60](#), [68](#)
lei social [110](#)
lei universal [285](#), [424](#)
lembrança [16](#), [34](#), [184](#), [186](#), [244](#)
Lérida [251](#), [252](#), [253](#), [255](#), [351](#), [353](#)
lesão [296](#), [297](#)
lesão do cérebro [297](#)
letra [66](#), [104](#), [152](#), [165](#), [248](#), [289](#), [341](#), [354](#), [386](#), [400](#)
Levi [29](#), [34](#)
Lia [14](#), [162](#)
liberdade [19](#), [20](#), [23](#), [27](#), [42](#), [47](#), [48](#), [64](#), [69](#), [72](#), [73](#), [76](#), [87](#), [93](#), [106](#),
[109](#), [110](#), [115](#), [116](#), [132](#), [153](#), [158](#), [246](#), [252](#), [311](#), [312](#), [313](#), [321](#), [323](#),
[325](#), [332](#), [339](#), [340](#), [352](#), [373](#), [397](#), [408](#), [423](#)
Lincoln [85](#)
linguagem figurada [400](#)
livre-arbítrio [40](#), [48](#), [64](#), [92](#), [106](#), [221](#), [267](#), [312](#), [313](#), [323](#), [339](#), [340](#),
[341](#), [349](#), [408](#)
lógica [333](#), [392](#), [399](#), [430](#)
Lombroso [85](#), [98](#), [100](#), [129](#), [166](#), [185](#), [206](#), [207](#), [209](#), [210](#), [211](#), [258](#),
[260](#), [293](#), [358](#), [364](#), [365](#), [437](#)
Loreto [234](#), [242](#), [287](#), [288](#), [381](#), [402](#)
louco [31](#), [47](#), [111](#), [115](#), [123](#), [124](#), [177](#), [243](#), [258](#), [267](#), [296](#), [297](#), [450](#)
loucos [35](#), [110](#), [117](#), [189](#), [204](#), [259](#), [296](#), [329](#), [357](#), [372](#), [375](#), [376](#), [435](#)
loucura [47](#), [80](#), [81](#), [82](#), [171](#), [178](#), [189](#), [203](#), [204](#), [235](#), [243](#), [259](#), [262](#),
[267](#), [296](#), [297](#), [371](#), [430](#), [432](#), [460](#)
loucura com lesão cerebral [296](#)
loucura eclesiástica [243](#)
loucura sem a mínima lesão [296](#)
loucura social [430](#)
Lourdes [217](#), [266](#)
Lua [267](#)
Lucas [149](#), [192](#), [426](#)
Lucindo Filho [327](#), [329](#), [331](#)
Lucindo Pereira dos Passos [327](#)
Lucy [135](#)
Lutero [376](#), [440](#)
luxúria [407](#)

luxuriosos [357](#)

luz [273](#), [277](#), [288](#), [289](#), [291](#), [293](#), [295](#), [296](#), [297](#), [300](#), [305](#), [308](#), [309](#), [310](#), [313](#), [319](#), [321](#), [325](#), [335](#), [336](#), [338](#), [341](#), [342](#), [347](#), [348](#), [349](#), [351](#), [352](#), [353](#), [354](#), [357](#), [358](#), [363](#), [365](#), [366](#), [369](#), [377](#), [379](#), [385](#), [388](#), [399](#), [400](#), [401](#), [403](#), [410](#), [413](#), [415](#), [420](#), [424](#), [427](#), [429](#), [435](#), [438](#), [441](#), [443](#), [446](#), [447](#), [451](#), [458](#), [460](#), [462](#), [463](#)

luz divina [308](#), [309](#)

macho [396](#)

macho e fêmea [396](#)

maçom [323](#), [325](#)

maçons [325](#), [326](#)

mãe [103](#), [244](#)

mães [106](#)

Mafoma [440](#)

magnetismo [172](#), [263](#), [304](#)

Magnetismo [210](#), [239](#), [264](#)

Magnetismo Espiritual [275](#)

magnetizador [348](#)

magnetizadores [276](#), [348](#), [349](#)

Mal das Vinhas [379](#)

Malebranche [37](#), [61](#)

maná [42](#)

Mancinelli [148](#), [149](#), [150](#)

mandamento [289](#), [353](#)

mandamentos [72](#), [150](#), [229](#), [325](#), [339](#), [383](#), [386](#), [404](#), [441](#)

manifestações dos Espíritos [272](#), [277](#), [410](#), [411](#), [457](#)

manifestações espíritas [309](#), [310](#), [316](#), [410](#), [411](#), [453](#), [459](#)

Manoel Antônio de Mello [14](#), [191](#)

mansidão [353](#)

Manso Cordeiro [201](#), [324](#)

mansuetude [149](#), [324](#)

Maomé [108](#), [440](#)

máquina de estampar Espíritos [394](#), [395](#), [398](#), [400](#)

Maranhão [102](#), [103](#)

Maravalho [234](#), [242](#)

Maria [155](#), [223](#), [237](#), [243](#), [251](#), [315](#), [328](#), [359](#), [395](#), [414](#), [416](#), [417](#), [418](#), [420](#), [423](#), [425](#), [439](#), [440](#)

Maria Santo Cristo [237](#)

Masdeísmo [89](#), [382](#)

masdeístas [431](#)

matéria [15](#), [22](#), [23](#), [33](#), [38](#), [43](#), [52](#), [54](#), [65](#), [68](#), [71](#), [72](#), [77](#), [81](#), [84](#), [88](#), [89](#), [90](#), [101](#), [105](#), [108](#), [114](#), [115](#), [120](#), [122](#), [125](#), [126](#), [128](#), [135](#), [136](#), [137](#), [162](#), [211](#), [212](#), [243](#), [258](#), [259](#), [262](#), [291](#), [292](#), [293](#), [296](#), [302](#), [333](#), [336](#), [340](#), [364](#), [368](#), [377](#), [380](#), [395](#), [436](#), [443](#), [449](#), [450](#), [451](#)

matéria cósmica [22](#), [23](#)

matéria inerte e ininteligente [340](#)

matéria ininteligente [450](#), [451](#)

material [285](#), [288](#), [290](#), [291](#), [293](#), [300](#), [301](#), [302](#), [338](#), [345](#), [372](#), [400](#), [404](#), [407](#), [408](#), [415](#), [422](#), [423](#), [434](#), [458](#), [459](#)

materialismo [60](#), [63](#), [67](#), [68](#), [69](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [74](#), [77](#), [80](#), [87](#), [88](#), [89](#), [98](#), [105](#), [120](#), [130](#), [272](#), [273](#), [303](#), [320](#), [321](#), [323](#), [329](#), [332](#), [333](#), [340](#), [342](#), [356](#), [372](#), [373](#), [457](#)

materialismo científico [320](#)

materialista [60](#), [61](#), [68](#), [75](#), [76](#), [88](#), [89](#), [90](#), [98](#), [101](#), [111](#), [113](#), [122](#), [127](#), [129](#), [131](#), [132](#), [194](#), [208](#), [221](#), [260](#), [265](#), [355](#), [358](#), [395](#), [436](#), [456](#)

materialistas [26](#), [53](#), [60](#), [61](#), [68](#), [75](#), [89](#), [96](#), [100](#), [117](#), [120](#), [190](#), [212](#), [236](#), [260](#), [263](#), [265](#), [333](#), [338](#), [341](#), [356](#), [358](#), [365](#), [431](#), [457](#), [459](#)

materialização [102](#), [208](#), [219](#), [293](#)

materialização dos Espíritos [219](#)

matéria radiante [291](#)

matéria vitalizada [292](#)

Mateus [230](#)

mazelas [44](#), [45](#)

Medicina [275](#), [276](#), [327](#), [331](#), [356](#), [437](#)

Medicina mediúnica [216](#)

Medicina oficial [214](#), [275](#), [276](#)

médico [296](#), [327](#), [331](#), [343](#), [379](#), [437](#), [443](#), [457](#)

médico das almas [144](#)

médicos [296](#)

médium [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [120](#), [121](#), [130](#), [140](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#), [179](#), [180](#), [184](#), [186](#), [189](#), [193](#), [194](#), [207](#), [208](#), [215](#), [216](#), [218](#), [227](#), [236](#), [260](#), [264](#), [271](#), [273](#), [276](#), [278](#), [308](#), [332](#), [343](#), [344](#), [345](#), [365](#), [368](#), [412](#), [431](#), [432](#), [442](#), [443](#), [444](#), [449](#), [451](#), [457](#), [459](#)

médium de efeitos físicos [184](#), [189](#)

médium psicográfico [180](#)

médium receitista [193](#), [216](#), [442](#)
médium sonambúlica [276](#)
médium vidente [186](#), [332](#), [344](#), [444](#)
mediunidade [129](#), [141](#), [142](#), [207](#), [215](#), [217](#), [218](#), [236](#), [283](#), [344](#), [345](#),
[346](#), [348](#), [349](#), [368](#), [432](#), [444](#)
mediunidade curadora [217](#)
mediunidade de efeitos físicos [344](#)
mediunidade espírita [344](#)
mediunidade intuitiva [348](#)
mediunidade receitista [215](#), [218](#)
mediunidades [344](#), [345](#), [348](#)
mediunidade sonambúlica [348](#), [349](#)
mediunidade vidente [218](#), [444](#)
médiuns [129](#), [140](#), [141](#), [180](#), [217](#), [273](#), [276](#), [279](#), [281](#), [285](#), [302](#), [307](#),
[309](#), [344](#), [361](#), [367](#), [368](#), [369](#), [451](#)
médiuns de efeitos físicos [344](#)
médiuns escritores ou psicográficos [361](#)
médiuns receitistas [217](#)
médiuns sonambúlicos [273](#), [279](#)
médiuns videntes [302](#)
Mello [14](#), [15](#), [16](#), [191](#), [192](#), [193](#)
Mello Moraes [193](#)
memória [16](#), [34](#), [42](#), [120](#), [137](#), [149](#), [170](#), [174](#), [175](#), [178](#), [191](#), [299](#), [356](#),
[378](#), [402](#)
mercado [376](#)
mercado das sacristias [376](#)
merecimento [69](#), [74](#), [92](#), [135](#), [189](#)
merecimentos [78](#)
mérito [19](#), [20](#), [72](#), [73](#), [92](#), [205](#)
mesa [279](#), [308](#), [313](#), [359](#), [365](#), [406](#)
mesa do festim [313](#)
mesas [271](#), [279](#), [280](#), [281](#), [285](#), [359](#), [360](#), [361](#), [364](#)
mesas falantes [360](#), [364](#)
mesas giratórias e falantes [279](#), [281](#), [359](#)
mesinha [281](#)
Mesmer [210](#), [435](#)
Messiânica [274](#), [341](#), [386](#), [393](#), [401](#), [410](#), [424](#), [425](#), [427](#), [431](#), [438](#)

Messiânico [414](#)
Messias [97](#), [156](#)
Mestre [147](#), [151](#), [152](#), [153](#), [157](#), [220](#), [222](#), [242](#), [246](#), [317](#), [321](#), [429](#)
Mestre Divino [317](#), [429](#)
metafísica [17](#), [21](#)
metempsicose [19](#)
método experimental [77](#)
Meung [263](#)
milagre [412](#)
minerais [23](#)
mineral [19](#), [23](#)
ministros [159](#), [202](#), [270](#), [282](#), [375](#), [376](#), [392](#), [410](#)
Mirville [271](#), [276](#), [280](#), [413](#)
misericórdia [30](#), [47](#), [49](#), [74](#), [78](#), [93](#), [101](#), [149](#), [179](#), [189](#), [202](#), [231](#), [232](#),
[235](#), [243](#), [245](#), [247](#), [251](#), [255](#), [273](#), [398](#)
missa [325](#), [375](#)
missas [325](#)
missionário [411](#), [412](#), [413](#), [417](#), [421](#), [427](#)
missionários [427](#)
mistério [31](#), [118](#), [119](#), [120](#), [137](#)
Mistério [347](#)
mistérios [157](#), [303](#), [347](#)
misticismo [389](#), [450](#)
misticismo cego [450](#)
místico [450](#)
mistificador [451](#)
mitológico [242](#), [245](#)
moços [46](#), [105](#), [127](#), [129](#)
modelo [94](#), [143](#), [150](#), [222](#)
Modelo [144](#), [148](#)
modelo vivo [143](#)
Moisés [65](#), [66](#), [140](#), [141](#), [142](#), [192](#), [250](#), [284](#), [285](#), [286](#), [291](#), [293](#), [301](#),
[357](#), [392](#), [404](#), [411](#), [415](#)
moléstia [276](#), [328](#), [442](#)
monocotiledôneas [210](#)
monomania [47](#), [48](#), [49](#), [243](#), [270](#), [275](#)
monomaniaco [48](#)

monomania demoníaca [270](#), [275](#)

Monsenhor [243](#), [272](#), [276](#)

Monsenhor Affre [272](#)

monsieur Félix [243](#), [244](#)

Monsieur Sibour [276](#)

monstro moral [27](#)

monte Gerezin [307](#)

moral [18](#), [19](#), [20](#), [27](#), [31](#), [37](#), [38](#), [39](#), [41](#), [45](#), [56](#), [59](#), [60](#), [71](#), [76](#), [77](#), [83](#), [84](#), [88](#), [91](#), [94](#), [102](#), [107](#), [108](#), [110](#), [111](#), [112](#), [113](#), [114](#), [115](#), [116](#), [119](#), [131](#), [132](#), [133](#), [141](#), [152](#), [158](#), [163](#), [165](#), [166](#), [179](#), [191](#), [201](#), [204](#), [220](#), [221](#), [230](#), [239](#), [255](#), [256](#), [259](#), [262](#), [267](#)

moral de convenção [111](#), [112](#)

moral de Jesus Cristo [403](#)

moral espírita [384](#)

moralidade [27](#), [38](#), [55](#)

mortal [27](#), [37](#), [107](#), [147](#), [148](#), [151](#), [269](#), [287](#), [337](#), [395](#), [397](#)

morte [21](#), [25](#), [26](#), [27](#), [29](#), [32](#), [35](#), [42](#), [48](#), [61](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#), [88](#), [92](#), [108](#), [117](#), [118](#), [126](#), [130](#), [131](#), [132](#), [133](#), [137](#), [143](#), [144](#), [148](#), [155](#), [156](#), [157](#), [170](#), [173](#), [175](#), [191](#), [192](#), [205](#), [209](#), [211](#), [212](#), [213](#), [217](#), [219](#), [221](#), [231](#), [243](#), [258](#), [262](#), [265](#), [286](#), [301](#), [309](#), [310](#), [314](#), [317](#), [328](#), [329](#), [332](#), [333](#), [336](#), [355](#), [356](#), [408](#), [412](#), [442](#), [443](#), [453](#), [458](#)

mortos [27](#), [77](#), [139](#), [140](#), [141](#), [142](#), [168](#), [175](#), [219](#), [236](#), [252](#), [277](#), [283](#), [284](#), [285](#), [310](#), [316](#), [317](#), [318](#), [329](#), [333](#), [336](#), [349](#), [381](#), [411](#), [412](#), [416](#), [423](#), [435](#), [452](#), [454](#), [455](#)

Mosaica [341](#), [399](#), [401](#)

Mosaico [414](#)

Moura Brasil [104](#)

muçulmanos [153](#), [431](#)

mudo [44](#), [69](#)

mula de Balaão [403](#)

mundanidades [325](#), [410](#), [415](#)

mundo de expiação [45](#), [462](#)

mundo de regeneração [462](#), [463](#)

mundo espiritual [90](#), [102](#), [113](#), [122](#), [125](#), [129](#), [156](#), [221](#), [288](#), [338](#), [404](#), [422](#), [423](#), [458](#)

mundo físico [57](#), [107](#), [119](#), [165](#)

mundo fluidico [108](#)

mundo imaterial [57](#)

mundo invisível [277](#), [432](#), [437](#)
mundo material [39](#), [57](#), [113](#)
mundo moral [71](#), [107](#), [165](#)
mundos [18](#), [22](#), [27](#), [76](#), [108](#), [144](#), [222](#)
mundos materiais [108](#)
mundos superiores [18](#)
mundo superior [175](#)
mundo visível [277](#), [303](#)
Mysonius [412](#), [413](#)

N

Nabucodonosor [245](#)
nação [360](#)
nações [361](#), [447](#), [461](#)
nada [19](#), [26](#), [30](#), [42](#), [43](#), [54](#), [71](#), [72](#), [75](#), [76](#), [77](#), [81](#), [84](#), [88](#), [89](#), [103](#),
[108](#), [110](#), [114](#), [115](#), [117](#), [127](#), [129](#), [130](#), [131](#), [132](#), [137](#), [147](#), [152](#), [156](#),
[164](#), [165](#), [169](#), [179](#), [181](#), [182](#), [189](#), [191](#), [217](#), [221](#), [224](#), [233](#), [239](#), [246](#),
[248](#), [258](#), [262](#), [272](#), [273](#), [297](#), [300](#), [309](#), [336](#), [345](#), [348](#), [355](#), [358](#), [360](#),
[365](#), [369](#), [387](#), [396](#), [397](#), [400](#), [406](#), [409](#), [413](#), [423](#), [430](#), [443](#), [458](#), [461](#)
Nápoles [185](#), [227](#)
Nascimento [216](#), [217](#), [218](#), [337](#)
Natércia [181](#)
naturais [300](#), [304](#), [349](#)
natural [292](#), [300](#), [301](#), [304](#), [336](#), [339](#), [340](#), [341](#), [349](#), [382](#), [387](#), [396](#),
[430](#), [432](#), [438](#)
natureza humana [27](#), [41](#), [61](#), [76](#), [84](#), [96](#), [107](#), [222](#)
Nazareno [202](#), [229](#)
nevróticos [35](#)
Niceia [412](#), [413](#)
Nicodemos [321](#)
nihilismo [96](#)
Nini [170](#)
Nirvana [19](#), [131](#)
nobreza [431](#)
Nosso Senhor Jesus Cristo [42](#), [46](#), [149](#), [189](#), [202](#), [223](#), [241](#)
nova lei [301](#), [317](#), [342](#), [417](#)

nova ordem [212](#)

Nova Revelação [30](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [163](#), [247](#), [252](#), [260](#), [288](#),
[400](#), [402](#), [403](#), [404](#), [418](#), [449](#)

Novo Testamento [49](#)

O

obcecados [98](#), [171](#), [277](#)

obra [14](#), [15](#), [25](#), [35](#), [37](#), [47](#), [49](#), [64](#), [66](#), [69](#), [70](#), [72](#), [82](#), [89](#), [90](#), [91](#), [97](#),
[98](#), [101](#), [114](#), [115](#), [116](#), [120](#), [140](#), [141](#), [143](#), [146](#), [148](#), [150](#), [153](#), [158](#),
[162](#), [165](#), [169](#), [171](#), [175](#), [186](#), [204](#), [205](#), [207](#), [218](#), [220](#), [221](#), [227](#), [230](#),
[231](#), [233](#), [234](#), [235](#), [236](#), [241](#), [242](#), [246](#), [249](#), [250](#), [251](#), [252](#), [253](#), [254](#),
[255](#), [256](#), [258](#), [259](#), [268](#), [269](#)

obras [20](#), [27](#), [31](#), [34](#), [37](#), [42](#), [70](#), [72](#), [73](#), [74](#), [75](#), [77](#), [81](#), [85](#), [92](#), [93](#), [94](#),
[109](#), [110](#), [113](#), [115](#), [182](#), [188](#), [189](#), [203](#), [206](#), [228](#), [235](#), [242](#), [256](#)

obscurantismo [326](#), [387](#), [388](#), [391](#), [411](#), [435](#)

obscurantismo romano [387](#), [411](#)

obsecação [319](#)

obsedada [80](#)

obsedado [264](#)

obsedados [35](#), [162](#), [262](#)

obsediada [298](#)

observação [292](#), [304](#), [329](#), [344](#), [345](#), [358](#), [360](#), [362](#), [401](#), [437](#), [444](#), [449](#)

obsessão [35](#), [80](#), [178](#), [179](#), [264](#), [349](#), [444](#)

obsessão intervivos [264](#)

obsessões [280](#), [421](#)

obsessões diabólicas [280](#)

obsessor [298](#), [341](#)

obsessores [47](#)

Ocultismo [52](#)

ódio [35](#), [159](#), [201](#), [242](#), [252](#), [255](#), [407](#)

ódios [35](#), [252](#), [268](#)

Olimpo [245](#), [265](#)

Oliveira [179](#), [223](#)

Onipotência [76](#), [144](#)

onipotente [22](#), [69](#), [312](#), [422](#)

Onipotente [230](#), [312](#), [408](#), [418](#), [419](#), [422](#), [447](#)

Onisciência [76](#)
onisciente [312](#), [419](#), [439](#)
Onisciente [312](#), [418](#), [419](#), [439](#)
oração [159](#)
oração dominical [325](#)
ordem cronológica [399](#)
Ordem e Progresso [112](#), [445](#)
ordem moral [293](#)
ordem universal [45](#), [461](#)
organismo [25](#), [193](#), [292](#), [343](#), [344](#), [348](#)
organismo vitalizado [292](#)
órgão [287](#), [296](#), [320](#), [371](#), [375](#), [380](#), [381](#)
orgulho [53](#), [74](#), [106](#), [107](#), [132](#), [150](#), [153](#), [170](#), [182](#), [239](#), [252](#), [272](#), [273](#),
[300](#), [347](#), [352](#), [357](#), [358](#), [360](#), [376](#), [407](#), [435](#)
orgulhoso [74](#), [180](#), [181](#)
Oriente [369](#), [379](#), [440](#)
origem [21](#), [22](#), [38](#), [128](#), [140](#), [158](#), [163](#), [164](#), [165](#), [226](#), [251](#), [256](#), [258](#)
origem das coisas [347](#)
origem divina [396](#)
Orígenes [280](#)
ortodoxia [280](#)
ortodoxismo [66](#), [72](#)
Ortodoxismo [67](#)
ortodoxismo romano [329](#)
ouro [111](#), [153](#), [238](#), [245](#), [284](#), [286](#), [340](#), [376](#), [383](#), [384](#), [428](#), [435](#), [445](#)
Ouro Preto [167](#)
ovelha [144](#), [147](#), [148](#), [151](#)
ovelhas [143](#), [144](#), [145](#), [148](#), [151](#), [153](#), [273](#), [324](#), [371](#), [373](#)
óvulo [136](#)

P

paciente [264](#)
padre [37](#), [55](#), [180](#), [202](#), [225](#), [235](#), [242](#), [244](#), [270](#), [271](#), [279](#), [281](#), [287](#),
[308](#), [309](#), [318](#), [322](#), [323](#), [375](#), [381](#), [402](#), [412](#), [414](#), [418](#), [420](#), [423](#), [438](#),
[439](#), [455](#)
padre Loreto [287](#), [402](#)

padres [192](#), [204](#), [234](#), [236](#), [241](#), [242](#), [243](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [251](#), [252](#), [255](#), [270](#), [275](#), [278](#), [282](#), [285](#), [333](#), [367](#), [376](#), [381](#), [392](#), [427](#), [439](#)

Padres [201](#), [244](#)

pagão [280](#)

pagãos [280](#)

pai [44](#), [73](#), [88](#), [94](#), [95](#), [103](#), [170](#), [206](#), [239](#), [244](#)

Pai [14](#), [35](#), [38](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [64](#), [66](#), [70](#), [72](#), [73](#), [74](#), [78](#), [80](#), [92](#), [93](#), [94](#), [143](#), [144](#), [145](#), [154](#), [155](#), [156](#), [158](#), [162](#), [183](#), [191](#), [250](#), [252](#), [256](#), [288](#), [316](#), [321](#), [324](#), [326](#), [352](#), [388](#), [395](#), [398](#), [424](#)

pai carnal [395](#)

Pai celestial [326](#)

Pai Espiritual [395](#)

pais carnis [398](#)

pais terrenos [398](#)

paixão [407](#)

paixões [373](#), [391](#), [407](#), [423](#), [439](#)

palavras cabalísticas [297](#)

Paleontologia [300](#)

palpável [80](#), [151](#)

Papa [223](#), [235](#), [257](#), [270](#), [272](#), [276](#), [277](#), [296](#), [316](#), [324](#), [383](#), [384](#), [398](#), [416](#)

papado [309](#)

papas [204](#), [454](#), [455](#)

parábola [144](#), [202](#)

Parábola [436](#)

Parábola do Bom Semeador [247](#)

Parábola do Filho Pródigo [145](#), [149](#)

Parábola do homem rico e do pobre Lázaro [192](#)

Parábola do Semeador [163](#)

Parábola do Viandante [201](#)

parábolas [157](#), [308](#), [324](#)

Paraná [170](#), [171](#), [172](#), [207](#), [275](#), [336](#), [337](#), [368](#)

Paris [49](#), [218](#), [226](#), [227](#), [236](#), [263](#)

partidos [461](#)

passado [25](#), [29](#), [33](#), [34](#), [35](#), [38](#), [51](#), [52](#), [53](#), [55](#), [59](#), [63](#), [64](#), [67](#), [69](#), [71](#), [73](#), [84](#), [97](#), [100](#), [111](#), [114](#), [125](#), [137](#), [139](#), [156](#), [158](#), [166](#), [209](#), [233](#), [287](#), [299](#), [303](#), [328](#), [330](#), [341](#), [343](#), [347](#), [360](#), [394](#), [414](#), [451](#), [457](#)

Patmos [283](#)

pátria [368](#)

pátria amada [174](#), [175](#)

patriarcas [284](#)

Paulo [11](#), [98](#), [103](#), [106](#), [212](#), [272](#), [290](#), [291](#), [293](#), [301](#), [328](#), [336](#), [365](#), [367](#), [414](#), [437](#), [440](#), [455](#)

Pavia [170](#)

paz [326](#), [337](#), [355](#), [383](#)

pé [380](#), [381](#), [383](#), [404](#), [416](#)

pecado [44](#), [73](#), [147](#), [148](#), [151](#), [230](#), [321](#), [352](#)

pecado mortal [147](#), [148](#), [151](#)

pecado original [44](#), [73](#)

pecador [254](#), [288](#), [313](#)

pecados [145](#)

pecados mortais [316](#)

pecaminoso [312](#), [313](#), [314](#)

pedra angular [143](#), [226](#), [235](#)

pedra fundamental [221](#), [362](#)

Pedro [150](#), [243](#), [244](#), [321](#), [327](#), [384](#), [403](#), [416](#)

Pedro de Lacerda [243](#), [244](#)

pena [11](#), [30](#), [35](#), [51](#), [78](#), [81](#), [91](#), [132](#), [148](#), [152](#), [154](#), [162](#), [220](#), [221](#), [225](#), [233](#), [234](#), [249](#)

penas [48](#), [49](#), [50](#), [75](#), [77](#), [78](#), [117](#), [125](#), [146](#), [148](#), [151](#), [152](#), [153](#), [191](#), [205](#), [255](#)

Penas [311](#)

penas eternas [48](#), [49](#), [50](#), [75](#), [77](#), [78](#), [125](#), [146](#), [148](#), [151](#), [152](#), [205](#), [255](#), [301](#), [316](#), [354](#), [419](#)

penitência [239](#)

pensamentos [11](#), [19](#), [22](#), [92](#), [93](#), [161](#), [174](#), [175](#), [311](#), [326](#), [344](#), [357](#), [402](#), [451](#)

percepção [56](#), [57](#), [118](#), [119](#), [166](#)

perdão [49](#), [109](#), [144](#), [145](#), [146](#), [150](#), [183](#), [189](#), [221](#), [222](#), [231](#), [243](#), [247](#), [255](#), [256](#), [411](#), [459](#)

perdição [148](#)

perfectibilidade [23](#), [37](#), [73](#), [75](#), [77](#), [91](#), [107](#), [124](#), [145](#), [152](#), [153](#), [165](#), [166](#)

perfectibilidade humana [444](#)

perfectíveis [459](#)

perfectível [20](#), [23](#), [24](#), [37](#), [91](#), [96](#), [97](#), [98](#), [132](#)
perfeição [24](#), [37](#), [38](#), [39](#), [63](#), [73](#), [76](#), [78](#), [91](#), [145](#), [155](#), [222](#), [289](#), [313](#),
[387](#), [399](#), [408](#), [412](#), [420](#), [422](#), [427](#), [434](#)
perfeição angélica [420](#)
perfeição indefinida [408](#)
Perfeição Infinita [419](#)
Perfeito Absoluto [419](#)
perfeitos [418](#), [419](#), [422](#), [423](#), [453](#), [459](#)
perispírito [136](#), [137](#), [290](#), [291](#), [292](#), [293](#), [301](#), [302](#)
perispiritual [137](#), [263](#)
perseguição [35](#), [159](#), [178](#), [179](#), [243](#), [351](#)
perseguidor [140](#), [141](#), [178](#), [179](#), [297](#)
personalismo [305](#)
perturbação [29](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [171](#)
perturbação depois da morte [458](#)
perturbação mental [431](#)
pés [353](#), [383](#), [416](#), [434](#), [449](#)
P. Francisco [378](#), [379](#), [380](#), [381](#)
Pharamond [56](#)
Pio IX [223](#), [236](#), [244](#), [276](#)
Pita Berê [17](#), [21](#), [25](#), [28](#)
planeta [18](#), [44](#), [91](#), [108](#), [191](#), [301](#), [460](#), [462](#), [463](#)
planetas [156](#)
planta [24](#), [76](#), [106](#), [107](#), [119](#)
Platão [259](#)
pluralidade de existência da alma [294](#)
pluralidade de existências [80](#), [226](#), [301](#), [319](#)
pneumatologia [280](#)
pobres de espírito [338](#), [351](#), [386](#), [388](#)
poder temporal [149](#), [252](#)
polícia [83](#), [187](#), [203](#), [205](#), [207](#), [209](#), [211](#), [215](#), [217](#), [218](#), [219](#), [224](#), [225](#),
[226](#), [295](#)
policial [206](#), [208](#), [209](#)
portas do Inferno [372](#), [439](#)
Pórtico [127](#), [128](#)
Portugal [335](#)
Positivismo [31](#), [79](#), [80](#), [130](#)

positivista [30](#), [88](#), [127](#), [355](#), [445](#), [446](#), [447](#)
positivistas [96](#), [101](#), [120](#), [260](#), [358](#), [431](#), [445](#), [446](#)
posseio [149](#), [230](#), [250](#), [307](#), [384](#), [385](#)
posseio do diabo [384](#)
possessos [149](#)
possessos do diabo [384](#)
potência geradora [395](#)
povo [286](#), [376](#), [411](#), [424](#), [431](#), [446](#)
prece [279](#), [280](#), [315](#), [325](#)
preceitos [323](#), [357](#), [415](#), [416](#)
preceitos divinos [415](#), [416](#)
preces [288](#), [315](#), [316](#), [318](#)
preconceito [129](#)
preconceitos [27](#), [68](#), [77](#), [89](#), [129](#), [174](#), [210](#), [212](#), [292](#), [329](#), [341](#), [347](#),
[366](#), [417](#), [430](#), [444](#), [450](#)
predestinação [69](#)
predestinado [70](#)
predestinados [69](#)
preexistência [74](#), [319](#)
preferência [379](#)
preferências [313](#), [318](#)
preferências e exclusões [69](#), [70](#), [73](#), [78](#)
prêmio [27](#), [34](#), [35](#), [76](#), [78](#), [132](#), [153](#), [191](#), [221](#)
presente [35](#), [46](#), [53](#), [125](#), [153](#), [156](#), [163](#), [175](#), [184](#), [413](#), [444](#), [451](#)
prestidigitador [267](#)
presunção [304](#)
primeiros cristãos [149](#), [321](#)
príncipe do mundo [308](#), [384](#)
princípio [17](#), [18](#), [22](#), [23](#), [24](#), [26](#), [38](#), [48](#), [49](#), [50](#), [84](#), [88](#), [89](#), [90](#), [108](#),
[117](#), [119](#), [120](#), [163](#), [170](#), [193](#), [218](#), [220](#), [222](#), [235](#), [258](#), [267](#)
princípio anímico [120](#)
princípio causal [90](#), [119](#), [170](#)
princípio imortal [23](#), [26](#)
princípio novo [304](#)
princípios divinos [289](#)
princípios espíritas [297](#), [319](#)
princípios fundamentais [382](#), [427](#)

princípio vital [90](#)
 princípio vitalizante [18](#)
 princípio vivificador [17](#)
 princípio vivificante [18](#)
 prisão [42](#), [108](#), [191](#), [231](#)
 privilégio [348](#), [362](#), [395](#)
 profano [277](#), [296](#)
 profecias [97](#), [250](#), [460](#)
 profeta [143](#), [146](#), [411](#), [412](#)
 profetas [289](#), [321](#), [375](#), [383](#), [441](#), [462](#)
 Profetas [192](#), [230](#)
 prognóstico [215](#)
 progressividade [47](#), [64](#)
 progressividade da revelação [47](#)
 progresso [18](#), [19](#), [20](#), [22](#), [23](#), [26](#), [27](#), [31](#), [33](#), [34](#), [39](#), [42](#), [44](#), [47](#), [48](#), [52](#),
[55](#), [62](#), [64](#), [65](#), [66](#), [73](#), [76](#), [78](#), [80](#), [84](#), [89](#), [97](#), [108](#), [110](#), [124](#), [127](#), [133](#),
[135](#), [136](#), [152](#), [153](#), [157](#), [159](#), [163](#), [165](#), [166](#), [175](#), [179](#), [191](#), [250](#), [256](#),
[259](#), [266](#), [267](#), [293](#), [295](#), [300](#), [324](#), [329](#), [341](#), [354](#), [356](#), [357](#), [361](#), [386](#),
[387](#), [388](#), [389](#), [390](#), [391](#), [392](#), [393](#), [396](#), [399](#), [400](#), [401](#), [403](#), [407](#), [408](#),
[415](#), [418](#), [419](#), [428](#), [434](#), [443](#), [445](#), [446](#), [447](#), [450](#), [451](#), [452](#), [461](#)
 progresso espiritual [388](#), [401](#)
 progresso inconsciente [23](#)
 progresso intelectual e moral [293](#)
 progresso moral [31](#), [152](#)
 progresso universal [19](#), [22](#), [23](#), [27](#), [266](#)
 propriedade [119](#), [169](#), [264](#)
 Protestantismo [321](#)
 prova [14](#), [17](#), [29](#), [49](#), [52](#), [57](#), [72](#), [74](#), [76](#), [77](#), [80](#), [84](#), [90](#), [93](#), [98](#), [100](#),
[102](#), [104](#), [117](#), [120](#), [126](#), [130](#), [133](#), [137](#), [162](#), [172](#), [175](#), [176](#), [182](#), [192](#),
[219](#), [220](#), [234](#), [243](#), [244](#), [246](#), [247](#), [256](#), [259](#), [260](#), [267](#), [268](#)
 prova experimental [52](#), [77](#), [84](#), [120](#), [130](#), [244](#), [330](#), [366](#), [431](#)
 prova provada [77](#), [120](#)
 provas [20](#), [27](#), [35](#), [47](#), [72](#), [73](#), [74](#), [92](#), [98](#), [109](#), [112](#), [128](#), [137](#), [141](#), [185](#),
[206](#), [212](#), [235](#), [238](#), [260](#)
 provas experimentais [330](#), [350](#)
 provas materiais [47](#)
 provas testemunhais e circunstanciais [329](#)
 próximo [289](#), [295](#), [325](#), [328](#), [372](#), [383](#), [391](#), [400](#), [407](#), [416](#), [441](#)

pseudo-espiritismo [407](#), [432](#)
psicografia espírita [344](#)
pureza [19](#), [38](#), [64](#), [76](#), [153](#), [174](#)
pureza angélica [153](#)
pureza de sentimentos [38](#)
pureza dos sentimentos [353](#)
purgatório [44](#), [45](#), [46](#)
Purgatório [44](#), [70](#), [315](#), [316](#), [318](#), [333](#), [409](#), [453](#)
purificação [301](#), [313](#), [423](#), [462](#)
puros Espíritos [35](#)

Q

quarto estado da matéria [291](#), [364](#)
queda [317](#), [336](#), [359](#), [419](#), [420](#)
queda dos anjos [420](#)
Quimbongo [239](#)
Química [364](#), [365](#)

R

racionalismo [89](#), [341](#)
Raio X [433](#)
Raquel [13](#), [14](#), [162](#)
razão [18](#), [19](#), [20](#), [23](#), [27](#), [31](#), [40](#), [41](#), [42](#), [43](#), [45](#), [47](#), [48](#), [49](#), [51](#), [55](#), [56](#),
[57](#), [59](#), [60](#), [63](#), [65](#), [67](#), [68](#), [70](#), [72](#), [77](#), [81](#), [82](#), [83](#), [89](#), [92](#), [96](#), [98](#), [100](#),
[107](#), [112](#), [113](#), [115](#), [116](#), [117](#), [118](#), [119](#), [120](#), [124](#), [125](#), [128](#), [131](#), [132](#),
[133](#), [140](#), [141](#), [142](#), [148](#), [152](#), [153](#), [156](#), [159](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [170](#),
[171](#), [175](#), [180](#), [192](#), [202](#), [203](#), [212](#), [218](#), [220](#), [222](#), [223](#), [225](#), [230](#), [233](#),
[234](#), [235](#), [236](#), [237](#), [238](#), [245](#), [246](#), [249](#), [250](#), [263](#), [264](#), [267](#), [278](#), [285](#),
[288](#), [291](#), [293](#), [296](#), [297](#), [305](#), [309](#), [310](#), [315](#), [318](#), [320](#), [321](#), [322](#), [323](#),
[325](#), [333](#), [339](#), [341](#), [342](#), [347](#), [348](#), [349](#), [350](#), [355](#), [360](#), [373](#), [377](#), [379](#),
[386](#), [388](#), [391](#), [392](#), [393](#), [399](#), [401](#), [403](#), [406](#), [415](#), [417](#), [419](#), [420](#), [427](#),
[428](#), [431](#), [432](#), [438](#), [439](#), [444](#), [445](#), [451](#), [454](#), [459](#), [461](#)
receita [371](#)
receitistas [276](#)
recompensa [72](#), [311](#), [325](#)
recompensas [117](#), [311](#), [408](#)

recordação [308](#), [327](#)
 redenção [273](#), [417](#)
 Redentor [153](#), [246](#), [250](#), [307](#), [403](#), [415](#), [438](#)
 reencarnação [259](#), [294](#), [354](#)
 reencarnações [19](#)
 Reforma [376](#)
 Reformador [379](#), [381](#)
 regeneração [155](#), [202](#), [252](#)
 rei [21](#), [56](#), [92](#), [117](#), [170](#), [228](#), [229](#), [309](#), [324](#), [335](#), [383](#), [412](#), [416](#)
 Rei [21](#), [38](#), [170](#)
 rei da criação [92](#), [117](#)
 rei do mundo [383](#), [416](#)
 Rei dos reis [38](#)
 reino [309](#), [317](#), [318](#), [324](#), [339](#), [352](#), [383](#), [384](#), [386](#), [415](#), [416](#), [435](#), [440](#)
 Reino de Deus [149](#), [150](#), [155](#), [157](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#)
 Reino do Céu [69](#), [386](#)
 reino do mundo [149](#), [150](#), [161](#), [203](#), [228](#), [318](#), [324](#), [416](#)
 reino hominal [23](#), [24](#)
 reino mineral [19](#)
 reinos da natureza [22](#), [23](#)
 reino vegetal [19](#), [23](#), [119](#)
 reis [309](#), [324](#), [383](#), [416](#), [447](#)
 Reis [414](#)
 religião [31](#), [47](#), [59](#), [66](#), [83](#), [89](#), [91](#), [94](#), [111](#), [157](#), [158](#), [163](#), [201](#), [203](#),
[204](#), [225](#), [226](#), [234](#), [238](#), [250](#), [253](#), [258](#), [275](#), [276](#), [278](#), [279](#), [285](#), [289](#),
[323](#), [325](#), [342](#), [348](#), [349](#), [365](#), [366](#), [375](#), [376](#), [377](#), [386](#), [387](#), [388](#), [389](#),
[391](#), [392](#), [393](#), [404](#), [405](#), [414](#), [431](#), [432](#), [434](#), [439](#), [440](#), [441](#)
 religião científica [66](#), [91](#), [163](#), [226](#), [342](#), [349](#), [386](#)
 religião divina [440](#)
 religiões [382](#), [383](#), [441](#)
 relógio [335](#), [337](#)
 remédios [270](#), [276](#)
 remissão dos pecados [145](#)
 resignação [45](#), [70](#), [74](#), [225](#)
 respeito [271](#), [276](#), [288](#), [299](#), [308](#), [321](#), [325](#), [329](#), [335](#), [336](#), [348](#), [360](#),
[361](#), [365](#), [368](#), [391](#), [399](#), [404](#), [407](#), [411](#), [412](#), [426](#), [436](#), [438](#), [450](#)

responsabilidade [13](#), [19](#), [23](#), [27](#), [38](#), [110](#), [111](#), [113](#), [114](#), [115](#), [116](#), [117](#), [131](#), [132](#), [133](#), [161](#), [189](#), [221](#), [229](#), [244](#), [261](#), [262](#), [267](#), [311](#), [312](#), [313](#), [323](#), [325](#), [339](#), [340](#), [341](#), [355](#), [356](#), [373](#), [375](#), [388](#), [407](#), [408](#), [439](#)

responsabilidade moral [27](#), [110](#), [113](#), [114](#), [115](#), [132](#), [133](#)

responsabilidades [313](#), [321](#)

responsável [311](#), [339](#), [340](#), [405](#)

retratos dos Espíritos [295](#)

retrogradar [19](#), [25](#)

Revelação [274](#), [285](#), [288](#), [289](#), [313](#), [317](#), [319](#), [321](#), [341](#), [342](#), [357](#), [386](#), [393](#), [394](#), [400](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [407](#), [410](#), [415](#), [417](#), [418](#), [420](#), [424](#), [425](#), [427](#), [431](#), [438](#), [439](#), [449](#)

Revelação celeste [401](#)

revelação científica [166](#)

Revelação complementar [274](#)

Revelação Cristã [157](#), [410](#)

Revelação da Revelação [64](#), [152](#), [342](#)

Revelação Divina [289](#)

Revelação dos Espíritos [394](#)

Revelação do Sinai [415](#)

Revelação Espírita [61](#), [64](#), [289](#), [313](#), [317](#), [321](#), [342](#), [393](#), [404](#), [417](#), [438](#)

Revelação Messiânica [152](#), [203](#), [341](#), [386](#), [393](#), [424](#), [425](#), [427](#), [438](#)

Revelação Mosaica [341](#)

Revelações [341](#)

revelador [415](#), [420](#)

Richet [211](#), [437](#)

ridículo [309](#), [360](#), [364](#)

Rio de Janeiro [295](#), [296](#), [323](#), [331](#), [337](#), [376](#), [378](#), [414](#), [426](#)

riso [111](#), [113](#), [144](#)

Robespierre [112](#)

rocha [23](#), [107](#), [162](#), [163](#), [188](#)

Rodrigo de Oliveira [179](#)

Roma [69](#), [81](#), [150](#), [182](#), [206](#), [228](#), [229](#), [230](#), [232](#), [245](#), [250](#), [252](#), [254](#), [273](#), [274](#), [277](#), [286](#), [288](#), [289](#), [308](#), [317](#), [323](#), [324](#), [351](#), [354](#), [373](#), [376](#), [377](#), [380](#), [395](#), [396](#), [397](#), [400](#), [415](#), [416](#), [417](#), [425](#), [438](#), [439](#), [440](#), [441](#), [453](#), [454](#)

Roma e o Evangelho [351](#), [377](#), [439](#), [440](#), [441](#)

romanismo [69](#), [70](#), [77](#), [375](#), [381](#)

romanista [76](#)

romanistas [410](#), [412](#), [455](#), [459](#)
 Röntgen [259](#), [266](#), [267](#), [268](#), [269](#)
 rosário [279](#)
 Rossi [335](#), [336](#), [337](#)
 Roustaing [308](#), [339](#), [427](#), [428](#)
 rua da Lampadosa [173](#)
 rua do Alcântara [189](#)

S

sábado [353](#)
 sabedoria [27](#), [38](#), [88](#), [92](#), [93](#), [124](#), [158](#), [221](#)
 sábio [13](#), [14](#), [38](#), [39](#), [55](#), [56](#), [84](#), [85](#), [98](#), [101](#), [121](#), [129](#), [132](#), [161](#), [166](#),
[185](#), [207](#), [208](#), [242](#), [245](#), [259](#), [266](#), [267](#), [268](#), [269](#), [279](#), [285](#), [292](#), [296](#),
[299](#), [348](#), [360](#), [363](#), [364](#), [366](#), [367](#), [437](#), [443](#), [450](#), [458](#), [459](#)
 sábios [31](#), [53](#), [79](#), [83](#), [84](#), [85](#), [88](#), [89](#), [98](#), [99](#), [100](#), [102](#), [111](#), [112](#), [114](#),
[116](#), [120](#), [166](#), [170](#), [171](#), [184](#), [185](#), [192](#), [193](#), [203](#), [206](#), [207](#), [211](#), [226](#),
[227](#), [236](#), [237](#), [241](#), [266](#), [267](#), [268](#), [277](#), [293](#), [299](#), [300](#), [303](#), [306](#), [338](#),
[358](#), [360](#), [362](#), [365](#), [366](#), [367](#), [368](#), [369](#), [431](#), [432](#), [436](#), [437](#), [450](#), [451](#),
[460](#)
 Sábio Sacratíssimo [325](#)
 sábios d'água doce [185](#)
 sábios de carregaço [437](#)
 sábios de meia tigela [432](#)
 sábios materialistas [338](#), [365](#)
 sacerdócio [66](#), [97](#), [150](#), [229](#), [230](#), [235](#), [242](#), [243](#), [250](#), [254](#), [286](#), [297](#),
[310](#), [317](#), [321](#), [324](#), [334](#), [373](#), [404](#), [405](#), [411](#), [414](#), [417](#), [420](#), [424](#), [425](#),
[438](#)
 sacerdócio hebreu [66](#), [150](#), [229](#), [230](#), [235](#), [242](#), [250](#), [310](#), [321](#), [334](#),
[404](#), [411](#), [417](#), [420](#), [424](#), [438](#)
 sacerdócio romano [317](#)
 sacerdote [202](#), [203](#), [225](#), [236](#), [243](#), [270](#), [272](#), [273](#), [277](#), [309](#), [315](#), [375](#),
[411](#), [423](#)
 sacerdotismo [233](#)
 sacramentos [280](#)
 sacristia [375](#), [381](#)
 Sadi Carnot [126](#)
 S. Agostinho [245](#)

sagradas letras [277](#), [293](#), [413](#), [459](#)
salário [192](#)
Salomão [412](#)
Salpetriere [126](#)
salvação [46](#), [48](#), [49](#), [95](#), [100](#), [143](#), [145](#), [151](#), [152](#), [153](#), [183](#), [202](#), [246](#),
[254](#), [255](#), [256](#), [286](#), [325](#), [383](#), [392](#), [416](#), [422](#), [424](#), [429](#), [434](#)
salvação universal [48](#), [49](#), [152](#), [254](#), [392](#)
samaritana [307](#)
samaritano [202](#)
samoiedo [56](#)
Samuel [229](#), [284](#), [411](#)
sanção [76](#), [111](#), [117](#), [131](#), [132](#), [133](#), [221](#), [229](#), [311](#), [312](#), [313](#), [339](#), [340](#),
[341](#)
sanção moral [311](#), [312](#), [339](#), [341](#)
sangue [383](#), [384](#), [416](#)
Santa Catarina [315](#), [316](#), [317](#), [318](#)
Santa Inquisição [384](#)
Santa Virgem [284](#)
santidade [38](#), [252](#)
santo [38](#), [39](#), [152](#), [159](#), [201](#)
Santo [86](#), [148](#), [150](#), [157](#), [203](#), [231](#), [237](#)
Santo Agostinho [148](#), [320](#)
Santo Ofício [231](#), [277](#), [323](#)
santos [35](#), [38](#), [106](#)
Santos [213](#)
Santo Sepulcro [384](#)
São Jerônimo [143](#)
sãos [143](#), [144](#), [147](#)
Sardou [85](#)
Satã [373](#)
Satanás [146](#), [202](#), [204](#), [229](#), [230](#), [231](#), [234](#), [242](#), [251](#), [255](#), [270](#), [273](#),
[281](#), [333](#), [334](#), [353](#), [372](#), [373](#), [389](#), [403](#), [407](#), [410](#), [411](#), [412](#), [413](#), [450](#),
[451](#)
Saul [229](#), [284](#), [411](#)
Saulo [98](#), [128](#), [365](#)
Sayão [9](#), [80](#), [120](#), [121](#), [173](#), [179](#), [426](#), [427](#), [428](#)
Scaligero [287](#), [289](#), [380](#), [381](#)

Sebastier [343](#)
sectário [252](#)
século [299](#), [316](#), [325](#), [344](#), [364](#), [378](#), [388](#), [412](#), [420](#), [436](#), [457](#), [461](#)
séculos [285](#), [316](#), [388](#), [395](#), [396](#), [397](#), [400](#), [418](#), [447](#), [461](#)
seita [224](#), [251](#), [262](#)
seita espiritística [392](#)
seita romana [321](#)
seitas [89](#), [224](#)
seitas espiritistas [392](#)
selvagem [117](#)
semiespiritual [291](#)
semiloucura [171](#)
semimaterial [291](#), [301](#)
Senhor [42](#), [44](#), [46](#), [64](#), [72](#), [78](#), [94](#), [95](#), [139](#), [140](#), [141](#), [146](#), [149](#), [152](#),
[174](#), [189](#), [191](#), [202](#), [223](#), [229](#), [230](#), [235](#), [241](#), [243](#), [254](#), [255](#), [256](#), [273](#),
[277](#), [281](#), [284](#), [286](#), [317](#), [319](#), [322](#), [353](#), [389](#), [394](#), [395](#), [396](#), [400](#), [401](#),
[403](#), [404](#), [412](#), [414](#), [416](#), [417](#), [418](#), [419](#), [420](#), [421](#), [423](#), [424](#), [438](#), [441](#),
[447](#), [459](#), [461](#)
sensação [137](#), [169](#), [170](#)
senso comum [68](#), [115](#), [116](#), [122](#)
senso moral [38](#), [375](#), [376](#), [430](#)
senso universal [228](#), [229](#)
sentimento [43](#), [59](#), [60](#), [65](#), [76](#), [92](#), [93](#), [106](#), [107](#), [117](#), [137](#), [221](#), [243](#),
[256](#), [290](#), [382](#), [386](#), [387](#), [388](#), [396](#)
sentimentos [35](#), [36](#), [38](#), [60](#), [80](#), [88](#), [92](#), [93](#), [95](#), [105](#), [108](#), [110](#), [168](#), [170](#),
[175](#), [224](#), [252](#), [262](#), [311](#), [353](#), [357](#), [387](#), [423](#), [445](#)
Ser dos seres [108](#)
seres minerais [23](#)
seres supraterrrestres [305](#)
ser hominal [136](#)
ser humano [18](#), [25](#), [26](#), [27](#), [37](#), [45](#), [57](#), [71](#), [72](#), [76](#), [77](#), [108](#), [117](#), [119](#),
[120](#), [136](#), [137](#), [175](#), [182](#), [219](#), [221](#), [259](#), [303](#), [312](#), [339](#), [340](#), [348](#), [356](#),
[358](#), [396](#), [408](#), [423](#), [435](#), [443](#), [447](#)
ser moral [19](#), [20](#), [56](#), [76](#), [115](#), [116](#), [131](#), [132](#), [133](#)
ser perfectível [20](#), [23](#), [24](#), [91](#), [98](#)
sessão espírita [184](#), [205](#), [209](#), [211](#), [266](#), [369](#), [431](#)
sessões espíritas [129](#), [213](#), [215](#), [224](#), [406](#)
Sibilas [432](#)

simonia [225](#), [367](#)
Sinai [65](#)
sinal da cruz [279](#), [280](#)
síntese [139](#), [255](#), [383](#)
sistemático [47](#), [48](#)
S. João [281](#), [283](#), [284](#), [285](#), [290](#), [315](#), [351](#), [454](#), [455](#)
S. João Evangelista [285](#), [351](#)
Slade [120](#), [121](#), [207](#), [368](#)
soberbos [357](#)
sobrenaturais [300](#), [304](#), [360](#)
sobrenatural [211](#), [213](#), [300](#), [304](#), [333](#)
sobrevivência [355](#)
sociedade [295](#), [372](#), [375](#), [390](#), [414](#), [439](#), [443](#), [445](#), [446](#), [447](#), [460](#)
Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade [220](#)
Sócrates [259](#), [358](#)
Sofia [331](#), [332](#)
sofismas [68](#)
sofrimento [42](#), [45](#), [60](#), [69](#), [70](#), [74](#), [109](#), [179](#), [216](#), [312](#), [313](#), [355](#), [358](#),
[389](#)
sofrimentos [287](#), [311](#), [312](#), [313](#), [355](#), [373](#), [440](#), [442](#), [443](#)
sóis [39](#)
Sol [39](#), [49](#), [114](#), [121](#), [123](#), [124](#), [125](#), [144](#), [222](#), [250](#), [308](#), [338](#), [352](#), [356](#),
[369](#)
som [293](#)
sonâmbula [180](#), [271](#), [276](#)
sonambulismo [125](#), [236](#), [263](#), [271](#), [272](#), [273](#), [275](#), [276](#), [292](#), [347](#), [348](#)
Sonambulismo [210](#), [264](#)
sonambulização [349](#)
sonambulizado [207](#), [260](#)
sonâmbulo [216](#)
sonâmbulos [276](#), [280](#)
sonho [29](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [137](#), [213](#), [260](#), [329](#)
sonhos [137](#), [138](#), [139](#)
sonhos proféticos [138](#)
sono [19](#), [29](#), [31](#), [34](#), [102](#), [137](#), [138](#), [210](#), [263](#), [264](#), [273](#), [292](#), [331](#), [332](#),
[348](#), [359](#), [360](#)
sonos [275](#)

sonos magnéticos [275](#)
sopro vital [22](#)
sorte [15](#), [30](#), [72](#), [130](#), [177](#), [201](#), [217](#), [231](#)
S. Paulo [272](#), [290](#), [291](#), [293](#), [301](#), [328](#), [367](#), [455](#)
S. Pedro [150](#)
Stanley [412](#)
S. Tomé [366](#)
subdiáconos [232](#), [233](#), [245](#)
subjugação [349](#)
subjugação da vontade [264](#)
sublime síntese [383](#)
substância [291](#), [293](#)
substância espiritual [291](#)
substância imaterial [293](#)
substância material [291](#)
substância perispiritual [291](#)
suetismo [96](#)
sufrágios [323](#)
sugestão [141](#), [206](#), [207](#), [208](#), [210](#), [211](#), [212](#), [213](#), [215](#), [217](#), [218](#), [348](#),
[349](#)
sugestionador [206](#), [207](#), [218](#)
suicida [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [355](#), [358](#)
suicidas [147](#), [358](#)
suicídio [148](#), [152](#), [178](#), [355](#), [356](#), [460](#)
suicídios [356](#), [430](#), [460](#)
surdo [44](#), [69](#)
Swift [203](#)

T

tangível [120](#)

Templo [226](#), [277](#), [308](#), [410](#), [412](#)

tempo [14](#), [15](#), [20](#), [27](#), [33](#), [34](#), [35](#), [38](#), [40](#), [44](#), [46](#), [48](#), [49](#), [51](#), [56](#), [61](#), [65](#),
[69](#), [84](#), [89](#), [96](#), [97](#), [104](#), [107](#), [110](#), [117](#), [121](#), [124](#), [125](#), [126](#), [136](#), [140](#),
[141](#), [142](#), [145](#), [153](#), [154](#), [155](#), [157](#), [158](#), [162](#), [171](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#),
[184](#), [187](#), [191](#), [211](#), [216](#), [217](#), [219](#), [220](#), [225](#), [230](#), [235](#), [237](#), [239](#), [242](#),
[243](#), [245](#), [247](#), [250](#), [255](#), [263](#), [265](#)

Tengayer [210](#)

teodiceia [183](#)

teogonia [266](#)

Teologia [276](#)

teólogos [275](#)

Terra [14](#), [15](#), [17](#), [18](#), [22](#), [26](#), [27](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [36](#), [38](#), [44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [49](#), [51](#), [65](#), [75](#), [95](#), [100](#), [106](#), [107](#), [108](#), [112](#), [117](#), [123](#), [124](#), [125](#), [127](#), [133](#), [141](#), [144](#), [148](#), [149](#), [155](#), [158](#), [174](#), [175](#), [180](#), [181](#), [182](#), [186](#), [192](#), [212](#), [213](#), [242](#), [243](#), [250](#), [256](#), [258](#), [260](#), [266](#), [277](#), [285](#), [288](#), [289](#), [304](#), [308](#), [309](#), [313](#), [317](#), [318](#), [324](#), [358](#), [370](#), [373](#), [383](#), [391](#), [398](#), [399](#), [410](#), [415](#), [416](#), [427](#), [436](#), [443](#), [446](#), [447](#), [458](#), [460](#), [461](#), [462](#), [463](#)

Terra de Santa Cruz [112](#)

tese [379](#)

Tito Bezê [17](#)

tolerância [149](#)

Tomé [366](#)

Torre de Babel [447](#)

torturas [308](#), [312](#), [323](#), [384](#)

trabalho [270](#), [296](#), [297](#), [299](#), [316](#), [366](#), [369](#), [379](#), [394](#), [402](#), [407](#), [428](#), [432](#), [437](#)

Transmissão de pensamento [172](#), [442](#)

transmissão do pensamento [103](#), [104](#), [171](#), [172](#), [175](#), [176](#), [260](#)

transporte [184](#), [185](#), [186](#), [187](#), [192](#)

trigo [353](#)

truques [367](#), [368](#), [369](#)

túmulo [34](#), [35](#), [41](#), [145](#), [182](#)

Tytaro Pita Berê [17](#), [25](#), [28](#)

U

Ulisses [380](#)

unidade [22](#), [210](#), [213](#)

unidade original [22](#)

unidade terminal [22](#)

universal [285](#), [300](#), [301](#), [320](#), [392](#), [417](#), [422](#), [424](#), [432](#), [440](#), [441](#), [461](#)

Universo [17](#), [22](#), [68](#), [88](#), [89](#), [90](#), [91](#), [107](#), [108](#), [114](#), [115](#), [133](#), [135](#), [164](#), [212](#), [221](#), [230](#), [250](#), [301](#), [304](#), [352](#), [388](#), [397](#), [420](#), [423](#), [447](#), [450](#), [458](#)

VVagt [88](#)vapor [304](#)variedade [22](#), [45](#), [46](#), [71](#), [90](#), [153](#), [154](#)variedade infinita [22](#)Vassouras [327](#), [328](#)Vaticano [376](#)vegetais [26](#), [210](#)vegetal [19](#), [23](#), [119](#)velocino [435](#)Vendilhão do templo [375](#)vendilhões [375](#), [376](#), [384](#)vendilhões do templo [376](#), [384](#)vento [305](#), [309](#), [460](#)

verdade [27](#), [31](#), [32](#), [35](#), [36](#), [39](#), [41](#), [43](#), [47](#), [48](#), [49](#), [52](#), [53](#), [55](#), [56](#), [57](#),
[58](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [66](#), [67](#), [69](#), [77](#), [79](#), [80](#), [84](#), [87](#), [94](#), [95](#), [98](#),
[100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [104](#), [106](#), [113](#), [114](#), [117](#), [118](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#),
[126](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [135](#), [137](#), [139](#), [141](#), [143](#), [145](#), [148](#), [151](#), [152](#),
[153](#), [156](#), [157](#), [158](#), [159](#), [163](#), [166](#), [170](#), [177](#), [184](#), [185](#), [203](#), [205](#), [206](#),
[209](#), [210](#), [212](#), [213](#), [216](#), [220](#), [222](#), [223](#), [226](#), [227](#), [235](#), [239](#), [241](#), [242](#),
[243](#), [246](#), [247](#), [248](#), [249](#), [250](#), [252](#), [254](#), [258](#), [259](#), [260](#), [264](#), [265](#), [272](#),
[277](#), [280](#), [281](#), [283](#), [288](#), [289](#), [295](#), [307](#), [308](#), [311](#), [316](#), [317](#), [319](#), [320](#),
[321](#), [322](#), [329](#), [330](#), [332](#), [336](#), [338](#), [340](#), [341](#), [342](#), [352](#), [354](#), [355](#), [356](#),
[357](#), [358](#), [362](#), [364](#), [365](#), [366](#), [369](#), [371](#), [372](#), [373](#), [374](#), [376](#), [377](#), [382](#),
[383](#), [384](#), [386](#), [387](#), [389](#), [390](#), [391](#), [392](#), [394](#), [395](#), [398](#), [400](#), [401](#), [403](#),
[405](#), [406](#), [407](#), [413](#), [422](#), [427](#), [429](#), [431](#), [437](#), [440](#), [441](#), [444](#), [445](#), [446](#),
[452](#), [453](#), [454](#), [459](#), [463](#)

verdade absoluta [56](#), [62](#), [249](#), [281](#), [329](#), [440](#), [445](#)verdade efêmera [446](#)verdade inestinguível [446](#)verdades absolutas [259](#)véu da letra [341](#), [400](#)vício [76](#)Victor Hugo [85](#), [126](#), [437](#)

[vida](#) [14](#), [15](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#), [25](#), [26](#), [27](#), [29](#), [30](#), [31](#), [34](#), [35](#), [36](#), [39](#), [42](#), [44](#), [45](#), [46](#), [48](#), [51](#), [61](#), [67](#), [69](#), [70](#), [71](#), [72](#), [73](#), [74](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#), [80](#), [91](#), [92](#), [94](#), [104](#), [106](#), [107](#), [108](#), [109](#), [116](#), [120](#), [126](#), [127](#), [130](#), [132](#), [133](#), [135](#), [136](#), [137](#), [143](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [151](#), [152](#), [154](#), [155](#), [156](#), [158](#), [162](#), [167](#), [168](#), [171](#), [173](#), [174](#), [175](#), [178](#), [179](#), [180](#), [181](#), [189](#), [191](#), [192](#), [202](#), [228](#), [242](#), [247](#), [249](#), [252](#), [256](#), [260](#), [262](#)

[vida carnal](#) [291](#), [409](#)

[vida corpórea](#) [20](#), [26](#), [30](#), [34](#), [61](#), [72](#), [80](#), [109](#), [145](#), [151](#), [175](#), [191](#), [293](#), [301](#), [302](#), [312](#), [458](#)

[vida de além-túmulo](#) [35](#), [357](#), [458](#)

[vida de expiação](#) [44](#), [45](#), [70](#)

[vida de relação](#) [39](#), [46](#), [48](#)

[vida espiritual](#) [34](#), [136](#), [137](#), [291](#), [293](#)

[vida eterna](#) [27](#), [69](#), [94](#)

[vida futura](#) [48](#), [77](#), [262](#)

[vida humana](#) [336](#), [355](#)

[vida material](#) [288](#), [293](#), [434](#)

[vida presente](#) [46](#)

[vidas corpóreas](#) [26](#), [74](#), [78](#), [133](#), [153](#), [267](#)

[vidas múltiplas](#) [50](#), [254](#)

[vidas passadas](#) [42](#)

[vidas sucessivas e solidárias](#) [319](#)

[vida temporal](#) [75](#)

[vida terrena](#) [25](#), [44](#), [74](#), [75](#), [181](#), [325](#), [388](#)

[vida terrestre](#) [71](#), [72](#)

[vida única](#) [73](#), [146](#), [152](#)

[vida vegetativa](#) [292](#)

[vidente](#) [332](#), [344](#), [345](#), [444](#), [449](#)

[videntes](#) [291](#), [302](#), [344](#)

[vigário](#) [324](#), [383](#), [384](#), [415](#), [416](#)

[vigário de Cristo](#) [324](#)

[vigília](#) [292](#)

[vingança](#) [35](#), [189](#), [226](#), [297](#), [407](#)

[vinganças](#) [35](#)

[Virgem Maria](#) [395](#), [416](#)

[virgens loucas](#) [461](#)

[virtude](#) [22](#), [23](#), [24](#), [33](#), [38](#), [39](#), [56](#), [76](#), [77](#), [91](#), [142](#), [153](#), [252](#)

virtuoso [272](#), [275](#), [277](#), [279](#), [287](#), [309](#), [312](#), [313](#), [314](#)

visão espírita [344](#)

visível [93](#), [120](#), [141](#), [175](#), [277](#), [301](#), [303](#), [345](#), [348](#), [356](#), [453](#), [458](#)

vitalidade [158](#)

vítima [297](#), [377](#), [449](#)

vivos [27](#), [30](#), [42](#), [92](#), [102](#), [132](#), [141](#), [168](#), [175](#), [219](#), [251](#), [259](#), [277](#), [283](#), [285](#), [289](#), [290](#), [310](#), [316](#), [317](#), [329](#), [333](#), [336](#), [349](#), [408](#), [423](#), [431](#), [452](#), [454](#), [455](#)

Voltaire [112](#)

vontade [27](#), [39](#), [40](#), [47](#), [52](#), [53](#), [65](#), [69](#), [73](#), [86](#), [112](#), [113](#), [115](#), [131](#), [135](#), [178](#), [181](#), [206](#), [226](#), [229](#), [230](#), [233](#), [260](#), [264](#), [297](#), [298](#), [312](#), [324](#), [349](#), [357](#), [392](#), [396](#), [418](#), [419](#), [440](#), [446](#)

Vulpian [208](#)

W

Wallace [85](#), [120](#), [210](#), [211](#), [226](#), [299](#), [300](#), [358](#), [436](#)

William Crookes [84](#), [85](#), [291](#), [363](#)

X

Xavier de Brito [87](#)

Xavier de Carvalho [295](#), [303](#), [304](#)

Z

Zacarias [284](#), [337](#)

Zebedeu [206](#)

Zöllner [120](#), [166](#), [207](#), [210](#), [226](#), [437](#)

Zoroastro [89](#)

Conheça também as demais publicações de nossa Casa:

1. COMECE DO COMEÇO, de Azamor Serrão Filho;
2. HISTÓRIA DE ROUSTAING, de Jorge Damas Martins;
3. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);
4. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE Espiritismo”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
5. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
6. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
7. “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Kardec, com “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

8. "EXAMINAI TUDO"- ESTUDO COMPARADO DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", de Kardec, COM "OS QUATRO EVANGELHOS", de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

9. "O DOM DE DEUS" - ESTUDO COMPARADO DE "O LIVRO DOS MÉDIUNS", de Kardec, COM "OS QUATRO EVANGELHOS", de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

10. "AS VIRTUDES DO CÉU", organização de Marco Aurélio Assis;

11. "PÃO VIVO" - ESTUDO SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL E O CORPO FLUÍDICO DE JESUS. Coleção de artigos de Gilberto-Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Julio Damasceno, Maurício Neiva Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen.

12. "JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME"- VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING;organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

13. DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins;

14. A QUEDA ESPIRITUAL SEGUNDO O ESPIRITISMO, de J.E. GUILLET, Coordenação editorial de Jorge Damas Martins;

15. SEARA MEDIÚNICA, de Almir Gomes de Souza (médiuim), pelos Espíritos da Falange Franciscana;

16. ANTENA CELESTE, de Bezerra de Menezes (Espírito), psicografia de Azamôr Serrão;

17. PONTE EVANGÉLICA, DE BORDEAUX A PEDRO LEOPOLDO, de Jorge Damas Martins;

18. OUVISTES O QUE FOI DITO?, organização de Júlio Damasceno;

19. O SOL DE CADA DIA. de Azamôr Serrão e Azamôr Serrão Filho;

20. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume I;

21. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume II;

22. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume III.

23. INÁCIO BITTENCOURT, APÓSTOLO DA CARIDADE, de João Marcos Weguelin.

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE
www.crbbm.org
PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO
E-MAIL: crbbm50@gmail.com
(Envio realizado conforme a disponibilidade
dos volumes em estoque)

